Revista de Infantería

Vol. 3

1900

REVISTA DE INFANTERIA

9500

9500

FUNDADA

POR

Alexandre José Sarsfield
Major de Infanteria

David Augusto Rodrigues
Alferes de Infanteria

Alfredo de Leão Pimentel
Alferes de Infanteria

3.º VOLUME

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA COOPERATIVA MILITAR
—
1900

L'infanterie est l'arme dont l'action tactique est la plus étendue.

Von Miller.

L'infanterie est la base des armées modernes, comme elle l'a été chez les Grecs et les Romains.

Giustiniani.

On ne peut imaginer une victoire quelconque sans la coopération d'une infanterie instruite, solide, vallereuse et habile.

Von Schlichting.

COLLABORADORES INSCRIPTOS

*Ex.*mos *Srs.*

General Wenceslau José de Sousa Telles.
Conselheiro J. E. de Moraes Sarmento, *coronel de infanteria.*
Joaquim José da Silva Monteiro, *coronel de infanteria.*
José Nicolau Raposo Botelho, *coronel de infanteria.*
José Victorino de Sande Lemos, *coronel de infanteria.*
Antonio Marinho de Sousa Barros, *coronel de infanteria.*
Antonio Julio de Sousa Machado, *coronel de infanteria.*
Francisco Rodrigues da Silva, *coronel de infanteria.*
Antonio João de Faria Pereira, *tenente-coronel de infanteria.*
Antonio da Silva Dias, *tenente-coronel de infanteria.*
Sezinando Ribeiro Arthur, *tenente coronel de infanteria.*
Cazimiro Augusto Vanez Dantas, *tenente-coronel de infanteria.*
João Xavier de Athayde e Oliveira, *major de infanteria.*
Arthur Chanto Narchial de Carvalho, *major de infanteria.*
Antonio Vaz Correia de Seabra Lacerda, *major de infanteria.*
Rodolpho Augusto de Passos e Sousa, *major de infanteria.*
Feliciano da Fonseca Castro e Solla, *major de infanteria.*
Constantino da Fontoura Madureira Guedes, *capitão de infanteria.*
José Cesar Ferreira Gil, *capitão de infanteria.*
Julio Angelo Borges Cabral, *capitão de infanteria.*
Bernardino Rodrigues Pereira, *capitão de infanteria.*
Adriano Accacio de Madureira Beça, *capitão de infanteria.*
Alberto José Vergueiro, *capitão de infanteria.*
José Augusto Simas Machado, *capitão de infanteria.*
Antonio dos Santos Fonseca, *capitão de infanteria.*
Henrique Baptista da Silva, *capitão de infanteria.*
Augusto Cesar Ribeiro de Carvalho, *capitão de infanteria.*
José do Nascimento Pinheiro, *capitão de infanteria.*
Albino dos Santos Pereira Lopo, *capitão de infanteria.*
Luiz Henrique Pacheco Simões, *capitão de infanteria.*
Amaro Dias da Silva Junior, *capitão de infanteria.*
Francisco de Paula da Silva Villar, *tenente de infanteria.*
Julio Lopes d'Oliveira, *tenente de infanteria.*
Antonio Barbosa Junior, *tenente de infanteria.*
Antonio Joaquim Santa Clara Junior, *tenente de infanteria.*
Miguel Baptista da Silva Cruz, *tenente de infanteria.*
Luiz Corrêa de Sousa, *tenente de infanteria.*
Candido Gomes, *tenente de infanteria.*
Antonio Leopoldo de Sampaio, *tenente de infanteria*
Adriano Strecht de Vasconcellos, *tenente de infanteria.*
Alexandre José Malheiro, *tenente de infanteria.*
Antonio Gomes de Sousa Junior, *tenente de infanteria.*
Antonio Augusto Infante Fernandes, *tenente de infanteria.*
Alberto Salgado, *tenente de infanteria.*
Antonio Alvares Guedes Vaz, *tenente de infanteria.*
Luiz de Mello e Athayde, *tenente de infanteria.*
José Bernardo Ferreira, *tenente de infanteria.*
Eduardo Pimenta, *tenente-medico.*
João de Almeida, *alferes de infanteria.*
João Antonio Correia dos Santos, *alferes de infanteria.*
Joaquim Caetano Gomes da Silva, *alferes de infanteria.*
Gaspar do Conto Ribeiro Villas, *alferes de infanteria.*

3.º Anno Janeiro—1900 N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

A campanha contra o MATACA

Esta gloriosa campanha, que é um dos feitos mais valorosos e esforçados do nosso exercito, em terras de Africa, e que nos enche de verdadeiro jubilo e nobre orgulho por pertencermos a um paiz onde a alma do soldado vibra quente e palpitante nos estos sublimes do mais sublime amor da patria; esta campanha gloriosissima, que vem pôr em evidencia, hoje como sempre, que para o soldado portuguez não ha difficuldades que não vença quando a honra d'este paiz exige o seu esforço, a sua dedicação, o seu heroismo; esta campanha se enche de gloria todos os officiaes e soldados que nella tomaram parte, espalha tambem sobre todo o exercito, sobre esta nossa bandeira azul e branca, tão querida como o que ella symbolisa e significa, um prestigio immenso.

Honra a esses valentes que, sob o commando do bravo major Manuel de Sousa Machado, triumpharam gloriosamente dessa difficil, espinhosa e arriscada empresa.

As febres, as fadigas, as marchas, a fome, a sêde, a guerra, tudo isso que representa uma serie de sacrificios tão penosos e tão esmagadores, em que mal pode pensar quem nunca os experimentou, foi victoriosamente vencido por esse punhado, por esse pequenissimo punhado de soldados portuguezes.

Esta campanha pode dividir-se em duas partes: a guerra contra o Kuamba e a guerra contra o Mataca.

Na occasião em que vai apparecer este n.º da nossa «Revista» nós só podemos tratar, e ainda assim muito superficialmente, da primeira parte da campanha.

O mappa que apresentamos traça o itinerario da columna desde Chilomo até Napulu, depois do combate contra o Kuamba.

Essa marcha fadigosa de mais de 550 kilometros, feita nas condições mais difficeis e ao mesmo tempo mais penosas que se possa imaginar, é já em si mesma um feito glorioso.

No dia 19 de setembro já não havia na columna ha muito tempo assucar e sal.

As provisões estavam reduzidas a algum arroz, carne e uns restos de bacalhau.

Calcule-se o que é marchar sob um sol desapiedado do equador, combatendo contra as embuscadas e ciladas dos pretos hostis, atravessando terrenos pantanosos, onde paira a morte, bebendo a agua de charcos immundos, e ainda assim para a encontrar carecer a columna de fazer marchas de 35 kilometros numa etape, sem uma alimentação reparadora, faltando-lhe o sal, o vinho, o assucar, faltando-lhe tudo emfim, e veja-se que admiração, que bençãos não merecem esses valentes, que não esmoreceram, e seguiram sempre ávante, sem quererem saber do numero e apenas contando com a energia da sua alma, com o ideal do seu coração.

Bello!

E ainda mais.

As tropas inglezas que estavam aquarteladas no forte de Johnston, no terreno fronteiriço das nossas terras, quizeram galhardamente cooperar com a nossa columna, combaterem a nosso lado, porque grande beneficio resulta para a Bristish Central Africa da pacificação completa da região onde o Mataca era potentado.

Tal cooperação foi delicadamente recusada pelo commandante da columna, que cheio do mais vivo reconhecimento pela amabilidade e gentileza das tropas in-

Esboço do terreno percorrido pela columna do commando do Major M. de Souza Machado desde o Chilomo até Napulii

Escala 1/1000000

NYASSA
Africa
Central
Brislish
Africa
Lago Chirua
Lago Chiuta
Lago Chilwa
Lago
Chirua
R. Chire
R. Lugenda
R. Amaramba
R. Licungala
R. Tonduè
R. Liazi
R. Lizio
R. Ulia
F. Johnston
F. Maujoche
F. Napulii
F. Liwonde
F. Sharpe
F. Lister
F. Anderson
M.te Zomba
M.tes Milangi
M.tes Mlanje
M.tes Machangire
M.te Camon
M.tes Lasseato
Pico Tocú
Montes Morungue
Inhagombe
Namarruma
Inhanazi
Morenga
Inhapenha
Chindiar Marondè
Maconde
Zoa
Chiléta
Chilomo
Chirango
Blantire
Matope
Zomba
Catunga
M'Canhela
M'Sambizi
Muazi
Metanculo
Mangula
Kuamba
Tombué
Parone
Port. Heneral
Revista d'Infanteria
Itinerario da columna
" do comboio geral de M'Canhela a Napulu
Sanzaro construido pela columna
Fronteira
Limite que os inglezes querem

glezas, comtudo desejou affirmar que o soldado portuguez pode, desajudado, ainda mesmo no meio do sertão bravio, sustentar o prestigio da nossa bandeira, e manter o direito de soberania nas nossas colonias. (1)

A columna combateu no dia 22 de agosto. Foi uma acção importante. Os pretos do Kuamba em numero elevadissimo, mas que se não pode bem precisar qual elle fosse, e seguindo a tactica, usada por todos os pretos, dos movimentos envolventes, atacaram pela frente e pelo flanco esquerdo a columna. Foram completamente repellidos com baixas importantes.

Mais uma vez mostrou o nosso soldado as suas raras qualidades para o combate, expressas na maior serenidade e sangue frio com que encara a morte.

A columna estacionou durante a noite do dia 22 sempre vigiada pelas forças inimigas.

A figura n.º 1 representa a planta do *sanzoro* desse estacionamento, o que com poucas variantes foi adoptado em todos os estacionamentos logo que entrou a columna em paiz inimigo.

Essa ligeira e imperfeita fortificação tinha por fim dar um maior descanço ás tropas. De noite ficava em armas um quarto da força de cada face, e em cada bocca de fogo uma praça.

---

(1) Já depois de escripto este artigo chegou-nos a noticia de ter a *British Central Africa Gazette* affirmado que uma columna de tropas inglezas, sob o commando do capitão Pearce, entrava no dia 27 no curral do regulo Kuamba, tendo tido um combate no dia 25.

Esta informação póde ser que seja verdadeira, podendo nós comtudo affirmar que não houve combinação alguma entre a columna portugueza e a ingleza; portanto não houve cooperação consciente, nem tão pouco se encontraram as referidas columnas em combate.

A unica combinação havida com as tropas inglezas, visto a sua delicada e amavel insistencia em desejarem cooperar comnosco nesta campanha, foi a de vigiarem ellas o comboio de viveres que marchou isolado de M'Canhela para Napulu.

O pequeno parapeito feito com paus cortados das arvores, com que se cercava o *sanzoro*, era construido pelos pretos nossos auxiliares em 3 horas pouco mais ou menos.

No dia 23 houve o combate de *Metanculo*, tendo a nossa columna sustentado fogo mais de hora e meia e derrotado completamente o inimigo, que fugiu, levando os seus mortos e feridos. Apenas deixaram no campo, por não terem podido levar, cerca de 20 mortos.

Os grandes rastos de sangue que se viram na direcção da fuga indicavam evidentemente a importancia do desastre que soffreram os pretos.

A 24 voltaram de novo a atacar a nossa gente. Foi o ultimo arranco. Batidos novamente, não mais appareceu um só preto, o que espantou a columna, porque todos esperavam ser recebidos a fogo na povoação do regulo Kuamba.

O terreno desde M'Canhela ao Kuamba é muito montanhoso e portanto difficilimo para a artilheria. O gado sendo mau e não podendo carregar a dorso as boccas de fogo, lá foram ellas sendo arrastadas a varaes como foi possivel.

Os montes propriamente do Kuamba são inexpugnaveis, e se os pretos os soubessem defender, maiores difficuldades, teriam creado a esses bravos soldados da columna do major Machado.

Em regra o primor da tactica dos pretos consiste nas embuscadas, e os pretos do Kuamba eram notaveis nesse genero de combate, aproveitando com rara habilidade as condições favoraveis do terreno e desenvolvendo uma audacia que espantava a toda a gente.

Procuravam fazer fogo tão á queima roupa que uma vez até chegaram a chamuscar uma bandeira dos irregulares da columna. Estas embuscadas dos pretos do Kuamba eram feitas com muita gente.

A parte mais penosa e difficil desta marcha foi des-

O pequeno parapeito feito com paus cortados das arvores, com que se cercava o *sanzoro*, era construido pelos pretos nossos auxiliares em 3 horas pouco mais ou menos.

No dia 23 houve o combate de *Metanculo*, tendo a nossa columna sustentado fogo mais de hora e meia e derrotado completamente o inimigo, que fugiu, levando os seus mortos e feridos. Apenas deixaram no campo, por não terem podido levar, cerca de 20 mortos.

Os grandes rastos de sangue que se viram na direcção da fuga indicavam evidentemente a importancia do desastre que soffreram os pretos.

A 24 voltaram de novo a atacar a nossa gente. Foi o ultimo arranco. Batidos novamente, não mais appareceu um só preto, o que espantou a columna, porque todos esperavam ser recebidos a fogo na povoação do regulo Kuamba.

O terreno desde M'Canhela ao Kuamba é muito montanhoso e portanto difficilimo para a artilheria. O gado sendo mau e não podendo carregar a dorso as boccas de fogo, lá foram ellas sendo arrastadas a varaes como foi possivel.

Os montes propriamente do Kuamba são inexpugnaveis, e se os pretos os soubessem defender, maiores difficuldades, teriam creado a esses bravos soldados da columna do major Machado.

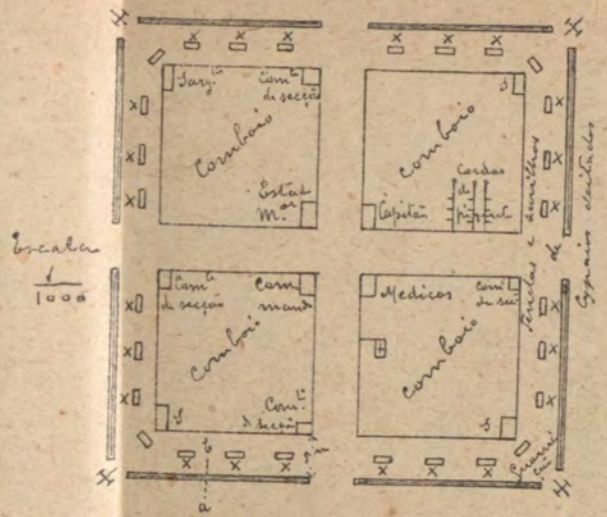
Em regra o primor da tactica dos pretos consiste nas embuscadas, e os pretos do Kuamba eram notaveis nesse genero de combate, aproveitando com rara habilidade as condições favoraveis do terreno e desenvolvendo uma audacia que espantava a toda a gente.

Procuravam fazer fogo tão á queima roupa que uma vez até chegaram a chamuscar uma bandeira dos irregulares da columna. Estas embuscadas dos pretos do Kuamba eram feitas com muita gente.

A parte mais penosa e difficil desta marcha foi des-

Fig. 1.

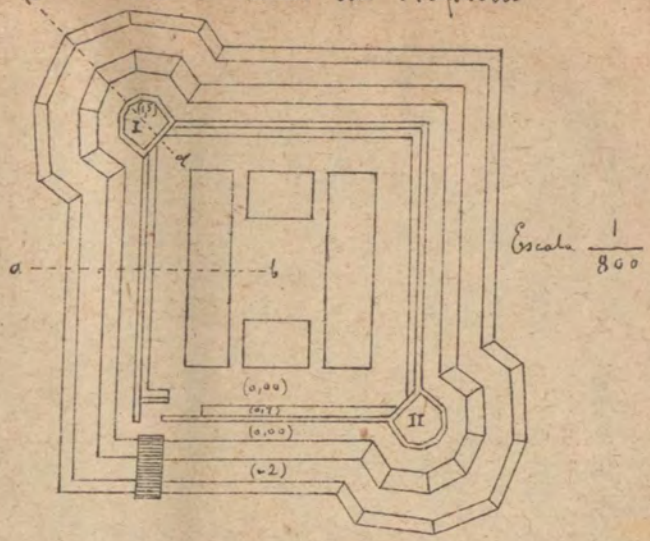
Sanzaro

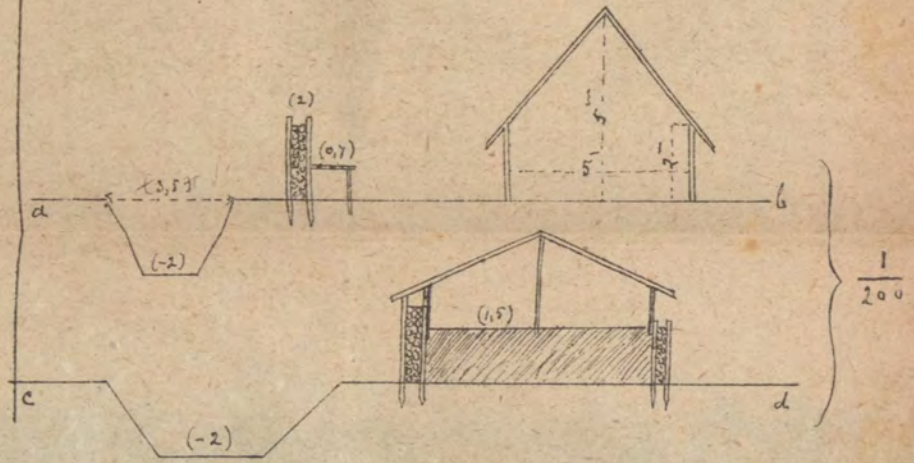


Rev.a d'Inf.a

Fig. 2

Forte D. Carlos em Napoles





de as montanhas do Kuamba até Napulu, pela falta quasi absoluta de agua.

A sêde, santo Deus, é o mais cruciante soffrimento nessas marchas dos paizes quentes, em que a abundancia de copioso suor rouba-nos ao organismo o liquido de que carecemos para se poder viver. A sêde é ahi mil vezes peior do que a fome.

Na ambulancia já não havia machilas para poder transportar os extenuados, e os pobres soldados vencidos pela sêde devoradora deixavam-se ficar estendidos no chão, preferindo morrer alli a continuar aquelle soffrimento horrivel.

Foi então que o tenente medico, novo ainda, mas muito distincto homem de sciencia e cheio de um valor e coragem a toda a prova, o Dr. Alvaro Martins, auxiliado por todos os officiaes da columna, desenvolveu toda a energia e carinhosa dedicação para salvar aquella gente.

Improvisaram-se transportes de toda a especie, e os dignos e heroicos officiaes, soffrendo a mesma sêde que os soldados, cederam as suas montadas para transporte dos extenuados.

Que bello exemplo de dedicação e valor.

Quando ha um corpo de officiaes assim o triumpho e a victoria estão sempre seguros.

Emfim, lá chegou a columna a Napulu, onde construiu o forte D. Carlos (fig. 2), forte que foi solemnemente inaugurado no dia 28 de setembro, reboando por aquelle sertão selvagem os tiros de artilheria em homenagem aos Augustos Monarchas portuguezes no dia do seu anniversario.

E esta festa revestiu um certo caracter de intensa alegria, porque não só significava a homogeneidade de sentimentos pela unidade da patria, symbolisada e representada pelo Augusto chefe do estado, não só significava o primeiro estadio de uma campanha gloriosa, o grande alto da mais extraordinaria marcha de guerra

que se tem feito em terras de Africa, como coincidia com o primeiro sacco de sal e o primeiro sacco de assucar que a columna recebia desde que se internou no sertão.

Aos esforços, canceiras e grande dedicação do tenente Terry se deveu este incalculavel beneficio.

Com data de 28 de setembro escrevem-nos de Napulu para esta «Revista» estas simples e emocionantes palavras: *passou o periodo da fome.*

E ainda bem que passou. E se a falta de mantimentos foi um dos grandes sacrificios por que passaram todos aquelles bravos, o que tanto nos opprime e contrista, é certo que mais relevo e valor dá ao seu triumpho, mais admiração nos desperta, pela sua stoica coragem, pelas suas inquebrantaveis energias e inabalaveis dedicações.

A «Revista de Infanteria» sente não saber neste momento o nome de todos os officiaes que tomaram parte nesta primeira etape de Chilomo a Napulu, para aqui os inscrever como preito de homenagem respeitosa pelo seu valor, de muita admiração pela sua coragem e perseverança nos sacrificios, de muito reconhecimento pelo prestigio que espalharam sobre o exercito e dos beneficios que trouxeram ao paiz. (1)

---

(1) No dia 29 de setembro foram apurados os seguintes doentes, que foram removidos para o Chinde, via Tomboé-Zomba:

Capitão de artilheria 6, Cabral Quadros; tenente de artilheria ao serviço da Provincia, commandante do comboio, Ferreira; alferes de artilheria 6, Rino Jordão; alferes de cavallaria 6, Rodrigues;

3 segundos sargentos, o correeiro e oito soldados de infanteria 5;

1 segundo sargento, 1 aprendiz de ferrador e sete soldados de artilheria 6;

1 soldado da Companhia do Deposito de Quilimane;

1 soldado do Corpo de Policia de Lourenço Marques;

9 soldados de cavallaria 6.

Todavia vamos inscrever o nome dos que temos a certeza que estavam no dia 28 de setembro em Napulu, reservando-nos o direito de reparar qualquer falta opportunamente, logo que possamos alcançar uma relação nominal desses nossos bravos e gloriosos camaradas:

Commandante da columna Major, Manuel de Sousa Machado, infanteria 5.

Commandante da artilheria Capitão, Arnaldo da Costa Cabral de Quadros, de artilheria 6.

Chefe do serviço de saude Tenente Medico, Alvaro Martins, de cavallaria 6.

Tenentes, Luiz Augusto Ferreira, de artilheria 6; Jorge P. Pestana Camacho, de infanteria 5; Alberto Salgado de infanteria 5; de artilheria, Alexandre Augusto Terry.

Alferes Antonio Curado Rino Jordão, de artilheria 6; Augusto Rodrigues, de cavallaria 6; João Pedro Climaco Marques, de infanteria 5; Fernando Costa, de infanteria 5.

O TIRO DA INFANTERIA

(Continuado do n.º 5 do 2.º vol.)

A vulnerabilidade da secção, do pelotão e da companhia será, a 600 metros, egual á da esquadra, por esta já ter uma frente superior á dispersão em largura.

Passando a determinar a profundidade do rectangulo figurativo da esquadra de joelhos, em uma fileira, notaremos que a taboa de desenfiamento (1) não nos indica

(1) No nosso artigo anterior, para acharmos a profundidade do rectangulo figurativo da esquadra de pé, recorremos,

o espaço desenfiado para um obstaculo de 1,10 de altura; considerando porém rectilinea a porção da trajectoria n'aquelle espaço, ter-se-ha resolvida a difficnldade por meio de uma simples regra de tres. Do mesmo modo se procederá para as formações d'alvos-figuras deitados, (a altura do homem de joelhos 1,10—altura mais proxima da taboa $1^{m},0$; altura do homem deitado $0^{m},55$ —altura mais proxima da taboa $0^{m},50$).

A' distancia considerada, aquella profundidade será, para a esquadra de joelhos, egual a 46^{m}; para a esquadra deitada, egual a 23^{m}.

Percentagens relativas aos dois casos, nos rectangulos que contêm as figuras, 23,248 e 12,177.

Se se computar a superficie do alvo figura de joelhos em $0,^{m^2}3450$ e da figura deitada em $0,^{m^2}22$, ter-se-ha entre as superficies dos rectangulos e as das figuras n'elles contidas, rerpectivamente as relações $\frac{1}{2}$ e $\frac{64}{100}$ reduzindc-se portanto aquellas vulnerabilidades a 11,62 e 7,79 %.

Dando á companhia e ás suas divisões, pelotão, secção e esquadra, quando em linha n'uma só fileira, as frentes de 120, 40, 20 e 10 metros e applicando o processo que vimos deduzindo ás distancias de 600, 800, 1000, 1200, 1400, 1600 e 1800 metros, obtivemos os numeros que constam dos quadros seguintes, nos quaes as percentagens correspondentes ás distancias intermedias, 700, 900, 1100 metros, et., foram determinadas por interpolação graphica, com grande approximação, por se-

---

por lapso, á taboa das zonas perigosas em logar de nos servirmos, como é obvio, da taboa de desenfiamento que consta do regulamento, pag. 300-301. Em vez, pois, de basearmos o calculo alli feito sobre o numero 87,5 (zona perigosa para o infante de pé) devemos fazel-o sobre 65,18 (zona desenfiada para o obstaculo de 1,60 de altura), o que fará baixar a percentagem achada de 20 a 15,51.

rem muito regulares as curvas de vulnerabilidade obtidas com aquelles primeiros elementos. A par da vulnerabilidade dos alvos figuras vae indicada a dos rectangulos que os contêm.

Continuou a suppor-se que a esquadra tem 16 homens e portanto 196 homens a companhia.

Vulnerabilidade da esquadra, da secção, do pelotão e da companhia em uma fileira, de pé

Distancias	Esquadra		Secção		Pelotão		Companhia	
	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras
600	31,03	15,51	31,03	15,51	31,03	15,51	31,03	15,51
700	25,00	12,50	25,00	12,50	25,00	12,50	25,00	12,50
800	19,75	9,87	20,00	10,00	20,00	10,00	20,00	10,00
900	15,40	7,70	16,32	8,16	16,32	8,16	16,32	8,16
1:000	12,13	6,06	13,70	6,85	13,70	6,85	13,70	6,85
1:100	9,40	4,70	11,36	5,68	11,45	5,72	11,45	5,72
1:200	7,19	3,59	9,38	4,69	9,58	4,79	9,58	4,79
1:300	5,47	2,72	7,65	3,82	8,02	4,01	8,02	4,01
1:400	4,31	2,16	6,39	3,19	6,96	3,48	6,96	3,48
1:500	3,56	1,78	5,56	2,78	6,33	3,17	6,33	3,17
1:600	2,73	1,36	4,46	2,23	5,36	2,68	5,36	2,68
1:700	2,20	1,10	3,76	1,88	4,74	2,37	4,80	2,40
1:800	1,80	0,90	3,13	1,56	4,17	2,08	4,29	2,14

Quando se examina este primeiro quadro vê-se que arredondando alguns dos numeros n'elle contidos, se pode estabelecer sem grande erro e com a vantagem de reter alguns dados numericos, que a vulnerabilidade da secção, pelotão e companhia, diminue metade por cada augmento de 400 metros na distancia. (1)

(1) Segundo o tenente coronel Borrel no seu «Cours pratique de tir» aquella diminuição dá-se, para a Lebel, por cada 500 metros de augmento na distancia.

Assim, a 800 metros, a vulnerabilidade da companhia é representada por 10;

A 1200 metros por 5, (4,79);

A 1600 metros por 2,5, (2,68).

Vulnerabilidade da esquadra, da secção, do pelotão, e da companhia em uma fileira, de joelhos

Distancias	Esquadra		Secção		Pelotão		Companhia	
	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras
600	23,25	11,62	23,25	11,62	23,25	11,62	23,25	11,62
700	17,80	8,90	17,80	8,90	17,80	8,90	17,80	8,90
800	13,50	6,75	13,70	6,85	13,70	6,85	13,70	6,85
900	10,80	5,40	11,40	5,70	11,40	5,70	11,40	5,70
1:000	8,48	4,24	9,59	4,79	9,59	4,79	9,59	4,79
1:100	6,56	3,28	7,94	3,97	8,02	4,01	8,02	4,01
1:200	4,82	2,41	6,29	3,14	6,42	3,21	6,42	3,21
1:300	3,66	1,83	5,12	2,56	5,36	2,68	5,36	2,68
1:400	2,88	1,44	4,27	2,13	4,64	2,32	4,64	2,32
1:500	2,30	1,15	3,60	1,80	4,16	2,08	4,16	2,08
1:600	1,85	0,92	3,00	1,50	3,62	1,81	3,62	1,81
1:700			2,46	1,23	3,12	1,56	3,12	1,56
1:800			2,11	1,05	2,82	1,41	2,90	1,45

Da comparação d'este quadro com o antecedente deduz-se que a vulnerabilidade das formações de joelhos é igual, approximadamente, a tres quartos da vulnerabilidade das formações na posição de pé.

Da mesma forma que para estas, pode dizer-se que por cada diminuição de 400 metros na distancia, se duplica a vulnerabilidade. Abaixo de 600 metros as formações de joelhos são quasi tão vulneraveis como as de pé.

Vulnerabilidade da esquadra, da secção, do pelotão, e da companhia em uma fileira, na posição de deitado

Distancias	Esquadra		Secção		Pelotão		Companhia	
	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras	Rectangulo	Figuras
600	12,18	7,79	12,18	7,79	12,18	7,79	12,18	7,79
700	9,17	5,86	9,17	5,86	9,17	5,86	9,17	5,86
800	6,85	4,38	6,96	4,45	6,96	4,45	6,96	4,45
900	5,44	3,48	5,76	3,69	5,76	3,69	5,76	3,69
1:000	4,29	2,74	4,85	3,10	4,85	3,10	4,85	3,10
1:100	3,30	2,11	3,98	2,55	4,02	2,57	4,02	2,57
1:200	2,41	1,54	3,15	2,02	3,22	2,06	3,22	2,06
1:300	1,74	1,11	2,44	1,56	2,55	1,63	2,55	1,63
1:400	1,33	0,85	1,98	1,26	2,15	1,37	2,15	1,37
1:500			1,75	1,12	1,99	1,27	1,99	1,27
1:600			1,45	0,93	1,75	1,12	1,75	1,12
1:700					1,49	0,95	1,52	0,97
1:800								

Deprehende-se da comparação d'este quadro com o primeiro que as formações na posição de deitado são metade menos vulneraveis que os de pé.

*
* *

Consideramos a companhia e as suas divisões em ordem singela; resta-nos agora tratar da sua vulnerabilidade nas outras formaturas regulamentares; em linha, em duas fileiras, por filas abertas, em columna cerrada e em columna de costado.

Para esse estudo teremos que attender a um factor por nós ainda não considerado até aqui, e que constitue

como que a caracteristica das modernas armas portateis: *a penetração dos seus projecteis.*

Relativamente limitada nos projecteis de 11 millimetros, por isso que estes a partir de 500 metros, difficilmente atravessavam um homem e iam ferir o da segunda fileira, (1) a penetração augmentou consideravelmente com os pequenos calibres em virtude das grandes velocidades iniciaes obtidas com as polvoras chimicas.

As experiencias feitas em animaes vivos e em cadaveres humanos pelos Drs. Adler, de Berlim, e Demosthenes, do exercito roumaico, com projecteis de calibre reduzido, e recentemente as de Daudeteau com a sua espingarda de $6^{mm}48$, mostram que o poder de perfuração é tres a quatro vezes superior ao dos antigos calibres.

Para a nossa espingarda não se possuem dados sobre a penetração no meio que consideramos; podemos, porém, talvez sem erro grande, determinal-a, baseando-nos em elementos fornecidos pelos estudos feitos em França com a Lebèl, cujo projectil tem o mesmo calibre que o nosso e uma forma quasi egual e talvez menos favoravel á penetração.

Esta depende necessariamente da força viva de que vae animada a bala; para projecteis da mesma forma e calibre as penetrações serão eguaes quando forem eguaes as suas forças vivas.

Como o pezo do projectil francez não é egual ao do nosso, e tão pouco a sua velocidade inicial, é claro que a egualdade de forças vivas terá logar a distancias differentes para os dois projecteis, como vão indicadas no seguinte quadro:

---

(1) Ortus. Le fusil de guerre de l'avenir, pag. 164.

Força viva dos projecteis das espingardas Lebel e Kropatschek

Distancias	Lebel	Kropatschek
500	....	85
600	86	74
700	74	....
...	....	....
950	...	49,4
1:000	49,8	....
.....	....	.. .
1:300	36	36
.....	....	....
1:500	29,7	30,8
... .	....	....
1:700	24,8	26,8

Assim, as distancias a que se dá a egualdade de penetração são respectivamente para a Lebel e para a Kropatschek 600—500, 700—600, 1000—950. A 300 metros ambos os projecteis tem a mesma penetração e ás distancias superiores a Lebel deixa-se vencer pela nossa, sob este ponto de vista.

Posto isto, vejamos qual a penetração da bala do modelo francez.

Segundo Borrel, a bala da Lebel pode atravessar dois homens até 2000 metros, dois homens e meio a 1000 metros e tres a tres homens e meio a 500 metros. Affirma elle que a experiencia prova que as proporções que dá para 1000 e para 500 metros são proximamente exactas.

O auctor anonymo do artigo intitulado «Des formations à prendre pour marcher sous le feu de l'artillerie ou de l'infanterie» (1) diz-nos que a bala do modelo 1886

(1) «Journal des sciences militaires» Maio de 1892, pag. 220.

deixa de atravessar mais de um homem para além de 1700 metros; que proximo de 1100 metros, um certo numero de balas atravessa mais de dois homens, conforme encontra mais ou menos ossos. A 800 metros mais de metade das balas atravessará mais de dois homens e parará no terceiro homem. A 700 metros a penetração é de tres homens e á queima-roupa cinco homens. (1)

Do que fica exposto pode concluir-se, attendendo ao quadro precedente, que as penetrações da bala da nossa espingarda serão:

A 600 metros tres homens.

A 950 metros dois homens e meio.

De 1500 até 1700 metros dois homens.

Para as distancias intermedias poder-se-ha adoptar os seguintes coefficientes de penetração obtidos por intercalação:

A 700 metros 2,85.
A 800 metros 2,71.
A 900 metros 2,57.
A 1000 metros 2,45.
A 1100 metros 2,36.
A 1200 metros 2,27.
A 1300 metros 2,18.
A 1400 metros 2,09.

*
* *

As considerações feitas sobre o poder de penetração levam-nos, pois, a estabelecer que a formação em

---

(1) O Dr. Adler n'um estudo inserto no «Frankfurter Zeitung» affirma que nas experiencias a que procedeu em cadaveres humanos verificou as seguintes penetrações: de 800 a 1200 metros, dois a tres homens, a 400 metros tres a quatro homens, a 100 metros quatro a cinco homens.

duas fileiras, em egualdade de frente, é duas vezes mais vulneravel que a formação em uma fileira.

Occupando a frente da linha em duas fileiras metade do espaço da linha em uma fileira, a vulnerabilidade da secção na primeira formação, por exemplo, só será dupla da segunda, quando em ambos os casos os alvos respectivos tiverem largura sufficiente para conter toda a dispersão lateral.

E como esta hypothese é a que menos vezes se verifica, entendemos calcular o quadro seguinte:

Vulnerabilidade da esquadra, da secção, do pelotão, e da companhia, em duas fileiras nas posições de pé e de joelhos

Distancias	Esquadra		Secção		Pelotão		Companhia	
	De pé	De joelhos	De pé	De joelhos	De pé	De joelhos	De pé	De joelhos
600	29,85	22,36	31,00	23,25	31,00	23,25	31,00	23,25
700	21,50	15,79	24,50	17,80	24,60	17,80	24,60	17,80
800	15,66	10,70	19,75	13,50	20,00	13,70	20,00	13,70
900	11,10	7,63	15,50	10,81	16,44	11,40	16,44	11,40
1:000	7,84	5,46	12,13	8,48	13,70	9,58	13,70	9,58
1:100	5,80	3,97	9,40	6,58	11,50	8,02	11,50	8,02
1:200	4,20	2,81	7,19	4,82	9,38	6,28	9,58	6,42
1:300	3,20	2,04	5,50	3,66	7,75	5,36	8,10	5,36
1:400	2,36	1,55	4,31	2,83	6,39	4,20	6,96	4,57
1:500	1,80	1,29	3,40	2,41	5,30	4,28	6,00	4,28
1:600	1,45	0,98	2,73	1,84	4,46	3.01	5,36	3,62
1:700	1,20		2,20	1,43	3,70	3,12	4,80	3,12
1:800	0,94		1,80	1,21	3,13	2,11	4,29	2,90

Mafra.

(Continúa).

Amaro Dias da Silva Junior,
Tenente de infanteria.

Uma carta do marechal Saldanha

Tendo publicado o ultimo numero da *Revista de Infanteria* um excerpto do testamento do marechal Saldanha pelo qual se vê quanto elle presava o regimento de infanteria n.º 1, incita-nos a contribuir tambem com mais um documento comprovativo da estima do mesmo marechal por aquelle regimento.

*

Saldanha depois de tomar o commando do regimento de infanteria n.º 13 (onde continuou a sua gloriosa carreira conduzindo este bravo regimento na batalha de Nive, pelo que foi condecorado pelo principe regente de Inglaterra, com a medalha de commando, medalha que o mesmo principe mandou expressamente cunhar em Londres para lh'a offerecer) escrevia a seu irmão, o conde de Rio Maior, em 24 de setembro de 1813, contando-lhe quanto lhe custava separar-se do regimento em que assentara praça como cadete, em 28 de setembro de 1805, e onde commandára como capitão a 8.ª companhia e a de granadeiros e fôra promovido por distincção a major e tenente-coronel, dizendo o seguinte:

«No dia 21 tomei o commando d'este regimento (13) e fui recebido com as formalidades e cumprimentos do costume.

Os meus sentimentos ao despedir-me do meu bom e antigo regimento n.º 1, não pódem descrever-se; mas para minha satisfacção e por consequencia para sua, porque conheço a sua perfeita amisade, devo dizer-lhe que vi as lagrimas nos olhos a quasi todos os officiaes, e os soldados não o sentiam ménos. Oh meu querido mano! que excellente regimento aquelle em todo o sen-

tido! De[illegible] queira que os novos officiaes superiores obtenha[illegible] verdadeiro conhecimento d'elle e que o governem [illegible]ijam com a amisade e delicadeza que merecem as d[illegible]entes corporações de que elle é composto. Em toda [illegible]uerra não tem havido um unico official preso por [illegible]lem de algum general! O brigadeiro Pack tão activo [illegible] exacto, nunca achou occasião para isso e creia que [illegible] unico regimento do exercito em que ainda não houv[illegible]n conselho de guerra a um official.»

Esta [illegible]ta só por si, constitue a historia do regimento d[illegible]nteria n.º 1 durante a guerra peninsular!

E se [illegible] remanso da paz não tem podido colher novos louro[illegible] no entanto, jámais, deixou esquecer a opinião do [illegible]ioso marechal: a mais rigorosa disciplina não exclu[illegible] delicadeza e a amisade.

A. L. de S.

O retroce[illegible] da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

(Continuado do n.º 9 do 2.º volume)

Qua[illegible] começamos a publicar esta serie de artigos, tenciona[illegible]os tirar certas conclusões fornecidas pelos exempl[illegible]lgumas guerras passadas e pelos resultados colhido[illegible] campos de tiro, mas no decorrer da publicação, su[illegible]-nos a guerra de Cuba e agora a do Transwaal, e [illegible] isso, e pela falta de espaço, tivemos e teremos que [illegible]ardar as conclusões a que queremos chegar, para d[illegible]itura dos documentos officiaes colhermos dados m[illegible] praticos e seguros do que os fornecidos pelos ca[illegible] de tiro.

Os c[illegible]nbates em volta de S. Thiago fornecem-nos estas conclusões:

1.º—*Com o emprego da polvora sem fumo e com entrincheiramentos bem mascarados, consegue-se incobrir, senão d'uma maneira completa, pelo menos d'uma maneira bastante satisfactoria, a posição occupada*: o que é facil de prever a conclusão a que nós já tinhamos chegado.

2.º—*Uma força n'estas condicções e munida com arma de repetição como a Mauser, consegue resistir por muito tempo a uma outra força muito mais consideravel, mesmo no caso d'esta ser reforçada pela artilheria.*

Assim temos que em *Caney* 500 hespanhoes conseguiram resistir durante cerca de 10 horas a 6:500 homens de infanteria americana auxiliados por uma bateria d'artilheria!

E' realmente um resultado surprehendente e, se não fossem as trincheiras, a polvora sem fumo e a rapidez do tiro, seriam em breve os hespanhoes esmagados por um assalto e uma carga de bayoneta dadas pelas regras que as ordenanças prescrevem e que alguns julgam sacrosantas.

No combate de S. João foram necessarias quasi 7 horas para 8:000 americanos e 3 baterias desalojarem, em parte, 1:200 hespanhoes, apesar dos americanos ficarem tão fatigados que nem em pé se podiam ter depois da lucta, e pedirem durante a noite que se seguiu a este renhido e desegual combate, que os substituissem, pois estavam extenuados de fadiga e quebrantadas as suas forças.

Depois d'estes combates feriram-se outros em volta de S. João, em que havia 18:000 americanos para 8:000 hespanhoes, e apesar d'esta grande desegualdade o general Shafter vê-se obrigado a entabolar negociações, «porque sentiu a impossibilidade do ataque com as forças de que dispunha, e temer que as suas tropas não se podessem ao menos sustentar nas posições occupadas.»

Como se vê, estes resultados foram surprehendentes.

Ha na historia factos mais ou menos identicos, mas são casos separados, excepções, ao passo que entre hespanhoes e americanos a regra geral foi o assaltante necessitar de muitas horas para percorrer pequenos trajectos e soffrer grandes baixas.

A vantagem dos hespanhoes estava, certamente, na sua arma Mauser com a sua trajectoria tensa, a sua grande penetração e a sua justeza, na sua polvora sem fumo que não lhe revelava ou salientava as suas posições e nas trincheiras que occupavam.

Se não fôssem estas propriedades, filhas do armamento e da polvora, certamente os americanos triumphantemente e d'uma maneira garbosa realisariam os lanços successivos e, á distancia propria, um toque de corneta que ferisse os ares faria com que todas as armas lançassem scintillantes reflexos que ferissem as vistas e comprimissem os corações e, depois, ao grito de *hurrah!* ou *lembrae-vos do Maine*! teriamos um soberbo assalto que os tornaria senhores das posições e os hespanhoes cahidos no opprobrio.

Não será isto uma verdade, não será isto uma consequencia dos progressos realisados nos armamentos e nas polvoras e que a pratica ainda não confirmou cabalmente, não será isto o que está succedendo aos os inglezes no Transwaal?

Sendo assim, não terá a nossa ordenança principios velhos e já anachronicos? Não necessitará d'uma alteração ou modificação?

Tenha ou não principios velhos, o que ella não tem é principios que estejam bem em harmonia com os progressos realisados nos armamentos e nas polvoras.

Os lanços successivos que ella preconisa são, hoje, d'uma realisação impraticavel durante o dia.

Se nós olharmos para o que succedeu aos americanos, ás consideraveis perdas que soffreram, ás mil difficuldades que tiveram a vencer, ao tempo que gastaram para percorrerem pequenos trajectos, e, se lançarmos

mão dos nossos conhecimentos e do nosso bom senso e se não estivermos de pé atraz com todas as innovações que vão alterar os principios tacticos que prescrevem as ordenanças e que tiveram a sua principal sancção pratica na guerra de 70-71, havemos de reconhecer que os lanços successivos, a marcha a corpo desempenado e durante o dia contra um adversario que occupa uma posição defensiva mais ou menos preparada, com polvora sem fumo que não lhe realce ou revele as suas posições devem ser d'uma realisação senão impossivel, pelo menos d'uma realisação difficilima.

Nós temos sobre a nossa mesa de trabalho differentes auctores modernos, e que já citámos, que insistem na impossibilidade da realisação de taes combates e de tal maneira de combater durante o dia, mas nós com a preoccupação de procurarmos a verdade e de a reconhecer só depois d'ella ser evidente e posta em realce pela sancção da pratica, não faremos mais do que ficar d'atalaia caminhando á sua procura.

Mas a que havemos de atribuir os resultados obtidos nos combates de S. Thiago senão á preponderancia do fogo, ao emprego da polvora sem fumo, e á applicação das fortificações?

Combates que duraram dias, fadigas de tal natureza que deixavam os assaltantes extenuados a ponto de não se poderem ter de pé, é um facto que, embora não seja unico, é comtudo bem saliente e significativo.

Ha muita gente que põe em duvida os resultados obtidos nos campos de tiro e que não quer querer que os resultados reaes se aproximem.

Ha certamente muitas cousas que influem no atirador e que obstam a que os resultados se afastem muito; nós concordamos plenamente com isso, porque conhecemos que o espirito de conversação no individuo, mal se póde coadunar com a ideia de que vae entrar em fogo e que uma bala o póde anniquilar. Esta ideia fará olhar para tudo com os ternos olhares de quem diz adeus,

de quem sobe ao cadafalso ou vê a guilhotina, olhares illuminados por uma alma e esclarecidos por um espirito que lhe diz que o perigo é grande e que, o mais pequeno resvalar, o lançará n'um anniquilamento eterno para não mais vêr os entes queridos e os objectos que lhe são caros.

O coração, recipiente da vida, soffrerá as funestas consequencias d'um tão triste modo de vêr, e, em breve, esta dolorosa impressão se manifestará por uma forte commoção que nos deixará devéras nervosos.

Só uns elevados sentimentos de honra e uma nitida comprehensão do fiel e exacto cumprimento dos deveres sagrados, o que constitue o que se chama *a religião do soldado*, o despreso pela vida, poderão contrabalançar, e tanto melhor quanto mais elevados forem, aquella forte commoção, mas, não obstante, a agitação dos nervos ficará sempre, a impaciencia conservar-se-ha e n'estas condições o tiro hade ser bem desordenado, o atirador mal poderá conservar o sangue frio necessario para poder apontar a sua arma, disparar com lentidão, apoia-la, etc. etc...

Encarando a questão por este lado, que na guerra certamente é o mais verdadeiro, não podemos deixar de reconhecer que os resultados reaes se afastarão immenso dos resultados dos polygonos.

Comtudo, o poder dos sentimentos da honra, o imperio da disciplina, e a adaptação de certos meios hão de tornar o homem valoroso e o seu fogo de effeitos bem poderosos e destruidores.

(Continúa). *David A. Rodrigues*,
Alferes de infanteria.

A guerra anglo-transwaaliana

II

A Inglaterra, as republicas boers e as colonias sul-africanas

No numero precedente dissemos que consideravamos o estado independente do Transwaal como um factor indispensavel para o equilibrio sul-africano, isto é, para a conservação das colonias visinhas, e eis-nos, como promettemos, a desenvolver e apresentar as bases da nossa declaração.

Colonias visinhas do Transwaal são as portuguezas de Angola e Moçambique, a franceza de Madagascar, e o Oeste africano allemão.

Se as republicas boers forem destruidas, o perigo que ameaça aquellas colonias é o imperio anglo-africano que se pretende formar.

Como se sabe, a Inglaterra trabalha ha muito na constituição d'este imperio, e, graças ao esforço official do governo, e particular dos seus ousados exploradores e emprezarios, o seu dominio exerce-se já em terrenos vastissimos, que vão do Cairo ao Alto Nilo, de Mombaça ao lago Mgarida e Tanganica, e do Cabo ao Zambeze e Nyassa, de modo que, das 1:300 leguas que distam do Cairo ao Cabo, em 800 o dominio inglez é já hoje effectivo.

Não vem para aqui referir todas as peripecias atravez as quaes a expansão ingleza se foi persistente e methodicamente assenhoreando d'aquelles vastissimos terrenos, e somente poderemos expor resumidamente o que se passou na Africa do Sul, que é onde principalmente se desdobra o assumpto em questão.

N'esta parte da Africa foi a antiga colonia Hollandeza do Cabo a primeira que soffreu, no principio d'este seculo (em 1806), o effeito da edeia imperial e da garra britanica. Depois d'esta primeira conquista passaram-se mais de vinte annos sem que a Inglaterra mostrasse intento de alargar o seu dominio na Africa do sul, o que prova que a primeira conquista só obedeceu á edeia de guerrear a alliada de Napoleão, e de adquirir um importante ponto de estrategia maritima, para o açambarcamento do commercio asiatico.

A marcha progressiva para o Norte acentuou-se depois de 1830, seguindo pela Costa Oriental. O Natal foi ameaçado em 1842, pela suppressão da republica boer de Nathalia. Na marcha pelo interior encontraram a opposição dos orangistas que derrotaram em Bloomplatz em 1848. Seguidamente encorporaram a Cricqualandia, sendo conquistas e vassalagens ou annexações mais recentes a Zululandia, a Bechuana, Khama, Matabelandia, Machona, alto Zambeze e Nyassa.

Estas ultimas regiões, de uma superficie de 750:000 milhas quadradas, foram adquiridas á custa de Moçambique, merce da imprevidencia e inercia dos que a governaram por muitos annos.

No Nyassa foi Levingstone o primeiro que na sua travessia de exploração em 1853, estabeleceu relações com os Makololos, relações que successivamente se ampliaram com missões, negociantes

e agricultores, de modo que em 1885 e 1889 Cardoso e Valadim não poderam já luctar com o predominio inglez e,á tardia e precipitada expedição Serpa Pinto e organisação dos districtos do Chyre á do Zumbo respondeu o governo inglez com o *ultimatum* de 1890, pelo qual fez solemnemente sua a obra de Jhonston, Jameson, Rhodes e outros inglezes que um tanto justamente nos ludibriaram.

No sul do Zambeze, na Machona, tambem a expedição Caldas Xavier em 1889, no breve tiroteio que sustentou com as forças da *Chartered*, não conseguio vingar a affronta feita a Paiva de Andrada, no kraal do Mutassa, os territorios do *hinterland* confinantes com a Moçambique, foram principalmente conquistados por conta da *South Africa*, companhia organisada pela influencia e suggestão de C. Rhodes, em quem, certamente, o *Colonial office* delegou a iniciativa e faculdade de conquistar e avassalar a Africa central do sul.

O Dr. Jameson, que é tambem coronel da milicia, foi o organizador e chefe da expedição que bateu os matabeles. Esta expedição era principalmente composta de voluntarios ou aventureiros, mas que, nem por isso deixaram de conquistar um reino extensissimo para a soberania ou expansão ingleza.

Ou por imprevidencia politica, ou por quaesquer outros motivos plausiveis, a Inglaterra, não levou as suas conquistas «a eito», não destruiu no embrião as duas republicas boers que subsistem, e contentou-se com exercer junto de ambas a fiscalisação ou supremacia diplomatica. Certamente esperava que, cercando aquellas republicas com outras annexações, ellas viriam finalmente a succumbir asphixiadas ou pelo natural effeito da absorpção ingleza. Ora, os factos demonstraram ser menos fundada tal expectativa, porque, a despeito da sua força expansiva, os inglezes não poderam supplantar e suspender na Africa o progresso dos boers, e se o seu numero parecia maior, era porque viviam nas povoações mais importantes, emquanto que os ultimos se espalhavam pelos campos, nas aldeias e *farms*. No Cabo mesmo, passado um seculo de dominação, o elemento hollandez é superior em numero, e possue todas as condições para exercer a supremacia, se o deixarem operar livremente, isto é, sem intervenção das esquadras e expedições inglezas.

Sob a apparencia de uma supremacia deslumbrante e esmagadora, a verdade é que a supremacia da Inglaterra e da raça saxonia na Africa austral estava cada vez mais em risco de se perder, ou difficil de consolidar, porque o boer, independente, senhor de terras vastas e ferteis, do funccionalismo, e dentre pouco tempo do commercio, artes e industrias, não cessaria de crescer, sendo ainda engrandecido pelos mulatos, negros e colonos brancos que fossem adquirindo foros de cidadãos.

Depois, esta visinhança de um povo irmão e independente politicamente, não deixaria de suscitar entre os colonos vassalos da Inglaterra, no Cabo e no Natal, o desejo de gosar egual liberdade.

Para fins politicos ou administrativos os territorios inglezes na Africa do sul estão divididos em coloniaes e protectorados. As colonias do Natal e do Cabo são autonomas.

Os territorios de *hinterland*, comprehendidos entre as duas africas portuguezas, o Oeste allemão e as republicas do Orange e Transvaal, designam-se geographicamente a «Africa Central Ingleza»

mas, segundo creio, não teem um unico governo [illegible] administração.

A edeia de uma confederação intitulada «Es[illegible] Unidos da Africa do Sul» ou com qualquer outra denominação, [illegible]dava assaz espalhada, e não foi C. Rhodes quem menos a agitou [illegible]via, porem, um grande obstaculo, e era, em beneficio de que raç[illegible] faria essa Confederação. O elemento hollandez e o inglez, cada [illegible] a queria em seu beneficio. Era uma utopia, porque, qualquer [illegible]os elementos só muita forçado se fundirá no outro.

Todavia, C. Rhodes, nutrio durante muito tem[illegible] esperança de tudo conseguir levando os *africanders* com bo[illegible]maneiras, e quando elle á sua enorme riqueza poude juntar a c[illegible]leração ou sympathia do partido *africander*, tornou-se, alem[illegible] potentado financeiro um potentado politico, o que lhe permittio [illegible]xercer junto do *Colonial office* uma influencia decisiva.

O seu plano de fundar em proveito da Inglater[illegible]m imperio sul-africano, começou a executar-se com a constituç[illegible]da companhia magestatica «South Africa», que em menos de do[illegible] annos conquistou para esse imperio 750:000 milhas quadradas.

Para a completa realisação do grande estado co[illegible]olonia anglo-africana, o Transvaal representava o maior obstac[illegible], mas que, certamente se desfaria com facilidade logo que se lh[illegible] tomasse a unica porta que o alimentava — *Delagoa Bay*.

Barafustou então durante muitos annos em volta [illegible] Lourenço Marques, ou antes com altas intrigas na finança e na politica de Londres, e esgotados estes meios, tentou junto do Z[illegible]haxa e do Gungunhana resolver o grande problema em que anda empenhada a civilisação africana, e que a adhesão do Cambuemba e outros tinham já adiantado muito.

Suspeita-se que desde Marracuane até Chaimite, as hostes da Chartered estiveram a postos, e C. Rhodes esperava a todo o momento ver justificada a necessidade de intervenção das tropas inglezas.

Por isso, o triumpho das armas portuguezas d[illegible]ve tel-o contrariado bastante, e então, foi concebido empregar as hostes da *Chartered*, commandadas por Jameson, n'um golpe de mão contra a independencia do Transvaal, o que tambem não teve bom exito, por ter sido o bando de aventureiros derrotado em Krugerdrop.

O snr. Mousinho de Albuquerque, no seu livro intitulado *Moçambique*, aprecia do modo seguinte as consequencias de esse attentado, para o dominio portuguez:

«O facto é que essa mallograda aventura, verdadeira repetição tragi-comica do *Risquons Tout de 48*, atravessou por muitos annos seguramente, e difficultou immenso a unificação da Africa Austral, que parece ser o desideratum de C. Rhodes.

«Sob o ponto de vista portuguez, só tivemos a felicitar-nos pelo resultado do engajamento, de Krugerdorp. Se Jameson houvesse entrado em Johannesburg, é provavel que tentasse a seguir um golpe de mão sobre Lourenço Marques, como que a população mineira de Manica e o pessoal do caminho de ferro da Beira estivesse prompto para a primeira voz marchar sobre esta villa.....

«Se, portanto, Kronge houvesse sido batido, ... , pode bem dizer-se que a nossa Africa oriental estava perdida para sempre para Portugal.»

Apesar do fiasco da tentativa, C. Rhodes, que tinha sempre

manobrado a occultas, não desanimou e antes redobrou de esforços para chegar ao fim que tinha em vista, e que era a um tempo supprimir as republicas sul-africanas, e melhorar o estado financeiro da *Chartered* e mais companhias de caminhos de ferro e mineiras, em que a sua fortuna e a dos seus amigos anda envolvida.

A sua situação perante o partido *africander*, que agora o votava a um completo desprezo, permittia-lhe proceder em plena liberdade, ou com inteira ausencia de escrupulos. Dos boers era ha muito tempo odiado e inimigo.

Durante e depois da liquidação do incidente Krugerdorp, não cessou de agitar as multiplas questões, imperial, politica, social e economica da Africa Austral, mas segundo a opinião dos mais iniciados, é esta ultima a que tem maior peso. A razão estrategica para dominar nos portos da Africa do sul existe, mas essa razão é a mesma que existia ha cem annos, e, alem d'isso nenhum perigo corriam esses portos de lhe sairem da mão.

E' a velha pretensão de monopolisar o commercio asiatico, cada vez mais ameaçado pela via de Suez e Mediterranio, que leva a Inglaterra a assegurar melhor a sua exclusiva preponderancia no canal de Moçambique e portos sul Africanos. Como se sabe, se as entradas do Mediterraneo, em Gibraltar e Suez se fechassem á Inglaterra, ella com as suas esquadras fecharia as sahidas aos navios inimigos, e continuaria a realisar pelo Cabo o seu commercio com o Oriente.

O que é extraordinario é que muitos individuos, acham n'isto uma suprema justificação da actual guerra e mais planos, certamente por entenderem que todos os outros povos e nações só devem ser *meios* ou coisas, e que só os inglezes e a sua supremacia teem direito a ser um *fim*, e portanto tudo se lhes deve submetter.

A questão das raças aconselhava antes a Inglaterra a fixar os boers n'uma dada região, e não a dispersal-os mais, porque a historia prova que o perigo boer, se existe, augmenta com a sua dispersão. Até 1820 era possivel circumscrever os boers no territorio do Cabo. Em 1840 era preciso mais o Natal e o Orange. Em 1870 precisam mais o Transwaal, e assim successivamente á medida que os forem perseguindo e espalhando. Comtudo é forçoso reconhecer que o engrandecimento dos boers está menos na sua propagação e resistencia, que na fraqueza da expansão ingleza na Africa, a despeito do muito que a teem gabado. Digam o que disserem, a raça ingleza ainda não provou grandes qualidades de adaptação no interior africano, e por isso, foi facilmente batida pelos hollandezes e boers no sul, como poderia ser batida pelos portuguezes mais ao norte. Se os portuguezes attentassem em que foi fundada por elles a maior nação (o Brazil), que existe debaixo do Equador, facilmente se convenceriam que lhes não seria difficil suplantar e bater os inglezes entre Angola e Moçambique, aonde ainda hoje não existem mais de 8:000, quasi todos funccionarios ou mineiros.

A razão principal do conluio Chamberlain-Rhodes, foi pois a ambição capitalista, a especulação das minas, e o intento de procurar em Lourenço Marques o salvaterio das linhas ferreas do sul, porque, destruido o Transwaal, o governo de Lisboa teria fatalmente de se prestar a todas as combinações sobre Delagoa e seu caminho de ferro.

Por mais ousados e fundados que sejam os desejos dos ingle-

zes, nem por isso deixa de existir na Africa do Sul e em volta do Transwaal uma concorrencia de interesses nacionaes importantes, e o governo britanico, tendo os em menos consideração, não acertou melhor que no calculo relativo ao armamento, força dos boers e perspicacia do presidente Kruger, e, é mesmo possivel que, no caso de haver alguma reclamação da França ou da Allemanha (já não fallamos da Hollanda ou Portugal), na Inglaterra, «as pedras das calçadas se rissem» como a proposito do *ultimatum* do Transwaal.

Além do perigo que adviria para o Oeste allemão, se nas visinhanças se formasse um estado poderoso e impossivel de equilibrar, a Allemanha não deixará de ter algumas *vistas* sobre o territorio interior de Bechuana e Khama, e sobretudo, tem na Africa do sul importantes interesses economicos que precisa defender. Sendo destruidos em beneficio da Inglaterra os estados boers, é claro que o capital allemão teria de emigrar para outro logar, o commercio perdia-se, e as linhas de vapores que percorrem as duas costas, a oriental e a occidental, não se poderiam manter.

O seu prejuizo seria pois immenso, e, pelo menos depois da audaciosa felicitação de Guilherme II a Kruger sobre o desastre de Jameson, a politica ingleza devia comprehender o empenho com que a Allemanha sustentava os seus interesses.

A França, que sempre e por diversos motivos foi rival da Inglaterra, avivou fortemente essa rivalidade com a sua moderna expansão colonial, e sobretudo depois da sua conquista de Madagascar, não pode de modo nenhum ser indifferente ao que se passa na parte fronteira do continente. Politicamente e por motivos de segurança convem-lhe que a costa e canal de Moçambique não caiam sob o dominio de alguma potencia poderosa e rival. Nas republicas boers, em Lourenço Marques e outros portos sul africanos os seus interesses commerciaes soffreriam com as novas conquistas inglezas, e os seus capitaes não seriam menos batidos.

Mas, a politica ingleza não teve tempo de pensar em interesses extranhos, e foi-se para a frente em defeza dos capitaes inglezes compromettidos por especulações e aventuras, e para affirmar a sua irritante mania de raça dominadora.

Provavelmente convenceu-se que depois do incidente de Fashoda a França não ousaria mais fazer-lhe opposição, e no caso de surgir alguma complicação com a Russia seriam sufficientes algumas arteiras promessas e ridiculas compensações, para cimentar uma alliança entre a Inglaterra, E Unidos, Allemanha e Japão.

Ora, no pé em que as cousas estão, essa alliança não passou de um sonho de lord Chamberlain, o que é muito natural, porque todos sabem que a Inglaterra, tirando tudo descaroavelmente aos inimigos, não cede dez aos amigos e auxiliares sem tomar cem para si.

A ce lencia á Allemanha na questão de Samôa não conseguiu afastar o governo imperial da sua politica de conservação do Transvaal, e a attitude hostil da imprensa allemã e da opinião publica em nada se alterou com a viagem do Imperador a Londres.

Para attrahir mais fortemente os E. Unidos á sua politica, a Inglaterra parece que não descobriu ainda nenhuma formula melhor que a da solidariedade anglo-saxonia, baseada no chimerico sonho de exercer a supremacia sobre todas as outras raças, e de dominar o Mundo.

Ao Japão, provavelmente, acena com o espectro da russificação da China, e poucas mais vantagens promottera quem tudo quer açambarcar.

E. comtudo, ninguem poderia ser mais generoso que a Inglaterra, attendendo á vastidão dos seus dominios actuaes, e ás suas grandes explorações pelo commercio, navegação, industria e capitaes.

A sua escassa generosidade fez com que a Allemanha procure no accordo com a França e Russia sobre assumptos coloniaes a melhor maneira de defender os seus interesses, e tanto que ainda ha pouco o ministro Bollow o declarou officialmente no parlamento.

A intervenção franco-russo-allemã, na questão da China, é outra importante prova da existencia d'esse accordo que, se dorme algumas vezes, outras tantas desperta, e sempre que é preciso contrariar os interesses inglezes, nos pontos em que elles se encontram com os allemães.

N'estas condições, a Inglaterra não pode contar muito com a cooperação de quaesquer alliados, sobretudo se o objecto de discordia é a sua propria ambição de augmentar mais o seu enorme imperio colonial, ou a esphera das suas explorações.

Alem d'isso, se ha um imperio que na derrocada ou decadencia possa attrahir os olhares da cubica, é elle a Inglaterra, e, por emquanto, os principaes herdeiros que se descobrem, do seu commercio, navegação e industria, são a Allemanha, os Estados Unidos e o Japão, isto é, os seus proprios alliados, se lord Chamberlain fallou verdade.

Quanto a Portugal, as suas conveniencias de politica europea e colonial são identicas ás da Allemanha.

Na Europa aproximam-se das conveniencias inglezas, na Africa do sul são incompativeis.

E' o que se dá com a Allemanha, mas com maior desvantagem, porque, emquanto a Allemanha faz um grande jogo em todos os naipes politicos, e com tal finura que nem quasi se chega a saber em que naipe está, Portugal tem, como sempre teve, um jogo descoberto, fraco e simplorio.

Como disse o snr. A. Castilho, a experiencia de politica allemã veleu-lhe logo o *ultimatum* de 1890, e logo a seguir a reviravolta para a Inglaterra, valeu-lhe o arrebatamento de Kionga pela Allemanha, e a ameaça da Bahia dos Tigres.

E é isto a politica internacional, uma total ausencia de estabilidade e escrupulos, de modo que as visitas de reis e chefes, o solemne envio de embaixadores, os abraços cordeaes, o copo de agua, o brinde e mais declarações officiaes, tudo se pode quebrar no dia seguinte.

Agora mesmo nos sentimos intrigados com as contradições e reservas do imperador e seu govorno, a respeito do Transwaal, da Inglaterra, da França, da Russia, e da sua triplice alliança. Querem-nos parecer que ganha ao mesmo tempo o triumpho do Transwaal, Samôa e mais compensações da Inglaterra, no accordo com a Russia e França, e provavelmente a America do Norte, com a triplice, e em tudo o mais que quizer.

E o caso é que as ultimas notas dão a França diplomatica muito meiga para a Inglaterra!

Na Africa do sul, é Portugal o que se vê mais em risco de

perder, e comtudo ninguem poderia ganhar mais, se tivesse havido quem soubesse preparar os elementos com que estes jogos politicos se asseguram. Poder-se-hia ganhar triumphando a Inglaterra, e poder-se-hia ganhar triumphando o Transvaal. Assim não, e pelo contrario é sempre de esperar que se perca.

A Inglaterra, na hypothese de vencer os boers e de annexar o territorio das duas republicas, realisa para si grandes vantagens, mas prejudica enormemente os interesses portuguezes e allemães.

Ora, offender tão profundamente os seus provaveis alliados nos conflictos europeus, e crear ao mesmo tempo uma situação na Africa do sul perigosa, desiquilibrada, e que só promette futuros conflictos, não é rasoavel.

No caso de aquella annexação se realisar, parece-nos que o unico meio de compensar Portugal e a Allemanha, e de prevenir conflictos futuros, seria operar uma reforma no mappa sul-africano, ao sul do Cunene e sobre o Zambeze, de modo que fosse restituida a Moçambique grande parte da Rhodesia, arrebatada pelo ultimatum de 1890.

Com effeito a Inglaterra, ficando vencedora e annexando os dois Estados livres, não deixará de unificar todo o amalgama sul-africano inglez n'uma unica colonia, com um governo central e uma capital

Pela sua excentricidade, a cidade do Cabo não poderá ser a capital, e ainda menos Durban. A cidade naturalmente indicada para capital é Johannesburg, por ser a mais populosa, rica e central.

A respeito de communicações é tambem a cidade que, juntamente com Pretoria as tem mais completas, e as que faltam ainda para o Norte e Oeste far-se-hão depressa.

Constituido este imperio começaria para os inglezes uma verdadeira edade de ouro e de supremacia, porque a exploração das minas, não só em Johannesburg mas em toda a parte onde ha o ouro, tomaria um incremento maior.

Formando este colosso, já se vê, a Inglaterra ha-de dizer aos visinhos que nada teem a receiar; porem, o que não pode é haver quem acredite na effectividade duradoura de taes promessas.

Vinte ou trinta vezes mais forte desde a fundação, esse Estado desenvolve-se muito mais rapidamente que as pequenas colonias visinhas, abafa o espirito de independencia local do *africander;* expulsa o colono hollandez, o allemão e o francez; supprime a lingua hollandeza, e extermina a parte da raça boer que se não submetter e inglezar. Feito este trabalho, e passados vinte, cincoenta ou cem annos, não concebemos milagre que possa sustentar a integridade das colonias visinhas. Evidentemente o gigante extendido pelo *hinterland*, abre os braços até á costa, ou rompe a especie de envolucro que o encerra, em Moçambique e no Oeste africano allemão.

Quanto a Madagascar, pela sua posição em face de Moçambique está como Cuba nas aguas americanas, e difficil será ter outra sorte.

Desde a sua phase inicial, a preponderancia d'esse imperio n'aquella região, ou antes, do extremo austral até ao equador será esmagadora, e tanto mais que ás naturaes e proprias forças da colonia se ajuntaria o concurso da marinha britanica, e de quantas expedições de desembarque fossem necessarias.

Este fraco equilibrio que as republicas boers, ajudadas pela Allemanha, França Hollanda e Portugal estavam fazendo ou tentando com a Inglaterra, desapparece para sempre, e tudo alli fica á mercê das ambições dos Rhodes, dos Jameson, dos Milner e das arrogancias dos Chamberlain.

Portugal será a primeira nação a soffrer os effeitos do triumpho bretão porque a velha questão de Lourenço Marques tem um termo no proprio dia em que o Transwaal for annexado A Moçambique portugueza terá de recuar logo as suas fronteiras para o Limpopo.

A não se darem factos de certa natureza politica, cremos que a Inglaterra, ou a sua grande colonia sul-africana, durante os primeiros ou proximos annos não farão novas annexações.

Comtudo, ellas são inevitaveis, e deduzem-se da superioridade da colonia ingleza, ou dos Estados Sul-Africanos. Ao pé d'esse grande Estado, o Oeste allemão fica para sempre encolhido, vivendo uma vida rachitica e submissa. Se não desapparece, Moçambique como que fica com o colosso ás costas. O governo portuguez, que nunca lhe soube promover a colonisação, tambem não será agora capaz de a accelerar.

Ao mesmo tempo a Machona ingleza, a Matabelandia, o Barotze e o Chire, o Transwaal, a Beira, Inhambane e todas as regiões importantes hão-de encher-se de inglezes e inglezados, e o resultado final será romper-se por toda a parte a facha de Moçambique.

Por outro lado, se os boers cairem finalmente vencidos, só lhes resta refugiarem-se em Moçambique e Angola, para se subtrahirem ao jugo do vencedor, que ha-de ser durissimo. Esse couto encerra em si futuros perigos, e pode tambem servir de pretexto para a invasão ingleza.

Pela transcripção que atraz apresentamos vê-se que o sr. Mousinho de Albuquerque, considerava a destruição da republica transvaaliana extremamente perigosa para a nossa colonia oriental.

O snr. Augusto de Castilho, no seu trabalho intitulado *Portugal em Lourenço Marques*, publicado tambem ha poucos annos, aprecia do seguinte modo as consequencias da constituição da Rhodesia, ou da Africa Central Ingleza, para a colonia de Moçambique:

«Pelo interior uma cunha enorme de força vital ingleza, ramificando-se astuciosamente pelos rios Pungue e Zambeze para a costa, na Beira e no Chinde, e tendo engulido de um só trago o nosso sonhado *hinterland*.

Esta cunha, que não poderá jamais adelgaçar, mas que pelo contrario irá alastrando para o Oriente, apertando-nos e ganhando em força e ousio, com a mais densa occupação das minas e paizes salubres do planalto, levar-nos-ha provavelmente (vamos-nos preparando para peior) uma boa fatia da região de Manica ultimamente sujeita a uma arbitragem.»

Certamente, se os inglezes entrarem triumphantes em Pretoria, não deixarão de assumir na Rhodesia uma attitude que possa ainda mais justificar os juizos do snr. Castilho.

Pelo contrario, se os boers se aguentarem, o ousio dos inglezes ha de diminuir muito.

Um laureado escriptor portuguez, o snr. Antonio Ennes, disse ha pouco n'um primoroso artigo que ninguem poderia vencer a Inglaterra.

Apesar da sua superior opinião, vamos formular duas hypotheses que a modificam, e se não contradizem.

E' a primeira de os boers triumpharem até ao ponto de fazerem a favor da sua raça a união sul-africana, e a segunda de elles conseguirem apenas a sua independencia, com augmento ou não de qualquer porção de territorio de menos importancia.

A primeira hypothese suppõe que elles de facto vencem a Inglaterra, até ao ponto de, juntos com os *africanders* imporem duras condições.

Em tal caso suppomos que a Inglaterra humilhada recorria á Allemanha e Portugal para compor a questão, e uma solução n'estas condições seria a mais conveniente para o equilibrio da Africa do Sul, e para os interesses allemães e portuguezes. A acção collectiva das tres potencias reduzia logo a justos limites as pretensões boers.

Como compensação do auxilio, se elle chegasse a ser importante, Portugal poderia receber parte da Rhodesia, sobre o Zambeze. A Allemanha poderia receber parte de Khama e Bechuana. A Inglaterra conservaria o Cabo, o Natal e parte do hinterland.

Na segunda hypothese a Inglaterra, depois de restaurar o seu prestigio, equilibrando o poder boer com algumas victorias alcançadas, acceita a paz com a base da independencia pura e simples do Transwaal e Orange.

Para nós tambem é conveniente esta solução, e em qualquer dos casos nenhum perigo soffre Lourenço Marques nem Moçambique.

Na opinião do sr. Mousinho, o Transwaal «é o paiz que tem mais interesse em que Lourenço Marques se conserve portuguez, desde que se desfizeram todas as illusões sobre a possibilidade de tomar posse d'este porto».

O snr. Augusto de Castilho diz:

«O Transwaal prefere que esse porto esteja nas nossas mãos, porque não somos visinhos capazes de lhe ser perigosos.

«A lenda de que o Transvaal anda á procura de um porto de mar vem de longe, e não teve por certo origem no espirito dos que governam a republica.

«Se o Transvaal quizesse ter um porto de mar, teria acceite as propostas que lhe teem sido feitas pelos inglezes, para occupar um porto na Suazilandia, o snr. Kruger entende que possuir um porto de mar seria antes uma causa de fraqueza, do que de força e prosperidade para o seu paiz.»

Por consequencia, o porto de Lourenço Marques e a provincia de Moçambique só correm perigo com o completo triumpho inglez e a possibilidade d'este não se antevê.

Tratando devidamente da provincia, n'um periodo de cincoenta annos a colonisação ou occupação portugueza podia servir de base para a sua independencia no caso em que ella corresse algum perigo, e então, Moçambique operaria por conta propria, como está já fazendo o Transvaal, e como farão brevemente as colonias inglezas.

Portugal não pode ter a pretensão de resolver durante o seu dominio todas as questões de fronteiras, e a historia prova que quem mais cedo se desenvolve e emancipa, é que melhor assegura o triumpho e o futuro.

Julio de Oliveira,

Tenente de caçadores.

Alfredo de Leão Pimentel

Partiu para a provincia de Moçambique este nosso dedicado amigo, collega na redacção d'esta «Revista» e um dos seus mais enthusiastas fundadores.

A fé, a grande crença que elle tinha e tem de que só pelo estudo e pelo trabalho util é que a nossa arma póde e deve reivindicar a posição proeminente que lhe compete no meio do exercito, tornou-o um apostolo, e n'esse apostolado elle pôz toda a sua alma.

Alma franca e sincera, caracter honesto e digno, espirito lucido e investigador, o alferes Leão Pimentel partiu para a Africa com a mais nobre e a mais pura das intenções.

Deseja cooperar n'essa grande obra, n'essa colossal obra da reconstrução moral e material do Portugal maior, entrando para essa lucta com o coração despreoccupado de outras ambições que não sejam as ambições de prosperidade, felicidade e gloria para o nosso paiz.

Por isso, logo que deixou os bancos das escolas, entregou-se, com uma tenacidade e uma perseverança verdadeiramente notaveis, ao estudo dos varios problemas que agitam a questão colonial.

Durante alguns annos o seu trabalho, a sua grande predilecção consistia em amontoar materiaes para essa obra generosa e abençoada a que se jogou cheio da mais viva esperança, e illuminado pelos fulgores dos generosos sentimentos da mocidade.

Deixa-nos bem viva a saudade da sua agradavel camaradagem, da dedicação da sua lealissima amizade.

Mas o seu espirito viverá sempre n'esta «Revista,» que elle ama tão entranhadamente, e os seus trabalhos sobre questões coloniaes continuarão a honrar estas pa-

ginas, que elle ajudou a crear com tanto affecto e com tão sinceros e altruistas sentimentos de amor pela nossa arma.

Todos os nossos votos são para que o alferes Leão Pimentel seja muito feliz na sua sancta cruzada.

Que as desillusões das cousas não lhe enfraqueçam o animo, lhe não esmoreçam os seus propositos nobres e alevantados, e prosiga, como verdadeiro homem de bem que é, no seu trabalho util, encouraçando-se dentro da sua consciencia e tendo como ideal supremo o ideal do nosso Portugal.

REVISTA DO ESTRANGEIRO

RUSSIA

(Continuado do n.º 12 do 2.º vol.)

A infanteria Russa

O combate

Preparação do assalto—As companhias destinadas a formar a linha de atiradores (zjep) avançam por secções de costado ou em linha desenvolvida. A 2:000 passos da linha inimiga, marcham n'uma fil-ira e vão ganhando terreno lentamente, não parando, a menos que se apresentem objectivos favoraveis. A uma distancia da posição do adversario, comprehendida entre 1:400 e 1:000 passos, começam o fogo se, excepcionalmente, não o tiverem já começado. Esta primeira escaramuça é algumas vezes violenta a ponto de necessitar-se o reforço da linha de atiradores e um abastecimento de munições. O commandante fixa assim as suas disposições definitivas e a direcção torna-se invariavel.

As mudanças de posição fazem-se a principio a passo e simultaneamente em toda a linha (1); evita-se o

(1) Em terreno coberto as secções marcham em ordem unida; são ligadas entre si por sentinellas de communicação.

emprego do passo gymnastico, a fim de poupar as forças que mais tarde o assalto ha-de exigir; todavia vêem-se companhias inteiras attingir, correndo, uma nova posição, emquanto outras, paradas, fazem fogo; em certas unidades muito expostas á fuzilaria do adversario, o movimento d'avanço executa-se homem por homem. Esta ultima maneira de operar, muito pratica em terrenos d'exercicio, sel o-ha muito menos no campo de batalha, em que é necessario contar com o instincto de conservação, muito mais intenso no homem isolado.

Os *altos* da linha de atiradores são os mais curtos e os menos frequentes possivel. Na circumscripção de Kiew o general Dragomiroff prohibe terminantemente que se deitem ou ajoelhem durante estes altos (1).

A fim de fazerem o movimento de avanço, destaca-se muitas vezes para o flanco, n'uma posição vantajosa, um batalhão que faça fogo sem interrupção sobre o adversario quando a linha de atiradores avança e cessa o fogo, logo que esta o começa.

A 500 passos do innimigo o fogo torna-se tão intenso quanto possivel.

As reservas (reserv) avançam nas formações que menos as exponham ás perdas: umas companhias marcham por secções de costado, dispostas no mesmo alinhamento, em xadrez ou em escalão, outras marcham em linha desenvolvida de filas abertas, com as suas secções em xadrez. As fracções de reserva pertencentes a uma mesma unidade marcham reunidas tanto quanto possivel. Além d'isto, a reserva geral marcha na direcção do ponto fraco da linha de atiradores ou do ponto escolhido para o ataque. A distancia que separa as reservas da linha de atiradores, é sempre menor que a que existe entre a linha de atiradores e a linha inimiga; esta regra, d'uma applicação facil e juntamente com a utilisação intelligente do terreno, dá mais mobilidade aos movimentos das reservas e segurança aos dos atiradores.

Assalto – No momento em que o fogo termina a sua obra, as reservas attingem a linha de atiradores, esfor-

---

(1) O general Dragomiroff nota com effeito que ferir um homem não é coisa muito facil em tempo de paz, desde que se atire a mais de trezentos passos; portanto, porque se não ha-de apressar o movimento?

çando-se por não se misturarem com esta: é agora a bayoneta que vae operar. As filas cerram-se (1), as secções formam blocos; rufam os tambores, tocam as cornetas e as musicas; o objectivo é de todos conhecido; é necessario, n'este momento decisivo, ir para a frente, sem se preoccupar com o que acontece ao lado. A marcha faz-se n'um passo rapido, vivo, nervoso; regula-se pelos mais avançados, e faz-se fogo caminhando, se o assalto não é dado de muito perto. O ataque á bayoneta não é simultaneo em todos os pontos da linha; cada companhia esforça-se por ser a primeira a attingir o adversario; ao grito de *hourrah!* pronunciado pelo seu commandante e repetido pelos officiaes e sargentos, as quatro secções lançam-se sobre o inimigo com toda a velocidade no meio de hurrahs indefinidamente prolongados.

A perseguição é das mais energicas, e esta phase do combate é assignalada tambem d'uma maneira especial; o fogo empregado é o fogo vivo. Até ao momento decisivo uma parte da reserva fica disponivel para fazer frente aos contra-ataques provaveis.

Quando o assalto é repellido, a retirada executa-se n'uma marcha vagarosa e na maior ordem; o fogo é executado pelas diversas fracções, convenientemente collocadas, ou, antes, por atiradores isolados, que param, fazem frente ao inimigo, descarregam a arma e se juntam á linha de atiradores.

(Continúa).

Assistencia Nacional aos Tuberculosos

Todos os louvores e todos os applausos são poucos para agradecer a adoravel iniciativa de S. Magestade a

(1) «Marchae em enxames durante a preparação pelo fogo; marchae agrupados para o ataque á bayoneta; é com o punho cerrado e não com os dedos afastados que se fere». (Dragomiroff).

Rainha, fundando no nosso paiz a *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*.

Ninguem ignora que um dos maiores males que affligem hoje a humanidade é essa doença terrivel, que em Portugal joga para a valla fria da morte centenares, milhares de vidas.

Confrange-se-nos o coração ao lermos as estatisticas e quando recordamos que, cada existencia assim roubada ao nosso convivio pela tuberculose, representa um martyr de um soffrimento cruel, implacavel.

A miseria, é o grande factor d'essa desgraça. Os organismos depauperados pela insufficiencia da alimentação e pela insufficiencia do meio hygienico em que vivem, contrahem a doença terrivel, que, contagiosa como é, não só se transmitte de pae para filho, pela hereditariedade, mas tambem de pessoa para pessoa.

Oppor uma barreira a este mal immenso, empregar todos os meios para evitar a sua propagação, attenuar e accudir ao soffrimento d'esses desgraçados que tanto mais soffrem quanto maior é a sua pobreza, é a acção mais meritoria d'este mundo, e que deve necessariamente arrancar de todos os corações generosos uma exclamação de enthusiastico applauso.

A *Revista de Infanteria* chama a attenção de todo o exercito para esta obra generosa e sancta da nossa Rainha, que para ella deseja todos concorram na *proporção dos seus meios e recursos*.

Assim nol-o acaba de communicar a benemerita commissão que, sob a presidencia da nossa Augusta Rainha, dirige a *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*.

E o appello que fazemos a todos os nossos camaradas por certo não será em vão, porque o exercito que reflecte em si todas as alegrias e todas as glorias da patria, tambem soffre com ella das suas tristezas e dos seus infortunios.

BIBLIOGRAPHIA

O Internato — Discurso lido na sessão solemne da abertura das Aulas e distribuição dos premios no anno lectivo de 1899-1900, por José Estevão de Moraes Sarmento, director do Real Collegio Militar.

Acabamos de ler este notabilissimo discurso e ainda nos sentimos empolgados por tudo quanto de bello elle encerra, já considerado como peça oratoria, já como lição philosophica de alto conceito.

E na verdade, o snr. conselheiro Moraes Sarmento que é, sem contestação, um dos mais notaveis escriptores militares do nosso paiz, um pensador profundo e um erudito, urdiu a contextura do seu bello discurso com tal arte e tal encanto, entretecendo a forma elegante e genuinamente litteraria com os conceitos de uma vasta erudição e reflectido exame, que a gente não sabe bem que admirar mais, se a forma litteraria se a sabia lição.

Esse discurso, pondo em relevo os primores da grandeza da sua alma generosa, mais faz realçar tambem o interesse, a dedicação, a canceira de todos os seus esforços sinceros e valiosos para o progresso, para o engrandecimento, para honra e utilidade do estabelecimento de ensino confiado aos seus cuidados.

O snr. coronel Moraes Sarmento não quer conquistar louros na direcção do Real Collegio Militar, nem precisa delles quem tem tão larga e tão honrosa folha de serviços no exercito, na imprensa, no Parlamento e até nos conselhos da Coôra.

E' o cumprimento do dever que o impelle ao estudo e ao trabalho; é o amor ao exercito e ao paiz que o obriga a avançar pelas etapes do progresso; é a consciencia da importancia da sua incomparavel missão paternal que lhe inflamma o espirito e o guia, por esse caminhar fecundo, que se desentranha em beneficios reaes para essas creaturinhas tenras, que constituem uma esperança do exercito e que absorvem toda a nossa sympathia.

Registando nesta pagina a impressão que nos deixou o discurso, por todos os titulos notabilissimo, do sr. coronel Moraes Sarmento, nós cumprimos o grato dever de agradecer cordealmente a delicadeza e a amabilidade inexcediveis da dedicatoria, que traduz a expressão sincera de uma amizade que muito nos honra e muito nos distingue.

Curso de Topographia, por *A. Mendes d'Almeida*, capitão de engenheria, lente adjunto da Escola do Exercito, e *Rodolpho Guimarães*, tenente de engenheria, socio correspondente da Academia Real das Sciencias; prefaciado por *L. F. Marrecas Ferreira*, tenente coronel de engenheria, lente da Escola do Exercito, socio correspondente da Academia Real das Sciencias.

A verdade é que o livro que temos sobre a nossa mesa de trabalho, e que nos foi amavelmente offerecido pelos seus illustres auctores, dois officiaes que sendo ornamento da arma de engenheria honram o exercito a que pertencem, é daquelles que nos veiu desopprimir de uma situação quasi humilhante em que nos encontravamos com referencia ao estudo da topographia.

Tinhamos que nos soccorrer de livros estrangeiros.

Até que emfim! foi a exclamação expontanea de alguns nossos camaradas que viram o livro.

Esta exclamação traduz bem a necessidade de uma obra deste genero e justifica plenamente a proposição escripta pelos authores nas primeiras paginas da obra: *A elaboração do livro, que apresentamos, era, pois, inadiavel.*

E era.

Honra pois aos nossos dois illustres camaradas da arma de engenheria pelo serviço que acabam de prestar ao exercito.

Com referencia ao valor intrinseco do livro apenas diremos que não conhecemos obra alguma identica tão clara, tão elucidativa, tão bem esplanada, tão completa, e que exponha a douctrina por meio de *regras tão simples, motivadas, senão justificadas, por principios que se refiram aos pontos principaes das questões, deixando de parte os pontos secundarios.*

Está apenas publicado o 1.º volume da obra, que comprehende cinco capitulos, a saber:

Cap. I *Figurado do terreno e suas fórmas;*

Cap. II—*Leitura e copia de cartas;*

Cap. III—*Orientação;*

Cap. IV—*Planimetria* (determinação de distancias e angulos);

Cap. V—*Execução da planimetria.*

O 2.º volume, que está em preparação, comprehenderá seis capitulos:

Cap. I—*Nivelamento;*

Cap. II—*Instrumentos de planimetria e nivelamento;*

Cap. III—*Sondagens;*

Cap. IV—*Levantamentos especiaes;*

Cap. V—*Levantamentos expeditos;*
Cap. VI—*Cartographia.*

A estreitesa do espaço, que desgraçadamente dispomos, não nos permitte fazer uma larga referencia a trabalho tão conscienciosо, tão util e de tão largo folego. Mas não podemos deixar estas linhas sem nos referirmos ao admiravel PREFACIO do snr. tenente coronel Marrecas Ferreira, não só pela forma encantadora com que revestiu as palavras de apresentação do livro, não só pela maneira elegante e primorosa, profundamente verdadeira e justa com que se refere á estatura scientifica dos dois notaveis engenheiros Mendes d'Almeida e Rodolpho Guimarães, mas tambem pela grata saudade que sentimos do nosso antigo mestre e velho amigo, mestre e amigo de ha 26 annos, ao qual nos prende e liga todo o reconhecimento do que aprendemos das suas sabias lições.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuado do n.º 12 do 2.º vol.)

—1899—

Bandas de musica—hymno real—Ordem circular n.º 15 E da 1.ª divisão militar, de 12 de maio de 1899.

Sempre que as bandas regimentaes ou charangas se achem tocando em qualquer local por onde transitarem Suas Magestades deverão á primeira passagem dos mesmos Augustos Senhores interromper a peça que estiverem tocando e executar de pé o hymno real.

Recenseados ausentes—Avisos aos procuradores dos mancebos caucionados nos termos do art. 166.º do regulamento de 6 d'agosto de 1896.—Circular n.º 31 da 2.ª repartição da secretaria da guerra de 13 de maio de 1899.

Diz que para os commandantes dos districtos de rec. e resoderem informar os procuradores dos mancebos que prestaram a caução a que se refere o art. 166.º do regulamento de 6 d'agosto de 1896, sobre o direito destes se remirem antes da inspecção sanitaria, evitando-se assim tanto quanto possivel o levantamento de autos de refractarios e desertores se sollicitou dos Governadores civis o que consta da seguinte—Circular n.º 31 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 13 de maio de

1899 (Sollicita—em nome do ministro da guerra—dos governadores civis, remessa aos commandos das divisões ou commandos militares das Ilhas, de copia das relações a que se refere o n.º 7.º do art. 26.º do regulamento de 6 d'agosto de 1896 dos mancebos que prestaram caução nos termos do artigo 166; a fim de que os commandantes dos districtos de rec.º e res.ª possam ter conhecimento dos mancebos recenseados que prestaram caução, para regularidade do serviço de recrutamento e interesse dos alludidos mancebos.

Addidos—Concertos de vestuario e calçado.—Circular n.º 6 da 2.ª repartição da Direcção d'Administração militar, de 17 de maio de 1899.

Tendo-se procedido de differente modo na confecção das relações de concertos nos artigos de vestuario e calçado das praças addidas, passando algumas vezes n'ellas recibo apenas os artifices e outras, a seguir áquelle, o conselho administrativo do corpo ou unidade, para se justificar o seu pagamento pelos conselhos adminitrativos dos corpos a que pertencem as praças, o que é mais regular; diz que de futuro não deixe de passar recibo o conselho administrativo que tem a haver, dos dos corpos a que pertencem as praças addidas, a importancia satisfeita.

Recrutas—Fallecidos—Circular da 1.ª divisão militar, de 23 de maio de 1899.

Diz que em virtude de determinação do ministerio da guerra só se lançará a verba de fallecimento no livro de recrutamento em face das respectivas certidões d'obito, e quando estas não possam ser alcançadas, far-se-ha menção na casa «Observações» da informação das auctoridades administrativas como simples esclarecimento.

1.os e 2.os cabos supranumerarios—Circular n.º 59 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 5 de junho de 1899.

Auctorisa a promover a 1.os e 2.os cabos, ficando supranumerarios, numero igual a metade do dos licenceados nos termos do n.º 1.º da circular da mesma repartição, n.º 8, de 7 de setembro de 1898.

Recrutas da 2.ª reserva a quem foi permittido alistar-se no activo—Ordem da 1.ª Divisão militar n.º 22 de 11 de julho de 1899.

Diz que em virtude de ordem do ministerio da guerra de 10, se averbe aos recrutas alistados no activo nos termos do n.º 24 das instrucções de 1 de setembro de 1896 (opção pelo serviço activo no acto do sorteio), nas notas biographicas, o seguinte: «Foi destinado á 2.ª reserva, sendo-lhe permittido alistar-se no activo».

Averbamentos—Liquidação do tempo de serviço—Circular n.º 36 da 2.ª repartição da Secretaria da guerra, de 20 de julho de 1899.

Manda observar a 22.ª das disposições geraes para a escripturação dos livros de matricula, nas folhas de registo e cadernetas militares com respeito a verbas que não tiverem casa especial, exceptuando-se a «liquidação do tempo de serviço» que será feita na casa «assignatura do commandante» nas folhas do antigo modelo.

Arma para que foram apurados—Circular n.º 36 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 22 de julho de 1899.

Diz que o averbamento da arma para que os recrutas foram apurados só é escripturado quando o alistamento tem logar na 2.ª reserva.

Alpercatas—Circular n.º 9 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 22 d'agosto de 1899.

Determina que as alpercatas para uso das praças apeadas tenham um salto constituido por uma só, mas espessa, folha de couro, solidamente cosida á sola ordinaria dos mesmos artigos; ficando assim alterado o padrão estabelecido pela circular n.º 9 de 21 de dezembro ultimo.

Alpercatas—Circular n.º 8 da 2.ª repartição da direcção de administração militar, de 6 de setembro de 1899.

Diz que é de 60 réis, em cada par de alpercatas, o augmento aos preços por que foram contractados; em vista do addicionamento de um salto ao padrão que fôra estabelecido.

Polvora, dynamite e outros explosivos—Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 6 de setembro de 1899.

Determina que a polvora, dynamite e outros quaesquer explosivos apprehendidos pela guarda fiscal e entregues nos paioes dos corpos e estabelecimentos militares podem ser desde logo empregados na totalidade ou em parte nos exercicios dos sapadores dos corpos. A parte que não fôr applicada nos alludidos exercicios, poderá ser entregue por ordem dos generaes commandantes das divisões aos directores das obras publicas e a quaesquer outros engenheiros directores d'obras em execução por conta do Estado quando lhe fôr requisitada. Mais determina que a parte d'ellas que não fôr applicavel nos exercicios dos sapadores nem nas obras do Estado seja destruida, a fim de não pejar os paioes militares, que muitas vezes não estão em condições de armazenar grandes quantidades d'aquelles explosivos.

Tempo de serviço—Circular urgente n.º 1:577 da 2.ª repartição da Secretaria da guerra, de 13 de setembro de 1899.

Diz que é applicavel a obrigação do tempo de serviço (por 15 annos) nos termos do § 1.º do artigo 208 do decreto de 7, a todos os que se alistaram ou vierem a alistar-se nas unidades activas ou de reserva desde 11 inclusivè.

Abonos e liquidações de despezas—Circular n.º 16 da 5.ª repartição da Secretaria da guerra, de 20 de outubro de 1899.

Determina que passem a ser enviados directamente ao chefe da repartição d'abonos e processo do serviço d'administração militar todos os documentos relativos a abonos e liquidação de despezas, que se remettiam ao director da administração militar e aos fiscaes; incluindo-se n'este numero os recibos de soldo e mais vencimentos dos officiaes, os titulos para abonos de pret e mais vencimentos das praças e as relações mensaes desses vencimentos e competentes resultas.

3.º Anno Fevereiro—1900 N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

A campanha contra o MATACA

A *Revista de Infanteria* acompanha o jubilo nacional pelas gloriosas victorias alcançadas, contra as tribus guerreiras do Kuamba e do Mataca, na provincia de Moçambique, pelas duas companhias do regimento de infanteria n.º 5, do commando do bravo e heroico major Manoel de Sousa Machado.

Fraternalmente abraça a todos os officiaes da columna de operações, felicitando-os pelo seu heroico esforço, pela sua nobre tenacidade nos sacrificios da mais extraordinaria marcha de guerra que se tem feito em Africa, e pela sua patriotica abnegação soffrendo as maiores privações e desconfortos que se possa imaginar.

Quando a nossa *Revista* for dada á estampa, já estarão emfim repatriados todos esses benemeritos, que tendo praticado acções valorosas e esforçadas, se *libertaram da lei da morte*, com a consciencia despreoccupada de quem apenas cumpriu o seu dever, de quem apenas deu á patria um pouco d'este amor ardente que nós todos devemos á terra que nos foi berço.

Já estarão, emfim, reunidos esses nobres soldados no seio da familia, e entre lagrimas de alegria e commoções de saudade, á noite, á lareira, n'esses serões da aldeia, quando as portas se fecham e todas as abominações da rua ficam lá fóra, contarão elles os seus sacrificios, os seus trabalhos, as suas privações, todas as vicissitudes

da rudé vida de campanha no sertão, recebendo como doce linitivo do muito que fizeram as bençãos de suas mães, que symbolisam n'este momento as bençãos de todo este paiz.

Honra aos bravos soldados da campanha do Mataca.

Honra aos heroicos officiaes da expedição.

Honra ao seu valente e destemido chefe.

A PROMOÇÃO POR ESCOLHA

Algumas gazetas de Lisboa fizeram correr mundo a noticia de que se pensava em estabelecer no nosso exercito o principio da promoção por escolha.

Custa-nos a acreditar que se pense em semelhante medida, e até nos quer parecer que tal ideia não passa da mente exaltada, da mente irreflectida de quem apenas divaga pelos páramos de um ideal theorico que teria a suprema desventura de lançar a desordem no exercito, acarretando-lhe um anniquilamento fatal.

Promoção por escolha num paiz sem disciplina social, onde o empenho campeia desenfreadamente, onde a falsa politica corroe o arcabuço da nação, onde a padrinhagem corrupta de mãos dadas com a falta de seriedade e de criterio na administração do estado tem aproveitado esta longa paz para perder e desgraçar este pobre povo, ha lá cousa mais nefasta, mais prejudicial, mais temerosa do que a promoção por escolha no exercito portuguez?

Por Deus não pensem n'isso!

A tradição secular, esta norma seguida, sem opposição e sem constrangimento de ninguem, de se respeitar a antiguidade como legitima authoridade, não dando nunca logar a empenhos, nem a gravames, nem a injustiças,

nem a represalias, essa tradição, que representa talvez uma das cousas mais sérias, honestas, respeitaveis e respeitadas no meio do exercito, pode lá ser protrahida por toda essa cohorte inconcebivel de desgostos, de anniquilamentos, de ameaças, de corrupções e até de infamias, que traria a promoção por escolha entre nós?

Não pode ser.

Desgraçada ideia.

A *Revista de Infanteria* comprehende, como comprehende todo o exercito, que é indispensavel que os differentes graus da hierarchia militar sejam occupados por pessoas idoneas.

A competencia profissional, a capacidade de commando e de direcção, a elevação do caracter, o espirito de justiça, a abnegação, o exemplo nos sacrificios e nos trabalhos, todo esse thesouro moral que aformosea e abrilhanta o prestigio do official, constitue o elemento primacial para que a authoridade militar seja respeitada.

Completamente de accordo.

Quem não tiver esses requisitos não pode ser chefe.

Mas nós não precisamos sahir das nossas leis para que haja uma garantia segura da idoneidade dos nossos chefes.

Haja a selecção como ella está prevista, mas uma selecção conscienciosa e justa, e depois de colligidas todas as provas sérias e concludentes da capacidade moral e profissional do official seja a norma da antiguidade a unica regra invariavel, inquebrantavel, da nossa promoção.

Nunca o arbitrio, nunca a porta falsa do empenho, nunca a preversão moral de tanta consciencia independente e digna que até hoje jámais se rojou a pedir favores quando só aspira á justiça, nunca a entrada d'essa repugnante e odiada politica partidaria no meio do exercito, nunca o capricho, filho de uma sympathia que é, desgraçadamente as mais das vezes, falsamente inspirada.

Nunca!

E não nos fallem no exercito allemão, pois que sobre esse assumpto muito tem que dizer esta *Revista*, e ha de dizer opportunamente, porque nós queremos que o nosso exercito se eleve á altura dos mais instruidos exercitos europeus, mas urge começar pelo principio e não pelo fim.

Para longe tal ideia da promoção por escolha.

N'uma epocha como esta que atravessamos, em que tanto se tem fallado em *perequação*, em que os altos poderes do estado convencidos das extraordinarias e não justificaveis desegualdades nas promoções das differentes armas procuram, não sabemos se de boa fé ou se apparentemente apenas, attenuar taes desegualdades, vem a proposito frisar bem os seguintes pontos.

Ha na arma de infanteria 49 coroneis e nas outras armas todas reunidas 45.

Pois existem apenas 7 generaes de infanteria e 19 generaes nas outras armas!

O que é que justifica esta desegualdade?

Mais ainda.

Existe um quadro de 85 majores de infanteria e 6 majores do Corpo de Estado Maior. Pois em 1899 foram promovidos 7 capitães de infanteria e 4 capitães de Estado Maior.

O que justifica tamanha desproporção?

Ha capitães de infanteria que são alferes de 1876, emquanto que todos os alferes de 1886 e até algum de 1887 do corpo de Estado Maior são já majores!

Porque esta estrella da fortuna em differentes armas, num exercito que tem vivido em paz, e que se algumas campanhas tem tido em Africa, teem incidido essas campanhas com mais intensidade na arma de infanteria?

E como se tudo isto fosse pouco, vendo o exercito com espanto que quanto mais se pensa theoricamente em leis e principios e regras sobre perequação, na pra-

tica maiores desegualdades existem, e como se tudo isto fôra pouco, repetimos, surge no horisonte das nossas desgraças o phantasma negro da promoção por escolha!

Não acreditamos que tal medida seja posta em pratica, porque o desgosto que já lavra tão fundo na arma de infanteria seria de tal modo abalado por medida tão contraria aos interesses do estado, á harmonia entre o exercito e até á propria disciplina, que por certo mão poderosa e vigilante saberia a tempo evitar tal calamidade.

Queremo-nos referir a S. Magestade El-Rei, em quem o exercito confia.

Notas de um expedicionario

1897—1898

Manhã de verão clara e limpida, muito cheia de sol. Dia de embarque. O *D. Amelia*, o vapor escolhido para o transporte das tropas singra Tejo abaixo, no inicio da rota que o levará a Moçambique, emquanto de terra estrugem as acclamações dos que ficam; e n'um grande clangor de metaes ritinem, como um hosanah de glorias, as notas do hymno nacional.

Durante todo o dia 12 de agosto de 1897, dia da partida, não se organisou serviço algum definitivamente. Extranhava-se a vida de bordo e apprehendiam as imaginações, as incertezas d'um futuro vago.

No dia 13 de manhã, depois do almoço que correu alegre e animado, o ex.^{mo} major commandante apresentou ao snr. Capitão de bandeira, os commandantes das differentes unidades e os chefes dos variados serviços.

Foi-me n'essa occasião commettido o encargo de diri-

gir o serviço da minha especialidade. Depois d'uma demorada conferencia ficou assente que se procurariam todos os meios para que, mantida a hygiene possivel, n'um navio de lotação inferior ao numero de passageiros, que comportava (850 pessoas) se ohviassem todas as causas provaveis d'infecção e assim se evitasse o desenvolvimento de qualquer epidemia.

Detalhou-se o serviço de saude da seguinte forma:

O chefe encarregado da superintendencia de todos as questões da especialidade, dirigiria as enfermarias de bordo e alternaria com o tenente medico de caçadores n.º 5, as obrigações do dia, devendo qualquer dos dois facultativos estar sempre prompto a prestar ao outro a sua coadjuvação, nos casos de complicações graves ou de accumulação de deveres profissionaes. Ao snr. veterinario coube a inspecção do gado que devia alimentar os passageiros; tendo de quotidianamente verificar o estado de sanidade dos animaes destinados á alimentação, e examinar as rezes adquiridas nos portos, onde por ventura se tocasse.

Estabeleceu-se, como definitiva, uma enfermaria, no ponto mais ventilado da coberta da prôa, comportando cinco camas do lado de bombordo e oito camas de estibordo, n'uma das quaes deveria dormir uma das praças da companhia de saude, que, alternando o serviço permanente com outras duas praças, vigiaria os enfermos, durante a noite. Alem d'isto, ficou assente que os facultativos, por sua iniciativa propria, fariam á enfermaria o numero de visitas extraordinarias, que julgassem convenientes, tendo o cuidado de deixar consignado, nas papeletas que se improvisaram a bordo, o seu juizo peculiar ácerca das alterações, no estado morbido dos doentes.

Foi determinado ao sargento da companhia de saude, que tivesse em dia a escripturação da pharmacia, das enfermarias e os cadernos de lançamento do destino das praças doentes; que vigiasse o pessoal subalterno, ao qual foram adidos dois serventes encarregados da ma-

nutenção da limpeza e do aceio da enfermaria. Faltou-n'os um pulverisador para com anti-septicos se desinfectarem convenientemente as enfermarias; e bem assim uma estufa de desinfecção para a asepsia das roupas de cama e de vestuario.

Muitas vezes o rigorismo dos preceitos hygienicos teve de ser abandonado, já pelas condicções do navio, pelas alternativas do bom e do mau tempo, já pelos mingoados recursos de que dispunhamos; e bem falliveis elles foram algumas vezes!

Falliveis até os meios therapeuticos.

Difficil foi a manipulação dos medicamentos, n'uma pharmacia miniatura, contigua á casa das machinas, onde se alteravam pelo excessivo calor as substancias medicamentosas; com uma athmosphera suffocante, especialmente emquanto passavamos a zona intertropical.

Felizmente que, o movimento nosocomial foi relativamente benigno; e se algumas doenças de caracter grave surdiram imprevistamente foram ellas juguladas pelos meios hygienicos ao nosso alcance e por uma therapeutica insistente e perseverante.

No dia 13, na primeira revista geral passada ao toque regulamentar, verifiquei doenças adquiridas em terra e derivadas ou do contagio directo, ou de desvios de regimen — Symptomas venereos, ou embaraços gastricos. De resto, a maioria dos queixosos, eram simplesmente soldados atacados de enjoo, incommodo para elles extranhavel, visto que muitos só agora viam, pela primeira vez, vagas do mar.

As doenças predominantes durante a viagem foram: pharyngo-eamygdalites, rheumatismos, gastro enterites, bronchites e algumas dermatoses, aggravadas pelo calor. Doenças essas devidas ás mudanças de temperatura, á agua potavel, ao uso de alimentos a que os soldados não estavam habituados e ás deficiencias de vestuario.

Recommendei sempre com grande sollicitude, a limpeza corporal, a lavagem amiudada das roupas brancas

e a desinfecção das roupas das enfermarias, operação esta que se fazia grosseiramente, com simples borrifos de agua sublimada ou phenica. Seria tambem necessaria, dada a ausencia de recursos balneotherapicos, a duche matutina, á hora da baldeação. Seria conveniente obrigar o soldado a andar descalço, não só, como principio de limpeza, mas para evitar as quedas tão frequentes em individuos, sem habitos de marinheiro.

De todas as vezes que o tempo o permittia foram adriçadas, durante algumas horas, as cobertas, que eram lavadas largamente, a grandes e continuos jorros d'agua e em seguida borrifadas com uma solução de chloreto de cal. As mantas e as enchergas eram içadas em cabos e expostas demoradamente ao ar. Quando alguma doença teve o perigo de contagio, os seus portadores foram immediatamente isolados, ou passando á enfermaria de menor capacidade, com um servente proprio, ou então para um dos escaleres da ré, convenientemente resguardado, quer das correntes d'ar, quer da acção das vagas.

Nas repetidas e demoradas visitas geraes viu-se que a saude das praças era regular e que, felizmente, as epidemias habituaes em outras expedições, não tiveram largas para grassar damnificadoramente.

Até á ilha de S. Thiago, o numero de casos observados foi de $^{2}/_{00}$, o que representa um movimento nosocomial insignificante.

Em S. Thiago foram evacuados para o hospital, a fim de serem repatriados, os soldados, n.os 20 e 31 da 2.ª companhia de cavallaria 5, os quaes haviam adoecido ao segundo dia de viagem.

Iniciou-se-lhes a doença por um embaraço gastrico febril. Mas, apezar da medicação empregada, a febre presistiu, podendo vêr-se no exame das curvas thermometricas, que antecurrentemente, houvera uma franca infecção palustre antiga, e xacerbada pela perturbação gastrica.

Ora, sendo bem assente que um impaludado é um pessimo soldado no ultramar, um predisposto de difficil

aclimação, e sendo o impaludismo, como o diz Celle, um abysmo que chama outro, e criando um terreno favoravel á eclosão de todas as doenças dos paizes quentes, não hesitei um minuto, em propor que elles abandonassem a viagem e fossem promptamente repatriados. No decurso da rota observei tambem um caso de arythmia cardiaca por lesão valvular. Foi o n.º 32, espingardeiro, da brigada de montanha. A viagem, o enjoo, a inappetencia prejudicaram muito o estado d'esta praça. Era tão diminuta a oscillação do pulso, que por mais de uma vez contei 49 pulsações por minuto; d'ahi a necessidade de ser evacuado, logo ao fim da viagem, para o hospital de Lourenço Marques, a fim de ser reconduzido para o reino. O mesmo destino teve tambem um snr. official portador de uma cystite calculosa e de uma enterite especifica aggravada durante a nossa viagem.

Os medicamentos de que se fez mais uso, a bordo, foram: os purgantes salinos e mechanicos; os cholagogos; os emeto catarticos; os revulsivos e os desinfectantes; os tonicos e os anti-thermicos.

Os pensos empregados, foram pensos mixtos; sendo os appositos a gase anti-septica e o algodão fenicado; os desinfectantes; o acido phenico, o sublimado e o acido borico; o salol e o iodoformio.

O numero de consultas medicas e cirurgicas durante toda a viagem foi de trezentas e setenta e uma.

(Continúa).

E. Pimenta
Tenente-medico.

Organisação de uma escola pratica de infanteria em Italia

Nas columnas d'esta *Revista* sustentámos em tempo a opinião de que seria de alta conveniencia, ao remodelar-se o actual regulamento da nossa Escola pratica, manter n'ella o tirocinio para os ex-alumnos da Escola do exercito antes da sua encorporação nos regimentos, e acrescentámos que o curso da arma só deveria ser considerado como definitivamente concluido, depois da frequencia efficaz de um periodo de instrucção n'aquella Escola.

Foi rudemente impugnada a nossa opinião, (1), entre outros argumentos, mais ou menos fundamentados, apresentou-se o seguinte, que ao tempo era até certo ponto verdadeiro: «Nem a Allemanha, nem a França, nem a Italia, nem os pequenos estados, excepto a Belgica, possuem escolas praticas».

Parece haverem mudado os ventos do lado da Italia, que, á ultima hora, se resolve a fazer companhia a Portugal e á Belgica! E é para extranhar que uma nação, que em tudo quanto respeita a cousas militares copia servilmente o modelo allemão, affastando-se, n'uma questão importante como é a do recrutamento dos officiaes de infanteria, da sua gloriosa mestra, a Allemanha se approxime do pequeno Portugal e imite o seu, valoroso sim, mas, numericamente, insignificante exercito!

Pois o facto vae em breve realisar-se, logo que pelo parlamento italiano seja approvado o projecto do ministro da guerra general Mirri, do qual dá conta a

(1) Tal caracter de diatribe revestiu a replica que, para não convertermos as paginas d'esta *Revista* em campo de inconveniente discussão, resolvemos nada responder aos extraordinarios argumentos apresentados, que não nos venceram e muito menos nos convenceram.

Chronica italiana inserta no n.º 11 da *Revue militaire suisse*, de novembro ultimo, cuja traducção em seguida apresentamos.

—O ministro da guerra, general Mirri, tenciona introduzir algumas modificações nas escolas de Modena e Parma, ambas destinadas á instrucção e educação dos officiaes de infanteria. Até hoje, estes, para conquistarem os seus galões, precisavam fazer um curso de dois annos em Modena, isto é, seguir duas classes de nove mezes de duração cada uma. No final de cada anno os alumnos executavam uma excursão militar: a do primeiro anno era consagrada a um pequeno curso pratico de topographia; na do segundo estudavam manobras sobre o terreno, mudando frequentemente de acampamento.

O ministro, porém, intendeu que o alumno que sáe de Modena não se encontra ainda sufficientemente preparado para entrar no regimento; se possue bastantes conhecimentos theoricos, falta-lhe comtudo a pratica profissional. Em virtude d'este facto proporá ás camaras, segundo parece, modificar a lei sobre as escolas militares, por fórma que os alumnos não passem senão um anno, ou pouco mais, em Modena, para de lá seguirem para a escola central de infanteria, em Parma, onde adquirirão a pratica e os conhecimentos mais necessarios á formação de um bom official de companhia.

N'este anno o ministro enviou já para Parma todos os alumnos do segundo anno da escola de Modena, promovidos a officiaes no mez de outubro, para alli seguirem um curso pratico supplementar, de seis mezes de duração proximamente.

Quanto á escola de Parma, destinada a constituir para a infanteria o que as escolas de applicação de Turim são para a engenheria e artilheria e para a cavallaria a de Pinerolo, a sua importancia augmentaria, devendo-lhe ainda ser incorporada a nossa grande escola de esgrima, actualmente installada em Roma.

A idéa do ministro de augmentar quanto possivel os conhecimentos do official antes da sua entrada no regimento é bôa, e não poderá deixar de ser favoravelmente acolhida pelo Parlamento—».

Por isto se vê mais uma vez que nem tudo o que temos estatuido entre nós, que não representa uma cópia servil do que se faz no estrangeiro, é mau e digno de censura, antes muitas vezes merece louvôr e applausos que nós, porém, só vimos a conceder quando, como no caso presente, vêmos reproduzir lá fóra, n'outros exercitos, o que cá se pratica... embora—e ahi está o nosso grande mal!—nos falte de ordinario o senso pratico necessario para tirarmos completo partido e obtermos resultados verdadeiramente efficazes do que temos legislado.

Pacheco Simões,
Tenente de infanteria.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

(Continuado do n.º 1 do 3.º volume)

O capitão Perdieu (1) não acredita na grande efficacia que muitos, hoje, attribuem ao tiro. Depois de descrever a maneira como elle entende que um combate d'ámanhã se realisará, depois de se referir á *doulourose deception* que M. Dreyse soffreu em 1870, apresenta-nos o seguinte quadro para provar que a percentagem dos

(1) Idées de progrès relatives au tir et a l'armament.

mortos está na razão inversa dos progressos realisados nos armamentos:

Perdas soffridas pela infanteria em diversas batalhas

Annos	Exercitos	Batalhas	%
1757	.....	Kollin.....	40
1758	Prussiano.....	Zorndorf.....	30
1759	.....	Civendorf.....	40
1809	Austriaco.....	.....	30
		Aspern.....	
	Francez.....	.....	30
1812	Francez e russo.	Borodino.....	30
1813	Corpo d'York...	.....	25
		Leipsick.....	
	Corpo de Holest.	.....	35
1815	Inglez.....	Waterloo.....	25
1866	Prussiano.....	.....	8
		Koeniggratz.....	
	Austriaco.....	.....	12
1870	Allemão.....	Woerth.....	13
		Spicheren.....	10
		Vionville.....	19
		Saint-Privat.....	9
		Beaumont.....	5
		Sedan.....	4,5
77-78	Russo.....	Plewna (20 de julho).....	14
		Plewna (30 de julho).....	22
		Plewna (7 a 12 de setembro)..	7

Achamos este quadro realmente interessante, mas com o que nós não podemos concordar é com o fim que o seu auctor o apresenta.

Elle prova, sim, que o numero de perdas tem diminuido, mas isso, quanto a nós, não é uma consequencia da perfeição do tiro, mas sim da tactica.

Outr'ora, nos bellos tempos em que os combates eram perfeitas luctas collectivas de corpo a corpo, nos

bellos tempos em que as massas se chocavam como duas poderosas e temiveis avalanches humanas, para depois se confundirem e anniquilarem, então, sim, que as perdas eram grandes.

A tactica de 1757 não era esta, mas se o auctor as confrontasse veria que eram muito semelhantes nas suas linhas geraes, e se procurasse o % veria que era ainda maior.

Identico quadro se podera formar em que entrassem o desenvolvimento e a perfeição do tiro, o tempo gasto em percorrer a zona baida pelos fogos, os movimentos executados debaixo da acção de fogo, o numero de vezes que os dois adversaros se chocaram, e então veriamos que augmentavam os tempos, e diminuiam os movimentos e o numero de vezes que foi possivel o choque dos dois adversarios.

Então concluiriamos com acerto e verdade que os combates, apezar das perdas diminuirem, augmentavam consideravelmente de difficudades, e que se tornava menor a possibilidade da sua execução.

Só uma pratica evidente e d'effeitos bem palpaveis faria desapparecer todas as duvidas; mas esta falta, recorramos, por isso, a outros meios que nos levem ao fim desejado.

A Allemanha, o grande Areopago dos sabios militares, reconhece a supremacia do fogo, e o seu regulamento de manobras, apezar de ser de 1888, assim o confirma, dizendo: «A nossa infanteria, bem instruida no tiro, está em estado de repellir pelo fogo todo o ataque de frente. O assaltante soffrerá perdas tão grandes e sentir-se-ha tão abalado que uma vez repellido difficilmente poderá renovar o ataque». E accrescenta: «Emquanto não se tenha alcançado a superioridade do fogo, ou que, pelo menos, o inimigo não pareça seriamente abalado, a execução do ataque não é possivel senão com grandes perdas. Deixar-se-ha, pois, actuar o fogo antes de proceder ao assalto...»

Isto mesmo que o regulamento allemão prescreve foi plenamente confirmado nos combates de S. Thiago, e tão bem confirmado que os americanos soffreram um grande numero de baixas, combateram durante muitas horas e até dias e não lhes foi possivel chegarem ao assalto, apezar de terem um effectivo muito maior.

De tudo isto, dito por sabios e auctoridades em assumptos militares, e reconhecidos como taes, indicado pelos regulamentos e confirmado pela pratica, embora, sim, pequena, mas comtudo alguma, devemos tirar qualquer conclusão.

A' bala impellida por uma força poderosa impôz-se a couraça, á couraça resistente oppôz-se-lhe a bala impellida por uma força mais poderosa; aquella, impotente perante esta, foi substituida pela ordem dispersa, diminuindo as fileiras e augmentando as filas conseguiu-se obter um alvo menos vulneravel e mais adaptavel ao terreno e, assim, de processo em processo, de mira em mira, de expediente em expediente, tem-se resistido á acção poderosa do emprego da polvora e das perfeições do armamento.

Apparecem as armas de carregamento facil, quasi assombrosamente facil, e que augmentam extraordinariamente a velocidade do tiro, aperfeiçoam-se as armas e obtem-se uma precizão e justeza quasi mathematicas, vem as polvoras sem fumo, que augmentam extraordinariamente as velocidades augmentando as penetrações, reduzem-se os calibres e obteem-se trajectorias tão tensas que quasi se lhe pode chamar rectilineas, e, apezar de tudo isto, apezar d'estes progressos tão palpaveis e visiveis, a nossa ordenança ainda continúa a crêr e, tem graça! a exigir que os combates d'ámanhã se façam como nos dias aureos da Chassepot e Dreyse, salvo pequenas alterações.

As formações em atiradores com as respectivas reservas, os *lanços successivos* e que tão espectaculosamente e com tanto garbo os vêmos fazer em todos os

campos de manobras, a preoccupação da sua extensão e o rigor do alinhamento das forças que os executam, a preoccupação de que não excedam os 50 metros, porque a ordenança assim o diz, e a ordenança é sagrada (!) são d'uma realisação, quanto a nós, bem pouco pratica e que, embora seja espectaculosa para o publico que a observa, deve ser bem irrisorio para os technicos que a entendem.

Não queremos, comtudo, concluir que a sua execução seja de todo impossivel; na guerra ha occasião para tudo e processos de, dentro de certos limites, alcançar certos fins.

Certamente todos concordam nas grandes difficuldades que haverá em os realisar.

Como a um progresso se oppõe sempre outro progresso ou um meio diverso para alcançar o mesmo fim, procuramos vêr se seria possivel obter este processo.

David A. Rodrigues,
Alferes de infanteria.

A INSTRUCÇÃO DA ARMA

Vamos procurar desenvolver cada um dos pontos que reputamos capitaes para que a instrucção nos corpos de infanteria seja uma cousa séria e util.

O primeiro ponto que tocámos no nosso artigo anterior e subordinado a esta epigraphe foi o dos *impedimentos*.

E na verdade, esta questão, que parece insignificante quando é observada de longe, reveste particular interesse e importancia quando é sentida de perto.

O espirito do exercito reside no espirito dos offi-

ciaes. Quer dizer, o exercito vale o que valer o seu corpo de officiaes. E' um principio consagrado entre os allemães que são os mestres em assumptos militares.

Logo, o primeiro cuidado, o mais incessante cuidado da parte de quem tem a alta responsabilidade de nos dirigir, deve ser escrupulosamente consagrado á escolha dos meios conducentes a erguer bem alto o espirito do nosso corpo de officiaes.

O serviço nos regimentos devia, por todos os meios, moraes e materiaes, ser considerado como o mais honroso, e o mais bem remunerado, por ser o mais espinhoso, o mais difficil e o mais util para a guerra e para a paz.

E sendo assim, por principio algum o official arregimentado poderia ser distrahido para serviço estranho ao do seu regimento.

N'uma palavra, é mister, é impreterivel que o quadro dos officiaes esteja completo nos corpos, para que a instrucção ás praças possa ser cuidadosamente submnistrada, para que se não sobrecarregue o serviço de uns com o serviço dos outros, para que se não quebre estimulos e boa vontade de trabalho, aliás nascidos dos principios santos da justiça e da egualdade, para que se não abata e enfraqueça emfim o espirito dos officiaes.

E' indispensavel haver methodo em tudo para que se possa obter resultados praticos e satisfactorios e rasgadamente uteis para a communidade.

O quadro do estado maior da arma de infanteria, porque é só a esta arma que nos queremos referir, deve ter a latitude necessaria para que os differentes serviços que nós podemos e devemos desempenhar fóra do serviço dos corpos, sejam desempenhados por officiaes d'esse quadro.

Por uma de duas formas se poderia resolver o problema. Ou o quadro dos officiaes do estado maior de infanteria não seria fechado, fixando-se apenas o seu minimo, e oscillando o seu maximo com as necessidades

do serviço publico, ou então calculado rigorosamente em resultado de uma observação exacta das necessidades d'esse mesmo serviço.

Qualquer das duas soluções póde ser admittida com tanto que os quadros dos corpos estejam sempre completos e no effectivo serviço.

Insistimos muito n'este ponto porque estamos habituados a ver corpos com um só official por companhia e até casos tem havido em que só se póde obter um official para duas companhias!

Ora, d'este modo pergunta-se, póde alguem exigir a responsabilidade imposta pelo regulamento ao commandante de companhia no que diz respeito á instrucção dos seus soldados? Póde alguem pensar em tomar a serio um serviço feito n'estas condições? E' claro que não. Logo, o regulamento começa a transformar-se em lettra morta, o abatimento moral a fazer sentir-se no animo do official que, só e desajudado não póde satisfazer a todas as funcções administrativas, de disciplina e instrucção accumuladas com todo o serviço interno e externo dos corpos.

E' um erro de alto valor e que se desborda em prejuizos incalculaveis para o paiz trazer-se o corpo dos officiaes desgostoso, descontente.

E uma das cousas, entre muitas, que muito desgosta a todos e descontenta a todos é essa pratica seguida entre nós de tirar os officiaes das companhias para o desempenho de differentes commissões que só deveriam ser desempenhadas por officiaes tirados do estado maior da arma.

Quando os quadros não estão completos nas companhias a instrucção por companhias é um mal, o serviço não póde ser feito com todo o rigor do regulamento, e o zelo e a dedicação, que tem um limite imposto pela propria natureza humana, vai obliterando-se, concorrendo poderosamente para se abater o espirito militar, criando-se maus habitos, desfazendo-se a cohesão

que nos deve unir a todos, falseando-se os verdadeiros principios, e quando se pretender exigir uma prova séria do exercito vê-se então quão longe isto está do que devia ser.

E a culpa não é nossa.

A culpa é de quem nos prosta n'esta atonia morbida, esmagando as nossas nobres aspirações, desfazendo os nossos ideaes pela causa sancta do bem commum, e roubando-nos a supremacia moral para nos reduzir á miseravel condição de uns empregados publicos mal remunerados.

Por outro lado, o quadro dos sargentos, que são os auxiliares mais valiosos dos officiaes, tambem **nunca** está completo nos regimentos.

Cada companhia deve ter quatro sargentos. Pois poucas vezes tem 2, sendo muito vulgar encontrar companhias com 1 só sargento!

Não se comprehende que isto seja possivel, mas é.

A *Revista de Infanteria* appella para pelo menos haver em cada regimento 3 sargentos por companhia. O nosso ideal não é este, mas cedemos á força das circumstancias e procuramos uma solução pratica.

Sendo assim, arranjava-se um grupo de 264 sargentos para distribuir por todos os serviços estranhos ao serviço regimental e licença para estudos.

Toda a questão se reduzia a distribuir esse grupo egualmente por todos os regimentos de modo que em caso algum podesse cada companhia ter menos de 3 sargentos no effectivo serviço, salvo o caso de doença.

O mesmo com referencia aos cabos que são hoje em numero muito limitado para o serviço de guardas, dias á companhia, dias ao regimento, ordenanças, etc.

E' bom ter sempre presente que ha em todos os corpos os impedimentos regimentaes impreteriveis e que se fôrem aggravados com os impedimentos em serviços estranhos, nunca se póde contar com um cabo para a

instrucção. O cabo ficará sendo a praça menos instruida da companhia porque está sempre de serviço.

Devia tambem haver uma regra para o impedimento dos cabos e era simples, cada companhia só póde ter um cabo impedido.

Conseguindo-se por estes processos, ou outros identicos, manter-se os quadros das companhias quasi completos, isto é, 3 officiaes, 3 sargentos e 8 cabos, faltava manter-se um effectivo rasoavel em soldados para poder haver a necessaria e indispensavel instrucção.

Trataremos d'esse assumpto em outro artigo.

RELATORIO

Organisação da companhia de guerra do regimento de infanteria n.º 4, que destacou para Moçambique em novembro de 1896, e serviços que prestou durante a sua permanencia em Africa.

No dia 7 de novembro de 1896 recebeu o regimento de infanteria n.º 4, pertencente á 4.ª divisão militar um telegramma que era do theor seguinte: «Ordem guerra queira v. Ex.ª ordenar seja nomeada uma companhia infanteria n.º 4 destacar Lourenço Marques, composição pé guerra, organisação 1884 e mais um 1.º sargento, 9 segundos e 16 1.os cabos».

Para cumprimento do determinado n'esta ordem, o regimento, visto que se lhe pedia uma companhia, cingiu-se á circular do ministerio da guerra de 23 de fevereiro de 1895, que estatuia d'um modo claro a maneira de detalhar forças chamadas a prestar serviços no ultra-

mar. A circular na sua disposição 6.ª diz: — Tendo de fazer-se alguma nomeação por escala, observar-se-ha o disposto no art. 203 e § unico do art. 217 do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito (21 de novembro de 1866).

Ora o § unico do art. 217, diz: — O serviço prescripto no art. 203, e que fará objecto do regulamento de serviço de campanha, é todo considerado serviço de honra, e como tal começará pelos mais antigos.

Em harmonia com esta doutrina, organisou-se uma escala dos capitães, por ordem de antiguidade, ficando constituida da seguinte fórma: — n.º 1, Leopoldo José da Costa; n.º 2, Domingos Augusto Ripado; n.º 3, João Augusto Nogueira de Sá; n.º 4, Rodolpho Augusto de Passos e Sousa etc.

Em vista d'isso foi a companhia do capitão Costa mobilisada, e nomeado reserva do commandante o capitão Domingos Augusto Ripado.

Este modo de proceder foi tão legal que nenhum dos capitães nomeados reclamou; mas como aos capitães Costa e Ripado lhes faltasse darem a ultima prova pratica para concluirem o tirocinio para o posto de major, foi esta circumstancia participada ao commando geral da arma de infanteria.

Não se fez esperar a ordem que mandou chamar os alludidos capitães a Lisbôa, afim de ultimar o tirocinio, e, concluido este, foi o capitão Costa submettido á juncta de saude que o julgou incapaz do serviço.

Parece que, n'este caso, deveria o commando da companhia expedicionaria recahir no capitão Ripado. Tal não succedeu! sobre este procedimento não me compete fazer considerações porque de ha muito se acham feitas.

A companhia foi, pois, organisada com o seguinte pessoal.

Capitão,—Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.

Tenente,—João Francisco.

Alferes,—José da Conceição Costa e Silva.
» »—Antonio Nunes de Andrade.
Cirurgião-ajudante,—Humberto Pinto da Costa Araujo.
Praças de pret e suas proveniencias.

Corpos que forneceram os contingentes														Total
Caçadores 8	Infanteria 2	3	4	9	12	14	15	16	17	21	22	23	Presidio mil.ar	
1	1	1	71	15	7	38	1	2	2	66	1	14	2	222

Os consignados nas instrucções publicadas na ord. do ex. n.º 46 de 17 de dezembro de 1890. Os offiiciaes e praças de pret o triplo de soldo e pret desde o dia de embarque até ao dia do desembarque, no regresso. Aos officiaes a gratificação de effectividade; ás praças de pret as gratificações de readmissão a que tivessem direito. Todos, emquanto permaneceram em Moçambique, venceram etape reputada em 200 reis, sendo a das praças de pret encorporada na receita para rancho, bem como a dos officiaes quando em operações.

As ajudas de custo foram 100$000 réis aos officiaes, 18:000 réis aos sargentos e 6$000 réis ás outras praças.

Os officiaes, depois do seu regresso, receberam mais 60$000 réis como ajuda de custo.

O fundo permanente da companhia foi de 500$000 reis abonados pelo ministerio da marinha que recebeu no regresso da companhia.

Cabe aqui consignar aos nobres habitantes de Elvas o nosso indelevel reconhecimento pelo importante dona-

tivo de medicamentos e pensos que offertou á companhia expedicionaria.

No dia 24 de novembro pelas 6 horas p. m. sahiu a companhia do seu quartel em Elvas, seguindo para Lisbôa no comboyo do correio, chegando á estação do Rocio na madrugada de 25, indo alojar-se n'uma extensa officina do edificio da cordoaria nacional.

As praças não ficaram bem alojadas, e muito principalmente por ser na epocha invernosa. Os telhados deixavam passar a agua das chuvas para o interior da caserna, repassando as paredes, e d'ahi o aggravamento das doenças proprias da epocha devido ao meio que as favorecia. O vasto alojamento era tambem um inconveniente para a disciplina, tão necessaria entre elementos tão heterogeneos, já pela sua diversidade de educação militar, já pelos habitos de provincia, e sobre tudo, atacados pela febre de futuros heroes!

Por tal motivo, tornou-se necessario empregar meios os mais energicos, para os unificar e conter dentro dos deveres de disciplina, o que não foi difficil de conseguir sempre, considerando os bons elementos naturaes proprios da companhia.

A companhia permaneceu em Lisbôa até 17 de dezembro. Como o tempo corresse chovoso, a instrucção da companhia apenas se limitou a theorias de tiro e modo de equipar com o equipamento m/1894 que recentemente havia sido recebido.

O embarque para Moçambique realisou-se no dia 17 de dezembro pelas 8 horas da manhã para bordo do «Zaire».

Mais uma vez vou consignar o meu procedimento com respeito á minha nomeação para commandante da companhia expedicionaria. Só depois de ter embarcado toda a companhia, e de ter sido feito o primeiro signal de partida, foi que depositei nas mãos do ex.mo general

commandante da 1.ª divisão militar a minha reclamação, por me julgar illegalmente nomeado para o commando da companhia, pelos fundamentos que atraz deixo expendidos e porque n'aquella occasião, embora se reconhecesse a illegalidade na minha nomeação, seria já tarde para ser substituido, eu seguiria no honroso dever de sustentar e manter os nossos direitos n'essa extensa provincia que tanto sangue custou aos nossos maiores.

Pelas 11 horas a. m. o «Zaire» largou.

A viagem correu sem incidentes, conservando o «Zaire» uma marcha, em media, de 13 milhas, chegando a deitar 14 no golfo da Guiné, tambem chamado, pelos maritimos, *mar das patas* pela serenidade da sua superficie.

Na vespera da nossa chegada á ilha de Moçambique falleceu o soldado da companhia n.º 17 João Faustino, aquem foram prestadas as honras militares por contingentes das forças embarcadas.

Tendo havido a bordo dois casos de variola, o transporte, em S. Thiago, Loanda e Mossamedes, ficou incommunicavel com a terra.

A alimentação a bordo, tanto dos officiaes como das praças, foi bôa, não deixando nada a desejar.

O «Zaire» gastou de Lisbôa á capital de Moçambique 38 dias conforme se vê no seguinte quadro.

De Lisboa a S. Thiago	Gastou 6 dias	demorou-se no pret 1 dia
S. Thiago a Loanda	» 9 »	» » » 2 »
Loanda a Mossamedes	» 3 »	» » » 1 »
Mossamedes a Lourenço Marques	» 8 »	» » » 7 »
Lourenço Marques a Moçambique	» 3 »	» » »
Somma	27	11
Total	38 dias	

Muito seria para desejar que o governo nos futuros contractos com as emprezas de navegação lhes impo-

zesse como obrigação de, nos portos, porem á disposição dos officiaes uma embarcação para estes communicarem com a terra. Isto em nada prejudicaria o serviço de bordo, visto que os navios n'estas condições não tem descarga a fazer.

(Continúa)

Rodolpho Augusto de Passos e Souza,
Major de infanteria.

SECÇÃO COLONIAL

Apontamentos de tactica colonial

CAP. I

TACTICA DE MARCHA

II

Marcha de grandes columnas e comboios.—Formação de columnas ligeiras.—As columnas pódem mesmo fraccionar-se em outras secundarias que marcharão com os seus serviços independentes e isto faz-se para tornar a marcha menos pesada e vagarosa ou para atravessar um terreno muito montanhoso e cortado ou quando convenha explorar os recursos locaes n'uma maior zona. Entre estas columnas que pódem marchar parallelamente, ou atraz umas das outras com um, dois ou mais dias de intervallo e que se prestarão mutuo auxilio, estabelecer-se-hão communicações por meio de patrulhas de cavallaria ou por signaes ou por outro qualquer modo.

Atravessando-se uma região coberta de vegetação e pouco praticavel, é judiciosa a divisão d'um grande corpo expedicionario seguido de numerosa *impedimenta* em dois ou mais escalões, o primeiro dos quaes se deverá aligeirar o mais possivel, para lhe permittir fazer grandes marchas e assegurar a posse de boas posições que garantam a segurança da marcha dos comboios, a

abertura dos caminhos, etc. Eis o que dizia Duchesne na expedição de Madagascar.—«No estado actual do paiz (coberto, pouco praticavel, de trilho penoso) a marcha de frente só póde effectuar-se com rapidez e segurança, fazendo seguir na vanguarda um primeiro escalão aligeirado, com comboio reduzido, constituido por animaes de carga para não poder ser detido por nenhum obstaculo natural. Este escalão actuará rapida e ousadamente, evitando, quanto possivel, prender-se com grandes obstaculos ou demorar-se deante d'elles, antes preferindo torneal-os.

Logo que o movimento offensivo se torne impossivel, escolher-se-ha posição defensiva, com agua proxima, onde se estacionará em segurança, esperando novos reforços fornecidos pelo escalão immediato para poder proseguir a marcha de frente. Um só dever se terá presente: *não recuar nunca*, «pois que o maior perigo com adversarios como os Malgaches começa apenas no momento da retirada.»

Attendendo a estes principios, Duchesne formou 2 escalões (brigadas), um dos quaes constituia a vanguarda aligeirada, como se disse, e o outro escoltava o comboio, alternando ambos n'esta missão, ora formando vanguarda, ora guarnecendo o comboio.

Mais tarde a vanguarda aligeirada com um comboio só de animaes de carga e carregadores (1:500) formado com todos os elementos validos da columna, precipitou-se sobre a capital em marchas prolongadas sem abrir estradas, escaramuçando e combatendo a cada momento e dividindo-se, pela sua parte, em varios escalões o que lhe era imposto pela enorme cauda do comboio que, marchando unido, não permittia uma guarda efficaz e impediria que as tropas da cauda podessem repousar o sufficiente, por chegarem tarde ao acampamento.

Estes escalões eram assim constituidos:

1.º—*vanguarda* (escalão principal de combate, aligeirado, transportando apenas 5 ou 6 dias de viveres): 3 batalhões, 1 pelotão de cavallaria, 8 canhões, 2 companhias de engenharia, uma secção de ambulancia.

2.º—*grosso da columna*, a um dia de marcha do precedente, e destinado a proteger o comboio principal (15 dias de viveres e munições): 3 batalhões, 1 pelotão de cavallaria, 4 canhões, 1 secção d'ambulancia.

3.º—*reserva ou guarda da retaguarda* a 2 dias de

marcha do grosso, 2 batalhões e o seu comboio particular.

As companhias de engenharia iam na frente, alternadamente, protegidas por exploradores e patrulhas, afim de roçar o terreno o sufficientemente para o tornar accessivel aos animaes de carga, desbastar ligeiramente e melhorar as passagens mais difficeis.

Mas não precisamos de ir buscar o exemplo de estranhos.

Na campanha dos namarraes na marcha para Naguéma, o snr. major Mousinho d'Albuquerque, para tornar a marcha menos morosa, resolveu aligeirar a columna, seguindo sem carros, adoptando estas disposições:—A columna avançava sem carros e com um dia de viveres a dorso. O comboio formava *laager* no sitio occupado pela columna. Parte da marinha e de infanteria 4 seguia, ficando outra parte no *laager*.

A cavallaria marchava com as praças montadas, ficando as outras no *laager*. A artilheria seguia toda com as munições a dorso, excepto uma Gruzon. Um facultativo ficava no *laager* com o carro de ambulancia, seguindo todas as macas e mochilas de viveres. A 1.ª companhia de guerra marchava toda. A's 6 da manhã sahiam a desbastar ligeiramente o matto os trabalhadores e auxiliares, alguma marinha e cypaes; 2 horas depois seguia a columna com 8 muares com os viveres e munições. (Vide fig. 7.ª).

Em geral, sempre que se trate de augmentar a rapidez da acção militar, de effectuar uma perseguição, de praticar um golpe de mão, será forçoso recorrer a uma columna ligeira que transporte comsigo os viveres e bagagens indispensaveis para a duração das operações que se pretendem realisar. O comboio ficará á retaguarda em posição favoravel, formando reducto com as bagagens sob a protecção d'uma força de confiança a que se juntarão os doentes e estropiados; os expedicionarios transportarão sobre si apenas a espingarda, munições, viveres de conserva (rações de poupança ou de resistencia) uma manta ou capote e o impermeavel. As columnas ligeiras convem que disponham do maximo de cavallaria ou, melhor, de infanteria montada, quando não possam ser exclusivamente constituidas por esta.

Tem-se lançado muitas vezes mão da infanteria montada, improvisando-a até *ad hoc* com animaes de

carga aproveitaveis, muares... Póde mesmo appelar-se para a formação d'um corpo cujo effectivo em solipedes seja $^1/_2$, $^1/_3$ ou $^1/_4$ do de homens, afim de descançar estes, pois as tropas manter-se-hão alternadamente montadas e a pé, permittindo-se-lhes assim descançar das fadigas do percurso. Se a proporção de muares fôr grande, maior será a velocidade das marchas e maiores as etapes realisaveis. *(Vide infanteria montada)*.

III

Marchas de noite—A marcha de noite é de emprego absolutamente excepcional. Sob os pontos de vista militar e hygienico é mais perigosa que feita de dia. Os inglezes no Sudan (1884-85) marchavam de noite, de preferencia, attendendo-se, comtudo, a que assim podiam proceder por não serem pantanosas as regiões atravessadas e marcharem em terreno descoberto (areaes e culturas).

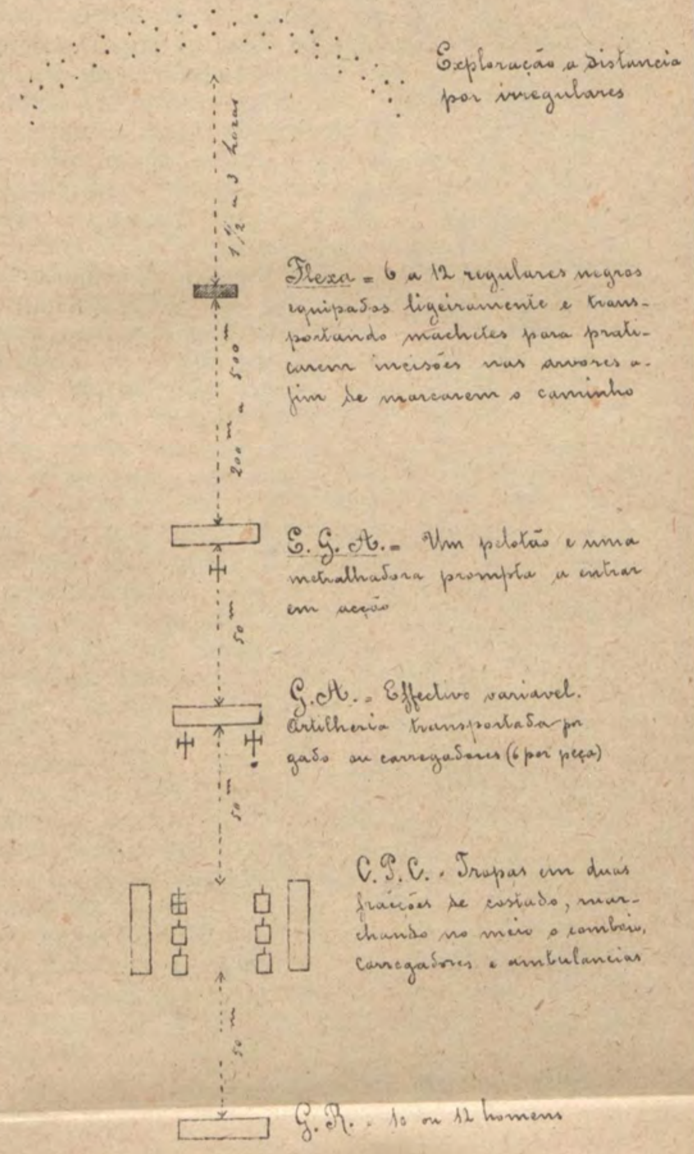
As marchas de noite são, de resto, muito fatigantes. Se ellas são feitas para evitar o calôr do dia, será um erro, pois que o repouso diurno interrompido a cada momento é incompleto, não refará as tropas da vigilia e da fadiga da noite. Quando, porém, ellas se imponham para surprehender o inimigo ou para atravessar grandes regiões descobertas e aridas, observar-se-hão os seguintes principios:

Marchar em quadrado bem unido sem vanguarda, nem flanqueadores, nem patrulhas de exploração e de communicação. Os quadros seguirão no flanco das suas fracções, vigiando-as continuamente e impedindo as soluções de continuidade. A cavallaria, havendo-a, marchará d'um e outro lado da columna, junto d'ella, para ligar os elementos que, porventura, tendam a dispersar-se. Como n'estas marchas se trata geralmente d'uma operação de surpreza ou golpe de mão a effectuar, prescrever o silencio, prohibindo accender luzes, fumar, fallar em voz alta, adoptando-se, de resto, todas as precauções para que o silencio seja perfeitamente mantido. Fazer altos amiudados e curtos, verificando-se a cada momento a cohesão dos elementos da columna. Os chefes terão o cuidado de manter o ouvido attento ao menor ruido ou movimento suspeito que se produza em volta da columna.

Os homens seguirão com as armas descarregadas, prohibindo-se-lhes absolutamente que as carreguem, a

Fig. 1ª

Formação de marcha á Wissman



N. B. Embora Von Wissman pareça esquecer o emprego de flanqueadores, estes podem ser empregados n.as condições das outras columnas. Este systema de Wissman é util somente quando o caminho a seguir é pouco coberto; no terreno, porem, em que seja necessario abrir o caminho a machete fatalmente se terá de diminuir a frente do C. P. ao estrictamente indispensavel e então adoptar-se-ha a formação portugueza (Fig. 2). Alem d'isso Wissman não dá á columna a organisação dos elementos por unidades constituidas promptas a formar as faces d'um quadrado, o que é um erro. A G. R. é escassa.

Fig. 2

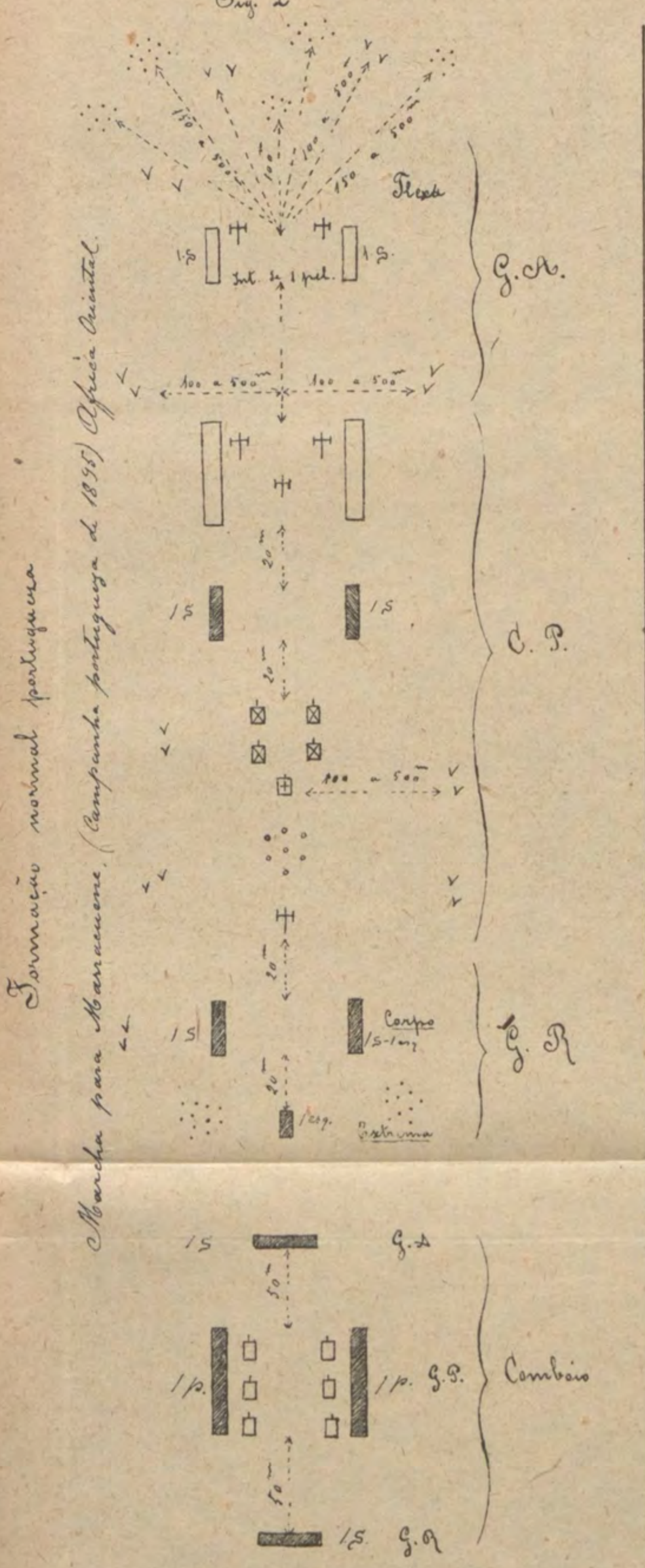


Fig. 3

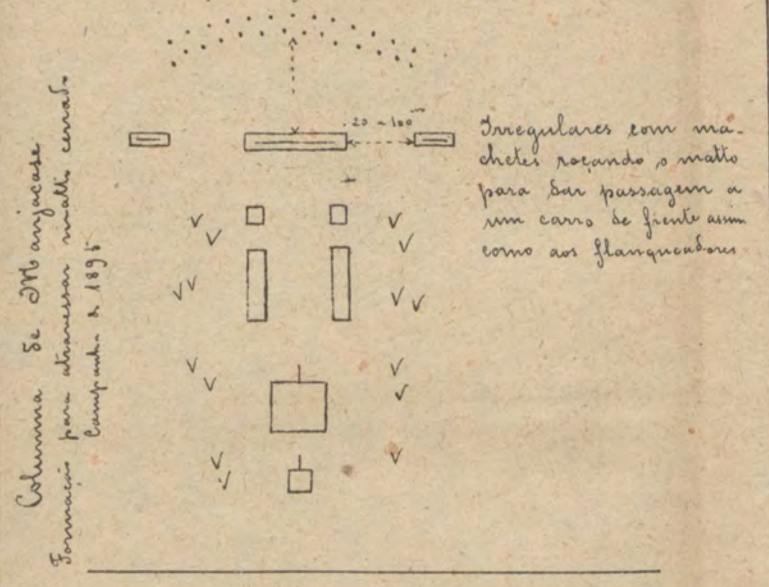
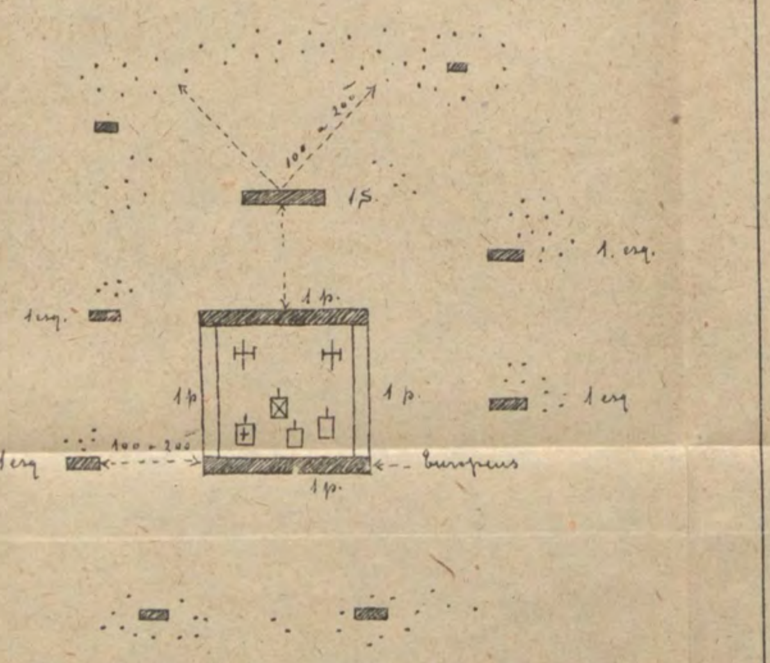


Fig. 4

Columna para um reconhecimento. (Marcha da columna Freire de Andrade sobre o Mahazul — Campanha portugueza de 1895 — Africa Oriental)

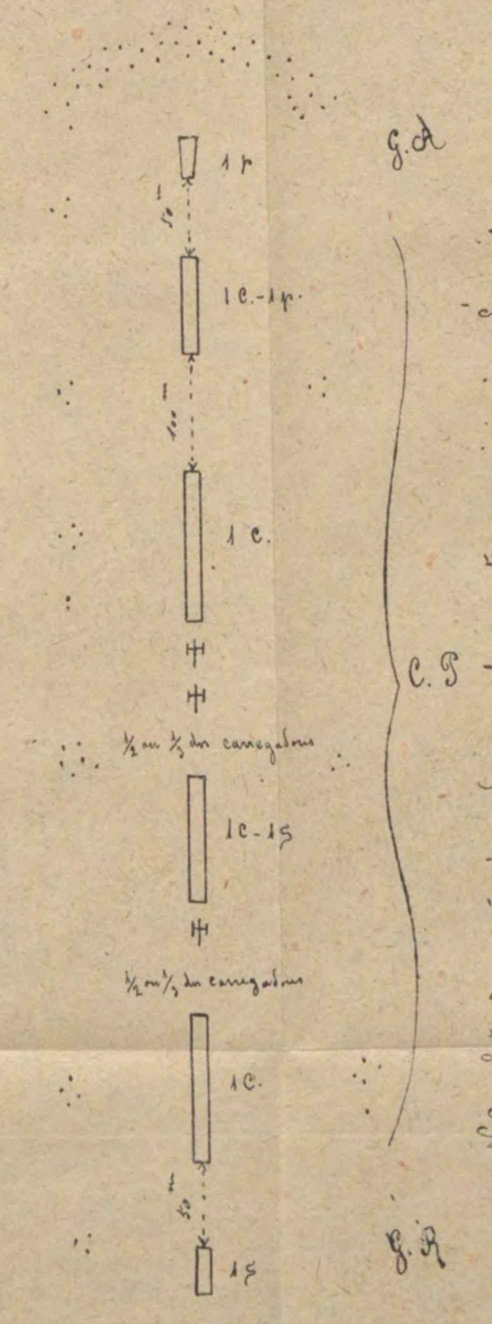


N. B. A face da frente é, como se vê, constituida por tropas negras; sendo a mais ameaçada seria preferivel formal-a com europeus

Fig. 5

Formação de uma columna seguida de carregadores

(Regulamento allemão)



N. B. Esta formação é condemnavel em terreno inimigo. É mais propria p.ª uma marcha itineraria que para uma marcha de guerra. Entendemos aqui para que melhor se destaque a superioridade das formações adoptadas pelas nossas expedições. Como se vê, o seu defeito consiste em não ter as tropas dispostas para receber o inimigo.

não ser por ordem superior, ainda mesmo em caso de ataque subito.

Em caso de aggressão, voltar a frente para o exterior, fazer alto e ajoelhar, guardando o maior silencio, prestando toda a attenção ás vozes ou signaes dos chefes.

Dispondo-se de auxiliares, um dispositivo de marcha nocturna que se póde adoptar é o *quadrado duplo* cujo quadrado interno é formado nas condições normaes, marchando em ordem unida, e o externo é constituido pelos auxiliares, marchando junto d'este e parallelamente a elle, effectuando assim o serviço de segurança. Em caso de alarme, o quadrado interno volve a frente para o exterior e ajoelha, cerrando o mais possivel e os auxiliares deitam-se na frente, fazendo-os conservar immoveis. Este dispositivo de marcha com os auxiliares no exterior tem o inconveniente de produzir a desordem entre os auxiliares nos primeiros momentos e de suspender mesmo durante um certo tempo o emprego dos fogos do quadrado interior; tem, porém, a vantagem de aproveitar as qualidades de vista penetrante e de habito á observação no matto durante aś trevas de que o negro dispõe em grau muito superior ao branco. Com auxiliares aguerridos e educados na sua missão, o primeiro inconveniente não será muito para temer. De resto, conduzir os auxiliares no interior do quadrado tinha tambem os seus inconvenientes; todavia, casos haverá em que os auxiliares não sejam de confiança e em que melhor será conduzir o grosso d'elles no lado menos exposto em condições que não possam estorvar a liberdade de acção das tropas regulares, mantendo-se apenas alguns poucos nas outras faces para exercerem a vigilancia.

Para completar, diremos que as marchas de noite devem ser mais curtas que de dia, convindo dar um dia de repouso apoz a marcha nocturna. De resto deverá ser banido tudo o que sobrecarregar os homens, o que tornar pesado e embaraçante o movimento das columnas, fazendo-as constituir por pouca gente, mas boa, e pelo comboio minimo, se este se não poder dispensar absolutamente. Em caso de ataque os carregadores, auxiliares medrosos, animaes, etc., serão impecilhos e elementos de confusão e de desordem que muito convirá reduzir ou supprimir.

Alfredo de Leão Pimentel,

(Continúa) Alferes de infanteria.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuado do n.º 1 do 3.º vol.)

— 1899 —

Descontos que devem ser feitos nos respectivos prets, ás praças em tratamento nos hospitaes militares

	Postos e armas	Engenheria	Artilheria de campanha, a cavallo e de montanha	Artilheria de guarnição	Cavallaria	Infanteria	Companhia de subsistencias	Companhia de equipagens	Companhia de saude
Aspirantes, cadetes e sargentos	Aspirante a official com 800 réis diarios				400	400			
	Dito com menos de 800 réis e cadetes	300	300	300	300	300			
	Sargento-ajudante	400	400	400	400	400			
	1.º sargento	335	335	335	325	315	315	325	315
	2.º sargento	275	275	275	265	235	235	265	235
Musicos	Mestre de musica					400			
	Contra-mestre de musica					300			
	Musico de 1.ª classe					315			
	Musico de 2.ª classe					235			
	Musico de 3.ª classe					125			
Artifices	Mestre de ferradores		275		265				
	Serralheiro-ferreiro		275						
	Carpinteiro, carpinteiro de carros, espingardeiro e selleiro correeiro	125	125	125	125	125		125	
Clarins e cornetteiros	Mestre de clarins		275		275				
	Mestre de corneteiros	165		165		155			
	Contra-mestre de clarins	215	215		215				
	Contra-mestre de corneteiros	145		145		135			
	Clarins	185			185				
	Corneteiros	125	185	125		85	85		
Outras praças	1.os cabos	115	115	115	103	95	95	105	95
	2.os cabos, soldados e aprendizes	85	85	85	85	75	75	85	75
	Ferradores	215	215		215				

A's praças em tratamento nos hospitaes não se abona a consignação para fardamento.

Os aspirantes, cadetes, sargentos ajudantes, mestres de musica, contramestres de musica, musicos de 1.ª e 2.ª classe, mestres de ferradores, serralheiros-ferreiros e praças da companhia de saude, recebem a differença de pret, que deverá ser abonada nas relações de vencimentos.

Com as praças reformadas procede-se da mesma forma emquanto ao desconto para o hospital e á differença de vencimentos que lhes deve ser entregue. Aos sargentos, porém, que tiverem maior pret que o da effectividade da arma de infanteria, será só este descontado, sendo-lhe entregue a differença.

Hospitaes civis—A differença que houver a favor de quaesquer praças de pret (tanto no effectivo como das companhias de reformados) entre os seus vencimentos e os descontos a fazer para os hospitaes civis em que estiverem em tratamento, é abonado nas respectivas relações de vencimentos, para ser entregue ás mesmas praças ou a suas familias quando se achem devidamente habilitadas.

Fiscalisação do serviço de administração militar—Ordem Circular da 1.ª Divisão militar n.º 33, de 3 d'outubro de 1899.

Divide nos seguintes grupos os corpos e mais estabelecimentos que teem de ser fiscalisados pela secção de fiscalisação do serviço da administração militar do mesmo commando.

1.º Regimentos de: engenheria, infanteria 1 e 16. Fortificações. Deposito de deportados. Real Collegio Militar.

2.º Regimentos de: artilheria 6, caçadores de El-rei, infanteria 5. 7.ª companhia de reformados. Casa de reclusão. Companhia de equipagens.

3.º Regimentos de: artilheria 1, cavallaria 4 e infanteria 23. Escola do Exercito. Manutenção militar. Companhia de subsistencias. Districto da Figueira.

4.º Regimentos de: artilheria 3, cavallaria 7, infanteria 2. Companhia de saude. Hospital militar. Districto de Aveiro. Presidio militar.

5.º Regimentos de: cavallaria 2, caçadores da Rainha. Infanteria 7. Grupo de artilheria a cavallo. Hospital de invalidos militares. Escola pratica d'infanteria. 6.ª companhia de reformados.

Verificação das relações de vencimentos—Ordem circular n.º 34 do commando 1.ª divisão militar, de 3 d'outubro de 1899.

Diz:

1.º Que a verificação de que trata o n.º 1.º do artigo 97.º do decreto de 7 do corrente (fiscalisação) consiste:

a) No conhecimento da exactidão das observações exaradas nas relações de vencimentos das praças de pret;

b) No conhecimento da exactidão dos creditos e debitos abatidos ou abonados e sua conformidade com os lançamentos na escripturação dos conselhos administrativos.

c) Na escrupulosa conferencia das verbas totaes das relações de vencimentos e respectivas resultas com as que se achem escripturadas nos livros de contabilidade.

2.º Que a fiscalisação em cada trimestre da escripturação, contabilidade e gerencia dos conselhos administrativos (de que

trata o n.º 2.º do mesmo artigo) deverá ser feita, normalmente, em relação ao trimestre anterior.

3.º Que o auxilio (mencionado no n.º 3.º do referido artigo) prestado aos generaes e coroneis encarregados das inspecções terá por fim o minucioso exame da contabilidade e gerencia dos conselhos administrativos inspeccionados, em relação ao periodo em que ainda não fosse sujeito a anterior fiscalisação, e, bem assim, a precisa investigação de quaesquer outros procedimentos administrativos, em quaesquer epocas ou condições ácerca das quaes o inspector julgue necessario adquirir conhecimento especial.

Alistamento na 2.ª reserva—Circular da 3.ª repartição do commando da 1.ª divisão militar de 4 d'outubro de 1899.

Manda suspender a matricula dos recrutas apurados para os serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra, passando a ser escripturados nos cadernos de classe : devendo opportunamente ter passagem ao novo districto de recrutamento e reserva a que corresponda o domicilio onde serão elaboradas as cadernetas e folhas de registo em presença das informações prestadas pelos antigos districtos.

Vagas de sargentos—Circular da 2.ª repartição da Secretaria da guerra, de 4 d'outubro de 1899.

Ordena que as vagas de sargentos existentes em 1 de outubro e as primeiras que se derem depois d'esta data sejam preenchidas por supranumerarios.

Matricula de praças na 2.ª reserva—Encerramentos.—Circular da 3.ª repartição do commando da 1.ª divisão militar, de 6 d'outubro de 1899.

Diz que por ordem do ministerio da guerra foi ordenado que os Snrs. Generaes encarregados da inspecção aos extinctos regimentos de caçadores 8 e infanteria 7 e 11 façam encerrar a matricula das praças da 2.ª reserva que a tinham aberta nos mesmos regimentos, devendo enviar para os commandos dos actuaes districtos de recrutamento e reserva em que estiverem domiciliados relações d'aquelles reservistas, para serem feitos os convenientes averbamentos nas folhas e cadernetas.

Documentos de transferencia—Circular n.º 74 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 7 d'outubro de 1899.

Diz que os documentos de transferencia de praças que não transitem pelo deposito de praças do ultramar devem ser remettidos ao ministerio da guerra.

REVISTA DE INFANTERIA

A campanha contra o MATACA

Vamos hoje concluir as nossas ligeiras considerações sobre esta memoravel jornada, tão honrosa para as armas portuguezas como proveitosa para a Patria, apresentando o mappa do itenerario da columna desde Napulu, onde ficou construido o forte D. Carlos, até á povoação do Mataca e do Zarafi.

Esta marcha difficil e muito fadigosa pela necessidade impreterivel que a columna teve de atravessar differentes rios, como facilmente se vê na estampa que acompanha estas linhas, apresenta, comtudo, duas grandes vantagens sobre a marcha anterior, isto é, sobre a marcha de Chilomo a Napulu.

Essas vantagens foram: o abatimento moral que o triumpho das nossas armas nos combates contra o Kuamba produziu nas gentes do Mataca, e não se ter repetido esse terrivel periodo da fome, não obstante a alimentação da columna ter sido sempre insufficiente.

Os combates contra o Kuamba foram verdadeiramente os mais serios e importantes, não só pela qualidade do inimigo, que é inquestionavelmente o mais aguerrido d'aquella região, mas tambem porque aquelles pretos contavam vencer e desbaratar a columna portugueza, e portanto a força moral ainda os alentava.

Levar-nos-ia demasiado longe se nós pensassemos em descrever todos os incidentes d'esta primeira cam-

panha tão brilhante e tão cortada de difficuldades de toda a especie, e onde se pôz á prova de tudo, a energia, a pertinacia e a coragem do nosso soldado, e até as suas raras qualidades de soffredor.

Todavia não podemos deixar de citar aqui o nome de tres officiaes benemeritos, que n'ella muito se distinguiram, como singelo preito da nossa homenagem.

O tenente Alberto Salgado de infanteria 5, que commandou o fogo dos seus soldados com uma brilhante coragem, com a mais estoica serenidade, com muito valor e sabia direcção, despresando nobremente a vida, concorreu, como auxiliar de grande valia que é e tem sido sempre em toda a parte, para o exito feliz e victorioso do combate de Metanculo; o tenente Jayme de Sousa Tudella e Napoles, de artilheria, que com a maior serenidade e sangue frio continuou a fazer fogo com a sua peça, no momento em que dois conductores lhe eram varados pelas balas inimigas; e o alferes José Maria Paes de Andrade, de infanteria 5, conseguindo prender, em Napulu, os carregadores da columna que fugiam, e que seria um verdadeiro desastre para as nossas forças se tal conseguissem, pelos serios embaraços em que collocavam o valente e heroico chefe de expedição, o nosso amigo major Machado, alma de rija tempera, soldado destemido e bravo, e que é hoje uma gloria do exercito e uma honra da nossa arma.

Vencidas todas as grandes difficuldades da primeira etape de guerra, esmagado o Kuamba, lá se pôz em marcha a columna para a povoação do Mataca, no dia 6 de outubro de 1899.

A columna seguiu o valle do rio Lugenda, que foi obrigada a atravessar no dia 12.

O gado passou a nado, as tropas a vau e o material de artilheria á *pinga*.

Isto, dito assim com esta facilidade como se escreve não vale nada, mas sentir, soffrer, emfim, todo o trabalho e canceiras, perigos e receios da passagem de um

rio, sem pontes, de uma columna de operações, com material de artilhêria e larga impedimenta, é que realmente vale alguma cousa.

O Lugenda está cheio de hyppopotamos e no seu valle encontra-se muita caça grossa e até animaes ferozes, como o leopardo.

4 cypaes foram feridos pelas feras.

No dia 13 já havia falta de viveres para os carregadores e cypaes, o que levou o valente chefe da columna a mandar os pretos bater matto em procura de generos cafreaes.

Felizmente encontraram uma povoação do Katuli absolutamente abandonada, e de lá trouxeram grandes provisões de mandioca.

No dia 14 atravessou a columna o rio Livamballa. Aqui maiores difficuldades houve porque o inimigo tinha sido avistado na margem opposta.

Os pretos do Mataca fogem, caso providencial, para deixar a columna atravessar o rio e só depois da operação concluida é que fazem fogo. Rapidamente foram postos em debandada.

No dia 15 os pretos rebeldes atacaram a columna no seu bivaque.

São novamente repellidos.

Os soldados pretos da columna vão por ordem superior bater o matto e destruir povoações. Ahi houve uma pequena resistencia dos rebeldes ficando dos nossos pretos alguns feridos.

No dia 16 deu-se então o combate da Namatanda.

A columna tendo-se posto em marcha ás 6 horas da manhã é atacada ás 7 horas. Os pretos procuram envolvel-a. O fogo é certeiro e intenso. A artilheria, como sempre, produz um grande panico no inimigo selvagem. A nossa gente, com toda a serenidade, com o mais bello sangue frio, com a mais indomavel coragem, affirma solemnemente o seu valor nunca desmentido.

Os rebeldes são repellidos com serias perdas, dei-

xando ainda no campo alguns cadaveres e vendo-se grandes rastos de sangue na direcção da fuga.

Dos nossos ficaram mortos alguns cypaes e bastantes feridos.

Depois d'este combate victorioso a columna continúa a marcha.

E' mais tarde novamente atacada, mas já então a energia do ataque deixa muito a desejar.

Os cypaes commandados pelo tenente de cavallaria Pinto da Rocha, carregam valentemente e obrigam a debandar os rebeldes; cabe n'este logar uma referencia especial a tão valente official e que tantas provas de abnegação deu durante esta campanha.

No dia 19 dá-se a acção de Nangama.

O ataque dos pretos do Mataca é sempre repellido pelo nosso fogo.

A columna tem um alto horario em Nangama, acampamento inimigo.

Continua o avanço dos nossos. Namacambare foi explorado pelo fogo da nossa infanteria da guarda avançada, e depois atravessado até se approximar a columna do Luangua, affluente do Lugenda, onde constava haver a maior resistencia do inimigo, que, em grande força, procuraria oppor-se á marcha das nossas tropas.

A margem esquerda do Luangua e as povoações da mesma margem foram bombardeadas pelas peças Gruson que foram postas em bateria n'um morro de muchem.

Aqui prestou mais uma vez optimo serviço o valente tenente de artilheria Jayme de Sousa Tudella e Napoles.

Os pretos do Mataca tomados de um invencivel terror panico fugiram apavorados diante do fogo teimoso das mezingas (1) ficando completamente vencido aquelle terrivel povo guerreiro, dominada e pacificada gloriosa-

(1) Nome que todos os pretos dão ás boccas de fogo.

mente aquella região portugueza, onde a nossa soberania tem sido apenas platonicamente nominal.

A columna atravessa o Luangua, o que foi muito difficil e muito trabalhoso, e no dia 18 toma posição em frente da grande capital do Mataca, que é bombardeada e incendiada.

Dizemos a grande capital porque realmente assim era. Já Livingstone quando por ali passou notou, com espanto, que era uma grande povoação com mais de mil palhotas. Presentemente poucas lhe faltavam para cinco mil.

Os officiaes da columna almoçaram na varanda da monumental palhota do regulo.

Estava terminada esta campanha tão cortada de episodios e tão accidentada de rasgos de verdadeiro valor; esta campanha tão audaciosa e tão arriscada quanto penosa e esmagadora pelas marchas violentas, pela fome, pela sêde, pelos intensos ardores d'aquelle sol desapiedado, pelo desconforto e até pela saudade devoradora da familia e da patria.

A columna ainda foi até á povoação do Zarafi, mas este regulo veio logo *pegar pé* e prestar vassalagem ao rei de Portugal.

E' justo agora que a *Revista de Infanteria* preste n'este logar solemne homenagem aos valentes e honrados officiaes que tiveram a fortuna de levar a cabo esta campanha desde o seu inicio até ao fim.

São elles:

Major Manoel de Sousa Machado, de infanteria 5.

Tenente Jorge Camacho, de infanteria 5.

Tenente Alberto Salgado, de infanteria 5.

Alferes Fernando Astolpho da Costa, de infanteria 5.

Alferes João Climaco Marques, de infanteria 5.

Alferes José Maria Paes de Andrade, de infanteria 5.

Tenente Jayme de Sousa Tudella e Napoles, de artilheria 6.

Tenente Isaac Pinto, d'artilheria 6.

Tenente Alexandre Augusto Terry, de artilheria.

Tenente José Thomaz Martins Pinto da Rocha, de cavallaria.

Tenente medico Alvaro Martins.

Alferes do exercito de Africa, Pedro Felner.

Alferes Salustiano Corrêa.

Alferes veterinario Francisco Bernardino de Moraes Sarmento. (1)

A todos o nosso applauso, a nossa admiração e as bençãos da Patria.

E ao terminar estas ligeiras notas fugitivas de tão brilhante e gloriosa jornada, que enche de prestigio a bandeira portugueza e de ligitimo orgulho a nossa farda de soldado, devemos fazer aqui uma referencia especial ao chefe de serviço de saude da columna, o tenente medico, Alvaro Martins, não só pelo seu alto valor scientifico e que está em harmonia com a sua comprovada capacidade, mas principalmente por ter sido tambem soldado, pondo toda a sua alma ao serviço da causa commum, e quando os seus deveres profissionaes, que tão carinhosamente sempre desempenhou, lhe deixavam um momento livre lá ia elle com a sua carabina ajudar a vencer o inimigo.

E não deve tambem esquecer o alferes veterinario, Francisco Bernardino de Moraes Sarmento, que durante esta campanha auxiliou sempre o fogo da nossa infanteria indo collocar-se nos pontos do combate onde julgava que a sua carabina podia ser mais util.

Bom é tambem que fique registado que feito de armas tão assignalado foi levado a bom caminho por 77 praças de pret de infanteria 5, 24 de artilheria 6, 4 de

---

(1) Depois de concluida a campanha apresentaram-se na columna, em Chôma, os seguintes officiaes:

Tenente medico João José Peres Ponce e Sanches, alferes de infanteria José Augusto da Cunha e alferes de caçadores 6 (hoje infanteria 7) Manoel Bajouco.

Tenente Alexandre Augusto Terry, de artilheria.

Tenente José Thomaz Martins Pinto da Rocha, de cavallaria.

Tenente medico Alvaro Martins.

Alferes do exercito de Africa, Pedro Felner.

Alferes Salustiano Corrêa.

Alferes veterinario Francisco Bernardino de Moraes Sarmento. (1)

A todos o nosso applauso, a nossa admiração e as bençãos da Patria.

E ao terminar estas ligeiras notas fugitivas de tão brilhante e gloriosa jornada, que enche de prestigio a bandeira portugueza e de ligitimo orgulho a nossa farda de soldado, devemos fazer aqui uma referencia especial ao chefe de serviço de saude da columna, o tenente medico, Alvaro Martins, não só pelo seu alto valor scientifico e que está em harmonia com a sua comprovada capacidade, mas principalmente por ter sido tambem soldado, pondo toda a sua alma ao serviço da causa commum, e quando os seus deveres profissionaes, que tão carinhosamente sempre desempenhou, lhe deixavam um momento livre lá ia elle com a sua carabina ajudar a vencer o inimigo.

E não deve tambem esquecer o alferes veterinario, Francisco Bernardino de Moraes Sarmento, que durante esta campanha auxiliou sempre o fogo da nossa infanteria indo collocar-se nos pontos do combate onde julgava que a sua carabina podia ser mais util.

Bom é tambem que fique registado que feito de armas tão assignalado foi levado a bom caminho por 77 praças de pret de infanteria 5, 24 de artilheria 6, 4 de

---

(1) Depois de concluida a campanha apresentaram-se na columna, em Chôma, os seguintes officiaes:

Tenente medico João José Peres Ponce e Sanches, alferes de infanteria José Augusto da Cunha e alferes de caçadores 6 (hoje infanteria 7) Manoel Bajouco.

37.°
38.°
12.°
13.°
Mataca
Magolo
Muembe
R. Chaulesi
Metarica
Zarafi
Chechuma
R. Luangua
Ribeiro Namacombare
Namatanda
Chenunga
R. Livambala
Katuli
Lusallela
R. Licoa
Mazumbe
Lugiri
R. Lugenda
R. Miangi
R. Landue
R. Luiria
R. Licone
Lago Amaramba
F. Napula
Itinerario da Columna
Forte
Povoação
Bivaque
Escala 1/1000000

cavallaria 6, 80 de tropas coloniaes regulares (pretos), 3 de tropas coloniaes (brancos) e 1:200 cypaes (irregulares pretos).

Honra aos officiaes e soldados da campanha de 1899.

OS QUADROS DO EXERCITO

Vox clamantis in deserto...

—«As nações pequenas teem os seus dias contados.»—

Ha pouco tempo ainda que uma das mais poderosas e ambiciosas nações assim o proclamou pela bocca de um dos seus diplomatas mais brilhantes.

Mas... «ninguem é propheta na sua terra», e a lucta que se está ferindo na Africa do Sul vae desmentindo dia a dia a arrogante asserção do astuto diplomata....

A Providencia tem ironias tremendas.

Não devemos pois desanimar, mas não confiemos tambem demasiado.

Ai do viandante que, horas mortas, na encruzilhada, ao ter um mau encontro, se limite a puxar... pelo seu cartão de visita...

Ai tambem de nós se, chegada a hora do perigo, tivermos de responder á ameaça dos canhões inimigos com a apresentação dos nossos, aliás honrosissimos pergaminhos...

Em uma nação, qualquer que ella seja, os titulos de honra são preciosos, a instrucção publica é explendida, a industria é assombrosa, a agricultura é soberba, o commercio é magnifico, as minas regorgitantes, as locomotivas silvam por toda a parte, mas não é tudo.

Se o seu exercito não fôr numeroso, instruido e disciplinado, mais seguro estará, certamente, um thesouro no pinhal da Azambuja, do que essa nação em qualquer parte da terra...

Nos tempos tumultuosos que vão correndo, em que o Mundo suffoca com a fumaceira dos combates, repetimos, a vida das nações depende, mais do que nunca, do valor dos seus exercitos.

O valor dos exercitos regularmente constituidos depende principalmente do escrupuloso recrutamento dos seus quadros.

E' d'este assumpto que pretendemos tratar.

A tarefa é ardua e tão ardua quão escassos são os nossos recursos intellectuaes.

Animados, porém, pela justiça das nossas convicções, que de modo algum podêmos calar, caminharemos consoante podérmos, embora conscios de que remamos contra a maré.

Como demasiado crentes seremos classificados, tanto pelos nossos camaradas que, cançados de pugnar pelo levantamento moral do nosso exercito, já abandonaram, descrentes o campo; como pelos que, testemunhas por largo tempo d'essa lucta ingloria, e convencidos por fim de que a verdade, quando fére interesses illegitimos e rasga falsos pergaminhos, raras vezes se escuta, preferem, pacientes, esperar que o tempo opére.

Alguem haverá que acôlha, como se fôra a mais desopilante das investidas do *engenhoso fidalgo da Mancha*, este nosso brado, modesto, mas sincero, no qual verão unicamente a conquista das reivindicações da nossa arma.

Em tal acolhimento sobejará o talento e o espirito, mas faltará a convicção. E' o eterno *struggle for life*, para o qual nos habituamos a olhar compassivamente.

*

A equiparação dos cursos das tres armas é um facto realisado em alguns paizes e, entre nós, já um illustre official, quando titular da pasta da guerra, implantou o systema da equiparação; mas um seu successor, a titulo de escassez de alumnos para o preenchimento das vacaturas occorridas nas tres armas, revogou esse systema.

Essa escassez devia dar-se fatalmente, em vista de se ter elevado o curso de infantaria e cavallaria, em vez de se ter feito descer este até áquelle, como era mister; e ainda em vista da inferior remuneração que teriam aquelles que, nascidos em peiores dias, fossem destinados ás armas de infantaria e cavallaria, em relação aos que, com egual curso, tivessem a dita da preferencia para artilharia, pois que se egualaram os cursos mas não as gratificações para os officiaes com elles habilitados.

A equiparação dos cursos das tres armas impõe-se, mas moldada de maneira differente da que já foi disposta.

A collaboração da cavallaria e da artilharia no combate é, sem duvida, de grande valor, mas é á infantaria que cabe a missão mais importante e mais difficil de cumprir.

Torna-se necessario, diz Von Scherff, que a infantaria seja vencida ou tenha vencido no combate para que o general em chefe possa dizer-se vencido ou vencedor. Do mesmo modo que não comprehendemos que se entregue ao peior pastor o rebanho mais importante, não comprehendemos, não podemos mesmo admittir que o official de infantaria possua menor cabedal scientifico e, por natural consequencia, seja collocado em segundo plano, em relação aos seus collegas das outras armas.

Como realisar a equiparação? Será necessario para o official de qualquer das tres armas a frequencia de tres annos de Escola Polytechnica?

Afigura-se-nos que não.

Algumas cadeiras ha, todavia, na Universidade de Coimbra, na Escola Polytechnica de Lisboa e na Academia Polytechnica do Porto que são de manifesta utilidade para qualquer official, a quem não devem faltar certos conhecimentos peculiares a todo o homem instruido, em cujo gremio o official deve occupar um logar d'élite. Mas exigir-se um curso moroso, inutil, que cança, precisamente na occasião mais propria para bem aproveitar vocações; longe de o julgarmos necessario, julgamo-l'o nocivo.

*
* *

Será necessario que o official de artilharia, para bem se desempenhar da sua missão em campanha, possua maior somma de habilitações que o official das outras duas armas?

Afigura-se-nos que não.

Não obstante, como *noblesse oblige*, perguntar-nos-hão, como sempre:

—«Quem ha-de presidir á construcção e reparação do material de guerra»?

A esta pergunta responderemos com est'outra:

—Para que a exigencia dos conhecimentos necessarios para especialidade a 314 individuos (que tantos são os officiaes que comporta o quadro da arma de artilharia), quando a especialidade apenas utilisa, quando muito, 12 d'aquelles officiaes?

E perguntaremos ainda:

—Acaso os officiaes de infantaria de qualquer exercito terão inventado a polvora e fabricado as espingardas com que teem ganho ou perdido as batalhas?

Não hesitaremos em affirmar que raros são os rapazes que, na occasião do seu ingresso no quadro dos officiaes de artilharia, pensam sequer na eventualidade de serem um dia utilisados como *engenheiros constructores de material de guerra*.

Consagram-se de corpo e alma á instrucção das suas tropas, inebria-os a magestade da sua arma, e nada teem por mais honroso que a missão do official em campanha. E é justo que assim façam.

Diz, e mui judiciosamente, o grande pedagogo militar, general Lewal:

«Outr'ora a artilharia, pequena no corpo especial, accessoria no combate, podia desejar accrescentar o seu papel, estendendo os seus dominios, alargando as suas attribuições: trem de artilharia, pontoneiros, fabrico e inspecção de todas as armas, confecção e distribuição de munições, etc.....

Hoje a artilharia tornou-se um grande corpo. Quadruplicou em numero e augmentou outro tanto, pelo menos, em importancia. E' actualmente uma arma importante em combate, essencial e nunca accessoria. Para melhor se poder consagrar á sua alta missão, ser-lhe-hia util abandonar as partes annexas que mantem sem necessidade.....

O desenvolvimento incessante da artilharia obriga-a a consagrar todo o seu pessoal technico ás baterias.....

Se ella fosse bem inspirada, tomaria a iniciativa d'estas reformas necessarias para ella como para as outras armas. Se ella o não faz, a opinião está formada e não tardará a impôr-se-lhe.»

Como esta primeira parte do nosso trabalho seja apenas destinada a fazermos algumas considerações sobre os actuaes quadros do exercito, deixaremos para depois de estudarmos uma reorganisação mais util da Escola do exercito, algumas considerações que se nos afigurem razoaveis sobre o modo como de futuro devem ser recrutados os quadros.

Quando tratarmos da engenharia fallaremos da construcção do material de guerra. Por agora, resta-nos dizer que, uma vez equiparados os cursos, devem tam-

bem ser egualadas as gratificações, mantendo as actuaes aos officiaes de artilharia já promovidos.

(Continúa).

G. V.

Arma racional

Por mais incerta que seja a origem da palavra *arma*, quer ella venha do hebreu *haram* que significa *matar*, quer do latim onde, originariamente, significava *braço*, significação que tambem tem a palavra ingleza *arm*, seja como fôr, o facto é que sem consultar diccionarios, nem procurar etymologias, todos concordam em affirmar que a arma é um *braço supplementar* que ao velho, á mulher e á creança dá a força d'um gigante.

Com effeito, o que póde um homem, robusto como um hercules, capaz de esmagar um touro com a força do seu braço, mas desarmado, contra uma creança rachitica empunhando uma espingarda de que saiba fazer um uso apropriado?

Do que serve ao rei das selvas, a enorme força dos seus musculos, a formidavel rigeza das mais afiadas garras, quando pela sua frente lhe appareça um capitão Gerard armado com o *braço supplementar* da sua certeira clavina?

Força e garras são impotentes perante uma boa arma, e creança e homem veem prostrados aos seus pés os seus mais potentes e ferozes inimigos, pois a arma alongou os braços d'ambos, centuplicou as suas forças, e deu-lhes o poder para vencer e anniquilar o homem mais potente e a fera mais terrivel.

Mas não é no seu uso, *ao longe*, que nós queremos discutir o emprego d'uma arma. Deixemos em paz, ou antes, em guerra, aquelles que abrigados pelos parapeitos, occultos nas moitas, embuscados nas encruzilhadas, ou postados em columnas, e ás claras, procuram com esses *braços supplementares*, chamados espingardas, destruir e esmagar quem lhes seja contrario.

O nosso fim, vindo hoje a esta *Revista*, é mais sim-

ples e comezinho. Não pretendemos discutir e apreciar a arma quando empregada nas guerras. Não queremos ver qual deve ser o seu emprego ao longe, nem estudar a efficacia do tiro. E' certo que o *tiro* é a questão palpitante da actualidade. Todos estão a ver, pelo menos com os olhos do espirito, que o ensino do tiro, o seu desenvolvimento por todas as camadas sociaes, deve ser a quasi completa solução do grande problema de defeza nacional desde que acompanhem esse ensino de determinados cuidados e diligencias que façam com que os atiradores manobrem com rapidez e percisão. Mas, repetimos, não é d'isso que vamos tratar.

Outros, n'esta mesma *Revista* teem trazido o fructo dos seus brilhantes trabalhos, descobrindo os segredos da nossa espingarda, que só pódem ser revelados nas carreiras de tiro, depois d'intelligentes observações.

Hoje, discutimos apenas qual a arma que deve ser *racionalmente* empregada quando se trave lucta entre dois ou mais homens, em conflicto particular.

*

* *

Desde os mais remotos tempos que todas as nações cultas teem deixado consignado nos seus codigos, que não ha crime de homicidio, nem de pancadas, ferimentos, etc., quando estas offensas são praticadas pela *necessidade actual da legitima defeza*, propria ou alheia.

O nosso codigo penal no n.º 5.º do artigo 44.º, lá tem consignado este principio fundado no direito natural e absoluto, que cada um tem, não só á sua conservação, mas ainda ao exercicio da sua actividade legitima e ao respeito pela sua propriedade. Mas para que não houvesse abuso, e cada um soubesse até onde póde chegar esse direito, os mesmos codigos apontam quaes são as condições ou requisitos exigidos para que a *legitima defeza* dirima a responsabilidade criminal, e é no art. 46.º, do nosso codigo que esses requisitos, em numero de trez, veem apontados, e são elles:

1.º—Aggressão illegal em execução ou imminente, que não seja motivada por provocação, offensa ou qualquer crime praticado pelo que defende.

2.º—Impossibilidade de recorrer á força publica.

3.º—*Necessidade racional do meio empregado* para prevenir ou suspender a aggressão.

E' d'este ultimo requesito que nos propomos tratar n'este despretencioso artigo.

E talvez que isto seja mais interessante aos nossos leitores do que á primeira vista se lhes afigura.

Em geral, nós os officiaes, damos o primeiro logar ao estudo dos assumptos que mais ou menos directamente digam respeito á guerra, quando, aliás, ha questões de tempo de paz da mais alta importancia individual e collectiva, que d'um para outro momento pódem vir contender comnosco.

A legitima defeza é uma d'essas questões.

*
* *

Pergunta-se: achando-se um official legitimamente armado de espada e revolver, e vendo sobre si imminente uma aggressão illegal que lhe confira o direito da legitima defeza, a que arma deverá recorrer, á espada ou ao revolver?

Como não somos de segredo para com os nossos camaradas dir-lhes-hemos que sobre este ponto de direito temos ouvido duas opiniões, ambas sustentadas por pessoas da maior respeitabilidade, dizendo uns que para uma aggressão illegal contra um official o *meio* ou, no nosso caso, a *arma racional* é a *espada*, e sustentando outros que a escolha da arma depende de determinadas condições, sendo o official que defende o unico juiz d'essa escolha.

Assim dizem uns: a arma do official é a *espada*. Ella é o symbolo do commando, o emblema da força e do poder, e como a palavra *official* deve ser synonimo de bravura, pôr elle a espada de parte, exactamente quando vae exercer o acto de justiça da *legitima defeza* é desconsiderar a espada, é julgal-a indigna da sua elevada missão.

O emprego da espada, dizem elles ainda, tem dado origem aos mais bellos conceitos, e aos mais brilhantes pensamentos. A espada, diz um escriptor, é a melhor lingua para responder a um ultrage.

E nunca ninguem disse: o revolver é a melhor resposta a uma offensa.

A *espada* é o direito dos grandes, dizem outros escriptores.

Diz-se a *espada* do guerreiro, a *espada* da justiça, e nunca ninguem disse o revolver do guerreiro, ou o revolver da justiça.

Outros dizem em linguagem castiça: passar os habitantes da cidade *ao fio de espada,* apezar de terem sido empregadas outras armas. E' porque a palavra *espada,* apesar dos habitantes terem sido mortos a tiro, dá ao facto outra grandeza, outra solemnidade, tornando-o como que mais justo e disciplinado. Entre morrer a tiro, e a *golpe d'espada,* mesmo com gallicismo e tudo, ha um abysmo.

Quando a espada está fóra da bainha, dizem ainda judiciosos escriptores, é tarde para pedir desculpas.

E' tão nobre o emprego da espada, tem sido tão leal o seu uso, que até os proprios pacientes sentem-se mais honrados quando são feridos pelos seus golpes, do que quando o são por balas do revolver.

A nossa historia e a historia de todos os paizes estão cheias de feitos grandiosos praticados por guerreiros que empunhavam gloriosas espadas. Quem foi que passou á historia por ter praticado feitos com o seu revolver glorioso? A espada, pois, é a arma por excellencia do official. Quem, em momentos de crise a põe de parte, pratica um acto menos correcto. Espada e official formam o todo: bravura. A espada faz parte do seu ser.

—O que ahi vae! dizem os que defendem o revolver. Não admira que o revolver ainda não tenha historia porque só nasceu no principio d'este seculo, ao passo que a espada é a mais antiga de todas as armas. Apezar d'isso vejam como elle está sendo na liberal America o *fiel companheiro* de todo o *yankee* que presa e ama a propria conservação, e vejam ainda como na propria Europa ha já muita gente que se não meche sem este amigo dedicado!

E de mais, dizem os defensores do revolver, tudo quanto se diz da espada é linguagem classica em sentido figurado. Quando se diz: a espada de Alexandre, de Cesar, de Affonso Henriques, de Nuno Alvares, de Saldanha e de Joubert, não é porque esses illustres guerreiros tivessem andado á espadeirada ao inimigo, é sim porque a espada symbolisa o seu genio militar em toda a sua grandeza.

Portanto, se o revolver ainda não deu materia para grandes pensamentos e profundos conceitos, é porque ainda não tem uma larga historia.

A espada symbolisa os tempos passados com todas as suas phantasias, com todas as suas utopias. Assim como a *rhetorica* com todas as flores oratorias, com todos os seus rasgos para commover o coração, foi substituida pela *logica* que só procura fallar á intelligencia, a espada com os seus floreados, com todas as suas paradas em *terça* e *quarta*, com todas as suas saudações antes de atravessar o inimigo, foi substituida pelo revolver que apenas pronuncia o monosyllabo — pum! — deixa o paciente entregue ao eterno mysterio de vida futura.

A espada e o rewolver representam perfeitamente a evolução, ou antes a revolução operada nos espiritos. Encarar a vida pelo lado pratico e *positivo* é a ultima palavra de moderna sciencia.

E os proprios regulamentos militares assim reconhecem a supremacia do rewolver sobre a espada, considerando aquelle como uma arma *mais racional* para a defeza desde que mandaram que o official armado d'espada em serviço, com força armada, use tambem do rewolver. E para corroborar essa inferioridade veio tambem o regulamento da policia civil que manda que o policia, ainda armado de terçado use o rewolver.

A espada, pois, no official deve ser considerada como um symbolo de commando. Nunca passou pela cabeça de ninguem que se pretendia armar o official de infanteria quando lhe mandaram distribuir o antigo espadim. Portanto a *arma racional* a que o official deve recorrer para sua legitima defeza, quando esteja armado d'espada e rewolver, é o *rewolver*. Não ha que hesitar sobre este ponto.

Taes são as considerações que d'um e outro lado são apresentadas para fazer prevalecer a sua opinião. Os nossos leitores decidirão quem tem razão.

Pela nossa parte, nós que temos por habito e temperamento nunca tomar abertamente o caminho dos extremos, e que preferimos ser ecleticos, vamos apresentar a nossa opinião que só tem o merecimento de ser sincera.

Em primeiro logar, desde que o official está *legitimamente* armado de duas armas, espada e rewolver,

elle deve ser juiz para decidir qual é a que lhe serve melhor para a sua defeza.

Pôr na sua frente um lapuz, hercules de feira, armado d'um vara-pau, e disposto a desancar quem se lhe opponha, e prompto a saltar sobre o official e puchar este da sua espada, pensando que faz melhor figura, em vez do revolver, afigura-se-nos profundamente quichotesco.

Ter (por infelicidade) na sua frente um official armado de espada, com intenção de aggredir e puchar do revolver, julgamos muitissimo incorrecto.

A espada é uma arma leal para um combate leal. Fazer de Roldão e Oliveira, dos bons tempos de Carlos Magno; expor-se a ser facilmente embrulhado pela malta armada de longos cacetes, e deixar no estojo o revolver, simplesmente para se dar ares de cavalleiro de capa e espada, parece-nos supinamente ridiculo.

A arma mais *racional* é, por sem duvida, n'este e em muitos outros casos o *revolver*. Esta arma impõe-se mais do que a espada.

Ha muitos exemplos d'um homem armado d'um revolver fazer parar no seu avanço muitos homens, ainda armados de paus; mas será raro que um homem armado d'uma espada possa conter outros homens armados de paus, e dispostos a aggredil-o.

Evidentemente o conhecimento d'estes factos é que originou a determinação do uso do revolver para o official.

Repetimos: o que defende a vida é que deve ser o melhor juiz da escolha da arma. Evidentemente, não poderia allegar ter empregado um *meio racional* aquelle que, cingindo uma espada, puchasse d'uma navalha; achar-se, porém, *legitimamente* armado de espada e revolver, só quem se defende é que deve ser o juiz da preferencia.

Uma cousa é estar tranquillamente a discutir com os amigos qual seja a *arma mais racional* para a defeza, e outra cousa é ver a vida ameaçada por uma aggressão, tendo de defender-se subitamente. Em muitos casos só operará o instincto.

Lance-se mão da espada para inimigos correctos e leaes que cinjam uma espada; responda-se a revolver áquelles que atacam traiçoeiramente, fiados na ineffacia do fio da espada.

Esgrimir com desordeiros e malfeitores, não lançar mão do revolver para defender a vida, pensando que não se faz boa figura, expor a espada a um desaire, e a vida a um perigo escusado, são ingenuidades improprias dos tempos positivos que vão correndo.

A espada do official é um emblema, um symbolo de respeito e de veneração, que só deve sahir a publico em occasiões solemnes, devendo ser defendida dos desordeiros e malfeitores, ainda a tiro de revolver.

J. X. de Athayde e Oliveira,
Major de infanteria.

INSTRUCÇÃO DE RECRUTA

Segundo o actual Regulamento para a instrucção dos corpos, de 9 de setembro de 1899, a instrucção de recrutas, ou do 1.º periodo, deve ser dada pelo programma confeccionado pelo commandante do corpo, depois de ter recebido as propostas do tenente-coronel, majores e capitães. Esse programma deve ter em vista o regulamento citado, harmonisar-se com as instrucções elaboradas pelas commissões de aperfeiçoamento, e ser approvado, com ou sem modificações, pelos commandantes das brigadas.

No que fôr relativo ao tiro, necessita da approvação do ministro da guerra.

O Regulamento de 1894, que foi agora suspenso, era muito mais simples a respeito do programma, pois attribuia essa faculdade ao capitão, que o confeccionava em harmonia com o mesmo regulamento, dando-lhe logo execução, e explicando-o aos seus auxiliares graduados.

Como é notorio, esse programma raras vezes se organisava, sendo essa falta supprimida com certa facilidade pelo detalhe a que o mesmo regulamento dava materia, pelas disposições dos regulamentos especiaes, pelo horario dos commandantes dos corpos e mais elucidações verbaes, ordens ou instrucções.

O actual regulamento inserindo disposições mais complexas, e fazendo intervir no assumpto quasi todos os graus militares, até os mais elevados, tem talvez em vista garantir melhor a realidade e qualidade do programma, mas não sabemos se a sancção pratica conseguiu ou conseguirá a execução da nova doutrina.

Pela nossa parte estamos convencidos de que seguindo a instrucção um programma previamente posto com certo detalhe, se evita um grande desperdicio de tempo, pela demasiada

insistencia, demora ou repetição de uma materia em prejuizo de outra que tem ás vezes muito mais importancia para o adestramento racional dos homens.

Apresentamos aqui dois typos ou projectos de programmas para essa instrucção, um para ser executado em 100 dias ou quatorze semanas, que é o tempo normal concedido, e outro para ser executado em quatro ou cinco semanas, como se determina na ultima reorganisação do exercito para os homens da 2.ª reserva sem instrucção.

Apesar de todas as determinações officiaes, em phrases frequentemente prolixas e bombasticas, é um facto por todos observado que a instrucção do nosso soldado é incompleta e defeituosa. Mais de metade d'elles, embora permaneçam nos quarteis 730 dias, vae-se embora para a reserva sem praticar o tiro elementar. Diz-se que é por economia, mas nós não comprehendemos que se gastem 200$000 réis com um soldado desadestrado, quando com 6$000 se póde fazer um atirador regular, exigindo o tiro elementar apenas o dispendio de 3$000 réis. Para os que não teem carreira de tiro ao pé do quartel, tambem a despeza de transporte não seria elevada.

Além do tiro ha outras materias que não podem continuar a ser despresadas sem se incorrer n'um desleixo gravissimo. Por exemplo, a avaliação de distancias; o serviço de esclarecedores e patrulhas; a fortificação; os movimentos por flexibilidade e signaes; os principios para o emprego do tiro; o aproveitamento do terreno e occupação de posições.

E' o conhecimento d'estas materias que habilita o soldado moderno para se conduzir na guerra, e não o tradicional e falso manejo de arma e de fogo por tempos, bem como a tactica abstracta, ou evoluções em ordem unida ao commando verbal, que continuam a absorver quasi todo o tempo das lições e exercicios, constituindo o unico objectivo de todos os desvelos possiveis.

Este ponto de vista ficava muito bem no tempo da pederneira, do fulminante e da classica carga de bayoneta, circumstancias ou condições que tinham natural e harmonica correlação no soldado mercenario, no profissional e no forçado a cinco annos ou oito de serviço. Hoje só se poderá admittir para preparar os soldados para as guardas municipal e fiscal, que, certamente, não estão nas mesmas circumstancias de educação e preparação das tropas do exercito activo e reserva.

Com especial applicação a estas ultimas, que segundo a lei devem satisfazer annualmente a um periodo de instrucção de 30 dias, apresentamos tambem um programma.

O actual Regulamento para a instrucção tactica não está convenientemenie redigido para facilitar a instrucção elementar ou de recruta, de modo que ella se possa ministrar com o necessario aproveitamento em tres mezes. Pode-se, pois, induzir já qual será o resultado, quando se pretender ministrar n'um periodo de trinta dias uma instrucção proveitosa, que se não limite ao manejo da arma, e que queira alcançar rapidamente as formações em ordem unida e dispersa, o mechanismo de combate, o tiro ao alvo, o serviço de campanha, etc.

A falta de adaptação do actual Regulamento tactico ás exigencias do systema que vae ser imposto, só poderá ser suppri-

da pela nitida comprehensão que tenham os instructores dos processos que em taes circumstancias convém pôr em pratica.

Esses processos residem essencialmente:

1.º Na suppressão do que só servir para o apparato e para o serviço de guarnição, ou de permanencia nas fileiras;

2.º No ensino exclusivo do que fôr necessario para a marcha, segurança, exploração e combate pelo fogo;

3.º Reduzir ao minimo o manejo de arma;

4.º Passar rapidamente pela execução por tempos;

5.º Banir os movimentos em cadencia, excepto o passo ordinario.

E' n'esta conformidade que vae feito o programma para o ensino em 30 dias.

Relativamente á execução do manejo e outros exercicios por tempos, o actual Regulamento Tactico já inculca ou determina algumas regras que, sendo criteriosamente postas em execução pelos instructores, podem attenuar muito os inconvenientes do genero que temos apontado, e que são inherentes ao systema frequentemente seguido na redacção ou exposição dos detalhes, no mesmo Regulamento.

Entre outras, citaremos as regras que mandam ao instructor começar o ensino dos manejos e exercicios, não com explicações ou discursos, que estabelecem entre as differentes partes do corpo e da arma um verdadeiro tiroteio de termos technicos e phrases confusas e fastidiosas, mas pelo processo muito mais simples e productivo da imitação e repetição ou execução livre, isto é, sem commando. Segundo essa regra, o primeiro e principal ensino do recruta repousa na reproducção ou imitação do que á sua vista fizer o instructor, homem ou homens, que forem postos na frente dos recrutas para servirem de modelos. Os recrutas imitam e repetem muitas vezes os movimentos sem voz de commando.

Incidentemente, e como actualmente, pela penuria de pessoal, o instructor chega a não dispôr de um unico soldado ou cabo para o auxiliar, lembraremos que em tal caso podem (e ás vezes bem) servir de modelo alguns recrutas mais intelligentes e habeis. Mas, seja o modelo que fôr, elle executará muitas vezes descriminado o exercicio, e os recrutas, em silencio, vão-o imitando, sob a inspecção e correcção do instructor.

E' assim que deve começar o ensino, em conformidade com o numero 18 da 1.ª parte.

Depois, segundo o n.º 19, os recrutas executam durante alguns dias os exercicios por tempos, contando-os, e cessando essa contagem com a applicação do n.º 20, tambem 1.ª parte.

Vê-se, pois, que o Regulamento concede aos instructores a faculdade de exagerar ou attenuar os inconvenientes da execução detalhada, ou por tempos.

A prova de que essa execução só tem alguma razão de ser na primeira phase do ensino, e que não é natural, nem util, nem pratica para as applicações, está na tendencia muito espontanea que teem os recrutas e os soldados para, á medida que se vão desenvolvendo, *reduzir todos os exercicios á unidade*, isto é, *a sua execução n'um tempo*.

Tal simplificacão é natural e necessaria, e como os exercicios que o soldado precisa aprender são muitos, nem por isso

se poderá dizer que a sua instrucção não seja feita em muitos tempos, ou com todos os tempos.

Procuremos pois reduzir a um minimo os tempos, porque vae n'isso uma importante questão de progresso, economia, alivio para os recrutas e para os instructores, e preparação racional para a missão do combatente moderno.

Programma para a instrucção de recruta em 100 dias

1.ª semana—dia 27 de novembro a 3 de dezembro (1)

Tactica (Exercicios sem arma)	Posição de sentido; descançar; continencia; tirar e pôr barretina; ajoelhar; olhar aos flancos; voltas; marcha em ordinario; marcar e trocar passo; latteral; perfilar: formação n'uma fileira com ou sem intervallos.
Instrucção theorico-pratica	Graduações militares; continencias; deveres dos soldados; hygiene e aceio individual.
Gymnastica	Movimentos livres sem arma; marcha em ordinario na pista.

2.ª semana—dia 4 a 10 de dezembro

Tactica (Exercicios sem arma)	Repetição e aperfeiçoamento dos exercicios anteriores; voltas durante a marcha; marcha accelerada; destroçar; reunião ou formar; formação em duas e n'uma fileira.
Instrucção theorico-pratica	Nomenclatura e limpeza do armamento; preceitos disciplinares; recompensas.
Gymnastica	Movimentos livres sem arma; marcha na pista em ordinario e accelerado.

3.ª semana— dia 11 a 17 de setembro

Tactica	Manejo de arma; marcha com arma; formação por filas com intervallos; formação a quatro; voltas e alinhamentos.
Instrucção theorico-pratica	Nomenclatura e limpeza do correame e equipamento; vencimentos e descontos dos soldados; graduação da alça.

(1) E' nos fins de novembro que a entrada dos recrutas attinge maior intensidade.

Gymnastica	Movimentos livres sem arma, sendo alguns em cadencia accelerada; marchas na pista; saltos sem arma.

4.ª semana—dia 18 a 24 de dezembro

Tactica	Repetição ou aperfeiçoamento do manejo de arma; manejo de fogo, empregando o cartucho simulado; marchas e voltas; mudanças de direcção e de frente.
Instrucção theorico-pratica	Graduação da alça; linha de mira e pontaria no cavalete.
Gymnastica	Movimentos livres com e sem arma; marcha na pista; saltos sem arma.

5.ª semana—dia 25 a 31 de dezembro

Tactica	Manejo de arma e de fogo em aperfeiçoamento; exercicios de esquadra e de secção em ordem unida.
Instrucção theorico-pratica	Prosegue a instrucção preliminar do tiro; pontaria no cavalete e a braços em todas as posições.
Gymnastica	A mesma da semana anterior, alternada com esgrima de bayoneta.

6.ª semana—dia 1 a 7 de janeiro

Tactica	Execução de toda a especie de fogos, empregando o cartucho simulado. Aperfeiçoamento da instrucção em ordem unida; começa a ordem extensa.
Instrucção theorico-pratica	Pontaria no cavalete e a braço, empregando o cartucho com bala simulada. Regras para o emprego do fogo vivo e lento.
Gymnastica	A da semana anterior; esgrima; saltos sem arma.

7.ª semana—dia 8 a 14 de janeiro

Tactica	Completa-se a instrucção em ordem unida; execução do fogo empregando o cartucho de bala simulada; continúa a instrucção em ordem extensa.

Instrucção theorico-pratica	Equipar e desequipar; collocação da roupa na mochila; inspecção da arma; disposições do codigo de J. militar.
Gymnastica	Esgrima; saltos; exercicios em apparelhos, constando de suspensão e elevações.

8.ª semana—dia 15 a 21 de janeiro

Tactica	Ordem extensa; recordação e aperfeiçoamento das lições anteriores.
Instrucção theorico-pratica	Toques de corneta e signaes; serviço de guarnição.
Gymnastica	Esgrima; saltos á vara; passeios a braço nos apparelhos; saltos com arma; exercicio de natação.

9.ª semana—dia 22 a 28 de janeiro

Tactica	Ordem extensa; exercicios de flexibilidade; execução de fogos, reunião e assalto, comparecendo os homens equipados.
Instrucção theorico-pratica	Instrucção preliminar de tiro; avaliação de distancias; serviço de patrulhas e vedetas.
Gymnastica	Esgrima; passeio a braço nos apparelhos; subida de escadas e cordas; saltos com arma; exercicio de natação.

10.ª semana—de 29 de janeiro a 4 de fevereiro

Tactica	Exercicios de flexibilidade; exercicios com inimigo representado.
Tiro ao alvo	Tiro elementar.
Instrucção no campo	Avaliação de distancias; orientação; nomenclatura do terreno e seus accidentes.

11.ª semana—de 4 a 10 de fevereiro

Tactica	Aproveitamento do terreno e dos abrigos; occupação de posições; campo de tiro; ataque e defeza; perseguição e retirada; reunião.

Tiro ao alvo	Tiro elementar.
Instrucção no campo	Avaliação de distancias; regras para o emprego do tiro; vedetas e patrulhas.

12.ª semana—de 11 a 17 de fevereiro

Tactica	Ataque e defeza de posições com inimigo representado. Exercicios de pelotão.
Instrucção no campo ou na parada	Serviço de vedetas e patrulhas; regras para o emprego do tiro.
Gymnastica	Tres lições por semana em repetição e aperfeiçoamento da materia anterior.

13.ª semana—de 19 a 25 de fevereiro

Tactica	Instrucção do pelotão em ordem unida e dispersa; exercicios de flexibilidade.
Instrucção no campo	Serviço de vedetas e patrulhas.
Fortificação	Construcção de abrigos e trincheiras.
Gymnastica	Tres lições por semana em aperfeiçoamento; corridas e lucta de tracção.

14.ª semana—de 26 de fevereiro a 4 de março

Tactica	Exercicios de flexibilidade e mechanismo de combate do pelotão.
Instrucção theorico-pratica	Serviço de guarnição.
Fortificação	Construcção de trincheiras-abrigos.
Gymnastica	Tres lições por semana em repetição da materia; corridas e lucta de tracção.

Programma para a instrucção de recruta em 30 dias

		1.ª semana
Tactica	Instrucção sem arma	Formação n'uma fileira sem e com intervallos; sentido; descançar; olhar aos flancos; voltas e passos; alinhamentos; marcha em ordinario e accelerado; formação a dois e a quatro; voltas durante a marcha; destroçar e reunião; continencia.
	Instrucção com arma (1)	Sentido; descançar; braço arma; hombro arma; armar e cruzar bayoneta; ensarilhar arma; carregar com cartucho simulado; apontar; fogo de pé, de joelhos e deitado; marchas e voltas; mudanças de frente.
	Instrucção theorico-pratica	Graduações militares; continencias; deveres geraes dos soldados; preceitos disciplinares e do codigo; nomenclatura do armamento e equipamento; graduação da alça (2); pontaria no cavalete.
		2.ª semana
	Tactica	Manejo de arma e de fogo em aperfeiçoamento; continuação das formações e movimentos em ordem unida; principia o ensino da ordem extença.
	Instrucção theorico pratica	Instrucção preliminar de tiro; avaliação de distancias; regras para o emprego do fogo no combate; exercicio com cartucho de bala simulada.
		3.ª semana
	Tactica	Ordem extensa e exercicios de flexibilidade: esgrima; ataque e defeza de posições; exercicios de fogo empregando o cartucho de bala-simulada. Tiro elementar.
	Instrucção no campo e na parada	Avaliação de distancias; aproveitamento de terreno e dos abrigos; regras para o emprego do tiro no combate; traducção de signaes e toques.

(1) Deve começar no 3.º ou 4.º dia.
(2) Para os homens que não sabem ler a graduação da alça não deve ir além de 600 metros; para os que conhecem os numeros pode ir até 1:000 metros.

4.ª semana

Tactica	Exercicios de pelotão em ordem unida e disperssa e flexibilidade; ataque e defeza de posições. Esgrima.
Tiro ao alvo	Tiro elementar
Instrucção no campo e na parada	Serviço de vedetas e patrulas; construcção de abrigos e trincheiras; equipar e desequipar; traducção de signaes e toques; deveres dos reservistas.

Nota

O programma que regular a instrucção pode ser ainda mais detalhado, descriminando a materia de cada lição diaria, e o tempo que se lhe deve consagrar; porém, parece-nos mais conveniente completar taes detalhes com a iniciativa dos capitães e instructores, aos quaes se poderia então exigir a entrega semanal de uma nota explicativa da materia ensinada durante a semana, com numero de horas que se consagrou a cada assumpto, e o aproveitamento ou habilitação dos homens.

E' provavel que a ideia d'este mappa nos não seja muito louvada e agradecida, mas nós é que não comprehendemos que a proposito de uns tacões n'umas botas, de dois dias de convalescença ou de licença, se troquem officios e telegrammas, e se apresentem umas poucas de relações e documentos, ao passo que a instrucção de recruta decorre durante tres mezes sem dar origem a um unico documento em que se firmem responsabilidades, ou se declare o que se fez e como se fez.

Podiamos tambem lembrar as partes de guarda, ronda e outras, e as innumeras notas e mappas que as secretarias pedem a toda a hora.

Julio de Oliveira.

Tenente de caçadores.

A INSTRUCÇÃO DO TIRO

Os ensinamentos da guerra anglo-boer fazem prevêr a importancia futura de uma infanteria manobradora empregando formações flexiveis, utilisando o terreno como abrigo, e sobre tudo, sabendo bem servir-se do seu armamento, provando-se assim que, hoje mais que nunca, o principal meio d'acção da infanteria é o fogo, que dominando o adversario pela sua superio-

ridade lhe imponha a retirada immediata, desordenada, perdida a confiança nas suas forças.

Se outrora apenas se exigia do soldado que apontasse baixo, mandando Cromwel apontar ás fivelas dos sapatos, e em Fontenoy os officiaes inglezes faziam baixar com os seus bastões os canos das espingardas dos seus soldados, hoje a instrucção de tiro deve ser tanto mais completa quanto mais aperfeiçoado é o armamento de que o soldado dispõe. O ideal seria fazer de cada soldado um atirador *d'élite*, mas se é facil conseguir-se isso nas nações como a Suissa e Transwaal, onde a pratica do tiro existe nos costumes do povo, não o é, sem uma grande despeza, nos outros povos porque além d'uma completa instrucção no tiro individual é precisa a instrucção nos fogos collectivos, que devem ser feitos tanto quanto possivel nas condições do combate, isto é, depois de bivaques, de grandes marchas, avançando, retirando, em abrigos, variando a velocidade e objectivo do fogo durante a sua execução, etc. Só d'esta forma a instrucção seria perfeita; mas se entre nós o tiro tem estado restricto aos corpos que tem carreira propria, e não permittindo as nossas finanças a creação dos campos de tiro precisos á instrucção completa da infanteria, deveremos limitar-nos a dar a cada soldado uma solida instrucção do tiro individual, inspirando-lhe assim a maxima confiança em si e na sua arma, para que em qualquer circumstancia do combate, lembrando-se do resultado alcançado na carreira de tiro, o consiga no campo de batalha. A noção de que obrigando o soldado a fazer fogo sem apontar vem prejudicar o resultado do tiro, deve desapparecer, quer por os homens se habituarem ao perigo depois dos primeiros encontros, quer porque começando o fogo a maior distancia teem tempo de conservar ou readquirir o sangue frio necessario á execução do fogo.

E' ás curtas distancias que se fazem os atiradores por isso deve conseguir-se não só que todos os soldados façam o tiro de 3.ª classe mas que estejam em condições de fazerem o tiro de 2.ª classe. A experiencia tem-nos mostrado que é diminuto o numero de atiradores que passam da 3.ª para a 2.ª classe, o que só se conseguirá por uma cuidadosa instrucção preliminar de tiro. Insista-se portanto n'esta instrucção procurando-se e corrigindo-se os defeitos proprios de cada atirador. Este *desideratum*, obter-se-ha pela applicação dos exercicios prescriptos pelo regulamento de tiro, desde que ao soldado se ensine: a apontar rigorosamente e a corrigir a pontaria; a levar a espingarda á altura do olho levantando o hombro, facilitando assim o tomar a linha de mira; a manter a espingarda fórtemente segura pela mão direita no concavo do hombro para reduzir o recuo; a actuar lentamente no gatilho sem que o movimento do dedo se transmitta ao braço, a tomar a respiração ao levar a espingarda á cara, retendo-a até depois de partir o tiro. Como na instrucção tactica, exigindo-se sobretudo a unidade de execução, não se attende ao detalhe os soldados apresentam-se em geral em frente dos alvos com uma instrucção defeituosa que não póde ahi ser corrigida sob pena de dividindo-lhe a attenção prejudicar o resultado do tiro, por isso é indispensavel ensinar de novo as diversas posições do atirador, fazendo que na pontaria a bra-

ço (1) os atiradores procurem o ponto a bater elevando gradualmente a bocca do cano. Para habituar os soldados á detonação e ao recuo devem ser instruidos no fogo com cartuchos com bala simulada.

Concluida a instrucção preliminar os soldados não julgados incapazes de serem atiradores devem receber a instrucção pratica nas carreiras do tiro. Mas como alguns d'estes pódem ter defeitos não reconhecidos durante a instrucção preliminar, deveriam os corpos ter carreiras de tiro reduzido onde as praças, terminada a instrucção preliminar, fariam uma serie de tiros, verificando-se assim o seu grau de instrucção. Aquelles que alcançassem um certo resultado iriam completar a sua instrucção na carreira de tiro, as restantes voltariam a receber a instrucção preliminar até serem julgados capazes de não desperdiçar munições nas carreiras.

Se os tiros de combate devem ser executados nas condições da guerra, os tiros de instrucção deverão ser feitos nas melhores condições para o atirador sem que os exercicios fatigantes, a instrucção prolongada ou o estado atmospherico venha influir no moral dos atiradores.

Terminada a instrucção do tiro individual resta completal-a pelos tiros de combate que não póde ser ministrado pela falta de campos de tiro, póde porém obter-se uma instrucção relativamente completa pela pratica methodica dos *exercicios preparatorios de tiro de combate individual e collectivo*, (Reg. de tiro §§ 283. 297) que sendo bem orientados substituiriam com vantagem para a instrucção parte dos nossos frequentes exercicios de tactica applicada.

Quanto á instrucção de tiro das reservas desenvolver-se-hia estabelecendo-se um certo numero de cartuchos que os reservistas seriam obrigados a consumir annualmente, para o que se augmentaria o numero de carreiras de tiro facilitando-as aos atiradores civis.

Para animar a instrucção realisariam-se concursos annuaes com premios (medalhas, por exemplo) que os atiradores podessem usar quer com o uniforme, quer com o traje civil.

Convergindo todos os esforços para que esta importante instrucção seja intensa e repetida, crêmos possivel fazer bons atiradores do maior numero dos nossos soldados.

Gaspar do Couto Ribeiro Villas,
Alferes de infanteria.

(1) A pontaria a braço é feita depois da instrucção de gymnastica sem arma e com arma como determina o R. de T.

Notas de um expedicionario

1897—1898

A 11 de setembro fundeiavamos em Lourenço Marques. Ficaram ahi, por determinação superior, a força de artilheria, á excepção de uma bateria do commando do snr. tenente Passos, e uma companhia de caçadores 5. A 2.ª companhia juntamente com a bateria foram para S. José do Mossuril; a cavallaria seguiu para Inhambane. Nada ha digno de mencionar-se durante a estada na pittoresca villa; a não ser a falta imprevidente de preparar os soldados para a acclimatação, obrigando-os a exercicios moderados e afastando-os dos excessos da cantina, do abuso das fructas verdes e dos demais desregramentos. Na villa ha um quartel de alvenaria, que pode reputar-se regular e que seria, mesmo bom, com algumas modificações tendentes a alterar-lhe o feitio europeu e dar-lhe um ar de habitação conforme com a acção do clima. Formam-no duas casernas bem ventiladas, faltando-lhe porém um parque arborisado, e devendo ser, d'uma das suas dependencias, removido o hospital. N'uma terra, com a riberia de Guioua tam proxima, de agua fina e leve, e de tão facil canalisação, bebem os indigenas a agua suja de um poço do largo; e os soldados tiveram agua, quasi á ração, como a bordo, sem filtração preciza e cedida da cisterna da habitação do governo, pela obsequiosidade do tenente Soveral Martins. No hospital por vezes nem ha medico europeu; a clinica dos colonos fica confiada a um pseudo medico da escola de Goa, fazendo uma terapeutica á la diable e ministrando incondicionalmente quinino, n'um desprezo absoluto de todas as indicações. Foi por isso que eu não desacompanhei um só dos nossos soldados, vizitando-os e medicando-os no hospital civil, auxiliado muitas vezes pelo valioso concurso do meu excellente collega, dr. Patricio e sempre coadjuvado pela sollicitude nunca desmentida, pela ferverosa caridade das piedosas Irmãs de Cluny.

As doenças de Inhambane não foram derivadas das incidencias climatericas sobre as differentes visceras do

organismo. A villa é relativamente salubre; e algumas modificações tornal-a-hiam aprazivel. Desde a nossa chegada se pensára em nos mandar aquartellar em Goxane. Nunca me foi licito saber a razão d'este facto. Os intendidos diziam, que a cavallaria, em tal ponto, ficava encravada, visto não haver uma ponte sobre o Mutamba ligando Inhambane com a margem fronteira do rio; e a passagem d'este não se poder fazer, senão nas grandes vazantes da maré, pelo vau de Covane. Varias vezes chamei a attenção para o inconveniente de aquartellar permanentemente europeus em construcções cafreaes; e muitos argumentos de valia adduzi contra o local para onde destacariamos.

E foi em 22 de novembro, sahindo a 2.ª companhia para Gaza, que nós singramos rio acima em demanda de Goxane, n'uma manhã quente, preguiçosamente propellidos por um vento brando, mal inflando o largo latino da lancha.

EM GOXANE

Goxane é uma elevação de terreno abundante em mafurreiras e picotada aqui e além por cajueiros. Defronta com a collina de Guioua e é separada d'ella, por um filete d'agua, correndo sinuosamente n'um leito de areia, entestando com margens de terra pantanosa, onde medra a canna e cresce o junco. O terreno escolhido para quartel permanente da força de cavallaria, era o ponto mais central da longa seriação de pantanos que desde a Mutamba se vem seguindo uns aos outros até ás proximidades de Inhambane. Adensava-se n'elle, cerrada e impenetravel, uma floresta espessissima. O primeiro trabalho do indigena foi o seu corte e cremação, ficando reduzida a um largo, onde raras arvores, quasi despidas de folhagem, tinham um aspecto bizarro, salteiadas e absorvidas pelas varas secas e longas das gigantescas trepadeiras ardidas. Algum tempo antes eu acompanhara o governador Soveral Martins n'uma inspecção ao lugar. Parecera-me este de má escolha; mas dado que elle deveria fatalmente ser o unico ponto conveniente, resignei-me commigo mesmo, embora fossem de pezo as objecções por mim apresentadas.

Coagido assim por determinações superiores, dictadas com um rigorismo impondo a sua immediata obser-

vancia, ainda procurei derogar causaes d'infeccionamento, calculando que, embora se tivesse de destruir uma floresta, o corte do arvoredo seria seguido de uma cremação demorada para destruir os detritos organicos e provocar a secura do sólo.

Entre tão exiguas probabilidades de manutenção d'um estado sanitario regular, animava a ideia da proximidade da agua fina e transparente; a elevação do local escolhido, uma relativa isolação dos pantanos e ainda a predominancia dos ventos.

Mas a pezar d'esta miragem benigna, falhando recursos, escasseiando cuidados, insidiosamente se desenvolveu, para grassar intensa, uma grave epidemia.

Alguns centimetros d'areia fina mascaravam grandes massas lodosas; e eram cobertura insufficiente para evitar as fermentações do sub-solo de humus. As habitações foram as palhotas dos bitongas e landins de Covane, pouco vastas, mal arejadas, de pavimento interno inferior ao nivel do campo.

Aproveitou o administrador de Guilala o maior numero de materiaes já servidos; cupulas velhas, que as chuvas derrubaram; caniçados, tirados d'outras palhotas, d'onde a caliça se despegava. Para alguns ainda o chão teve uma leve camada de matico; mas para outros sem leitos de campanha e sem mosquiteiros, foi-lhes cama a areia revolta.

E assim dormiam, respirando as emanações marasmaticas, soffrendo a acção deprimente d'um calor asphyxiante, accumulados n'um mau recinto, torturados pelas ferroadas dos mosquitos.

A casa de jantar foi um sombreiro tosco que era o centro do acampamento. Na sua frente uma fila de palhotas, de exiguas dimensões, distantes cinco metros umas das outras e servindo de corda ao arco traçado pelas restantes em muito maior numero e mais juntas, que eram a habitação dos soldados. No espaço intermedio as cosinhas, ao fundo o hangar dos cavallos.

As difficuldades de saneamento e de desinfecção em tão acanhado meio, transformaram as palhotas em fócos d'infecção, abafando-se, dentro d'ellas, nas quentes noutes em que a chuva cahia furiosamente, em grandes cordas d'agua, oppressa a respiração por um cheiro nauseante.

Falharam todas as condições de tratamento, apesar

das minhas reiteradas instancias para a construcção d'uma enfermaria.

O vestuario era improprio do clima. As peças de roupa branca em numero reduzido, não se podiam lavar com frequencia por falta de serviçaes.

Foi sob o influxo de todas estas causas combinadas que se desenvolveu endemica e epidemicamente a febre gastro-biliosa remittente, com taes caracteres alarmantes de gravidade, que só egual se vê descripta nas narrações dos viajantes da Indo-China, e a que os inglezes chamaram, pelo facto de se declarar depois dos cortes das grandes florestas e na proximidade de terrenos alagadiços, a *jungle fever*.

Atraz d'ella, como consequencia fatal, advieram o impaludismo chronico, a biliosa hemoglobinurica e as perniciosas matando implacavelmente, na algidez lethal d'um collapso, sem fim.

E. Pimenta
Tenente-medico.

RELATORIO

Organisação da companhia de guerra do regimento de infanteria n. 4, que destacou para Moçambique em novembro de 1896, e serviços que prestou durante a sua permanencia em Africa.

(Continuado do n.º 2 do 3.º volume)

A 24 de janeiro de 1897 pelas 10 horas a. m. ancorou o «Zaire» na bahia de Moçambique, e pouco depois veio a bordo o commissario regio apresentando-lhe os officiaes expedicionarios os seus comprimentos. Em seguida realisou-se o desembarque das forças.

A companhia de infanteria n.º 4 desembarcou para um batelão que foi rebocado por um pequeno vapor que conduzia os officiaes. N'esta occasião desencadeou-se uma enorme trovoada, seguida de chuva torrencial, que, apesar das praças lestamente desemmallarem os capotes para os vestir, ficaram completamente encharcadas.

Apoz este incidente, a companhia desembarcou na ponte-caes indo alojar-se em duas casernas junto á praia,

a uma distancia de uns 300 metros da fortaleza de S. Sebastião.

Apesar das casernas serem espaçosas, ainda assim as praças ficaram muito agglomeradas. As camas eram formadas por uma rede de corda, de malhas largas, fixa a um rectangulo de madeira a 0m,40 do solo, a que dão o nome de *quitanda*. A roupa da cama consiste n'um *goudrin*, uma especie de *édredon*. De cama a cama havia um intervallo tão estreito que mal permettia ás praças passagem para se deitar.

Os sargentos alojaram-se no rez-do-chão num predio destinado á residencia do juiz de direito, e ficaram rasoavelmente installados.

Os officiaes occupavam uns quartos no interior da praça de S. Sebastião. A mobilia que os guarnecia era velha, reduzida e mesmo insufficiente. As janellas não tinham vidraças, de modo que quando chovia e o vento estava leste era preciso fechar as janellas e accender o candieiro.

Nada d'isto nos incommodou, considerando que a nossa missão em Africa era pugnar pelos nossos direitos, e não para gozar commodidades.

A companhia conservou-se na ilha de Moçambique de 24 de janeiro até 23 de fevereiro, dia em que marchou para a campanha dos *namarraes*.

As expedições, nos primeiros dias da sua chegada á Africa, são muito dizimadas, e muito principalmente quando estacionam em localidades onde abundam estabelecimentos de viveres. O nosso soldado recebe maiores vencimentos e dispõe geralmente de meios para lhes satisfazer todos os apetites, abusando d'um modo extraordinario de todas as fructas, em geral, pouco sasonadas. As conservas em latas e principalmente as de peixe e carne, ás vezes detrioradas, muito contribuem para lhes damnificar a saude, causando-lhes embaraços gastricos, enterites, biliosas, etc.

A disposição dos aquartelametos tambem lhes permitte o evadirem-se de noite, apezar da maior vigilancia, expondo-se ás cacimbas que elles, inconscientes, não lhe calculam as perniciosas consequencias.

Durante a estada da companhia em Africa, a alimentação foi bôa, já pelo que respeita á qualidade, já á variedade e abundancia.

Pelo seguinte quadro se vê o preço dos generos ar-

rematados para rancho em Moçambique e Lourenço Marques.

Generos	Moçambique	Lourenço Marques
Assucar	206	170
Manteiga de vacca	1:190	1:092
Café moido	800	895
» grão	660	
Chá verde	1:580	1:050
» preto		
Pão para sargentos 0,258	60	cada
» » soldados 0,125	40	1:000 gr.
» » sopa 0,500	120	108 reis
Carne de vacca	400	188
Chouriço	950	700
Toucinho	400	450
Bacalhau	285	275
Atum (latas de 0,k500)	245	
» Salmoira k	290	320
Sardinhas, lata	90	74
Arroz da terra	80	
» fino	120	119
Grão de bico, litro	180	120
Feijão branco	105	104
» encarnado		109
» verde (lata)	155	128
» jugo (nativo)	80	
» chibambo (idem)	44	
» frade	140	
Macarrão	218	270
Massas finas	270	
Batata	90	120
Banha	478	470
Ervilha (lata)	150	129
Presunto	900	888
Sal	9	27
Azeite (litro)	350	385
Alhos (kilo)	220	349
Cebolas (idem)	100	123
Vinho tinto	120	146
» branco	200	
» verde de (garrafa)	300	
» collares	378	
Vinagre branco	129	145
» tinto	124	
Azeitonas (lata 0,k500	300	
Pimenta	705	940
Calda de tomate de (lata de 0,k500)	180	
Petroleo caixa	2:695	
Ovos duzia	240	1:440
Lenha (kilo)	10	10

As qualidades dos generos para a factura dos ranchos eram reguladas pelas tabellas em uso no reino.

Durante a estada da companhia na ilha de Moçambique a instrucção versou sobre exercicios tacticos e tiro ao alvo n'uma carreira improvisada junto á praia de S. Sebastião.

I.ª PARTE

Campanha dos namarraes

A 23 de fevereiro pelas 6 horas a. m. formou a companhia na praça de S. Sebastião, constituindo dois pelotões, e depois de lhe ter sido destribuida a polvora, poz-se em marcha para a ponte-caes afim de embarcar para o continente fronteiro.

Pelo seguinte quadro se pode ver a reducção que a companhia soffreu durante um mez.

	Força da companhia quando completa	Effectivo que marchou em 23 (a)	Differença para menos	Observação
Officiaes.....	4	4		(a) Nem todas as praças que marcharam em 23 fizeram a campanha dos namarraes; em Natule, onde se concentrou a columna houve bastantes baixas ao hospital.
Sargentos....	10	7	3	
1.os cabos.....	16	14	2	
2.os cabos.....	8	5	3	
Soldados.....	184	152	32	
Corneteiros...	4	3	1	

A's 7 e 30 da m. estava a companhia embarcada n'um batelão, que rebocado pelo *Chaimite* seguiu para a praia do Mossuril.

Quando a companhia passou junto dos navios de guerra surtos no porto, foi acclamada pelas guarnições, a cuja gentileza correspondemos com enthusiasmo.

Pela 1 hora p. m. desembarcamos a dorso de preto e seguimos para a séde da capitania-mór de Mossuril de que era capitão-mór o capitão, sem prejuizo, Manoel de Oliveira Gomes da Costa.

Mossuril é um sitio encantador pelo pitoresco da sua paysagem, comtudo o seu clima é insalubre devido a um pantano junto dos quarteis. O commando está

installado n'uma bôa casa de alvenaria com bastantes commodidades, ligando-se, por meio de bôas estradas orladas de gigantescas palmarias, com varias installações ao tempo occupadas pela bateria de artilheria de montanha, companhia de cavallaria n.º 4 e restos da companhia de caçadores n.º 4.

Os officiaes da companhia foram convidados pelo capitão-mór para almoçar, sendo servidos na varanda da capitania d'onde se gosava um panorama encantador. A' amabilidade do illustre official aqui lhe consignamos o nosso reconhecimento.

Pelas 2. 15 a. m. a companhia formou para seguir para Natule, tendo de passar a vau o Inhacóme ás 3 horas, hora esta da baixa-mar.

Segundo instrucções que havia recebido, todos os vaus que a companhia tivesse de atravessar, as praças previamente deviam descalçar as botas e arregaçar as calças, ordem que transmitti aos officiaes subalternos da companhia. Logo que cheguei ao vau de Inhacóme a companhia fez alto. Ponderam-me os officiaes que era preferivel passar com as botas calçadas, pela difficuldade que depois haveria em as calçar com os pés molhados. A ponderação pareceu-me justa e accedi.

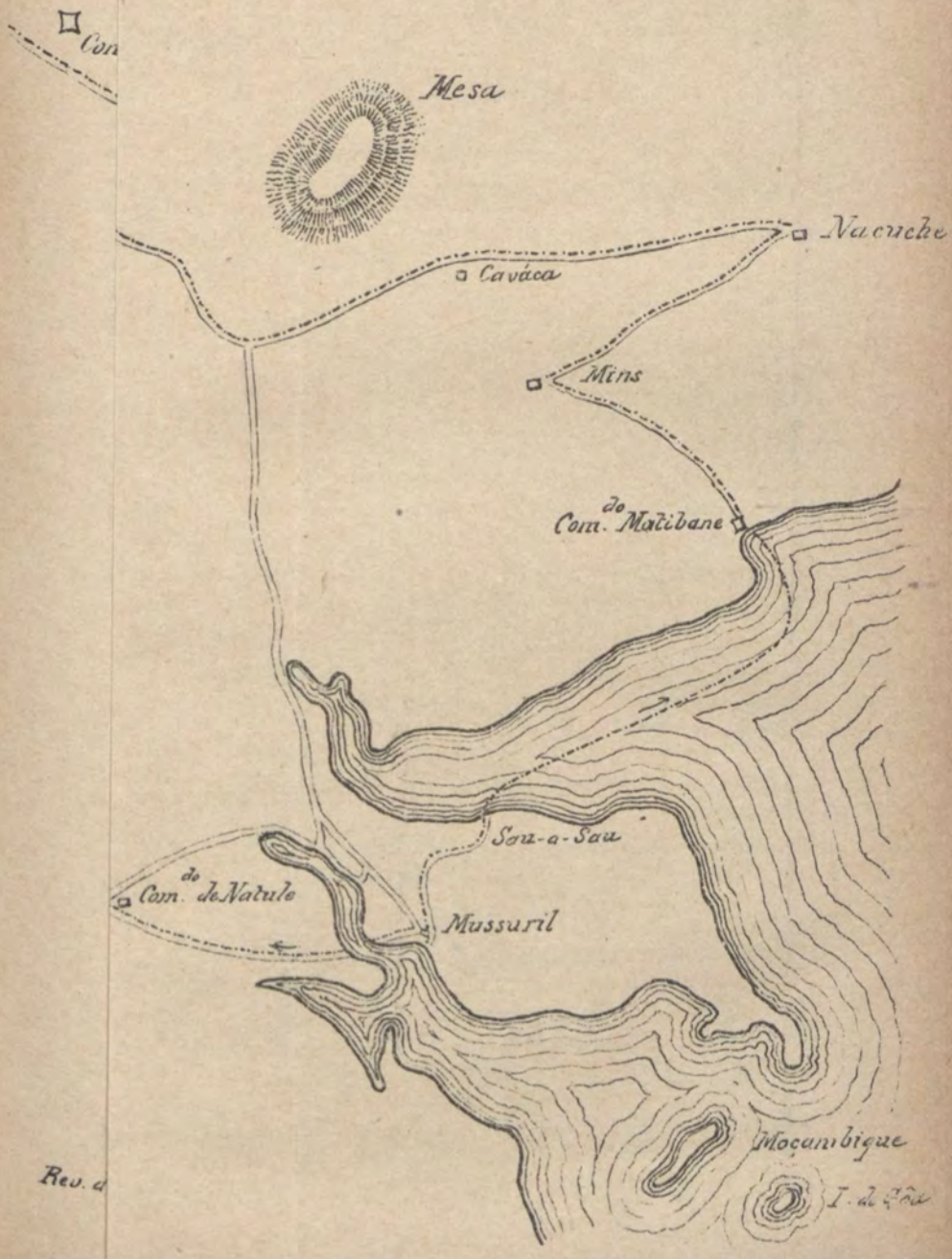
A's 5 horas p. m. chegámos a Natule, séde de uma companhia de guerra indigena do commando do tenente de infanteria Alarcão.

N'esta localidade já alli se achavam de vespera a bateria de montanha sob o commando do capitão Arthur Guimarães, companhia de marinheiros commandada pelo 1.º tenente da armada João Coutinho e 1.ª companhia de guerra da provincia do commando do capitão Francisco Callado.

Como fosse o official mais antigo, assumi o commando de todas as forças.

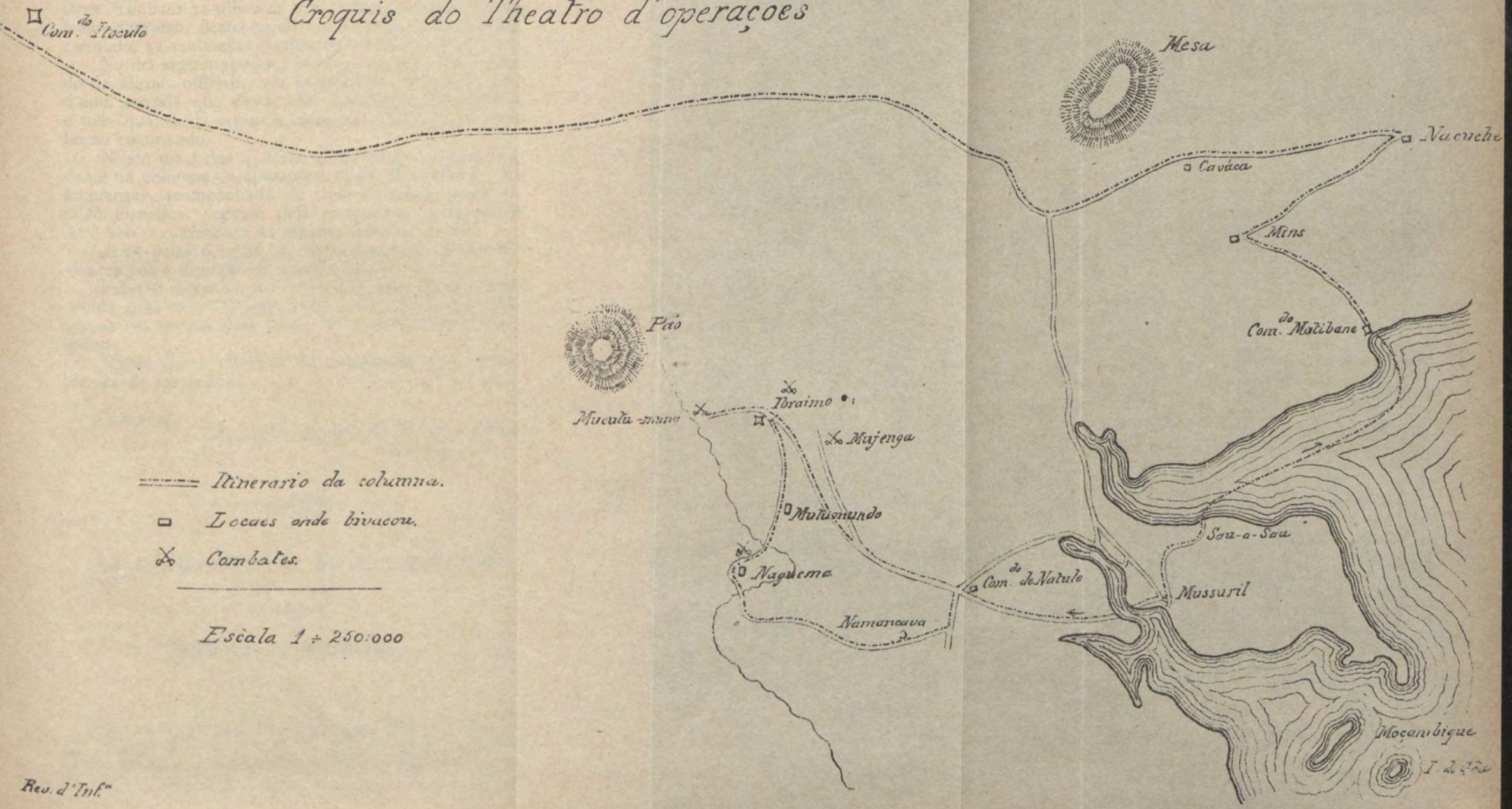
Pelas 11 horas p. m. ouviram-se tiros disparados delos namarraes, e vendo a possibilidade de um ataque, fiz immediatamente, guarnecer a banqueta do reducto por tropas, vindo o 1.º tenente da armada João Coutinho, com uma força de marinheiros, proteger as cosinhas e o pessoal que alli se achava.

O alferes Azinhaes, com o desembaraço que lhe é peculiar, sahiu com um troço de soldados *angolas* para fazer um reconhecimento, pois conhecia perfeitamente os arredores.


Com
Mesa
Nacuche
Caváca
Mins
do
Com. Matibane
Sou-a-Sau
do
Com. de Natule
Mussuril
Moçambique
I. de Sôa

Rev. d

Croquis do Theatro d'operações



Rev. d'Inf.ª

As forças conservaram-se em armas até que o alferes Azinhaes recolheu e me declarou não ter encontrado ninguem, destroçando em seguida, continuando, comtudo, as sentinellas vigilantes nas faces do reducto.

No dia seguinte pelas 7 horas a. m. fui, acompanhado de alguns officiaes, vêr os trabalhos do rasgamento d'uma estrada que devia ligar Natule com Namancava e pela qual devia seguir a columna. A's 11 horas recolhi ao commando.

N'este dia pelas 4 horas p. m. chegou o commandante da columna de operações, major Mousinho de Albuquerque, acompanhado do chefe de estado maior capitão Ornellas, seguido pela companhia de cavalleria n.º 4 sob o commando do tenente Antonio de Sá.

A 25 pelas 6. 45 a. m. chegaram os indigenas auxiliares sob a direcção do capitão Gomes da Costa.

Pelas 8 horas a. m. realisou-se uma missa campal resada pelo rev.mo conego Couto, marchando depois as tropas em revista pela frente do commandante da columna.

N'este dia o effectivo da companhia para combater era de 171 praças.

(Continúa)

Rodolpho Augusto de Passos e Souza,
Major de infanteria.

Apontamentos de tactica colonial

CAP. I

TACTICA DE MARCHA

IV

Percursos por agua.—Sempre que seja possivel dispôr d'alguma linha d'agua accessivel, será preferivel fazer os transportes por ella, pois se evitam as enormes despezas e fadigas dos transportes por animaes ou car-

regadores, a demora nas marchas, a necessidade de abrir estradas e caminhos no percurso das columnas, poupam-se os combatentes, deixando-lhes toda a energia para dispôrem d'ella nos momentos de lucta, evita-se o tresmalhamento das cargas, etc., etc. Ainda mesmo que os rapidos, pontos inavegaveis, etc., difficultem o transito pelos rios, ainda assim estes são preferiveis. N'este caso a questão está toda nas dimensões e feitio dos barcos adoptados os quaes, como se comprehende, devem ser em tanto maior numero, quanto mais leves, e de menos calado, quanto menor fôr a profundidade do rio, pelo menos n'um trecho bastante longo do seu curso. Succede frequentemente que um rio apenas é aproveitado n'uma pequena parte, ou porque a expedição precise vir a afastar-se d'elle ou porque a sua pequena profundidade ou quaesquer obstaculos impeçam o trajecto de certo ponto para cima. N'este caso o problema poder-se-ha ainda resolver, fazendo em barcos o trajecto na parte navegavel, e seguindo por terra d'ahi para cima.

Os inglezes na sua guerra do Sudan (1884-85), para transpor os rapidos do Nilo o qual aproveitavam n'um grande percurso, empregaram barcos n'estas condições: 9 a 10^{m} de comprimento, 1,^{m}98 de largura, 373 kilog. de pezo e 0,^{m}6 de calado. Transportava cada um 12 homens (fóra a tripulação — 5 ou 6 homens) com os equipamentos respectivos, munições, e 100 rações diarias por cabeça. Eram leves e fortes, em condições de poderem ser transportados por terra nos pontos innavegaveis (o que succedia muitas vezes) e podiam seguir á vela, a remos, á sirga ou á vara.

A formação adoptada pelos inglezes era esta: por agua, em barcos, as tropas apeadas, ambulancia e bagagens pesadas e as delicadas; por terra, no flanco mais ameaçado (direito), cavallaria e tropas montadas em serviço de exploração, na outra margem as bagagens leves em cavallos.

Nos rios africanos são vulgares os rapidos e, por isso, nas descidas d'elles deve attender-se a um certo numero de precauções: os timoneiros terão o maior cuidado em não deixar tocar os barcos nas pedras, pois em virtude da velocidade com que seguem, facilmente se arrombarão os que n'ellas baterem; as embarcações seguirão bastante afastadas umas das outras; ahi

sómente trabalharão os remos e de onde em onde seguirão alguns barcos vasios para tomarem a carga d'aquelle que, por ventura, se volte ou arrombe.

Na frente irão os barcos pilotados por indigenas que conheçam bem a hydrographia do rio e disposição dos rapidos, e na esteira dos quaes seguirão as outras embarcações; transposto um rapido, o barco deve esperar a approximação dos seguintes para retomar a marcha concentrada.

Conforme a largura do curso d'agua assim os barcos marcharão em uma ou mais filas.

O serviço de segurança d'uma columna por agua effectua-se assim: dividem-se as forças em tres grupos; o primeiro constitue a vanguarda e explora com a vista a terra adjacente, podendo mesmo manter nas margens grupos de exploradores que batam o terreno até 100 ou 200 metros do rio. Este grupo transporta o material de sapador e de destruição para desobstruir o curso d'agua. O segundo grupo (grosso da columna e comboio, segue a uma distancia variavel com a velocidade da corrente e navegabilidade do curso, escoltando o comboio, lançando mesmo alguns flanqueadores em terra, para subirem ás eminencias do terreno e observarem a um lado e outro do curso. O terceiro grupo constitue a guarda da retaguarda e segue a distancia, fechando a marcha.

V

Precauções geraes a adoptar nas marchas. — As primeiras marchas deverão ser curtas para ir emtrainando os homens e não os fatigar logo desde o principio. Fixar as horas de marcha de modo que o final de cada etape seja 2 horas antes de escurecer. Antes da partida dar tempo aos homens para comporem o equipamento e arranjarem o vestuario e o calçado. Estender a frente de marcha o mais possivel, as fileiras bem espaçadas (se o afastamento do inimigo o permitir). Alternar os homens da retaguarda com os da frente para fazer experimentar a todos o melhor desafogo da marcha na vanguarda. Um official deverá seguir na cauda de cada unidade para reanimar os retardados por meio de palavras ou com o liquido reconfortante do seu frasco. Vigiar que os homens conservem as rações de reserva, que encham

o frasco sempre que possa ser, filtrando ou beneficiando a agua que beberem.

Dizem os inglezes que o melhor meio de tirar partido d'um animal exhausto é fazel-o trabalhar (!) e que, portanto, quando n'uma marcha ha pressa e os homens estão fatigados, o que melhor ha a fazer é dar-lhes descansos curtissimos e pouco frequentes, para os não deixar *arrefecer*. Por outro lado, quando se vae estar a contas com o inimigo, será bom attender a que valerá talvez mais a demora d'um dia e ter os homens refeitos pelo descanso prolongado de muitas horas e aptos para se baterem com um inimigo numeroso e agil, do que não os deixar descansar para obter uma vantagem, ás vezes problematica, sobre o adversario, e vel-os depois exhaustos, cansados, não poderem fixar as pontarias, nem manter a serenidade, n'um estado de nervosismo provocado pela vigilia prolongada e pela fadiga, e não aguentar com firmeza uma lucta demorada e que póde chegar ao corpo a corpo e, portanto, á destruição da columna.

E' conveniente (quando não haja estreita necessidade de conservar silencio) deixar e incitar mesmo os homens a cantar, sendo até util os chefes comporem canticos de guerra para lhes distribuir e que elles cantarão nas marchas em côro altisonante, alegre e enthusiasta. Isto faz esquecer aos homens o soffrimento e a monotonia da marcha, exacerba-lhes o espirito guerreiro e arrasta mais facilmente os auxiliares.

Acostumar os soldados a beber pouco antes da marcha.

Antes de beber, descansar, lavar a bocca e beber pouco a pouco. Preferir o café sem assucar e bastante cortado d'agua.

Alfredo de Leão Pimentel,
Alferes de infanteria.

(Continúa)

REVISTA DE INFANTERIA

PELO GENERALATO

Volta de novo á tela da discussão este importante assumpto.

N'um projecto de lei, apresentado ultimamente ao Parlamento pelo nosso velho e querido amigo, major Francisco José Machado, pretende-se alterar o decreto com força de lei de 7 de setembro de 1899, fazendo-se com que haja, pelo menos, um general de brigada de infanteria para cada unidade correspondente.

Porque a nossa situação, no tocante ao generalato, é tão mesquinha, tão deprimente, tão injusta, que nem para as brigadas de infanteria ha os generaes necessarios!

A emenda do nosso amigo major Machado tem todo o cabimento, toda a opportunidade e até toda a justiça.

A Revista de Infanteria tem por differentes vezes apresentado as suas opiniões ácerca do generalato, franca, desassombrada e independentemente, como é sua divisa inquebrantavel.

O nosso ideal, firmado na nossa justiça e no interesse commum do exercito, assenta na necessidade impreterivel de que o quadro do generalato entre nós seja assim constituido:

	Estado maior	Engenharia	Artilharia	Cavallaria	Infanteria
Generaes de divisão .	1	1	1	1	4
Generaes de brigada .	2	2	3	3	10

Isto sim, que dá um justo equilibrio nas promoções das differentes armas, e, sobre tudo, representa uma solida garantia da defeza nacional, porque assim como é impreterivel que uma brigada de cavallaria seja commandada por um general de cavallaria, que uma divisão de cavallaria independente seja commandada por um general de cavallaria, tambem uma divisão de infanteria não póde nem deve ser commandada senão por um general de infanteria, e as divisões em todos os exercitos do mundo são, ao presente, constituidas por tropas de infanteria auxiliadas pelas outras armas nossas irmãs, logo são divisões de infanteria.

Esta é a verdade nua e crua, este é o facto real e que ninguem o póde negar.

Não é n'este momento occasião asada para desenvolver esta these, nem tão pouco mostrar, em face dos ultimos combates na Africa do Sul, a grande preponderancia, a espantosa preponderancia que a infanteria continua a ter nas batalhas.

Foi, é, e ha de ser sempre a arma das victorias.

Façam-lhe justiça e nada mais.

Opportunamente trataremos d'este assumpto.

O que nós desejamos deixar bem consignado e bem em fóco, é o quanto nos doe e magoa essas subtilezas e sophismas de *vagas fluctuantes*, esses meandros insondaveis de interesses particulares de *bases* 17, toda essa cohorte de inventos e artificios d'onde desapparece o interesse do estado, d'onde fogem envergonhados a justiça e o direito.

Cada arma siga a sua sorte, mas siga-a até ao fim, e nunca haja preterições que offendam o nosso decóro, que humilhem a nossa dignidade, que offusquem e empanem a nossa legitima ambição de trabalho e de gloria.

Por consequencia, não podendo, por emquanto, ver satisfeitos os nossos ideaes, abraçamos o projecto do nosso amigo major Machado como a satisfação a uma imperiosa necessidade de momento, qual é a falta de um

general para commandar uma brigada de infanteria, que ficou orphã na novissima organisação do exercito.

Apenas pedimos a esse nosso amigo que não arrange um general a mais na infanteria á custa de um coronel a menos que nos rouba.

Lembre-se o Parlamento, lembrem-se todos de que quando o nosso exercito tiver de entrar em operações de guerra, enorme, espantosa será a falta de officiaes de infanteria para dirigir e encaminhar á victoria os nossos soldados, o nosso povo armado.

E' um erro, é um crime de lesa-Patria diminuir na paz o numero de officiaes, que são a alma da guerra e a garantia da nossa defeza.

O que se fez, o que se tem feito é já bastante para nos deixar mal impressionado. E' necessario pôr um basta. Não pensemos só na vida das casernas, no enquadramento das unidades activas, nas procissões, nas paradas, nas festas.

Pense-se que de um momento para outro podemos ser forçados a entrar em guerra, e que todo o povo é grande para defender a sua terra natal, com quanto que esteja premunido com armamentos e officiaes.

Todavia, repetimos, merece todos os louvores a iniciativa do digno deputado e major de artilheria, o nosso amigo Francisco José Machado, propondo o augmento de 1 general de divisão e 2 de brigada que vem melhorar serviços que se reflectem e incidem em todo o exercito.

Nem isto podia continuar assim.

Acreditamos tambem que o pequeno augmento de 5 capitães de artilheria é imposto por imperiosas necessidades de serviço e portanto justo.

E já que não podemos, por emquanto, ter o optimo, esperamos que o Parlamento approve o projecto em questão, mas nunca alterando o numero de coroneis de infanteria.

OS QUADROS DO EXERCITO

(Continuado do numero precedente)

E' altamente importante e devéras difficil a missão do official engenheiro tanto em tempo de paz como em campanha.

«Com effeito, diz o coronel R. Henry, consoante a civilisação se desenvolve, pela applicação dos grandes inventos modernos, assim a intervenção da arte do engenheiro se torna preponderante na organisação do exercito e da marinha. E' uma necessidade fatal para os governos modernos cercarem-se de engenheiros, sabios e inventores, encarregados de manter a utilisação nacional á altura da sciencia e do progresso.

Uma nação não póde hoje defender o seu territorio contra os invasores senão utilisando para seu bem os meios mais poderosos creados pelo genio dos grandes inventores, taes como: os caminhos de ferro, as machinas a vapor, as armas de tiro rapido, os explosivos, as construcções desmontaveis, os balões captivos ou dirigiveis, a telegraphia electrica ou optica, etc!!»

Curvamo-nos, pois, reverentes perante a complexidade da missão do engenheiro.

E, por nos parecer que melhor se poderia aproveitar os serviços da engenharia em Portugal, arriscaremos algumas considerações:

Assim como a engenharia, a sciencia da guerra dia a dia se manifesta de uma grande difficuldade e hoje, mais do que nunca, raros serão os generaes capazes de um bom commando de tropas em operações, tão complexa é tal missão.

A omnisciencia é, como a ubiquidade, um dom exclusivamente divino.

Não pretendamos, pois, que qualquer mortal possa

ao mesmo tempo ser grande engenheiro e grande capitão.

E' certo que, entre nós, alguns officiaes engenheiros se teem dedicado ao estudo da guerra e não hesitaremos em affirmar que o paiz e o exercito muito teriam que aproveitar com o commando de alguns d'esses intelligentes officiaes; assim como não hesitaremos em affirmar tambem que, por essa razão, a sua qualidade de engenheiros de pouco terá aproveitado á engenharia...

Sempre que tratamos d'este assumpto nos vem á memoria o caso de Napoleão ter incumbido um official engenheiro de proceder a um estudo topographico de uma zona de terreno austriaco e esse official, dando largas ao seu espirito marcial, desatar em altas considerações estrategicas e tacticas, esquecendo porventura alguns detalhes da sua especialidade; o que deu logar a que Napoleão lhe devolvesse o trabalho dizendo-lhe que lhe pedia tudo... menos planos.

No principio d'este seculo, época em que a engenharia militar apenas *engatinhava*, não comprehendia ella a multiplicidade de serviços que hoje comprehende, chegando o serviço de pontoneiros a estar a cargo da artilharia em alguns exercitos, incluindo o nosso (1809).

O effectivo de soldados-operarios era todavia excessivo para o desempenho dos seus serviços especiaes.

De tal excesso nasceu a necessidade de levar ao combate os batalhões de engenharia como infanteria, uma pessima infanteria, sem duvida.

D'aqui o titulo de arma justificado, não pelas suas attribuições especiaes, mas pelas alheias.

Ora, como muito bem diz o illustre coronel sr. Cunha Vianna, «não ha justificação para aquella nova especie de infanteria, inferior a esta nas evoluções, se porventura fôr distrahida a meudo das suas occupações mais intimas como engenharia, e n'esta imperfeita se por acaso a entretiverem com o ensino tactico».

A engenharia não é, pois, uma arma.

Affirmando isto, não somos mais do que um humilde echo da grande parte dos modernos escriptores militares; e fazemo-l'o por procurarmos ser razoaveis e não por julgarmos mais honrosa a missão de qualquer das tres armas do que a dos differentes serviços do exercito.

Todos são uteis, todos são necessarios, todos concorrem mais ou menos directamente para o mesmo fim.

Cabe a cada classe a gloria ou o odioso da melhor ou peior execução da respectiva especialidade.

Reiteramos que somos o mais estrêmo admirador da engenharia e, por justa razão, desejamos aos officiaes engenheiros todas as vantagens pecuniarias e honorificas a que teem jus, mas sempre dentro do seu quadro, isto é, engenheiros, só engenheiros e engenheiros até á morte...

*
* *

O serviço de engenharia militar deveria comprehender: O *corpo de officiaes-engenheiros* e as *tropas de engenharia*.

Estas comprehendendo os operarios das differentes especialidades e os conductores.

Os sapadores de campanha (excluimos os mineiros) seriam supprimidos pois que, a nosso ver, as tropas das tres armas devem construir todas as obras de fortificação passageira para o que cada companhia, bateria ou esquadrão deveria ter o seu material de sapadores.

O trem de engenharia deveria ser devidido por secções commandadas por officiaes de serviço (alferes), de cuja proveniencia mais adiante fallaremos.

Os officiaes-engenheiros dirigiriam unicamente a instrucção profissional das tropas das differentes especialidades.

Estas, grupadas em companhias e batalhões ou regimentos, teriam o commando de um official engenheiro de patente correspondente á unidade.

A instrucção tactica de infantaria não iria álem da instrucção de esquadra e seria ministrada pelos officiaes de serviço.

Pensamos assim porque, como já dissémos, a profissão do engenheiro absorve por si só tanto tempo e exige estudos e cuidados em tão alto grau, que julgamos ser uma incoherencia dar ao official-engenheiro outras attribuições que não sejam propriamente as do seu mister.

Carradas de razão teem os nossos camaradas de engenharia quando, ao verem passar, de arma ao hombro, uma companhia dos seus operarios para a guarda das Côrtes, dizem com voz trémula de commoção:

—Lá vae o 25 de linha!...

Hoje o 28...

*
* *

Dissemos precedentemente que seria para desejar que o official de artilharia fosse destinado exclusivamente ás suas baterias e promettemos tratar da construcção e reparação do material de guerra.

Faltam na nossa terra os Krupp e os Mauser e, por consequencia, não podemos contar com a industria particular nacional para a acquisição do material de guerra.

E, se bem que estejamos convictos de que o nosso arsenal de modo algum pode preencher essa lacuna, julgamos que seria um erro imperdoavel desperdiçarmos os serviços que o arsenal e fabricas de polvora podem prestar ao paiz.

Portugal é pobre como Job e por consequencia seria uma estroinice (perdoem-nos o termo) organisar-se um quadro de engenheiros constructores de material de guerra, que, álem da grande despeza, teria todos os inconvenientes dos quadros pequenos.

Ora, parece-nos que, permittindo o curso de enge-

A... METROS

A... metros é, como se sabe, a *voz* determinante para o nosso soldado proceder á operação de ajustar ou dispôr convenientemente um dos orgãos do apparelho de pontaria da sua espingarda, operação cuja importancia seria mais que ocioso encarecer para aquelles que porventura nos dispensem o favor de nos lêr com interesse.

Coisa semelhante a *a .. metros* arengam allemães, belgas, francezes, hespanhoes, italianos .. salvo substituirem os primeiros e os ultimos áquella expressão ou *voz* est'outra: *alça de... metros* e dizerem apenas *alça fixa* os primeiros e *alça abatida* os ultimos para a preparação da alça a utilisar n'esta posição. Por toda a parte, pois, salvo estas duas ultimas excepções, um geral, constante e absoluto respeito por essa pequenina unidade de quasi ininterrupta applicação por parte de fanqueiros e de vendedores de rendas a retalho, uma systematica preoccupação de tomar o pequenino *metro* para unidade de *contagem* (que não de medida) como quasi poderiam afinal ter tomado qualquer dos seus sub-multiplos até ao... *millimetro.*

Que importa para o caso bem conhecer o homem o metro, se realmente o que lhe é difficil é familiarisar-se com o essencial que está não no metro mas sim na *perfeita intelligencia* da operação mental a que fatalmente o obrigará, antes de ajustar a alça e para a ajustar, o *grande numero* a exprimir entre o primeiro e o ultimo dos termos da expressão *a... metros?*

*

A primeira das nossas ordenanças, ou de outros, sem que nos importe agora descortinar qual teve a primacia na concepção da voz *a... metros*, foi naturalmente arrastada a esta concepção pela força da anterior que diria talvez *a... passos*, e isto com tanto maior desculpa que eram pequenas as distancias de tiro, as alças seriam então *de dedo* e portanto sem designação numerica mas sim só de uma ou duas posições definidas, demais era o *passo* (como ainda hoje o é e muito racionalmente) a unidade de medida adoptada para as distancias e intervallos a guardar nas formações, bem como nas suas reciprocas e systematicas transformações, isto é, nas evoluções. A' grande amplitude, cada vez mais accentuada, das trajectorias realisadas pelo projectil arremessado pela espingarda da infanteria, essa soberba maravilha da industria dos nossos dias, não correspondeu ainda, como se vê, por parte dos redactores de ordenanças, uma equivalente largueza de vistas que era para desejar se tivesse já accentuado tempo atrás e manifestado de um modo positivo na voz determinante do manuseamento, por parte do soldado, do apparelho sem cujo auxilio e conveniente ajustamento seria altamente prejudicado o rendimento de tão sublime machina.

Tem-se continuado a ver *metros*, (como d'antes se viam

passos), onde só se deveriam vêr *hectometros* e quando muito tambem o *meio-hectometro.*

Afóra a impulsão inicial a que já alludimos, teremos para explicar a obliteração até hoje do hectometro, sob o ponto de vista em questão, o imperio do tão forte como irreflectido espirito de imitação, (tal como aquelle de que damos amiudadas provas), conjunctamente com o facto real e positivo de incumbir ao official a articulação da voz *a... metros* naturalmente subsequente á apreciação da distancia ao objectivo, operação esta que igualmente cabe ao official e onde o pequenino metro impera tambem soberanamente como unidade regulamentar que é de contagem.

Se, pois, o official, ao apreciar a distancia lida com o pequenino metro ou com cem ou mais metros, dirão logo os menos reflectidos: é em simples metros que o official deverá designar immediatamente a alça a dispôr por cada soldado, demais assim se exprimirá mais elegantemente do que dizendo *a... vezes cem metros* ou *a... centenas de metros.*

Ora a reflexão sobre a materia em questão impõe que se destrincem e analysem conscienciosamente as seguintes operações que entre outras precedem o manejo da alça por parte dos soldados que componham uma qualquer unidade de fogo:

1) Apreciação da distancia;

2) Reducção da expressão achada para a distancia, seja qual tenha sido a unidade com que haja lidado o cerebro, á unidade em que haja de exprimir-se a alça;

3) Designação da alça.

A operação 1) constitue uma operação mais ou menos intellectual, mas sempre cerebral, sobre impressões visuaes recebidas de momento postas em confronto com outras anteriormente conservadas pela memoria E' operação que por excellencia *implica só com o official,* seu agente, e tanto basta para affirmar que tanto importa para elle operar com metros como com cem metros, centenas de metros, hectometros, e até com covados, varas, toezas, braças .. nós operaremos em geral com o hectometro e por vezes talvez com a extensão da frente do convento de Mafra, outros operarão com a extensão da parada do seu quartel, da sua carreira de tiro, etc.

A operação 2) subsequente a 1) e impreterivel quando se não haja operado em 1) com a unidade em que haja de executar-se 3) é uma operação intellectual *incumbindo* ainda *ao official.*

De 1) e 2) nenhuma manifestação externa a esperar emquanto se desenrolem.

Mas para que todo esse recondito labor do official sob quem pesa o delicado encargo da *direcção do fogo* da sua unidade de commando? Certamente que não para conservar o resultado *in mente* e recolher com elle ao bivaque ou ao acantonamento e sim para cumprir 3) articulando uma expressão—a *voz,* como se diz em linguagem da ordenança.

A operação 3) traduz-se por uma operação do orgão vocal, tem fórma regulamentada, e esta é do molde da epigraphe do nosso escripto. Constitue essa operação a manifestação externa derimente de 1) e 2) e nem mais nem menos do que determinante de uma quarta operação que em regra convem seja tão immediata e breve como possivel e que incumbe executar a cada um

dos soldados da unidade de commando do official. E' esta quarta operação tão bem conhecida mas não tão bem meditada e cuidada por todos a que se designa por *manejo da alça.*

Temos pois 3) constituindo como que o traço de união, a manifestação de relação entre chefe—official—e executante—soldado—a quem incumbe a quarta operação—o manejo da alça.

A articulação da expressão (voz) *a .. metros* visa pois pura e simplesmente o soldado e não o official com requintes de correcção e elegancia de phrase ou com pruridos de regalo com os encantos sonoros com que porventura a natureza lhe haja dotado a voz. Não se póde prescindir de um caracteristico soberano n'esse traço de união sob o ponto de vista da concepção da sua fórma e substancia, tal como o impõe a condição a que deve satisfazer de susceptivel, de incisiva e instantanea percepção da parte d'aquelles para quem se despede ou articula.

Para que o infimo metro em 3) se o agente da quarta operação não se encontra familiarisado com o nosso *systema metrico* e o paciente, ou antes, o objecto d'essa mesma quarta operação não offerece á vista do agente senão a serie natural dos numeros de 3, 4 ou 5 até 20...?

E' então interessante—ou antes doloroso—constatar o duplo irracionalismo que em si mesmo envolve o pequenino traço de união regulamentar *a... metros* obrigando como obriga o official—que em geral e mesmo sem querer terá apreciado a distancia em hectometros ou centenas de metros—a exprimir esta distancia em simples e infimos metros, ao pôr-se em relação com o soldado, que então haverá de reduzir X metros a hectometros, pois a outra coisa não correspondem immediatamente as indicações litteraes impressas na lamina da alça. Será pois difficil conceber maior incoherencia.

Dado aquelle geral respeito e systematica preoccupação manifesta por parte das ordenanças das infanterias estrangeiras, não é de estranhar que a nossa ordenança—ora puro, ora complexo reflexo do contheudo de algumas d'ellas, nem sempre seleccionado para aquella com felicidade—reproduza o que aquellas prescrevem. Mas é para frizar que sob o ponto de vista em questão houvesse escolhido e prescreva a nossa ordenança tudo quanto aquellas teem de peior proscrevendo ao mesmo tempo o que ellas tinham de optimo substituindo-o por pessimo. Assim, a nossa ordenança prescreve que a distancias equivalentes (e inferiores) áquellas a que correspondem posições *ultra-definidas da alça*, taes como a da *alça abatida para a frente* e a da *alça abatida para trás* se continue a arengar: *a .. metros* e não simplesmente: *alça abatida para a frente; alça abatida para trás*, á semelhança do que prescreve a ordenança da infanteria italiana (n.º 68). Só um prurido de tão exagerada como dispensavel *homologação* de vozes para uso interno, quasi attentatoria dos recursos de memoria dos nossos officiaes, poderá ter promovido a preterição do optimo de fóra pela generalisação do pessimo importado ou mantido do antecedente. Do crasso d'aquelle prurido dá justa medida o simples facto de elle se traduzir praticamente por *facilidades para o official* e por *difficuldades e transcendencias para o soldado.*

*

O respeito ou homenagem ao simples metro em materia de *vozes* determinantes do manejo da alça afigura-se-nos tanto mais geral e indiscutivelmente injustificado ou incoherente quanto é certo que a graduação das alças de quantas dezenas de espingardas conhecemos, adoptadas ou não, se encontra *expressa* nas mesmas alças *em hectometros* (1)

A voz *a... metros* não é racional porque nem sempre ha concordancia entre a distancia ao objectivo dos fogos e a designação metrica a interpor entre os vocabulos extremos d'aquella expressão. E se bem que a irracionalidade da *voz* não constitua só por si um qualquer prejuizo commensuravel, importará quando menos o ridiculo derimente de haver por vezes de se dizer com a (K) *a trezentos metros* ainda para o tiro á queima-roupa. (2)

Algumas alças teem, é certo, referencias (pontos) correspondendo a alturas de cursor para (2 n+1) *meios hectometros*, mas dada a inadmissibilidade dos apparelhos de pontaria sem cremalheira ou meio equivalente de garantir uma absoluta estabilidade á ranhura de mira que demais *deve ser unica*, é de prever que as referencias a *meios hectometros* terão de desapparecer com as poucas alças em cujas laminas se encontrem ainda hoje. (3)

Mas, o que importa considerar realmente é que a voz *a...*

---

(1) Em *centos* de jardas na espingarda da infanteria ingleza; em *centenas* de passos (archinas) na espingarda da infanteria russa.

(2) Tal acontecerá quando no decurso da execução de um fogo a maiores distancias se seja surprehendido a pequena distancia por um partido inimigo sobre que haja de fazer-se incidir o fogo no todo ou em parte.

(3) A proposito occorre-nos affirmar aqui que a immediata substituição da alça da espingarda de 8mm (K) m/1886 se impõe de um modo tão absoluto como imperioso e indiscutivel. As difficuldades de manejo insuperaveis até certo ponto e inherentes a apparelho tão complexo como a alça da (K), conjunctamente com o carregamento do cartucho com *barretite* tornam impreterivel e instante aquella substituição.

E' para desejar, custe o que custar, que a nova alça a adaptar a essa espingarda seja absolutamente identica á alça da espingarda de 6mm,5 Mauser m/1898 que foi presente á commissão de escolha de uma nova arma para a nossa infanteria, mesmo quando haja de se lhe reduzir de 4 ou mais hectometros a actual graduação extrema da alça da (K).

A alça da Mauser a que alludimos, *de lamina inclinada* e *de ranhura unica, proporcionando uma completa fixação do seu cursor-apoio*, isto é, com as condições que racionalmente se podem conceber entre outras como impreteriveis de encontrar realisadas em uma boa alça,—não differe fundamentalmente da alça adaptada á *espingarda de reparo* de 20mm, russa; esta ultima alça abate-se para a frente, a da Mauser para trás, isto é para o lado da culatra o que é bem mais racional visto como se approxima a mesma do orgão visual do atirador.

metros não tem nada de pratica porque impõe a designação da quantidade de metros e, consequentemente, a articulação de um numero de cujos algarismos as alças não teem inscriptos sequer um até 3, 4 ou mesmo 5 hectometros, senão o primeiro da esquerda até 9 hectometros, senão os dois primeiros da esquerda até ao alcance extremo a que pode ser utilisada a alça.

D'aqui, e porque, por exemplo, *quinhentos, mil, mil e cem*, etc., nada terá para o leigo com 5, 10, 11, etc., a necessidade de uma especie de curso prévio de *arithmetica*, de outro de *systema de medidas*, seguido de um terceiro, tendo como objecto uma judiciosa synthese d'aquelles dois, com que ha que habilitar e conservar constantemente habilitados os homens, a menos que se admitta a subsistencia na infanteria de soldados incapazes de manejar a alça da sua espingarda, condição esta que a todos os conscienciosos se imporá como mais que criminosa.

Fallando-lhes de metros a voz *A .. metros* será para elles perceptivel emquanto á ultima das suas palavras o que por si só nada representa para o caso; os homens não farão já ideia do que sejam muitos metros, o que tambem pouco importa para o caso, mas adestrarem-se no *essencial*, no *impreterivel*, isto é, nas concordancias entre o numero de metros indicado na *voz «A... metros»* e o de hectometros gravado na lamina da alça, eis o que temos como transcendente, senão ultra-impossivel, salvo talvez e até certo ponto para com as *vozes:*

A *nove*centos metros.
A *oito*centos metros.
A *sete*centos metros.
A *seis*centos metros.

Para as restantes *vozes* determinantes do manejo da alça as difficuldades serão até certo ponto removiveis, instruindo os homens em raciocinar, substituindo *reis* a *metros* e reduzindo depois aquelles a *tostões*. Mas este artificio que nos occorre, por escusado, nunca deixará de ser mais que grotesco senão tambem fallivel.

Mais pratico seria dizer *A... hectometros*. Então o numero de hectometros a articular corresponderia sempre *sónicamente* a algum dos numeros gravados na lamina da alça, numero sob cujo pé se encontra, tambem gravado, o traço ao qual o homem haverá de ajustar segunda referencia, isto é, em geral, o bordo superior do cursor.

Assim, não teria o analphabeto que apprender previamente muita arithmetica, muito systema metrico, ou familiarisar-se com o artificio da reducção a tostões para deduzir que a voz *a mil e cem metros* implica com o numero 11; a voz *a onze hectometros* insinuaria instantaneamente, fatalmente,—ainda ao mais leigo que apenas conheça os algarismos e seus grupamentos necessarios para perfazer até 20 unidades,—que se implicava com a referencia de numero 11 claramente gravada sob o pé d'este numero como ella gravado sobre a lamina da alça; assim a voz *a treze hectometros* com a referencia de numero 13, etc.

Substituindo pois hectometros a metros reduzir-se-hiam tanto as difficuldades do manejo da alça, (operação cuja importancia, repetimos, seria mais que ocioso encarecer para aquelles que porventura nos dispensarem o favor de nos lêr com inte-

resse) que de insuperaveis como julgamos essas difficuldades se transformariam em não difficuldades, muito especialmente com a *alça de ranhura unica* que teremos o prazer de ver adaptada na nossa futura espingarda.

*

Mas não nos satisfaz ainda de um modo absoluto a quasi-perfeição de dizer *A... hectometros*, exactamente porque o nosso espirito não acolhe essa expressão senão apenas como uma *quasi-perfeição*.

Com effeito, se a syntaxe recommenda a preposição *a* no caso sujeito, a phonologia prescreve-a como pouco sonóra, principalmente sob o estridulo do fogo, occasião em que a voz em questão será de repetida applicação; e para quê o luxo de fallar em *hectometros? Hectometros* será sempre mais ou menos grego para os homens, não tanto pela origem que não conhecerão, mas pela novidade, pelo comprimento do vocabulo, pelo sónico; demais o vocabulo será de maior ou menor difficuldade de reproducção por elles e mais ou menos fugidiço da sua memoria.

Seja como fôr, o nosso criterio concebe como absolutamente praticas—com o mais excellente systema de alça tal como aquelle a que já alludimos e que teremos a felicidade de encontrar na nossa futura espingarda—apenas as seguintes expressões (vozes) determinantes do manejo da alça:

1) *Alça abatida*—para a pontaria em que haja de utilisar-se a alça n'essa posição;

2) *Alça* ..—designando-se *apenas o numero* de hectometros; assim, quando estes fossem em numero de 6, 11, 13,.... dir-se-hia apenas: *alça seis, alça onze, alça treze* e o soldado não teria mais que ajustar o bordo superior do *cursor-apoio* com o traço existente, respectivamente, no pé do numero 6, 11, 13 clara e integralmente gravados na lamina da alça.

*

As divagações que precedem e a que nos votámos no justo intuito de pugnar pela introducção na nossa infanteria de uma concepção que nos parece de grande alcance sob o ponto de vista do tão delicado como capital problema da *direcção do fogo da infanteria*,—reclamam ainda outras divagações complementares.

Occorre-nos com effeito alludir tambem á unidade de medida para a avaliação de distancias e á unidade em que haja de exprimir-se o resultado d'esta operação.

Tudo conduz a estabelecer o *hectometro*—com exclusão de qualquer outra unidade de medida incluindo mesmo o *cem metros* e a *centena de metros*, embora mathematicamente equivalentes—como a unidade de mais geral e constante applicação na operação de apreciar distancias com vista a designar a alça a empregar. E para este effeito, quando se dê o caso especial de não ser quem dirige o fogo, isto é, quem deve designar a alça, quem haja de apreciar a distancia, caso unico em que haverá de

transmittir-se a impressão a tal respeito, isto é, exprimir-se a distancia, esta deve ser expressa em hectometros.

Seria porém conveniente *para a massa dos homens*,—e a continuar a ministrar-se-lhe a instrucção de avaliação de distancias [1],—substituir a expressão *hectometro* por *centena de metros*, mas conjunctamente deveria perguntar-se se qual a alça a empregar.

Então, e sempre que a distancia apreciada fosse superior ao alcance correspondente á *alça abatida* haveria absoluta concordancia sónica e mathematica entre o numero de centenas de metros e o numero da alça a designar por parte do soldado. Este nunca iria para a instrucção de avaliação de distancias sem conduzir comsigo a respectiva espingarda e ajustar a alça immediatamente á apreciação de cada distancia proposta pelo instructor para avaliação.

Mas o que temos como verdadeiramente essencial para a massa dos homens em materia de avaliação de distancias está na familiarisação d'estes com um unico estalão metrico—o correspondente ao maximo alcance para o qual e áquem do qual ha que utilisar como necessaria e sufficiente a alça abatida.

A considerar ainda—é verdade—a *instrucção de avaliação de distancias* onde ha que exprimir o resultado como meio unico que é de o instructor poder ajuizar do proveito recolhido. Aqui nada obsta, tudo conduz a que a distancia apreciada seja ainda para esse effeito expressa em hectometros.

Seja como fôr, a experiencia propria de algum tempo, reforçada com posteriores constatações, conduz-nos a presumir que a expressão (voz) *a mil e cem metros* equivalerá para mais de 90 °/₀ dos nossos homens, algum tempo depois do seu mais cuidado e racional adestramento, a dizer-lhes: *façam coincidir* ou *ajustem o bordo superior do cursor com o traço gravado na lamina e ao qual está immediatamente sobreposto o numero cujo logarithmo neperiano é, 1,0413927*... quando, afinal, está lá, na lamina da alça, o numero 11 claramente gravado!!!...

E esta nossa presumpção subsistirá a despeito de toda a preparação previa do analphabeto em materia de *manejo de alça*, preparação que, ainda quando coroada a certo momento de bom exito, é bem de prever que se encontrará prejudicada após dias.

E sempre haverá perda de tempo, isto é, desperdicio, e difficuldades e incommodos para instructores e instruendos, tudo susceptivel de suprema reducção (talvez 99 °/₀) com a solução que propômos.

*

Está por demais preconisada a ideia de affixar nos quarteis o valor expresso em metros das distancias das janellas, das portas, dos recintos de assistencia de tropas, etc., com vista para a campanha, a pontos notaveis existentes n'esta, no intuito de

---

[1] Proposito com o qual não estamos d'accordo sem vastas restricções.

proporcionar a todos estalões de medida e o meio de se conservarem familiarisados com elles.

Aproveitando a ideia, quereriamos vê-la subsistir, mas substituindo á designação geralmente adoptada *X metros* est'outra *alça x* representando *x* sempre um numero inteiro de hectometros, pois é mais que pueril affixar valores inferiores ao hectometro e ainda os que não representem um numero inteiro de hectometros.

Conjunctamente appôr-se-hia em cada caserna um quadro (que por medida economica poderia ser substituido por um desenho directamente executado sobre a parede) reproduzindo a face graduada da alça da espingarda na escala $\frac{10}{1}$ com os algarismos representados em caracteres semelhantes aos gravados na mesma alça. Este quadro teria taes dimensões para constituir um verdadeiro *quadro parietal* para lição de numeros para os que os não conhecessem, lições a ministrar, alem das officiaes, e quasi expontaneamente, pelos que conhecessem os numeros aos que os não conhecessem.

Então, o manejo da alça, de operação intellectual e mecanica que hoje é indubitavelmente, reclamando por aquelle seu primeiro caracteristico uma preparação complexa e inassimilavel ou quando menos inoperante para grande numero de homens, e a um mesmo tempo desesperante para os mais pacientes e conscienciosos instructores, passaria a ser... uma operação pura e simplesmente mecanica demandando a familiarisação dos homens com ella, e para toda a sua vida, alguns poucos momentos.

A. J. Santa Clara Junior,

Tenente.

CAMARADAGEM NAS COLONIAS

Chega-nos ao nosso conhecimento queixas bem sentidas e bem amargas de camaradas nossos, ao serviço das colonias, contra a maneira como são recebidos e tratados a bordo dos navios do estado quando, infelizmente para elles, são forçados superiormente a fazer viagem em taes navios.

Não obstante o tom de sinceridade d'essas queixas, a maneira cathegorica e positiva como estão formuladas e mesmo até a responsabilidade que esses camaradas desejam assumir com a sua assignatura, nós não daremos

curso a esse desabafo, aliás legitimo, por que estamos plenamente convencidos de que taes factos representam apenas uma grande excepção e não a regra geral.

Não póde nem deve ser responsavel a digna e honrada corporação da Armada Real pela falta de camaradagem e até de simples manifestações de delicadeza de algum dos seus membros.

A camaradagem que é um laço de familia que une estreitamente todos aquelles que vestem uma farda, todos aquelles que juraram sobre a nossa gloriosa bandeira defender o sol sagrado da Patria até ao ultimo alento de vida; a camaradagem que synthetisa a communidade de interesses e de sacrificios, de luctas e de glorias; a camaradagem que é o elo intangivel, mas que todos sentem, que prende toda a familia militar no mesmo ideal de justiça em que assenta o direito commum da nossa liberdade e da integridade do nosso territorio; a camaradagem não encontra nem póde encontrar jámais a minima differenciação entre os diversos elementos componentes dos exercitos de terra e mar, por que para todos sorri com o mesmo sorriso carinhoso d'esse affecto sublime do amor patrio.

Por consequencia todo o nosso esforço, o esforço de todos aquelles que tiverem coração, deve ser posto ao serviço dessa causa sensata e proveitosa do robustecimento dos laços indissoluveis da camaradagem.

E aqui está a razão por que não desejamos aggravar essa situação verdadeiramente excepcional, certos, como estamos, que o bom senso ha de apparecer, e que os motivos, as razões das sentidas queixas dos nossos camaradas, hão-de fugir envergonhadas diante de quem pratica acções menos em harmonia com o respeito, a delicadeza e a amizade que todos devemos uns aos outros, officiaes de terra e mar.

Somos pela união, intransigentemente pela união de toda a familia militar.

A proposito da escolha da nova arma para a infanteria

Vamos hoje continuar a fornecer aos nossos leitores algumas informações a respeito da escolha da nova espingarda para a nossa arma; vamos referir-nos especialmente a um ponto que se nos afigura devéras melindroso e altamente significativo, tanto debaixo do ponto de vista material como debaixo do ponto de vista moral.

O distincto e sabedor official de infanteria, o snr. capitão Alberto José Vergueiro, que allia a uma vasta intelligencia profundos conhecimentos militares e um inexcedivel gosto e amor pelas questões de tiro e armamento, propoz á sub-commissão encarregada da escolha da nova arma, umas importantes modificações á culatra da Mannlicher que a tornam devéras superior a todos os outros modelos, e são:

1.ª — Melhoramento no mechanismo de segurança, tornando-o absolutamente seguro, qualidade que não possue o modelo não modificado. A Kropatschek, cujo systema de segurança é o mesmo que o empregado pelo modelo não modificado, tem dado logar a mortes e a outros desastres de menor importancia. Com respeito á Mannlicher ainda se não fizeram talvez sentir, tão desgraçadamente, resultados similhantes, mas a causa lá está, com a aggravante de, em algumas armas, difficultar e até impossibilitar o movimento da culatra.

2.ª — Melhoramento no machinismo de percussão, assegurando, sempre, a mesma tensão da respectiva móla, qualidade que tambem não possue o modelo não modificado, que dá «fálhas», logo que a porca do percutor não está completamente roscada, caso frequente na pratica da paz e, sem duvida, mais frequente na guerra com

o soldado da mobilisação, mal instruido e sob a acção enervante do perigo.

3.ª—Facilidade de montagem e desmontagem do extractor pelo proprio soldado e sem o auxilio de ferramenta especial, não deixando de ter a necessaria solidez de fixação a cabeça movel. O extractor do modelo não modificado é cravado á cabeça movel e, portanto, só na officina e por um perito póde ser montado ou desmontado.

4.ª—Impossibilidade de montar irregularmente a cabeça movel, succedendo por vezes o contrario, ao mais perito, na montagem da cabeça movel actual.

5.ª—Saída mais directa e facil dos gazes que accidentalmente podem introduzir-se no ferrolho pelo orificio da cabeça movel, exercendo uma acção nociva na móla de percussão, facto observado na pratica.

6.ª—Suppressão da móla do fecho de segurança, a mais quebradiça e que expõe o respectivo mechanismo e até a culatra a irregularidades e, por vezes, impossibilidade de funccionamento.

7.ª—Montagem e desmontagem da culatra movel mais rapidas e tão faceis como no modelo não modificado.

Devemos consignar que os defeitos apontados no modelo não modificado existem, e que os dois primeiros dizem respeito a funcções essenciaes da espingarda, e que os restantes formam um conjuncto de imperfeições, digno de ponderação, sob pena de ficarmos mal servidos no caso contrario.

Importa tambem saber-se que as modificações, quaesquer que ellas sejam, não podem envolver augmento no preço da espingarda, nem as apresentadas lhe podem prejudicar a necessaria solidez e simplicidade.

Como se vê á simples vista não se póde exigir nada mais perfeito. Para confirmar estas palavras teremos o prazer de, em breve, darmos aos nossos leitores o desenho d'essas modificações, pelo qual todos poderão formar um juizo seguro e certo.

Não sabemos, por enquanto, qual a resolução tomada pela sub-commissão, mas temos um triste presagio que nos diz qual será.

Tememos e tememos devéras, porque os rumores d'essa intriga indigena que impune campeia no nosso pequeno e invejoso meio, vão chegando até nós.

Nós promettemos tratar esta questão a sério e a fundo, não por considerações pessoaes para com o snr. capitão Vergueiro, a quem aliás estimamos, e estimamos muito pelo seu caracter e pela sua alta competencia, mas, sim, porque ella é d'um interesse vital para a nossa querida infanteria, e porque envolvendo o nome d'um infante envolve a honra d'ella.

O nosso programma é pugnar pelos interesses da arma e pela honra e legitimos direitos que lhe competem.

Não temos mesquinhos interesses que nos seduzam, nem torpes invejas que nos vençam; temos só a verdade que nos encanta, e na procura d'ella não teremos escrupulos em evidenciar intrigas e patentear invejas.

Nós lembramos que não são só os interesses vitaes e a honra d'uma arma que estão no caso sujeito em fóco, são principalmente os interesses do paiz, porque a infanteria é o exercito, porque a infanteria é quem ganha as batalhas.

Nós temos a certeza que a sub-commissão pensa como nós; é pois de presumir que as modificações á culatra Mannlicher, apresentadas pelo snr. capitão Vergueiro, sejam sériamente estudadas e meditadas.

Temos tambem a certeza que a sub-commissão não quererá arcar com a responsabilidade de erros identicos áquelles que nos obrigaram a adoptar a Kropatschek, em que se mostrou completa ignorancia de conhecimentos technicos e em que se evidenciaram notaveis erros diplomaticos.

N'esta seductora esperança aguardaremos os acontecimentos, na certeza de que o nosso ideal é a verdade e só a verdade.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

(Continuado do n.º 2 do 3.º vol.)

Como já dissemos, era nosso intuito, quando começámos a publicar esta serie d'artigos, o apresentar aos nossos leitores os resultados das experiencias de tiro que todos os annos, tanto no estrangeiro como entre nós, se teem feito, mostrar as modificações que a tactica soffria com as perfeições do tiro e progressos do armamento, e mostrar, como conclusão, que na tactica havia tendencia para um retrocesso.

Tem sido, no estrangeiro, uma questão devéras interessante, muito debatida e muito instructiva. Uns dizem que, em face dos progressos do armamento e perfeição de tiro, a tactica soffre uma revolução quazi completa,—formam o grupo dos novos, dos avançados, dos jacobinos tacticos—; outros dizem que nada terá a soffrer;—são os da velha guarda, os mantenedores e respeitadores das suas velhas e gloriosas tradicções; uns porque ainda se lembram dos dias de 70 e 71 e outros porque ficam maravilhados pelo *sol d'Austerlitz*.

Nós, povo pacifico, procuramos viver em paz e boa harmonia com os nossos *maçudos* regulamentos—e o conseguil-o é uma ventura!! mas nós, sem querermos entrar para o grupo dos jacobinos tacticos e sem querermos offender o melindre dos da velha guarda, diremos que achamos sempre conveniente duvidar das doutrinas dos regulamentos tacticos, porque, sobre assumptos tão contingentes e subordinados a tantas causas differentes e susceptiveis de soffrerem progressos assombrosos, não nos parece tarefa facil o estabelecer regras fixas e immutaveis, e tão immutaveis que para muitos são sacrosantas. Entre nós o regulamento tem sido sagrado

e ninguem tem tentado deital-o por terra; nós seguiremos, em parte, o exemplo dos mais, mas em todo o caso diremos sempre que é necessario, urge mesmo modifical-o.

Para provar isto já mostrámos as consequencias da polvora sem fumo, a que a ordenança senão refere, já indicámos os processos do tiro, a sua rapidez e efficacia, já apresentámos as conclusões que, segundo nós entendemos, se podem tirar dos combates de S. Thiago, que são a confirmação cathegorica do que acima indicamos.

Tencionavamos, agora, apresentar a opinião d'abalisados escriptores francezes e allemães e mostrarmos o retrocesso que a tactica tende a soffrer, mas a guerra do Transwaal, fertil em acontecimentos diversos, veio confirmar a opinião dos avançados, dos jacobinos; por esta razão pouparemos ao leitor o encommodo de ler a opinião de muitos competentes, porque alem do encommodo que se poupa, não ha nada como a pratica com os seus effeitos palpaveis e visiveis, e não ha o perigo de nos chamarem visionario.

Mas o que foi que a guerra do Transwaal mostrou debaixo do ponto de vista tactico?

E' uma pergunta que, a estas horas, certamente, todo o leitor sabe responder. Nós, com repugnancia, vamos dar a nossa resposta, não porque ella nos mereça desconfiança, mas, sim, porque, por emquanto, só temos lido truncadas e incompletas noticias que diariamente chegam pelo telegrapho; quem escreve arca com grandes responsabilidades e só o verdadeiro conhecimento de causa o pode defender. Para isso era necessaria a leitura dos relatorios officiaes, mas lá chegaremos.

Antes de respondermos áquella pergunta é necessario que se tenha em vista a maneira como a nossa ordenança prescreve um combate e sobre tudo a maneira como nos nossos campos de manobras se realisam os exercicios; é necessario que não se esqueça o

rigor dos alinhamentos que nós exigimos, a exactidão das distancias e a promptidão e desempenada desenvoltura com que se realisam os *lanços successivos* e a galhardia com que se dão os assaltos.

Olhando para tudo isto, lançando para a ordenança um olhar perscrutador, veremos logo, e á simples vista, que muitas cousas que ella tanto prescreve e que com tanto rigor se executam não foram cumpridas nem observadas nos differentes combates que se teem ferido no Transwaal, tanto por inglezes como por boers, e, continuando a confrontar, veremos não só que muitos principios são velhos e inexequiveis, mas tambem que ella não indica muitos principios que foram, e estão sendo, observados e cumpridos no Transwaal.

Vejamos: inglezes e boers não se teem preoccupado como rigor d'alinhamentos nem distancias; e abrigo é o unico objectivo que determina o logar do soldado.

Inglezes e boers não teem executado os *lanços successivos* conforme a nossa ordenança prescreve, e muito menos com a galhardia e desempeno com que nós os fazemos e a ordenança consente e ordena.

Inglezes e boers para executarem os movimentos d'avanço teem-se servido, geralmente, da escuridão da noute, o que a nossa ordenança mal prescreve.

Inglezes e boers para resistirem á acção destruidora do fogo teem-se servido das fortificações de campanha, e de tal maneira o tem feito que quasi, sem grande perigo d'erro, se lhe póde chamar verdadeiros cercos em regra ás posições deffensivas em que os trabalhos de sapa, o emprego das paralellas e travezes, desempenham o papel principal; conclusão esta devéras importante destinada a desempenhar uma verdadeira revolução na tactica e causadora principal, como depois veremos, do retrocesso da tactica, e que a nossa ordenança não attinge, não prescreve, nem admitte.

Inglezes e boers teem executado muitos combates de noute, o que a nossa ordenança prescreve d'uma ma-

neira tão incompleta que quasi dá a entender que não acredita na possibilidade da realisação de tal cousa.

E, finalmente, notou-se que os combates foram d'uma execução difficilima e que o tempo gasto na sua realisação não se limitou, em geral, a horas, mas sim a dias, o que já pallidamente tinha sido mostrado em S. Thiago de Cuba, e o que bem claramente ressalta á nossa vista e se apresenta ao nosso espirito.

O desenvolvimento do emprego das fortificações como unico meio de resistir á acção poderosa e destruidora do tiro, é certamente a causa primordial d'esta consequencia.

São estas as conclusões a que se nos afigura poder chegar, apesar de noticias incompletas, e são estas exactamente as conclusões a que nós já tinhamos chegado em face da leitura dos livros e artigos de revistas, (livros que já citámos e aconselhamos) e que seriam publicadas com as opiniões de mestres se não tivesse apparecido a pratica a dispensar os principios da theoria.

Depois d'isto é necessario, certamente, modificar a ordenança, ou adoçando mais a expressão, é necessario introduzir-lhe algumas modificações; urge e urge com vehemencia. E' necessario pôr de parte esses principios velhos e que absorvem toda a nossa attenção, todo o nosso cuidado, toda a nossa actividade e todos os nossos carinhos e desvellos.

E' necessario tambem introduzir-lhe regras que tornem adaptaveis certos principios e é necessario introduzir-lhe os principios novos e coadunaveis com as perfeições do tiro e com os progressos dos armamentos.

Depois d'aquellas conclusões parece-nos que a marcha normal d'um combate tende para o seguinte: em logar d'avanços successivos, marchar o mais possivel durante a escuridão da noute até á posição d'ante-mão escolhida; alcançada ella, abrir trincheiras que garantirão protecção durante o combate que se travará aos primeiros alvores do dia, ao dessipar das primeiras trevas. Se

durante o dia o adversario enfraquecer poder-se-ha avançar para nova posição ou dar o assalto e fazer a perseguição, mas, no caso de resistir tenazmente, continuar-se-ha o combate debaixo da protecção da trincheira aberta durante a noute. Chegada esta, avançar-se-ha para nova posição e assim successivamente até se attingir o fim desejado. Isto dito assim, com todo o laconismo, sem mais explicações, sem mostrar as causas nem as vantagens e sem desenvolver detalhadamente os principios que isto envolve talvez provoque repellões e talvez a irrisão de muitos venha cahir desapiedadamente como qual avalanche contra nós, porque a nossa ordenança com os seus velhos principios e que, oh! Deus! para muitos são sacrosantos e eternos, não admitte tal processo nem tanta morosidade. E' mais bello, seductor, espectaculoso e bem mais commodo, bem mais! o ver e suppor exercicios em que soldados adextrados espalham-se pelo terreno como uma rede humana e, ao silvar do apito e ao acenar da espada, vêr essa rede manejar-se, conservando sempre a mesma largura de malha, avançar, recuar, executar elegantes movimentos para a direita e para a esquerda com geral applauso do publico, o *dillectanti* garoto sempre frequentador, para, ao fim, com um rufar de tambores, que atormente a terra, e com um magestoso toque de cornetas, que fira os ares e irrite os ceus, realisar, com a maxima galhardia e pompa, um soberbo assalto... mas, nós pomos as columnas da «Revista» á disposição de todo aquelle que não concordar comnosco, na certeza que nos é indifferente ficar vencido ou vencedor, porque o nosso fim é attingir a verdade e mostral-a; não nos seduzem vangloriolas. Em todo o caso, no proximo numero, desenvolveremos estes principios e mostraremos em que consiste o retrocesso da tactica.

(Continúa)

David A. Rodrigues,
Alferes de infanteria.

RELATORIO

Organisação da companhia de guerra do regimento de infanteria n.º 4, que destacou para Moçambique em novembro de 1896, e serviços que prestou durante a sua permanencia em Africa.

(Continuado do n.º 3 do 3.º volume)

A 26 pelas 5 horas a. m. formou a columna de operações com destino a Namancava. A companhia encorporada no corpo principal da *columna dupla* (1) enquadrava entre as suas secções a 1.ª companhia de guerra da provincia.

Pelas 10. 30 a. m. a columna estabeleceu-se em bivaque em Namancava seguindo o 1.º pelotão pelo caminho Namancava-Naguema com o fim de proteger os auxiliares no corte do matto para a columna poder seguir. O arvoredo n'esta região era tão denso que o sol o não penetrava.

A's 11. 45 a. m. o pelotão foi rendido por um outro de marinheiros.

N'este dia apresentou-se Wezamedine com a sua gente para nos auxiliar na campanha contra os *namarraes*. Wezamedine era inimigo figadal do Marave e dos *namarraes* pelas violencias de que fôra victima, já em roubos, já em assassinatos em pessoas de sua familia, e o seu odio era tão profundo, que nos disse, ser o seu maior prazer apanhar *mininos dos namarraes* para os pilar, isto é, mettel-os n'um gral e pizal-os com pilão!

---

(1) A *columna dupla* é uma formatura de marcha adoptada em Africa, dispondo-se as forças da fórma seguinte: *guarda-avançada*-secções de costado formando duas linhas parallelas, com um intervallo, quanto possivel constante, egual ás mesmas secções quando em linha e contiguas, que, no caso de necessidade, devem formar a face da frente do quadrado; um pouco atraz *o corpo principal*-pelotões de costado que, cerrando sobre a frente e volvendo para o exterior, formam as faces direita e esquerda. Ao centro os serviços auxiliares; na cauda *a guarda da retaguarda* na mesma posição que a guarda avançada, que cerrando e volvendo formava a face da retaguarda.

Todos se inclinavam, a que durante a noite seriamos atacados.

Estava de inspecção e cumpria-me durante a noite rondar o serviço de vigilancia do quadrado. Seria meia noite fui fazer um giro, e na possibilidade de entrarmos em fogo, lembrei-me, que na caixa de accessorios das cantinas tinha um maço de polvora sem fumo, restos d'uns que Sua Magestade El-Rei me havia dado por occasião d'uma guarda de honra em Villa Viçosa. Agarrei nos cartuchos e distribui um por cada cabo das esquadras, recommendando-lhes que, no caso de fogo, o cartucho que lhes dava seria o primeiro a queimar. Apezar de todos os indicios de combate, o dia rompeu sem o menor incidente.

Este meu procedimento classifiquem-no como intenderem. Para nós, consistiu unicamente n'uma prova de gratidão que me pareceu muito a proposito.

No dia 27 pelas 7. 30 a. m. a columna levantou o bivaque, estabelecendo a companhia do meu commando as guardas avançada e da retaguarda.

A uns 200 metros de Namancava a columna teve de retroceder por lhe ser impossivel, principalmente ao comboio, passar um dos affluentes do Monápo.

A 28 pelas 5 a. m. sahiu de Namancava uma força sob o meu commando, composta do 2.º pelotão de infanteria n.º 4 e um outro da 1.ª companhia de guerra da provincia, afim de protegerem os auxiliares na conclusão da obra para a passagem da columna sobre o ribeiro. Esta força recolheu ao campo de bivaque pelas 3 horas p. m.

No 1.º de março pelas 8 horas a. m. parte da columna, constituida por 120 praças de infanteria 4, 1.ª companhia de guerra da provincia, companhia de cavallaria 4 e parte da bateria de montanha e viveres a dorso para um dia, seguiu para Naguema, deixando ficar em Namancava 46 praças de infanteria 4 e artilheria Gruzon.

A columna estabeleceu o seu bivaque em Naguema pelas 11. 30 a. m. Esta povoação namarral, havia sido recentemente abandonada depois de queimada, assim o attestavam as ruinas da habitação da rainha ainda fumegante.

Pelas 2 horas procedeu-se á queima do resto das palhotas que cercavam a residencia real.

Durante a noite ouviu-se o *batuque* do inimigo, e, por varias vezes, o som da *parapáta* (corno), signal evidente que o inimigo pedia concentração para nos atacar.

Durante toda a campanha o serviço de vigilancia era tão completo e cuidado que nunca acreditámos que o inimigo nos podesse surprehender, no que nos não enganámos.

Em 2 a columna continuou em Naguema, por se estar facilitando a passagem para o comboio sobre um pequeno ribeiro, mas de margens bastante escarpadas.

Durante a noite de 2 para 3 novamente se ouviu o som da *parapáta*.. Pelas 6 horas a. m. o commandante da columna mandou fazer uns tiros com granada na direcção do som da parapáta, o que fez calar tão enfadonho quão provocante instrumento.

Pelas 10. 15 a. m. de 3, o inimigo, naturalmente, animado pelo numero de combatentes, atacou os nossos postos avançados com fogo violento. Então o commandante da columna, mandou-me chamar, ordenando que tomasse o commando de dois pelotões, um de infanteria 4 e outro de marinheiros, e fosse ao encontro do inimigo. Immediatamente formei a força, sendo commandante do 1.º pelotão de infanteria 4 o tenente João Francisco e subalterno o alferes Antonio Nunes de Andrade, e commandante do pelotão de marinheiros o 1.º tenente da armada Alberto Costa, tendo como subalternos os guarda-marinhas Roby, Magalhães e Casqueiro.

O enthusiasmo com que esta força avançou para o inimigo é indiscriptivel! A distancia que d'elle nos separava foi transposta quasi á carreira. Por vezes diligenciei moderar-lhe o impeto, repetindo-lhe, por varias vezes, que *devagar se ia ao longe*, pois caminhavamos atravez do matto aproveitando-lhe as clareiras, e nada mais natural, que soffrermos um ataque por surpreza, sem que a força tivesse a indispensavel cohesão para se desaffrontar.

Pela primeira vez comprehendi bem, que a maior responsabilidade que um official póde ter, é o commando de força em combate.

Logo que a força entrou n'uma clareira plantada de *amendoim*, foi recebida por fogo violento que partia do matto, a que respondi com descargas por secções.

Receando ser envolvido pelos flancos e principal-

mente pela direita, ordenei á 1.ª secção de marinheiros que tornasse colchete defensivo. Pouco depois o inimigo concentrava o seu fogo sobre a esquerda da nossa linha, transformei, então, o colchete em offensivo para cruzar fogos no sitio d'onde partiam os tiros.

Depois de uma hora de fogo, em que o pelotão de infanteria consumiu 888 cartuchos e os marinheiros 1:000, recolhi ao bivaque, sendo a força saudada pelos seus camaradas. O commandante da columna pessoalmente me declarou que tinha gostado de ouvir a regularidade das nossas descargas.

E assim se deu a primeira licção aos *namarraes*.

Mais tarde, pelas 2. 30 p. m., houve novo ataque aos postos avançados, sahindo outra força composta do 2.º pelotão de infanteria 4 sob o commando do alferes José da Conceição Costa e Silva e um pelotão de marinheiros do commando do 2.º tenente Birne, tudo sob o commando do 1.º tenente João Coutinho.

Ainda os *namarraes* d'esta vez não levaram a melhor, sendo repellidos depois d'um fogo pertinaz, tendo o pelotão de infanteria 4 consumido 275 cartuchos.

Ao anoitecer o commandante da columna de operações, reuniu os officiaes e encarregou-me de lêr o telegramma que ia ser expedido a Sua Magestade El-Rei, no qual se relatava os successos d'aquelle memoravel dia.

O commandante da columna brindou por Sua Magestade El-Rei e pelo exercito de terra e mar.

Com relação ao procedimento das forças engajadas em combate, dil-o a ordem publicada á columna que é do theor seguinte: — «*Que o snr. commandante da columna tem o maior prazer em manifestar a sua satisfação pela maneira como procedeu a força hoje engajada em combate contra o inimigo, aos snrs. commandantes das unidades que a forneceram e aos snrs. officiaes e praças que entraram em fogo. Esta acção e a maneira como n'ella procederam as forças engajadas, vae ser immediatamente participada a Sua Magestade*».

A 4 seguiu a columna para Mutu-mundo, estabelecendo-se em bivaque ás 11 horas a. m.

No dia 5 continuou a rasgar-se o caminho para o Ibraimo, competindo a toda a companhia proteger os auxiliares. Como instrucções, disse-me o chefe de estado maior—proteger os gastadores no trabalho, e no caso

de encontrar campo proprio para bivaque, participal-o para a columna poder avançar approximando-se do Ibraimo.

Pela 1 hora p. m. o capitão Gomes da Costa participou-me, que o matto era cada vez mais denso, e que n'aquelle dia não era facil chegar-se ao Ibraimo, e n'este caso, havendo n'aquelle local agua para abastecimento da columna, podia a columna avançar para estabelecer bivaque. Em vista d'estas informações, por uma ordenança de cavallaria, participei o facto ao chefe de estado maior, escolhendo um magnifico campo de bivaque, e digo magnifico, porque o terreno era plano, limpo e com amplo campo de tiro.

Mais tarde informou-me o capitão Gomes da Costa, que o tenente do exercito da provincia, Trindade dos Santos, lhe disséra, que a agua não chegaria para as necessidades da columna. Este facto incommodou-me porque, *ordem, contra ordem, desordem,* em todo o caso, communiquei-o ao chefe de estado maior, o que já não evitou a columna ter levantado o bivaque e pôr-se em marcha, tendo, depois, de retrogadar para Mutu-mundo.

Recolhemos ao bivaque, depois de rendidos por marinheiros, ás 3 horas p. m.

A 6 pelas 8. 30 a. m. a columna seguiu para o Ibraimo. A occupação d'este centro de *namarraes* foi tenazmente disputada, e só depois de muito fogo de parte a parte pôde ser occupada.

Pelas 4. 30 p. m. recebi ordem para mandar um pelotão, sob o commando de subalterno, proceder á queima d'umas palhotas a uns 500 metros do campo de bivaque.

Tinha um presentimento de que os *namarraes* protestariam com fogo logo que ella começasse, e não me enganei. Perguntei ao chefe de estado maior se deveria acompanhar o pelotão, respondendo-me, que era desnecessario.

(Continúa)

Rodolpho Augusto de Passos e Souza,
Major de infanteria.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuado do n.º 2 do 3.º vol.)

—1899—

Fundos de diversas despezas—Circular n.º 1 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 8 de outubro de 1899.

Fixa, para o periodo comprehendido entre a execução do decreto de 7 de setembro ultimo e fim do actual anno economico, o abono mensal para fundo das diversas despezas constante da seguinte tabella; para um

Regimento d'artilheria de campanha. .	240$000
Grupo de baterias a cavallo.	120$000
» » de montanha . . .	66$700
Regimento de cavallaria.	266$003
Regimento de caçadores.	112$500
Casa de reclusão	10$000
Abono especial para artilheria 1 . . .	13$700

São mantidos os abonos especiaes aos regimentos de cavallaria 2 e 4.

As restantes unidades, de engenheria, artilheria de guarnição, infanteria, etc., continuam a ser abonados pela tabella publicada na ordem do exercito n.º 7 (1.ª serie) de 1898.

Frequencia do conservatorio—Circular n.º 10 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 9 d'outubro de 1899.

Manda apresentar no conservatorio Real de Lisboa os musicos que tiverem licença para no mesmo se matricularem, accumulando com o serviço os que pertencerem aos corpos da guarnição de Lisboa.

Gymnastica—cabos—Circular n.º 33 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 9 d'outubro de 1899.

Manda observar na nomeação dos cabos para a frequencia de gymnastica na Escola pratica de infanteria o determinado no n.º 4 do artigo 28.º do regulamento de 25 d'outubro de 1893, ficando sem effeito o determinado na nota n.º 33 de 4 de novembro de 1898.

Descontos para os hospitaes—sargentos—Circular n.º 14 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 10 d'outubro de 1899.

Diz que os sargentos em effectivo serviço, quando em tratamento nos hospitaes, devem soffrer o desconto da totalidade do pret e equivalente do pão, como preceitua a 1.ª parte da disposição 4.ª da O. E. 5 (1.ª parte) de 1895. E que a ultima parte d'esta disposição refere-se sómente ás praças reformadas e são os sargentos d'esta classe com pret superior ao da effectivida-

de da arma de infanteria, que soffrem o mesmo desconto que as da referida arma sendo-lhes entregue a differença.

Guarda fiscal—juntas hospitalares—Circular n.º 1787 da 6.ª repartição da secretaria da guerra, de 12 d'outubro de 1899.

Determina que as praças da guarda fiscal em tratamento nos hospitaes não sejam mandadas apresentar ás juntas hospitalares d'inspecção para mudança de destino, emquanto não forem organisadas as tabellas a que se refere o § unico do artigo 3.º da carta de lei de 26 de julho de 1899; recebendo comtudo e julgando aquellas que lhes forem mandadas apresentar directamente pelos respectivos commandantes de batalhão e n'estes casos o julgamento seria em alternativa ou o de completa inhabilidade para todo o serviço ou de aptidão para continuar na mesma situação. Quanto ás praças da mesma guarda que careçam de licença deverão os clinicos mandal-as apresentar ás juntas da guarda fiscal, descrevendo a doença de que foram tratadas e a necessidade da concessão da licença; e quando em hospitaes afastados das localidades onde se reunem as juntas da guarda fiscal, houver praças cujo estado não permitta o transporte para a ellas se apresentarem, os directores dos hospitaes, mencionando os casos, pedirão superiormente instrucções sobre cada um d'elles.

Pelo que respeita ás praças que sollicitam readmissão continuarão a vigorar as praxes estabelecidas, julgando-as qualquer medico militar de corpo ou fracção a que forem mandados apresentar, quando as considere aptas para continuarem no serviço, ou indicar a conveniencia da apresentação á junta da guarda fiscal no caso contrario.

Conservatorio—musicos—Circular n.º 1320 da 4.ª repartição da 1.ª divisão militar de 24 d'outubro de 1899.

Diz que os musicos dos corpos não pertencentes á guarnição de Lisboa que tenham licença para frequentar as aulas do conservatorio Real de Lisboa, fazem serviço nas bandas dos regimentos a que estão addidos, uma vez que as mesmas bandas não sejam chamadas a desempenhar serviço fóra de Lisboa, porque n'este caso não só os musicos addidos como tambem os da propria banda, com aquella licença, passam a fazer serviço n'outro corpo.

Estado effectivo—Circular n.º 1354 da 4.ª repartição da 1.ª divisão militar, de 26 d'outubro de 1899.

Diz que nos mappas da força dos regimentos se deverá mencionar o effectivo de cada corpo e não o das praças com vencimento, conforme foi rectificado em circular do ministerio da guerra.

Transferencias para a guarda fiscal—Circular n.º 7 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 27 d'outubro de 1899.

Diz que as praças do exercito, quer do activo quer da reserva, que forem destinadas aos batalhões 2 e 4 da guarda fiscal, só sejam mandadas apresentar nas respectivas sédes, Coimbra e Evora, nos dias 5 e 20 de cada mez.

REVISTA DE INFANTERIA

O terreno e as armas modernas

Quando a efficacia media das armas era apreciada em 0,033 %, como durante as campanhas de 1805 e 1806 a apreciou Piobert, a bayoneta representava ainda certamente o melhor valor da infanteria. Uma simples instrucção profissional e um fraco valor intellectual eram condições toleradas como harmonicas para as necessidades d'então.

Os varios aperfeiçoamentos introduzidos nas armas de fogo trouxeram-nos apreciações mais favoraveis dos seus effeitos: assim, depois de 1859, já essa efficacia é apreciada por Von Ploenies em 0,7 % para a espingarda estriada e 1,5 % em 1864 para a espingarda d'agulha; a experiencia em luctas posteriores, confirmando-nos com toda a eloquencia que a infanteria é o melhor agente do combate, mostra-nos que o grande poder destruidor dos seus fogos será sempre o primeiro factor da victoria.

Em 1772 assim o consagrou d'uma maneira definitiva o coronel Guibert na sua Tactica Geral e Jomini, depois do talento do general, só conhece a infanteria como melhor instrumento da victoria.

A extraordinaria percentagem com que o fogo d'infanteria concorre nas perdas impostas ao adversario em todas essas luctas (70 % a 96 %) basta para lhe assegurar a sua supremacia.

Saint-Privat, que ainda por algum tempo nos ha de fornecer estudo em assumptos d'esta ordem, mostrou-nos a sua importancia, ainda mesmo em condições anormaes para então.

Os francezes com a Chassepot cuja alça se achava graduada só até 1200m, rompendo o fogo a 1500m sobre as tres brigadas prussianas, puzeram-lhe fóra do combate cerca de 8000m homens em 10' até 600m.

Por isso em 1877 já nos apparece o regulamento de tiro prussiano para a infanteria, admittindo o fogo até 1500m e dando regras para a sua execução. Officiaes superiores d'infanteria vão a Spandau assistir á execução dos fogos a grandes distancias e a vantagem d'estas experiencias, organisa no mesmo anno a Commissão d'Experiencias do Campo de Chalons.

Em Plewna já os turcos fizeram fogo até 2000m e com o seu tiro rapido nas occasiões opportunas, tambem destruiram eloquentemente a maxima de Souvarouw.

Convergidas as attenções sobre as armas de fogo portateis, melhoraram-se as suas condições com a reducção dos calibres e introducção das polvoras sem fumo, obtendo-se extraordinarias velocidades a que se alliou a vantagem da diminuição de pezo nas munições. Em 1889 a Inglaterra attinge uma velocidade inicial de 670m com uma espingarda 7,mm7 e a Turquia 650m com a Mauser m/1890 de 7,mm65. Posteriormente a 1891 accentua-se a reducção de calibres e obtem-se ainda maiores velocidades. A Italia, Hollanda, Roumania, Suecia e Noruega obtem velocidades de 700m a 740m com o calibre 6,5mm, o que os hespanhoes tambem attingiram com a espingarda de 7mm adoptada em 1892.

A muitos assustou tão extraordinaria reducção de calibres, julgando verem enfraquecer o effeito destruidor dos fogos da infanteria. Garantiu-se que no Dahomé, Egypto e Madagascar avançaram indigenas com graves ferimentos de balas de 7mm a 8mm, que os inglezes no Citral pouco conseguiram sobre o adversario com as suas balas 7mm,7 da Lee Meltford e o fraco calibre já servia para justificar o insucesso dos italianos na Abyssinia.

Estes factos que dariam á cavallaria uma extraordinaria importancia, foram contradictados pelo testemunho

de officiaes em campanhas coloniaes e por experiencias em animaes vivos; e não impediram que a Fabrica Steyr fizesse experiencias com espingardas de calibre 5mm, cujos resultados ainda são desconhecidos.

Porém a melhor licção colhida na historia das ultimas luctas do seculo findo, que já em 1870 os allemães mostraram conhecer e os francezes então comprehenderam, é que não bastaria só aperfeiçoar o armamento, mas tambem era indispensavel saber fazer um bom uso d'elle, o que só se conseguiria com novas exigencias á instrucção profissional.

N'este sentido clamaram em todos os exercitos officiaes illustres, que cheios da maior devoção civica pretendiam assegurar o bem estar da sua patria. Porém nem todos obtiveram galardão para as suas boas vontades; exercitos pequenos como o nosso, que são os que mais deveriam recorrer á instrucção profissional para compensarem a falta de numero, ainda se não deixaram despertar pela rapida evolução do seu mais poderoso elemento.

Se em tempos primitivos a victoria procurava a força numerica, é chegado o momento dos pequenos paizes poderem garantir a sua independencia, se souberem tirar partido de tanto aperfeiçoamento introduzido na arte da guerra.

Nas luctas do principio do seculo findo a infanteria combatia e vencia despresando o terreno, condicção imposta pelo armamento d'então e maneira de fazer a guerra, porém a experiencia das campanhas recentes mostrou-nos a importancia do terreno para o combate d'infanteria em presença dos aperfeiçoamentos introduzidos no seu armamento. Longe de abrirmos o fogo ao acaso, o que representará um estrago de munições, só aproveitaremos os progressos das armas de fogo sabendo adaptar devidamente ao terreno as suas trajectorias; missão difficil em campanha e que na guerra moderna está consignada ao infante; o que deverá chamar especial attenção para a instrucção profissional dos officiaes da arma.

Póde-se regulamentar a instrucção do soldado, o emprego das diversas especies de fogos, mas outro tanto se não poderá fazer sobre a maneira d'operar nas variadissimas situações da guerra moderna e n'estas circunstancias resta-nos contar com o bom criterio do official, quando efficazmente auxiliado por uma apropriada instrucção.

A melhor adaptação das modernas trajectorias ao terreno é assumpto já bem discutido em diversas publicações e revistas estrangeiras e por vezes com precisões de tal ordem que esses trabalhos, aliás de merecimento, não representam vantagens praticas. Como bem diz o General Warnet, no campo de batalha só poderemos aproveitar resultados aproximados, faceis d'obter sem calculos complexos ou grandes esforços de memoria.

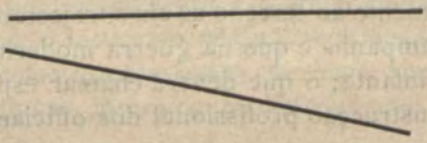
Um estudo succinto sobre os fogos das armas modernas em terreno variado subordinado aos limites da competencia d'um subalterno, é a tarefa que passaremos a encetar.

Na guerra ou um partido tem commandamento sobre o outro ou se encontram ao mesmo nivel, caso menos vulgar.

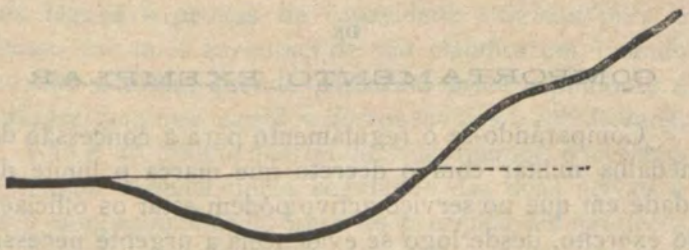
Na primeira hypothese o terreno póde ser inclinado acima da linha de mira, abaixo da linha de mira ou parallela á linha de mira. Na segunda, sendo horisontal, é, portanto, sómente parallelo á linha de mira.

Teem sido pois classificados os terrenos sujeitos á acção dos fogos em tres grupos: parallelo á linha de mira, inclinado acima da linha de mira e inclinado abaixo da linha de mira.

Parallelo á linha de mira, sempre que esta segue uma direcção parallela á intersecção do plano de tiro com o terreno.

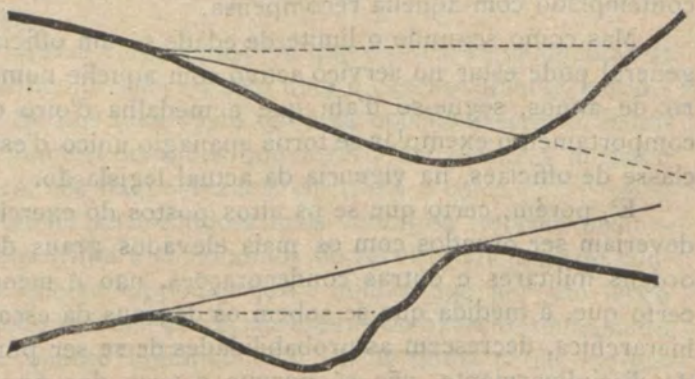


Inclinado acima da linha de mira quando esta corta a referida intersecção.



Inclinado abaixo da linha de mira quando essa intersecção só estabelece contactos com a linha de mira ficando portanto sempre abaixo d'esta.

Os dois ultimos grupos tambem recebem modernamente as designações de terrenos d'inclinação superior e terrenos d'inclinação inferior, sendo conveniente notar-se que é vulgar os d'inclinação superior estarem abaixo da horisontal tirada pela origem do tiro e acima os d'inclinação inferior, como representam as figuras seguintes, o que dá uma certa impropriedade á classificação.



A. Gomes de Souza,

Tenente de caçadores 4.

MEDALHA DE OIRO

DE

COMPORTAMENTO EXEMPLAR

Comparando-se o regulamento para a concessão da medalha militar com o decreto que marca o limite da edade em que no serviço activo pódem estar os officiaes do exercito, desde logo se evidenceia a urgente necessidade de se alterarem as disposições d'aquelle regulamento de fórma que a concessão da medalha de oiro da classe de comportamento exemplar se possa tornar praticamente effectiva.

Com effeito: Segundo aquelle regulamento para que se possa ter direito á medalha de oiro é necessario que se contem 50 annos de serviço sem nota alguma.

Não entrando em linha de conta com as praças de pret, que rarissimas vezes se poderão encontrar na actividade do serviço além dos 50 annos de edade, suppondo sem grande erro que a edade média do assentamento de praça dos individuos que mais tarde vem a ser officiaes seja aos dezoito annos, só um official que conte 68 de edade estará nas condições requeridas para ser contemplado com aquella recompensa.

Mas como segundo o limite de edade só um official general póde estar no serviço activo com aquelle numero de annos, segue-se d'ahi que a medalha d'oiro de comportamento exemplar se torna apanagio unico d'esta classe de officiaes, na vigencia da actual legislação.

E', porém, certo que se os altos postos do exercito deveriam ser ornados com os mais elevados graus das ordens militares e outras condecorações, não é menos certo que, á medida que se sobem os degraus da escala hierarchica, decrescem as probabilidades de se ser punido disciplinarmente, não só porque o pezo dos annos evita grandes desvios na carreira do dever, como tam-

bem porque aos altos postos sómente sóbem aquelles que privados atravéz das malhas apertadas das condições legaes e provas de capacidade exigidas para o accesso dão mais garantias de não claudicarem, quando já o não fizeram, quando passaram pelas espinhosas e multiplas contingencias dos postos médios e subalternos.

Não é no ultimo quartel da vida, quando o cerebro do homem é quasi unico regulador das suas acções e que o sangue arrefecido livra de precipitações irreflectidas e actos proprios da edade juvenil, que se torna verdadeiramente meritorio ter-se um exemplar comportamento; mesmo porque a verdadeira e unica verdade não consiste na pratica das boas acções, mas sim na força moral para suffocar em nós as suggestões do mal.

Se considerarmos tambem que as medalhas militares unicas que se não obtem por titulo gracioso, mas sómente por legitimos direitos, não foram creadas unicamente para premiar e honrar os agraciados, mas tambem com o alto e moralisador objectivo de estimular e incitar os que ainda as não possuem á perseverança e pratica das boas acções, resulta, pelo que exposto fica, que a medalha de oiro de comportamento exemplar se affasta para tão longe do campo pratico das possiveis aspirações que a sua obtenção se póde chamar um verdadeiro mitho.

Assim entendemos em que o praso regulamentar de 50 annos de serviço sem nota é excessivamente longo.

Se nos fosse licito ter uma opinião ácerca do maximo numero de annos que deveria dar direito a medalha d'oiro, nós fixal-o-hiamos em trinta e cinco.

A lei permittindo a mais vantajosa reforma ordinaria aos trinta e cinco annos de serviço, tacitamente concede que se supponha que o militar que por tão largo periodo serviu a patria nas fileiras do exercito tenha dado tudo quanto legitimamente se lhe podia pedir, esgotamento physico e trabalho intellectual. E aquelles que attingindo este limite sem uma unica nódoa na sua bio-

graphia, permanecem de pé no seu logar de combate parecem ter direito a mais alguma coisa.

Além d'isso para que haja estimulos da conquista de tão intangivel recompensa, necessario é que a medalha de oiro de comportamento exemplar brilhe no peito de alguns officiaes que pelo seu posto desempenhem ainda serviço regimental, pois que nos regimentos, as escolas do dever e da disciplina é que se querem exemplos que seguir, modelos que copiar, para que a sua presença prestigiosa faça germinar, fecunde e faça fructificar os altos principios e virtudes que representam.

Reduzindo-se, pois, para trinta e cinco annos o periodo de cincoenta, que a lei exige, ainda a medalha d'oiro se não vulgarisaria muito, e sequer ao menos vêl-a-himos algumas vezes conferida, o que no *statu quo* raras vezes acontecerá, e a acontecer só vem a ser usada pelo agraciado quando percorrer a derradeira *étape*.

Uma outra reflexão me occorre a respeito das medalhas d'esta classe; e esta de que taes medalhas nunca deviam ser requeridas.

«Que se não resalta como favor o que não é senão um direito», dizem os snrs. Damião Pinto e Neves Ferreira no relatorio que precede o alvará que reformou a Real Ordem de S. Bento de Aviz em 1894.

Pois, analogamente ao que está regulado para a concessão das dignidades d'esta ordem militar, deveriam os chefes, em epochas fixas do anno, relacionar os seus subordinados com direito a medalha da classe de comportamento exemplar para ser conferida pela estação competente.

A entrega das insignias que poderia ser feita em duas epochas fixas, uma na occasião da rectificação do juramento de bandeiras do contingente annual, e outra no dia do anniversario de S. M. El-Rei, deveria ser feita em parada ou formatura geral do estabelecimento ou corpo e daria margem a que os chefes, n'uma breve allocução, chamando a attenção para a solemnidade do acto,

lhes fizessem vêr que na carreira militar ha muitos espinhos, mas que tambem de longe em longe se colhem alguns raros, mas bem sazonados fructos de recompensa; e que na trilogia de Rei, Patria e Lei, porque principia o seu juramento, se encerra a sumula de tudo quanto se deve ter em vista na sagrada tarefa da manutenção da paz, da integridade, do progresso e rejuvenescimento da terra portugueza.

Março de 1900.

A. Stretcht de Vasconcellos,
Tenente de infanteria.

Notas de um expedicionario

1897-1898

Aggravando o quadro terrorista, não falharam os parasitas incommodos; e entre elles, notabilisou-se, pelos ataques multiplos e pelas complicações produzidas — o pulex e penetrans.

São as femeas fecundadas os agentes capitaes da destruição tegumentar e as provocadoras dos accidentes anormaes, consecutivos á falta de limpeza e á difficuldade de uma intervenção curativa rigorosa.

Lugares de eleição são os rebordos unguinaes e as plantas dos pés.

Intrando pela infracção da pelle nos tecidos subjacentes aquieta-se a femea, no periodo da gestação, não dando maior alarme, senão um leve rubor circumdando o ponto de penetração. Mas pelo attrito a phlegmasia vae augmentando pouco a pouco, e se se não intervem cirurgicamente, lá surdem as suppurações e até a gangrena que indica a operação mutiladora, como tive ensejo de ver, n'um indigena de Tembene.

O botão inicial avoluma-se gradualmente pela genese das cellulas ovaricas, multiplicando-se nas bolsas cylindricas, e accumulando-se de tal modo que a compressão vae expulsando successivamente o ovulo chegado ao periodo terminal da maturação.

Causaes presidindo á disseminação do parasita nenhumas haverá mais appropriadas do que as que se deram em Goxane. A quadra, como o disse Nielly, a proposito do Senegal, era a melhor. E nem eu tui capaz de lhe coarctar a propagação infernal, apesar das inspecções repetidas aos pés dos soldados, do uso da camphora, das frequentes lavagens com sabão de alcatrão.

Mas como extinguir a praga, sendo impossivel varrer um chão d'areia lodosa, como o era o das palhotas, ou borrifal-o efficazmente com soluções chloretadas ou phenicadas?

Limitei, pois, a minha intervenção á abertura e extracção directa do kysto, cauterisando profundamente a solução de continuidade com ether iodoformado, ou com soluto de sublimado corrosivo a $^{2}/_{000}$, tendo o cuidado de levar o insecto com todos os seus ovulos.

Repetiam-se comtudo os casos com impertinente frequencia, apezar de se obrigar o soldado a andar de botas tendo-se posto de parte as alpergatas não defendendo do pulex, nem abrigando da humidade.

Mas o que destituiu da resistencia organica, a companhia de cavallaria, destacada em Goxane, e inhabilitava os soldados para qualquer trabalho violento, foi essa febre d'entrada, gastro biliosa e remittente, com o seu cortejo lugubre de doenças consecutivas, originada nas pessimas condicções em que se estabeleceu o castro e ainda da descurada adaptação ao clima.

Sem enfermarias, esperando no matto os soldados, occasião opportuna para serem mandados para o hospital, dormindo sobre um chão lodoso, sem camas, sempre n'um plano inferior ao do campo, accumulados aos quatro, dentro do espaço acanhado d'uma palhota, sem du-

pla parede que facilitasse a circulação do ar, a apodrecer sob a acção das intemperies, verminou-lhes o sangue, o impaludismo, matando-lhe as hematias e abrindo o caminho á anemia tropical.

Os artigos de vestuario eram insufficientes; assim cada praça tinha somente duas camisollas de flanella e usavam os fatos de brim. A transpiração abundantissima obrigava a mudar frequentemente as roupas em contacto com a pelle; mas uma vez inutilisadas as camizollas era necessario vestir aos soldados as camizas de panno crú, que se ensopavam de suor, ficando a resfriar humedecidas sobre o tegumento externo.

Esqueceu tambem a cintura de flanella, unica peça que bem se adapta ás curvas do tronco e resguarda o abdomen do arrefecimento natural em quem tem de dormir sobre o chão.

Durante os dous mezes que precederam a ida para Goxane, não teve a companhia exercicios que provocassem uma sudação abundante; nem uma só marcha; a vida apathica do quartel, inutilisando-se pelas cantinas e pelas *machambas* das negras. Toda a actividade do soldado foi aproveitada em curtos exercicios de lança e n'uma carreira de tiro, n'um pantano mixto, onde se accumulava o lixo e onde os indigenas vazavam toda a casta de immundicie.

Esta carreira de tiro funccionou depois das cinco horas da manhã, quando o sol favorecia, com o seu lento aquecimento, a fermentação dos fócos de materias em putrefacção!

A gastro biliosa remittente não poupou um unico dos colonos de Goxane. Só o snr. tenente Coelho é que não teve sezões, pela razão simples de já ser um acclimado, pois estivera tres annos na Zambezia. Mas as exhacerbações continuadas do impaludismo, a repercussão permanente sobre o seu figado cirrhotico, o depauperamento do sangue discraziado pela intensa infecção foram reduzindo a sua vitalidade, através das minhas instancias

para o seu immediato repatriamento, ao ponto de ir encontrar a morte, n'um hospital de Port-Said, entre extrangeiros, sem o consolo supremo de tornar a ver os seus, no derradeiro alento.

Apezar da minha robustez, e apesar do meu nervosismo, quando pensava, com os cuidados pessoaes e com a actividade que era forçado a desenvolver, estar a coberto da maldita infecção, vi-me um dia chumbado á cama de campanha, atonico, febril, sem forças, em quanto sobre o acampamento se fazia o silencio desolador do desconforto e do abandono!

Por uma tarde nevoenta de dezembro, com intercadencias de aguaceiros, os landins de Covane trouxeram-nos em machillas para o hospital da villa.

E dias em pós dias continuou a triste romaria até quasi ao completo abandono do castro de Goxane!

Eduardo Pimenta,
Tenente medico.

RELATORIO

Organisação da companhia de guerra do regimento de infanteria n.º 4, que destacou para Moçambique em novembro de 1896, e serviços que prestou durante a sua permanencia em Africa.

(Continuado do n.º 4 do 3.º volume)

O pelotão incumbido da missão foi o primeiro, e por lhe pertencer, sob o commando do tenente João Francisco, subalternado pelo alferes Andrade, e pouco depois da sua sahida ouvimos fogo violento por parte dos *namarraes*, a que o pelotão respondia com descargas.

A's 5. 15 p. m. recolheu o pelotão, depois de ter consumido 995 cartuchos.

Ficaram feridos os soldados n.os $\frac{173}{1905}$ Manoel Amandio e $\frac{88}{1889}$ Manoel de Albuquerque e soldado $\frac{59}{1965}$ Antonio do Carmo.

Em 7 pelas 3. 40. p. m. sahiu do bivaque uma força sob o commando do capitão de artilheria Arthur Guimarães, composta do 2.º pelotão de infanteria commandado pelo alferes Costa e Silva e uma peça de montanha sob o commando do 1.º tenente Luiz Rebello, com o fim de fazer um reconhecimento na direcção de Mucutu-muno.

Pouco depois da força marchar ouviu-se vivo tiroteio. N'este combate ficaram feridos o alferes Costa e Silva, e soldado n.º $\frac{164}{1896}$ Pedro Pinheiro e ligeiramente contundido o soldado $\frac{58}{1826}$ José Marques.

O pelotão consumiu 902 cartuchos.

A 8 foram todos os feridos evacuados para o hospital de Moçambique.

N'este dia foram os postos avançados em volta do quadrado fornecidos por infanteria 4.

A 9 começou a construir-se um reducto quadrado para installação d'um commando militar, e, concluido em 10, foi em 11 pelas 7 horas a. m. entregue ao tenente da provincia Trindade dos Santos, depois de firmada a bandeira nacional com uma salva de 21 tiros com granadas ordinarias.

Em seguida a columna pôz-se em marcha para Natule.

Logo que chegamos a Natule, soube que o commandante da columna ia a Moçambique onde se demoraria uns dias, antes de encetar novas operações na região da Matibane. Approveitei a occasião, e pedi-lhe permissão para ir tambem a Moçambique pelos motivos que toda a gente comprehenderá, se lhes disser que passei 17 dias no matto sem mudar de roupa, tendo por cama o solo

e por travesseiro o sellim do cavallo, e lavando a cara, alguns dias, com agua lodosa.

A companhia veio para o Mussuril em 12 e alli se conservou, occupando os quarteis que haviam alojado caçadores n.º 4, onde ainda havia algumas praças, até ao dia 18, dia em que seguimos para a Matibane.

E assim terminou a campanha dos *namarraes*. Foi curta, mas bastante trabalhosa pela constante vigilancia que foi preciso manter para evitar surprezas d'um inimigo tão covarde que nunca se apresentou a peito franco para nos combater.

Escusado seria dizer que os factos que deixo relatados, bem como os que subsequentemente relatar, são os que se prendem com a companhia que commandei, porque a historia da campanha acha-se publicada no relatorio do commandante da columna de operações.

Antes de deixar o Mussuril cumpre consagrar algumas palavras de homenagem aos distinctos officiaes de caçadores n.º 4, tenente Viegas, alferes Passos Ribeiro e Tenorio.

A' franca e generosa hospitalidade, que estes officiaes nos dispensaram durante os dias que fomos seus hospedes, o nosso eterno preito de sincero reconhecimento.

No dia 18 pelas 8. 15 a. m. a companhia poz-se em marcha para San-a-San, embarcando depois para a Matibane.

Fazia parte da companhia, a seu pedido, o alferes de caçadores n.º 4 Tenorio.

O dia 18 de março do anno de 1897, é-me memoravel pelas differentes montadas que experimentei. Sahi de San-a-San montado n'um enorme macho, não muito de fiar pelo seu alque bramento de forças. Chegado a San-a-San montei n'um cavallo que metti á agua para passar para um batelão, passando em seguida para uma canôa onde havia uns restos de peixe em putrefacção, depois para o rebocador «Chaimite» e d'alli para a ca-

nhoneira de guerra «Liberal». Perto da praia da Matibane, passei novamente para o «Chaimite», depois para um pequeno barco que se approximou o mais possivel da terra e em seguida para o lombo d'um preto!

E' extraordinario! Esta faina começou ás 8. 15 a. m. e só terminou ás 6 p. m., hora a que entramos no commando da Matibane.

A companhia encorporada na columna seguiu em 21 para o Mino, com o effectivo reduzido a 125 praças.

O bivaque do Mino ser-me-ha de eterna recordação! Durante a noite ninguem pôde dormir. Formigas extremamente pequenas invadiam tudo. A vegetação n'aquelle local tinha desapparecido, as arvores apenas tinham o tronco, e este secco! O desgraçado que tentava deitar-se era por ellas atacado, introduzindo-se-lhe pelos ouvidos, olhos e narinas que o incommodavam horrorosamente.

Bella noute!

A 22 pelas 6. 30 a. m. a columna levantou o bivaque e seguiu para Nacuche. N'este bivaque a 23 pelas 7 horas a. m. deu-se um acontecimento que bastante me incommodou, pelas circumstancias extraordinarias que o revestiram. O soldado n.º $\frac{65}{1528}$ Manoel Dias, impedido do tenente, de ha muito que se queixava que estava doente, mas animado pelos camaradas, lá ia andando, fazendo o que podia. No dia 22 á noite foi encontrado sahido fóra do quadrado, e conduzido á ambulancia. Na madrugada do dia seguinte mandaram-no apresentar na companhia para seguir, mas fraco de forças e de espirito suicidou-se a poucos passos do quadrado!

Não teve honras militares por ser um fraco. *Parce in sepultis.*

Depois de este triste acontecimento, pelas 9. 20 a. m. a columna pôz-se em marcha para a Caváca, onde estabeleceu bivaque ás 11. 15 a. m. a sudoeste da montanha da Mesa.

A região que acabavamos de atravessar era muito povoada, predominando o elemento *monhé* e completa-

mente pacificada, vindo os seus habitantes vender-nos os seus productos. Quando a columna passava junto das suas habitações, assistiam sem receio ao desfilar d'ella.

N'esta região a agricultura era cuidada com esmero, vendo-se plantações de milho, mandioca, amendoim, etc., e lindos pomares de larangeiras e limoeiros.

No dia 24, o commandante da columna avisou-me de que elle, com uma pequena força da gente mais resistente, marcharia para o Stombo para estabelecer um commando militar, e que eu, com as forças restantes, retrogradaria para a Matibane, recolhendo depois a Moçambique.

N'este mesmo dia a companhia formou, e o chefe do serviço de saude póde apurar 41 soldados e 2 corneteiros que, com dois sargentos nomeados sob o commando do tenente, constituiram a força que acompanhou o commandante da columna ao Itóculo.

Tendo-me ponderado o sub-chefe de estado maior, que acompanhava a força, que devia retirar, ser vantajoso e possivel vencermos a distancia que nos separava da Matibane n'uma só *étape*, declarei-lhe que, se o commandante da columna n'isso estivesse de accordo e os nossos camaradas que nos deviam acompanhar, não via n'isso inconveniente.

Emfim todos de commum assentimento, no dia immediato pelas 7 horas a. m. a 2.ª columna pôz-se em marcha. A's 8. 55 teve o 1.º descanço em Nacuche, comendo-se o rancho; á 1 hora p. m. seguimos para o Mimo onde chegamos ás 5, e á Matibane ás 6. 30.

A marcha foi longa e fatigante, a maior que se fez em toda a campanha; mas foi vantajosa. Se tivessemos bivacado teriamos soffrido as consequencias da enorme trovoada, seguida de grossas bategas de agua, que bastante damnificaria a saude das praças, já muito abalada pela trabalhosa campanha dos namarraes.

No dia 27 pelas 9. 45 a. m. embarcamos no rebocador «Chaimite» que comboiava um batelão onde ia a

companhia, passando para a «Liberal» que nos conduziu á ilha de Moçambique.

As recompensas conferidas pelo commandante da columna aos officiaes da companhia foram:

Propostos: para ser agraciado com a medalha de *bons serviços* o commandante da companhia pela maneira como se houve no commando de forças que se empenharam no combate de Naguema e pela boa ordem e disciplina que manteve na sua companhia; com a medalha de valor militar o alferes José da Conceição Costa e Silva, porque no combate de Mucutu-muno, foi ferido gravemente n'uma coxa, conservando-se na frente do seu pelotão, avançando para o matto e commandando-o sempre sem se alterar.

Elogiados individualmente:

Tenente, João Francisco.

Alferes, Antonio Nunes de Andrade.

Cirurgião-ajudante, Humberto Pinto da Costa Araujo.

Rodolpho Augusto de Passos e Souza,
Major de infanteria.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

(Continuado do n.º 4 do 3.º vol.)

Dissemos no numero anterior que se devia pôr em duvida a doutrina dos regulamentos tacticos e dissemos as razões que nos parece serem acceitaveis.

O capitão Camon (1) examinando o genio dos grandes capitães que assignalaram *étapes* gloriosos nos tem-

(1) La bataille napolionique.

pos passsados, bem como a sua maneira de combater, diz, depois de confrontar diversos dados historicos, «que em face d'um adversario com um caracter excepcional, o typo normal (da tactica) deve ser modificado».

Cita exemplos frizantes das epochas gloriosas de Turenne, Frederico e Napoleão que nos convencem do que acima affirma. Hoje se não ha um Frederico ou um Napoleão que, com o seu genio causem uma revolução completa na maneira de combater, na tactica, ha o poder destruidor das armas modernas que não permitte que o soldado se apresente a peito descoberto debaixo da acção do fogo, porque em cada bala encontrará um mensageiro da morte que, se não o anniquillar com os seus effeitos, aterral-o-ha com o seu funerio e estridulo zumbido.

Isto, que é uma verdade palpavel e por todos reconhecida, já póde entrar na série dos principios axiomaticos, e, por isso, não insistiremos mais n'este ponto.

Para contrapôr a estes effeitos tão destruidores já dissemos no numero anterior que havia uma notavel tendencia para o emprego da fortificação passageira e para as marchas e combates de noute, tendencia que é bem claramente manifestada por distinctos escriptores francezes e allemães, muitos dos quaes já citamos, e foi bem posta em evidencia em S. Thiago e está sendo no Transwaal.

O emprego da fortificação nos campos de batalha já remonta, não a uma epocha remota, mas bastante antiga e quasi se póde dizer que o augmento do seu emprego tem andado a par com o desenvolvimento e perfeições do tiro e armamento.

Em 70-71, epocha em que a Dreyse e a Chassepot davam já ao tiro uma grande supremacia, teve a fortificação uma bem notavel applicação; em Gravelotte os allemães cobriram debaixo da protecção d'uma longa trincheira-abrigo a seu 2.º e 3.º corpos d'exercito.

A fortificação é d'uma applicação facil ao adversa-

rio que optar pela defensiva e que tenha tempo d'organisar a sua posição, mas d'uma applicação perfeitamente impossivel ao atacante, nos dias d'hoje, excepto se executar os movimentos d'avanço durante a noute.

Se o terreno fixado pelo atacante não fôr fertil em ligeiros e rapidos accidentes atraz dos quaes o soldado se possa abrigar, e estando provado pelas experiencias do tiro e principalmente pela pratica, que em taes condições é difficil, senão impossivel, sustentar uma tal posição, ter-se-ha de lançar mão da fortificação que garanta o que a natureza não permitte, mas como o conseguir?

Avançar á luz do dia, escolher uma posição e abrir uma trincheira debaixo da acção anniquiladora dos armamentos modernos será uma loucura o tental'o.

As muitas horas gastas em S. Thiago e os longos dias gastos no Transwaal para chegar a um resultado decisivo são certamente consequencia da falta d'abrigos naturaes e da impossibilidade de lançar mão da fortificação durante o dia.

Comtudo, apezar das poucas e incompletas noticias que descrevam os combates do Transwaal, vê-se que tem havido marchas e combates de noute e que tem tido uma notavel emprego a fortificação passageira, podendo-se mesmo dizer que alguns combates foram verdadeiros cercos em que as paralellas foram as simples trincheiras-abrigos e em que os movimentos d'avanço, os *lanços*, foram executadas durante a noute. Avançando de noute de posição em posição e fortificando cada uma d'ellas, foi que os inglezes ganharam a victoria de Paadeberg, que foi certamente o combate mais serio e que se nos afigura ser o typo mais completo d'este novo genero de combates.

De tudo isto devemos tirar tambem uma conclusão, que resalta como verdadeira e natural consequencia — que a defensiva é bem preferivel á offensiva.

Isto parece-nos tão logica e racional que nos abste-

mos de indicar as cousas que dão actualmente á defensiva essa superioridade bem manifesta.

Depois de tudo isto parece-nos que se pode apresentar, sem grandes escrupulos, como principios verdadeiros, e sobre os quaes é necessario remodelar a nossa ordenança, os seguintes:

1.º) Os combates não serão uma serie inimptorrupta de elegantes *avanços successivos* com rigorosas distancias marcadas, mas sim verdadeiros cercos á posição defensiva formados por posições entrincheiradas.

2.º) Que a duração d'um combate será, portanto, muito prolongada.

3.º) Só os grandes effectivos permittirão os ataques de frente em campo descoberto.

4.º) Que com a polvora sem fumo os intrincheiramentos são invisiveis.

5.º) Que as tropas da defeza estão, pois, em condições de mais facilmente surprehenderem do que serem surprehendidas.

6.º) As polvoras sem fumo tornaram os reconhecimentos mais difficeis de realisar e augmentaram a sua importancia.

7.º) A vantagem será da defensiva.

8.º) A superioridade da defensiva diminuirá se o atacante effectuar um movimento de flanco e que com o seu fogo comsiga enfiar os entrincheiramentos da defeza, obrigando assim os defensores a tomar uma nova posição, que certamente não estará organisada, ficando, portanto, em identicas condições.

Muitas outras conclusões se pódem tirar, mas hoje ficaremos por aqui e reservar-nos-hemos para breve a fim de mostrar as conclusões que ainda só são confirmadas pela theoria e aquellas que já teem a sancção da pratica.

(Continúa).

David A. Rodrigues,

Alferes de infanteria.

REVISTA DO ESTRANGEIRO

A infanteria russa

(Continuado do n.º 1 do 3.º vol.)

Defensiva

A defeza d'uma posição, na opinião dos russos, consta de dois actos successivos; primeiro que tudo, é necessario enfraquecer o adversario pelo fogo, e em seguida responder ao seu ataque com um contra-ataque.

Primeiramente, se o terreno o permitte e se as tropas de defeza dispõem de mais d'um batalhão, occupam-se na frente da posição, pontos determinados, para obrigar o inimigo a desenvolver-se e a descobrir as suas intenções. As unidades incumbidas d'esta missão, esforçam-se por não se deixar attingir pelas tropas assaltantes, que n'este caso penetrariam na posição perseguindo-as. Estas linhas avançadas attrahirão muitas vezes o combate sobre um ponto differente do escolhido pela defeza e mascararão quasi sempre o fogo dirigido contra o assaltante; durante este tempo, as tropas assim expostas, soffrerão todo o peso do combate e serão anniquilladas; a historia militar aponta poucas linhas avançadas que tivessem bom exito. Apesar d'isto a infanteria russa, emprega as linhas avançadas.

Logo que é conhecida a direcção do ataque, occupa-se a posição, que anteriormente foi organisada defensivamente, por uma linha de atiradores tão densa quanto possivel; as reservas estão mais proximas da linha de atiradores que na offensiva. O fogo redobra de intensidade quando dirigido sobre tropas em movimento, para diminuir quando dirigido sobre fracções paradas e sobre-

tudo abrigadas; a intensidade augmenta á medida que o inimigo se approxima. Quando este dá o assalto, a linha de atiradores executa o fogo vivo ou o fogo por descargas; as reservas que se teem approximado o mais possivel, ficam em ordem unida e fazem fogo por descargas. A execução d'estas é todavia muito difficil, por causa do estrepito que produz ao lado o fogo vivo.

Acontece muitas vezes que o fogo, por mais violento que seja, não obriga o adversario a bater em retirada; é conveniente, n'esta occasião, fazer um contra-ataque.

No momento em que as tropas inimigas vão penetrar na posição, a linha de atiradores e as reservas lançam-se sobre ellas á bayoneta, esforçando-se as reservas de preferencia a carregar sobre uma das alas.

Para dizer a verdade, o momento em que se deve fazer o contra-ataque, depende da natureza da linha de defeza. Se esta é tal que seja facil semear a desordem nas fileiras do inimigo, logo que se apodere d'ella, deixa-se que se dê este facto, abandonando a posição e enviando ao adversario uma descarga o mais cedo e o mais perto possivel: depois do que, todos se precipitam á bayoneta sobre este ultimo. Se a posição não é de natureza a favorecer esta desordem, o contra-ataque executa-se antes que a linha de defeza seja attingida pelo inimigo.

Se o contra-ataque tem exito, a linha de atiradores e as reservas, perseguem o inimigo com os seus fogos e preparam-se para repellir, uma segunda vez o assaltante: este fortemente abalado, póde não ter já reservas disponiveis e por isso não pensa em renovar o ataque; o defensor apressa-se então a tomar a offensiva.

Em todo o caso o soldado fica convencido da generalidade do principio seguinte: que é necessario defender-se, fazendo-se atacar: como o homem isolado, com effeito, as massas não pensam quando resistem, senão

em agarrar rapidamente a occasião para cahir sobre o adversario. (1)

Quando o assaltante é vencedor, uma reserva de fraco effectivo protege a retirada á defeza; a linha de atiradores utilisa, para fazer fogo, as posições successivas que se lhe offerecem; por vezes atiradores isolados, param para fazer fogo juntando-se rapidamente á linha de atiradores.

Operações de noite

As operações de noite são confiadas a destacamentos de pequeno effectivo. Na offensiva conserva-se, a ordem de marcha o maior tempo possivel e não se faz fogo; os dispositivos adoptados, variaveis segundo as circumstancias, constam sobretudo de formações cerradas; faz-se um largo emprego das patrulhas flanqueadoras e das de ligação; o logar em que está o commandante, os pontos de reunião e os que o commandante designa são illuminados por meio de lanternas: Não se grita hourrah! senão quando se está perto do adversario e se prepara para repellir todo o retorno offensivo. A defeza observa os mesmos principios; mas, nas noites claras, faz fogo por descargas (sómente ás pequenas distancias).

---

(1) O ataque de frente não é o mais das vezes o principal; fracções da linha de atiradores ou de reserva, passando a linha de combate e dispostos por vezes em escalão tentam movimentos envolventes sobre um flanco e mesmo sobre os dois; a defeza evita então o estender a sua frente e desconfia particularmente dos movimentos envolventes preparados a coberto.

Para prevenir o perigo, fórma colchetes defensivos, ou antes, dirige uma fracção de reserva sobre o flanco das tropas encarregadas do ataque envolvente.

Apontamentos de tactica colonial

CAP. I

TACTICA DE MARCHA

V

Henrique de Carvalho e outros recommendam para illudir a sêde, metter na bocca um seixo, folhas d'hervas innoffensivas, um caroço de fructo... Fazer altos, proximo das correntes d'agua boa se os infantes extenuados não poderem ir até lá, mandar a cavallaria buscar provisão d'ella, devendo ser inspeccionada e beneficiada antes de distribuida. Na passagem de vaos, fazer estudar estes e a força da corrente por bons nadadores, seguindo depois a columna, a muitos homens de frente, convindo manter a cavallaria ajuzante para deter os homens que a corrente possa arrastar. Sendo a corrente forte ou sendo o vau demasiadamente profundo, estender cordas d'uma margem a outra para os homens se segurarem e não serem arrastados. A profundeza d'um vau não excederá 0,70.

Não permittir que os homens façam transportar o armamento ou equipamento nos carros, muares, carregadores ou por camaradas.

Emquanto o sol se não mostrar ardente marchar sem cobre-nucas e pôl-o logo que comece a aquecer.

Examinar uma vez ou outra os bornaes e cantis, afim de ver se os homens conservam as suas rações.

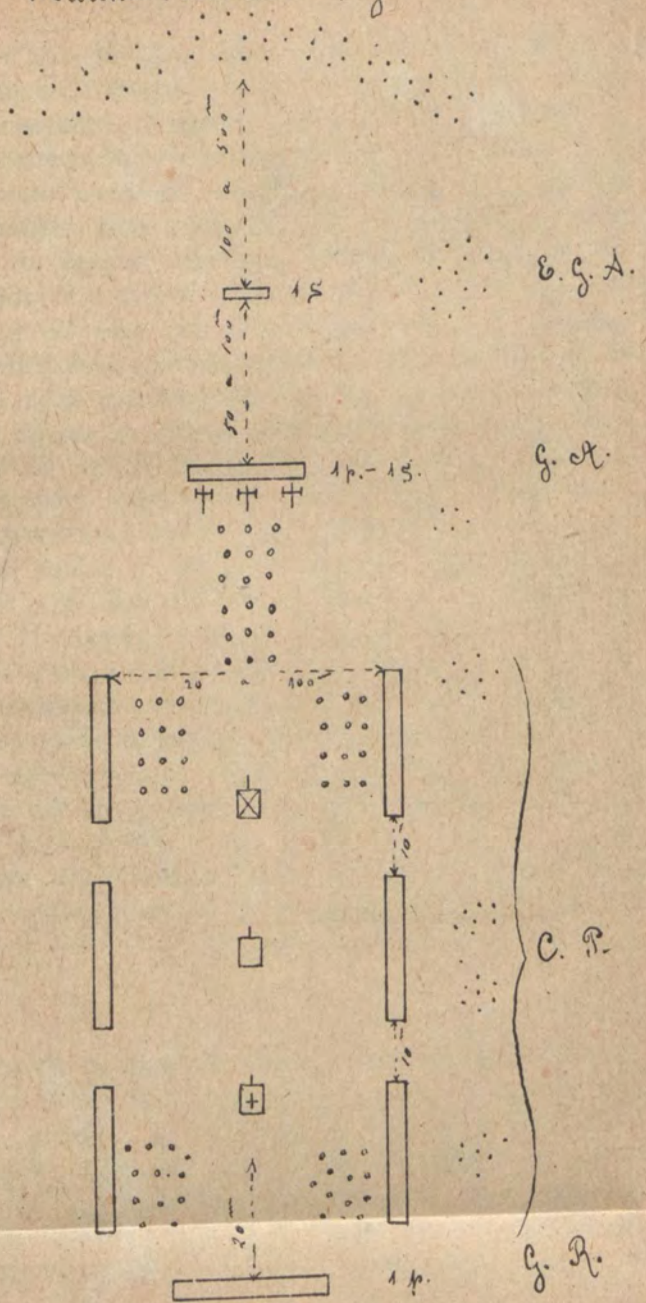
Nas marchas pelos bosques os homens de communicação da vanguarda darão golpes nas arvores afim de indicar o percurso aos que se lhe seguem.

Os signaes com os indigenas são simples e precisarão a direcção em que elles descobrem o inimigo, numero d'elle, distancia a que se encontra e formação em que vem.

A passagem de desfiladeiros, frentes, vaus... será

Fig. 6

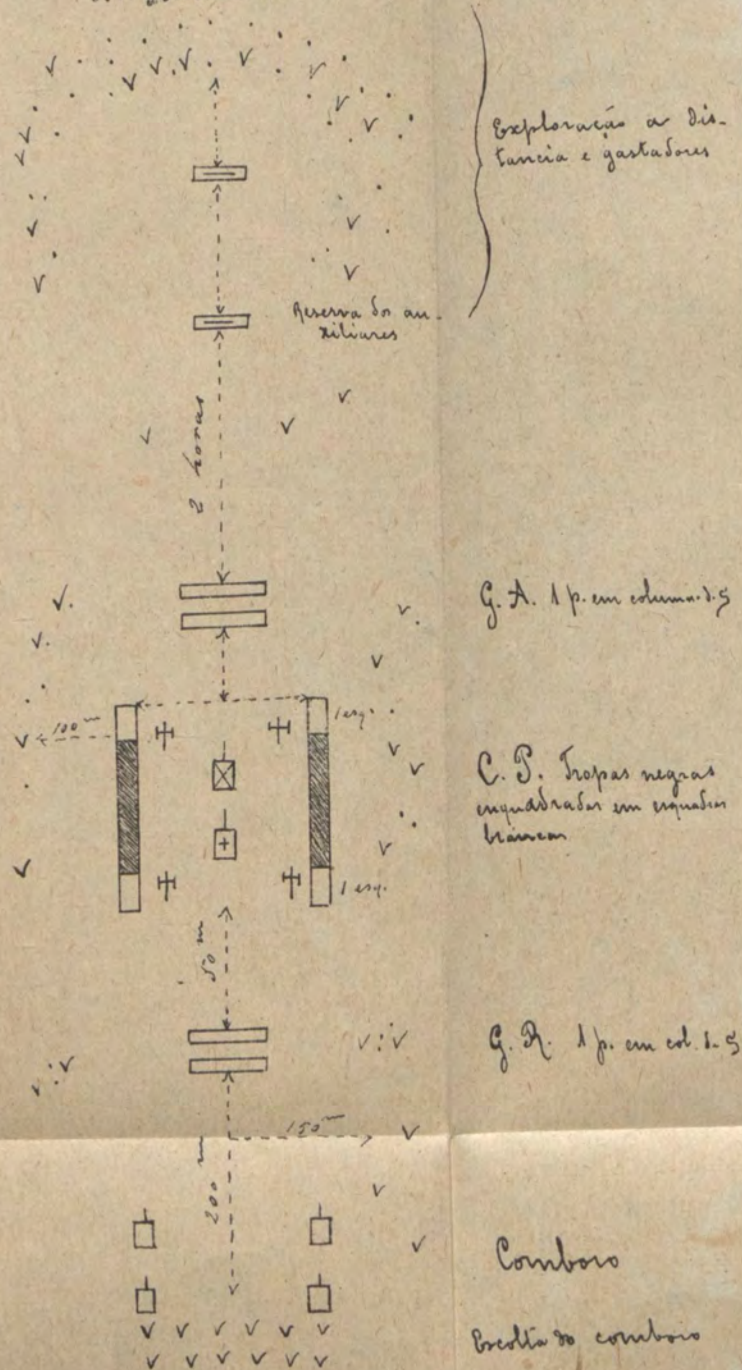
Marcha d'um comboio de gado



N. B. É vantajoso o emprego d'alguma cavallaria p.ª reunir o gado tresmalhado e p.ª effectuar a exploração

Fig. 7ª

Typo de marcha (Mousinho d'Albuquerque) com negros enquadrados.
Marcha para Naguema (Campanha dos Namarraes.



Signaes convencionaes

- . . . Exploradores negros
- v v v Cavallaria
- Regulares negros
- Gastadores
- Infanteria europea
- Bocca de fogo
- Carros de munições
- " do comboio
- " ambulancia
- ∘ ∘ ∘ Gado de carga ou p.ª abater

feita por fracções que, sahindo do obstaculo, pararão a tal distancia d'elle que permitta a reformação de toda a columna, e tomando-se as disposições para um ataque subito.

Para facilidade de transporte convem dividir as cargas quanto possivel, entregando as mais pesadas aos carregadores mais robustos, que se farão caminhar na frente. As cargas volumosas embaraçam a marcha dos carregadores e não devendo portanto exceder um certo volume e um peso que se póde fixar em 20 a 25 kilog. conforme a robustez dos homens. Conservar alguns de reserva para substituir os que desertem ou adoeçam, não os deixar maltratar, distribuir-lhes pontualmente a paga e as rações promettidas. As rações poderão ser transportadas pelos homens, manufacturando-se salchichas compridas e estreitas de algodão que pódem conter algumas rações de arroz ou legumes e que se levam a tiracollo como um capote enrolado. As rações serão então distribuidas diariamente ou em certos periodos conforme a confiança que inspirem os carregadores; sendo assim ministradas cruas deixa-se aos homens o trabalho de as manipular como desejarem e é este o systema geralmente mais pratico e vantajoso. Póde tambem em certos casos e em certos povos fazer-se a distribuição das refeições já preparadas o que complica os serviços e muitas vezes não satisfaz o negro. O melhor portanto será elles transportarem as proprias rações e cosinhal-as á sua moda nos logares de estacionamento.

VI

Duração das marchas; altos—Dizem os snrs. Galhardo, Eduardo Costa, etc., que a marcha deve ser feita d'uma só vez, começando ao romper do sol (5 ou 6 horas) e continundo até ás 11 ou 12, hora a que se deve acampar, fortificar a posição e dispôr as coisas para passar a noite; combatem a pratica dos grandes altos durante as horas do maior calôr, porque o aquecimento do solo, o

trabalho da digestão, a inclinação dos raios solares augmentam a fadiga, e de resto chega-se tarde ao local de estacionamento, não chegando o resto do dia para os trabalhos de fortificação e de acampamento indispensaveis. Antes de partir, tomar café quente com pão ou biscoito addicionado ou não do sal de quinina, conforme as prescripções da hygiene ordenarem, providenciando de modo que cada homem leve a sua ração fria e o cantil cheio de agua beneficiada com café ou chá, não fazendo esperar os homens antes de começar a marcha. A duração da marcha de infanteria não deverá, em regra, exceder 15 a 20 kilometros, á razão de 3 ou 4 kilometros por hora, não devendo nos primeiros dias exceder 15 kilometros, havendo mesmo casos, quando o matto é denso, quando o terreno é muito accidentado, etc., em que aquella média nem será attingida, sob perigo de fatigar demasiado os homens, inutilisando-os para as marchas seguintes ou para resistirem a um ataque subito.

Far-se-ha um primeiro alto a 500^{m} do bivaque para permittir aos homens satisfazer necessidades que sobrevêm á ultima hora. Os altos horarios poderão ser supprimidos, se os homens marcharem convenientemente unidos; convirão mais altos de 15′ de duas em duas horas, ou mesmo espaçados irregularmente, aproveitando-se um logar arborisado, com agua, etc. A cavallaria n'essa occasião apeiará em parte e reforçará, podendo ser, com as forragens aproveitaveis a ração dos animaes, encherá os cantis, etc. O grande alto será de uma a duas horas, a meia marcha feita, tomando então a columna o dispositivo de combate, todas as fracções nos seus logares marcados pela formação de marcha. Não deixar logo os homens ir beber da agua que porventura corra proximo, fazendo-a analysar primeiro, beneficial-a sendo necessario e distribuindo-a depois. Se a agua fôr boa, permittir aos homens que *por fracções* vão encher os cantis, não lhes permittindo que a bebam sem descansarem e arrefecerem um pouco.

VII

Auxiliares.—Grandes serviços poderão prestar os auxiliares, especialmente se a sua dedicação e espirito bellicoso fôrem de molde a poder-se confiar no seu valor e lealdade. Nos serviços de exploração, informações, espionagem, interpretes... é o seu emprego de alto valor. E como diz o snr. Antonio Ennes: «consegue-se tudo dos negros, a questão é saber leval-os; requer umas dosagens de geito e força, cuja formula exacta custa a determinar.»

O serviço de espionagem commettido a indigenas astuciosos das tribus adversas do inimigo póde prestar valioso auxilio.

Os inglezes nas suas campanhas recorrem frequentemente a este serviço que muitas vezes os tem livrado de desastres.

No combate, porém, a missão dos auxiliares será muito secundaria, podendo-se limitar as mais das vezes á perseguição depois de estabelecida a retirada do adversario, perseguição que as tropas brancas não poderão effectuar, attento o estado depressivo de fraqueza em que se encontram por causa do clima e das privações.

Nas marchas, tendo-se plena confiança na sua fidelidade, devem ser enviados na frente e flancos da columna, effectuando um serviço de exploração proximo ou a distancia, apoiados e vigiados por europeus, afim de explorar e bater o terreno e repellir uma primeira investida do inimigo. E' esta a sua missão principal em que muitas vezes (de noite ou em terreno muito coberto) são insubstituiveis. Pronunciado, porém, um ataque decisivo, retirar-se-hão sobre a columna e deitar-se-hão interiormente no lado menos exposto ou exteriormente junto das faces do quadrado (quando ella o forme), prohibindo-se-lhes absolutamente o levantar-se e fazer fogo ou ainda (se a columna tomar outra posição) irão reu-

nir-se á retaguarda ou n'um flanco, promptos a lançar-se sobre o adversario, em guiza de cavallaria em perseguição, logo que se produza o momento opportuno. Os auxiliares poderão ainda, na falta de carregadores, desempenhar o serviço de transportes a dorso ou de abertura de caminhos.

Devem ser reconhecidos por meio de signaes bem visiveis que o inimigo não possa adoptar, variaveis de tempos a tempos.

Devem estar submetidos á direcção superior d'um official que conheça bem os seus costumes e qualidades.

Convém separal-os o mais possivel do convivio das praças brancas, installando-os separadamente no bivaque. Mesmo se o seu numero fôr grande, convirá formar-lhes um acampamento independente, disposto em condições taes que não possam, em caso de ataque, embaraçar o fogo e a acção das tropas regulares, nem provocar a confusão.

Se por ventura os auxiliares a quem se tenham distribuido funcções combatentes, vierem a dar mostras de timidez ou hesitação, ou symptomas de má vontade e reluctancia em marchar, cumprirá desarmal-os, vigial-os, obrigal-os em caso de ataque a conservarem-se deitados, pois, de outro modo, facilmente se espalhará o panico entre elles, desertando, embaraçando as formações de combate e pondo a columna em situação melindrosa.

E' de prudente conselho manter espiões entre os auxiliares para melhor ajuizar da lealdade das suas intenções e para prevenir qualquer tentativa hostil da sua parte. Satisfazer plenamente todos os compromissos contrahidos com elles.

(Continúa).

Alfredo de Leão Pimentel,

Alferes de infanteria.

BIBLIOGRAPHIA

Instrucções para o serviço dos torpedos Whitehead, 2.ª parte, por João Benjamim Pinto, tenente coronel de artilheria, e Emilio Alberto de Macedo e Couto, 1.º tenente d'armada.

E' um pequeno folheto em que estes distinctos officiaes mostram a sua competencia, em que põem bem em evidencia o elevado grau de dedicação com que de coração e alma se dedicam a todas as questões das quaes, um dia, o futuro da nossa abençoada Patria pode depender. Quando ha boa vontade e dedicação, quando ha competencia e merecimentos e quando ha amor pelo trabalho util, sem escrupulo de fadigas, como succede com estes nossos amigos, os fructos hão de ser fatalmente devéras aproveitaveis.

O nosso particular amigo o snr. tenente-coronel, João Benjamim Pinto, que é um distincto official d'artilheria, com vastos conhecimentos, tem-se dedicado a varios trabalhos de summa importancia, o que já outras vezes tivemos occasião de dizer, e o que mais uma vez o folheto acima indicado nos vem mostrar, com o que sinceramente folgamos.

O snr. Macedo e Couto é um dos bons officiaes da nossa armada que se tem dedicado tambem a trabalhos importantes e que é e tem sido sempre muito considerado entre os seus camaradas, sendo tido na conta de um official distincto.

Este folheto é o complemento d'umas outras instrucções já publicadas, ou a parte pratica do serviço de lançamento de torpedos, reunindo, por isso, a maneira como se executam as diversas experiencias e se realisam os exercicios, bem como a descripção dos apparelhos de lançamento.

Começam por mostrar a necessidade d'uma boa aprendizagem, necessidade que resalta logo á vista de todos aquelles que façam uma leve ideia do que seja um torpedo.

Descrevem depois as carreiras de tiro, o material empregado n'estas carreiras, jangadas e pontes, e depois de descreverem tambem o material accessorio, como as carcassas e mais partes do apparelho de lançamento, entram na descripção dos instrumentos de correção e observação e com toda a clareza é posta bem em evidencia a maneira pratica de corrigir, verificar e observar, o que chega a ser engenhoso.

Os torpedos teem tomado ultimamente um papel devéras preponderante, não só no combate naval como na defeza das costas.

Bom é pois que nós olhemos para um serviço que um dia nos póde ser util e oxalá o trabalho dos snrs. Benjamim Pinto e Macedo e Couto consigam mostrar a utilidade d'este serviço, a sua necessidade e que façam com que entre nós receba um impulso que até hoje não tem tido.

Agradecendo aos nossos amigos a sua offerta não podemos deixar de os felicitar calorosamente pelo seu util trabalho e de lhe mostrar a nossa gratidão pela gentileza da sua dedicatoria.

Instrucções auxiliares para o serviço de destacamentos, deligencias e escoltas, por Aristides Raphael da Cunha, alferes de infanteria em commissão na guarda municipal.

E' um livro util, como são uteis todos os livros d'este genero, mas este sobreleva todos os outros por ser mais recente e estar mais em dia com a tumultuosa legislação, sendo alem d'isso um livro cuidadosamente elaborado, feito com methodo e ter a grande vantagem de ser completo sem ser volumoso.

Para andar em dia com a nossa legislação é quasi necessario não estudar outra cousa ou então andar acompanhado d'um sem numero de volumosos regulamentos, mas o snr. alferes Raphael da Cunha, compendiando o mais resumidamente possivel todas as doutrinas, conseguiu formar um livro que é mais do que util, é necessario.

Agradecendo-lhe a sua offerta, felicitamos o snr. Raphael da Cunha pelo seu methodico, completo e util trabalho.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuado do n.º 2 do 3.º vol.)

—1899—

2.º curso das escolas regimentaes. — Circular n.º 516 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 9 de Novembro de 1899.

Determina que nos regimentos que teem batalhões desta-

cados se colloquem nos batalhões de guarnição as praças que desejem matricular-se no 2.º curso das escolas regimentaes, nos limites dos quadros e quando não resulte prejuizo para o serviço. Não sendo possivel proceder-se d'esta fórma seguir-se-ha o estabelecido no artigo 34.º do regulamento geral das escolas para praças de pret. Se no batalhão destacado houver subalterno ou aspirante a official que voluntariamente se preste poderá em cada batalhão destacado estabelecer-se uma explicação especial para o 2.º curso, devendo as praças ser consideradas matriculadas na escola regimental. O official ou aspirante a official que se encarregar da exposição só é dispensado do serviço de escala fóra da localidade.

Mestres de musica, contra-mestres, musicos, artifices e mestres de corneteiros. — Circular n.º 10 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 10 de novembro de 1899.

Declara:

1.º Que as graduações conferidas pelo decreto de 7 de setembro não dão direito a continencia alem das que se acham determinadas no artigo 25.º do regulamento de 23 de maio de 1872;

2.º Os mestres de musica quando incorrerem em infracção de disciplina soffrerão as penas applicaveis aos officiaes com excepção da de inactividade; os mestres de corneteiros e os musicos de 3.ª classe estão sujeitos ás penas applicaveis aos sargentos com excepção de guardas e baixa de posto, sendo esta substituida por prisão correccional;

3.º Os mestres de musica serão abonados de subsidio de marcha e residencia, alojamento e transporte correspondente á sua graduação;

4.º Para o serviço dos mestres de musica será nomeado um soldado como fachina permanente;

5.º Os artifices, mestres de corneteiros e musicos de 3.ª classe serão abonados de subsidio de marcha, residencia e transporte egual ao que se abona aos sargentos;

6.º Subsiste sem restricção o disposto no artigo 47.º do regulamento para o serviço interno dos corpos;

7.º Subsiste o determinado quanto a contribuição e auxilio para rancho;

8.º No equipamento do mestre de musica é substituido o frasco e o bornal pelo frasco e mala do modelo para official;

9.º A readmissão dos mestres de musica é averbada na casa — notas biographicas.

Matricula d'officiaes não arregimentados. — Circular n.º 2960 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 18 de novembro de 1899.

Diz que no intuito de simplificar o serviço de escripturação dos registos de matricula dos officiaes a que se refere o artigo 182.º do decreto de 7 de setembro ultimo, e por isso que, esse serviço se acha em atrazo, por não ter sido possivel aos extinctos commandos geraes de cavallaria e infanteria, fazer a remessa dos respectivos documentos de transferencia com a devida opportunidade; determina S. Ex.ª o Ministro da guerra que os registos dos mencionados officiaes que tiverem tido ou venham a ter outro destino, desde a data do referido decreto até á data em que nos quarteis geraes das divisões militares forem recebidos os documentos de transferencia, se façam unicamente nos quarteis generaes, corpos, estabelecimentos ou repartições, em cuja area residirem, ou servirem, n'esta ultima data, os officiaes a quem forem referidos.

Officiaes.—de que trata o art.º 49.º da lei de 13 de maio de 1896.

Circular n.º 94-A da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 21 de novembro de 1899.

Diz que os officiaes de que tratra o artigo 49.º da carta de lei de 13 de maio de 1896 fazendo serviço em corpos d'arma differente áquella a que pertencem fazem todo o serviço d'escala que pertence aos officiaes do seu posto e tomam parte em todos os serviços d'instrucção da unidade em que fizerem serviço e quando qualquer unidade dos referidos regimentos tomar parte nos exercicios de armas combinadas, fôr receber instrucção de tiro nas carreiras ou fizer parte das forças em instrucção nas escolas praticas devem os mesmos officiaes ser mandados fazer serviço nas ditas unidades.

Refractarios.—Circular n.º 108 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 21 de novembro de 1899.

Diz que os refractarios só passam á primeira reserva (nos termos do art. 1.º do decreto de 4 d'outubro) quando terminem o penultimo anno do serviço activo a que são obrigados.

Matricula dos officiaes não arregimentados.—Circular n.º 3118 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 30 de novembro de 1899.

Diz que a doutrina da circular n.º 2960 de 18 do corrente deve applicar-se á escripturação dos registos de matricula dos officiaes que, sendo em O. E. promovidos ou collocados no estado maior das armas, tiveram pela mesma ordem outro destino.

3.º Anno Junho—1900 N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

A proposito da escolha da nova arma para a infanteria

Temos fornecido aos nossos leitores alguns dados relativos á escolha da nova arma a fim de os illucidar sobre esta questão, que póde ser vital para a infanteria, para o exercito e para o paiz.

Raro é o paiz em que estas questões não levantam graves seleugmas. Nós, portuguezes, que em questões de intrigas marchamos na vanguarda, não podiamos deixar de, n'este ponto, obedecer á lei fatal.

Como já certamente o leitor sabe, o distincto capitão de infanteria, snr. Alberto Vergueiro, apresentou á sub-commissão umas modificações á culatra-movel da Mannlicher. No nosso penultimo numero publicámos algumas das vantagens das modificações propostas, e basta vel-as para avaliar da sua importancia, mas hoje o snr. capitão Vergueiro veio honrar-nos com a lucida exposição, que abaixo segue.

Em face de tanta clareza desnecessarias se tornam as nossas affirmações. Sentimos devéras não poder publicar toda a exposição n'este numero, mas a falta d'espaço prohibe-nos de o fazer.

Para bem sentir a importancia das modificações propostas é necessario ver um modelo modificado; nós já tivemos esse prazer e confessamos que ficámos devéras encantados com a segurança que garante e com a facilidade com que se arma e desarma a culatra-movel. No proximo numero esperamos apresentar umas photogra-

vuras de tamanho natural que darão uma ideia bastante completa.

Nós não queremos ser juizes em materia tão melindrosa, mas queremos, sim, o bem da arma, do exercito e do paiz; isto é, queremos justiça, porque a justiça, sombra de Deus cá sobre a terra, é o que nos faz nascer alguma confiança.

Consta-nos que o snr. capitão Vergueiro não tem sido attendido com a consideração e deferencia que competem á sua pessoa, como official sabedor, e como homem recto e de um caracter inconcusso que é. Isto faz com que o nosso espirito seja obscurecido por uma sombra negra atraz da qual possa nascer a desconfiança misturada com a indignação.

A verdade e só a verdade é o unico ideal que nos seduz e pelo qual nós trabalhamos.

A redacção.

Exposição fundamentada das modificações a fazer na culatra movel da Mannlicher, propostas pelo capitão de infanteria, Alberto Vergueiro.

1.ª

Condições de segurança

O mechanismo de segurança da Mannlicher e da Kropatschek (egual) não é perfeito, porque casos ha em que estas armas se disparam involuntaria e fatalmente, e outros ha em que a *patilha* do fecho de segurança não pode passar, sem operação previa e desconhecida do soldado, da posição de *descansar-cão* para a de *preparar*, travando, por consequencia, o movimento da culatra.

O primeiro caso (perigo) dá-se sempre, e o segundo (travamento da culatra) sómente algumas vezes e em poucas armas, quando, em ambos os casos, concorrem as seguintes circunstancias:

a) Não estar completamente roscada a porca do percutor; em geral, uma volta a menos na Kropatschek e duas na Mannlicher;

b) Achar-se a *patilha* do fecho de segurança na posição de *descansar-cão;*

c) Premir-se o *gatilho*, quer essa pressão seja exercida pelo soldado, quer por qualquer choque accidental;

d) Voltar-se a *patilha* do fecho de segurança para a posição de *preparar*, sendo n'este acto que parte o tiro, como se se tivesse premido o gatilho.

As alineas *b*) *d*) são consequencia forçada do proprio manejo da espingarda, e as alineas *a*) *c*) são sómente eventuaes, mas que, na pratica, se repetem com assáz frequencia. A alinea *a*) porque a porca do percutor se rosca com alguma difficuldade em virtude da força da móla do fecho de segurança, que se oppõe; pela interposição de qualquer corpo estranho, poeira, areia, etc, e porque o soldado não comprehende que uma volta ou duas a menos pode ter esse effeito; a alinea *c*) porque o soldado, muitas vezes, prime instinctivamente o gatilho para experimentar se a arma está ou não nas condições de segurança, ou porque qualquer choque estranho e accidental tenha operado sobre o gatilho.

Com quanto o tiro com bala tenha, entre nós, tido pouco desenvolvimento, o certo é que os disparos involuntarios teem sido numerosos durante o longo serviço da Kropatschek, como podem confirmar os officiaes de infanteria, e, principalmente, os que fizeram as guerras d'Africa.

No continente, alguns d'esses disparos déram logar a sérios desastres, de morte, cegueira, etc — infanteria 12, 3, ex-caçadores 3, ex-infanteria 7, etc; em Africa deu-se ordem permanente de voltar a arma para o ar. a fim de evitar sinistros, quando havia necessidade de voltar a *patilha* de segurança para a posição de *preparar*.

Muitas vezes, confirmam os officiaes, as armas disparavam, furando os tectos das barracas.

Por certo que o perigo está minorado na Mannlicher, pois, em regra, são necessarias duas voltas a menos para elle se dar; mas a causa lá está e já não passa por innocente.

A par d'isto, os disparos involuntarios teem tambem sido uma fonte de castigos injustos, attribuindo-se a causa a negligencia do soldado, aliás ignorada por alguns chefes.

O meio de obstar, quer ao *perigo* quer ao *travamento* da culatra, é tão simples como completo. Reduz-se a ligar o *cão* ao *fecho de segurança* por intermedio de uma saliencia e de uma reintrancia, conforme se acha já praticado em algumas culatras, submettidas por mim ao exame da commissão e da sub-commissão e pela Fabrica de Steyr sob minha indicação verbal.

2.ª

Condições de percussão

O incompleto roscamento da porca do percutor não affecta sómente a segurança individual, como ficou dito, mas tambem prejudica a necessaria força de percussão para inflammar a escorva, visto que, em tal caso, a móla real se achará menos tendida.

Uma volta a menos na Kropatschek não influe grandemente

na percussão, porque a sua móla tem perto de 14k de força; porém, na Mannlicher, em que essa força se reduz a 10k e tanto, as *falhas* são consideraveis, elevando-se a 10 por % para o caso de uma volta a menos e a 50 por % para o caso de duas voltas.

Para obviar a este não menos grave defeito, cuja existencia se evidenciou no decurso dos trabalhos da sub-commissão, e que, na pratica, attestam os proprios disparos involuntarios, apresentam-se tres meios:

1.º Dar á móla da Mannlicher a força da móla da Kropatschek;

2.º Procurar um systhema de percussão em que a móla esteja sempre egualmente tendida;

3.º Tornar a capsula mais sensivel, meio de que não me occuparei por ser espinhoso de mais para as minhas forças, e tambem porque o reputo pouco viavel.

O primeiro meio é incompleto, porque duas voltas a menos já affectam, sensivelmente, a percussão, e porque o parafuso é de facil deformação, bastando uma ligeira rebarba ou corpo estranho e, por egual, na porca para difficultar ou impossibilitar o roscamento; todavia, póde constituir um ultimo recurso acceitavel, desde que se não augmentem o peso e dimensões da culatra, nem difficulte o manejo, etc, porque o caso de duas voltas a menos é já mais raro, bem como não é trevial a deformação do parafuso e da porca, comquanto facil.

Mas, o segundo meio é mais perfeito, e resta saber se é applicavel ao systhema de culatra da Mannlicher, que não é mais do que o velho systhema Mauser, d'um fabrico primoroso.

Pelo detido exame d'esta vê-se, com effeito, que não é impossivel essa applicação, dando a algumas peças uma disposição nova.

O systhema Mauser, moderno, emprega a *noz* para substituir a porca, soccorrendo-se da força da móla real para lhe assegurar uma posição certa e definida e não precaria como a da porca. Na Mannlicher pode empregar-se o mesmo systhema, variando, porem, de meios, que se baseiam em saliencias e reintrancias, praticadas no *cão* e na *noz*, conforme o modelo por mim apresentado, mas cujas saliencias e reintrancias podem mudar de forma, de numero e posição, como mais convier ao fim, e pode, mesmo, a *noz* entrar no *cão*.

Do emprego d'este meio resulta a suppressão da móla do fecho de segurança, e resulta que a *noz* se achará sempre em contacto com o *cão*, pela força da móla real, excepto no acto de se mover o fecho de segurança, e, no tiro, quando a ponta do percutor é assáz comprida ou penetre pouco na capsula.

Segundo o exposto, deixará, pois, de haver contacto, entre a *noz* e o *cão*, sómente em dois casos, dando logar a uma *folga*.

No primeiro caso (movimento do fecho de segurança) a *folga* será maxima e egual á altura do *resalto* do dito fecho, podendo reduzir-se a $0,^{mm}5$ sem prejuizo da estabilidade d'este e de todo o systhema; no segundo caso (no tiro) unico digno de menção, pode a dita *folga* ser nulla, e será, em regra, extremamente reduzida, porque a folga maxima só pode dar-se, quando os gazes actuem fortemente sobre o percutor, e o ferrolho não estiver devidamente preparado para dar saida facil a esses gazes, proposição de que adiante me occuparei.

Representará esta *folga* um inconveniente sério? Será, com effeito, essencial que o percutor se ache *constante e fortemente* ligado ao cão, formando um *corpo rigido?*

A absoluta falta de recursos não me permittiu proceder a experiencias directas; mas o facto, incontestavel, de a porca do percutor, nas culatras Kropatschek e Mannlicher, nem sempre estar completamente roscada e, na accepção da palavra, nunca o está na Mannlicher, deixa suppôr que essa *folga* não terá consequencias, porque, se as tivesse, seriam a condemnação da propria porca, visto que ella, não completamente roscada, dá logar a uma *folga maior*, egual ao passo do parafuso (mais de 1 milimetro) multiplicado pelo numero de voltas a menos.

Ora, a pratica diz que esta *maior folga*, repito, habitual em muitas Kropatschek, não causa nenhum desarrango na culatra e nas funcções da espingarda, excepto no respeitante á segurança e á percussão, como ficou dito, porém inconvenientes estes que não subsistem no systhema por mim proposto.

Procedendo a experiencias, vi mais que a *porca* da Kropatschek, transformada em *noz*, nem sequer se denuncia, sem duvida, por effeito de mais facil esgotamento dos gazes que entram pelo *canal* da cabeça movel; e a Mauser, cujo systhema de percussão é, a tal respeito, a mesma coisa, deveria, nas experiencias correntes, ter manifestado qualquer inconveniente, que se não notou. Que o *cão* seja arrastado pelo percutor e que o *manchon* o não seja, isso, julgo, não deverá ter importancia pratica, porque o que se requer de qualquer d'elles é que garantam o regular funccionamento de mechanismo de percussão, que, essencialmente, é constituido pelo percutor e pela respectiva móla.

Demais, a velha Gras e a actual Lebel teem, por construcção, laqueamentos em dois sentidos, tornando o percutor oscillante, e a Mauser hespanhola, cujo *manchon* não possue móla de fixação, estará, certamente, sugeita a maiores desarranjos, pois o *manchon* não se apoia na caixa da culatra para se apoiar no ferrolho *por parafuso*, ao passo que o nosso *cão* tem n'ella (caixa da culatra) um solido apoio para o tiro, muito superior ao *manchon* da Mauser aperfeiçoada, que está dependente d'uma *móla*, habitualmente no seu *maximo de tensão*, e circumstancias estas, a meu ver, dignas de toda a ponderação. Com effeito, basta reflectir um pouco.

O *manchon* da Mauser hespanhola sustem-se ao ferrolho por simples parafuso, não tendo móla de fixação; ora, cada vez que se move a culatra, rosca-se e desarrosca-se esse parafuso, d'onde, necessariamente, resultará, quer no macho quer na femêa, uma laxidão pronunciadissima. A breve trexo, a pratica encarregou-se de tornar evidente este grande defeito, que ao velho Mauser não convinha evidenciar por motivos obvios, mas que a sub-commissão fez notar, muito antes da apparição do modelo aperfeiçoado. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que o seu auctor se viu *coagido a acceitar a móla, nas peores condições de conservação* (maxima tensão habitual). Por certo que o inconveniente ficou evitado, mas sómente emquanto durar a móla; e, tão convicto estou de que ella tornará a arma bastante contingente para o serviço, que não me acobardei de fazer estas

mesmas reflexões ao proprio auctor, que, áliás, não me respondeu triumphantemente.

Emfim, continuando no estudo dos inconvenientes praticos da *folga*, direi mais que muitas das nossas Kropatschek fizeram, brilhantemente, as guerras d'Africa, com a porca incompletamente roscada, como o provam os disparos involuntarios, lá succedidos.

Uma outra duvida, connexa, pode impressionar os espiritos meticulosos, como, aliás, é necessario sel-o em assumptos taes, e é o grau de resistencia que poderá offerecer o *semi-annel* do fecho de segurança e a respectiva *ranhura*, praticada no *cão* e no percutor.

Para definir este ponto, bastam dois elementos: a *força* e as *secções* em que ella actua, e proceder depois por comparação, methodo, julgo, sufficientemente exacto para o caso, e cuja comparação recairá na Kropatschek, eixo principal da minha argumentação por ser minha conhecida desde a sua adopção.

Ora, essa força é normalmente, a da móla de percussão, e, accidentalmente, a proveniente de alguns gazes que porventura possam explodir para dentro do ferrolho, quando o percutor fura ou desloca a capsula.

A primeira força (mola real) é na Mannlicher de 10 k. e tanto, e perto de 14 k. na Kropatschek; a segunda (capsula furada ou deslocada) pode considerar-se, proximamente, egual nas duas armas.

Mas, se na Kropatschek a força da móla é maior ou egual no segundo caso, na Mannlicher modificada as *secções* sobre que essas forças actuam apresentam muito maior solidez do que n'aquella. Indo mais longe (pressões extraordinarias) julgo ter observado que, na Kropatschek, apenas estala o rebordo da *cavidade* da cabeça movel, e, na Mannlicher, a mola real soffre muito e o fecho de segurança e a porca podem deformar-se, mais ou menos, pelo motivo, presumo, de n'esta arma ser mais difficil a saida dos gazes; mas, se esta se facilitar, o effeito destruidor não deverá ser superior ao observado, por muitas vezes, na Kropatschek.

Devo ainda dizer que eu fiz com esta espingarda uma serie de mais de mil tiros com a carga de 3,gr.2, polvora Barreto, cuja velocidade inicial ultrapassava 750^{m}, e essa espingarda, sempre a mesma, foi julgada, não sómente boa, mas perfeita, pela inspecção de artilheria; d'onde se vê que sómente os gazes introduzidos no ferrolho podem causar a desordem, observada na Mannlicher, em virtude da forma actual da sua cabeça movel, que não se presta á facil saida d'aquelles.

Todavia, se fôra preciso, não haveria difficuldade em reforçar o *semi-annel* e o respectivo apoio bem como a noz, e dar ao percutor uma maior superficie de contacto com aquella, sem necessidade de augmentar o comprimento total da culatra.

O *semi-annel* pode ou não ser continuo, e, se o fôr, é indispensavel cortar os cantos de entrada da caixa da culatra (4^{mm}) o que não offerece difficuldade alguma; mas julgo que o não ser continuo representa uma vantagem sem inconveniente de terceiro.

Adduzindo os factos, que deixo apontados e que me parecem d'uma evidencia flagrante, não tenho em vista arremessar

a ultima palavra sobre o assumpto, conhecendo, de mais a mais, quão pouco valho; mas, tão sómente, mostrar as razões, de ordem pratica e não theorica, em que me fundei para apresentar o novo systhema.

Concordo, pois, plenamente que só as experiencias directas e bem dirigidas podem decidir a causa sobre este ponto, importantissimo, visto que ellas não seriam nem morosas nem dispendiosas, e, no caso de bom exito, haveria uma melhoria e simplificação notaveis, perdoe-se-me a immodestia, em nome dos meus desejos de acertar.

(Continúa).

Alberto José Vergueiro,
Capitão de infanteria.

A INSTRUCÇÃO DOS RECRUTAS NA COMPANHIA [1]

Uma das maiores conquistas, um dos maiores progressos militares realisados nos nossos dias—graças á iniciativa da corporação de officiaes que encontrámos no extincto regimento n.º 5 de caçadores de El-Rei ao iniciarmos a nossa carreira de official em 1890—está sem duvida na instituição, entre nós, da *instrucção dos recrutas na companhia*.

E' esta uma convicção nossa e de outros. Ou estes

(1) As considerações que constituem a materia d'este escripto foram suggeridas pela presumpção, felizmente logo desvanecida, de uma regressão á *escola de recrutas regimental*.

Como estivessemos então dispostos a atacar tão violentamente com quanto em nossas forças coubesse uma tão desastrada retrogradação em materia de preparação da infanteria para a guerra, não é de todo descabido que festejêmos como possâmos o art. 4.º do «regulamento para a instrucção dos corpos das differentes armas» recentemente publicado e que, mesmo porque reedita o disposto no art. 15.º do «regulamento para a instrucção dos corpos de infanteria» de 12 de julho de 1894, nos convence de que jamais deixará de subsistir na nossa arma o systema legal e absolutamente implantado e generalisado na nossa arma desde então.

E' para sentir, porem, pelo menos pelo que respeita á nossa arma, que ao § 3.º do art. 16.º do regulamento de 1894 se houvesse substituido no novo regulamento o § unico do art. 4.º Mas

sejam poucos ou muitos, pouco nos importa, pois não são as *massas* mas sim a logica (no caso sujeito dos factos e da experiencia) a fonte de todas as nossas convicções.

Ao entrarmos no regimento alludido o systema estava já implantado e se bem que muito familiar fosse de nós, por tradição, de vista, em theoria e na pratica, a *escola de recruta regimental*, ou como quer que lhe chamávam, abraçamos o systema novo entre nós, e ainda não regulamentar, com aquella crença, com aquelle fervor que alimentáram em nós: por um lado a convicção theorica e pratica de que da *escola de recruta regimental* se não podia tirar todo aquelle immenso e impreterivel partido de ordem technica e moral que póde proporcionar, que fatalmente proporciona o systema da instrucção dos recrutas na companhia; por outro lado a simples convicção theorica de que este systema, e só este poderia proporcionar, quando menos, o necessario e sufficiente resultado a tirar da instrucção dos recrutas, quer sob o ponto de vista technico, quer, tambem, sob o ponto de vista moral.

Bem depressa os factos se incumbiram de nos tornar palpaveis os resultados mais que surprehendentes sob os pontos de vista a que acima nos reportamos.

Com effeito, nunca vimos em parte alguma, nem presumimos que possa haver ou conseguir-se, com qualquer outro systema de instrucção dos recrutas:

---

bem póde a illustre commissão de aperfeiçoamento da arma definir de um modo absolutamente preciso, nas instrucções que tem a elaborar nos termos do art. 55.º do novo regulamento, as condições de deficiencia de quadros ou de effectivos justificativeis da preterição—que, de resto, jámais poderá deixar de ser parcial e temporaria,—do principio da *instrucção de recrutas e individual por companhia*.

Afigura-se-nos a definição precisa d'essascondições como o unico meio efficiente de garantir á arma a não preterição abusiva—aqui e ali, amanhã ou depois—do principio em questão, e que temos por tão fundamental como impreterivel condição da preparação da infanteria para a guerra.

Definindo aquellas condições, pelo modo que deixamos referido, a illustre commissão de aperfeiçoamento da arma dará justa e necessaria satisfação á aspiração que por certo animará quantos tenham o systema que festejamos no alto conceito que elle justamente merece.

1) tão completa *individualisação* do ensino em menor espaço de tempo;

2) tanta *intensidade* e *integridade* de instrucção;

3) tanta *brevidade* no conseguimento das coisas;

4) tanto *estimulo*, quer da parte dos instructores quer dos alumnos;

5) tão *intensa vida militar;*

6) soldados tão *conhecidos* e tão *queridos* dos seus chefes immediatos (os officiaes de companhia: capitão, tenente e alferes);

7) tão completa *preparação da massa* para a guerra;

8) tanta *intuição do dever e do brio profissional.*

Sobre tantas e tão sublimes como exclusivas resultantes do systema, e que assim constituem as suas mais essenciaes propriedades caracteristicas, a *unidade* (1) *de execução*—coisa a que alguns antagonistas do systema ousam ligar tanta importancia que parece até a confundem mais que grosseiramente com a «unidade de doutrina»—era completa. Resultava do prurido que a todos assistia para que essa uniformidade de execução se conseguisse, prurido a que havia a juntar e a que se substituiria por completo, a circumstancia de o official superior cumprir, como cumpria, o seu dever, facto sobre que, segundo parece, os antagonistas do systema divagão apontando-o ou acoimando-o de excepcional!!!... como se onde houvesse officiaes superiores descuidados dos seus deveres houvesse para salvar tão desgraçada situação a uniformidade na execução do «em-funeral-arma» ou quejandas coisas!!!...

Era um facto, nós e todos conhecermos os nossos soldados como se podem conhecer os membros da nossa familia vivendo comnosco dia a dia. Elles queriamnos como bem se póde querer quem bem se estime. Bem nos comprovou isso, entre outros factos, uma marcha de cêrca de 40 kilometros dentro de 14 horas justas, em que se comprehendeu uma noite inteira aggravada com prolongada e impertinente chuva.

Do terminus da marcha retirou o regimento mas não nós. Pois passados mezes sobre a data da separação, quando succedeu destacarem para o nosso grande

(1) ou *uniformidade* se quizerem.

quartel eventual soldados da *nossa companhia*, elles logo recorreram ao nosso impedido interrogando-o sobre onde poderiam ver o *seu alferes!...*

Para todos aquelles a quem a rotina, o habito da preguiça, ou outra doença não haja obsecado o espirito, que importa ter a companhia poucos ou muitos recrutas? ser ou não massador o systema? faltar a alguns officiaes uma completa aptidão para instruir recrutas? (se é que esta hypothese se póde admittir, diremos antes, continuar a acceitar como um facto).

Não póde, não deve o coronel em tal caso, começar por transferir os subalternos de companhia durante a instrucção dos recrutas, como primeiro premio e estimulo para o bom e primeiro castigo para o mau? não deve o coronel que tenha a infelicidade de contar entre os officiaes do seu regimento muitos inaptos e ineptos, montar então para uns e outros a tal *escola de recruta regimental?*

Não deve o coronel que tenha um ou outro capitão inapto (se isto é possivel de admittir, senhores!...) convidal-o a *adoecer* em casa por todo o tempo que dure a instrucção dos recrutas, com o duplo fim de lhe proporcionar tempo para se tornar apto e de deixar á testa da sua companhia o tenente ou alferes apto?

De resto, não comprehende a instrucção dos recrutas tanta materia para cujo ensino basta saber ler? Assim é a avultada nomenclatura do material. Não comprehende tambem a mesma instrucção operações de uma materialidade extrema tal como a arrumação da roupa e outros objectos nos recipientes do equipamento, tal como a limpeza e conservação do material? a justa posição dos artigos do uniforme e do equipamento, etc. etc.? Attribua-se pois a familiarisação dos recrutas com essas operações a esses que tenham por menos habeis, mas nunca por tão inuteis em materia de instrucção de soldados que seja crime de lesa-patria o continuar a admitti-los no exercito como officiaes, ou revoltante e indigna homenagem á preguiça ou á má vontade o deixa-los subsistir como inaptos para instruir recrutas.

Defendido como fica o systema a que não conhecemos defeito, resta accusar o outro a que não conhecemos vantagem de ordem alguma.

Feito e dito o que precede, conscienciosamente, e até prova em contrario, o primeiro excluirá o segundo dei-

xando que só a historia lide com este, não sem certo menoscabo para o criterio d'aquelles que o mantiveram ainda algum tempo—por minimo que houvesse sido—depois de concebido aquelle.

O nosso libello de accusação contra a *empreitada* da *escola de recruta regimental* baseie-se, entre outras considerações que porventura nos não accudam de momento, n'aquellas que passamos a expôr, sem qualquer preoccupação de preferencia na ordem da sua apresentação. Basta que sejam defeitos.

A *escola de recrutas regimental* subtrahe estes ao benefico contacto com os officiaes da *sua companhia*, esta unidade que é para o regimento o que a familia é para a sociedade. D'essa subtracção resulta necessariamente que os officiaes de companhia deixarão de ser *chefes* na mais rigorosa accepção do vocabulo para não passarem de uma especie de *perfeitos* de collegio ou coisa que o valha, tudo em beneficio dos sargentos que então terão os homens na mão como em tempo de compungente memoria.

O pessoal instructor da *escola de recrutas regimental* difficilmente deixará de poder considerar-se como viveiro de prototypos da rotina, de conspicuos fiadores d'esse mal comparavel á morte da instituição onde medre.

A *escola de recrutas regimental* traz comsigo esse estranho phenomeno dos tempos passados, de se impôr á consideração das massas um qualquer pelo simples facto de 20 annos antes ter sido instructor de recrutas, como se isto de instruir recrutas fosse o fim principal de um official e não um simples meio do qual ha, em todo o caso, um infinito partido a tirar *quando na companhia*, mas apenas minimo, imponderavel, com o outro systema.

A *escola de recrutas regimental* subtrahe os officiaes de cada companhia das tropas da arma (ellas são nada menos de 264 e os officiaes 3×264==792) ao meio mais pratico e efficiente de lhes proporcionar, robustecer e manter n'elles o impreterivel *tacto* e *contacto* das tropas.

A *escola de recrutas regimental* reduz de 264 a 0 (zero), isto é, elimina duzentos e setenta e quatro meios de estimular um numero triplo de officiaes, de um modo incessante e ultra-benefico durante cerca de 24 annos da sua carreira militar.

A *escola de recrutas regimental* consente que subsistam *apenas latentes* aptidões de primeira ordem que a breve trecho se eclipsão e annullão, estiolando-se no seio da massa abandonada (que é como quem diz convidada) á inanição e á preguiça.

A *escola de recrutas* exclue necessariamente do seu programma o desideratum aliás impreterivel hoje de educar os homens, isto é, cultivar n'elles, creando-a e robustecendo-a, a aptidão intellectual e moral. A educação dos homens apenas é realizavel na companhia, n'essa unidade que, repetimos, é no regimento o que a familia é na sociedade; ora será um contrasenso pretender fazer a aprendizagem da «escola do soldado» na «escola de recrutas regimental» e a educação dos homens na companhia; não será menor contrasenso adiar a iniciação da educação do homem para alem do primeiro dia da sua assistencia na companhia; a educação e a instrucção dos homens são ideas inseparaveis no espaço (no meio) e no tempo, e como a educação se não conceba fóra da companhia, segue-se que a instrucção tem de ser tambem e impreterivelmente, ministrada n'esta.

A *escola de recrutas regimental* não pode proporsionar, em geral, producto superior ao *automato*, ao soldado machina do tempo do grande Frederico. Os chefes da *escola de recrutas regimental* carecem absolutamente de condição para irem alem d'esse ideal dos tempos passados hoje mais que inadmissivel.

A *escola de recrutas regimental* é absolutamente incompativel com a multiplicidade de materias de instrucção que ha para ministrar ao homem e cuja condição irreductivel de aproveitamento ou assimilação se traduz pela *individualisação* do ensino, tal é, por exemplo, a instrucção de tiro, a pratica da esgrima de baioneta, a instrucção preparatoria do combate, a instrucção elementar do serviço de campanha, etc. Em resumo, e seja como fôr, a escola de recrutas exclue de direito e de facto a ideia de tornar o ensino dos homens *real* e *intensivo* e est'outra de fazer assentar o methodo fundamentalmente n'uma *esmerada instrucção individual*.

A *escola de recrutas regimental* é no tempo presente, e quaesquer que sejam as condições do meio, uma instituição do simples dominio da historia, sem condições de assistir á memoria de ninguem, a não ser como constatação humilhante de quanto em nós poude a rotina, e

tanto que ainda não ha sequer uma dezena de annos que conseguimos levar de vencida essa rotina, sob o ponto de vista em questão.

Por quanto precedentemente fica exposto, ao nosso espirito repugna acceitar como possivel de alcancar *para os quadros e para os homens*—sem a instrucção dos recrutas na companhia—uma necessaria e sufficiente preparação para a guerra.

Setembro de 1899.

A. J. Santa Clara Junior,

Tenente de infanteria.

INSTRUCÇÃO DE QUADROS

Todas as grandes e pequenas machinas depois de produzirem algum trabalho e mesmo sem executarem movimentos, estando em completo repouso, passado algum tempo, precisam ser reparadas. E' evidente que se essa machina fôr construida com melhor ou peior materia prima, assim tambem a reparação será mais ou menos difficil e a resistencia util vencerá mais facilmente o seu fim. Se a machina fôr destinada a produzir um certo trabalho e a empregarmos n'um outro differente d'aquelle para que a machina foi criada, esta se inutilisa mais depressa, sendo este trabalho prejudicial aos differentes e complicados mechanismos.

Com os progressos da sciencia, com o desenvolvimento gigantesco da mechanica applicada a todos os ramos da industria, a statica, a cynesmatica e a dynamica, dão-nos cada uma de per si muitos annos d'estudo e de rigorosa applicação.

Consideremos agora uma das mais complicadas de todas as machinas, este agrupamento de homens que constituem o que chamamos—exercito—movido pela acção d'uma manivela unica, o amor da nossa patria, e tendo como travão, a disciplina.

Para que as differentes engrenagens funccionem com regularidade, de fórma a não impedirem o maximo effeito util quando surgirem desaccordos entre as nações, que não se possam conciliar senão pela força das armas,

contra o interesse da humanidade, por serem as guerras cada vez mais terriveis nos seus effeitos, é que se apresenta com um caracter de urgencia cada vez mais accentuada a instrucção profissional nos exercitos.

Todo o instrumento é destinado a produzir uma certa força sem perdas mais ou menos consideraveis de energia, conforme as condicções do seu funccionamento. O exercito é o instrumento da força em tempo de guerra, portanto deve ser durante a paz a escola de guerra da nação, escola onde todos os cidadãos aprendam a defender o seu paiz contribuindo para a edificação da sua grandeza ou para a conservação da sua independencia.

Diz Moltke «que nas guerras actuaes deviam pegar em armas as nações inteiras, por não haver familia que não tenha que soffrer as consequencias da guerra»!

Poderão os methodos d'instrucção e d'educação adoptados nos exercitos permanentes, transformarem o mais completo e rapidamente possivel os cidadãos em soldados; mas não menos importancia merecem os que teem por fim formar e aperfeiçoar a instrucção dos quadros, o esqueleto permanente do organismo militar, eixos sobre que giram as rodas da machina militar.

Se compararmos o papel que desempenhava o official n'um passado não muito longe de nós, a não ser nos altos commandos, ou mesmo em alguns commandos especiaes, vemos que a uma intelligencia passiva succedeu-se uma obediencia intelligentemente activa.

O official não era senão uma engrenagem destinada a transmittir a vontade motora superior, até aos ultimos graos da hierarchia militar.

O que se exigia d'elle, como do soldado, era a obediencia passiva e não havia a necessidade d'uma grande serie de conhecimentos para preparar um bom official.

Desde o Marquez de Pombal, que foi o que tratou primeiro com algum cuidado da nossa instrucção militar mandando vir a Portugal o Conde de Lipe, procurando egualal-o na organisação e na disciplina aos melhores exercitos contemporaneos, teem caminhado a passos gigantescos as alterações a introduzir na arte da guerra, em face do aperfeiçoamento introduzido no armamento.

Todos sabem mais ou menos as successivas evoluções porque tem passado o nosso exercito na sua organisação e instrucção; agora um ponto para que não se

olha com uma rigorosa attenção, é a instrucção dos quadros.

Esta instrucção é tão importante, que se impõe pela propria evidencia dos factos.

Um exercito sem instrucção por mais aperfeiçoado e poderoso que seja o seu material é como um corpo de gigante em que não se dê com regularidade a juncção da circulação!

Podemos dispôr da melhor materia prima para a confecção e resistencia da machina militar; mas se lhe augmentarmos as resistencias passivas, difficulta-se o funccionamento e ella deixará de produzir algum trabalho.

Vejamos o que se deu ultimamente com a nossa visinha Hespanha, na guerra com os Estados-Unidos.

A Hespanha acceitou uma guerra, suppondo que o seu adversario não estaria munido com o melhor material e com tropas numerosas, embora de voluntarios mas com quadros de commando com uma instrucção a par das nações que possuem exercitos modelos, luctando ainda contra o emprego de explosivos que imprimiam acções tão decisivas vendo todos nós qual foi o resultado d'esta imprevidencia e falta de estudo.

Viu-se a consequencia desgraçada, filha da leviandade, com que os francezes andaram em 1870; declarando a guerra á Allemanha, sem terem os seus serviços bem organisados, indo lançar-se na lucta contra um exercito que tinha por epilogo, havia pouco tempo, a batalha de Sadowa, que tanta força moral deu ao exercito allemão, cavando o tumulo da supremacia secular da Austria na Allemanha.

O velho Thiers, que conhecia o estado em que se encontrava o exercito francez, afastou-se das ondas patrioticas, protestando contra a politica do governo com um violento discurso escutado com estupefacção pelos amigos do historiador da revolução, do consulado e do imperio.

Apesar dos grandes desastres soffridos pelos francezes, os proprios allemães confessam todavia a grande superioridade da Chassepot e o effeito mortifero das metralhadoras que os francezes experimentavam pela primeira vez.

Comparando a instrucção dos quadros dos dois exercitos, encontramos logo a causa da grande superioridade das operações militares allemãs.

F' simplesmente assombroso o serviço dos reconhecimentos effectuados pelo exercito allemão e todos os outros serviços da mais alta transcendencia, em que se requer uma grande instrucção e comprehensão nitida dos differentes deveres.

Desde que tenha de dar-se de dia para dia maior iniciativa aos differentes individuos de que se compõe o exercito, a instrucção terá tambem que augmentar proporcionalmente.

Cada um na sua esphera d'acção tem serviços a cumprir de grande responsabilidade.

Se compararmos o serviço do soldado em campanha, n'uma guerra moderna e medirmos até que ponto póde chegar a sua iniciativa, ainda que muito restricta, veremos como se ha de olhar com alguma attenção para a instrucção militar.

Moltke, com a sua grande experiencia dizia: «que era um grande erro suppor-se que se póde traçar um plano de campanha para longo tempo e realisal-o com todos os seus detalhes. Muitas causas das que estavam previstas se tornam impraticaveis e no decorrer das operações realisam-se coisas ás vezes julgadas anteriormente impossiveis.»

Tudo poderá ser realisavel com o concurso de quadros bem constituidos por ser d'elles que depende a instrucção e a disciplina durante a paz e altas responsabilidades de commando durante a guerra.

Aos quadros cumpre mais: formar o soldado, instruindo-o, disciplinando-o, comprehendendo da melhor maneira e da forma mais rapida e lucida as differentes situações.

Moltke, depois da guerra de 1870-71, accusou Mac-Mahon, apesar da brilhante carreira militar d'este marechal em Africa, na Criméa, na tomada de Malakoff e na campanha d'Italia, na batalha de Magenta, onde ganhou o titulo de duque e o bastão de marechal.

Accusa-o Moltke da seguinte forma; a proposito da sua indecisão na marcha para Sédan.

«Este general deixou Chalons para se dirigir para Reimes e d'ahi para Rethel tendo a ala direita do seu exercito em Aisne e tencionava (por fracas informações recebidas ácerca da situação de Bazaine) reunir-se a este em Sédan, avançando por isso imprudentemente para o

Norte, apesar de não serem bem claras as noticias ácerca da situação do exercito de Metz».

«A sua pratica da guerra devia ter-lhe annunciado que é mais funesto renunciar sem uma necessidade imperiosa a um plano bem ideado do que ir adoptar um outro sem ter já preparação alguma, alterando completamente uma linha de marcha, unicamente devido a uns rumores que depois se tornaram falsos».

«Não é facto para que um grande general encontre depois uma justificação».

De semelhante proceder hão de resultar serias difficuldades, não só por causa das ordens para alterar o dispositivo das reservas e bagagens, senão tambem porque a *confiança das tropas nos seus chefes pode enfraquecer se as obrigarem a marchas e contra-marchas inuteis*».

Na guerra ha a contar ameudadas vezes com a *theoria das probabilidades*, para o que será preciso estarmos sempre precavidos para encontrarmos o inimigo adoptando as melhores disposições.

Não tencionavamos avançar tanto, mas foi a proposito da confiança maior ou menor que as tropas depositam nos seus chefes, o que é uma funcção da instrucção a par da valentia que prepara o bom exemplo.

Em todas as nações, que dispõem de dinheiro para criarem o serviço pessoal obrigatorio, se trata com o maior cuidado da instrucção de quadros a par da instrução do soldado.

Na Suissa, os quadros teem a sua instrucção na epocha propria para que quando cheguem os recrutas a receber a instrucção annual, estarem os quadros bem aptos para os complicados serviços de instrucção.

Em Portugal toda a gente grita que não ha dinheiro para termos soldados nas fileiras, mas não se lembram de gritar que não faz falta o dinheiro para se poder continuar com os exercicios de quadros tão utilmente criados no nosso exercito; e no proprio relatorio que precede a portaria que os mandou adoptar se encontram os mais poderosos argumentos, apresentados por todas as nações a favor da utilidade d'estes exercicios.

A sua vantagem para a instrucção dos quadros é tão grande, a sua execução tão facil de adaptar ás nossas condições financeiras, tão evidentemente necessaria quanto é incomprehensivel a causa de terem sido interrompidos durante um periodo tão longo.

O proveito tirado d'estes exercicios quando sejam desempenhados debaixo d'uma boa direcção e capacidade militar, é o que se segue:

a) Utilidade d'uma licção proveitosa, porque as tropas estão verdadeiramente figuradas e podem ser seguidas nos seus movimentos hypotheticos, attendendo ás differentes posições dos quadros.

b) Constituir um exercicio importantissimo na concepção e redacção das ordens ensinando a transmittil-as e a recebel-as rigorosamente.

c) Utilisar os conhecimentos tacticos.

d) Permittir a discussão das diversas phases hypotheticas e a troca de opiniões e ideias.

e) A pratica dos *croquis* do terreno.

f) Reconhecimentos militares e avaliação de distancias.

Quem analysar cada uma d'estas vantagens, tendo a verdadeira noção da importancia de cada uma d'estas questões que constituem a composição e mechanismo mais desenvolvido da referida machina militar, não poderá decerto comprehender a causa porque cessaram os exercicios de quadros no nosso exercito.

(Continúa).

João A. Corrêa dos Santos,

Alferes de caçadores 2.

OS MESTRES DE MUSICA

A ultima modificação por que passou o nosso exercito concedeu aos mestres das bandas regimentaes a graduação de alferes.

Em nosso juizo tal innovação traduziu um acto de justiça, porque, na verdade, o estudo, o trabalho e os conhecimentos technicos que são exigidos a um mestre de musica collocam-no, sem favor, em egualdade senão em superioridade de circunstancias em que nós encontramos outras classes no exercito cujos membros teem graduação de official.

E tanto isto assim é considerado que não nos cabe a nós, exercito portuguez, a prioridade do invento. Ha exercitos onde os mestres de musica são officiaes ha muitos annos.

Agora o que tem causado justificada extranheza, o que realmente não tem nem pode ter explicação é o estado incompleto em que ficou a questão.

Os mestres de musica são officiaes ***in partibus***.

Isto é que não era uso no exercito.

Ou são ou não são.

Se são officiaes, como parece não pode haver duvida alguma, por isso que pertencem ao estado maior do regimento, teem a sua matricula aberta no livro dos officiaes, frequentam a sala dos officiaes, convivem comnosco, teem gratificação de marcha e transporte nos caminhos de ferro como officiaes, se são officiaes, repetimos, nada ha que possa justificar o não gosarem todas as prerogativas congeneres.

E' mesmo deprimente para os officiaes que convivam com um membro do exercito que não tem direito a um simples signal de respeito e cortezia dos individuos que lhe são inferiores em graduação.

Os padres capellães usam um uniforme completamente differente do uniforme dos officiaes mas gosam, justificadamente, todas as prerogativas de official.

Os picadores, os officiaes do secretariado, os veterinarios, em summa, tantos individuos não combatentes, todos são respeitados como officiaes.

Por que esta excepção para os mestres de musica?

Naturalmente esta situação de official *in partibus* passou despercebida ao legislador e em diploma subsequente será remediado isto que se nos afigura não só um erro, mas até um mau precedente.

E já que fallamos nos mestres de musica devemos tambem chamar a attenção do snr. ministro da guerra para a grande anomalia que se dá com a reforma d'esses servidores do paiz.

Se o mestre de musica não tiver 50 annos de idade quando a fatalidade o impossibilite de poder continuar a servir no exercito activo é reformado como se fosse um musico de 2.ª classe!

Isto é justo? Isto é equitativo?

Parece nos que não.

Determine-se a maxima reforma, e seja por exemplo aos 50 annos de idade, e d'ahi para baixo haja uma proporção entre o vencimento da reforma e os annos de idade e de serviço.

E porque são de toda a justiça estes reparos esperamos que serão attendidos.

O terreno e as armas modernas

(Continuação)

Terreno parallelo á linha de mira

Os terrenos d'esta natureza offerecem em campanha as mesmas vantagens aos dois partidos; apresentando para as mesmas distancias, quer sejam horisontaes ou inclinados nos limites da rigidez da trajectoria, as mesmas profundidades batidas quando em eguaes

circumstancias d'armamento, instrucção e natureza de fogo empregado.

Tem sido grande a divergencia dos resultados colhidos nas diversas experiencias até hoje executadas para a determinação dos desvios provaveis dos grupamentos obtidos. No emtanto pretende-se com certa insistencia que sejam cinco vezes maiores que os do tiro individual.

Acceitando esta relação e recorrendo aos dados determinados na nossa Escola Pratica para a polvora Barreto (carga $2^{gr},2$) e aos simples processos indicados por Borrel no seu Curso Pratico de Tiro; achamos para desvios provaveis em alcançe, direcção e correspondentes profundidades batidas o seguinte: (1)

Distancias	Desvios provaveis em alcance	Desvios provaveis em direcção	Profundidades batidas
		m	
500m	66m	0,65	528m
600	60	0,825	480
700	57	1,025	456
800	54	1,25	432
900	52	1,5	416
1000	51	1,8	408

Admitte-se que a distribuição dos pontos de chegada nas zonas assim calculadas obedece á conhecida theoria de dispersão, constante do nosso regulamento, considerando-se obter um maximo effeito quando o centro d'uma formação coincida com o ponto medio do grupamento.

Apesar de n'estes principios se basearem varios estudos, dos quaes entre os mais recentes nos occorre as vulnerabilidades calculadas por Borrel, ousamos considerar essas condições como vedadas á pratica da guerra e julgamos que alguns factos correm em nosso auxilio.

No exercicio com fogos reaes executado em 1896 nas proximidades d'Auxerre sob o commando do general Langlois notou-se que os desvios provaveis eram superiores a 100m, apesar da cuidada instrucção das tropas escolhidas para essa manobra.

---

(1) Considera-se que os desvios provaveis em alcance para distancias superiores a 1000m sejam constantes.

Experiencias feitas com a Mauser mostraram que esses desvios nos fogos collectivos eram, segundo a distancia, 7 a 15 vezes maiores que os calculados no tiro individual em apoio e as experiencias de Beverloo, dão-nos uma zona *efficaz* de 200m para a distancia de 1200m e 320 para a de 600m.

E como estas divergencias não podem ser atribuidas ao armamento, porque dependendo a dispersão horizontal da tensão das trajectorias, são consideradas de tensão sensivelmente egual as espingardas de pequeno calibre usadas nos exercitos europeus, manifestam-se certamente as condições d'execução.

Os desvios provaveis no tiro individual são fornecidos pelos regulamentos e dão-nos idêa da justeza d'uma arma; julgamos que desvios 5 vezes maiores apenas nos indicam a justeza d'um grupo d'armas.

O graphico d'um grupamento horizontal obtido com a alça de 1000m nos fogos collectivos da Chassepot, apresenta-nos uma dispersão total em alcance de 500m. Tendo as armas actuaes uma tensão extraordinariamente maior, que nos fornece zonas perigosas aproximadamente duplas das obtidas para aquella espingarda, não devem representar nenhum exagero as experiencias a que nos referimos.

Firmados n'ellas, á falta de melhor base, tentamos admittir para resultados de polygno mais proximos dos da guerra que os desvios provaveis nos fogos collectivos sejam até 800m, 11 vezes maiores que os obtidos no tiro individual em apoio e 10 vezes para as distancias superiores, visto serem consideradas relativamente mais fracos para estas do que para aquellas.

Admittindo estas relações, com os dados e processos já apontados obtemos as seguintes dispersões totaes em alcance e largura:

Distancias	Dispersões totaes em alcance	Dispersões totaes em largura
		m
500m	1184m	11,44
600	1160	14,52
700	1112	18,04
800	1056	22
900	880	24
1000	848	28,8

A distribuição dos pontos d'impacte em zonas d'estas dimensões deverá ser muito variavel com a instrucção dos atiradores e natureza de fogo empregado, podendo afastar-se consideravelmente do que se acceita para fogos de precisão.

São factos conhecidos que no fogo executado com grande velocidade e especialmente no fogo por descargas, a maioria dos homens disparam sem chegarem a tomar a linha de mira. De 100 atiradores fazendo fogo n'estas condições, se considerarmos 40 fazendo tiros altos, egual numero executando tiros baixos e os 20 restantes em rasoaveis condições de justeza, o grupamento assim obtido deverá apresentar uma densidade crescente de ab para cd e ef, o que representa uma distribuição opposta á que geralmente se admitte.

Conhecemos a tendencia do soldado para atirar alto, especialmente ás pequenas distancias, o que dá origem a que os regulamentos mandem visar o pé do alvo, julgamos porem essa tendencia attenuada quando o terreno seja ascendente com relação á origem do tiro.

Se dos 100 atiradores considerados admittirmos atirando baixo um numero inferior a 40, a parte central do grupamente obtido que considerarmos relativamente de fraca densidade será reforçada e obtemos assim uma zona sufficientemente profunda de densidade aproximadamente constante.

As dispersões totaes em largura poderão variar em campanha com as necessidades de abrangermos certos alvos. Assim, sendo a da 1000^{m}-$28^{m},8$, se pretendermos bater uma columna de pelotões de costado com 25 passos d'intervallo teremos que distribuir os nossos fogos pelos tres pelotões, pois que se nos limitassemos a convergil-os sobre o pelotão do centro sujeitariamos os flancos á impunidade.

Com semelhantes considerações pretendemos, sobre tudo, evidenciar que nos fogos collectivos não só as profundidades batidas, mas ainda a distribuição dos pontos de chegada serão variaveis com a instrucção das tropas, natureza de fogo empregado e distancia como factor importante no grau d'excitação dos homens em combate.

Considerando-se indispensavel ao official de infanteria o conhecimento da profundidade do terreno que consegue tornar perigosa pelo fogo do armamento das suas tropas, occupa certamente um bom logar entre experiencias de polygno as que nos possam dar idéa dos grupamentos horizontaes dos fogos collectivos e, como ellas estejam ao nosso alcance, esperaremos que a sua execução confirme o que ideamos ou nos traga melhor orientação.

Mafra, 5-4-900. (Continúa).

A. Gomes de Souza,

Tenente de caçadores 4.

A CAMPANHA CONTRA O MATACA

A «Revista de Infanteria» felicita todos os distinctos officiaes que compozeram a columna de operações ás terras do Mataca, sob o valente e audacioso commando do heroico major Souza Machado, pelas recompensas que acabam de ser propostas pelo governo de S. Magestade, que traduzem e implicam o reconhecimento official de tão valiosos serviços e de nunca esquecidos sacrificios, como esses que todos passaram nos longos mezes de uma violentissima marcha de guerra pelo sertão.

Nós bem sabemos que para a consciencia de cada um de nada serve este reconhecimento publico. O seu valor intrinseco fica sendo o mesmo. Mas é certo que o esquecimento de algum ou a maior ou menor injustiça com que fosse premeado o serviço e o merito e o valor de qualquer official, acarretar-lhe-ia o grave desgosto de um roubo moral, que muito intimamente ia ferir a sua honra como cidadão, e talvez até manchar a sua farda de soldado. E' que ninguem pode subtrahir-se á influencia do meio.

Ora, como tal facto se não deu, como nenhum d'aquelles nossos camaradas tem direito a queixar-se, porque embora possa ter havido qualquer pequena injustiça relativa, isso é tão insignificante, tão subtil que a generosidade de cada um deve fazer esquecer por completo, tem por isso logar o nosso jubilo, o nosso pleno contentamento, porque o supremo ideal da «Revista de Infanteria» assenta na confraternidade do Exercito illuminado pelos lampejos fulgentissimos da Justiça e da Verdade.

Honra a todos quantos sinceramente cooperaram n'este acto de moralidade e de justiça.

O snr. ministro da marinha, o snr. conselheiro director geral do ministerio da marinha, o snr. conselheiro Alvaro Ferreira, ex-governador geral de Moçambique, e o snr. tenente-coronel Manoel de Souza Machado, commandante da columna de operações ás terras do Mataca, merecem o louvor de todos quantos honesta e honradamente propugnam pelo brilho do exercito, cujas glorias e virtudes são farol que illumina a estrada do futuro e estimulo que accende em nossas almas ardentes desejos de bem servir a patria.

Campanha Sul Africana

Combate de Elandslaagt

A «Revista de Infanteria» esforçando-se sempre, não só por defender os interesses da arma, mas tambem por difundir o maior numero de conhecimentos da complexa sciencia da guerra, vae hoje encetar uma serie d'artigos que descrevam technicamente os combates que se teem ferido no Sul da Africa.

E' uma campanha em que teem entrado em acção todos os aperfeiçoamentos modernos, quasi conhecidos até hoje sómente pelas noções da theoria. Tem sido fertil em acontecimentos diversos e grandes ensinamentos e lições proveitosas se devem tirar d'elles.

Debaixo do ponto de vista tactico é que mais ha a apprender, porque a tactica, subordinada ao tiro e aos armamentos, mais tem a soffrer.

No decurso das narrações dos differentes combates iremos salientando e pondo bem em evidencia as questões de maior interesse e as lições mais proveitosas que se devem tirar.

Plano estrategico e considerações geraes

O general White encontrava-se em Ladysmith e o general Yule em Glencoe, mas a guarda avançada do general boer Joubert, commandada por Kock, tomou a posição de Elandslaagt, que dista 24 kilometros de Ladysmith, ameaçando, assim, separar os dois generaes e cortar a retirada a Yule.

White conhecendo e vendo a situação critica de Yule, ordena ao general Frenche de effectuar um reconhecimento sobre Elandslaagt.

French, effectuando o reconhecimento, verificou a existencia dos boers, a sua posição e o numero provavel.

Pediu reforços a White e com elles levou a cabo o combate que vamos descrever.

Descripção topographica do terreno e posição dos boers

A 2:500 metros a sudeste de Elandslaagt tomaram os boers posição n'uma altura de 264 metros acima da via ferrea.

O terreno na sua frente é formado por pequenas planices que se dominam umas ás outras e que vistas de perfil apresentam a forma de dentes d'uma extensa serra, isto é, formam socalcos apresentando alguns pontos desenfiados do tiro dos boers.

O accesso por esta serie de pequenas e sobrepostas colinas estava completamente desempedido, tanto pela frente como pelos flancos, salvo pequenos obstaculos.

A posição dos boers era definida por duas alturas em forma de cone, ficando a maior ao norte e a menor ao sul.

Na menor d'estas alturas tinham os boers collocado a sua artilheria protegida por entrincheiramentos.

A frente da posição estava voltada a Este e a estação de Elandslaagt ficava á esquerda.

Effectivos

O effectivo dos boers é calculado pelos inglezes em 2:000 homens com 4 peças d'artilheria, duas Maxim e duas Nardenfelt.

O effectivo dos inglezes era de 11 esquadrões, 4 baterias (24 peças) e dois batalhões; formado pelo 5.º de *lancers*, 1 esquadrão de 5.º de *Dragoons Guards*, o imperial *Light Horse*, 2 esquadrões de carabineiros do Natal, 3 baterias de campanha e 1 de voluntarios, o 1.º batalhão da *Devonshire Regiment* e dois meios batalhões do 1.º de *Manchester* e do 2.º de *Gordons Hightlanders*, prefazendo o total de 3:500 homens.

Commandos

O commandante foi o general French, assistindo o general White, que tinha vindo de Ladysmith acompanhando os reforços.

A infanteria era commandada pelo general Hamilton.

Plano

O plano do general French era simples; executar um ataque de frente combinado com um movimento envolvente executado sobre a esquerda da posição boer.

Disposições tacticas e preparação do combate pela artilheria

A infanteria marchava na testa da columna; *Manchesters*, *Devons* e a seguir os *Hightlanders*.

A marcha foi lenta e só ás 4 horas e meia da tarde é que poderam tomar posições na base das sobrepostas alturas, ficando os *Manchesters* á direita, os *Devons* á esquerda e os *Hightlanders* como reserva. A ala direita era protegida pelo 5.º de *Lancers* e *Imperial Light Horse* e o resto do 5.º de *Lancers* protegia a ala esquerda.

A 3:800 metros a artilheria ingleza rompeu o seu fogo sobre a posição boer, a que esta respondeu vigorosamente com excellente direcção de tiro, mas com pontarias muito altas.

Logo que a infanteria ingleza trepou ao vertice da primeira das alturas sobrepostas foi recebida pelo fogo d'artilheria boer.

Nos primeiros momentos da lucta boers montados tentaram um ataque de flanco sobre a ala direita dos inglezes, mas foram repellidos pelo fogo de artilheria.

A preparação do combate pelo fogo de artilheria durou apenas meia hora, simplesmente o tempo necessario para a infanteria e cavalleria apeada tomarem as suas disposições tacticas.

Devido ao pouco tempo de preparação ou á pouca efficacia do tiro da artilheria ingleza, a artilheria boer não foi reduzida ao silencio.

Realisação do ataque e execução do plano

Apezar da pequena e inneficaz preparação, a infanteria ingleza iniciou o ataque, porque não havia tempo a perder. Eram 4 horas e meia e os raios do sol que tinham sido encobertos por densas e carregadas nuvens que se desfizeram n'uma chuva torrencial durante um quarto d'hora, faziam com que as trevas da noute se

aproximassem rapidamente a ponto de prejudicar a acção do combate.

Por isso o general French ordenou que os *Devons* rompessem o fogo, atacando de frente, emquanto que a ala direita trataria de envolver o flanco esquerdo dos boers.

Logo que a infanteria ingleza deu principio ao ataque, a artilheria boer concentrou o seu fogo sobre os *Devons*, que temerariamente marchavam a descoberto, tendo desenvolvido em 1.ª linha tres companhias, que occupavam uma frente de 350 a 400 metros, ficando as outras de reserva, que marchavam por secções de costado com grandes intervallos.

As tropas que marchavam em ordem extensa tinham que avançar tambem com grandes intervallos, porque, diz o correspondente do «Times» «era o unico meio que permittia aos soldados affrontar o fogo das *mausers* e das peças Maxim.»

A reserva, formada pelos Hightlanders, avançou por columnas de companhias até á distancia de 1:200 metros das peças boers.

A ala direita foi recebida pelo fogo da infanteria boer e com tal intensidade que, diz o correspondente já citado, «os *Manchesters* tratavam de avançar com supremo empenho debaixo d'uma tal chuva de chumbo e o pelotão do *Imperial Light Horse* esforçava-se claramente por marchar á direita dos *Manchesters*.»

Este pelotão soffreu um fogo de tal maneira intenso que varias vezes se deteve, se desordenou, mas devido á maneira temeraria como os offciaes se portaram, expondo-se plenamente ao fogo adverso, reorganisou-se de novo e conseguiu marchar á direita dos *Manchesters*.

Tanto a ala direita como a esquerda dentro em breve começaram a sentir os effeitos do fogo boer, os erros da sua tactica e as consequencias da precipitação e da pequena preparação de artilheria.

As baixas foram logo enormes; os muitos feridos misturavam os seus gritos de extertor com o crepitar incessante das detonações e com o zumbido estridulo das balas, formando um quadro horrivel em que só a *disciplina de ferro*, o exemplo dos chefes, o aturdimento da lucta, que faz perder a noção da existencia, e o conhecimento da magnitude do perigo e da deshonra, é que podiam permittir que se sustentassem taes posições.

Não é possivel marcar phases que definam a marcha do combate, porque o fim dos inglezes era avançar até morrer ou até vencer.

A noute approximava-se e o parar seria o perder.

A confusão notou-se por vezes, mas o exemplo dos officiaes excitava os soldados. A fidalguia ingleza deu uma prova da sua valentia e da sua ignorancia.

O fogo boer augmentava incessantemente e d'uma maneira devéras mortifera á medida que as tropas assaltantes se approximavam.

A artilheria ingleza, que desde o principio tinha sido pouco efficaz, foi reduzida ao silencio e á inação para não bater as tropas assaltantes.

Ao mesmo tempo que os boers defendiam com a maxima tenacidade as suas posições, os inglezes continuavam avançando sempre.

As posições occupadas não foram indicadas pelos generaes, mas sim limitadas pelos pontos em que a energia humana se quebra d'encontro á torrente de balas, incessante e esmagadora; nos pontos em que as balas e as granadas faziam abater o tradicional orgulho inglez, é que estes se lançavam por terra e se serviam da sua arma.

Diz-se que o soldado inglez é indolente, indisciplinado, sem sentimentos, sem uma educação moral que o compenetre da nobre missão que desempenha, mas nos momentos de perigo, nas occasiões supremas, n'estes momentos sublimes que fazem vibrar o coração como um diapasão que dá a nota do caracter individual, deixa de ser um mau soldado para ser um bom inglez de vontade firme e inabalavel, d'uma firmeza de caracter inquebrantavel e d'uma pertinacia e constancia tal que antes prefere morrer do que dar-se por vencido. Alem d'isso, estas tropas que tão galhardamente marcharam debaixo d'um fogo tão incessante, constituiam a *élite* do exercito inglez. Comtudo, a energia humana, como todas as cousas humanas, tem limites. A uma distancia já pequena em que só faltava atravessar um pequeno e estreito planalto, em seguida uma ligeira depressão, subindo depois uma encosta bastante inclinada para alcançar a posição defensiva, notou-se em toda a linha ingleza um desfallecimento completo. A posição era favoravel e quasi desenfiada, pois occuparam uma posição um pouca á retaguarda da crista formada pelo planalto,

acima indicado, e pela vertente opposta á posição defensiva; o deixal-a seria lançarem-se outra vez debaixo da acção anniquiladora do fogo adverso. As baixas eram enormes, sobre tudo nos officiaes, o cansaço era grande e a fadiga quasi invencivel, mas a noute approximava-se e não havia tempo a perder.

Alem d'isso uma demora mais prolongada faria arrefecer o ardor da lucta e o espirito de conservação occuparia o seu logar. French, conhecendo o perigo, faz vibrar a alma dos seus soldados com o rufar dos tambores e aos gritos de «*Reemember Majuba* (1)» lançam-se ao assalto como leões indomitos e, com as bayonetas nas pontas das suas Lee, atravessam o pequeno planalto e desesperadamente e com uma valentia excitada pelo orgulho inglez, especie de selvageria, trepam a pequena encosta e desalojam os boers das suas posições. N'este momento as baixas foram enormes, porque os boers redobraram a intensidade do seu fogo.

Os *Devons* foram os primeiros, atacando a bateria. Os *Manchesters* e os Hightlanders, com o seu ataque de flanco, desalojaram por completo os boers da sua posição, coroando com exito a victoria que tão cara lhe custou.

A's 6 e meia horas fazem-se algumas descargas e o 5.º de *Lancers* executa a perseguição a pequena distancia.

O anjo da morte, envolvendo-se com as trevas da noute, lançou sobre aquelle campo juncado de mortos as bençãos dignas de valentes, porque todos indistinctamente, inglezes e boers, uns atacando, outros defendendo, foram valentes.

Baixas

O total das baixas inglezas alcançou a 274 homens, divididos assim; 6 officiaes mortos e 30 feridos, 50 praças de pret mortas e 181 feridos, o que equivale a dizer que para os officiaes dá uma percentagem de 3,5 % mortos e 19,5 % feridos ou seja o total de 23 %, e para as praças de pret foi de 2 % mortos e 5,5 % feridos, ou seja o total 7,5 %.

---

(1) Lembrai-vos de Majuba.

O corpo que mais soffreu foi o dos Hyghtlanders. As baixas dos boers são calculadas em 100 homens.

Consequencias e erros commettidos

Os inglezes vencendo este combate salvaram Yule d'um desastre certo, ou pelo menos evitaram uma situação critica; comtudo praticaram o erro de não effectuar a juncção com Yule.

Alem de não effectuarem a juncção com Yule não alcançaram os louros completos da sua victoria, porque não podendo realisar a perseguição, ficaram limitados ao terreno que tanto sangue lhe custou.

White não devia deixar Yule tão affastado e devia prever uma interrupção de communicações.

Os boers cometteram um grave erro em anteciparem os seus movimentos. Assim denunciaram-se com um pequeno effectivo, não tiveram tempo para organisar a sua posição e perderam uma posição devéras importante.

Os inglezes não fazendo uma boa preparação pela artilheria, não preparando tambem o assalto pelo fogo da infanteria e finalmente precipitando os seus movimentos, soffreram baixas que certamente se podiam ter evitado.

Conclusões

Debaixo do ponto de vista estrategico vê-se que tanto os inglezes como os boers não tinham um plano definido; andavam ás apalpadellas.

Debaixo do ponto de vista tactico vê-se que os inglezes, levados pelo seu orgulho, pela sua temeridade ou pela sua ignorancia em questões de tactica, ou talvez pela necessidade, visto não terem tempo a perder, executaram um ataque a peito descoberto e soffreram-lhe as consequencias.

Se tivessem executado o ataque debaixo d'outros preceitos não teriam a registar, certamente, um tão grande numero de baixas.

Este combate, se não mostra claramente a impossibilidade de effectuar, hoje, os combates de frente a peito descoberto, mostra, comtudo, bem claramente a vantagem em não os repetir muitas vezes.

Finalmente a artilheria desempenhou um papel muito secundario; mostra muito pouco o importante papel que se lhe quer attribuir, pois que 24 peças não conseguiram sequer callar as 4 peças boers! (1)

Da redacção.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuado do n.º 5 do 3.º vol.)

—1899—

Praças na Escola pratica de infanteria. — Circular n.º 33 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 1 de dezembro de 1899.

Determina que os corpos d'infanteria não mandem substituir praça alguma quer do quadro permanente quer do eventual na escola pratica d'infanteria sem requisição do commandante da mesma escola, e bem assim que satisfaçam immediatamente, sem dependencia de qualquer auctorisação superior, as requisições do mesmo commandante para substituir praças do mesmo corpo que se achem em serviço na referida escola e que tenham de deixar por qualquer motivo.

Inspecção ao material de guerra. — Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 2 de dezembro de 1899.

Diz que os inspectores do serviço de artilheria junto das divisões militares territoriaes, são os encarregados de inspeccionarem todo o material de guerra distribuidos aos corpos e mais estabelecimentos, embora pertençam a outras. A inspecção do material distribuido a fracções dos diversos corpos que estiverem permanentemente aquartellados nas areas de devisão differente d'aquella a que pertencem será feita pelos inspectores das divisões em cuja area estejam as sedes dos regimentos de que façam parte.

Fundos a que se refere o artigo 8.º do regulamento de remonta. — Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra de 6 de dezembro de 1899.

Determinando que nos cofres dos conselhos administrativos dos corpos, se conservem até ao fim de cada trimestre os fundos a que se refere o artigo 8.º do regulamento de remonta de 25 d'abril de 1895, depositando-os seguidamente na agencia militar á ordem deste ministerio, para opportunamente serem levantados a fim de terem conviniente applicação.

---

(1) A redacção promette para breve um artigo que estabeleça o parallelo entre o tiro da artilheria e da infanteria.

General Luiz Augusto Pimentel Pinto

O NOVO MINISTRO DA GUERRA

3.º Anno Julho—1900 N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

O NOVO MINISTRO

Já no prelo a nossa «Revista», não hesitámos em defrontar com todos os sacrificios para estampar n'esta pagina as nossas sinceras felicitações ao exercito por vêrmos de novo nas mãos do snr. general Pimentel Pinto a direcção suprema dos negocios da guerra.

Do talento, da dedicação, da iniciativa rasgada, franca, generosa, praticamente util, e sobretudo do comprovado amor do snr. general Pimentel Pinto ao exercito, esperamos vêr surgir dias de felicidade e erguer-se o nosso nivel moral á altura dos mais caros interesses do paiz, á altura da nossa sagrada missão.

Muito ha a aperfeiçoar, a corrigir, a recompor, e até mesmo a reconstruir, no meio d'este estado vacillante em que se acha o exercito, abalado ainda pelo violento estremeção de uma reforma que não agradou technicamente a ninguem, e da qual sahiu profundamente magoada e talvez até humilhada a infanteria, que é o proprio exercito.

O snr. general Pimentel Pinto tem a gloria e deve ter o orgulho de ver o seu nome respeitado e estimado em todo o exercito, porque todos os que pensam e sentem, lembram-se bem do que o exercito deve a s. ex.ª e até que ponto a sua patriotica e intelligente direcção nos elevou no consenso unanime do paiz, nos ergueu os olhos da nossa propria consciencia.

Por isso confiamos absolutamente na sabia direcção

do novo ministro, e temos a certeza que não confiamos em vão.

A «Revista de Infanteria» felicita o exercito por este tão feliz como desejado acontecimento.

CARTAS

I

Pedrouços, 8 de junho de 1900.

Meus caros camaradas:

Em primeiro logar agradeço á «Revista» as palavras de sympathia e de alento que me tem dirigido a proposito das modificações que introduzi na culatra movel da Mannlicher.

Não o esquecerei, com tanta mais razão quanto a attitude da «Revista de Infanteria», que sempre se tem conservado firme a meu lado, fórma singular contraste com os que não só tomaram por outro caminho, o que podia ser explicavel sob o ponto de vista technico, mas que, sem saber porque, se me patentearam verdadeiramente hostis em tudo e por tudo.

Se sob o ponto de vista technico teem ou não teem razão os depreciadores dos meus trabalhos, proval-o-hei no seguimento do estudo que, custe o que custar, heide fazer, soccorrendo-me unicamente da verdade da doutrina e da força dos factos, que os zoilos não podem destruir nem abafar, porque a isso me opporei eu, desde hoje, aniquilando a argucia com que se pretende illudir os incautos ou inexperientes em materia de armas portateis.

Se de ousado me alcunharam por metter-me a inventar sem a previa licença dos arautos da terra, ousado serei ainda, propondo-me a sustentar a seguinte these:

«A culatra movel, ultimo modelo de Steyr, é inferior á da Mannlicher regulamentar».

Opportunamente e na devida altura do estudo que offerecerei aos leitores da «Revista», provarei que esta minha affirmativa não é gratuita, como são gratuitos ou illusorios os dados em que assenta a defesa d'este ultimo producto da fabrica de Steyr.

Comquanto o referido modelo tenha sido guardado das minhas vistas, como de um contagio, em que pése seja a quem fôr, eu sei o bastante para não recuar perante a affirmativa que deixo exarada; e tambem, pelo que tenho ouvido emquanto á sua *elegancia*, eu julgo o dito modelo um *bijou d'enfant*, revestido d'uma forma seductora de fabricação, ou tal qual como uma *cocotte* que se enfeita e exhibe requebros no intuito de nos prender nos seus laços caprichosos e interesseiros.

A chatice da innovação (augmento de mais uma mola) e as condições que a revestem não deixam duvidas para todos os que profundam um pouco o estudo da technica do armamento portatil.

Ora, isto de augmentar mólas aos orgãos d'uma espingarda e, de mais a mais, mólas chatas, que é a peor raça de molas pela sua pouca duração, alteração de fórma, ou falta de elasticidade, produz o mesmo effeito como quando se felicita uma dama, que foi formosa, no periodo decadente da sua belleza por fazer mais um anno.

Assim, diz o poeta, n'«Os annos da princeza»:

Corre ahi que vossa alteza
fez mais um anno! pois creia,
permitta-me esta franqueza,
que teve uma triste idea;
lá isso teve, princeza.

Ainda se fosse um dia
por distracção, comprehendo;
até eu mesmo o faria:

mas um anno! Eu cá m'entendo
e n'essa é que eu não cahia.

.....

Invocando as musas, de pé quebrado, poderia eu parodiar:

Corre ahi que vossoria
eliminou uma mola! pois creia
que, por tal ousadia,
estava a pedir tareia,
lá isso apanhou, vossoria.

Mas não havia que vêr:
estava escripto d'antemão
que vossoria havia de ser
preso, olé! por ter cão,
preso, olé! pelo não ter.

Retomando, porém, os ares graves, tão nossos e tão proprios do meio em que vivemos, vamos ao que importa, que é corrigir os boatos que por ahi se propalam e denunciar o procedimento havido para commigo.

Até agora tenho guardado o mais severo silencio com respeito ao valor das modificações por mim propostas, a fim de, com verdade, não ser accusado de interesseiro e ambicioso, que nunca fui; porém, arredado este meu exagerado escrupulo por terem ultimado os trabalhos da commissão encarregada da escolha da melhor arma para a infanteria, não ha mais nenhum motivo que me detenha no que me cumpre fazer—a defesa do meu trabalho—a fim de que todos possam conhecel-o e apreciál-o, cada um como quizer e entender.

Para isso a «Revista» continuará, sem duvida, a honrar-me com a publicação dos relatorios que dirigi á commissão conjunctamente com os modelos por mim modi-

ficados, e em seguida encetarei um estudo comparativo da Mauser e do ultimo modelo de Steyr sob o ponto de vista de condições de serviço, pois que as duas armas podem reputar-se eguaes no tocante a condições balisticas.

Á medida, porém, que vão sahindo a lume os meus relatorios e estudo comparativo, urge que, previamente e por intermedio d'estas cartas, eu entre em algumas explicações, que não pódem nem devem ser confundidas com o assumpto technico, para mais clareza e correcção de fórma.

Por hoje e a titulo unicamente de relatar factos, começarei por consignar aqui a imparcialidade do ex.mo presidente da commissão e a attitude benevola e firme de alguns dos seus vogaes, que incessantemente pugnaram para que a verdade se fizesse a toda a luz, propondo que eu fosse ao seio da commissão explicar as minhas modificações, visto que havia um mal entendido ou contradicção entre os relatorios da sub-commissão e os meus.

Pois, meus caros camaradas, esta proposta, de si tão justa, tão racional e tão propria da boa camaradagem, porque eu sou official e não *commerciante*, foi regeitada pela prepotencia da maioria!

No entretanto, a sub-commissão, que só por si forma a maioria, nem sequer soube, ou não quiz explicar alguns pontos relativos ás minhas modificações, confundindo os principios com a questão de fabrico em que eu, certamente, não sou eximio, e produzindo, *a tort et á travers*, argumentos *sui generis* e improprios de serem estampados n'um documento official por contrarios á verdade. D'onde se vê que a minha presença era necessaria e que a maioria se arreceou d'ella, porque eu saberia responder e desfazer todas as objecções que porventura me fossem feitas. Mas, se é já para muito extranhar o caso, talvez original, de um official não ser admittido no meio de camaradas para dar explicações sobre os seus

trabalhos, bons ou maus, phenomenal e revoltante chega a ser que essa admissão fosse facilitada aos fabricantes estrangeiros, nomeadamente de Steyr, os quaes, por vezes, apresentaram productos só dignos de serem acceites na China.

Não me róe na consciencia a inveja pelos favores dispensados ao estrangeiro, por quanto, durante o tempo que fui membro da commissão, fui sempre apologista de taes concessões, como meio de melhor cumprirmos a missão de que estavamos encarregados; mas punge-me a excepção injusta, tanto mais quanto é certo que não me accusa a consciencia de ter faltado aos deveres de lealdade de cooperação para com os meus ex-collegas da commissão, salvo se não é licito a um misero mortal ter ideias, pensal-as e formular opiniões, sem prévia auctorisação dos oraculos.

Até ao seguinte numero.

Alberto José Vergueiro,
Capitão de infanteria.

Exposição fundamentada das modificações a fazer na culatra movel da Mannlicher, propostas pelo capitão de infanteria, Alberto Vergueiro.

(Continuação)

3.ª

Substituição do extractor

Quem conhece a Mannlicher sabe que o extractor é cravado á cabeça movel, e todos reconhecem que tal predicado não é conveniente em campanha, onde o artifice e a ferramenta não estão presentes para restituir immediatamente a arma ao serviço.

O remedio é, porem, facil, e acha-se até indicado na propria cabeça movel e no extractor da dita arma. Basta para isso

utilisar a *cravação actual* d'um modo mais racional, dando-lhe uma tenue folga, e aproveitar o molejamento da *cauda* do extractor para o fixar no respectivo alojamento, modificação esta que propuz á commissão e que tambem indiquei ao director da Fabrica de Steyr.

D'este modo o extractor pode collocar-se á mão e não pode sair senão por meio d'um cartucho, fazendo d'este alavanca que o apanha pela garra.

Mas a garra pode partir, sendo, como é, a parte mais exposta do extractor; por isso convem prolongar a sua cauda de $1^{mm},5$ a 2^{mm}, a fim de ser sempre possivel ao soldado, ou, quando muito, a um graduado, a substituição do extractor, sem mais ferramenta do que o cartucho no primeiro caso e do que a bayoneta, canivete, etc. no segundo caso (garra partida). Os 2^{mm} de excesso não podem prejudicar o *apoio da mola espiral* do percutor, onde se praticará um pequeno rebaixo.

Note-se que eu não preconiso, antes reprovo, a facil desmontagem do extractor de modo a tornar precaria a sua estabilidade. O extractor, montado como deixo dito, só pode sair quando se provocam dois movimentos que o acaso não pode produzir senão mui difficilmente.

Finalmente, a cravação actual dá ao extractor uma estabilidade em excesso que redunda em prejuizo da sua prompta e facil substituição.

4.ª

Montagem da cabeça movel

A cabeça movel da Mannlicher pode montar-se irregularmente, e succede isso ao mais perito, que terá de repetir operações desnecessarias.

Para o soldado, mal instruido ou esquecido, o engano na montagem será uma complicação de que, por vezes, não saberá desfazer-se

O meio de obstar a este inconveniente consiste na creação d'um obstaculo, que as mãos mais duras não podem vencer nem sequer deformar, apezar da sua exiguidade.

O *obstaculo* nasce de uma das faces da *guia* do percutor, sem prejuizo do movimento d'esta ao longo da *fenda* da cabeça movel, a qual *fenda* tem para isso um novo traçado, tudo conforme o modelo apresentado.

A posição, a forma e as dimensões do *obstaculo* não merecem, de certo, discussão, porque nem preza podem dar aos gazes, e, por isso, occupar-me-hei apenas do novo traçado da *fenda*, que em resumo, é o ordinario, mas uma das *paredes* da *cauda* da cabeça movel é talhada em forma de meia cana para dar passagem liberrima ao *obstaculo*.

Sem duvida esta *parede* fica mais fraca do que o era, mas a outra *parede*, onde se aloja o extractor, será ainda mais fraca do que a primeira em virtude da forma do corte. Ora, julgo que não ha motivo algum que justifique, perante a razão e a pratica, que uma *parede* seja mais forte do que a outra, quando do excesso d'uma póde advir vantagem, como no caso presente.

Alem d'isto, a *fenda*, tornada assim mais ampla pela meia

cana, prestar-se-ha melhor á saida dos gazes, como adeante direi.

5.ª

Saida dos gazes

No ferrolho da Mannlicher penetram os gazes pelo *canal* da cabeça movel, logo que a capsula é deslocada ou furada pela ponta do percutor.

Parece-me ter observado que a pressão d'esses gazes, embora diminuta, damnifica, especialmente, a mola de percussão, como peça mais sensivel; e, por isso, me parece tambem racional obstar a este inconveniente, que se manifestará com o uso e, algumas vezes, repentinamente em casos rarissimos.

A cabeça movel da Mannlicher, differente da Kropatschek, fecha hermeticamente o ferrolho, e esta será a razão porque na Mannlicher tal avaria se fará sentir mais rudemente.

Para a saida dos gazes parece dispôr a actual culatra de um *orificio* no ferrolho e de dois *rasgamentos* no *apoio da mola espiral*, symetricamente dispostos; porém, quer a posição do *orificio* quer dos *rasgamentos* parece não ser o mais conveniente para dar prompta saida aos gazes.

Para este effeito utilisei eu o corte em meia cana, já mencionado e feito n'uma das paredes da *cauda* da cabeça movel; abri uma pequena fenda, junto ao *perno;* e pratiquei no fundo da *fenda* da cabeça movel dois rasgamentos, symetricos e oppostos, todos communicando directamente com o *canal* da cabeça movel. Em seguida, fiz no ferrolho um orificio, que se communica pouco mais do que tangencialmente com o *rebaixo circular*, e fiz uma fenda quasi no extremo anterior da *ranhura longitudinal*, cortes estes que se correspondem com os immediatamente já descriptos.

A saida dos gazes far-se-ha d'este modo mais facilmente. A fenda não poderá prejudicar as funcções do *ejector*, se se preferir a posição actual; os gazes não poderão incommodar o atirador, porque a sua força annullar-se-ha contra as paredes da caixa da culatra; e julgo tambem que a resistencia do ferrolho não ficará, sensivelmente, affectada, se se attender a que os cortes, por mim feitos, estão excessivamente exaggerados por carencia de meios apropriados e sabendo-se que o ferrolho resiste, incolume, ás pressões enormissimas que inutilisam, por completo, o cano.

6.ª

Móla do fecho de segurança

O fecho de segurança da Mannlicher não dispensa móla propria, a qual tem os seguintes inconvenientes: Ser muito quebradiça, e difficultar o roscamento e desarroscamento da porca do percutor.

O primeiro inconveniente, mais importante, exporá, por vezes, o mechanismo de segurança e a culatra a difficuldades e, até a impossibilidade de funccionamento; o segundo, menos importante, nota-se em algumas armas, em especial, e aggravar-se-ha sensivelmente em campanha com as armas mal cuidadas.

A suppressão da móla, além da simplificação, representará, pois, uma vantagem, se o fecho de segurança fôr estavel nas duas posições de *preparar* e de *descansar-cão*. Ora, esta estabilidade é-lhe dada pela móla de percussão, e basta manejar o dito fecho para se conhecer que elle se mantem mais solidamente do que no modelo actual.

Demais, a móla em questão contribue poderosamente para os disparos involuntarios, mas a minha primeira modificação annulla-lhe, por completo, esses effeitos.

7.ª

Montagem e desmontagem

Para montar a culatra é necessario e sufficiente fazer o seguinte:

Enfiar o percutor, com a respectiva mola, no ferrolho ao modo ordinario e sem exercer pressão alguma; enfiar o fecho de segurança no respectivo *alojamento* do cão com a *patilha* na posição de *preparar*, e pôr estas duas peças, assim dispostas, sobre o ferrolho, que deve estar vertical, e de modo que o *dente de armar* fique no respectivo *entalhe* do ferrolho; volta-se a *patilha* para a posição de *descansar-cão* e prime-se a móla até não poder mais; em seguida, introduz-se a *noz* no percutor e faz-se dar a esta um quarto de volta, largando immediatamente a mola; depois procede-se á montagem da cabeça movel ao modo ordinario.

Para desmontar procede-se inversamente.

A noz, por construcção, occupará sempre uma posição certa e definida, e não poderá dar mais do que um quarto de volta para maior facilidade da montagem e desmontagem.

D'onde se vê que a montagem e desmontagem não são mais complicadas do que em outro qualquer modelo—é uma questão d'habito—e, sem duvida, estas operações são mais rapidas do que na Mannlicher actual, o que não tem importancia pratica, e mais certas do que n'esta arma e, mesmo, do que na Mauser, o que já tem alguma importancia.

Breve comparação das culatras

Mannlicher	Mauser m/98	Mannlicher modificada
SEGURANÇA		
Precaria actualmente, perfeita se se adoptar a modificação respectiva.	Boa, sómente, porque, quando o *manchon* não estiver bem roscado, a *patilha* não passa para a posição de *descansar-cão*.	Perfeita

Mannlicher	Mauser m/98	Mannlicher modifidada
PERCUSSÃO		
Precaria actualmente, boa, se uma volta a menos da porca não influir.	Perfeita	Perfeita
EXTRACÇÃO		
Boa. Para a força do extractor deve contar-se com a que lhe provem da sua ligação ao ferrolho.	Boa. As dimensões do extractor, parece, não lhe abonarem força maior.	Boa. Idem, como na primeira
SUBSTITUIÇÃO DO EXTRACTOR		
Pelo artifice e na officina. O volume do extractor permitte maior sortimento em campanha.	Pelo soldado, ou graduado, porém exige alguma pericia, e se o annel-móla partir, complicar-se-ha a substituição.	Pelo soldado ou graduado e muito facil. Maior sortimento em campanha.
MANEJO		
Suave	Um pouco duro	Suave
MONTAGEM		
Facil, porém sujeita a irregularidades pela força e pela cabeça movel.	Facil, mas um pouco sujeita a irregularidades pelo parafuso do *manchon*.	Facil e sem irregularidades.
CABEÇA MOVEL		
Tem	Não tem	Tem
SAIDA DOS GAZES		
Difficil	Muito facil	Facil

Mannlicher	Mauser m/98	Mannlicher modificada
NUMERO DE MOLAS		
Tem 2	Tem 3	Tem 1
NUMERO DE PEÇAS		
Tem 9	Tem 9	Tem 8
PARAFUSOS E PORCAS		
Tem 1	Tem 1	Não tem

Sob o ponto de vista de obturação e ejecção, os tres modelos safisfazem bem.

Se estes dados estão *certos* resultará que o funccionamento das culatras estará dependente dos seguintes defeitos e vantagens, que me permitto classificar por numero e ordem de importancia.

A Mannlicher terá como defeitos principaes: 1.º a segurança; 2.º a percussão; 3.º a substituição do extractor; 4.º a existencia da cabeça movel.

Como secundarios: 1.º mola do fecho de segurança; 2.º montagem irregular da cabeça movel; 3.º saida dos gazes.

Terá, como vantagem proeminente, a suavidade do manejo.

A Mauser terá como defeitos principaes: 1.º a dureza do manejo; 2.º a mola do *manchon*.

Como secundarios: 1.º o numero de molas, todas desempenhando funcções essenciaes; 2.º substituição, nem para todos facil do extractor; 3.º incompleto roscamento do *manchon*.

Terá, como vantagem proeminente, a ausencia da cabeça movel.

A Mannlicher modificada terá, como defeito principal, a existencia da cabeça movel; e como secundario a saida dos gazes, que é melhor na Mauser.

Terá, como vantagem proeminente, a melhoria e simplificação em relação ás culatras anteriores.

Resta provar que ella não possue qualidades de resistencia para o tiro, as quaes, não sendo accessiveis a previsões theoricas, cumpre ás experiencias evidenciar.

A Mannlicher, se não supportar a modificação relativa á percussão, unica, para mim, duvidosa, terá, como defeitos principaes: 1.º a percussão, attenuado pela maior força da mola; 2.º existencia da cabeça movel.

Como secundario, a mola do fecho de segurança.

Terá, como vantagem proeminente, a suavidade do manejo.

Attribuindo coefficientes a cada um d'estes defeitos, de valor inverso da classificação estabelecida e crescendo na razão de mais uma unidade em relação do seu numero, porque o nu-

mero será sempre importante, poder-se-hia formular o seguinte quadro:

Defeitos	Mannlicher	Mauser m/98	Mannlicher modificada	Mannlicher modificada, menos na percussão
Principaes...	4+3+2+1=10	2+1=3	1	2+1=3
Secundarios..	3+2+1=6	3+2+1=6	1	2+1=3
Somma	16	9	2	6

Por certo que estas expressões não attingem a exactidão das formulas mathematicas, mas, sendo apenas um modo de dizer mais concreto e admittindo que estão no caminho da verdade, a bondade das culatras, expressa pelo menor coefficiente da somma dos defeitos, seria assim definida: 1.ª Mannlicher modificada (2); 2.ª Mannlicher modificada, menos na percussão (6); 3.ª Mauser (9); 4.ª Mannlicher (16).

Não pretendendo entrar no estudo dos outros orgãos das espingardas, porque a indole d'esta exposição m'o não consente, permitta-se-me, todavia, que diga duas palavras sobre o carregamento e sómente no que este se ralaciona immediatamente com o manejo da culatra. Assim: a Mannlicher carrega bem, mas a Mauser carrega melhor; o carregamento faz-se por 5 cartuchos, e move-se 5 vezes a culatra para os gastar; o carregamento far-se-ha, algumas vezes, cartucho por cartucho, e a facilidade d'este carregamento é egual nas duas armas; o carregamento não fatiga, e o manejo da culatra cansa muito; mas o manejo da culatra da Mannlicher é muito suave, e o da Mauser é mais duro; logo, a maior suavidade do manejo sobrelevará á maior facilidade no carregamento, ainda mesmo com o contra-pezo da cabeça movel, cuja existencia tem prós e contras, predominando, a meu ver, os contras, e, como tal entrando no calculo.

Em amor á verdade, devo dizer mais que, se apontei muitos defeitos na Mannlicher, foi, certamente, por a conhecer melhor; mas ninguem poderá affirmar que a pratica do serviço não faça revelar na Mauser outros defeitos, alem dos existentes e que são reaes. Se me mettera a propheta diria:

A *guia* do ferrolho será pouco efficaz para a conservação da suavidade do manejo da culatra;

A rampa helicoidal do dente de armar soffrerá deformações, talvez muito frequentes nas mãos do nosso soldado (occorrencia dada em Mafra por occasião das experiencias correntes e a que se não deu explicação alguma);

As faltas de percussão serão, relativamente, frequentes, sobre tudo no tiro rapido, por o *punho* não estar completamente abatido e em virtude de vicio do systhema (outra consequencia da mola do *manchon*).

Inversamente, na Mannlicher:

A *guia* e a *rampa* correspondentes são excellentes;

As faltas de percussão, por o punho não estar abatido, são raras na carabina, de *punho recurvado*, e rarissimas nas espingardas, de *punho recto*.

Conceito As condições de serviço da culatra movel da Mannlicher modificada, ainda que a modificação na percussão se faça sómente para evitar as *falhas* d'uma volta a menos da porca, serão superiores ás da Mauser.

Quando apresentei á sub-commissão a culatra, por mim modificada, não tive a stulta pretensão de exhibir um modelo perfeito. Quiz, tão sómente, mostrar nitidamente a minha ideia, porque os trabalhos de precisão e de tempera não os posso eu fazer, nem a nossa Fabrica d'Armas, de cujo digno Director recebi todo o auxilio.

Espero, pois, com confiança que a illustrada commissão da escolha da melhor arma para a nossa infanteria se dignará prestar alguma attenção ao producto dos meus labores, cujo fim principal foi servir, consoante as minhas forças, o exercito, em geral, e, em especial, a arma de infanteria a que tenho a honra de pertencer e a quem tenho votado toda a minha vida de official obscuro.

Alberto José Vergueiro,

Capitão de infanteria.

Fogo por descargas e fogo individual

Não é ainda questão concluida e portanto posta de parte lá fóra, o debate sobre a preferencia a conceder ao fogo por descargas ou ao fogo á vontade, e não obstante o ultimo regulamento tactico da infanteria franceza preconisar de modo absoluto a supremacia da primeira d'essas duas especies de fogos, determinando que o seu emprego, tanto na offensiva como na defensiva, se prolongue sempre o maior espaço de tempo possivel e que o dever dos officiaes e sargentos é vigiar que as descargas não degenerem em fogo á vontade, e é exactamente no exercito francez que se encontram adversarios decididos d'essa especie de fogos, que sustentam debaixo de todos os pontos de vista a superioridade do fogo individual, e que pretendem que este deve constituir *a unica especie de fogo* da infanteria.

Antes de apresentarmos a traducção de um curioso artigo —«*Le feu unique de l'infanterie*»—, inserto nos n.os 45 e 46 da bem conhecida *Revue du cercle militaire* de 11 e 18 de novembro ultimo, cujo conhecimento julgamos deve interessar aos nos-

sos camaradas da arma, não podemos deixar de expôr algumas considerações sobre as conclusões geraes do referido artigo, conclusões com que em absoluto não concordamos, porquanto o seu auctor, *commandante* B., querendo a todo o transe sustentar a sua opinião, apresenta alguns argumentos por assim dizer forçados, pouco convincentes, sem fundamento sólido e que muitas vezes, por isso mesmo que obedecem a um verdadeiro *parti-pris*, negam aquillo que é por tal fórma evidente e reconhecido que nem já soffre discussão ou affirmam principios que não teem base segura em que se estribem.

A leitura d'esse artigo, que, não obstante o que dissémos, reputamos curioso e digno de ser attentamente meditado, não modificou a impressão que no nosso espirito produzira a de outros differentes estudos sobre o tiro da infanteria, e em especial a do notavel trabalho do general Philebert — *Dernier effort* — sobre o valor absoluto dos fogos collectivos e sua comparação com os fogos individuaes.

Os argumentos do *commandante* B. não conseguem demonstrar, quanto a nós, que seja erronea a seguinte conclusão d'aquelle illustre general, conclusão que é partilhada por officiaes como Paquié, Ortus, Gondré e outros que com tanta proficiencia e de modo tão notavel se teem occupado da questão dos fogos da infanteria, conclusão que foi sanccionada pelo ultimo regulamento tactico francez e felizmente adoptada tambem pelo nosso regulamento de 1896:

«Au feu individuel, tirerie désordonnée, gaspillage néfaste de munitions, désorganisation de la direction, doivent être substitués définitivement, non par des conseils timides, hésitants et contradictoires, mais par un ordre d'en haut consacrant la doctrine, les feux de salve, raisonnés, réglés, commandés par la voix ferme de l'officier, instruit au préalable dans l'art de produire de foudroyants effets avec sa *batterie de fusils*.»

A applicação do principio geral que o auctor do artigo «*Le feu unique de l'infanterie*» sustenta, se não póde nem deve fazer-se em relação á nossa infanteria, tambem nos parece que nem á propria infanteria franceza se póde estender, não só pelo temperamento natural do soldado francez, muito similhante ao nosso, como principalmente porque, dado o estado da instrucção de tiro d'essa infanteria, tal como no-lo descrevem o general Philebert e outros officiaes francezes, não era para duvidar que n'uma futura campanha se haviam de repetir as mesmas gravissimas faltas commettidas em 1870, isto é, o consumo prematuro de munições e, como consequencia, a falta d'estas no momento decisivo do combate.

Independentemente das considerações de ordem, por assim dizer, technica, que determinam a adopção dos fogos collectivos, do fogo por descargas, com exclusão de qualquer outro, para determinadas distancias do combate, para dadas situações tacticas, em presença da natureza especial ou disposição particular de certos objectivos, etc... nós entendemos que n'aquelles exercitos como o allemão, o russo, o suisso e outros, em especial os dos povos do norte, em que tanto o soldado como o official são de sua natureza, por uma questão de raça ou de educação, fleugmaticos, impassiveis, dotados de nervos que não vibram facilmente á menor commoção, e que em combate, sob a

chuva de fogo do inimigo, conservam ainda uma certa dose de sangue frio e manifestam uma intrepidez serena, insusceptivel de degenerar em panico mas tambem de se transformar em enthusiasmo ardente, e em que por outro lado esse soldado e esse official recebem, cada um na parte que lhes respeita, uma cuidadosa instrucção de tiro, aprendendo o primeiro a tirar da sua arma completo partido, a apreciar devidamente as distancias, a aproveitar judiciosamente o terreno, a dar emfim o devido valor ás suas munições e a saber portanto poupa-las até ao momento opportuno de as utilisar sem conto, em taes exercitos poderá o emprego do fogo por descargas não ser de absoluta necessidade e de uma applicação muito geral para a infanteria em combate, e na maioria dos casos, *mas não sempre*, pode ceder o passo ao fogo individual, que proporciona aos bons atiradores um maior effeito util por lhes permittir plena liberdade de acção, e, portanto, deaproveitamento das suas aptidões particulares para o tiro. (1)

Crêmos bem que é esta ultima especie de fogo a unica que os boers teem empregado no decurso da sua notavel campanha contra os inglezes, em que tão sobejamente teem justificado a sua antiga reputação de destros atiradores, não só pela maravilhosa certeza dos seus tiros, como pela judiciosa utilisação do terreno, e ainda pela prudencia com que aproveitam as suas munições para o momento decisivo do combate, não obstante em alguns d'estes terem aberto o fogo a grandes distancias, sempre com o melhor exito.

Para atiradores d'esta ordem não é preciso restricções nem cuidados quanto ao consumo de munições; o fogo á vontade é pois o que lhes é proprio, o que, salvo condições especiaes impostas pela distancia, pela natureza ou disposição do objectivo, se lhes deve permittir que executem habitualmente.

Por sua vez, porem, aquelles soldados que, como o nosso, o francez, e em geral todos os meridionaes, pelo seu temperamento mais ou menos nervoso se mostram sempre excessivamente impressionaveis e que debaixo de fogo não conseguem manter a mesma frieza, a mesma impassibilidade que os de outras raças — o que se por um lado lhes dá notaveis qualidades de combatentes, por outro os prejudica tambem —, e dentre elles sobretudo os que não recebem uma completa instrucção de tiro — como succede ao nosso que, de ordinario, nem mesmo incompleta a recebe... porque não recebe nenhuma! —

---

(1) Diz o regulamento allemão: « ... o emprego do fogo «por descargas parece dever ser reservado para o começo do «combate e para os casos em que as forças não estejam exposstas a fogos efficazes.

«Uma linha de atiradores executa, em regra, o fogo indivi«dual. Esta especie de fogo permitte esperar os melhores resul«tados, por isso que os soldados podem apontar á sua vontade «e esperar o momento favoravel para dispararem a arma.»

Vidé—«Règlement de manœuvres pour l'infanterie allemande» — traduit par le commandant Vonderscherr — *Nature des feux* — pag. 60.

para estes o emprego do fogo por descargas não só não deve ser banido, mas, pelo contrario, é de absoluta necessidade que se mantenha durante o combate até ao ultimo momento possivel, emquanto aos officiaes fôr dado poder dominar o estado moral dos seus homens e faze-los attender ás vozes para a execução do fogo.

Uma vez iniciado o fogo individual, inutil será tentar conter taes soldados; embora se ordene o fogo lento, este ha-de desde o principio degenerar em fogo vivo e o consumo de munições, com os modernos armamentos, forçosamente attingirá proporções desmedidas.

Para confirmar isto que dizemos basta observar como se comporta habitualmente o nosso soldado em qualquer simples exercicio em que se encontra municiado com cartuchos; desde que se rompe o tiro individual o fogo é sempre e em todos os momentos *vivissimo*, o soldado só procura carregar e disparar rapidamente a arma, sem pensar em alça nem muitas vezes em objectivo—que aliás muitos graduados se dispensam de lhe indicar!—sem attender ao numero de cartuchos de que dispõe, e quantas vezes, ao ordenar-se o fogo de repetição, se não verifica que muitos depositos estão já exgotados, por terem os soldados consumido os respectivos cartuchos no fogo vivo?!

Tudo isto constitue o maior dos defeitos inherentes a uma má infanteria, como infelizmente, *por falta absoluta de effectivos e de instrucção*, é a nossa. «Le type d'une mauvaise infan«terie, le voilá; c'est celle où l'officier ne commande pas et lais«se le soldat agir comme il veut. Alors en effet cette infanterie, «aussitôt engagée, brûle ses cartouches en toute hâte, sans rien «produire.» (1)

Não desejamos alongar-nos em mais considerações e crêmos ter justificado sufficientemente o motivo porque discordamos do principio sustentado pelo *commandante* B. no seu artigo — *Le feu unique de l'infanterie* —, principio que á primeira vista seduz pela grande simplificação que traria para a instrucção do soldado de infanteria, mas que no fundo traduz uma idéa praticamente inexequivel e repousa sobre uma base evidentementemente falsa—a inefficacia absoluta do emprego do fogo por descargas.

Segue a traducção.

(Continua).

Pacheco Simões,
Capitão de infanteria.

---

(1) Philebert—*Dernier effort.*

OS QUADROS DO EXERCITO

(Continuado do n.º 4 — Abril de 1900)

Acabaram os quadros fechados no serviço do estado maior dos exercitos melhor constituidos e foram substituidos por quadros abertos em parte ou totalmente.

A razão porque os quadros fechados foram banidos julgamos ter sido resultante do mau recrutamento que então se fazia de officiaes para o referido serviço.

Porque era mau o recrutamento?

Porque nada havia que garantisse a aptidão militar dos recrutados.

Não cabiam na engenharia, *ergo:* seriam do *estado maior*...

Abriu-se o quadro entre nós, dizia-se que para n'elle poder ter ingresso tão sómente o official com manifesta aptidão militar.

Mas, afinal, pelo que diz respeito aos officiaes recrutados na infantaria e na cavallaria... *pejor avis aetas*...

Sem de modo algum querermos ser desagradaveis aos nossos illustres camaradas, onde se lê: *aptidão militar*, entendemos que deve ler-se: *paciencia evangelica* pois que é obrigado á *tonelagem* scientifica dos tres annos de preparatorios superiores exigidos ao official de artilharia.

Enormes garantias foram então promettidas para o futuro d'esses filhos dilectos de Marte (porque os outros, embora com aptidão militar, mas sem a tal *paciencia evangelica,* passariam á triste qualidade de entiados...)

Felizmente nova reforma foi feita (eis um caso em que podemos dizer — *felizmente* — fallando de uma reforma) em que essas garantias desappareceram.

Mas, *infelizmente*, (caso geral) a commissão encarregada de formular as bases para uma lei de promoções, commissão em que, segundo se affirma, as tres armas estavam muito bem representadas, acaba de apresentar os seus trabalhos, e novo futuro de vaccas gordas é promettido aos distinctos e tenacissimos camaradas habilitados e para habilitar com o curso do serviço do estado maior.

*
* *

Repugnam-nos sobremodo quaesquer vantagens que se traduzam em prejuizo de segundo; claro está, quando esse segundo satisfaça á missão para que foi destinado.

A recompensa pecuniaria é, sem duvida, a unica acceitavel dentro do exercito.

A pretendida recompensa baseada na escolha para a promoção é tambem a nosso ver muitissimo odiosa, pela simples razão de serem *homens* os encarregados da escolha...

Errare humanum est... Já dizia o inclito padre Antonio Vieira em um dos seus sublimes discursos:

—«Dá-se o premio á valia e não ao valor».

—«Uns recebem as feridas e outros as condecorações» —

Tratando da promoção não justificada por direitos bastante evidentes para que pessoa alguma os conteste, disse o general conde d'Anthouard na sua discussão da lei de promoções:

«...*ne peut qu'allumer des ambitions illégitimes, exciter chez d'autres et propager dans la masse un esprit de desaffection et de découragement.*

De Chambray diz na sua «*Philosophie de la guerre*»:

L'avancement à l'élection est la perte de la discipline, et il peut devenir funeste en temps de trouble en servant d'instrument aux factieux.

Lemos, ha tempos, sobre o assumpto em questão, um excellente artigo, devido certamente á penna de um illustradissimo escriptor militar, do qual transcreveremos alguns periodos mais interessantes.

Diz o articulista:

«Não ha instrumento que possa dar a medida exacta do merecimento de cada um, ficando, por isso, tudo dependente do criterio de quem seja encarregado d'essa classificação, criterio que póde ser erroneo, além de variar de individuo para individuo, de anno para anno, destruindo todas as condições essenciaes de regularidade e de permanencia de criterio de avaliação.»

E depois de relatar os meios artificiosos, pouco limpos, de que se serve grande numero de officiaes do exercito francez por occasião da classificação annual para a promoção por escolha, em uso n'aquelle exercito para uma parte das vacaturas occorridas, accrescenta:

«...já o marechal de Broglie dizia ser preciso que

um anjo presidisse á escolha, para que o merito podesse resistir á intriga e ao favoritismo.»

O principio de promoção por antiguidade é, fóra de duvida, o unico adoptavel como razoavel, corrigido, é claro, como diz o illustre articulista.

«Por uma conveniente selecção, para que se não vá conferir um novo posto a quem para elle não esteja devidamente habilitado, fazendo-se assim uma apreciação do merito absoluto, mais facil de verificar do que o relativo, necessario para a escolha. Não só é perfeitamente pratico estabelecer as condições a que deve satisfazer o official candidato á promoção ao posto immediato como tambem não haverá tanta possibilidade de fazer subir qualquer pela intriga ou pelo favoritismo, em detrimento de outros, que não disponham d'esses recursos.

Mas tambem a essa selecção é necessario presidir um criterio sereno e equitativo; é necessario não estabelecer condições exageradas que deem em resultado cair-se indirectamente no systema da escolha, sem, ao menos, haver a franqueza de o estabelecer de facto. E' preciso attender ás exigencias de cada posto, ás condições a que devem satisfazer os candidatos a elle, e ainda ás circumstancias especiaes que n'estes concorrem, devendo ter-se em muita conta, sobretudo, as qualidades moraes e o caracter de cada um, como factores de primeira importancia na avaliação d'esse merito absoluto.

E' certo que para avaliar devidamente essas qualidades moraes e esse caracter se não pódem estatuir provas theoricas e praticas; essa avaliação só póde basear-se na apreciação feita pelos que os tiveram sob as suas ordens, e é para isso que devem servir as informações annuaes, regulamentarmente determinadas ha tantos annos. D'ahi tambem resulta que a selecção só poderá dar-se em certos postos, para que haja tempo de reunir o numero de informações preciso para bem aquilatar o official, subsistindo para os outros postos a mera antiguidade, salvos os casos de preterição exigidos pelas circumstancias e até fixados na lei.»

Achamos de um alto criterio os periodos que acabamos de transcrever.

Todavia, para satisfação dos menos transigentes, dos puros que, desinteressadamente, sem duvida, levados unicamente pelo impulso dos seus bellos corações, inteiramente votados ao sacrosanto amor patrio, despi-

dos do vil egoismo dos nossos dias, desejam a escolha para não poderem ser promovidos senão quando tenham verdadeiro merito; para coroamento de tão santa abnegação, poder-se-hia adoptar um systema de provas publicas, tantas e tão rigorosas quanto possivel fosse, «*un crible d'épreuves et de travaux successifs réglé par les lois*», como o entende o barão de Lahure nas suas «*Notes sur le serviçe d'état major*».

Essas provas não serviriam para julgar da aptidão relativa dos officiaes (salvo se o *anjo* do marechal de Broglie tivesse a condescendencia de descer á terra), mas para garantia de que o official a promover *por antigudade* tivesse incontestavel aptidão profissional para o bom desempenho das funcções inherentes ao posto immediato.

Então, esse Aquilão, soprando constantemente, não permittiria que se accendessem lampadas em Méca e apagaria mesmo as accêsas...

A escuridão resultante em nada contrariaria a justiça que, por signal, é representada com os olhos vendados...

Attendendo a que devem ser eguaes as exigencias para officiaes de egual graduação e arma, a suppressão da dualidade de procedencia dos officiaes de infantaria e cavallaria é naturalmente imposta.

Está dito e mil vezes repetido que a missão do official de hoje é difficilima e reclama uma grande preparação para o seu fieldesempenho.

Despensamo-nosde relatar, por serem bem notorios, os prejuizos, alguns bastante graves, que a dualidade de origem tem produzido entre nós.

Já em 1871 dizia o illustre coronel d'infantaria snr. Cunha Vianna no seu precioso livro «Meditações militares»:

—«Parece-me que a proporcionalidade de merito não quer que a mesma recompensa em toda a sua plenitude nivele o muito com o pouco, o sufficiente com a nullidade. Esquecem que por egual discurso deveria o escrivão antigo poder ascender a juiz de direito, quando é certo que o bom escrivão, depois de alguns annos de exercicio, conhece a legislação tão bem como o bacharel, e melhor do que este a construcção do processo».

Fecharemos este breve parenthesis em que veiu a

proposito fallarmos na promoção por escolha e na dualidade de procedencia dos officiaes de infantaria e cavallaria, declarando que quando fallamos em *prejuizo de segundo*, reputamos da maior importancia, entre todos os prejuizos, os de ordem moral.

Muito dinheiro...

Galões os que provierem da *promoção por antiguidade, apenas com a exclusão dos maus elementos.*

Voltemos ao serviço do estado maior.

Já anteriormente fallamos do nosso modo de pensar a respeito do curso preparatorio das tres armas.

Somos de opinião de que deve ser o mesmo; mas, embora o não seja por'ora, perguntamos:

—Porque volta o official candidato ao serviço do estado maior á escola polytechnica?

Não nos responderão decerto que é para, como o artilheiro, adquirir elementos que o habilitem a estudar o fabrico do material de guerra.

Tambem nos não parece que vá buscar á chimica e á mechanica as altas qualidades militares exigidas para aquelle serviço.

Então qual é a razão d'essa sobre-carga scientifica?

Dizem uns:

—E' para que os officiaes das tres armas tenham o mesmo numero de annos de curso, visto que, quando no serviço do estado maior, desempenham egual missão e usufruem eguaes garantias.

Então, diremos nós, deve-se egualar o curso das tres armas visto que todos os seus officiaes, podem e devem ascender ao generalato, e, uma vez ahi, desempenham tambem egual missão e usufruem eguaes garantias.

—E' para difficultar.

Dizem outros, respondendo ainda á nossa pergunta...

—Quando se pretende, com a organisação das escolas de guerra, espalhar pelos corpos o maior numero possivel de officiaes com perfeito conhecimento da sciencia militar, difficulta-se a acquisição d'esses conhecimentos?

Parece-nos que seria facil conseguir que todo o official sahisse da escola do exercito (convenientemente reorganisada) com todas as habilitações theoricas preci-

sas para o bom desempenho dos mais melindrosos serviços militares, não desde logo, mas depois de uma certa pratica, garantindo por meio de provas rigorosas que elle se mantivesse á altura da sua missão.

No numero d'esses serviços, incluimos o do estado maior.

Adiante procuraremos indicar a maneira de conseguir o que deixamos dito.

Não comprehendemos um curso para official de qualquer arma e outro para *general* (assim se póde chamar ao actual curso dito de estado maior), visto que o official póde ser general sem esse curso...

A pratica no quartel, nos campos de tiro e nas manobras, e o estudo no gabinete, de anno para anno melhor methodisado, as provas a que o official tenha de ser submettido para a promoção aos graus superiores, farão do alferes o general.

O general nunca deve ter menor somma de conhecimentos technicos do que qualquer official, conhecimentos que amadurecidos pela experiencia e alliados á prudencia e ao criterio proprios da edade, ao habito do commando e á convicção do proprio merito confirmado pelas provas de aptidão dadas para attingir tão elevado posto, dão ao exercito segura garantia da sua competencia para o commando.

E d'est'arte a assignatura do general deixará de ser o carimbo do seu estado maior, como o tem sido até hoje, com raras excepções, facto lamentavel devido á circumstancia de o general ter sob as suas ordens officiaes com *capêllo* na sciencia da guerra, sendo elle, as mais das vezes, simples *bacharel*, o que julgamos altamente prejudicial para a disciplina, por ser attentatorio do prestigio do chefe.

Os adjuntos do general, esses, como mais novos, teem a memoria, a vista, a agilidade e a resistencia.

E é quanto lhes basta para serem *auxiliares indispensaveis* do seu chefe.

(Continúa).

Errata. G. V.

No n.º 3, pagina 81, linha 9, onde se lê: *cavallaria em vez*, deve ler-se: *cavallaria até ao de artilharia, em vez*.

No n.º 4, pagina 118, linha 10, onde se lê: *estrêmo*, deve ler-se *estrênuo*.

Campanha Sul Africana

(Continuado do n.º 6 do 3.º vol.)

II

Combate de Glencoe

Posição dos belligerantes

O general inglez White occupava Ladysmith e tinha lançado para a frente uma forte guarda avançada composta de 4:500 homens, sob o commando do general Symons, que occupava Glencoe, como sentinella vegilante que olha e prescruta os movimentos inimigos e que tinha por fim proteger a linha d'operações formada pela linha ferrea, que tinha por base Durbam e como pontos avançados Escourt, Colenso, Ladysmith, Elandslaagt e Glencoe.

Estes 4:500 inglezes tinham por fim vigiar o inimigo e resistir a qualquer invasão sobre o Natal tentada pelos commandos boers reunidos em Utrych e Vreheid, sob as ordens de Lucas Meyer.

Glencoe fica na fronteira do Natal (1) e é separado do Orange pelos desfiladeiros do Drakensberg, que eram occupados pelos orangistas sob o commando de Grobler.

Os inglezes estabeleceram uma espessa rede de cavalleria que vigiava e protegia as posições inglezas, mas não evitou que os transwaalianos occupassem Newcastle, sob o commando do general em chefe Joubert, e que os orangistas tomassem os desfiladeiros do Drakensberg.

Como se vê pelas posições occupadas, inglezes e boers estavam promptos a principiar a lucta gigantesca, mas os boers mostravam indecisão e os inglezes limitavam-se a vigiar os movimentos inimigos, mantendo os seus postos de observação e esperando qualquer acontecimento extraordinario.

A 17 d'outubro os orangistas iniciam os seus movimentos d'avanço, atravessam os desfiladeiros do Drakensberg, estabelecem contacto com as patrulhas in-

(1) Vide mappa offerecido pela «Revista de Infanteria»

glezas, que obrigam a retirar, e tomam posição em Blaaunwbank, a 20 kilometros de Ladysmith.

A 18 batem os carabineiros do Natal, que são obrigados a retirar precipitadamente sobre Ladysmith, deixando os seus viveres.

No mesmo dia um esquadrão do 18 de hussares fez um reconhecimento offensivo e dá noticia da presença d'um forte destacamento inimigo que occupava Hatting Spruit, a 12 kilometros de Glencoe, sob o commando de Erasmus.

A 19, boers montados commandados por Viljoen, executam um soberbo *raid* e conseguem cortar o telegrapho e destruir a linha ferrea que ligava Glencoe com Ladysmith e aprehendem um comboio carregado de viveres.

Commandos e effectivos

Como já dissemos os inglezes eram commandados pelo general Symons. O seu effectivo era de 4:500 homens, formado por 4 batalhões de infanteria, 1 regimento de cavallaria, 3 baterias de campanha e uma parte da policia do Natal.

Os boers, commandados por Lucas Meyer formavam um effectivo calculado em 4:000 homens com 5 peças de artilheria.

Planos estrategicos

O plano dos inglezes já vimos qual era; vigiar os movimentos offensivos do inimigo.

Pela posição dos boers vê-se que o seu plano era atacar de frente a linha d'operações dos inglezes, o que seria feito pelos transvaalianos, e, ao mesmo tempo, atacar pela esquerda a mesma linha d'operações para separar os inglezes e cahir sobre as tropas de White com tres fortes columnas, o que seria feita pelos orangistas.

Este plano foi bem concebido e envolve certa concepção estrategica, mas não foi bem posto em pratica, porque Lucas Meyer, que commandava a columna boer que occupava Vriheid, começou o seu movimento d'avanço em 20 d'outubro, quando tinham resolvido o porem-se as tres columnas em movimento no dia 21.

Realisação do ataque

Em 20 d'outubro, pelas 5 horas da manhã, depois de dessipadas as ultimas trevas da noite, foram os inglezes interrompidos no seu profundo somno pelo ribombar do canhão e pelos effeitos das suas granadas.

Wissembourg, 1870, teve aqui uma imagem bem nitida.

Accordados, os inglezes notam que um forte destacamento boer tinha tomado posição em Smith's Hill a uma distancia de 4:800m, a éste das suas posições.

A artilheria ingleza toma rapidamente posição, abre o seu fogo e consegue amortecer um pouco o fogo violento da artilheria boer, mas vendo que, apezar dos resultados alcançados, não batia efficazmente a posição inimiga, a 13.ª bateria atrela e estabelece-se rapidamente em bateria a 1:800m da posição boer, e, d'esta nova posição, abre um fogo violento e nutrido que obrigou os boers a abandonarem Smith's Hill, para tomarem novas posições á rectaguarda, que utilisaram com um instincto admiravel.

Os hussares, protegidos pelo fogo da artilheria, desenvolviam os seus esquadrões sobre o flanco esquerdo dos boers, tentando executar um movimento envolvente.

Os boers, como o sol precursor das grandes tempestades, interromperam o seu fogo para dar alento e inicio á grande lucta. Durante esta interrupção do fogo boer, os esclarecedores inglezes dão noticia d'um corpo de 9:000 boers a 1 hora de marcha.

A's 6 e meia teve principio o novo combate com energia surprehendente. A infanteria ingleza, com orgulho e enthusiasmo, prepara-se para o ataque. N'esta altura a artilheria ingleza já tinha atrelado de novo as suas peças e tomada uma 3.ª posição, d'onde podia secundar mais efficazmente o ataque da infanteria.

Os boers, detraz dos seus abrigos naturaes e das alturas das suas novas posições, tinham começado um fogo violantissimo, mas não foi a tempo de impedir que a artilheria ingleza se collocasse em bateria n'esta 3.ª posição, e soffreram-lhe os duros effeitos.

Protegidos pelo fogo da artilheria, os *King's Royal Rifles*, com as suas peças Maxim, avançavam na ala direita dos inglezes e protegiam um movimento envolven-

te, sobre a ala esquerda dos boers, executada por um esquadrão do 18 de hussars e uma companhia montada dos *Dublins*.

Outro esquadrão do 18 de hussares protegia uma segunda bateria que estava tomando posição em Coalfields, proximo e a sudeste de Dundee.

N'estas posições e debaixo da protecção da artilheria, os *Dublins* e as *King's Royal Rifles* e os *Irisch fusiliers* continuaram avançando com enormes e crescentes difficuldades apresentadas pelo fogo incessante dos boers, que foi devéras certeiro e mortifero, mas ainda os inglezes não tinham attingido um muro paralello á posição dos boers, que era formada por uma altura com forma d'uma pyramide, diminuiu momentaneamente a intensidade do fogo boer, para depois tomar novo incremento.

Apezar d'estas diminuições de intensdade do fogo, os boers portaram-se com inexcedivel coragem.

Ouçamos o correspondente do «*Times*»; «O inimigo (boers) desenvolveu n'esse combate um valor admiravel; apezar da carencia da disciplina e da organisação dos exercitos europeus, supportou com grande coragem o fogo da nossa artilheria que horrorosamente o dizimava;»

Ás 10 horas da manhã, depois de 4 horas de combate, os inglezes conseguem tomar esse muro e ás 11 e 45, tendo cessado o fogo boer quazi por completo, os inglezes escalam o muro e trepam á posição boer executando um soberbo assalto e ficando senhores da posição.

Os inglezes lançaram a cavalleria na perseguição, mas tão desastradamente foi feita que os boers aprisionaram um esquadrão do 18 de hussares, caso raro na historia das guerras.

Baixas

Os inglezes, apezar do fogo por vezes exitante dos boers, tiveram um numero de baixas realmente elevado, que é; 32 officiaes fóra de combate, sendo 12 mortos, entrando n'este numero o general Symons, 33 cabos e soldados mortos e 162 feridos, o que prefaz o total de 229 homens fóra de combate. A estas baixas ha a juntar 9 officiaes prisioneiros e 250 praças.

Os Kings Royel Rifles, n'um effectivo de 750 homens, tiveram 99 fóra de combate, ou seja 12 %.

As perdas totaes inglezas representam 7 %.

As baixas soffridas pelos boers não são ainda bem conhecidas.

Conclusões e erros commettidos

Os boers commetteram varios erros entre os quaes enomeramos as seguintes;

1.º A alteração ao plano de Joubert.

Lucas Meyer, com a sua anticipação, comprometteu o successo de Glencoe, como tambem o de todas os outros combates que se feriram até ao cerco de Ladysmith, porque, alem da força moral ganha pelos inglezes, os boers ficaram desunidos.

2.º Os boers, como dissemos, surprehenderam os inglezes, mas, em logar de atacarem por surpreza, com energia e vigor, limitaram-se a fazer sobre o acampamento inglez alguns tiros de artilheria.

Os boers optaram sempre pela defensiva, e por vezes pura, o que é um erro. No decurso das nossas narrações veremos que esta foi sempre a causa dos seus insuccessos.

3.º As interrupções do seu tiro. Foi n'estas occasiões que os inglezes avançaram e foi durante a primeira interrupção que o general Symons avançou até á linha de combate com todo o seu estado maior, onde encontrou a morte.

Os inglezes commetteram um erro crasso e que lhe podia ser funesto, pois que apezar de saberem que os republicanos occupavam posições proximas, tanto do lado do Transwaal como do Orange, descuraram quasi por completo o serviço de segurança, apesár de terem lançado a cavalleria para a frente.

A artilheria ingleza prestou excellente auxilio, pois que não só reduziu ao silencio a artilheria boer, mas tambem bateu efficazmente as posições inimigas.

Apezar da victoria pertencer aos inglezes não se pode negar a bravura e valentia dos boers atraz dos seus abrigos naturaes, mas tambem não se pode negar que commetteram um erro grave em não tentar sequer um contra ataque vigoroso.

CAMPANHA DE GAZA

EM 1897

«..... a ultima campanha de «Gaza, foi sem duvida a mais bri- «lhante pela rapidez de operações «e decisivo dos golpes de quantas «se teem feito na Africa austral.»
(Relatorio do commissario regio pag. 427).

I

Para Lourenço Marques e concentração da columna de operações no Chibuto

Finda a campanha dos *namarraes*, e achando-se o commissario regio no Itoculo, afim de alli estabelecer um commando militar, soube, por communicação do governador do districto de Lourenço Marques, que os regulos Magnignana e Jambui se haviam revoltado em Gaza, trucidando a guarnição de Pallule.

Ao facto de noticias tão graves, resolveu marchar, sem perda de tempo, para Lourenço Marques, no intuito de organisar nova columna de operações para submetter e castigar os regulos revoltados; por isso, a 8 de abril, embarcou o commissario regio com algumas forças a bordo da corveta «Duque da Terceira».

A viagem foi magnifica, deitando o navio, em média, 10 milhas, aportando a Lourenço Marques no dia 13.

O desembarque das forças estava concluido ás 2-30' p. m.

A força de infanteria n.º 4, sob o meu commando, seguiu para o aquartelamento da Ponte Vermelha.

Durante a minha permanencia n'esta localidade realisei alguns melhoramentos, sendo os principaes:—vedar o recinto do aquartelamento por meio de postes com cinco ordens de fio de ferro farpado, recinto até então devassado por toda a gente; illuminação das paradas, para o que consegui da camara municipal magnificos candieiros encimados em solidas columnas de ferro, e se não me retirasse tão cedo para o Chibuto, afim de se

iniciarem as operações em Gaza, concluiria a reparação nos encanamentos para cisterna.

No dia 10 de julho pelas 2-35 p. m. sahiu a companhia dos quarteis da Ponta Vermelha, constituindo dois pelotões, tudo na força de 104 praças (1). Commandava o 1.º pelotão o alferes, fazendo serviço na companhia a seu pedido, Luiz Patacho e o 2.º, o alferes Nunes de Andrade. Com a companhia, tambem seguiu o cirurgião ajudante de infanteria n.º 4, Humberto de Araujo.

A's 3-10' p. m. estava a companhia a bordo d'um pequeno vapor, o «Gertie», que largou ás 4-45' demandando a barra do Limpopo.

Pelas 7-20' a. m. de 11 entramos a barra e seguimos rio acima até Chai-Chai, onde desembarcámos ao meio-dia, afim de cosinhar a 3.ª refeição.

N'este mesmo dia pelas 7 p. m. embarcámos novamente na lancha-canhoneira «Serpa Pinto» e seguimos. A's 10 a lancha parou no baixo de Languéne, por effeito de refluxo das aguas; mas, logo que o nivel das aguas se elevou, a lancha seguiu, desembarcando a companhia em Moyéne pelas 7-30 a. m. de 12.

Aqui consignamos, ao distincto official da armada real D. José de Almeida, actual conde do Lavradio, o nosso indelevel reconhecimento pela maneira fidalga com que nos recebeu a bordo da «Serpa Pinto», ao tempo seu commandante.

A's 3-25 p. m., depois do rancho, a companhia seguiu para o Chibuto, onde chegou depois d'um precurso de 18 kilometros, proximamente, dando entrada no acampamento ás 7-30 p. m.

As praças alojavam-se n'uns extensos cabanões, e os officiaes em *palhotas*.

A que nos coube, onde tivemos por companheiros o capitão de artilheria Arthur Guimarães e 1.º tenente da armada Alberto Costa, com quem mantive as mais leaes relações de camaradagem, era circular, cobertura conica e paredes interiores *maticadas* (2). O chão era de areia solta, onde pullulava o *muchain* (formiga branca), tendo de haver o maior cuidado com a roupa e cal-

(1) Era o que restava de 222, em estado de poderem entrar novamente em campanha.

(2) Guarnecidas de terra amassada.

çado! As caixas de accessorios para cantinas constituiam a mobilia, servindo segundo e conforme de bancos ou mezas.

A porta de tão primitiva habitação era um caniçado, tendo por *fechadura*, uma corda! Os ratos, em perfeita intimidade com os donos da casa, entravam e sahiam sem cerimonia! Porém com o que nós davamos a *casca*, era com uns importunos burros que a deshoras vagueavam pelo acampamento, e davam fundo na nossa palhota para... a comerem!! de maneira que todos os dias tinhamos de metter operarios (os impedidos) para repararem as ruinas! Como habitação hygienica era muito lavada d'ares. O vento entrava por toda a parte, de maneira que á noite era difficil conseguir ter luz.

Durante a minha permanencia no Chibuto recebi ordem para inspeccionar a escripturação do corpo policial de Gaza, que encontrei n'um perfeito cahos. Regularisei tudo como pude e soube, não podendo escripturar o livro de matricula dos officiaes por não haver documentos.

(Continúa).

Rodolpho Augusto de Passos e Souza,
Major de infanteria.

Notas de um expedicionario

1897—1898

Fôra então que o meu collega, dr. Patricio, levou ao acampamento os recursos da sua sciencia e presidiu, em pessoa, á evacuação dos doentes para o hospital de Inhambane. Logo de começo adoecera gravemente o snr. commandante da companhia. Perturbações gastricas rebeldes e antigas criaram-lhe uma idysioncrasia especial e intolerante para os saes de quinino; exacerbada a atonia digestiva, pelo abuso dos vomitivos.

Tambem o snr. tenente Carvalho seguiu o mesmo destino; e só a sua paciente coragem o fez voltar, uma vez restabelecido, ao castro de Goxane, onde permaneceu algumas semanas, até ao seu total abandono. Corre-

ram os ultimos dias de dezembro, sem nada se alterar do que estava feito. Os soldados mal melhorados, arrastando-se ainda n'uma lenta convalescença, se volviam a Goxane, tinham novamente de regressar á villa, acendendo-se o morbo alapado, por novas e complicadas manifestações de impaludismo. Tomára conta do governo interino do districto o snr. tenente Baptista Coelho. Quando este snr. official vizitou pela primeira vez o castro de Guioua, logo se lhe affigurou, de má situação e totalmente incapaz de servir, nem como quartel provisorio.

Mas, como cada um pensasse que o sacrificio, embora desnecessario, demonstra a virtude individual e não deixa vislumbrar, sequer, o mais leve enrugamento de enfado, ou má vontade, ninguem se permittiu o direito de formular mais algumas objecções, além d'aquellas, que a orientação scientifica, me obrigou a fazer, quando se pensou em te demorar em tam malfadado sitio. E fôra preciso a febre gastro biliosa remittente com os seus virulentos caracteres, grassando endemica e epidemicamente; fora necessario que tudo cahisse n'um estado depressivo tal que impossivel se tornasse qualquer energia, para que eu encontrasse ensanchas, em que justificasse o meu relatorio apresentado ao snr. governador interino. Considerações de ordem hygienica apontavam as causas do mal; e em todo o meu dissertar, me exforcei por claramente apontar os perigos e impretar uma melhor situação, onde, ao menos, se, se não encontrasse a cura, se pudesse conseguir a accalmia de uma melhora.

O snr. tenente Coelho nomeiou uma commissão, logo em seguida ao seu regresso de Villanculos, onde o haviam chamado obrigações inaddiaveis do seu cargo e para onde se fizera acompanhar de uma escolta, sob o commando do 2.º sargento Silva. Pelo caminho, a maioria das praças, inquinadas pela permanencia de Goxane, adoeceram, tendo ou de serem reconduzidas para o hospital da villa, ou de ficarem em palhotas, nas immediações da casa do commando da Maxixe. E que aspecto desolador o dos soldados da escolta! A côr tegumentar, da cera velha, no facies, os stygmas da anemia, as febres continuas deprimiam-n'os n'um desanimo profundo, sem forças de reacção.

Melhorado, conferenciei largamente com o snr. governador interino, o qual tão justo achou o immediato

abandono do acampamento de Goxane. Era a Maxixe, a terra fronteira á villa d'Inhambane, d'uma belleza incomparavel, pelas linhas de palmeiras debruçadas sobre as aguas do Mutamba; ponto onde vem morrer as estradas que vão pelo matto cortando caminho para todos os commandos; varrida pelos ventos do mar, limpos de emanações pantanosas. Na commissão nomeiada competia ao snr. capitão Pina Rollo, a indicação do terreno que, sendo da corôa, ficasse livre das reclamações de qualquer milandeiro de côr; ao snr. tenente Carvalho o encargo da distribuição do quartel, ao dr. Patricio e a mim o dizer de sua situação, orientação e apontar as condicções em que se fariam as diversas dependencias. Depois de varias duvidas, cahiu a escolha sobre um vasto rectangulo, com proximamente 100 metros no lado menor e 200 metros no lado maior, situado a um kilometro do commando, na vertente oriental da Maxixe, com escoante para o Mutamba.

Nem melhor, nem sitio mais aprazivel. Bello ar; temperada a violencia dos ventos pelas collinas que nos tapavam o horisonte.

Arborisação sombreiante, abundando principalmente os cajueiros; o rio em frente, n'um dos pontos mais largos, e alastrando no maior baixo, permittindo pela longa distancia do canal, o uso de banhos, sem o perigo do tubarão. Affligia comtudo uma ideia; a falta de agua. Proximo do Mutamba um só poço, que um francez estupido e velhaco, um dos muitos parasitas de nossos haveres, tapou maldosamente. Eu tenho a certeza de que, pesquizando com cuidado, achariamos fatalmente agua boa e limpida e que não fosse a que os indigenas captam nos poços abertos na areia, durante a baixa mar. Infelizmente, largo tempo se perdeu a parlamentar com um dos funccionarios das obras publicas, que nem mesmo se deu ao trabalho de fazer sondagens, apesar de ter para esse fim apparelhos appropriados e ordens terminantes. Não nos prendendo já com mais cousa alguma e enfadados por havermos encontrado no funccionalismo do ultramar, sempre uma má vontade inexplicavel, e sempre envolvidos na emmaranhada teia das intrigas, que o *shunguana* tece a todo o instante, contentamo-n'os com a agua da praia, approveitando-a como os indigenas, e pensando n'aquella que as grossas e copiosas chuvas nos forneceriam. A agua dos poços da praia sae turva; mas passada no filtro de pedra de

Mossamedes para a limpar e em seguida filtrada convenientemente, tem um gosto regular, é leve e não prejudica a digestão. Eu analysei-a, como a todas as aguas de que os soldados fizeram uso, tratando-a pelo processo de Hager, tão simples e de tão certo resultado que não me posso furtar a explical-o.

N'um copo d'agua de grande capacidade, deitem-se 20 grammas de uma solução concentrada de tannino.

Deixem-se repouzar longamente os dois liquidos immiscidos.

Agua que se turve em menos de uma hora é agua immediatamente regeitada; suspeita, se a turvação vem ao fim de duas horas; boa, se a sua limpidez se conserva, passadas que sejam cinco ou mais horas.

Mas não basta que o exame simples descripto lhe assegure a virtude, é preciso ainda purifical-a, pela filtragem ou pela fervura.

Parte do material que servira á expedição de 1895, encontrei-o partido, especialmente no commando de Cumbane, onde contei abandonados e estragados vinte e tres filtros Mallié, bandeiras da cruz vermelha e algumas viaturas desmantelladas. Para o nosso acampamento de Goxane, descobrira eu no almoxarifado quatro filtros Mallié, que seriam bem bons filtros, se não fosse a sua pequena capacidade e o mau estado de suas torneiras. Eram elles insufficientes para o abastecimento de toda a companhia, sendo-n'os inexequivel a purificação da agua por meio do calor. Onde arranjar marmitas de grande capacidade, onde conseguir botijas de grès, para praticar o processo de Girard?

Se houvesse vasilhas de grande capacidade, ferver-se-hia toda a agua destinada ao consummo dos soldados, bater-se-hia e expor-se-hia ao ar durante algum tempo, pondo de parte a ideia de que falta nos fariam os saes mineraes, que entram na sua composição (Ponchet).

Ah! mas se houvesse o auxilio requerido tudo se conseguiria, sem nos abalançarmos a complicados e definitivos processos, como o seria o emprego do esterilisador da agua de Rouart, Genest e Herscher, tão dispendioso e de tão difficil transporte!

Mas bem se saneiariam as deficiencias que houve na correcção da agua, se possuissemos o filtro de campanha de Chamberland.

Tambem os medicos militares, como o fazem os

seus collegas austriacos, deviam possuir um apparelho de Boehr, barato, portatil e simples, com o qual se appreciam as quantidades de ammoniaco, de acido azotico, de chloretos, materias organicas, etc. (Plumerk, trad. gros).

Eu apontei aqui o processo de Hager, porque qualquer chefe de um destacamento isolado, o póde praticar sem necessitar de ouvir esclarecida opinião de profissional, tendo a certeza de que os seus soldados beberão boa agua e assim se premunirão, contra provaveis ataques de typho, de cholera, e de dysenteria, guarda avançada das biliosas hemoplobinuricas, prenuncio agoirento dos abcessos hepaticos, de que a agua de má qualidade póde ser causa essencial e primordial.

Toda a agua deve ser limpida e incolor, inodora, e levemente azulina, quando olhada em toda a sua massa.

Esverdeiamento do liquido, presença de materias organicas, sobretudo se em torno da sua superficie, se irisam circulos, e se inflam bolhas são signaes certos de gaz sulfidrico.

Calcarea é a agua que passa em margens com incrustações. Se o sabor é o da terra, é provavel que ella contenha alumina; se trava com amaro gosto, talvez elle lhe advenha da magnesia. Edulcora o paladar, se é rica em sulfato de cal; quando salitrosa nem cose legumes, nem solve o sabão.

Todo o expedicionario escolherá a agua onde pollule a fauna dos pequenos crustaceos e dos peixes; e onde virideça o agrião e a veronica.

Apartar-se-ha da agua, onde cresça o junco e boie o nenufar; e cohibir-se-ha de beber aquella em que só vivem algas e caniços.

Taes são as regras geraes da escolha da agua potavel, problema primordial, quer nas estações quer em marcha, visto que, é ella o primeiro alimento do soldado expedicionario.

Eduardo Pimenta,
Tenente medico.

BIBLIOGRAPHIA

«Elementos da Tactica das tres armas», por Fernando Maya, major de cavallaria, lente da Escola do Exercito.

E' com a mais viva e intensa impressão de agrado que se lê e se medita esta importantissima e utilissima publicação.

Para nós o livro do nosso velho e querido amigo Fernando Maya representa um verdadeiro triumpho da litteratura militar do nosso paiz.

E a gente não sabe o que ha de admirar mais, se a clareza da exposição e a orthodoxia da doutrina, se o methodo superior da urdidura da obra tão impolgante, tão valiosa, tão necessaria nas nossas estantes, que por demais se impõe a todos nós, officiaes, que consagramos, que devemos consagrar um culto devotado á nossa profissão, como anhelo supremo ao mais generoso, ao mais acariciador, ao mais radicado e justificado sentimento humano—o amor da patria.

Ainda nos sentimos dominados pelo encanto que nos produziu o estudo da «Tactica das tres armas.»

E não nos cega a velha amizade consagrada a Fernando Maya desde os bancos da Escola. Bem o sentimos. A nossa voz é apenas a da verdade e a da justiça.

O major Fernando Maya foi sempre um grande trabalhador, e o seu nome laureado impõe-se no meio do exercito como de um dos mais conscienciosos e eruditos escriptores militares do nosso paiz.

Mas a sua obra grande, o seu livro de mais largo folego, e, sobre tudo, de mais palpitante utilidade, é inquestionavelmente este, valorisado pela sua experiencia na cathedra, e em que transparece triumphantemente ao lado do escriptor e do erudito, o mestre.

Fernando Maya compendiando, resumindo methodicamente, com arte e engenho, dando corpo e forma ás lições da sciencia, aos ensinamentos da pratica, aos conselhos dos grandes capitães e ás lucubrações dos novos apostolos da sciencia moderna; Fernando Maya pondo a sua alma e a sua intelligencia nas paginas meditadas do seu valioso livro, deu-nos uma obra portugueza, escripta para o nosso exercito, util e indispensavel não só aos alumnos da nossa primeira Escola militar, mas a todos nós.

A *Tactica* que é a arte do combate, a causa efficiente da victoria, o principio da honra do exercito, a pedra fundamental em que deve assentar a gloria da nossa bandeira, foi cuidadosamente estudada n'este livro, não só sob o seu ponto de vista geral, como sob o aspecto admiravel do interesse particular de cada arma e é n'isto principalmente que encontramos o seu grande merito.

Se a infanteria é que dá direcção e unidade á tactica, precisa por isso mesmo, e precisa mais do que nenhuma outra arma, ter um completo e cabal conhecimento da tactica da cavallaria e da artilheria.

E este serviço incomparável acaba a nossa arma de receber do benemerito professor para quem todos os nossos agradecimentos são apenas pallidos reflexos do valor e da importancia em que temos tal serviço.

Livro escripto para o exercito portuguez avantaja-se a todos os livros estrangeiros que versam estudos tacticos, porque nenhum conhecemos que estude tão detalhadamente a tactica de infanteria, de cavallaria, de artilheria, que estude tão conscienciosamente a combinação das differentes armas, a organisação das grandes unidades e emfim a composição do exercito em campanha.

Enriquecida com valiosas citações dos mestres da litteratura militar dos grandes exercitos, como Lewal, Meckel, Langlois, Dragomiroff, Brongniart, general Berthaut, Banus y Comas, Rohne, Pierron, Lauth etc. etc., a «Tactica das tres Armas» affirma por todos os titulos um notavel progresso no nosso meio militar, e deverá talvez ser o inicio de um movimento de grande utilidade nacional, pela pratica mais conscienciosa da *tactica* na sua applicação ao campo da batalha.

Ao terminar o capitulo da tactica de artilheria diz o auctor: «de tudo o que fica dito, conclue-se incontestavelmente quanto interessa e quanto importa aos officiaes de todas as armas conhecerem a acção da artilheria, o seu funccionamento e emprego em campanha, e os effeitos dos seus tiros, para melhor poderem apreciar e tirar proveito do auxilio efficaz que no combate aquella arma presta ás outras, bem como estudar a melhor maneira de lhes evitar as consequencias e as resultantes, com relação á artilheria do inimigo.»

E na verdade assim é. Mas o que deve ficar bem presente no nosso espirito é que, se todos os officiaes carecem conhecer bem o funccionamento e emprego da artilheria em campanha, aos de infanteria esse conhecimento impõe-se por maioria de razão, e nenhum de nós será digno da honra de vestir uma farda quando, pela sua ignorancia, causar ou produzir perdas inuteis no campo de batalha.

E' esta por certo a maior responsabilidade moral que pode pesar na consciencia humana, e para a evitar nunca será de mais o estudo, nunca serão perdidos todos os esforços intellectuaes, todos os trabalhos na pratica de exercicios racionaes e conscientes.

Ainda sob este ponto de vista moral traz-nos o livro do major Fernando Maya grande consolação e grande esteio.

Sentimos sinceramente esta estreiteza de espaço que nos assoberba não permittir que possamos fazer tantas citações do livro quantas nos palpitam do meio d'essas paginas tão consubstanciosamente repletas da sã doutrina e de valiosos ensinamentos.

Se o fizessemos levariamos aos nossos camaradas a prova provada de quanta gratidão devemos ao auctor da *Tactica das tres armas* e do quanto esse livro interessa, principalmente a nós, infanteria.

Fazendo esta affirmativa não queremos dizer que o auctor dissesse a ultima palavra sobre o progresso da tactica da nossa arma.

Nem o auctor teve isso em vista, porque se cingiu, como

lhe cumpria, visto a sua qualidade de professor, á ordenança portugueza, como o seu objectivo foi *dar ideias geraes sobre os processos tacticos de cada uma das armas.*

Todavia, é certo, que procurou dentro d'essas ideias geraes aproximar e desenvolver tudo quanto é possivel n'um livro didatico, tudo o que modernamente se ha estudado sobre o assumpto, o que torna o livro na verdade interessante, actual e valiosissimo.

Fazemos um bom serviço a todos os nossos camaradas recommendando esta publicação.

«Reconhecimentos militares», por Antonio dos Santos Fonseca, capitão de infanteria n.º 15.

Todo o militar conhece a importancia dos reconhecimentos e o papel preponderante que elles teem desempenhado na solução de muitas guerras passadas.

Conhecendo esta importancia é facil de ver o interesse com que se deve ler um trabalho d'esta natureza.

Entre nós pouco, ou melhor, nada, ha escripto sobre este ramo de conhecimentos militares, mas o nosso amigo e collaborador, snr. Santos Fonseca, com o seu trabalho, veio preencher uma lacuna importante, com o que sentimos verdadeiro orgulho.

O nosso amigo, snr. Santos Fonseca, dividiu o seu trabalho em 4 capitulos.

No 1.º, com o titulo de «Considerações geraes» mostra-nos o seu auctor a importancia dos reconhecimentos militares, quer por meio de exemplos fornecidos pelas guerras passadas, quer pelas opiniões de tratadistas militares, taes como Lewal, Bronsart von Schellendorf, Soltik e outros, e mostra-nos tambem a necessidade de os executar frequentemente, não só para conhecer as modificações que a mão do homem realisa constantemente na superficie da terra, mas tambem para conhecer aquellas que são dividas aos agentes climatericos ou á propria natureza do solo, com o que o nosso amigo mostra vastos conhecimentos geologicos.

No capitulo 2.º «Especies de reconhecimentos» faz a classificação dos reconhecimentos em harmonia com o nosso regulamento de campanha e com as opiniões de auctores que teem feito estudos aprofundados d'este ramo de conhecimentos militares, taes como Lewal, e depois estuda cada um d'elles em separado frizando as questões de maior interesse com varios exemplos, o que torna esta parte muito instructiva.

No capitulo 3.º «Topographia dos reconhecimentos» apresenta os conhecimentos topographicos que são necessarios para perceber uma carta e fornece indicações indispensaveis para a orientação e para a avaliação de distancia, descrevendo varios telemetros.

Finalmente no capitulo 4.º «Tactica dos reconhecimentos» dá indicações precisas e claras e que sempre se devem ter em vista, para a execução dos reconhecimentos de maneira a poder ver *longe, depressa* e *bem.*

Assim temos dada uma pallida ideia d'este trabalho util e instructivo; util por tratar d'um assumpto de maxima importancia, e instructivo porque o nosso amigo confirma sempre as doutrinas com exemplos de guerras e opiniões de mestres, o que torna este trabalho deveras interessante.

Alem d'isso o estylo é claro e elegante e o trabalho está feito com muito methodo.

O conjunto de todas estas bellas qualidades que o livro encerra muito honram o snr. Santos Fonseca, porque umas mostram o seu saber, e outras as suas qualidades de trabalho e de intelligencia.

O nosso amigo e collaborador snr. Santos Fonseca além de prehencher brilhantemente uma lacuna importante, praticou uma obra meritoria, pois que o producto da venda do seu trabalho, excedente das despezas, reverte a favor do Instituto Infante D. Affonso. Por todas as razões recommendamos este livro aos nossos camaradas.

Agradecendo ao snr. Santos Fonseca a sua offerta pedimos-lhe que continue sempre com os seus trabalhos, porque bem hade honrar o exercito.

Recebemos tambem:

Portugal.

«*Revista Militar — Revista de Engenheria Militar — Revista do Exercito e da Armada — Annaes do Club Militar Naval — Revista Portugueza Colonial e Maritima — Tiro Civil e Relatorio e Contas do Centro Commercial do Porto.*

Estrangeiro.

Revue Militaire Universelle, França; *Revue du Cercle Militaire*, com um artigo intitulado *As tropas coloniaes portuguezas*, França; *Estudios Militares*, com uma noticia sobre a reorganisação do exercito portuguez. Hespanha; *El Porvenir Militar*, Republica Argentina; *Revista Militar*, Guatemala; *Revista d'el Club Militar*, Republica Argentina e *Diario Oficial d'el Ministerio de la Guerra*, Hespanha.

No proximo numero daremos aos nossos leitores uma noticia detalhada da notavel obra — **Téoria de la táctica**, de D. Casto Barbasán Lagueruela, capitão do exercito hespanhol, professor da escola superior de guerra e director dos «*Estudios Militares*», que o seu auctor nos offereceu e que desde já agradecemos.

SECÇÃO OFFICIAL

Resumo de ordens e circulares

(Continuado do n.º 6 do 3.º vol.)

—1899—

Junta de saude do ultramar. — Circular n.º 83 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 6 de dezembro de 1899.

Diz que de hoje em diante a junta de saude do ultramar passa a reunir todas as quintas feiras pelas 11 horas da manhã no deposito de praças do ultramar, á Junqueira, onde devem ser mandadas apresentar todas as praças requisitadas ou a requisitar para inspecção medica, a fim de irem servir nas provincias ultramarinas.

Reformados — relações de vencimentos. — Circular n.º 3420 da repartição de abonos e processos, de 6 de dezembro de 1899.

Determina, a fim de facilitar a virificação das relações de vencimentos das companhias de reformados:

Nas observações das relações de vencimentos deverá declarar-se a que corpos ou estabelecimentos as praças se acham addidas, o cargo que desempenham e os vencimentos diarios ou mensaes que por esses corpos lhes tem de ser abonados.

Quando as praças houverem sido reformadas em virtude da 8.ª das instrucções publicadas na ordem do exercito n.º 46 de 1890 (decreto de 16 de dezembro) far-se-ha nas respectivas observações, menção d'esta circumstancia.

As observações justificarão sempre os abonos extraordinarios feitos ás praças.

Os diversos vencimentos a que as praças tiverem direito serão descriminados e escripturados nas columnas respectivas, para que de prompto se conheça da sua natureza, procedendo-se da mesma fórma quanto ao abono do pão, cuja importancia deve ser mencionada na casa competente da recapitulação.

Verbas de passagem á 1.ª reserva, antes de terminar o tempo legal de serviço.

Ordem circular da 3.ª repartição do commando da 1.ª divisão militar, de 7 de dezembro de 1899.

Diz que em nota n.º 36 da secretaria da guerra de 6, se declara que é dispensavel no averbamento da passagem á 1.ª reserva nos termos do artigo 1.º do decreto de 4 d'outubro ultimo, o fazer-se menção d'este decreto.

Mestres de musica. — Circular n.º 19 da repartição do gabinete. de 9 de dezembro de 1899.

Diz que os mestres de musica devem usar nas barretinas as guarnições de cordão de ouro determinadas para os officiaes, não lhe sendo permittido o uso dos emblemas da arma nas golas dos dolmans.

Licenças nos termos do regulamento disciplinar. — Circular n.º 3240 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 14 de dezembro de 1899.

Diz que durante o periodo d'instrucção dos recrutas não são concedidas licenças nos termos do regulamento disciplinar aos officiaes arregimentados, não devendo por isso dar-se seguimento aos requerimentos dos officiaes n'aquella situação com excepção dos não combatentes.

Esclarecimentos sobre duvidas na execução do regulamento para organisação das reservas. — Circular n.º 668 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 19 de dezembro de 1899.

Diz:

1.º Não serão dados novos numeros de matricula ás praças da 2.ª reserva, que serviram nos regimentos d'infanteria e caçadores do exercito activo, como, aliás, se conclue das notas dos modelos 1, 3 e 17 do regulamento para a organisação das reservas do exercito, devendo sómente, na folha de registo, lançar-se a verba de que «pertence ao districto e regimento de reserva n...»

2.º As praças que se alistaram directamente na 2.ª reserva, nos extinctos 3.ºs batalhões dos regimentos de infanteria ou caçadores, conservam os numeros de matricula que tinham, addicionando-se-lhe a letra — R — e nas relações modelos 1, 3, 15 e 17 indicar-se-há qual o extincto 3.º batalhão em que se alistaram lançando-se na folha de registo a verba indicada no n.º 1.º

3.º A's praças que se alistarem ou vierem a alistar-se directamente na 2.ª reserva posteriormente á publicação da organisação do exercito de 7 de setembro ultimo, e que não foram escripturadas nos livros de matricula dos extinctos 3.ºs batalhões, serão elaboradas as folhas de registo e cadernetas nos novos districtos em que estiverem domiciliadas, e a que pertencerem, em conformidade com a circumscripção territorial publicada na ordem do exercito n.º 14 (1.ª serie) d'este anno, dando-se-lhe os numeros de matricula a partir de 1, com o addicionamento da letra R, lançando-se no logar competente, a verba de «que se alistaram no regimento de infanteria de reserva n.º ...» e conservam o numero de matricula até terem baixa definitiva.

Carta-itineraria da marcha da Columna de Operaçoes em Gaza

Julho a Agosto de 97

3.º Anno Agosto—1900 N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

A DIRECÇÃO GERAL DE INFANTERIA

Na ultima reforma do exercito levada a cabo pelo coronel snr. Sebastião Telles, reforma que sempre combatemos dentro dos limites impostos pela natureza e indole d'esta publicação, com toda a lealdade e com toda a franqueza, conscios que d'este modo bem serviamos o exercito em geral e a nossa arma em particular, houve uma determinação que muito particularmente feriu a infanteria, humilhando-a a mais não ser, aniquilando-lhe as suas nobilissimas aspirações de cooperar intellectualmente para a defeza nacional.

Tropas da arma sem mais nada ficamos nós... !

E ao então snr. ministro da guerra não lhe tremeu a mão ao lavrar essa sentença de morte moral á mais numerosa arma do exercito, á arma principal, áquella que consubstancia em si mesmo o proprio exercito, á unica arma que póde sósinha, desajudada, levar a sua resistencia na lucta desesperada pela defeza da patria ao ultimo extremo, chegando a vencer quando pareça esmagada.

E aqui está um dos grandes fundamentos porque todo o exercito alvejava uma aura fagueira que o arrancasse do meio de tantos desconcertos e de tantas e tão profundas e violentas convulsões onde imperava apenas um authoritarismo, tão desprendido das utilidades praticas, como insensato.

É aqui está uma das razões porque a entrada do snr. Pimentel Pinto nos concelhos da corôa foi acolhida em todo exercito, com o mais vivo contentamento, com o mais expontaneo sentimento de alegria que para logo se desbordou n'uma vivida esperança que, por Deus, não ha-de fenecer.

Esta situação verdadeiramente excepcional do actual ministro da guerra foi criada, foi, parece, cuidadosamente preparada pelo seu illustre antecessor; depois de tanto erro accumulado e de tanta affronta feita ao exercito, e principalmente á infanteria, todos appellavam para um homem que, com as suas sabias, judiciosas e acertadas medidas, fizesse desapparecer o grande descalabro em que o exercito foi lançado e o labeu deprimente para a infanteria, e todos, nas mais justas aspirações, viam o snr. Pimentel Pinto.

Tropas sem mais nada, temos direito a pedir e muito direito a esperar que nos entreguem a nós, infanteria, aquillo que nós devemos estudar, aquillo que nós devemos saber, aquillo em que só nós devemos ter interferencia, por ser da nossa especialidade, por ser da nossa competencia, por que muito presamos a nossa dignidade proficional, cuja honestidade, sem affronta, ninguem póde pôr em duvida.

E, por certo, não se fará esperar, n'esse trabalho de reconstrucção em que o snr. ministro anda empenhado, como já se viu nos primeiros actos da sua administração, o remedio para o nosso mal.

Tropas sem mais nada é uma designação affrontosa.

A creação de uma direcção geral de infanteria vasada em moldes novos, rasgadamente praticos e de comprovada utilidade, impõe-se como um necessario desaggravo á nossa arma.

E impõe-se ainda como uma das mais imperiosas necessidades do exercito para o seu bom nome e para a sua util preparação para a guerra.

Cabe a essa direcção geral, conjunctamente com o estado maior da arma, attribuições e deveres de tal magnitude, de tão assignalada importancia, de tão impreterivel necessidade, que a suppressão effectuada na ultima reforma do exercito, mais exprime uma ignorancia, que nunca se devia esperar da pessoa a quem tinham sido confiado o destino do exercito, do que, por certo, uma intenção mesquinha de nos arrancar toda a intellectualidade.

A' direcção geral da arma, pertence:

a) A instrucção do tiro;

b) O estudo dos fogos de guerra, na sua applicação á tactica de combate;

c) O estudo e construcção das carreiras e campos de tiro conjunctamente com a direcção geral dos serviços de engenharia;

d) A direcção e conservação das carreiras e campos de tiro, e bem assim a acquisição do respectivo material;

e) O estudo e a acquisição das armas portateis conjunctamente com a direcção geral dos serviços de artilheria;

f) A elaboração de regulamentos para as tropas da arma.

g) Equipamentos e fardamentos;

h) A escola central de sargentos;

i) As escolas regimentaes;

j) A escola central de gymnastica e esgrima;

k) As bibliothecas da arma;

l) Os serviços das reservas;

m) Tiro nacional.

O que já não é pouco e o que dá campo vasto para muito trabalho, muita iniciativa, e, sobre tudo, será origem para grandes beneficios nacionaes, porque o exercito, d'este modo, offerecerá garantias que sem este trabalho methodicamente organisado, nunca os poderia dar.

Nós, que alimentamos a esperança seductora de vêr em breve feita toda a justiça e estabelecidos os verdadeiros e judiciosos principios, porque conhecemos e avaliamos o valor e a comprovada competencia do nobre titular da pasta da guerra, muito folgaremos quando virmos preenchida esta lacuna, que humilha e que degrada.

Uma modificação importante ao regulamento das Reservas

O artigo 126.º do regulamento para a organisação das reservas, de 2 de novembro de 1899, determina aos commandantes dos districtos de recrutamento e reserva que levantem um auto em duplicado contra qualquer reservista que commetta alguma das infracções previstas nos artigos 118.º a 125.º do citado regulamento; isto é, contra todo aquelle que deixar de comparecer ás revistas de inspecção, que não apresente a caderneta á revista, que a arruine ou extravie; que deixar de apresentar os artigos do uniforme, que inutilisar ou extraviar esses artigos, etc., etc., sendo os autos enviados ao delegado do procurador regio para serem julgados em processo correccional.

Cada um dos artigos citados estabelece as penas (multas) correspondentes a cada uma d'aquellas faltas, variando a sua importancia entre 100 réis a 5$000 réis.

Exceptua-se a reincidencia, que póde ser aggravada com multa maior ou prisão correccional.

Acontece, porém, que o reservista que é chamado a prestar contas em juizo por ter infringido qualquer das disposições regulamentares não é, como parece deveria ser, condemnado sómente ao pagamento de uma pequena multa, mas é tambem condemnado na importancia de 1$500 a 2$500 réis para o individuo que o juiz nomeia para defensor e nas custas e sellos do processo.

D'este modo vem a custar cada policia correccional uma *bagatella* de 40$000 réis approximadamente.

Comparemos agora a responsabilidade que tem o individuo que deixa de comparecer a uma revista d'inspecção na qualidade de reservista com um outro que esteja servindo no exercito activo e faltou a uma formatura que foi annunciada em or-

dem regimental. A este applica-se-lhe umas guardas de castigo ou uns dias de detenção, perdendo, n'este caso, a terça parte dos seus vencimentos, cuja importancia deixa de ser recebida em dinheiro, mas dá entrada no fundo de fardamento e é lançada na sua conta corrente para indemnisação do debito de fardamento. A aquelle, que póde ser um dos que nunca passaram pelas fileiras, que desconhece absolutamente os seus deveres militares, e, portanto, não póde ter responsabilidade egual ao que está na effectividade, applica-se-lhe uma multa de alguns tostões, paga as custas e sellos do processo, e ainda como contrapeso dá mais 1$500 réis a um individuo que appareceu no tribunal na occasião do julgamento, e que o juiz arvorou em defensor, á falta de *gente*.

Tudo isto é extraordinario.

Vejamos agora o que diz o artigo 132.º do regulamento indicado:

«As praças da reserva durante as revistas d'inspecção e em todos os actos de serviço militar, estão sujeitas ao regulamento disciplinar.»

§ 1.º «Os commandantes dos districtos de recrutamento e reserva teem competencia para applicar aos reservistas, pertencentes aos respectivos districtos, as penas disciplinares.»

Porque será que os commandantes dos districtos de reserva só teem competencia disciplinar para punir os reservistas por qualquer infracção commettida durante a revista de inspecção, e não hão de tel-a para punir os que faltam a essa revista?

A falta de cumprimento de um dever militar não será, por ventura, uma transgressão disciplinar?

Se é, como creio, que necessidade ha em recorrer aos tribunaes, quando o regulamento disciplinar confere uma elevada competencia aos commandantes das differentes unidades?

O actual systema de punir os reservistas não tem razão de existir; convem, pois, que se supprima o artigo 126.º do regulamento de 2 de novembro de 1899, e que os commandantes dos districtos de recrutamento e reserva possam applicar as penas de multa designadas nos artigos 118.º a 121.º e 125.º d'esse regulamento.

Das alterações que acabo de indicar resultam grandes vantagens para a Fazenda Nacional, que arrecada annualmente algumas centenas de mil réis, e para os districtos de reserva, que deixam de fazer uma grande despeza na compra e impressão de muitas resmas de papel que se consomem nos autos, e economisam alguns dias de trabalho.

E, sobretudo, ganha a moralidade, porque o processo correccional é abafado e portanto fica no papel apenas a punição de uma falta prevista na lei, ou não é, e o pobre reservista paga custas e sellos, que tornam a multa desproporcionalmente carregada e quasi sempre desproporcionalmente injusta por incidir sobre a miseria.

Poderá parecer á primeira vista esta questão pouco importante, mas quem a attentar um pouco vê que ella bem merece ser meditada, pela economia de tempo, de trabalho e de dinheiro que trará para a Fazenda e para os districtos de reserva.

Da parte do nobre titular da pasta da guerra, que tão sol-

licito se tem mostrado sempre em aperfeiçoar todos os serviços do exercito, esperamos que altere essas disposições, porque, alem de serem por vezes immoraes, não estão em harmonia com os preceitos e attribuições militares, como já vimos.

J. C. S.

Additamento á exposição fundamentada das modificações a fazer na culatra movel da Mannlicher, propostas pelo capitão de infanteria, Alberto Vergueiro.

Tendo encontrado outra solução, que julgo mais completa, para realisar os melhoramentos que me propuz fazer na culatra movel da Mannlicher, submetto ao exame da digna commissão encarregada da escolha da melhor arma para a nossa infanteria, um outro modelo, por mim modificado, com as seguintes breves explicações.

A nova disposição baseia-se nos seguintes principios:

1.º—A cabeça movel póde receber movimento de rotação, quando a culatra se acha fóra da respectiva caixa, e o percutor participar d'esse movimento;

2.º—A cabeça movel e o cão não podem receber movimento de rotação, quando a culatra se acha installada na respectiva caixa, e apenas podem, bem como o percutor, ter movimento de translação.

Corollario.—Montada devidamente a culatra segundo o primeiro principio, manter-se-ha solidamente em virtude do segundo.

As disposições a tomar para utilisar estes principios são as seguintes:

Praticar duas facetas paralellas na rosca do percutor;

Permittir que o percutor gire dentro do cão, quando se queira;

Escaletar a porca, transformando-a em nóz, a fim de ser possivel roscal-a na extremidade do percutor por um simples quarto de volta;

Munir a nóz e o cão de saliencias e reintrancias que obstem á rotação d'aquella;

Obter que a cabeça movel entre sempre do mesmo modo na guia do percutor por meio de uma disposição especial.

Posto isto, a montagem e desmontagem effectuam-se do seguinte modo:

DESMONTAGEM

Segura-se a culatra, firmando o dedo polegar no *punho* e o index na *nóz;* volta-se a *patilha* para a posição de *descansar-cão,* e faz-se em seguida mover a *cabeça movel* para a esquerda até que a sua *saliencia-guia* coincida exactamente com o *travador de recuo* mais proximo; depois volta-se a *patilha* para a posição de *preparar,* o que dá logar a poder sair immediatamente o *cão* com o *fecho de segurança* e a *nóz;* em seguida move-se a *cabeça movel* mais um quarto de volta para a esquerda, a fim de a fazer sair do *ferrolho* conjunctamente com o *percutor* e respectiva *móla,* o que naturalmente se obtem pela força d'esta.

MONTAGEM

Enfia-se a *mola real* no *percutor* e a *cabeça* movel na *guia do percutor,* e tudo, assim preparado, introduz-se no *ferrolho,* fazendo-se em seguida girar a *cabeça movel* para a direita até que a sua *saliencia-guia* coincida exactamente com o *travador de recuo* mais proximo; enfia-se o *fecho de segurança* e a respectiva *mola* (se a houver) no *cão,* ficando a *patilha* na posição de *preparar,* e fazem-se entrar no *cão* os *pernos da nóz,* e tudo, assim disposto, enfia-se no *percutor* de modo que o *dente de armar do cão* fique no respectivo *alojamento* que se acha no *ferrolho;* prime-se depois a *nóz* contra o *ferrolho* com o dedo indicador n'esta e o polegar no *punho,* e volta-se a *patilha* para a posição de *descansar-cão;* em seguida faz-se mover a *cabeça movel* para a direita até não poder mais, e volta-se a *patilha* para a posição de *preparar.*

Menmonica. Para introduzir ou fazer sair o cão e mais peças a elle ligadas, achar-se-ha sempre a *patilha* na posição de *preparar,* e a *saliencia-guia da cabeça movel* em coincidencia com o *travador de recuo;* para roscar ou desarroscar a *nóz,* por intermedio da *cobeça movel,* a *patilha* achar-se-ha sempre na posição de *descansar-cão.*

D'esta nova disposição resulta:

1.º—A culatra achar-se-ha nas mesmas condições de resistencia ao tiro que o modelo regulamentar. A folga existente entre o cão e a nóz, no modelo que envio, é apenas devida ao passo do parafuso actual, mas, se esse passo fôr de 0m,002, e melhor de 0m,003, a folga deixará de existir, o que não executei por falta de meios e de tempo Os filetes interrompidos podem ser em numero variavel e deseguaes, tomando um passo progressivo, o que é perfeitamente pratico, mas que tambem não executei pelos mesmos motivos. Devo dizer mais que o emprego de filetes interrompidos não enfraquece a fixação do systhema, por isso que esses filetes apenas supportam a força da mola de percussão, e sabido é, além do exemplo da Mauser, que uma disposição semelhante é empregada para a obturação das peças de artilheria;

2.º—As condições de segurança serão perfeitas;

3.º—A móla real achar-se-ha sempre egualmente tendida,

logo que se empregue o passo conveniente ou um passo qualquer progressivo;

4.º—Para a montagem correcta da cabeça movel precisa adoptar-se uma disposição egual ou semilhante á que propuz na minha primeira exposição e que se funda no principio da dissymetria. Póde tambem empregar-se uma disposição tal que, satisfazendo a este principio, impedirá por completo a quéda da cabeça movel, para o que esta entrará ou montará de lado no percutar e a qual disposição não executei por a julgar pouco necessaria e, principalmente, por falta de tempo e de meios;

5.º—A móla do fecho de segurança póde ou não supprimir-se, sendo eu de opinião que a sua suppressão não apresenta inconveniente algum pratico, visto que o fecho de segurança terá toda a estabelidade na posição de descansar-cão pela força da móla, e, na posição de preparar, o peso da patilha e a fórma da haste do dito fecho, sobrepondo sobre o ferrolho, serão sufficientes para lhes garantir uma posição definida, sem prejudicar o manejo da culatra. Pelo contrario, esta móla é essencial na Mannlicher actual, a fim de obstar ao desarroscamento da porca do percutor, e o mesmo succede na Kropatschek.

6.º—O semi-annel do fecho de segurança representa apenas uma conveniencia para a montagem, impedindo a rotação do precutor, e não uma necessidade para o tiro, em que não desempenha papel algum importante, visto que nem o percutor nem o cão, n'estas condições, pódem ter movimento de rotação, estando a posição do cão assegurada pelo entalhe no ferrolho e pela força da móla real sempre que se maneja a culatra;

7.º—A existencia da cabeça movel torna-se vantajosa n'este systema, porque desapparecem os seus grandes inconvenientes:—esquecimento ao montar e quéda possivel quando o ferrolho se acha fóra da caixa da culatra – ficando, portanto, positivas as suas grandes vantagens:—facil substituição, não permittir que o cão se desloque do entalhe de armar, exercer uma acção mais suave e regular sobre a base do cartucho e não ter necessidade de rebordo para amparar o cartucho, pois é bastante e melhor a saliencia actual, quer para receber o cartucho quer para o extrahir. Poder-se-ha ainda dizer que a cabeça movel póde perder-se, mas este principio deve applicar-se a qualquer peça essencial da culatra, isto é, sob este ponto de vista, a melhor culatra será a que dispozér de menos peças essenciaes e menos frageis. Contra a cabeça movel poderá tambem argumentar-se que não resiste tão bem como o ferrolho ás pressões extraordinarias que possam desenvolver-se na camara, mas tal supposição será errada por isso que os factos attestam que ella resiste perfeitamente, dada a sua fórma actual, e que, dada a fórma para o cartucho de rebordo reintrante, estalará analogamente como succede na Kropatschek, o que, por consequencia, muito encarece a sua qualidade de facil substituição, não me recusando a apresentar provas materiaes do que avanço;

8.º—A guia do percutor nunca poderá bater no fundo da fenda da cabeça movel, exercendo assim uma acção nociva sobre o respectivo grampo e sobre a correspondente ranhura circular do ferrolho, como acontecerá quando houver volta a menos pelo emprego da porca vulgar;

9.º—A montagem e desmontagem serão sempre faceis e

correctas, tendo a particularidade de nem ser possivel apoiar a porta do percutor para as effectuar, podendo admittir-se que de tal apoio resultará algumas vezes deformação, dadas as condições excepcionaes de campanha e a natural rudeza de algumas das peças.

10.ª—Finalmente, conserva todas as boas qualidades da culatra da Mannlicher, e não soffre, dentro da respectiva caixa, a menor irregularidade que prejudique o seu manejo e resistencia ao tiro.

Por ultimo, tenho novamente a communicar á illustrada Commissão, encarregada da escolha da melhor arma para a nossa infanteria, que o modelo por mim apresentado se acha em más condições de fabrico, estando o cão fendido por motivo da temperatura, pois não sou constructor de armas, mas que, no entretanto, a culatra, que envio, se póde prestar a quaesquer experiencias, que eu mesmo executarei se a commissão assim o determinar, visto que os principios de que me servi para a modificar me merecem obsoluta confiança.

Tenho tambem a rogar á Commissão se digne informar-me de qualquer duvida que se possa offerecer, visto que eu, por motivo de saude, não posso apresentar pessoalmente este novo producto do meu trabalho.

Alberto José Vergueiro,
Capitão de infanteria.

Fogo por descargas e fogo individual

(Continuado do n.º 7 do 3.º vol.)

A primeira qualidade que se deve procurar em qualquer especie de fogo é certamente a efficacia, mas é indispensavel que esta resulte, ou da simplicidade de execução, ou de uma pratica desenvolvida, para que possa obter-se de modo certo sobre o campo de batalha.

D'estas duas condições, simplicidade de execução e pratica sufficiente, a primeira seduz mais n'uma epoca em que o serviço militar de curta duração não faz crear já a rotina necessaria para o momento do perigo, e, para egual efficacia, é sem duvida muito preferivel á segunda.

Examinemos, pois, sob o duplo ponto de vista da efficacia e da simplicidade, os fogos regulamentares, e procuremos aquelle que melhor satisfaz a estas duas condições. Quando o tivermos determinado, tentaremos fazer comprehender que *unicamente* esse é necessario e sufficiente.

*
* *

O regulamento de 22 de maio de 1895 prescreve tres especies de fogos (n.os 119, 120, 121): por descargas, á vontade e vivo, e accrescenta que os dois primeiros se empregam conjunctamente ás grandes e medias distancias, e os dois ultimos ás pequenas. Na discussão que vae seguir-se, respeitaremos esta convenção do regulamento e compararemos só na sua zona respectiva as duas especies de fogos que n'ella se encontram em concorrencia.

O fogo de repetição não tem logar na classificação precedente, porque não constitue um genero de fogo especial. A repetição, com effeito, não é mais do que um orgão do carregamento da arma, destinado a diminuir a duração de um tempo morto na execução dos fogos, e não haveria razão para considerar o seu emprego como caracterisando exclusivamente um fogo mais rapido do que o fogo vivo.

O que caracterisa uma especie de fogo não é o modo de carregamento da arma, mas sim a maneira de atirar; ora, depois de se ter carregado para repetição, não poderia atirar-se por outra fórma senão por descargas, á vontade ou rapidamente. Querendo, pois, haveria fogos por descargas em tiro simples e de repetição, fogo á vontade e fogo vivo tambem em tiro simples e em tiro de repetição, mas o que não póde haver é fogos de repetição propriamente ditos.

EFFICACIA

Se se tratasse apenas de procurar a efficacia do tiro, a questão que nos occupa ficaria promptamente resolvida, pois que bastaria attender ás numerosas experiencias que têem sido executadas para tal fim e cujos resultados são absolutamente concludentes.

E' evidente que fazendo variar em certa proporção a velocidade e justeza do tiro, podem obter-se effeitos uteis differentes; é evidente tambem que a propria natureza do fogo favorece mais particularmente um ou outro dos dois factores do effeito util e que se deve preferir a especie de fogo que permitte realisar a melhor combinação.

Antes de ir mais longe, notemos que a velocidade do tiro póde exprimir-se por dois modos: ou pelo numero de balas arremessadas n'um minuto, ou então pelo numero de segundos empregados em consumir uma determinada quantidade de cartuchos.

E' esta a verdadeira velocidade pratica com um armamento que permitte disparar por cada minuto um numero de tiros relativamente consideravel; é ella que proporciona um effeito util racional, baseado principalmente n'uma economia de tempo. E' esta a que adoptaremos e é este effeito util racional que nos servirá de termo de comparação.

Se consultarmos o relatorio das sessões praticas de tiro, executadas em 1899 em presença dos officiaes superiores reunidos no campo de Châlons, veremos que:

A 1000 metros:—8 descargas, representando o consumo de 400 cartuchos, deram um effeito util de 0,96; 8 fogos á vontade, representando o mesmo consumo, produziram um effeito util de 1.09.

A 1400 metros:

8 descargas, representando o consumo de 400 cartuchos, deram o effeito util de 0,414

8 fogos á vontade, representando o mesmo gasto de munições, produziram um effeito de 0,60;

A 350 metros:

14 sessões de fogo á vontade, de 2 minutos de duração cada uma, deram o effeito util de 3,1;

14 sessões de fogo vivo, de egual duração cada uma, produziram um effeito de 2,2.

Estes resultados são evidentemente o fructo de uma experiencia limitada; mas como vêm confirmar os resultados anteriormente obtidos na Escola normal de tiro, são absolutamente dignos de fé e permittem vêr claramente que com o fogo á vontade se obtem, a todas as distancias, a maior efficacia.

SIMPLICIDADE DE EXECUÇÃO

A' efficacia, porém, deve reunir-se, como dissemos, a simplicidade de execução; qual é, pois, das tres especies de fogos regulamentares a mais simples de executar?

Enunciar a questão é resolve-la, porquanto a simples denominação de fogo á vontade indica que esta especie de fogo se executa como o atirador quer, isto é, com um minimo de exigencias. Por outro lado, não reclama um ensino especial, e os soldados, habituados desde o começo da instrucção ao tiro individual, encontram-se perfeitamente preparados para o executarem.

E, pois, incontestavelmente a mais simples das tres

Mas, estudando a simplicidade de execução, é necessario considerar não só a parte que diz respeito ao soldado, como attender tambem á do official, cujo papel se manifesta pela direcção do fogo, isto é, pela regulação e rectificação do tiro, concentração do fogo, ascendente do commando e direcção do consumo de munições.

Para brevidade da discussão, em logar de examinarmos como se comporta cada um dos tres fogos regulamentares em presença d'essas differentes exigencias, continuaremos este estudo, investigando se o fogo á vontade, que até aqui deu os melhores resultados, tambem permitte assegurar, em condições satisfactorias, a direcção do fogo.

Regulação e rectificação do tiro.—As idéas sobre regulação do tiro hoje dominantes nos centros officiaes, não são já tão absolutas como ha alguns annos; foi forçoso capitular ante o raciocinio e ante o exemplo dado pelos estrangeiros.

Diremos desde já que esta questão não tem razão de ser senão quando a infanteria não dispõe de tempo nem de meios para medir as distancias.

Sempre que na defensiva houver tempo para effectuar esta medição, ou que na offensiva se dispozer de um instrumento

pratico para a avaliação, a utilidade da regulação em alcance, a unica difficil, terá deixado de existir, arrastando comsigo a suppressão d'essa operação, sempre delicada para todas as especies de fogos.

A' falta d'esse instrumento, tinham-se adoptado, ha alguns annos, os processos usados pela artilheria de regulação pela forquilha (1), mas reconheceu-se depois que com a espingarda este modo de regulação constitue um processo de polygono, que não é applicavel ao problema geral do tiro do campo de batalha.

Para a infanteria torna-se necessario um modo de operar prompto e facil; o methodo da forquilha é lento, pois que se procede por tentativas, e difficil porque se baseia na observação, raras vezes possivel, dos pontos de chegada dos projecteis; é ainda impraticavel debaixo de fogo, por isso que reclama uma grande justeza de tiro, impossivel de obter das tropas nacionaes, tão impressionaveis sob o fogo do inimigo.

Pensa-se actualmente que para satisfazer ás necessidades de um combate subito e immediato, que é o caso geral na guerra é preciso apreciar as distancias á vista, e que, para corrigir os erros de apreciação inevitaveis com este processo, se deve atirar usando de differentes alças para as distancias superiores 800 metros, porque para além d'esta os erros medios de apreciação á vista tornam quasi nullos os resultados do tiro.

A consequencia d'esta evolução de idéas é que convem eliminar do regulamento de tiro a parte de uma phrase n'elle introduzida quando o methodo de regulação pela observação dos pontos de chegada tinha toda a acceitação: «Os fogos á vontade são de uma regulação mais difficil que os fogos por descargas (n.º 120).»

Essa evolução attinge, ao mesmo tempo e sobretudo, a questão da rectificação do tiro, baseada exclusivamente na observação dos pontos de chegada dos projecteis.

Convém, pois, supprimir tambem no regulamento este argumento em favor das descargas: «Os fogos por descargas permittem rectificar o tiro pela observação dos pontos de chegada (n.º 119).»

Esta suppressão parecerá sem duvida melhor justificada depois de se conhecer o que se segue:

---

(1) Na regulação do tiro da artilheria, diz-se que se determina a forquilha quando, empregando o fogo por peças ou as salvas por secção e ainda por bateria, se chegam a obter sobre um alvo, e com alças differindo em geral 50 ou 100 metros, dois tiros, um curto, outro comprido ou além do alvo.

A alça que assim se determina é a chamada *alça de prova*, que póde ser qualquer dos limites inferior ou superior da forquilha, ou a média d'esta.

Por uma serie de 6 ou 8 tiros se modifica depois convenientemente aquella alça, corrigindo-a até se obter um tiro efficaz e portanto a alça definitiva.

(Nota do trad.)

Se se admitte, d'accordo com as instrucções ministeriaes de 10 de março de 1899 *(Principaes observaçõss deduzidas das manobras do outomno em 1898)*, que o fogo á vontade se impõe a partir de 800 metros, e se nos lembrarmos que é tambem a partir d'esta distancia que se torna necessario empregar differentes alças, vê-se que todos os fogos por descargas serão hoje executados com duas alças pelo menos.

Ora, com alças combinadas, as descargas produzem tal dispersão que, quando se observam, dão a apparencia de um immenso rasto. E' sobre uma profundidade de 600 a 700 metros, no minimo, que uma descarga executada com duas alças espalha as balas do seu feixe, do que resulta que estas balas não chegam simultaneamente ao terreno, mas successivamente, como no fogo á vontade, e que a apparencia das duas especies de fogos tende a confundir-se cada vez mais ás medias e ás grandes distancias.

Podemos, pois, admittir que hoje, no problema geral do tiro do campo de batalha, a regulação pela observação dos pontos de chegada dos projecteis e a rectificação do tiro constituem processos de um emprego muito incerto, e que quando a elles se recorra, o fogo por descargas não satisfaz melhor para tal fim do que o fogo á vontade.

(Continúa).

Trad. de

Pacheco Simões,

Capitão de infanteria.

INSTRUCÇÃO DOS QUADROS

O verdadeiro conhecimento da cynematica e dynamica da mechanica militar, a melhor forma do nosso espirito experimentar a verdadeira comprehensão ou antes, a verdadeira convicção de que toda a pratica dos serviços militares, para os applicarmos ás differentes e complicadas operações da guerra, é sempre insufficiente, só se adquire com os exercicios militares.

Assim o comprehendem todas as nações poderosas, e que cuidam da sua instrucção militar com o maior interesse, em vista da impossibilidade do desarmamento geral.

Cada vez se confirma mais a opinião que *Shopenhauher* formulou a respeito dos homens, quando lhes cha-

mou «animaes ferozes domesticados pela civilisação», e volta nas suas theorias querendo ser «um animal aperfeiçoado, e nunca um Adão degenerado».

Desde que está demonstrado pela experiencia de todos os dias, a necessidade dos exercitos permanente e não tendo todos os estados as mesmas condições financeiras para possuirem as melhores machinas de guerra, tenhamos ao menos o nosso exercito ainda que reduzido, mas instruido.

Basta boa vontade e comprehensão verdadeira do perigo que póde ameaçar-nos.

Luthero afiançava «que é mais para temer o effeito da ignorancia n'um povo, do que as armas do inimigo», e Napoleão, para completar esta asserção dizia: «Um estado não adquire officiaes capazes, se não cuidar da instrucção e da protecção das sciencias.

A supremacia da Prussia certamente que não teria logar se tivesse uma população com 80% de analphabetos. A instrucção militar, tanto individual como collectiva, está prescripta pelos nossos regulamentos militares e, pela forma como estão estes elaborados, chegam mesmo a ser um primor de concepção mas temos sempre o argumento: *não ha soldados!*

Para que a nossa instrucção militar estivesse ao par da dos exercitos modernos e bem organisados, foram criadas umas instrucções theorico-praticas e umas outras para os exercicios de quadros, muito proficientemente desenvolvidas, e que são mais uma gloria, para quem as elaborou, mas o seu cumprimento é que infelizmente caducou muito cedo.

Assim temos alguns d'esses exercicios e apesar do seu resultado não ser tão proveitoso, como seria para desejar, cuja causa vae ligar-se com outras em que não podemos bulir, em todo o caso ficamos com a convicção da sua incontestavel utilidade.

Como resultado d'uma boa instrucção, quer por meio das escholas militares, quer por meio dos exercicios de tropas, diz Verdy de Vernogo «que o official adquire as seguintes qualidades de commando»;

«A faculdade de tomar resoluções immediatas».

«A faculdade de as communicar aos outros nitidamente».

«Dirigir as tropas pelo melhor meio, segundo o fim que ha em vista».

«Finalmente, todas as qualidades de caracter necessarias, para dispender da melhor fórma as suas energias».

Os conhecimentos que os diversos quadros adquirem nas escolas, completam-os na grande escola pratica—o regimento,—quando (como dizia o nosso illustre general João Chrysostomo) «haja um bom mestre e oito monitores».

Depende do bom mestre a regulação dos exercicios e se elle não os regular, com a sua iniciativa, se não fôr um bom machinista, que trate de prover ás multiplas necessidades e complicações da engrenagem, verificando com exercicios bem elaborados o seu funccionamento; será depois, na hora do perigo, quando quizer pôr a machina a trabalhar com a maxima efficacia, que soffrerá as consequencias de consentir que a machina fosse empregada em serviço differente d'aquelle para que foi criada, ou que estiveses muito tempo em repouso. Exemplifiquemos.

Um graduado vae commandar uma fracção de tropas. Se estiver bem exercitado nas vozes de commando, os movimentos serão rapidos, não havendo perda de velocidade em hesitações de vozes, como acontece algumas vezes em que os soldados andam n'uma contradança, sem saberem se estendem em atiradores para a direita ou para a esquerda.

A par d'este muitos outros casos poderemos citar.

O resultado é facil de vêr, pois sabemos que uma machina é tanto mais vantajosa, quanto mais depressa executar um certo trabalho. A energia potencial deverá transformar-se em energia cynetica sem perda de tempo, e esta será grande se se tiver dispendido um trabalho proporcional.

Logo que em algumas engrenagens haja uma causa que altere a velocidade, a energia perde-se e o machinista para quem são sempre todas as responsabilidades, lamentar-se-ha depois por não prever a tempo o perigo em que poderia encontrar-se.

As responsabilidades são egualmente grandes para todos, por isso a boa vontade deve ser tambem egual.

Não precisamos lançar mão a toda a hora do argumento: *não ha soldados, como ha de haver instrucção?*

Nem tem resposta um motivo que temos a certeza

que é um tanto ardiloso, pois do contrario envolvia ignorancia.

Ponhamos mesmo de parte, devido ás nossas condicções financeiras, algumas das considerações que faz Dragomiroff, quando diz: «Na infanteria o exito pertencerá ao adversario que possuir a melhor instrucção de tiro, a mais severa disciplina do fogo e a melhor intendida direcção, preponderancia e superioridade na acção do fogo, viabilidade e rapidez das formações para surprehender o inimigo.

Limitemo-nos a uma judiciosa instrucção dos quadros que é a mais economica, e das mais importantes.

A estes cumpre formar o soldado, instruindo-o, disciplinando-o, mostrando-lhe os principios do dever e da honra, comprehenderem rapidamente da maneira mais lucida as differentes situações, procedendo em harmonia com ellas, o que se adquire facilmente com os habitos de commando nos varios exercicios praticos.

São bem numerosos os exercicios onde o official póde applicar a sua actividade, estudando varias questões importantes e bem necessarias em todas as occasiões.

Olhemos, pois, para este assumpto com toda a attenção.

João A. C. dos Santos,
Alferes de caçadores n.º 2

Algumas considerações sobre o artigo 188.º e § unico do codigo de justiça militar

O artigo do codigo que nos serve de epigraphe diz o seguinte: «Em todos os crimes mencionados n'este capitulo, com exclusão do previsto no artigo 185.º, quando o valor do furto ou do prejuizo realisado fôr inferior a 2$500 réis, será o delinquente punido disciplinarmente.

§ unico. No caso do artigo 185.º observar-se-ha esta mesma disposição quando o valor do furto fôr inferior a 500 réis.»

Segundo nos parece, da redacção d'este artigo se conclue que existe sempre crime, seja qual fôr o valor do furto ou o do prejuizo realisado, e se não bastasse a sua redacção para tal affirmativa, um breve raciocinio nos levaria a esse convencimento.

O artigo 184.º diz: «O militar que fraudulentamente subtrahir dinheiro, documentos ou quaesquer objectos pertencentes ao estado ou a outros militares será condemnado:

1.º . . . . . .

2.º . . . . . .

3.º . . . . . .

4.º A prisão militar ou incorporação em deposito disciplinar se não excedendo 10$000 réis, fôr comtudo superior a 2$500 réis.»

O artigo 185 diz: «O militar que, na casa em que estiver aboletado, fraudulentamente subtrahir dinheiro, documentos ou quaesquer objectos, será condemnado:

1.º . . . . . .

2.º A prisão maior cellular de dois a oito annos, ou em alternativa, a degredo temporario, se aquelle valor não excedendo a 50$000 réis, fôr, comtudo, superior a 500 réis.

Supponhamos, por hypothese, que não existia a doutrina do artigo 188.º e seu § unico.

O militar que commettesse um furto no valor inferior a 2$500 réis no caso do artigo 184.º, e superior a 500 réis no caso do artigo 185.º, commetteria uma transgressão disciplinar, pois que infringia o dever militar n.º 10, que por não estar previsto no codigo, segundo a hypothese formulada, conforme a doutrina do artigo 5.º do regulamento disciplinar, seria por consequencia uma infracção de disciplina: logo, devemos concluir que a existencia do artigo 188.º e seu § unico é para estabelecer que ha sempre crime, qualquer que seja o valor do furto.

A doutrina do § unico do artigo 6.º do regulamento disciplinar do exercito não nos parece ter aqui applicação, pois que ella só accidentalmente, e em casos muito particulares, é que modifica a natureza do crime, e o furto de 500 réis a 2$500, segundo os artigos 185.º e 184.º do codigo de justiça militar, podem ser praticados fóra da doutrina do § unico do alludido artigo 6.º.

Além das considerações acima expostas o codigo penal ordinario, no seu artigo 421.º, estabelece como crime todo o furto, independente do seu valor, ora não seria rasoavel que o codigo de justiça militar o tornasse menos grave, pelo facto de ser feito a militares ou ao estado.

Provado como fica o furto, praticado nas condições do artigo 188.º e seu § unico, constitue um crime, embora punido disciplinarmente, não restará duvida que se deverá instaurar auto de corpo de delicto, em harmonia com o artigo 49.º do regulamento para a execução do codigo, que diz: «Por qualquer modo que se revele o conhecimento de um crime, proceder-se-ha sempre á formação do corpo de delicto. Os agentes de policia judiciaria militar observarão rigorosamente as disposições especificadas nos artigos 331 e 332 do codigo de justiça militar».

E se não bastava a doutrina do artigo que acabamos de apontar, bastaria considerar que se para punir o crime de furto na importancia superior a 2$500 réis, no caso do artigo 184, e superior a 500 réis no caso do artigo 185, se levanta auto de corpo de delicto, isto é, dá-se todas as garantias ao individuo accusado, por certo seria menos justo não dar aos accusados de furtos de menor importancia essas mesmas garantias.

Levantado o auto de corpo de delicto pelo crime de furto previsto no artigo 188.º do codigo de justiça militar a quem compete punil-o?

O artigo 451.º diz: «Quando as questões sobre a culpabilidade fôrem julgadas provadas, o conselho fixará a pena, ainda que o facto incriminado pertença por sua natureza á jurisdicção disciplinar». N'este caso a pena será imposta dentro da competencia disciplinar do ministro da guerra e produzirá sómente os effeitos que competem ás punições disciplinares.

O artigo 348, no seu n.º 4.º, diz: «Prover na forma dos regulamentos disciplinares se entender que os factos constantes do processo constituem crime a que corresponda simples pena de multa, infracção de disciplina ou contravenção de policia sujeita á jurisdição disciplinar, declarando-se assim por despacho fundamentado nos autos. (Attribuições dos generaes de divisão).

Qual dos dois artigos tem applicação?

O furto praticado nas condições do artigo 188 é uma contravenção sujeita á jurisdição disciplinar (embora constitua crime), quem os deve punir?

O general de divisão dentro da sua competencia, ou o conselho de disciplina dentro da competencia do ministro da guerra?

O que se póde affirmar é que os individuos incriminados no artigo 188.º e seu § unico não estão sujeitos á acção disciplinar dos commandantes dos corpos.

Note-se que o que concluimos com respeito ao furto, tem inteira applicação a todos os factos previstos no capitulo 2.º do codigo de justiça militar quando incursos no referido artigo 188.

O que acabamos de expôr representa a opinião d'um incompetente em assumpto de direito criminal militar, comtudo, apresentamos esta ponderação ao exame dos benevolos leitores d'esta Revista.

A. L. de S.

NOTAS DE UM EXPEDICIONARIO

1897—1898

Eu tenho uma confiança absoluta no filtro Chamberland, embora haja quem lhe prefira o filtro austriaco de Frederico Kreyer, de algodão d'amiantho; e que evitaria a formação das colonias de microbios que germina-

riam dentro d'elle, uma vez atravessada pelos myceliums a parede porosa das suas vellas.

Toda a critica contra o filtro Chamberland, antes visa as difficuldades da sua conservação e limpeza, do que ao real serviço que elle presta na purificação das aguas.

Cada agrupamento de quinze velas é o necessario ao abastecimento da agua para uma centuria; e a limpeza d'ellas facilmente se assegura, encarregando um homem, de, em periodos largos, ferver as velas em agua acidulada com vinagre e mais amiudadas vezes, subtrahir-lhes o deposito que sobre ellas se fórma, por meio das escovas de André..

A agua dos poços da praia da Maxixa deveria ter sido bebida depois de um largo arejamento; mas é quasi impossivel minorisar no soldado a sofreguidão. Inconsciente com que, procura a todo o momento, dessedentar-se. Tambem nada se perderia em a acidular levemente, com 60 centigrammas d'acido tartarico ou citrico por cada litro.

Falhou completamente a limpeza dos poços da praia; e é claro que, assim, na agua deveria haver, infectando-a, cadaveres de bactraquios, de reptis, de insectos; e toda a micro fauna e micro flora pullulante em tam appropriado meio cultural. Eu pedira mais que uma vez uma ou duas caixas de zinco que me servissem de reservatorio á agua das chuvas; agua que nós aproveitariamos com grande parcimonia, regeitando sómente a que primeiro lavasse o tecto da nossa habitação.

São essas caixas d'agua, aquellas de que se servem os inglezes e os francezes, nos pequenos postos coloniaes, em identicas circunstancias aos nossos; mas o que essas caixas exigem, são grandes cuidados de limpeza e deconservação de modo a que, n'ellas não possa entrar coisa alguma que inquine a agua. Eu procurei sempre melhorar as circumstancias da nossa estação, mas um dos maiores inimigos que se me defrontaram foi, ainda mais que a falta de recursos, a incredulidade. E no entanto, nada mais simples do que dar boa agua aos soldados, sem receios apprehenssivos de infecções futuras. Com duas pipas e algum trabalho, talvez que eu não me tivesse de haver com as dysenterias e com as enterites graves que mais tarde sobrecarregaram a infecção palustre. O processo não era novo, nem original, como passo a descrever.

Bem lavadas e cuidadosamente raspadas duas pipas e passadas pelo fogo, tire-se uma das tampas rapida- e adapte-se a 6 centimetros do fundo d'uma d'ellas, uma torneira. Encha-se de agua, uma das pipas tendo o cuidado de juntar 15 grammas de alumen por cada 100 litros de liquido; agite-se fortemente com uma vara, n'um espaço de 10 minutos. Repousada a agua duas horas, esvasie-se pela torneira, para um caldeiro e faça-se ferver durante cinco minutos; d'aqui passe-se á segunda pipa, que terá uma tampa, deixe-se arrefecer e sirva-se d'ella, exgotando-a por uma torneira.

Ora esta operação deveria ser feita em seguida á conducção da agua pelos pretos, que a hiam buscar á praia em barris, e em quantidade tal, que, depois da sua purificação assim obtida, houvesse agua potavel para vinte e quatro horas.

NA MAXIXE

Urgia a sahida de Goxane. Sem quartel na villa, visto que os angolas occupavam o de Inhambane, todo o tempo era pouco para a edificação do novo arraial. Era precizo lançar a base de uma edificação futura, em condicções de solidez, resistencia e salubridade. A expedição gloriosa de 1895, deixara no largo de Inhambane, junto do coreto, da musica, duas grandes barracas, construidas de laminas de zinco e de grossos barrotes. N'ellas amontoavam-se, como em feira da ladra, velhas armas Sneider, toldes esfarrapados, lonas roidas pelo muchem, restos de antigas tendas de campanha. Esta montureira jazia alli abandonada, dando uma nota de miseria, na alegre exposição do largo, rasgando sobre a agitada corrente do canal grande do Mutamba. Estava ahi, n'esses armazens provisorios, o elemento primeiro da construcção futura. Como demorar, esperando outros materiaes que não fossem os que havia á mão, dada a indolencia dos empregados das obras publicas de Inhambane e a provada reluctancia que os *africanisados* tinham em favorecer as nossas condicções de vida?

O governador interino, snr. tenente Baptista Coelho, mandou-me para a Maxixa assistir de perto ao levantamento do nosso arraial.

Hospedara-me no commando militar, d'esta zona do districto, onde recobrei saude, graças ás attenções

hospitaleiras do commandante militar, snr. tenente Nogueira.

Uma vez em estado de trabalhar, comecei a serie longa de romagens ao campo escolhido, cuja limpeza immediatamente se iniciou, ao hospital da villa, d'onde fui obrigado a fazer um avultado numero de repatriamentos e a Goxane, onde, reduzida, se arrastava, mal convalescente uma pequena guarnição, sob o commando do snr. tenente Carvalho. Guarnição essa, que se manteve até á sahida definitiva, substituindo-se as praças ou pelas que iam de Inhambane melhoradas, ou por outras, que, refeitas, sahiram da Maxixa, onde convalesciam em palhotas circumvisinhas á casa do commando.

Transportados n'um lanchão da capitania os primeiros materiaes, correu-se um pavimento sobre pegões de argamassa e tijolo, de setenta centimetros d'altura, isolando-o assim do solo. A primeira casa de soalho de madeira e de paredes e tecto de zinco, orientada a sudeste foi dividida em tres grandes compartimentos, de larga cubagem d'ar, cuja renovação se fazia por largas janellas e portas, sob o asilo benefico da sombra de alguns cajueiros mais altos.

Entre as asnas e os prumos, ficou um espaço de quinze centimetros, afim de que, mesmo de noite e com janellas e portas fechadas, se estabelecesse livre, a circulação do ar; e como o tecto era de zinco, e sobre elle cahia rijo o sol do dia, remediei assim o aquecimento exagerado dos compartimentos, que a não se tomar esta medida de segurança, transformaria a nossa habitação n'uma verdadeira fornalha. Destinou-se a primeira divisão aos officiaes, que eram então, o snr. tenente Carvalho e eu; a segunda egualmente disposta, foi habitação dos sargentos; e a terceira, com seis leitos foi a enfermaria dos impaludados.

Reduziu-se ao indispensavel a mobilia. Grandes bacias de banho; um leito pequeno de ferro, com colchão d'arame e uma meza que servia para as colleções e para escrever!.

E do tecto sobre os leitos pendia, n'um alvejamento alacre, a trama fina dos mosquiteiros, como um cartel de desafio contra a praga febri fera dos Anopheless claviger.

Eduardo Fimenta,
Tenente medico.

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento

(Conclusão)

Vamos hoje terminar com esta nossa série d'artigos. Temos feito varias considerações, que se nos afiguram de muita ponderação, para provar que os effeitos dos incessantes aperfeiçoamentos introduzidos nos armamentos tendem a dar á tactica uma feição um pouco diversa, não lhe alterando, comtudo, os principios fundamentaes.

Temos reforçado o nosso modestissimo modo de vêr com as opiniões de mestres e com exemplos colhidos em epochas differentes. mas, apezar d'isso, talvez não conseguissemos mostrar bem a evolução porque a tactica está passando, mas todo o desenvolvimento das nossas ideias se póde reduzir extremamente e dizer que a tactica será modificada;

1.º Pelo grande emprego e desenvolvimento da fortificação dos campos de batalha como meio de resistir á acção poderosa dos armamentos modernos.

2.º Pela tendencia crescente para a realisação dos combates de noute empregados com identico fim.

Estas duas tendencias da tactica d'hoje, que certamente não são postas em duvida por ninguem, farão com que a maneira de combater, isto é, a maneira de dispor as tropas, a maneira d'organisar as columnas e de effectuar as marchas e avanços, a maneira d'aproveitar o terreno e empregar os fogos, a maneira de preparar o combate e de o levar a cabo e, finalmente, a maneira de escolher o ponto d'ataque e a fórma como este será dirigido, soffram modificações profundas.

Ora, as modificações porque a tactica passa para obdecer a essas duas bem manifestas tendencias e para se tornar adaptavel ao terreno é o que constitue a conclusão que nós pretendemos tirar, isto é, é o que constitue o *retrocesso da tactica*, pois que essas modificações veem pôr em vigor principios que já tinham sido postos em pratica.

Vejamos:

Todos conhecem o estado actual da tactica (ou pelo menos o prescripto pela nossa ordenança; linhas flexiveis, tenues e delgadas, extremamente extensas e em que, sem grave perigo d'erro, se póde dizer que as mais pequenas fracções constituem unidades de combate, isto é, um extraordinario predominio da ordem extensa sobre a ordem unida, a ponto de quazi esta desapparecer no campo de batalha, pois que as proprias reservas marcham em pequenas fracções com intervalos enormes.

Ora, sem entrar em maior numero de considerações, por ser desnecessario, certamente, e sem pretender descrever a maneira de preparar as tropas dentro d'uma trincheira, por ser superfluo, diremos logo que a ordem unida será a empregada e que as pequenas fracções deixarão de ter o caracter de unidades de combate.

Podemos já pois dizer que a tactica sofre um retrocesso pelo regresso á ordem unida. Em todo o caso ainda não é n'este ponto que o retrocesso se nos apresenta em toda a sua planitude, apezar de se nos afigurar tão visivel que não nos deixa a mais pequena sombra de duvida.

Mas onde elle se apresenta d'uma maneira palpavel, visivel é nos combates de noute, porque então ahi desapparece quazi por completo a acção do fogo para ser substituida pela acção da bayoneta, e a ordem extensa é substituida por compactas formações, isto é, voltamos á tactica dos antigos tempos.

Ouçamos a este respeito a nossa ordenança, pag. 100, cap. 249 e 250, que diz, «Na offensiva devem adoptar-se formações compactas que conservem as tropas inteiramente nas mãos do chefe.

Para effectuar o ataque, a força, aproveitando a obscuridade, approxima-se silenciosamente, sem fazer fogo nem se desordenar quanto possivel, da posição inimiga, e arroja-se subitamente ao assalto.

«A columna, nas proximidades do lugar de surpreza, deve dividir-se em pequenas columnas d'ataque, ligadas e cobertas a cêrca de 50 metros por patrulhas d'infanteria. O avanço e direcção de cada uma d'ellas fica tão sómente subordinado á iniciativa do respectivo commandante. A reserva marchará a pequena distancia».

O regulamento allemão diz: «Nos movimentos para o ataque, de noite as mudanças de direcção são impossiveis.

Indica-se precedentemente um fim bem definido. A extensão a percorrer deve ser curta, conhecida e, tanto quanto possivel, indicada ao avançar».

«Debaixo das *formas as mais simples* (o italico é nosso) as columnas de companhia escalonadas ou seguindo-se, com poucos ou nenhuns atiradores immediatamente na frente, o ataque está prestes a realisar-se...»

Fazemos sómente estas transcripções; a da nossa ordenança, por ser nossa, e a da allemã, por ser a considerada a dos mestres, mas achamos estas tão eloquentes que nos parece que bastarão para nos indicar onde está o retrocesso.

As formas classicas da tactica talvez não seja facil difinil-as, e muito menos indicar até que ponto póde ir a sua extensão, mas o que se conclue, e que em todos está bem patente, e, por isso, desnecessario é indical-o, é o desenvolvimento, que ella tem tomado, bem como certamente é desnecessario frizar mais as tendencias bem conhecidas, e já apontadas, que arrastam consigo, como consequencia immediata, o emprego de principios antigos que tantas glorias alcançaram e que tantos capitães encheram de fama e louros, o que constitue, por tanto, um retrocesso.

*
* *

Admittindo, pois, o grande desenvolvimento que tomarão as fortificações de campo de batalha e o grande emprego que se fará dos combates de noute, necessario é reconhecer que será diversa a maneira de dispor as tropas, e que esta disposição, que bem claramente solta ao nosso espirito e á luz da nossa razão, será baseada nos moldes da ordem unida e nunca na ordem dispersa.

Ha, portanto, um retrocesso. Procuremos agora embóra muito ao de leve, sabe a que epocha corresponderá a tactica que obdecer a esses principios e que seja baseada n'estes moldes.

Recorrendo á historia, embrenhando-nos pelos tenebrosos caminhos da sua antiguidade, vemos que as guerras que n'elles se feriram empenhavam muita gente e que as formas da sua tatica eram simples e caracterisada por mas-

sas com elementos mais ou menos distinctos. Assim era a tactica dos egypcios, caldeus, hebreus etc.

Os gregos, povo de coração, sentimento e alma, consagrando á Patria uma devota e fervente dedicação, excederam aquellas formas simples e optaram pela *phalange*.

Os romanos, povo conquistador e, para isso, essencialmente guerreiro, tendo de conquistar a Grecia e vencer Carthago tiveram que oppôr á *phalange* uma formação mais malleavel e envolvente, e cahiram na *legião*.

Depois a avidez da turba multuaria do barbarismo, não só lançou densas e escuras trevas d'ignorancia sobre o mundo conhecido, como tambem não deixou que a sua tactica tivesse formações caracteristicas e distinctas.

As mil transformações que se succederam trouxeram a edade média notabilisada pelo feudalismo e caracterisada, debaixo do ponto de vista tactico, pela epocha aurea da cavellaria e quasi aniquilamento das antigas massas.

A renascença, fazendo desapparecer em parte as trevas de muita ignorancia com a luz de muitos conhecimentos adquiridos e de muitos progressos realisados, trouxe-nos a polvora e a arma de fogo.

O poder da bala em breve fez pôr de parte a couraça e, sobre tudo, a lança, e, como consequencia, resurgem-nos as antigas massas com formas mais extensas e menos profundas e com o nome de infanteria.

A um progresso realisado na polvora ou na arma correspondeu sempre uma diminuição na profundidade das formações.

Estas tranformações pódem-se dividir por quatro epochas distinctas; epocha de Turenne, ou mixta de cavalleria e infanteria em que a arma principal era ainda a lança e o escudo. Por esta razão a infanteria ainda combatia em ordem cerrada e unida e tinha por principal objectivo tactico a lucta corpo a corpo.

Epocha de Napoleão, segunda epocha, em que a preparação do combate era realisada com a acção do fogo para se seguir a execução com um vigoroso assalto, é carecterisada, debaixo do ponto de vista tactico, pelas formações em ordem singela, porque, para evitar a

acção do fogo, já era necessario casar a tactica com o terreno e com o tiro.

A terceira epocha, guerra de 70-71, é caracterisada pelo completo emprego da arma de fogo. Por esta razão a tactica é já uma perfeita rêde com as suas malhas estendidas a fim de cada uma d'ellas melhor se poder adaptar ao terreno, confundir-se com elle, e libertar-se, assim, da já poderosa acção do fogo.

A quarta epocha, epocha dos nossos dias, é caracterisada pelo apparecimento dos numerosos problemas, taes como, disciplina de fogo, rapidez, precizão e justeza do tiro, tiro indireto, inclinado e mergulhante, fortificação de campanha, reabastecimento de munições etc., etc., que tornaram a difficil arte da guerra n'uma completa sciencia.

Vendo nós agora a que epocha corresponde a tactica que será empregada, quer debaixo da protecção das fortificações, quer debaixo da proteccão da obscuridade, temos determinado o *retrocesso da tactica.*

Lançando um olhar retrospectivo para o ligeiro esboço historico que atraz indicamos e confrontando a tatica usada n'essas differentes epochas com aquella que será usada na guerra em que as fortificações tomem um grande desenvolvimento e n'aquella em que os combates de noute sejam muito empregados, veremos, embora as nossas indicações sejam muito vagas, porque entendemos que se dispensam maiores minudencias, que corresponderá á segunda epocha. A' segunda epocha por serem executados, os combates de noute, *debaixo das fórmas as mais simples*, como diz o regulamento allemão, e por serem, em geral, luctas corpo a corpo em que a bayoneta desempenha de novo o papel preponderante, e por serem tambem executados por *formações compactas*, como diz a nossa ordenança.

A' terceira epocha por entrar, tanto n'um caso como n'outro, a acção do fogo.

Depois de tudo isto deveremos concluir;

1.º Que a acção poderosa do tiro, devida aos progressos da balistica e do armamento, faz com que a tactica soffra modificações profundas.

2.º Que essas modificações são baseadas no emprego das fortificações e na utilisação da obscuridade como os dois unicos meios de atenuar a acção poderosa do tiro.

3.º Que o emprego das fortificações e a utilisação da obscuridade arrasta comsigo, como consequencia, o emprego da ordem unida e exclusão, embóra não por completo, da ordem dispersa.

4.º Que o regresso á ordem unida constitue um *retrocesso da tactica*.

E' exactamente isto o que nós pretendiamos provar, embora difficientemente por falta de recursos e por falta de espaço. Nós, que somos da casa, preferimos sempre dar a preferencia aos nossos colloboradores; esperamos, pois, nos seja relevada a falta pela maneira irregular como foi publicada esta serie d'artigos.

David A. Rodrigues,
Alferes de infanteria.

CAMPANHA DE GAZA
EM 1897

II

Combate de Maconténe

a 21 de julho de 1897

A companhia dispunha n'este dia de 104 praças, e, encorporada na columna, seguiu para Maconténe ás 3-20 p. m.

A's 4-20 fez alto em quadrado, e assim se conservou até que o dia se apresentasse mais claro, proseguindo na marcha ás 6-10.

A grande distancia avistavam-se as *mussassas* dos rebeldes no cabeço de Maconténe, onde os chefes revoltados tinham o seu acampamento.

Logo que a columna entrou na extensa planicie, onde se deveria ferir a lucta, e a uns 1:500 m. de cabeço, tomou o dispositivo para o combate formando quadrado. A companhia de infanteria n.º 4 formou as faces

direita e esquerda, intercalando entre as suas secções os pelotões de *cipaes*. (1)

A artilheria iniciou o combate rompendo o fogo com granadas ordinarias. Logo depois do primeiro tiro vimos distinctamente as *mangas* convergirem para junto do *Maguiguana*, que se achava a cavallo, dando-lhe um *bayéte* (2). Em seguida as *mangas* dispozeram-se para envolver o quadrado, passando para a frente os seus atiradores, que, acobertados com o capim, faziam um fogo bem nutrido e convergente. As espingardas de que faziam uso eram na maioria Martini-Henry e algumas Kropatschek, que pertenceram aos infelizes trucidados no Pallule, e tanto que, depois do combate, ainda se encontrou uma.

Por acaso ou propositadamente, alguns atiradores inimigos, abrigados n'um morro de *muchein*, situado no angulo morto do quadrado formado pelas faces da frente e esquerda, faziam-nos um fogo muito intenso, concentrando-o sobre o local onde se achava a bandeira, commandante da columna com o seu estado maior, capitão de artilheria, que dirigia o fogo da peça no angulo acima referido, o que levou a lembrar ao 1.º tenente da armada Alberto Costa que fizesse fogo sobre o morro de *muchein*, para desalojar o inimigo que alli se abrigava.

A nossa infanteria rompeu o fogo ás 8.22 a. m. já quando o inimigo se achava a uns 500^{m} do quadrado, e coube essa honra á 3.ª secção de infanteria n.º 4, sob o commando do alferes Antonio Nunes de Andrade, official este que, em toda a campanha, revelou qualidades d'um distincto official de infanteria.

As *mangas* continuavam a envolver o quadrado, chegando a cercar as faces da frente, esquerda e rectaguarda, a que os nossos se lhe oppunham com descargas por secções, com uma regularidade admiravel.

A artilheria, quando o inimigo a uns 200^{m}, mudou de projectil, empregou a lanterneta.

Apezar da energia do nosso fogo, o inimigo continuava a avançar, e eu vi pretos a uns 100^{m} do quadrado.

---

(1) *Landins.*

(2) Acclamação só dispensada ás grandes summidades, que exprime admiração e respeito por aquelles que saudam.

Como o nosso fogo dizimasse grandemente o inimigo, este reconheceu a impossibilidade de continuar a avançar e começou a retirar. N'este momento ouviu-se a voz do commandante da columna dizer: «*O inimigo começa a retirar, sáia a cavallaria*». A face da frente abriu-se para dar passagem á cavallaria, que carregou o inimigo, bem como os dois pelotões de *cipaes*.

Logo que começou a perseguição, o quadrado ficou sob o meu commando, que tratei immediatamente de o regularisar.

Durante o combate foi a minha montada varada por um projectil, cahindo como fulminado. E' claro que fui tambem para o chão, custando a safar-me d'elle, pois tinha ficado a perna direita debaixo do *penco*. Designando-o por este termo, não insulto a sua memoria, pois de cavallo só tinha a pelle, mantendo em equilibrio os ossos!

Desembaraçado do cavallo fui para junto da face esquerda do quadrado, e, n'esta occasião, o alferes Andrade informou-me que o soldado 145 acabava de ser ferido, mas pedia para continuar no fogo. A poucos passos de mim estava o commandante da columna, a quem ponderei o caso, accedendo aos desejos do valente soldado.

A companhia de infanteria n.º 4 consumiu no combate 1:819 cartuchos, tendo sido previamente cada praça municiada com 140.

As praças da companhia feridas foram:

Soldado 14—Diogo do Carmo
» 90 Constantino José da Rocha
» 102 Antonio Gomes
» 103 Antonio Lopes Ferreira
» 104 José Pina
» 145 José Branco
» 181 José d'Abreu.

Depois d'este glorioso successo, mais uma vez brilhante para o nosso exercito, a columna, pelas 10.30 a. m., retirou para o Chibuto, sob um calor asphixiante, onde chegou 1 hora p. m.

(Continúa).

Rodolpho Augusto de Passos e Souza,
Major de infanteria.

Apontamentos de tactica colonial

CAP. I

TACTICA DE COMBATE

VIII

Generalidades

Dever-se-ha no inicio d'uma expedição tratar de conhecer as qualidades militares do adversario, a sua tactica,... e deduzir d'estes elementos o melhor processo de o combater, e em que se tomará em conta a natureza do terreno, a attitude dos povos visinhos etc.

Diz o snr. capitão Ayres d'Ornellas, no relatorio da campanha de Gaza, «A lucta com a bellicosa raça landim constitue na Africa a *grande guerra*. Nos namarraes era a verdadeira guerra de guerrilhas: inimigo invisivel no matto, combates prolongados por fuzilaria incessante um dia inteiro, trez combates n'uma semana sem se ver um preto, impossibilidade de alcançar um resultado decisivo. E' uma lucta de desgosto. Aqui no Sul é o contrario. As planicies immensas, o aberto do matto, facilitam os movimentos, o inimigo ataca a descoberto, procurando a decisão na lucta corpo a corpo. Uma batalha decide a questão».

Assim como a tactica do namarral ou dos landins e a natureza do terreno o exigiam, assim as nossas tropas adoptavam differentes processos de combater, empregando no primeiro caso os atiradores apoiados por um quadrado e recebendo o inimigo, no segundo com as descargas das tropas unidas do quadrado e não lançando atiradores.

Diz Wolseley «O branco deve ser sempre o primeiro a atacar.»

Qualquer demora desmoralisará os homens, inspirará ao inimigo a ideia de fraqueza e da má organisação nossa, encoraja-os, reforçando-lhes além d'isso as fileiras pelo advento dos nossos alliados.

Das differentes especies de combate o mais vulgar é o de *recontro. O fogo por descargas é o melhor e quasi unico meio de acção. Evitar a lucta corpo a corpo com*

o adversario, tendo-se sempre em vista que a confusão dos expedicionarios com um inimigo mais numeroso, mais agil e robusto será a sua perdição. O fogo, o fogo e sempre o fogo é a melhor acção, sendo bem conduzido, por descargas serenamente commandadas, *tendo-se sempre os homens na mão*. A perseguição d'um inimigo agil e veloz n'um terreno difficil de transpôr e apresentando emboscadas a cada passo, será muito perigosa. Será mais judicioso incumbir essa tarefa á cavallaria, havendo-a, ou recorrer ainda ao fogo. Podiam-se lançar na perseguição os auxiliares negros, é certo, mas um *retorno offensivo*, embora pouco provavel com adversarios de tal quilate, poderia sobrevir ainda com extrema probabilidade e pôr em cheque o quadrado que não podia fazer uso das suas armas, embaraçado pela retirada em chusma dos auxiliares sobre elle. A tactica offensiva será então aqui d'um emprego muito mais restricto que entre povos civilisados; ainda assim para desalojar o inimigo de posições occupadas, poder-se-ha recorrer a ataques parciaes audaciosos a essas posições, não como operação decisiva, mas como acção auxiliar da tactica seguida pela columna expedicionaria.

O quadrado

Esta formação não convirá em todo o terreno. Assim é preconisado n'uma região plana, e quando o inimigo se limita a fuzilar-nos detraz das ondulações e accidentes do terreno sem se approximar de nós. Alguns authores e muitos officiaes portuguezes propõem que, tratando-se d'uma grande columna, ella se fraccione, mandando para a frente tropas em ordem unida, que, occupando boas posições, detenham o impulso do inimigo a distancia do quadrado principal, que assim não soffre as perdas enormes a que estaria exposto se apresentasse toda a sua massa, em alvo vastissimo, ao fogo do adversario.

C. Porter propõe esta formação: Fracciona a columna em differentes unidades constituidas, que se repartem em duas linhas, dispondo-se as fracções d'ambas em xadrez e podendo cada uma formar em quatro fileiras ou dispôr-se em quadrado. A 1.ª linha rompe o fogo e a 2.ª conserva-se em reserva, prompta a reforçar a 1.ª, formando nos intervalos. Porter preconisa a carga

final pela 1.ª linha, conservando-se a 2.ª como reserva.

Como os leitores vêem, isto tem inconvenientes graves. Preferimos-lhe o anteriormente citado, mas com estas alterações: os escalões avançados constituidos por boa infanteria formarão linha ou colchete com 2 ou 4 fileiras, deixando desembaraçado o tiro de artilheria e até de infanteria do quadrado de reserva, collocado á rectaguarda e fóra do alcance dos projectis do adversario. Convirá que o intervallo entre estes seja sufficientemente grande para fazer fraccionar as forças do inimigo que os quererá atacar ao mesmo tempo, ou para os fazer alongar a frente de combate, dispersando-as e diminuindo-lhes portanto o impulso e a força viva no choque (seu vulgar meio de acção). A retirada dos escalões avançados será feita o mais tarde possivel, mas a tempo de se salvarem *e de modo que não paralysem* os fogos do quadrado, dentro do qual formarão depois, constituindo a sua reserva.

Este nosso methodo, embora nem sempre convenha, cremos ser preferivel a qualquer dos citados, pois aproveitará o fogo do quadrado de reserva, poupará a maior parte da columna aos fogos do adversario, offerecer-lhe-ha uma maior resistencia, desorientará o adversario, por se lhe apresentarem fogos em diversos sentidos, obrigando-o a fraccionar-se, facilitará a precisão e direcção dos fogos no quadrado reserva, pois os seus homens, convencidos de estarem a coberto do fogo inimigo, apontarão com plena serenidade e attenção, permittirá utilisar um grande numero de fogos e prolongará o combate, sendo assim maior o numero de projecteis empregados, e maiores, portanto, as perdas do adversario. Os escalões avançados, retirando, fal-o-hão de lanço, resistindo sempre por descargas.

(Continúa).

Alfredo de Leão Pimentel,

Alferes de infanteria.

BIBLIOGRAPHIA

Theoria de la Táctica, por D. Casto Barbasan Lagueruela, capitão do exercito hespanhol, professor da escola superior de guerra e director da revista «*Estudios Militares*».

Theoria de la táctica é uma obra em 4 volumes de cêrca de 400 paginas cada um. Bem posto está esse titulo, porque alli não se estuda só a tactica fundada sobre principios abstractos e immutaveis; mais alguma cousa, bem mais, encerra esta obra, por todos os titulos notavel, como vamos vêr.

A tactica, filha do tiro, como é, e este, filho dos multiplos e successivos aperfeiçoamentos que incessantemente são introduzidos nos armamentos, está sujeita a todas as sciencias, mesmo as psychologicas, e tem de obedecer aos caprichos de todos os conhecimentos humanos, que são variadissimos.

Basta isto para vêr que o producto da combinação de tantas sciencias diversas tem de ser uma sciencia muito complexa e que grande deve ser a tarefa d'aquelle que tentar conglobar n'um só livro todos os seus principios e todas as suas relações e manifestações, bem como definir todas as suas fórmas.

Como sciencia que é, tem a sua theoria, que não é mais do que a analyse racional das causas que constituem os seus principios e a analyse judiciosa das suas relações com o terreno e com o elemento humano.

Além d'estas multiplas difficuldades ha ainda uma outra difficil de vencer, que é a sympathia por uma certa arma, mas o nosso confrade, pondo toda a sua alma e o seu coração ao lado do seu espirito esclarecido e da sua vasta erudição e profundos conhecimentos militares, conseguiu cabalmente fazer uma obra completa, onde se tratam com a maxima imparcialidade todas as questões mais transcendentes da complexa sciencia de combater.

Analysemos *á vol d'oiseau*, porque não temos espaço para mais, o que devéras sentimos, esta obra notavel, que só por si colloca o nome do seu auctor ao lado do nome dos grandes tratadistas militares, taes como Levaal, Langlois, Meckel, Scheff, Lauth, Berthaut, e muitos outros.

No 1.º volume, a traços largos, descreve o nosso confrade D. Casto a historia da tactica até vir cahir no combate moderno, depois de mostrar a sua necessidade. Como problemas organicos dependentes da tactica, estuda e apresenta as questões de armamento, equipamento e fardamento para todas as armas.

Entrando depois no estudo da arma e da peça, estuda os multiplos problemas que o tiro nos offerece, pondo sempre a sciencia ao lado da doutrina dos regulamentos e estabelecendo o confronto.

Entrando no estudo da infanteria, começa por lhe fazer inteira justiça, dizendo, entre outras cousas judiciosas e acertadas, «que a infanteria é o factor mais importante dos comba-

tes» ...«a unica (arma) de que se não póde prescindir»... e que «é a parte principal dos exercitos», etc., etc.

Mostrando a sua importancia tactica, não deixa de mostrar bem claro que ella é o diapasão pelo qual se aquilata «o valor militar dos Estados e o estado da sciencia da guerra.»

Depois, fazendo um estudo detalhado das formações, evoluções, fogos, terreno, e, finalmente, combate offensivo e defensivo, estuda o sr. D. Casto as diversas situações em que a infanteria se póde encontrar e quaes os meios scientificos e technicos de que póde dispôr.

Discutindo sempre essas diversas situações em que a infanteria se póde encontrar, que são outros tantos problemas, com as opiniões dos mestres, com a doutrina dos regulamentos e com as lições da historia, tira o sr. D. Casto judiciosas conclusões, mostrando sempre vastos e profundos conhecimentos e bom criterio.

Se tivessemos espaço deter-nos-hiamos na analyse de muitas d'essas questões, e veriamos a maneira brilhante e completa como todas as questões são tratadas, mas não o podemos fazer, o que sentimos.

Egual justiça faz s. ex.ª á arma de cavalleria e artilheria, e com egual desenvolvimento e competencia trata todas as questões que lhe são proprias, o que muito honra o sr. D. Casto pela sua imparcialidade e pelo seu saber.

No 3.º volume trata da tactica das tres armas e da tactica de marcha com a mesma competencia e saber, e no 4.º volume, fazendo um estudo geral do combate e um estudo critico das batalhas d'Austerlitz, Sadowa, Mars-le-Tour e Saint-Privat, deixa-nos perfeitamente ao facto da sciencia da grande guerra.

Estas impressões agradabilissimas que nos deixou a leitura d'este trabalho, devéras notavel, do sr. D. Casto Barbasan, escriptas, assim, a traços largos, apenas darão sómente a nota da nossa impressão, porque só se faz uma ideia clara d'esta obra lendo-a e meditando-a; não é livro que lido uma vez não tenha mais que lêr. Além da maneira clara, methodica, judiciosa e precisa como são tratadas todas as questões, ha a notar a elegancia da phrase e a clareza d'estylo.

Emfim, é uma obra completa, que muito honra o distincto escriptor militar D. Casto Barbasan Lagueruella, bem como o exercito hespanhol, de que s. ex.ª é ornamento.

Agradecemos ao sr. D. Casto Barbasan a gentileza da sua offerta, que nós reputamos valiosa e que recommendamos aos estudiosos.

Um projecto de regulamento do serviço administrativo em campanha, por Antonio Lopes Mendes, capitão do corpo d'officiaes da administração militar e ex-thesoureiro da Guarda Municipal de Lisboa.—1 volume—Lisboa, ed.—1900.

Vem de ser preenchida uma das lacunas mais importantes que ainda existe na nossa legislação militar—o modo de funccionar em campanha o arduo e espinhoso serviço administrativo em geral.

O capitão snr. Lopes Mendes, devido a um estudo aturado e a uma força de vontade pouco vulgar no nosso meio, veio enriquecer a legislação extra-official sobre um tão importante serviço, pois que na nossa legislação official nada existe escripto, a não ser o regulamento do serviço do exercito em campanha, que apenas nos indica coisas vagas e nada positivas e claras.

Explana o livro o que de mais essencial deve existir para o regular funccionamento dos differentes e importantes serviços administrativos em campanha, e, por isso, recommendamos a sua leitura, não só a todos os officiaes, mas ousamos tambem chamar a attenção das estações superiores sobre este importante trabalho, visto que officialmente nada existe legislado sobre tão importante assumpto.

E' necessario que nós nos convençamos que é imprescindivel, e urgente até, tratarmos a sério e a fundo da organisação de todos os ramos variadissimos de serviços militares. Desde que sobre este assumpto nada existe e desde que o snr. Lopes Mendes conseguiu cabalmente formar no seu livro um corpo de doutrina, onde se allia a sciencia e a pratica, porque este livro tem um caracter puramente pratico, com todos os ramos e serviços militares, com as necessidades do exercito, logico, justo e racional é que todos nós olhemos para esse livro como uma necessidade e que as estações superiores vejam no trabalho do sr. Lopes Mendes um incentivo que as arraste a preencher, com um regulamento, essa lacuna, que até chega a ser condemnavel.

Se olharmos para a historia veremos que muitos insuccessos foram devidos a faltas commettidas pela má execução dos serviços administrativos, sem os quaes nada haverá, e, para isso, bastará olhar para a guerra de 70, onde os exemplos são frisantes e as lições bem concludentes.

Bem haja o snr. Lopes com o seu trabalho, cuja offerta lhe agradecemos.

Les mathematiques en Portugal au XIX siècle, par Redolphe Guimarães.

O nosso presado e particular amigo, snr. Rodolpho Guimarães, distincto tenente da nossa engenheria, de que é ornamento, acabou, ha pouco tempo, de escrever este livro, destinado á exposição universal de Paris.

Com o producto d'esse trabalho muito lucrou o paiz, porque por elle se vê, mesmo á simples vista, a pleiade brilhante de mathematicos illustres que o nosso paiz encerra, taes como Gomes Teixeira, Schiappa Monteiro, José Manuel Rodrigues, Patrocinio da Costa e tantos outros, e mais uma vez o nosso amigo, snr. Rodolpho Guimarães teve occasião de mostrar os seus vastos conhecimentos mathematicos e as suas apreciaveis qualidades de trabalhador infatigavel.

N'esse livro, feito com methodo e aprimorada orientação, está feita a historia das mathematicas em Portugal, constituindo o livro capitulos em que são indicados os nomes dos escriptores mathematicos que escreveram sobre os diversos ramos de sciencias mathematicas, bem como a maneira como cada uma

das questões propostas foi tratada, revelando o nosso amigo vasta erudição e comprovada competencia.

Nada existia escripto sobre o assumpto, e, certamente, basta isto, para vêr a utilidade d'este livro, bem como basta a importancia d'uma tal sciencia para se vêr a necessidade e o interesse d'uma tal obra.

Ao nosso amigo, snr. Rodolpho Guimarães, testemunhamos aqui o culto da nossa admiração, ao mesmo tempo que lhe agradecemos a sua offerta.

CONSULTAS

D'um nosso assignante recebemos o seguinte:

Pergunta.—Suscitando-se duvidas ácerca da interpretação da parte final do art. 33.º do regulamento para a instrucção dos corpos das differentes armas, ord. do ex. 16 (1.ª serie) de 1899, pergunta-se;

1.º Que entidade é aquella designada pela palavra *commandante* no final do artigo mencionado?

Resposta.—Refere-se ao commandante do regimento, que regula e fiscalisa a instrucção do 3.º periodo. O regulamento emprega muitas vezes a palavra commandante referindo-se a coronel commandante de corpo. Quando emprega a palavra commandante referindo-se a commandante d'outra qualquer unidade, indica essa mesma unidade. Comtudo, é defeituoso, pois que dá muitas vezes origem a confusão.

2.º E' o commandante geral das forças em exercicio, que se fôr official general, por exemplo, incumba um official do seu estado maior para elaborar o relatorio ácerca da execução do exercicio, além dos apresentados obrigatoriamente pelos commandantes das diversas unidades de combate?

Resposta.—N'estes casos o general póde encarregar qualquer official de lhe colher informações, mas é elle que elabora o relatorio e faz a critica do exercicio.

3.º E sendo o commandante do regimento, poderá ordenar ao major que elabore o relatorio do exercicio em face do art. 15, de combinação com o n.º 4 e § 2.º do art. 33 citado, e n.º 1 e 2 do § 3.º do art. 23?

Resposta — O coronel ordena ao major que elabore o relatorio quando o exercicio seja de batalhão ou grupo, isto é, quando o commandar.

Não póde delegar a execução da theoria. O § 2.º do art. 33 refere-se ás ordens que são transmittidas durante o exercicio e que devem vir indicadas no relatorio.

4.º Finalmente, ha qualquer disposição que faculte ao coronel ou ao major delegar, sem motivo justificado, em outrem seu subordinado a execução da theoria, segundo o disposto no § 2.º do mesmo art. 33?

Resposta.—Não ha. E' principio assente nunca ninguem delegar em outrem o desempenho das suas attribuições, sem motivo justificado, e muito principalmente em questões de critica.

REVISTA DE INFANTERIA

A COOPERATIVA MILITAR

Ha duas cathegorias de esforços tendentes a erguer o exercito d'este abatimento visivel em que se encontra.

Por um lado muito importa erguel-o moralmente, ministrando-lhe meios positivos e rasgadamente praticos para o desenvolvimento util de todas as suas energias, nivelando em consideração e em attribuições profissionaes todas as armas, dentro da acção peculiar de cada uma, visto todas serem indistinctamente indispensaveis para a defeza nacional, todas saberem sacrificar-se pelo bem commum.

Por outro lado importa tambem olhar com attenção e desvello para a parte economica do official, por isso que inadmissivel será exigir respeitabilidade, uma vida decente e até escrupulosamente digna, em parallelo com a nobreza e hierarchia social da nossa posição, não facultando o estado meios, economicamente fallando, para cada um de nós poder corresponder ás multiplas exigencias sociaes e profissionaes do nosso cargo.

Ora, claramente, todo o exercito tem as mais bem fundadas esperanças de que o nobre titular da pasta da guerra empregará todo o valor da sua fecunda intelligencia e da sua rasgada iniciativa, para que a sua passagem pelos conselhos da corôa seja perenne de beneficios de toda a especie para o exercito, que tudo vae directamente incidir sobre o bem estar do paiz.

Esperemos que não esperaremos em vão.

Entre as questões de ordem economica ha algumas que

só podem ser levadas a bom termo com o auxilio do parlamento, como é por exemplo a que se refere á injusta imposição do pagamento da decima de renda de casas ao official a quem o estado não fornece alojamento, em quanto que aquelles que teem alojamento, que evidentemente devia consistir uma obrigação regulamentar para todos os officiaes arregimentados, não pagam nem decima de renda de casas, nem renda.

Ha tambem o inexplicavel imposto de rendimento, que tanto sobrecarrega o official que paga todos os impostos nacionaes e mais esse.

Ha tudo isto e mais do que isto ainda, mas estamos certos que o sr. conselheiro Pimentel Pinto ha de envidar todos os esforços para deixar o seu nome vinculado a actos de justiça, que fiquem indelevelmente gravados no coração de cada um de nós.

Mas por outro lado ha tambem medidas economicas a tomar que dependem só da nossa iniciativa, do nosso criterio.

E' para todos os officiaes do exercito que appellamos.

Lançada a ideia da *Cooperativa Militar*, constituida e formada em' entidade legal, beneficio este que ainda nos veio da brilhante iniciativa do nobre ministro da guerra, quando pela primeira vez passou pelos conselhos da corôa, é nosso dever, é nossa restricta obrigação, é nosso duplo interesse auxiliar uma instituição economica d'esta ordem, que póde e deve produzir excellentes e até incomparaveis resultados na economia do official.

Quanto maior fôr o capital da *Cooperativa* tanto mais economicas e vantajosas serão as suas operações commerciaes, tanto mais barato comprará o socio, e tanto mais remunerador será o resultado do balanço annual.

Presentemente a *Cooperativa Militar* encontra-se n'um estado de prosperidade que é o mais animador possivel dentro do capital social actual, que não é grande.

Ora, desde que os socios, com um pequeno sacrificio mensal, augmentem esse capital, vão promover directamente um grande desenvolvimento commercial, desafogado e com vasto campo lucrativo.

D'este augmento de capital resultará para o socio duas muito apreciaveis vantagens.

A primeira porque vae d'este modo augmentando o fundo do seu credito na caixa ou deposito que se chama *Cooperativa Militar*.

A segunda porque mais lucros irá auferindo, já directamente como accionista, já indirectamente nas suas relações commerciaes com a *Cooperativa*, como consumidor.

Logo, no nosso interesse, e só no nosso interesse, é que principalmente está o promover por todos os meios o augmento do capital social.

Se os socios de Lisboa são os que pódem auferir maiores vantagens pela circumstancia de se poderem utilisar de todas as secções da *Cooperativa*, não deixa de ter tambem enormes vantagens economicas os socios da provincia, que insensivelmente e sem custo irão creando um fundo de credito que renderá annualmente um juro remunerador, ao mesmo tempo que os collocam n'uma independencia relativa deante do momento infeliz de um qualquer desequilibrio economico.

Além d'isto ha secções que podem fornecer, com dupla vantagem, artigos para os socios da provincia.

Por todas estas razões julgamos um dever da nossa parte proclamar a nossa união economica, porque da união nasce a força, como unidos estamos todos, pelo coração, n'esta missão augusta e nobre da defeza da nossa patria.

FOGO POR DESCARGAS
E
FOGO INDIVIDUAL

(Continuado do n.º 8 — 3.º anno)

Concentração.— Os fogos á vontade, diz o regulamento, não se prestam tanto á concentração do tiro como as descargas (n.º 120).

Procuremos o fundamento d'esta affirmação. O regulamento não o explica, mas o inconveniente assignalado não póde ser attribuido senão a duas causas: á dispersão ou á difficuldade de fazer convergir os fogos de uma linha extensa sobre o mesmo alvo.

A medida da dispersão do tiro é dada pelos desvios provaveis. Se consultarmos o quadro dos desvios horisontaes dos fogos collectivos, veremos que os valores dos desvios do fogo á vontade são sensivelmente os mesmos, ás grandes distancias, que os do fogo por descargas, o que prova, de modo irrefutavel, que a dispersão notada pelo regulamento não constitue defeito privativo do fogo á vontade. Sabemos tambem que este tem uma justeza um pouco superior á das descargas.

Sómente, pois, uma execução defeituosa d'essa especie de fogo pôde falsear a opinião a seu respeito, fazendo attribuir ao instrumento o que só era devido ao artifice que o manejava.

E sem ir procurar muito longe as causas d'essa imperfeição, encontramos já uma sufficiente na difficuldade que o chefe experimenta em se certificar *n'uma linha extensa* que o soldado tomou a alça prescripta e que visa o objectivo indicado. Apressemo-nos, porém, a notar e fixar que tal defeito não é inherente á propria natureza do fogo, mas que provém exclusivamente da formação adoptada.

Se se admittisse que o fogo á vontade devesse ser sempre executado n'uma formação muito extensa, não poderia duvidar-se da sua inferioridade em presença de outra especie de fogo que se executasse em uma formação mais concentrada.

É, porém, uma eventualidade esta que se não apresentará já hoje, pois que a secção tem uma formação normal de combate, a linha em uma fileira sem intervallos (Titulo II, n.º 134), e é n'esta formação que ella terá de executar geralmente todas as especies de fogos.

Assim a inferioridade da concentração do tiro, resultante exclusivamente para o fogo á vontade de uma extensão consideravel da frente em relação á formação densa adoptada

para a execução das descargas, já não existe hoje em consequencia da unificação das formações, e o preceito expresso n'estes termos no n.º 121 do regulamento: «pela escolha e designação precisa dos objectivos se procura obter a convergencia do fogo na esquadra, na meia secção, na secção, etc...» constitue um conselho tão util para o fogo por descargas como para o fogo á vontade, attendendo a que essa precisão se tornou tão necessaria a um como a outro para evitar a mesma dispersão.

Ascendente do commando. — Os fogos á vontade, diz o regulamento no n.º 120 já citado, não se prestam tanto como as descargas á disciplina do fogo. É inutil apresentar aqui a definição de disciplina do fogo, mas não o será talvez indicar o modo de a obter. O que torna uma força indisciplinada debaixo de fogo, não é a má vontade dos soldados, mas sim a perturbação que d'elles se apodera durante o tiro; é pois a serenidade e o sangue frio que se torna necessario conservar-lhes ou fazer-lhes readquirir, se n'um dado momento taes qualidades se encontram abaladas ou perdidas.

O chefe verdadeiramente digno d'este nome conservará sempre sobre os seus soldados o ascendente desejado para alcançar tal fim, e póde estabelecer-se como principio que o ascendente de um official sobre os seus homens se manifesta principalmente pela serenidade d'estes ultimos, pela sua obediencia ás ordens dadas, e que é este estado de espirito que produz durante o tiro a disciplina de fogo.

Posto isto, voltemos ao n.º 120; que mais lêmos n'elle ainda?

«Os fogos á vontade são executados ás pequenas distancias e quando as tropas expostas a um fogo muito intenso não dispõem da serenidade necessaria para a boa execução das descargas.»

D'este modo, meditando bem essas duas phrases do regulamento, chegamos á seguinte contradicção: ás pequenas distancias executam-se fógos á vontade porque os soldados escapam á acção dos chefes nos fogos por descargas; ás grandes

distancias executam-se estas, porque os soldados escapam á acção dos seus chefes nos fogos á vontade.

A razão não concebe porque motivo uma força que não está exposta e que conserva todo o seu sangue-frio, se tornaria indisciplinada durante a execução do fogo á vontade, e como o official, que perde o ascendente sobre ella ás grandes distancias e debaixo de um fogo pouco mortifero, o readquire ás menores distancias sob um fogo de grande intensidade.

A unica explicação admissivel é que o regulamento considera — o que representa um vestigio dos regulamentos precedentes — que o fogo á vontade se executa sempre com uma frente muito extensa, e as descargas com uma frente restricta.

É evidente que, no primeiro caso, uma força estará menos na mão do seu chefe do que no segundo, poisque será mais difficil a este fazer-se ouvir, comprehender e obedecer; mas, como já dissémos a proposito da concentração, esse caso é hoje uma hypothese gratuita ou, pelo menos, uma simples eventualidade que é preciso não substituir á regra geral, por isso que todos os fogos se executam na mesma formação: a linha em uma fileira sem intervallos.

Podemos pois concluir do que fica exposto que, ás medias e grandes distancias, o ascendente do commando se exercerá de egual modo sobre qualquer força, quer esta execute o tiro á vontade, quer por descargas, e repetiremos, d'accordo com o regulamento, que ás pequenas distancias as tropas nacionaes executarão melhor o tiro á vontade, porque a perturbação dos soldados exerce menor influencia sobre a execução d'essa especie de fogo do que sobre a do fogo por descargas.

Direcção do consumo de munições. — No fogo por descargas nem um só tiro é disparado sem ordem do official, o que permitte ao regulamento dizer com razão (n.º 119) «as descargas proporcionam o meio de regular o consumo das munições.»

Theoricamente poderia ser assim tambem no tiro á vontade, admittindo que este fogo não era, em regra, senão de um só

cartucho. Sem se fixar, porém, uma prescripção tão limitada, que faria perder ao fogo á vontade a sua velocidade e por consequencia o seu effeito util, poderia adoptar-se o principio do limite do numero de cartuchos a consumir. Como este limite fica inteiramente á discrição do official, se este é obedecido, o problema da direcção do consumo das munições está resolvido.

O que póde oppôr-se á execução fiel das ordens do official commandante? A falta de ascendente que elle tem sobre a sua fracção n'um dado momento.

Ora, acabamos de ver o que se deveria pensar d'esta questão a respeito do fogo á vontade, na zona em que elle se encontra em concorrencia com o fogo por descargas, e por isso não insistiremos mais.

Em resumo, em presença da efficacia e da simplicidade do tiro e das suas duas subdivisões, simplicidade de execução e facilidade de direcção, o fogo á vontade satisfaz inteiramente.

Resta-nos agora demonstrar que elle é absolutamente necessario; um exame mais profundo da questão nos fornecerá os meios de o provarmos.

Efficacia do tiro. — Existe com effeito um principio de direcção dos fogos invariavel, indiscutivel, qual é o de dever empregar-se sempre e em todos os casos a especie de fogo que produza o maximo effeito util. Seria tão absurdo não pôr fóra de combate senão 50 homens com 1:000 cartuchos em 1 minuto, havendo a possibilidade de pôr fóra 100, como queimar 2:000 cartuchos em um tempo dado para inutilisar 50 homens, quando se poderia alcançar o mesmo resultado apenas com metade d'esse numero de cartuchos.

Ora, como para cada caso particular não póde haver senão um maximo, é evidente que se não deve empregar em cada caso senão uma unica especie de fogo. Além d'isso, estudando esses differentes casos particulares, isto é, a execução do tiro ás pequenas, médias e grandes distancias, tivemos a boa sorte de vêr que uma determinada especie de fogo, e sempre a mesma, dava invariavelmente o maximo effeito util.

É, pois, só essa a que convém empregar em todos os casos, isto é, portanto, o fogo á vontade.

(Continúa).

Trad. de

PACHECO SIMÕES
Capitão d'infanteria

A VENDA DAS COLONIAS

Foi este o assumpto de um extenso discurso proferido na Camara dos Deputados, em sessão de 12 de fevereiro do corrente. N'esse discurso foi advogada com a maior convicção e vigor a alienação parcial do nosso dominio ultramarino, citando os de varios homens politicos, que teem emittido opiniões para isso.

Com effeito, existe um grupo, felizmente pouco numeroso e pouco forte, que se declara partidario da alienação. Um d'esses partidarios, nosso distincto camarada da arma de cavallaria, tem mesmo, com a franqueza com que expande as suas opiniões, apresentado em livros ou opusculos o seu modo de sentir e ver.

Comtudo este nosso distincto camarada, não é rigorosamente um partidario de reducção de dominio, ou de amesquinhamento de patria, pois que S. Ex.ª quer antes uma substituição ou troca de dominios, de modo que nós cedamos aqui para obter alem.

E' um modo de ver pessoal, digno de respeito, e que se pretende menos impôr do que pôr em discussão.

Aonde o grupo da alienação recruta maior numero de partidarios, é entre os officiaes que já foram ás colonias, geralmente só uma vez.

Respeitamos nós muito as opiniões baseadas na experiencia, mas comprehendemos que ha questões que se não podem esclarecer só pela impressão que os sentidos recebem, sobretudo quando a impressão é tão limitada, incompleta, e insufficiente.

Porque os nossos camaradas viram apenas uns pedaços das nossas colonias, o capim, os pretos, palhoças, aqui e além uma estrada, uma povoação, e notaram ao mesmo tempo a falta de edificios, de estradas, commercio portuguez, e finalmente, de progresso n'um dado ponto.

Muito de relance, a viagem permittiu-lhes tambem ver alguma cousa das colonios extrangeiras, mas certamente muitissimo pouco.

Geralmente vê-se o Cabo, Durban, Adem, Cairo, Alexandria e Bombaim, e é aqui, comparando a grandeza e progresso de umas com o atrazo a pequenez de outras, que as suas opiniões se baseiam.

E' isto: comparam o qua ha de peor nas nossas colonias, com o que ha de melhor nas colonias extrangeiras.

O que immediatamente resalta á vista é que estas observações tão incompletas ou limitadas, não suppõem nem valem o estudo das estatisticas, a leitura de escriptos e descripção sobre o territorio colonial.

Na impossibilidade de inspeccionar todas, ou uma parte sufficiente das colonias, tanto portuguezas como extrangeiras, o unico caminho a seguir para formar uma opinião bem fundada, clara, logica, e estudar as condições em que se acham as differentes colonias, e depois estabelecer a comparação, mas só entre colonias que estão em condições identicas, em extensão, povoações, clima e riqueza natural do solo, geralmente attribue-se o estado da colonia, unicamente á influencia dos possuidores, sem ter em attenção a causa fundamental, que são os recursos proprios da colonia e suas condições.

Não foi a actividade e capital inglezes que fizeram tudo.

Talvez seja mais exacta esta maneira: os recursos locaes fazem a actividade e o capital inglezes. A Inglaterra apoderou-se do melhor que havia em condições naturaes e proprias,

e n'estas bases é que a sua superioridade se deve em grande parte encarar.

Na Africa do Sul encontrou melhor clima, a cooperação dos boers, e as minas de ouro e diamantes, d'onde tem chegado a extrahir 160:000 contos por anno. Se ha uma população que desenvolva o commercio, as vias de communicação e o *progresso material*, é a mineira.

E muito de proposito dizemos *progresso material*, porque o moral é o que se está vendo; ambição e intriga desenfreada.

A maior parte dos caminhos de ferro e outros emprehendimentos não os inspirava o progresso nem a civilisação. Tudo por um espirito de rapina, ambição, poderio pessoal e de raça, que produziu a actual guerra, guerra injusta, anti-economica, ou ruinosa.

Sensivelmente abalado o prestigio da Inglaterra, perda de mais de 50:000 soldados, desbarato de 500:000 contos, dobrando-se ainda, talvez, estes numeros.

Eis quanto custou o avanço febricitante e artificial de Durban e Cabo, e os emprehendimentos gananciosos e despidos de escrupulos em Kymberley, Joannesburg e Rhodesia.

No Cairo ostentam os enormes recursos do Egypto e Nilo, famosos desde a antiguidade.

A população d'este Estado, que, apesar de tudo, não é nem será nunca uma colonia ingleza, é de 10 milhões. Os recursos economicos, a producção, o commercio, e receitas do thesouro, são muito superiores aos de Portugal. A Alexandria é o porto principal do Egypto, por onde fazem escala e abastecimento muitos dos navios que passam no canal. Gibraltar, Malta e Aden, são pontos estrategicos com os quaes a Inglaterra gasta muitos milhares de contos. Assim o exige o Imperio.

Comparar Bombaim com Goa, é o mesmo que comparar Cacilhas com Lisboa.

A India ingleza tem 300 milhões de habitantes, e a nossa meio milhão, ou 600 vezes menos que a ingleza.

Bombaim é o porto principal e centro do commercio in-

diano, que é enorme, por ser tambem enorme a producção do paiz.

Do que fica exposto não se deve concluir que pretendo exaltar a nossa capacidade, ou amesquinhar a dos inglezes. Pretendo apenas que se façam comparações logicas e não absurdas, pois que não é pequeno o absurdo de estabelecer comparações entre as nossas colonias despovoadas ou mal povoadas por pretos que não se vestem nem produzem, sem minas de ouro em exploração, com as melhores colonias inglezas.

A população total das colonias inglezas é de 400 milhões de habitantes. As nossas teem 4 a 6 milhões, o maximo. As nossas melhores colonias estão debaixo do equador, do sol ardente, que em breve arruina a saude do branco.

A unica comparação admissivel ou acceitavel, deve fazer-se com colonias em identicas condições de clima, povoamento e recursos naturaes.

As colonias inglezas em taes condições são a Rhodesia, Niger, Ouganda, Costa do Ouro e Guyanna.

Guyanna é uma colonia visinha do Amazonas, com 240:470 kilometros quadrados e 300:000 habitantes. Está muito mais atrazada que o Brazil, antiga colonia portugueza. E' uma colonia decadente, sem progresso. E ao tempo acudiam ahi alguns milhares de emigrantes portuguezes, e foi talvez de proposito que o governo inglez chamou chinezes e coolis para afastar o elemento portuguez.

Tem 34 kilometros de caminhos de ferro.

A Rhodesia, feita sob imposições e auspicios de Cecil Rhodes, após o ultimatum de 1890, teve em 1895 a irrisoria exportação de 100 contos de réis. Importação 360 contos. A sua superficie avalia-se em 1 milhão e meio de kilometros. Tem 930 kilometros de caminhos de ferro, o dobro de Moçambique, mas fossem embora o triplo ou o decuplo, pouco isso importava e provava, porque esses caminhos de ferro foram e são instrumentos de conquista, um verdadeiro jogo de ambições e intrigas politicas e capitalismo de «venha a nós a vossa provincia de Moçambique.»

Sob o ponto de vista economico, de nada tem servido, e como o seu rendimento é negativo, forçoso será encontrar quem pague a aventura...

Convém ainda advertir que Moçambiqne mesmo que não tivesse nenhum caminho de ferro, possuia melhores communicações, porque tem os portos do Indico, a costa, os rios Limpopo, Zambeze, Chinde, etc.

O Niger, com 898:000 kilom. quadr. e 2.400:000 habitantes, não tem ainda nenhum caminho de ferro. Pela população e extensão aproxima-se esta colonia de Angola, mas evidentemente está mais atrazada.

O commercio de importação e exportação do Niger, em 1896 foi de 6:300 contos. O de Angola em 1896, 11:648 contos.

Na Africa oriental, Ouganda, que se approxima em população e extensão de Moçambique, tem agora em construcção um caminho de ferro com 435 kilometros. Este caminho tambem se não construiu só por motivos economicos e civilisadores, mas antes politicos, pois penetrará mais tarde na Abyssinia, e dirige-se para a colonia interior dos Lagos, ou Africa Central.

Apesar dos indigenas n'estas regiões serem mais civilisados, o commercio de importação e exportação em 1896 foi de 2.200 contos. O de Moçambique, em 1895 foi de 8:677.

Em junho de 1891, antes da abertura do caminho de ferro de Lourenço Marques e da Beira, o movimento commercial foi de 5:287 contos. E' certo que este commercio foi na maioria extrangeiro, mas tambem nas outras colonias da Africa Oriental o commercio se divide muito, sendo em grande parte feito pelos arabes, mouros e banianes.

Na Costa do ouro, a colonia ingleza, com milhão e meio de indigenas, isto é, mais que em Moçambique, e quasi tanto como em Angola, não ha caminhos de ferro. A situação financeira e commercial tambem não nos leva vantagem.

N'esta colonia teem os indigenas estado em revolta total e temivel contra os inglezes. A capital, Commiassié, está cercada ou caiu já em poder dos revoltosos, com o consecutivo massacre dos habitantes inglezes.

•Sem pretender insinuar a respeito do procedimento dos inglezes para com os indigenas, diremos que, quando os indigenas se revoltam nas nossas colonias, os jornaes, tanto nacionaes como extrangeiros, affirmam em coro que a revolta foi motivada por maus tratos, explorações, roubos, por parte dos portuguezes.

Será então bom que registemos que tambem ás vezes se revoltam os administrados da Inglaterra, e com a maior furia, apesar da bca, sensata e vantajosa administração ingleza.

Identicos factos observamos nas colonias allemãs, francezas, belgas, e até nas americanas.

Se fizermos a comparação das colonias portuguezas com as francezas, allemãs, belgas e hollandezas, chegamos a identicas conclusões, quando á comparação preside a logica e a razão, e não o cego capricho.

Com certeza que não é com Java ou Sumatra que devemos comparar Goa. Tem esta 82 kilometros de Caminhos de ferro, e tem Java 1:764 kilometros; mas a população de Java é de 26 milhões de habitantes, ao passo que a nossa India tem 514.000. Em Java, a densidade da população é de 200 por kilometro quadrado, isto é, 4 vezes mais que a do nosso territorio europeu. Java tem uma producção excepcional.

Em paiz rico, produtivo e bem povoado, todos os negocios e emprehendimentos são possiveis.

Na Africa, a densidade, ou antes, raridade da população, regula 2 habitantes por kilometro quadrado.

A respeito da producção do solo, teem os brancos de a desenvolver.

Para animar o commercio temos isto: pretos nús que só consomem algum algodão estampado e aguardente. E' certo que se precisa ali alguns centos de kilometros de caminhos de ferro, mas a maioria dos que reclamam esses caminhos não arriscarão n'elles o seu dinheiro, porque em muitos casos o seu rendimento não pode ser immediato.

Para taes melhoramentos acóde mais depressa o capital extrangeiro, e ás vezes dos mesmos extrangeiros que não teem

caminhos de ferro, nem companhias para explorar as proprias colonias.

E' que o caminho de ferro, a companhia, a acção, são instrumentos de conquista, ou meios de tomar posse da casa do devedor mal governado. Seriam titulos para herança no caso de testamento do velho Portugal, que tem um tanto arruinado o orgão do thesouro publico.

Não se póde Goa comparar — dissemos — com Java, e tambem não com Sumatra, Ceylão, Algeria, Tonkin e Indo-China; porém, poderiamos com vantagem estabelecer o parallelo com algumas ilhas hollandezas do archipelago Malasio, que, sendo superiores em territorios e população, ou achando se em condições identicas no que diz respeito a recursos, não accusam maior progresso, nem possuem caminhos de ferro, nem grandes cidades.

A Indo-China franceza, com vinte milhões de habitantes, tem 185 kilometros de caminhos de ferro.

O Congo francez não tem ainda nenhum, nem em construcção. E em superficie e população esta colonia é superior a Angola.

Madagascar, de recursos não inferiores a Moçambique, vae agora ter um caminho de ferro em construcção.

O Congo belga, com o territorio e população de Angola, está egual em caminhos de ferro, sendo porém provavel que Angola tenha em breve mais do dobro. Angola tem actualmente 393 kilometros, que foram inaugurados muito antes dos do Congo Belga.

Nas colonias allemãs encontramos 150 kilometros no Sud-oeste, e na Africa Oriental trata-se de construir uma linha de 200 kilometros.

Em população e superficie a Africa oriental allemã é superior a Moçambique, mas o commercio interno é inferior ao d'esta.

Em 1898 as suas importações e exportações foram 2:500 contos, ao passo que o de Moçambique em 1895 foi de 8:677 contos. Com o transito pela Beira e Lourenço Marques, o movimento tem agora duplicado.

Como atraz ficou dito, os mouros e banianes possuem a maior parte do commercio miudo na Africa Oriental, mas perdem terreno de anno para anno.

As outras colonias africano-allemãs, Fogo e Camerum, não teem caminhos de ferro, nem commercio que se approxime do das nossas.

*

* *

Vê-se pois que as nossas colonias, que tanto nos envergonham quando fazemos disparatadas comparações com o Cabo, Bombaim, Cairo, etc., não receiam as comparações com as colonias de outras nações, em identicas condições de recursos.

O seu commercio, pela importanção prova a quota individual do consumo dos habitantes, não é inferior ao dos visinhos; pela exportação que a agricultura e industria extractivas, tambem não estão mais atrazadas. Em caminhos de ferro sustentam bem o paralello.

Em população branca, parece-me que seria conveniente augmental-a o mais possivel com portuguezes; todavia, as colonias das outras nações com as quaes rasoavelmente podemos comparar, não estão melhor.

O total das colonias africano-allemãs, com 23 milhões de kilometros quadrados, tem 4:000 brancos. A nossa Angola com 1,2 milhões de kilometros quadrados, tem mais de 12:000 brancos portuguezes.

O Congo belga, com 2,2 milhões de kilometros quadrados tem 1:628 brancos, sendo 959 belgas.

As colonias francezas, essas, tirando a Algeria, pouca população branca teem. A emigração franceza total em 1893 foi de 5:300. Para as colonias vae apenas o elemento official e algum raro commerciante.

A Inglaterra é o paiz que dá mais emigrantes para a Africa. Em 1898 foram 9:756; porém destinam-se quasi todos á Africa do Sul e ás minas. Nas outras calonias africano-inglezas, que não teem minas de ouro, só se encontram algu-

mas duzias ou centos de inglezes, na maioria militares e funccionarios.

Deve-se ainda notar que os emigrantes que se dirigem ás minas, raro ficam no paiz, regressam quasi todos á patria, logo que podem.

Na Asia, as condições da população europea são proximamente eguaes para todas as nações, e se ha um continente que nunca será povoado pelos europeus, é este.

E a rasão é simples. Exceptuando a Siberia e Boukania, tudo o mais está povoado pelos asiaticos, mongoes, malaios, dravidicos, indo-europeus e mouros. O total d'esta gente é de 800 milhões, ao passo que a Europa só tem 400 milhões.

N'algumas regiões da Asia, a densidade da população só é egualada na Europa pela Belgica, Sena, Galles, Minho portuguez, etc.

O trabalhador e operario europeu pouco ali pode fazer, e por consequencia a occupação europea na Asia, só pode introduzir funccionarios, alguns commerciantes e militares.

Sob o ponto de vista do povoamento das colonias, Portugal só é excedido pela Inglaterra, advertindo porém que, se as colonias inglezas se povoam mais depressa, é isso principalmente devido á concorrencia de emigrantes de outras nações.

Para exemplo basta citar que nos Estados Unidos, aonde se destina a maior parte da emigração ingleza, entre 229:299 emigrantes que receberam em 1898, só 38:022 eram inglezes.

No Cánadá, Australia e Africa do Sul, da-se identico caso, e a rasão é simples: A Inglaterra possue o melhor que ha em climas e riqueza do solo.

Quanto á população portugueza de Moçambique, na verdade, é ella bem escassa, mas ainda assim, entre os differentes grupos de europeus, o portuguez tem já uma maioria importante em quasi todas as povoações, e essa maioria importante em quasi todas as povoações tende a augmentar, porque para isso estão já lançadas as bases sufficientes, com a occupação milital, a constituição das tropas, policia, pessoal administra-

tivo das companhias, caminhos de ferro, funccionarios, etc.

O grupo europeu inglez, que é depois do portuguez o mais numeroso, conta menos de 1:000 individuos, e seria um grande absurdo deduzir já d'ahi uma natural e necessaria absorpção da provincia. O Canadá, n'uma população de 5 milhões, conta um milhão e meio de francezes; os Estados Unidos teem 9 milhões de extrangeiros, sendo 3 milhões de allemães. O Brazil e Argentina perto de um milhão de italianos cada. A Australia tem tambem uma população cosmopolita.

Todavia, não se afrontam estas colonias e Estados com tantos extrangeiros como nós com 600 inglezes em Moçambique. E tambem um tanto vergonhosamente nos incommodamos com uns 500 boers em Mossamedes!...

Ora, não seria mau reflectir-se que é de origem portugueza a maior nação que existe sob o equador — o Brazil.

Ali, a população de origem portugueza, ou fundida no elemento portuguez, avalia-se hoje em 12 milhões.

Como já atraz ficou dito, tambem entre as colonias da Africa equatorial, são as portuguezas as que contam maior numero de europeus, e podemos para o futuro povoal-as mais depressa que os extrangeiros povoam as suas, porque os povos do Norte são menos proprios para esses climas do que nós, e a nossa emigração normal e annual, que é de uns 25:000 individuos, pode derivar-se em parte — e já se vae derivando — para a Africa.

(Continua).

Julio d'Oliveira.
Tenente de caçadores

A INSTRUCÇÃO DA 2.ª RESERVA

A instrucção da 2.ª reserva deu entre nós os melhores resultados. Da maneira como tudo correu somos levados a tirar tres conclusões.

A pouca falta de apresentações em todos os districtos,—que constitue a primeira conclusão,—mostra bem á evidencia que o nosso povo, o povo portuguez, é sempre obediente e que com o maior respeito e acatamento, e até dedicação e amor, acceita sempre todas as leis que visam á defeza do paiz e que tenham por fim manter illesa a paz do nosso lar e impoluto o bom nome portuguez.

A *Revista d'Infanteria* sente o maior prazer em registar um facto d'esta natureza que tem a mais alta significação, porque pugnando nós pelos interesses da infanteria, do exercito, e portanto do paiz, não podemos deixar de nos orgulharmos com o ver que o povo portuguez fornece um campo fertil e sempre fecundo onde as leis militares, que visam á defeza da Patria, podem germinar no mais alto grau.

Honra, pois, ao povo portuguez.

A maneira bastante completa como as praças da 2.ª reserva ficaram instruidas durante um prazo de tempo relativamente pequeno — o que constitue a nossa segunda conclusão — mostra-nos que os velhos processos seguidos na instrucção dos recrutas, essa constante e quasi unica preoccupação dos rigorosos alinhamentos e da firmeza inabalavel, necessitam ser postos de parte, e quanto antes melhor, para serem substituidos por uma instrucção methodica, progressiva, intensiva e logica.

Os optimos resultados colhidos da instrucção da 2.ª reserva — a que constitue a nossa terceira conclusão — são principalmente devidos á grande boa vontade, e ao entranhado amor com que, de coração e alma, os nossos camaradas se consagraram a essa instrucção. Sem isso nada teria sido. As seis horas de instrucção diaria, que elles aproveitaram sempre, e os bons fructos colhidos mostram perfeitamente o grande trabalho a que durante todo o mez estiveram submettidos. Essa dedicação, essa boa vontade, essas grandes qualidades de trabalho que todos revelaram são altamente honrosas, não só para elles, mas para a infanteria, para o exercito e para o paiz.

Se o povo portuguez correspondeu bem ao seu dever, esses officiaes d'infanteria encarregados da instrucção dos reservistas prehencheram cabal e valorosamente a sua ardua e trabalhosa missão.

A Revista de Infanteria, orgulhando-se com esses resultados devidos á dedicação e competencia d'esses officiaes, felicita-os e dedica-lhe o preito da sua homenagem.

O NOSSO ARMAMENTO

O estado actual da politica europea mostra claramente que a paz continua sendo uma utopia e que a *ultima ratio regum* será, e por muito tempo, a ultima instancia que julgará as questões entre os diversos paizes.

Por isso todas as nações se tem armado para a defeza dos seus interesses e aquella que isolando-se d'esta corrente não se preparar para a guerra de ámanhã é chamada moribunda e ameaçada na sua independencia. D'aqui, a necessidade de attendermos á defesa da nossa autonomia, e o primeiro factor d'essa defeza é o armamento.

N'um paiz pequeno é sempre um sacrificio a compra de armamento; mas todos os sacrificios possiveis devem ser feitos quando o exige a causa sagrada da Patria.

Reconhecida como inferior a nossa actual espingarda e a necessidade de a substituir, foi nomeada uma commissão para estudar qual a nova arma a adoptar. E embora n'esta questão a infanteria fosse directamente interessada, a nossa arma ficou apenas representada na commissão.

E' bem conhecido o resultado dos trabalhos da commissão que, por pequena maioria, resolveu adoptar a espingarda ultimo modelo da casa Steyr, votando os restantes membros da commissão na espingarda Mauser, ultimo modelo.

A espingarda de Steyr foi construida á medida que eram communicadas á fabrica as conclusões da commissão; a espingarda Mauser, que é superior a qualquer das do mesmo auctor em uso nos outros exercitos, é o modelo que a fabrica apresentou desde o começo das experiencias, não tendo tido ulteriores modificações.

A commissão dividiu-se ácêrca da espingarda a adoptar, como se dividiu na questão com o sr. capitão Vergueiro, não consentindo que o illustre official fosse discutir a importante modificacão que intruduziu na culatra da Mannlicher, que, a julgar pelos artigos publicados n'esta Revista, traria uma notavel superioridade á espingarda a que fosse applicada.

Vê-se claramente que na commissão houveram divergencias notaveis e sobretudo bem fundamentadas. E como n'um assumpto d'esta grandeza, que interessa a defeza do territorio nacional, só se deve proceder com a maxima prudencia, julgamos justissima a decisão do ex.mo ministro da guerra mandando suspender a realisação do contrato para a compra do armamento portatil.

E se os motivos apontados não fossem sufficientes para addiar a compra do armamento, ha um motivo de outra ordem que me parece bastante para justificar esse addiamento. N'um artigo (1) publicado n'esta Revista estudamos as condicções ás quaes devia obedcer o armamento portatil e concluimos dizendo que, satisfazendo uma espingarda ás conclusões expostas, se ficaria bem armado por muito tempo, porque ainda estava longe o apparecimento de uma espingarda com culatra authomatica. Porém recentemente, segundo uma noticia illustrada da *Nature*, (2) a casa Mauser pediu privilegio de invenção para uma arma carregando authumaticamente e expellindo o cartucho detonado pelo aproveitamento da força do recuo. E' claro que o problema saiu do compo theorico para o campo pratico e se a espingarda authomatica não satisfaz já as condições de serviço é certo que em breve se poderá tornar uma verdadeira espingarda de guerra com alguns aperfeiçoamentos que lhe sejam introduzidos pela industria do fabrico de armamento que dia a dia progride notavelmente.

Esta innovação não é mais do que applicar á espingarda o mechanismo já empregado pela pistola authomatica usada no exercito alemão e cujo funcionamento deve ser aproximadamente egual ao de uma pistola authomatica belga que vimos experimentar em março de 1899 na carreira de Pedrouços Esta pistola era inferior á Mauser allemã porque uma vez esgotados os seus 3 carregadores era necessario recarregal-os

(1) Vide pg. 77 volume de 1899.
(2) Vide Nature, pg. 45, volume de 1900.

cartucho por cartucho. E seria para desejar que se procedesse a estudos com o fim de substituir os actuaes rewolvers por qualquer pistola authomatica como as usadas nos exercitos extrangeiros.

Ora como, desde que se realize a compra do armamentos para a infanteria, devemos ficar armados por muito tempo e como as circumstancias politicas não parecem impellir-nos a fazer uma compra immediata, parece-nos preferivel esperar um pouco mais e chegarmos a adoptar uma verdadeira espingarda moderna que nos dará uma decisiva vantagem em quaesquer circumstancias.

A superioridade da espingarda dotada com culatra authomatica está, no dizer de *Ortus*, não em atirar mais depressa, mas em atirar melhor, por facilitar a pontaria.

Deante de um assumpto de importancia, como é a escolha do armamento, entendemos que os orgulhos pessoaes e vaidades mesquinhas devem desapparecer, convergindo todos os esforços para que, unidas todas as boas vontades, se consiga um armamento que bem empregado no campo de batalha seja a garantia da nossa independencia e o mantenedôr da honra da bandeira.

Gaspar do Couto Ribeiro Villas.
Alferes d'inf. 20.

BREVES CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

PROMOÇÃO A GENERAL DE DIVISÃO

Uma das aspirações da arma de infanteria é ver entregue os commandos das divisões militares a officiaes generaes provenientes d'esta arma; essa ambição não tem por origem a

vaidade do mando, mas unicamente a conclusão logica do raciocinio. E, depois que ella ficou acephala, pela actual organisação do exercito, mais se confirma que, os commandos das divisões militares devem ser desempenhados por officiaes generaes provenientes da arma de infanteria. Porém, desde longa data que tal não acontece, por bastante tempo assim permacerá, se não se providenciar dando remedio a um facto que póde contribuir para o enfraquecimento moral da arma a que nos honramos de pertencer.

Por fórma alguma pretendemos amesquinhar a competencia dos officiaes generaes provenientes das outras armas e serviço do estado maior, mas, por muitos conhecimentos genericos que esses afficiaes possuam, jámais os terão com toda a precisão quando se tratar de assumptos estranhos á arma ou serviço onde fizeram a sua carreira militar, aliás, se tal admittissimos, deveriamos concluir, logicamente, que não haveria necessidade de existirem os quadros das differentes armas e serviços, todos os officiaes tinham a mesma competencia, o que por certo é uma utopia.

A divisão, digam o que disserem, embora seja constituida por diversas armas e serviços, na sua essencia, é a infanteria que a constitue, ella é o elemento preponderante; e, assim como na cavallaria independente, não obstante ser acompanhada da artilheria a cavallo, o seu commandante deve ser um general de cavallaria; assim tambem na divisão, embora entrem outras armas e serviços, como auxiliares, o seu commandante deve ser um official general proveniente da arma de infanteria.

No nosso exercito só se comprehende a existencia do posto de general de divisão, pelas necessidades do serviço, para os commandantes das divisões militares, porque, na cavallaria, muito excepcionalmente se terá a necessidade de reunir as duas brigadas, formando uma divisão independente. No estado maior, engenheria e artilheria nenhuma das funcções que competem aos seus altos cargos exigem a existencia do posto de general de divisão, por consequencia, a solução do problema está em crear o posto de general de divisão, de infanteria, que se impõe pelas necessidades do serviço, crean-

do-o tambem para as outras armas e serviço do estado maior, pelas necessidades de promoção.

Baseando-nos nas considerações acima expostas, e considerando que o actual estado-maior general necessita ser augmentado com mais cinco generaes, já por que existe uma brigada de infanteria sem o seu respectivo commandante, já porque urge crear as direcções geraes de infenteria e cavallaria, acabando com o estado de acephalismo d'estas duas armas, e, porque no supremo conselho de justiça militar, só transitoriamente, em vista do codigo de justiça militar, podem lá permanecer os actuaes generaes do quadro auxiliar e reformados, parece-nos que este quadro se deveria compor e subdividir da fórma seguinte:

1.° — O seu quadro seria constituido por 31 generaes, dos quaes 5 pertenceriam a todas as armas e serviço do estado-maior, 1 ao serviço do estado maior, 7 á engenheria e artilheria e 18 á infanteria e cavallaria.

2.° — Dos generaes destinados á engenheria e artilheria, 2 pertenceriam áquella arma e 3 a esta, e os 2 restantes indestinctamente ás duas armas. Dos destinados á infanteria e cavallaria, 13 pertenceriam á infanteria, 3 á cavallaria, e os 2 restantes commummente ás duas armas.

3.° — Dos generaes destinados á infanteria 4 seriam de divisão.

4.° — Quando no estado-maior e outras armas houvesse algum general com antiguidade de general de brigada egual ou superior á de algum general de divisão de infanteria, teria tambem este ultimo posto, mas por fórma que, na cavallaria existissem sempre dois generaes de brigada.

Das soluções que acabamos de apresentar, sem prejuizo dos differentes quadros do exercito que teem accesso ao generalato, *e até com vantagem,* se resolveria o problema de dar os commandos das divisões militares a officiaes generaes provenientes da arma de infanteria, porém, a pouco ou nenhuma competencia sobre o assumpto leva-nos a não suppôr indiscutiveis as rasões do nosso accerto.

A. L. de S.

CAMPANHA DE GAZA

EM 1897

MARCHA PARA PALLULE

III

No 1.º de agosto, pelas 8 horas a. m. partiu a companhia encorporada na columna, constituindo as guardas avançada e rectaguarda, em direcção a Pallule.

A primeira etape foi a Mahamba, onde se estabeleceu em bivaque pelas 3.40 p. m., tendo apenas tido um descanço, para comer o rancho, das 11 ao meio dia.

N'este dia a temperatura foi elevadissima. O solo n'esta região é por vezes pantanoso.

O bivaque foi estabelecido junto da margem esquerda do rio Limpopo. Pela primeira vez tivemos occasião de admirar um hypopothamo colossal e innumeros jacarés, tendo de haver o maior cuidado para que as praças se não abeirassem da margem do rio.

A 2, pelas 7.30 a. m., levantámos o bivaque e seguimos para M'tanguana. Ás 2.40 p. m. a columna fez alto junto á lagôa do Benjame, onde estabeleceu bivaque.

A agua d'esta lagôa era infecta, mesmo depois de fervida tinha um pronunciado cheiro e sabor a lôdo, e foi d'esta agua que a columna se abasteceu, tanto para beber como para o rancho, com a aggravante de já os auxiliares se terem lavado n'ella e o gado ter bebido.

No dia immediato, pelas 7.20 a. m., a columna seguiu para Mabunda, onde chegou á 1.45 p. m.

A 4 partimos, ás 7.15 a. m. para Vuméne estabelecendo-nos em bivaque ás 3.30 p. m., sendo este estabelecido no areal da margem esquerda do Limpopo. O calor refletido na areia era abrasador.

Não carpimos aqui as nossas maguas pelos trabalhos que

por lá experimentámos no cumprimento do nosso dever como soldado; mas, é conveniente relatar estas coisas, para que os *africanos de agua dôce* fiquem sabendo o que por lá fizemos e as commodidades que gozámos.

A 5, pelas 7 a. m., a columna continuou a sua marcha para Naprené, passando em Massablano ás 8 horas. A's 9.45 fizemos alto no Ginjá, para as praças comerem o rancho, seguindo ás 11.45.

Proximo de Naprené a região devia ser muito habitada, a avaliar pelo numero de palhotas anteriormente habitadas por gente do Maguiguana. Junto d'uma palhota e a pequena distancia do caminho seguido pela columna, indo nós na guarda avançada, foi que se encontraram 3 craneos e alguns ossos dos infelizes que, cheios de febres e exhaustos de recursos, retiravam do Pallule para o Chibuto, e que foram traiçoeiramente assassinados pela gente do Maguiguana e Jambui.

Tão tristes despojos foram recolhidos n'um dos carros do comboio, e mais tarde, a 25 de setembro, tiveram encommendação solemne na igreja de Lourenço Marques, depois do que foi a urna funeraria coberta com a bandeira nacional e conduzida ao cemiterio. No lugubre prestito, em que se honravam os restos d'aquelles que souberam morrer pela patria, tivemos a honra de pegar n'uma das extremidades da nossa bandeira.

A's 2.40 p. m. estabelecemos o bivaque junto do Limpopo. Aqui tivemos outra vez occasião de vêr dois enormes hypopotamos que, surprehendidos pela nossa chegada, seguiram rio abaixo.

N'este local onde a coluna bivacou, appareceram alguns lacraus. O soldado meu impedido, ao pôr do sol, quando desemalava o seu capote, encontrou nas dobras um d'estes arachnidios. Já durante o dia eu havia visto alguns pretos, com as lanças das zagaias, matarem alguns.

É notavel! ninguem se queixar da dolorosa mordedura de tão venenoso animal!

Em 7, pelas 7.30 a. m., a columna seguiu para Pallule, onde existiu o commando militar do infeliz alferes Chamusca.

Era o commando situado na margem esquerda do Limpopo e junto da confluencia do rio dos Elephantes, constituido por um recinto vedado por um caniçado, mais para recolher gallinhas do que para abrigar e proteger homens!

Quando entrámos no interior do caniçado, vimos aqui e além varios utensilios, papeis rasgados, cartas, etc,, tudo em desalinho. Confrangeu-se-nos o coração ao pensarmos nos momentos angustiosos que o alferes Chamusca e os seus soldados deviam ter passado n'aquelle ermo, sem meios de defeza, cercados por centenas de selvagens ávidos de carnificinia, tendo para se lhes opporem 9 brancos prostrados pelas febres e 40 cartuchos para se defenderem!

Na marcha de Naprené ao Pallule gastou a columna 2 horas e 15 minutos, demorando-se apenas das 10 ás 11 para comer o rancho, retrocedendo para Naprené, onde novamente se estabeleceu em bivaque.

Pelas 8 horas p. m. d'este dia, mandou-me o commandante da columna chamar, encarregando-me de no dia immediato tomar o commando da columna, e marchar para o Guijá, afim de ali estabelecer um commando militar, e, concluido elle, o entregasse ao alferes Luiz Candido da Silva Patacho, depois de devidamente abastecido e municiado.

(Continúa).

Rodolpho A. de Passos e Sousa
Major d'infanteria

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Allemanha. — *Passagem de rios pela infanteria.* — Tem sido sempre um dos problemas difficeis de resolver e que muitas vezes tem lançado na pratica sérios embaraços e difficuldades invenciveis.

A infanteria, de qualquer dos exercitos que seja, não tem tido material proprio, e, para effectuar essas passagens, ou serve-se dos recursos locaes, além de factos separados e que a historia militar aponta como

feitos brilhantes, ou serve-se do material da engenheria, em geral em numero limitado, e nem sempre em condições de se poder utilisar.

Na Allemanha, para evitar estes inconvenientes e reconhecendo-se que a infanteria é uma arma que necessita ter recursos proprios para ter condições d'arma independente, como deve ser, tem-se feito experiencias com barcos construidos com tella das tendas de campanha, que são transportados pelos proprios soldados de infanteria.

Os resultados d'essas experiencias foram excellentes e, por isso, espera-se que, na Allemanha, a infanteria seja dotada com mais esse recurso.

Bom seria que na escola pratica da arma, ou que alguem da infanteria, olhasse a sério para este assumpto, porque dariamos assim á nossa arma mais um elemento de independencia, a que, por todos os motivos, tem todo o direito.

França. — *Exercicios de tiro a distancias reduzidas.* = O ministro da guerra determinou que as secções technicas de infanteria e engenheria estudassem as medidas convenientes para que as tropas que não tenham um campo ou carreira de tiro regulamentar, possam receber a instrucção de tiro reduzido, ministrada até 50^{m} com a arma ^{m}/86.

As mesmas secções estabeleceram duas especies de galerias. Uma d'ellas offerece uma segurança quazi absoluta, a ponto de se poder installar mesmo nos quarteis. A outra só se poderá adoptar quando, atraz do alvo, exista uma grande extensão de terreno não habitado nem frequentado, ou quando se disponha d'uma grande altura que sirva de espaldão.

Como não é facil a construcção d'essas galerias, pelas condições de segurança que requerem, ou pelas despezas que acarretam, ficou sem effeito a decisão ministerial e, ao mesmo tempo, prohibida a instrucção de tiro reduzido.

Estados Unidos. — *Uma arma original.* — Nos Estados Unidos tem-se feito experiencias com uma arma, modelo reduzido, em que a polvora é substituida pela electricidade.

As armas electricas apresentariam a vantagem de não produzir fumo, o que já hoje está vulgarisado, não produzir estampido, não aquecer o cano, variar a velocidade inicial conforme se desejasse, mas tem inconvenientes capitaes.

A referida arma é constituida por uma serie de carretes que formam um tubo e estão enlaçados com um commutador, por meio do qual entram successivamente os carretes n'um circuito electrico.

Um projectil de ferro é lançado, com velocidade sempre crescente, pelo orificio interior dos carretes até que, no ultimo, onde a corrente tem maior intensidade, adquire a velocidade total.

O referido modelo consta d'um tubo de vidro, de paredes muito resistentes, em volta do qual estão dispostos tres carretes.

As experiencias foram feitas a 50m, atravessando o projectil uma tabua de pinho de 12mm de espessura. Embora as experiencias continuem a dar bons resultados e se chegue a aperfeiçoar o referido modelo, não se poderá pensar em applical-a á infanteria porque só póde funccionar em sitios onde se possa estabelecer motores electricos, isto é, só poderá ter applicação nos navios e nas praças fortes.

Africa Austral. — *Juizo sobre os combatentes.* — *L'Echo de l'Armée*», no seu numero de 13 de maio, expõe os seguintes juizos que ao seu correspondente na Africa do Sul lhe merecem as tropas combatentes da mesma região.

«Os boers carecem de unidade. Quando um commando emprehende a retirada, todos os commandos immediatos seguem o movimento sem saber porquê.

«Não sabem aproveitar os seus triumphos, e por nenhum preço querem tomar a offensiva. A sua tactica consiste em matar o maior numero de inglezes, permanecendo a coberto e quasi invesiveis. Nunca procuram o inimigo, esperam-no em solidos entrincheiramentos, declarando que não querem arriscar-se imprudentemente, pois seguem o principio de que, para ser forte, é necessario conservarem-se vivos, cuja phrase repetem com frequencia.

«Os inglezes organisam nas suas operações muito poucas patrulhas, tendo renunciado ao systema de exploradores, pois que todo o homem ou pequena fracção isolada é fatalmente aniquilada pelos boers emboscados: assim é que ordinariamente avançam em grandes massas, sem se occuparem dos tiros que lhes fazem pelos flancos. Taes marchas, ás cégas, explicam as formidaveis perdas que soffrem nos combates».

BIBLIOGRAPHIA

A polvora sem fumo e a tactica, por G. Moch capitão da artilheria franceza, traduzido e annotado por José Victorino de Sousa Albuquerque, capitão de infanteria da guarda municipal de Lisboa.

As nossas primeiras palavras não pódem deixar de ser de profundo agradecimento á gentileza do nosso camarada, o sr. capitão José Victorino de Sousa Albuquerque, escrevendo na primeira pagina do seu valioso trabalho dedicatoria tão amavel quanto penhorante, e á qual a

Revista de Infanteria procurará corresponder, propugnando sempre com entranhado amor pelo progresso e honra da arma.

Na legião dos crentes, dos que trabalham com fé, dos que sabem que só o estudo methodico e impulsionado na mais viva intensão de uma utilidade real e efficaz em prol da diffusão da sciencia pelo exercito, póde encaminhar a nossa arma á supremacia a que tem direito, tem o nosso camarada Albuquerque um logar muito distincto.

O livro que temos presente é na verdade muito interessante e muito util. É mesmo um livro valioso, não só por estudar questões da actualidade, questões palpitantes, mas principalmente pelo criterio como está escripto, pelas logicas conclusões a que chega.

Vulgarisar um trabalho d'esta ordem é prestar um alto serviço á nossa arma.

De todas as descobertas modernas, de todos os aperfeiçoamentos ultimamente introduzidos no armamento portatil nenhum sobreleva á descoberta da *polvora sem fumo*.

A suppressão do fumo marca uma nova epocha para a tactica.

E na verdade assim é, porque os principios em que modernamente tem de assentar o mecanismo do combate, serão por tal fórma diversos dos moldes antigos, que, muito bem diz o sr. Moch, a descoberta da polvora sem fumo é uma *revolução*.

De resto, levar-nos-hia muito longe se pretendessemos dar noticia detalhada do livro que está primorosamente traduzido e enriquecido com notas muito importantes, tendo-nos agradado sobremaneira a que se encontra a paginas 30, que põe bem em relevo o valor da erudição do sr. Albuquerque, o fundo do seu cabedal profissional e scientifico.

Reiterando os nossos cordeaes agradecimentos, felicitamos sinceramente o nosso camarada pelo valor do seu utilissimo trabalho.

Estudo de uma arma de fogo portatil sob o ponto de vista balistico e do seu emprego na guerra, por J. Mathias Nunes, tenente coronel de artilheria.

Como se vê pelo titulo, este estudo tem capital importancia porque è na arma e na sua applicação á guerra, isto é, no tiro e nos seus effeitos e consequencias, que deve recahir toda a nossa attenção.

O livro em questão estuda a arma, mais sob o ponto de vista balistico do que sob o ponto de vista dos effeitos do tiro sobre as formações. O estudo balistico d'uma arma póde ser feito por varios processos, demandando uns mais conhecimentos mathematicos do que outros, mas sempre interessantes, e é de toda a vantagem que sejam muito conhecidos por todos os officiaes de infanteria.

O estudo feito pelo sr. Mathias Nunes, com applicação á carabina de 6^{mm},5, $^{m}/_{96}$, da nossa cavallaria, é feito com todo o rigor mathematico

Entrando nas formulas determinadas por balisticos distinctos com os valores dos respectivos elementos e fazendo as deduções e operações, determina o sr. Mathias Nunes todos os quesitos necessarios para conhecer e avaliar das condições balisticas d'uma arma de guerra, com o que mostra grandes conhecimentos.

Relatando as experiencias feitas no estrangeiro, com as balas de pequeno calibre, mostra como o seu effeito é grande, com o que concordamos plenamente.

Para tornar o seu estudo util e interessante, remata o sr. Mathias Nunes o seu trabalho com tres mappas, onde se encontram determinadas pelas formulas de Siaci os angulos de queda, as velocidades restantes e duração de trajecto, bem como os elementos do vertice da trajectoria da carabina da cavallaria.

Nós aconselhamos a leitura d'este livro porque, além do que n'elle se póde aprender, que é muito, pela grande competencia do seu auctor, é um livro unico no genero entre nós.

Felicitando o sr. Mathias Nunes pelo seu trabalho, agradecemos-lhe a sua offerta.

SECÇÃO OFFICIAL

Promoções aos postos inferiores

Circular n.º 5 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 4 de janeiro de 1900.

Diz que está em execução o § unico do art. 5.º do regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito, publicado na O. E. 14 (1.ª serie) de 1896, ficando sustada a execução da circular n.º 5 de 4 d'outubro findo, o que não obsta a que este ministerio, quando haja por circumstancias extraordinarias excesso em qualquer dos quadros, mande prehencher uma ou outra vaga por supranumerarios.

Licenças para estudos

Circular 15 A da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 15 de janeiro de 1900.

Diz-se que ficam auctorisados os commandantes dos corpos a concederem durante o anno lectivo, prorogação de licença registada ás praças a quem, em cada anno lectivo tiver sido concedida licença nos termos do art. 5.º do decreto de 4 de outubro ultimo, quando mostrem aproveitamento nos cursos que frequentam.

Rancho dos sargentos — Auxilio

Circular n.º 172 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 16 de janeiro de 1900.

Auctorisa os conselhos administrativos dos cargos a contar, para effeito do abono do auxilio, com todos os sargentos e seus equiparados que pertençam ao quadro do regimento e realmente n'elle estejam collocados, embora não arranchem, sendo o mesmo auxilio applicado ao rancho dos officiaes inferiores.

Mappa $^{m}/_{19}$

Ordem circular n.º 6 da 1.ª divisão militar, de 20 de janeiro de 1900. Em virtude d'ordens do Ministerio da Guerra determina:

Pelos quarteis generaes das brigadas e pelos regimentos de reserva da divisão deverá ser remettida no fim de cada trimestre á 3.ª repartição do Ministerio da Guerra um mappa $^{m}/_{19}$ do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito. O mappa para os quarteis generaes das brigadas deverá comprehender os officiaes de estado maior de infanteria e cavallaria que fizerem parte do estado maior das referidas brigadas. O mappa dos regimentos de reserva deverá comprehender todo o pessoal do quadro dos mesmos regimentos.

As outras auctoridades dependentes da divisão deverão remetter a este quartel general até 3 do mez immediato ao ultimo trimestre antecedente, um mappa do modelo acima referido relativo aos officiaes do estado-maior das armas citadas cujos assentamentos estiveram sob a sua guarda.

Os primeiros mappas a remetter por todas as auctoridades acima mencionadas deverão ser referidos a 31 do mez findo.

Impedidos dos officiaes dos quadros de reserva

Circular n.º 19 9 da repartição do gabinete do Ministerio da Guerra, de 24 de janeiro de 1900.

Diz que os impedidos dos officiaes dos quadros de reserva devem usar nos emblemas dos barretes de flanella azul, inferiormente ao numero do regimento e districro, a lettra R determinada para as praças de pret dos referidos quadros. Nas extremidades das golas das jaquetões usarão o numero do regimento, tendo inferiormente a letra R.

Pretenções

Ordem circular n.º 7 E do commando da 1.ª divisão militar, de 31 de janeiro de 1900.

Diz que tendo sido dirigidas a S. Ex.ª o general algumas pretenções e principalmenie requerimentos de transferencias, sem serem pelas vias competentes, faz saber que semelhante procedimento será punido d'ora ávante rigorosamente. por ser contrario aos regulamentos em vigor.

Pessoal permanente dos districtos de recrutamento e reserva

Circular n.º 133 da 3.ª repartição da secretaria da guerra de 31 de 1900.

Determinando que a matricula das praças que tiverem passagem aos quadros permanentes dos districtos de recrutamento e reserva, se conserve aberta nos regimentos activos a que pertenciam, devendo só

ser encerrada quando as alludidas praças tenham passagem a outro qualquer cargo do exercito activo, tenham baixa definitiva do exercito do continente, passagem ás companhias de reformados ou á 2.ª reserva.

Tempo de serviço em dobro no ultramar

Circular n.º 14 da direcção geral, 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 21 de fevereiro de 1900.

Recommendando o cumprimento do disposto no § 8.º do art. 6 do agosto de 1886.

CONSULTA

D'um nosso assignante recebemos o seguinte;

Os atiradores de 2.ª classe fazem oito sessões de tiro, e para satisfazerem ás condições da tabella para passagem de classe, teem que, pelo menos, acertar em cada uma das sessões com cinco balas, isto no caso de ser preciso acertar com cinco balas, na 8.ª sessão, que é a de repetição.

1.ª Pergunta. — E' ou não preciso acertar pelo menos com cinco balas na oitava sessão de 2.ª classe, para poder passar á 1.ª classe?

Resposta. — E' preciso, a tabella assim o exige.

A nota da referida tabella diz que, terminados as sete primeiras sessões, os atiradores consumirão os cartuchos que lhe restarem fazendo novas series ás distancias em que obtiveram peor resultado, *caso ainda não tenham satisfeito ás condicções de passagem de classe*, mas isto não vae d'encontro ao determinado na tabella, porque quer dizer que se farão as sessões repetidas antes da sessão de repetição. E' uma indicação e não uma determinação.

No tiro da 3.ª classe não se contam as balas acertadas para a passagem á 2.ª classe, porque a tabella assim o determina não indicando condição alguma.

2.ª Pergunta. — Poderá o atirador repetir a 8.ª sessão caso a tenha perdido e ainda tenha sobras?

Resposta. — Pode e deve.

3.ª Pergunta. — Qual deverá ser o minimo numero de cartuchos com que um atirador possa repetir uma sessão perdida?

Resposta. — O minimo numero é 5, assim como o maximo é 10.

4.ª Pergunta. — Qual deverá ser o maximo numero de cartuchos que um atirador pode gastar em cada dia util de instrucção pratica de tiro?

Resposta. — O R. de T. diz, e diz muito bem, no seu n.º 276, que o numero maximo de tiros em cada dia, será 10 e em casos excepcionaes 15.

A instrucção de tiro precisa d'uma certa sequencia e para ser bem ministrada necessita ser tambem uma funcção de tempo.

Nos corpos nem sempre se faz isso, porque as exigencias do serviço diario e a constante escacez dos effectivos não o permittem, mas por dia, abstrahindo mesmo da R. de T., nunca se deve fazer mais do que uma sessão.

3.º Anno Outubro — 1900 N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

A INFANTERIA, A ARMA DAS BATALHAS

I

Ad augusta per augusta.

E' profundamente judiciosa e sobremaneira suggestiva a irrefragavel verdade natural que se contém n'esta conceituosa sentença latina.

Não se obtem o triumpho d'uma causa, embora justa, não se consegue uma vantagem decisiva, não se chega a adquirir a posição preponderante a que se tem incontestavel direito, senão depois de sérios esforços, de trabalhos ingentes e de innumeras difficuldades.

Eis a situação actual da proclamada *rainha das batalhas*; eis esse mal estar latente de tantas gerações e de tantos annos, precursor d'essa lucta tenaz no campo da actividade profissional, d'esse trabalhar continuo, arduo, incessante, em que a nossa infanteria mais porfia e mais labuta na defeza das suas prerogativas de arma principal, que constituem a sua gloria e o seu apanagio de seculos, e que hoje se lhe contestam, embora os direitos, a razão e a logica inflexivel do campo de batalha estejam indiscutivelmente do seu lado.

Engeitada por uns, opprimida e desconsiderada por outros, a infanteria não desanima nem descança na sua lida afanosa, n'essa incruenta tarefa de todas as horas e de todos os instantes, reage com altiva dignidade contra os aggravos que lhe são dirigidos, protesta sempre nos limites d'uma extremada linha de correcção, de que não se afasta, contra as injustiças de que é victima, e prosegue intemerata e pundonorosamente,

conscia da sua força e dos seus direitos, no caminho recto e inalteravel das suas legitimas aspirações e justas reivindicações de arma proeminente, quer na paz, quer na guerra.

Correcta, modesta e digna no desempenho dos seus serviços profissionaes, no cumprimento da sua nobre e elevada missão, a infanteria não é a primeira a envolver-se em pleitos condemnaveis, em estereis disputas de primazias de armas; soffre resignadamente alguns aggravos que lhe são feitos, mas não póde deixar correr mundo, sem protesto solemne, affirmações doutrinarias nem sempre concordes com os principios tacticos preconisados por militares de incontestada auctoridade, que aos seus aturados e profundos estudos do tempo de paz juntaram a experiencia intelligente e productiva da guerra.

Hoje contesta-se á infanteria a faculdade material *de poder combater isoladamente,* sem dependencia d'outras armas, pela consideração de que na actualidade não ha uma *tactica especial* de cada arma, mas sim uma *tactica geral* que aproveitando os elementos e meios de acção de cada uma, os combina e utilisa para obter o fim commum.

Esqueceu, porém, ao illustre cathedratico, que perfilha taes ideias, que, exactamente, os principios d'essa tactica geral, que preconisa, são estabelecidos ou baseados no modo de combater da infanteria, unica arma que exerce sobre a tactica uma acção de direcção, e que, portanto, a infanteria, segundo esses mesmos principios, está apta a combater quer combinada com outras armas, quer isoladamente, porque esta arma, sendo a unica de que não se póde prescindir, se basta a si na guerra, supprindo com maior ou menor facilidade a falta ou deficiencias das outras armas, circumstancia que levou o proprio Napoleão I a designal-a pela *arma das batalhas.*

Recusa-se tambem á infanteria a qualidade de arma principal, em absoluto; é verdade que o distincto official que tal conceito exprime na sua recente publicação sobre a tactica das tres armas não poude deixar de consignar cinco paginas adeante que a infanteria é a arma principal dos exercitos, por ser a mais numerosa e a mais importante, — tenue reflexo de uma contradição doutrinaria que chegou a esboçar-se, talvez mais pela feição litteraria do escriptor do que por qualquer aberração do seu espirito esclarecido.

E' obvio que da ligação intima de todas as armas e da sua cooperação intelligente no campo de batalha podem derivar os resultados mais surprehendentes e decisivos; mas, quer se considerem sob o ponto de vista da sua acção combinada, quer sob o da sua acção separada, a infanteria, de entre to-

das, foi, é, e continuará a ser, segundo as melhores previsões, a arma principal dos exercitos.

Já o real exilado de Santa Helena dizia nas suas *Memorias* que o fuzil é a melhor machina de guerra inventada pelo homem.

Os successivos aperfeiçoamentos que as gerações novas lhe teem introduzido, augmentando consideravelmente de dia para dia o seu grau de potencia e consignando um notavel accrescimo de importancia á infanteria vieram dar um cunho axiomatico ao conceito formulado pelo primeiro capitão dos tempos modernos.

A infanteria é a unica arma que, pelo seu grau de resistencia, pode supportar o esforço de todas as armas combinadas.

Quer na offensiva, quer na defensiva, logo que entra no raio de tiro do canhão inimigo torna-se-lhe forçoso soffrer a acção dos projecteis de artilheria; apenas apparece nas zonas que marcam o alcance extremo da infanteria inimiga tem de sujeitar-se á acção mortifera da fuzilaria; e, emfim, quer esteja em movimento, quer em estação carece de precaver-se das surpresas da cavallaria, que aproveitará todas as suas faltas para tentar dizimal-a, envolvel-a, ou pelo menos ameaçal-a.

A cavallaria combate quasi exclusivamente pelo choque, a artilheria pelo tiro, e a infanteria, que é verdadeiramente uma arma completa, visto que é a unica que, em rigor, pode prescindir do concurso das outras, emprega o fogo na preparação do combate e completa-o por meio do choque ou assalto ao ponto decisivo.

Todas as armas, como é obvio, teem a sua participação maior ou menor nos trabalhos da paz e nos successos da guerra; do seu funccionamento, influencia ou acção preponderante no combate é que, porém, se deve aferir o grau de importancia relativa de cada arma, tanto na paz como na guerra.

São os escriptores classicos da primeira potencia militar do mundo, a Allemanha, são os officiaes que mais larga experiencia teem da guerra moderna que proclamam bem alto a preponderancia da infanteria, da arma por excellencia, no campo de batalha.

A infanteria é ao mesmo tempo o *agente principal* do combate e o *ponto de apoio* de todos os outros agentes postos em acção.

E' á infanteria que cabe a pesada tarefa da acção decisiva; é preciso que ella tenha vencido ou seja vencida no com-

bate para que o general em chefe possa dizer-se vencedor ou vencido; é ella que regula a progressão do combate e ao mesmo tempo o nivel do estado moral e das esperanças da massa inteira.

Eis a razão porque um distinctissimo official e abalisado escriptor militar, o coronel do estado maior allemão W. von Scherff, inscreveu em uma das suas obras mais notaveis os seguintes principios:

1.º — Que a infanteria foi, é e deve continuar a ser a arma principal; a unica capaz de exercer sobre a tactica uma acção de direcção, e, por consequencia:

2.º — Que em toda a época, a tactica de infanteria exerce sempre uma iufluencia decisiva sobre a das outras armas, dependendo a tactica de conjuncto ou tactica combinada da maneira como é empregada a infanteria no combate.

Desde que nos exercitos existe uma coordenação tactica é o modo de acção da infanteria no combate que imprime a este o caracter proprio á época, caracter a que as *armas auxiliares* ficaram sempre subordinadas.

Considerada a arma proeminente da guerra, a infanteria pode combater só em todos os terrenos e em todas as circumstancias e, comquanto a cooperação das armas *auxiliares* torne mais facil e decisivo o successo, aquellas armas teem de se amoldar ao impulso regulador da primeira.

São estas as ideias que teem curso nas grandes potencias europeias que, como a Allemanha, marcham hoje na vanguarda dos progressos militares.

São estas as ideias perfilhadas por auctoridades do cunho de Jomini, de Vial e do proprio von Scherff, que n'uma das suas obras classicas (1) inscreveu o seguinte periodo, bastante suggestivo, para que mereça ser reflectidamente meditado:

«C'est á l'infanteria que les autres armes doivent *demander*, c'est d'aprés sa conduite qu'elles doivent *se demander* comment elles peuvent la soutenir ou lui nuire, comment, par consequent, elles doivent regler leur propre conduite.»

Se o combate assignála tão decidida preponderancia á infanteria, não devem por titulo algum os *meios auxiliares* so-

(1) Étude sur la nouvelle tactique de l'infanterie.

brepôr-se ao *meio principal*, o que seria a inversão dos principios preestabelecidos.

Se a infanteria é a unica arma susceptivel de exercer sobre a tactica uma acção de direcção e se, no combate, a acção das outras armas lhe fica subordinada, é claro, é logico, é indiscutivel que para corresponder á grandeza da sua missão na guerra, se torna mister que não lhe seja denegada a alta importancia, a acção de direcção que durante a paz lhe deve tambem competir.

*
* *

Se do campo dos principios passarmos ao dos factos positivos, encontraremos em centenares de exemplos historicos a confirmação plena das nossas asserções.

Sem pretender remontar aos periodos épicos da historia militar antiga, em que a infanteria desempenhou sempre o papel mais importante, sendo considerada a arma principal até á época das primeiras migrações dos povos barbaros, em que o fundo abalo produzido na velha Europa pelo fluxo e refluxo de invasões successivas fez desapparecer os traços d'uma tactica regular, dando á cavallaria o predominio no campo de batalha, — sem querer mesmo levar as nossas investigações historicas aos ultimos tempos do periodo medieval em que a cavallaria, ferida já de morte nos campos de Morgarten e de Sempach no fim do seculo XIV, decahira notavelmente assignalando o resnascimento da tactica e o regresso ou a passagem da infanteria ao primeiro plano; sem nos determos em estudar minuciosamente a ordem de factos e de phenomenos sociaes que determinaram a evolução progressiva da arte militar depois da queda do imperio romano do oriente, deixaremos simplesmente consignado n'este logar que, depois da invenção da polvora, o apparecimento d'uma arma de fogo portatil, manejavel na guerra, vibrou o ultimo golpe na importancia tradiccional de cavallaria.

Assim foi que a preponderancia adquirida por esta arma no periodo medievo teve o seu tragico fim nas sanguinolentas batalhas de Marignan em 1515 e na de Pavia em 1525, em que a excellente infanteria suissa, na primeira, e a solida infanteria hespanhola, na segunda, manejando destramente o arcabuz, fizeram prevalecer a acção methodica dos fogos, como argumento decisivo no campo de combate.

No seculo XVII, Gustavo Adolpho introduzindo notaveis

modificações no armamento, nas munições de guerra, e reduzindo a profundidade das formações tacticas da infanteria, deu um maior impulso a esta arma, mercê do qual o exercito suecco obteve brilhantes triumphos sobre as tropas allemãs de Walleinstein e de Tilly na guerra dos trinta annos.

A infanteria de Turenne e de Condé acompanhando estes aperfeiçoamentos materiaes e adoptando os processos tacticos dos sueccos teve tambem a sua época de preponderancia e brilhantismo, sustentando briosamente a honra e lustre das armas francezas contra os hespanhoes e contra os imperiaes, não obstante a desproporção numerica das forças e a sensivel inferioridade da artilheria franceza.

Os feitos de Rocroi e de Lens, a sanguinolenta batalha de Friburgo, que assegurou a rapida conquista do Palatinado rhenano, e as victorias de Noerdlingen, de Dunes e d'Entrheim são devidos principalmente á solidez e tenacidade da infanteria franceza.

Montecuculli, nas memoraveis campanhas contra os turcos, attribue os seus assignalados triumphos ao valor e disciplina das tropas d'infanteria, que elle considerava a *base e o principal elemento* dos exercitos.

As victorias de Altenheim em 1675 as de Fleuras e de Staffard em 1690 foram tambem ganhas pela infanteria franceza.

Na celebre surpreza de Steinkerque, em 1692, deveu-se á disciplina e rigidez da infanteria franceza o restabelecimento rapido da ordem de batalha, que terminou por um brilhante triumpho para as tropas de Luiz XIV.

Em Nerwinde, em 1693, é esta mesma infanteria franceza que ataca impetuosamente o exercito de Guilherme d'Orange, destroçando-o, tomando-lhe toda a artilheria e fazendo-lhe um grande numero de prisioneiros.

A adopção da bayoneta em França nos principios do seculo XVIII sob a influencia de Vaubau, seguida a breve trecho do primeiro modelo de espingarda moderna (de silex), augmentou consideravelmente a importancia da infanteria que ficou convenientemente armada para o combate proximo e para o combate a distancia, mercê das propriedades reunidas de arma branca e de fogo, em detrimento dos compridos piques, que, pouco a pouco, foram sendo banidos dos exercitos europeus.

No fim das guerras de Luiz XIV e designadamente no segundo periodo da guerra da successão de Hespanha, a celebre infanteria franceza organizada sob os auspicios de Tu-

renne e do velho Condé, que tiveram por successores os generaes Luxamburgo, Catinat e Villares, exhausta, dizimada pela continuidade da lucta, foi perdendo as suas qualidades de tradiccional firmeza e impetuosidade no combate pela falta de preparação das novas levas de soldados para preencherem as sensiveis faltas nas fileiras dos velhos milicianos.

Pretendeu-se supprir estas faltas pelo augmento da artilheria, mas esse recurso não foi sufficiente para evitar os grandes desastres de Ramiliees (1706) em que a infanteria ingleza adoptou excellentes disposições tacticas dictadas por Marlbourough, e de Malplaquet (1709) em que o exercito de Villares pude deter o impeto de 30 batalhões da disciplinada infanteria com que o principe Eugenio fez o ataque do centro da linha de batalha.

No tempo de Luiz XV as victorias do marechal Saxe em Fontenoy (1745), e as de Raucoux e Lawfela no anno immediato, são devidas á tenacidade e bravura da infanteria franceza.

Mas uma das provas mais convincentes do que è e do que vale uma bôa infanteria encontra-se nas campanhas de Frederico II.

Este monarcha herdara de seu pae um reino de pouco mais de quatro milhões de habitantes e um exercito em que a cavallaria e a artilheria eram mediocres e a infanteria de superior qualidade.

O novo monarcha, que foi justamente considerado o primeiro capitão do seculo XVIII, introduziu desde logo sensiveis modificações no armamento das suas tropas e importantes aperfeiçoamentos nas formações tacticas da infanteria e da cavallaria.

Considerando o fogo como o principal meio de combate da infanteria, reduziu a profundidade das formações d'esta arma, dispondo-a unicamente em tres fileiras ao intuito de aproveitar a acção simultanea do fogo das suas extensas linhas, lançando assim os fundamentos da famosa *tactica linear*, que tão bellos e fecundos resultados proporcionou ás armas prussianas, preparando o engrandecimento rapido d'esse pequeno estado da Europa central.

A infanteria organisada sob estes novos moldes, deu as suas primeiras provas na batalha de Molwitz em 1741, em que a cavallaria prussiana abandonando o campo da batalha por effeito d'uma vigorosa carga dada pelos imperiaes, deixou á infanteria a ardua, mas brilhante tarefa, de repellir a cavallaria victoriosa e de destroçar seguidamente a infanteria

austriaca assegurando ao grande rei a primeira das suas mais surprehendentes victorias.

A batalha de Chotuzitz, n'esse mesmo anno, foi ainda decidida pela infanteria prussiana, que suppriu com a sua disciplina e fogo bem ordenado as defficiencias tacticas da cavallaria.

A guerra dos sete annos (1756-63) offerece-nos, sobretudo, frisantes exemplos da superior importancia d'uma infanteria bem organisada.

Combatendo contra tres grandes potencias, Russia, Austria e França, Frederico II soube tirar da solidez e dos apurados processos de combate da sua infanteria os recursos necessarios para ganhar as batalhas de Dresde e de Lowositz em 1756 a de Praga em 1757.

A batalha de Leuthen marca o apogeu de gloria da infanteria prussiana n'esta época.

Frederico II, com 32:000 homens de infanteria e com uma insignificante artilheria, alcança uma assignalada victoria sobre 70:000 austriacos, dispondo d'uma consideravel artilheria.

As sanguinolentas batalhas de Crevelt em 1758 e as de Minden e de Willighausen em 1759, conservam ainda a excellente reputação da infanteria prussiana; no entanto, depois de quatro annos de campanhas continuadas, a materia prima d'uma boa infanteria achava-se quasi exgotada n'um paiz pequeno, como o era a Prussia, tornando-se necessario ordenar novas levas de soldados imberbes, que pouca garantia podiam dar da sua solidez e grau de resistencia no campo de batalha.

Para compensar a inferior qualidade dos novos contingentes, Frederico II augmentou consideravelmente o numero de boccas de fogo, creou a artilheria a cavallo, organisou mais solidamente a sua cavallaria, que teve uma nova época de esplendor e de gloria, tornando-se notavel pela firmeza e rapidez das suas manobras, pelas celebres cargas em linha, que lhe proporcionaram immarcessiveis louros em muitas batalhas e, designadamente, na de Kohenfriedberg; mas a falta da sua velha e experimentada infanteria, dizimada em successivos combates, parecia insupprivel e acarretou-lhe a perda das batalhas de Bautzen, de Kienerdorf e de Dresde.

Com a mediocre infanteria dos ultimos annos da guerra, embora apoiada n'uma numerosa artilheria e excellente cavallaria, os seus triumphos eram menos brilhantes, pouco decisivos, e as perdas consideraveis, o que contrastava singular-

mente com os successos dos primeiros annos da guerra, em que as victorias eram estrondosas, decisivas, e as perdas relativamente pouco importantes, mercê da tactica *linear* e das qualidades manobradoras da notavel infanteria com que se iniciou a guerra dos sete annos.

Eis ahi o caracteristico das duas épocas bem distinctas, em que se póde dividir esta grande guerra, as quaes definem bem a importancia das tres armas no combate.

Na primeira, a infanteria prussiana solidamente constituida, bem disciplinada e instruida nos principios da tactica *linear*, precursora da tactica moderna, não carece do auxilio de artilheria numerosa para obter victorias brilhantes e decisivas, supprindo até as deficiencias da cavallaria, que era de inferior qualidade, e abandonava o campo de batalha aos primeiros embates, como succedera em Molwitz.

Na segunda épocha, uma infanteria mediocre, auxiliada por uma artilheria numerosa e por uma cavallaria de primeira ordem, perde algumas batalhas, e as que ganha são, em geral, pouco decisivas, sem resultados palpaveis, e á custa de grandes esforços e de perdas consideraveis.

Com estes simples elementos, facil seria tirar já as illações sobre a importancia relativa das tres armas no combate.

Continuaremos, porém, na resenha historica que tão excellentes materiaes e fecundos exemplos nos offerece para justificar ou comprovar as nossas asserções doutrinarias.

Adriano Beça.
Capitão d'Infanteria.

(Continúa).

FOGO POR DESCARGAS

E

FOGO INDIVIDUAL

(Concluido do n.º 9 — 3.º anno)

Simplicidade de execução.— Sob o ponto de vista de simplicidade, o emprego de uma só especie de fogo não se impõe menos que sob o da efficacia, porquanto a simplicidade

determina uma maior facilidade de execução e a facilidade de execução diminue sempre o tempo a consagrar ao ensino.

A nossa instrucção do atirador é a mais complicada entre as de todas as grandes potencias da Europa, em consequencia:

1.º — Da diversidade dos fogos regulamentares;

2.º — Da necessidade, devida á insufficiencia do systema de repetição, de mudar de genero de fogo no momento mais critico.

Este ultimo inconveniente é irreductivel com o armamento actual; o outro pelo contrario, é susceptivel de remedio. Bastaria para isso diminuir o numero dos fogos regulamentares e adoptar exclusivamente o melhor d'elles debaixo do ponto de vista da efficacia.

Mesmo com soldados instruidos, deve procurar obter-se a simplicidade em todas as evoluções, afim de alcançar d'elles essa execução rapida, embora irreflectida, que o habito produz mesmo em face do perigo. Ora uma das principaes condicções da simplicidade é a unidade. E' evidente que *no mesmo espaço de tempo*, se poderá fazer executar maior numero de vezes um movimento unico do que tres movimentos, por mais simples que estes sejam, e que se chegára a uma maior correção d'esse movimento. E' evidente tambem que, inversamente, se chegará á correcção da execução actual d'esse movimento unico *n'um lapso de tempo menor*, se apenas se praticar esse simples movimento em vez de tres.

Hoje, em face do serviço de curta duração, a questão da economia de tempo tornou-se primordial. Os regimentos não são mais do que grandes depositos, em que os recrutas, os voluntarios, os reservistas, e os territoriaes se renovam sem cessar, em que os proprios quadros permanecem constantemente no periodo da instrucção pessoal. Em consequencia das ausencias forçadas que derivam d'esta ultima situação, não ha um minuto a perder se se quizer alcançar o absolutamente essencial, e, mais do que nunca, torna-se necessario que a instrucção caminhe sem intermitencias e com simplicidade.

O regulamento de tiro de 22 de maio de 1895 estabele-

ceu como principio que a instrucção do atirador deve ser individual e deu largo desenvolvimento a esta orientação pois que supprimiu toda a idéa de simultaneidade nos movimentos para tomar posição, carregar a arma, apontar e disparar, eliminando por completo as vozes de commando. O soldado executa todos os movimentos segundo a indicação do instructor, isto é, em condições de tempo que dependem absolutamente de si proprio, ou por outra, executa-os á vontade.

E' depois de um ensino assim dirigido que realisa todos os seus tiros individuaes de instrucção, de applicação e de combate e que chega aos fogos collectivos, que acima enumerámos. D'esses tres fogos collectivos, dois ha que são como que a continuação da primeira instrucção; um d'elles, porém, o fogo por descargas, representa a sua completa subversão.

Tudo o que se executava á vontade se faz n'elle á voz; tudo quanto se effectuava individualmente não se faz talvez com simultaneidade, mas o acto principal nas suas consequencias, aquelle que é essencialmente o mais pessoal, porque depende do accôrdo intimo de tres operações complexas, o disparar do tiro, deve, ser simultaneo.

Seriam necessarias razões de grande peso para, na época em que a instrucção está já tão adeantada, justificar uma tão radical transformação no modo de proceder, e por consequencia o mau emprego de um tempo de que se deve ser tão aváro.

Vimos já que essas razões, talvez acceitaveis outr'ora, não são hoje admissiveis e d'aqui devemos concluir que seria desperdiçar um tempo precioso o perseverar no ensino do fogo por descargas.

Aperfeiçoar sem descanço a instrucção primeiro recebida, tal deve ser o fim a que todos se devem consagrar, quer no tiro quer nos outros conhecimentos especiaes; começar em cada seis mezes um ensino differente, é votar-se irrevogavelmente á mediocridade em cada um dos ramos da instrucção.

E' isto o que observamos hoje, em que a necessidade de estudar tres fogos differentes os faz descurar a todos.

Os 34 cartuchos consignados aos fogos collectivos são re-

partidos, não em attenção á utilidade de cada um d'estes, mas sim á difficuldade da sua execução.

Assim, o fogo á vontade, como mais simples, é o menos dotado e não dispõe senão de 6 cartuchos. Comtudo, apezar d'esta causa innegavel de inferioridade, os resultados que se obteem nas experiencias comparativas accusam sempre em seu favor uma pequena superioridade de justeza e uma grande superioridade de efficacia.

Que animadoras promessas para o momento em que se decida trabalhar unicamente n'este sentido!

Ha ainda uma outra razão que milita em favor do emprego exclusivo do fogo á vontade: é que esta especie de fogo é a unica verdadeiramente pratica na época actual, de tão intensiva utilisação do terreno.

Creado ao mesmo tempo que a tactica dos atiradores, com ella se desenvolvem e Napoleão fallava d'elle n'estes termos: «sómente o fogo á vontade dá resultado.»

Este testemunho tem ainda hoje todo o seu valor, porquanto, expressando-se assim, Napoleão não encarava as qualidades intrinsecas do fogo á vontade e a sua superioridade sob o ponto de vista do tiro, mas exprimia que essa especie de fogo era a que mais convinha ao terreno e, por consequencia, á marcha ou ao estacionamento debaixo do tiro do inimigo, e que, favorecendo a marcha e o fogo, assegurava nas melhores condições a acção da infanteria, da qual esses dois elementos são como que o principio e a vida.

Sabe-se que a Allemanha, cujo exemplo tem sido tantas vezes seguido, embora conservando o fogo por descargas nos seus regulamentos, não faz já uso senão do fogo á vontade, e póde-se ficar certo que não tomou esta resolução sem fundamento.

Sabe-se tambem que a Russia, por decisão de 22 de maio de 1897, pôz em experiencia nos seus regimentos a execução do tiro individual por fracção em ordem unida e que o relatorio sobre este assumpto deve ser brevemente apresentado.

Entre nós mesmo, nota-se que o emprego do fogo á von-

tade tem feito numerosos progressos ha alguns annos, e o documento ministerial que publicou as principaes observações feitas a proposito das manobras do outono em 1898, proclama abertamente a modificação que se operou.

A idéa está portanto a caminho e ganha terreno dia a dia; não esperêmos que a corrente nos arraste para então abrirmos os olhos á evidencia, isso seria pouco digno da nossa perspicacia.

*
* *

O fogo á vontade de que nos temos occupado é o fogo em tiro simples, o unico possivel com o armamento actual, mas esta especie de tiro não deve ser, em nossa opinião, *senão um fogo de transição.*

Vimos que a complicação do ensino do tiro em França dependia de duas causas principaes: a diversidade dos fogos regulamentares e a insufficiencia do systema de repetição. O emprego exclusivo do fogo á vontade fará desapparecer a primeira d'essas duas causas, porém, só o melhoramento ou a transformação do actual systema de repetição póde fazer desapparecer o segundo. Esta transformação impõe-se pois, e, quando venha a realisar-se, as nossas conclusões não serão por fórma alguma prejudicadas, por quanto o novo modo de carregamento, embora simplificando o ensino, conservará ao fogo á vontade a sua actual superioridade relativa e dará á sua efficacia da occasião um valor intrinseco muito maior ainda.

Sómente a designação do tiro unico da infanteria será modificada; é hoje o *fogo á vontade em tiro simples,* será então o *fogo á vontade em tiro de repetição* (1).

Trad. de

Pacheco Simões
Capitão d'infanteria

(1) Depois da publicação d'este artigo, e em resposta, segundo crêmos, a qualquer contradictor, o *commandante B*, publicou ainda no n.º 4 da *Revue du cercle militaire* de 27 de janeiro de 1900 um outro rtabalho sobre o mesmo thema, intitulado «*Les faillites du feu de salve.*«

AS MUNIÇÕES DE INFANTERIA

E' tal o estado deploravel das munições de infanteria que, o que vamos dizer, não constitue, certa e infelizmente, uma novidade para ninguem, pois que de todos é sabido. Comtudo o mostrar mais uma vez esse estado deploravel não pode entrar na cathegoria das cousas superfluas, tal é a necessidade urgente e inadiavel de evitar esse mal, não só para bem da arma, como tambem do exercito e do paiz.

Não é a mal querença, que não alimentamos, nem o espirito de contradição, que não temos, nem o prazer de desdenhar de tudo, que não possuimos prazer que, valha a verdade, em muita gente é vicio e vicio pernicioso, que nos levam a fallar assim, mas é a vontade ardente e uma grande satisfação intima que nos obrigam a fazer convergir todos os esforços para que o exercito cumpra e possa cumprir a sua missão.

E' com o tiro que se attinge o ideal sublime para que o exercito é destinado; para isso é necessario que os elementos que o garantem não faltem na occasião propicia.

O occultar a verdade, em casos taes, é um crime de lesa-patria; nós não queremos essa accusação nem soffrer esse doloroso remorso.

Aquelles que frequentam as carreiras de tiro a todos os momentos teem occasião de verificar o mau fabrico das munições, e os que lêem os jornaes diarios teem tambem tido muitas occasiões de ver a narração de desastres succedidos nas differentes carreiras de tiro do paiz, e alguns, infelizmente, pessoaes e bem graves.

Esses desastres, perigosos e graves, que teem succedido devidos ao mau e irregular funccionamento das munições, teem lançado sobre todos uma constante desconfiança e receio a ponto de todos, officiaes e soldados, se julgarem em perigo permanente desde que nas carreiras de tiro se faz o signal de fogo.

E' difficil enumerar as irregularidades que se notam, tal é a variedade, mas para se fazer uma ideia completa basta certamente dizer que não é raro apparecerem massos completos de cartuchos em que falham todos, como já tivemos occasião de presenciar. A precentagem de cartuchos falhados é enorme. E' grande o numero de cartuchos largos no collo a ponto de não entrarem na arma, o que, além de ser desmoralisador, causa fadiga e encommodo, e occasiona uma importante perda de tempo.

E' frequente encontrar cartuchos com balas recolhidas, o que pode ser perigoso e o que pode causar alterações nas condicções balisticas do tiro, quer pela perda de polvora quer pela sahida de gazes antes da bala partir, sendo portanto um tiro perdido.

Tambem é frequente encontrar cartuchos sem polvora ou então com muito pouca, a ponto de, na occasião do tiro, avançar a bala sómente de uma pequena altura do cano, onde fica.

Felizmente a Providencia em tudo se revela, e se ella não fosse não sabemos o que teria sido!!

A detonação, n'estes casos, é muito differente, conhece-se bem e o instructor então, vale-se da vareta, mas, se por uma circumstancia qualquer e furtuita, assim não fizer, a arma arrebentará ao tiro seguinte.

E' grande o numero de balas que se deformam dentro do cano deixando-o chumbado e ás vezes, e muitas, a camisa deformada.

Tanto um caso como o outro podem occasionar desastre ao tiro seguinte, mas embora a arma nem sempre rebente n'estes casos, pode causar e causa empolamentos no cano, o que altera as condições balisticas e de serviço da arma a ponto de a por fóra de serviço.

A maior parte das vezes, a Providencia a revelar-se, succede que a camisa, ou parte da camisa, geralmente a parte posterior, fica na camara e conhece-se ao carregar de novo a arma, porque não entra o novo cartucho, sendo necessario tiral-a com a vareta da arma.

O tiro, quando assim succede, além de ser perigoso, é sempre perdido.

A dosagem da polvora é muito mal feita, o que já tivemos occasião de verificar com uma balança de precisão.

Irregularidade na dosagem, alteração consequente nas condicções balisticas. Assim, não deixa de ser frequente os atiradores bons e adestrados ficarem muito admirados por não acertarem no alvo, mas a simples analyse mostra logo que a bala cahiu aos pés, como tantas vezes temos visto, ou que bateu em ponto muito differente d'aquelle a que se apontava.

D'aqui, como de tudo, a falta de confiança e a desmoralisação são enormes, notando-se bem manifestamente mesmo no mais rude soldado. Cartuchos ha que produzem duas detonações, uma do fulminante outra da polvora e por vezes tão separadas que tem succedido dar tempo a retirar a arma. Não é da polvora, certamente, mas sim da sua disposição no cartucho.

Comtudo, apezar de todo este sudario já ser grande, ainda não é tudo.

Cartuchos com a capsula cahida apparecem alguns, cartuchos deformados e mal feitos é frequente ver, cartuchos com a polvora molhada e apodrecida, permitta-se a expressão, tambem vimos, cartuchos que arrebentam na base lançando os gazes sobre a culatra a ponto de fazer quebrar o extractor, tambem tem succedido, e já vimos um official ferido por causa d'isso.

Tudo isto constitue uma serie de defeitos graves, perigosos e perniciosos, tanto debaixo do ponto de vista material e pessoal, como moral.

Os defeitos das munições quanto ás consequencias podem dividir-se em tres cathegorias :

Defeitos d'ordem balistica ;

Defeitos d'ordem pessoal ;

Defeitos d'ordem de tempo, cansaço e fadiga ;

E todos indistinctamente podem entrar na cathegoria de defeitos d'ordem moral.

A primeira comprehende a má dosagem, balas recolhidas, falta de polvora, camisas deformadas e a retardação, ou *longfeu*.

A segunda as balas que ficam no cano, a polvora em excesso e as camisas deformadas, podendo, tanto n'uns casos como n'outros, arrebentar a arma.

A terceira os cartuchos falhados, largos no collo ou deformados e os cartuchos sem fulminante.

Como vimos, os instructores podem valer a muitos desastres e podem desprezar os tiros que não lhe mereçam confiança, mas se nas carreiras se podem, com trabalho e perigo, remediar os inconvenientes das munições, que por todos os motivos e razões deviam ser boas, já não pode succeder o mesmo em campanha.

O soldado em campanha, conforme estão as nossas munições, pouco mal poderá causar ao inimigo, porque as munições não garantem qualidades balisticas, e se não fôr ferido pelas balas inimigas será uma triste victima da sua arma.

Muitos tem pretendido lançar culpas á polvora, mas, quanto a nós, enganam-se.

A nossa polvora, como todas as polvoras chimicas empregadas hoje em quasi todos os exercitos extrangeiros, é uma combinação de nitro-glicerina com o algodão polvora.

Aonde primeiramente appareceu a polvora sem fumo foi em França o que causou justificadamente um verdadeiro assombro no mundo militar.

Compunha-se primitivamente d'algodão polvora ou simples collodium dissolvido em ether e secco em delgadas pelliculas. A rapidez de deflagração era regulada por formas especiaes dadas na manipulação.

Tem sofrido algumas ligeiras modificações que a teem tornado deveras notavel.

A Allemanha, ciosa da superioridade que esta polvora dava á França, pressurosa se dedicou a identicos estudos conseguindo obter a polvora chamada de Spandau, que, segundo os francezes, não é mais do que uma simples contrafação de Vieille, apezar d'esta ser tida pelos francezes como segredo d'estado.

As propriedades d'esta polvora deixaram muito a desejar, mas novos estudos chegaram a reunir 25 a 30 % d'algodão polvora dissolvida em 60 a 70 % de nitro-glicerina com a addicção de 2 a 3 % de camphora formando assim uma polvora com qualidades notaveis, a qual se deu o nome de *balistite*, mas que é inferior á franceza, porque embora tivesse uma combustão lenta e progressiva, embora desse uma velocidade tres vezes maior do que a polvora negra, não resistia ao calor prolongado e atacava o metal pela grande quantidade de calor da combustão que desenvolvia. Estes inconvenientes desappareceram empregando fracções eguaes d'algodão polvora e nitro-glicerina e 2 % d'anillina. Assim obtem-se uma polvora que, muito embora não seja egual á franceza, rivalisa, comtudo, muito bem com ella.

Na Italia chama-se *filete* por ter a forma de fios em laminas muito finas.

E' esta a polvora geralmente empregada por todos os estados da Europa, fazendo apenas ligeiras modificações, não no algodão polvora ou na nitro-glicerina, mas sim na substancia addicional, que em logar de ser a anillina, como na Italia, é substituida pela vesalina na Inglaterra, formando a *cordite* ou differindo pela manipulação, forma ou por qualquer substancia neutra que sirva para neutralizar ou demorar a sua acção, como por exemplo, na Allemanha em que os granulos são recobertos com uma ligeira camada de plonbajina.

A *cordite* tem a forma de laminas largas e delgadas, e que são dispostas em feixes de tamanhos differentes, conforme são para arma portatil ou bocca de fogo.

A *córdite* dá uma velocidade inicial superior á franceza, não deflagra pela acção do choque e é insensivel á humidade, mas, além d'estas vantagens importantes, tem inconvenientes que a tornam inferior á franceza, taes como ser sensivel ao calor, deteriorar-se pela acção do sol e não supportar bem as longas viagens, o que foi provado agora recentemente na guerra do Transwaall.

As polvoras que os outros paizes empregam não são mais do que muito ligeiras modificações introduzidas; ou mais algodão pol-

vora, ou mais nitro-glicerina, ou substancia neutra differente ou forma tambem differente.

Já nos demos ao cuidado de submetter a polvora A (Barreto) a algumas experiencias mechanicas e vimos que supporta fortes percussões e grandes fricções.

Mettidos os cartuchos em agua completamente immergidos durante 8, 12, 15, 20 e 30 dias e percutidos ao cabo d'esses dias, notamos que alguns falhavam e que outros se comportavam excellentemente a ponto de não se notar a mais pequena differença nas qualidades balisticas da polvora.

Tirando as balas aos que tinham falhado vimos que n'alguns a polvora estava completamente molhada e que em outros a polvora estava um pouco humedecida e ennegrecida, mas mudando a polvora para um outro cartucho e percutindo-o, comportava-se excellentemente e sem a mais pequena differença.

De todos estes cartuchos a percentagem dos falhados foi grande, uns porque o fulminante não resistia e outros porque deixaram entrar agua por não serem hermeticamente fechados, o que não abona muito a favor dos cartuchos.

Tendo a polvora em agua durante dias e pondo-a a seccar ao sol, ou á sombra, e carregando os cartuchos depois d'ella estar secca, notámos tambem que as suas propriedades balisticas não tinham sido alteradas a ponto de se tornarem sensiveis no tiro ao alvo.

A outras provas a submettemos, quer pondo-a ao sol, quer a todas as intemperies, quer enterrando-a, mas notámos sempre, logo que ella seccava apparentemente, que não soffriam cousa alguma as suas propriedades balisticas, o que já não podemos dizer do fulminante.

Resumindo; polvora boa, munições pessimas.

Aquelles que reconhecem que o tiro é a cupula suprema de todo o edificio militar, que sempre deve ser magestoso e solido, e que é da sua acção que depende a solução das questões que hão de ser resolvidas nos momentos criticos, e que portanto, depende tambem o bem estar e a felicidade e prosperidade do paiz e o nome immaculado e sempre impolluto da Patria, olharão com o coração contristado e pesaroso para este triste sudario, e comprehenderão a grave responsabilidade de tão serio estado de cousas.

Da parte do nobre titular da pasta da guerra, a quem o exercito tanto deve e de quem o exercito tanto espera, não podemos deixar de esperar, sobre este assumpto, que póde chegar a ter importancia magna, senão as suas medidas sempre justas e sempre sabias.

Deus o permitta.

David Rodrigues.
Alferes de Infanteria.

CULATRA MOVEL DA CARABINA DE 6MM,5 M/96

E

CULATRA MOVEL DE STEYR M/900

Como prometti, venho, em seguida á publicação de alguns dos meus relatorios nos numeros antecedentes d'esta Revista, fazer a comparação entre estas duas culatras moveis, embora a questão tenha perdido

um pouco de opportunidade, mas não de interesse, pelo facto de superiormente se ter ordenado a suspensão das negociações para a acquisição da nova arma.

Quaesquer, porém, que fossem os fundamentos d'essa resolução, o certo é que a necessidade de adquirir armamento subsiste e se impõe, como inadiavel, ou, na hora do perigo, teremos de cruzar os braços perante os destinos da patria, á mingua dos recursos os mais indispensaveis.

E' certo, todavia que eu e todos os que conhecem o nobre ministro da guerra teem a viva crença de que o armamento da infanteria não será descurado opportunamente, e por isso, fugindo á serie de considerações que o nosso estado de defeza nacional suggere ao espirito, ainda o menos reflectido, occupar-me-hei sómente do assumpto da epigraphe, cuja importancia reconhecem todos os que teem trato com armas portateis.

Com effeito, a culatra movel é um dos orgãos mais essenciaes d'uma espingarda, sobrelevando em muito ao melhor mecanismo de repetição, pois sabido é que, sem apparelho repetidor, o tiro póde continuar, ao passo que, sem culatra movel, não ha tiro possivel. Além d'isto a culatra movel é a parte da arma que mais frequentemente está em movimento, a mais delicada e susceptivel de desarranjo pela impericia do soldado e por outras causas, o que, por conseguinte, tudo obriga a pensar muito reflectidamente nos predicados a que tem de satisfazer.

Tendo a maioria da commissão, encarregada da escolha da melhor arma para a infanteria, proposto um modelo de culatra, sensivelmente differente do adoptodo em 1896 para a nossa cavallaria, convem e muito importa saber, discutindo e provando e não simplesmente affirmando, se as modificações, acceites pela maioria dos seus membros, correspondem ao desejo de melhorar a arma proposta em 1900 para a nossa infanteria, ou implicam uma maior somma de imperfeições.

Vejamos:

A culatra movel m/900 differença-se da m/96 pelo seguinte:

a) Substituição da porca pela nóz;

b) Maior numero de peças e de molas;

c) A cabeça movel não tem *saliencia-guia* e entra no ferrolho quando o cão está abatido;

d) O ejector está collocado na cabeça movel e serve de *saliencia-guia*;

e) A *espéra* do ferrolho é mais comprida;

f) Montagem e desmontagem do extractor;

g) O percurtor e o respectivo *canal* no cão são facetados.

Estas alterações ao modelo regulamentar, excepto as duas ultimas, constituem, a meu ver, outras tantas causas de inferioridade para a culatra de Steyr m/900.

Substituição da porca pela nóz. — A porca, quando completamente roscada, satisfaz inteiramente: Assegura a *rigidez* do mechanismo de percursão; não dá logar a *falhas* nem a perigos; é susceptivel de se roscar completamente quando, por descuido, o não esteja; e não pode desandar por effeito das trepidações do tiro, ou da simples percursão, porque o seu *esporão*, que nasce da propria porca, evita o desarroscamento, parcial ou total, observado na Kropatschek, cuja porca não tem *esporão* e, por isso, está exposta ás contingencias da mola do fecho de segurança.

O incompleto roscamento da porca dá logar a *falhas* na percurssão e a faltas de segurança individual, e tem por causa o descuido ou im-

pericia do soldado (na Kropatschek ha outras causas); mas o incompleto roscamento é, por isso mesmo, a excepção e não a regra, dando-se apenas com relativa frequencia, o caso de uma volta a menos, que produz falhas na rasão de 10 %, e sendo muito raro o caso de duas voltas a menos, que origina falhas na rasão de 50 % e faltas de segurança individual quando, conjunctamente, concorrem outras causas, apontadas no meu primeiro relatorio, publicado n'esta Revista.

O incompleto roscamento produzirá tambem, lentamente e n'um serviço demorado, durante a paz, a deformação, maior ou menor, do *grampo* da cabeça movel e da respectiva *ranhura circular* do ferrolho, inconveniente, porém, este que não subsistirá em campanha, visto que a percursão se effectua, geralmente, quando a arma está carregada.

A nóz, mantida no seu logar, satisfaz inteiramente, como a porca, mas, montando-se e desmontando-se por um simples quarto de volta, comprehende-se facilmente que estará exposta a cair e até a perder-se sem se dar opportunamente pelo acontecido, se não se empregarem meios taes que, absolutamente, garantam a sua estabilidade, ou, de outro modo, os inconvenientes da porca trocar-se-hão por outros maiores — inutilisação da arma para o tiro e faltas de segurança individual.

As nózes da Lebel e da Mauser, sem recorrer ao mau principio de addicionar mais peças ao systhema, não participam d'estes inconvenientes, pois a sua estabilidade é constantemente mantida pela força da mola real que, ainda que quebrada ou enfraquecida, manterá sempre a noz no seu logar, assegurando, *ipso facto*, a *rigidez* do mecanismo de percursão.

Ao contrario, a noz de Steyr, m/900 fia a sua estabilidade de duas molas especiaes ou privativas — a do fecho de segurança e a novissima mola chata, embutida exteriormente no cão — dando assim logar ao augmento de mais uma mola (a chata) e tornando essencial a existencia das duas, quando nem a do fecho de segurança o era na culatra de m/96.

O longo serviço da Kropatschek dá a medida da duração, precaria na paz, da mola em espiral do seu fecho de segurança, pois sabido é que ella se parte com relativa frequencia e que algumas armas andam no serviço sem ella, salvando a situação a porca que, pelo facto de o ser, offerece muito maior estabilidade do que a noz; d'onde se conclue que a não ser que se attribua á mola chata uma superior virtude de conservação, que muito boa gente lhe nega redondamente (os allemães por exemplo) á noz de Steyr m/900 estará muito mal servida, no tocante á sua estabilidade, com a parelha de appoios de que houve por bem premunir-se.

Além do facto, novo na technica do armamento portatil, de serem necessarias duas forças para um mesmo fim — signal evidentissimo de que nenhuma d'ellas satisfaz — succede que estas são d'aquellas que podem esquecer ao montar, como, com menos rasão, se argumenta contra a existencia da cabeça movel e contra o descuido, que dá logar ao incompleto roscamento da porca. Ora, tal esquecimento implicará necessariamente a inutilisação da arma para o tiro e predispondo-a para o perigo, ao passo que, na culatra m/96, nunca esquecimento correspondente terá semelhantes consequencias ou outras quaesquer de importancia capital.

Demais, a mola chata é difficil de se montar no cão, precisando, em regra, de ferramenta especial, e, quando não a precisasse, estaria em condições mais precarias e até nos casos de impedir a percussão; póde oxidar-se facilmente, envolver-se em pó ou terra; etc., o que, natural-

mente, mais difficultará e até impossibilitará a montagem e a tornará mais quebradiça; e o sentido da resistencia, que oppõe á entrada e saida da nóz, transversal e não normalmente ao sentido da elasticidade da mola, mais contrariará as operações da montagem. Habitualmente, esta resistencia, augmentada á do fecho de segurança e da móla real, pois todos tres actuam simultaneamente na montagem e desmontagem, sommarão uma força total que nem todos poderão vencer pela simples applicação dos tres dedos da mão direita; e, se a isto accrescentar-mos os attrictos e maus geitos e tratos casuaes, bem pode dizer-se que tal geringonça, é o nome, fará a tortura dos officiaes e soldados.

No entretanto, é bem sabido que as outras nozes e a porca, em identicas condições, não offerecem difficuldade de maior na montagem e desmontagem.

Em resumo, o incompleto roscamento da porca traz, certamente, inconvenientes graves, mas tendo por causa o descuido ou impericia do soldado, podem ser consideravelmente attenuados nos seus effeitos, até á eliminação, quer pela instrucção quer, principalmente, por frequentes revistas d'armas; ao contrario, as condições de estabilidade da celebre nóz de Steyr m/900, além de estarem sujeitas aos mesmissimos descuidos ou impericia do soldado, serão tambem affectados pela fraqueza e contingencia das duas molas, mal de superior importancia por se estender, absolutamente, a todas a armas e por insusceptivel de ser reparado pela simples intervenção dos soldados e dos graduados.

Devo ainda dizer mais que os inconvenientes da porca, os mais importantes e relativos á percussão para o caso de uma volta a menos e á segurança para todos os casos, poderiam, n'um novo fabrico, ser facilmente sanaveis, d'um modo seguro e simples, incontestado e incontestavel, entendendo-se por *simplicidade* uma questão de fórma e não o augmento de peças, como fez Steyr com grande applauso da maioria da commissão.

Mas esses meios, de obviar a inconvenientes conhecidos, foram propostos por mim e sob minha unica inspiração, e aqui está a melhor das razões para serem regeitados e até para, por largo tempo, me ser negada a paternidade para só me ser reconhecida depois da noz de Steyr ter feito a sua entrada triumphal, etc.

O que deixo escripto, porém, poderia ser tido, como mais ou menos gratuito, se o não defrontasse com os argumentos apresentados em prol da noz de Steyr, e aos quaes, par e passo e para maior clareza, me permittirei fazer, respectivamente, alguns commentarios. E tambem para afastar toda a confusão, terei que alterar ligeiramente a sequencia e nunca a essencia do texto, que vou transcrever, em virtudo de terem apparecido duas nózes de Steyr, referindo-me unicamente á definitivamente approvada.

1.º argumento. — «N'este modelo procurou-se apresentar um modo novo de ligar o cão ao percutor sem, de modo algum, alterar as condições geraes do modelo primitivo. Por isto substituiu-se a porca da cauda do percutor por um pequeno movimento de translação seguida de uma rotação de $^1/_4$ de volta que a fixa em umas saliencias conicas da cauda do percutor. Uma mola, embutida exteriormente e ao longo do cão, impede que a noz desande por qualquer motivo accidental».

1.º commentario. — As condições geraes do modelo primitivo (culatra da carabina de 6mm,5 m/96), foram sensivelmente alteradas pela *novidade ultra* do augmento de mais uma mola, que é causa de inferioridade, e porque tornou essenciaes para o tiro o fecho de segurança e a respectiva mola, quando falte a outra mola chata, ao passo que no mo-

delo primitivo nada d'isto faz falta para o tiro e póde mesmo passar-se sem a mola do fecho de segurança para levar a arma ao descanso, sem perigo nem difficuldade alguma.

Demais, admittindo o principio de que as duas molas são necessarias, como evidentemente se reconheceu, claro, clarissimo é que, logo que falte uma d'ellas, immediatamente a arma se achará em condições de pouca confiança, o que terá por effeito, em combate, rebaixar o moral do soldado; e, se as duas se inutilisarem, fará tal facto o desespero do combatente, vendo a sua arma transformada n'um cajado.

Eis as consequencias logicas do augmento de peças essenciaes, e, por isso, a boa technica manda que se reduza, quanto possivel, o seu numero a fim de diminuir as probabilidades de mau funccionamento ou de inutilisação do mecanismo, qualquer que seja, quanto mais o destinado a ser posto nas mãos dos soldados, ignorantes e mal ageitados tantos d'elles.

2.º argumento. — «O estudo d'esta nova culatra mostrou:

«1.º — Que o cão e o percutor ficam bem ligados sem laqueios que possam comprometter a solidez do conjuncto.»

2.º commentario. — Isto é verdadeiro sómente emquanto durassem as molas, porque se a sua acção deixar de se exercer, por qualquer circumstancia, o laqueio será egual ao infinito, segundo a expressão mathematica. Ora, como nada ha mais compromettedor, para assegurar a solidez do conjuncto das peças, em qualquer mecanismo, do que essas outras peças, chamadas molas, claro é que algumas vezes occorrerá, na pratica, essa *solução infinita*.

3.º argumento. — «Que a fórma conica das saliencias do percutor assegura a centralisação e correcta collocação da noz sem ser necessaria a intervenção da mola do percutor.»

3.º commentario. — A forma conica das saliencias do percutor centralisa tão bem ou tão mal como a fórma recta ou helicoidal de qualquer outra nóz ou porca. Ninguem, até hoje, fez notar a importancia de semelhante banalidade pelo simples facto de não corresponder a nenhum defeito conhecido, quer na noz quer na porca.

A correcta colloção é o caracteristico de qualquer noz e só n'isso sobreleva á porca; mas essa correcta colloção precisa ser perduravel, e, como se viu, os meios empregados (as duas molas) não inspiram a mesma confiança que inspira a intervenção da mola do percutor, pelo que, é da gente benzer-se, vêr condemnada essa, aliás, feliz intervenção, para vêr preferir uma outra obnoxia e que nem sequer abonaria as faculdades da imaginação de qualquer mediocre inventor.

Se a noz de Steyr empregasse meios rigidos para assegurar a sua estabilidade seria esse um alvitre acceitavel em vista da contingencia das molas, mas, usando e abusando dos meios elasticos para garantir essa estabilidade e consequente rigidez do mecanismo de percussão chega a ser um facto de ordem moral por tal fórma subtil que não cabe no acanhado ambito do meu espirito.

Emfim, falho de discurso mais penetrante, vou pelas incorrecções da porca, que eu posso remediar por um simples acto da minha vontade, e não vou pela *correcção* da noz de Steyr, que póde, d'um momento para o outro, surprehender-me com a *incorrecção* de cair ou perder-se, deixando-me enrascado.

4.º argumento. — «Que a mola de travamento, com um dente apropriado, alojada na massa do cão, onde é mettida com ganzepe, póde ser substituida ou tirada sem auxilio de ferramenta.

«O exame d'esta nova disposição mostrou que ella era perfeita, func-

cionando automaticamente quando se arma ou desarma a culatra no momento de collocar a noz; inacessivel á acção directa do soldado, e, portanto, dos incidentes exteriores que poderiam prejudicar o primeiro modelo de travador (modelo C) e trabalhando de modo a oppôr, ao movimento de rotação, a resistencia transversal do dente, cedendo apenas, quando se comprime a mola do fecho de segurança e se desanda com força a noz, para em seguida voltar ao seu logar».

«Este ultimo modelo resolveu de modo completo, e até inesperadamente simples, as questões propostas» (percussão e segurança).

4.º commentario. — Já vimos que a tal mola chata entra muito apertada no cão, e, a avaliar pelo modelo apresentado, que já tive occasião de ver (custou) precisará, quasi sempre, não só de ferramenta, mas de ferramenta especial para a montagem e desmontagem, pois nem o cartucho, pela sua fórma impropria, nem a bayoneta, pela sua dureza, nem ainda outro qualquer objecto do armamento e do equipamento, pódem servir para effectuar essas operações.

A prova directa não deixa duvidas a tal respeito, e, se as deixasse, redundariam em prejuizo da sua estabilidade e da percussão pela interposição da cauda da mola entre o cão e o ferrolho, originando d'est'arte o circulo vicioso de que não ha a sair — mal quando apertada, pessimo quando folgada. As palavras do texto «inaccessivel á acção directa do soldado, e...» provam bem que se preferiu o aperto á folga, mas brigam com as palavras «póde ser substituida ou tirada sem auxilio de ferramentas».

Exteriormente completamente lisa, onde está a *péga?* E, se a tivese, resolveria a questão em todas as circumstancias? Seguramente que não, pelo menos, quando cooperarem a ferrugem, a poeira, qualquer rebordo e até a falta de untura.

A resistencia transversal do dente, sem duvida a melhor para a estabilidade da noz, é pessima para a montagem e desmontagem, operações estas essenciaes e frequentes, e é a mais propria para facilmente se partir a mola, attenta a sua fraca espessura — um milimetro, ou pouco mais, em aço temprado, o que quer dizer mais quebradiço.

Mais se diz que esta mola chata «resolveu de um modo completo, e inesperadamente simples, as questões propostas» (percussão e segurança). Quanto á *simplicidade*, já vimos que se augmentou mais uma peça, com a aggravante de ser mola, o que, por isso, parece tal interpretação da palavra uma mystificação para pretos; quanto ao *modo completo de resolver as questões propostas*, a nova disposição deixa subsistir o perigo, como tambem já se viu, e elimina, por completo, a percussão logo que falhem as molas fixadoras, risco que não corre a porca.

5.º argumento. — «Que mesmo sem mola de travamento, não é possivel desandar a noz sem ao mesmo tempo carregar no fecho de segurança — o que assegura constantemente a boa funcção da noz, ainda que venha a inutilisar-se aquella pequena mola — a menos que se tenha inutilisado tambem a mola do fecho de segurança».

5.º commentario. — O final do *argumento* dá a medida da estabilidade da noz, por quanto, não ha cousa mais facil de succeder do que inutilisarem-se as duas molas.

E nada mais consta das escripturas em prol da noz de Steyr m/1900.

Vamos, pois, ás outras modificações, introduzidas na culatra, resumindo, quanto possivel, a sua explanação.

Numero de peças e de molas.—A culatra m/900 dispõe de 12 peças, ao passo que a regulamentar m/96 possue apenas 9. N'esta ultima, as

peças essenciaes para o tiro são 7; na m/900 são 12, visto que, faltando uma das molas fixadoras da nóz, o caso é já arriscado.

As molas da m/96 são em numero de 2, sendo sómente essencial a de percussão; as molas da m/900 são 3, todas essenciaes.

Cabeça movel.—A mudança da entrada da cabeça movel no ferrolho simplifica frivolamento a montagem d'esta peça, porque não obsta, por completo, ás irregularidades conhecidas, e, mesmo que obstasse, tal disposição dá logar aos seguintes inconvenientes, de bem maior importancia:—a cabeça movel póde cair muito mais facilmente do que na culatra m/96, e ha de succeder bastas vezes que o percutor e respectiva mòla e a cabeça movel saltem com violencia, fóra do ferrolho, quando se effectuem as operações de montagem e desmontagem e não haja o cuidado e geito necessarios em apoiar a culatra fortemente contra um obstaculo adequado.

A seu tempo voltarei a fallar d'este inconveniente, a proposito de varias modificações por mim propostas, e agora sómente consignarei aqui que tal disposição, para a entrada da cabeça movel no ferrolho, é copia exacta da adoptada na Allemanha na sua espingarda m/88, mas hoje acha-se reprovada por ter contribuido para se produzirem accidentes perigosos—qual o de empregar a culatra sem cabeça movel.

Em 1896 adoptámos para a nossa carabina de cavallaria a melhor disposição para obviar á quéda, possivel, da cabeça; hoje, em 1900, approvamos, sem dizer porque, a peor variante, que um grande exercito julga má!

Ejector.—O ejector está collocado na cabeça movel e serve de *saliencia-guia*, isto é, a mesmissima disposição allemã do seu m/88, e reprovada egualmente n'esta nação!

Do mesmo modo, em 1896 escolhemos outro ejector; em 1900 variamos para o modelo allemão, sem attendermos ao juizo d'esta nação nem fundamentarmos a variante.

Todavia, pelo rapido exame que passei á culatra m/900, julgo ter observado o seguinte:

O ejector complica a culatra com mais duas peças, sendo uma d'ellas um pequeno parafuso; por ser movel, mas podendo emperrar, póde estorvar o cartucho de prender á garra do extractor; enfranquece consideravelmente a cabeça movel, e diminue a superficie de contacto d'esta com o ferrolho; está exposto, como o extractor, aos accidentes provenientes da fuga dos gazes; contribue notavelmente, pela maior saliencia, para enfraquecer a parede esquerda da caixa da culatra, sendo de notar que este systema de caixas de culatra é já, de si, accusado de fraco, attenta a tendencia de diminuir o peso da espingarda; os corpos extranhos, ferrugem, terra, etc., podem prejudicar o seu funccionamento; o parafuso precisa d'uma chave especial para se roscar; o parafuso póde ficar mal roscado e prejudicar o movimento da culatra; o parafuso póde deformar-se e perder-se pelas suas exiguas dimensões, etc. Ao contrario, o ejector da carabina de 6mm,5 m/96, não apresenta nenhum d'estes inconvenientes, nem outros de excepcional referencia.

Espera do ferrolho.—Esta espera é, na culatra m/900, mais comprida, do que no m/96. O maior comprimento da espera parece ser determinado para favorecer a ejecção, que, no modelo allemão, se faz peor; mas, sendo licito duvidar da efficacia d'este meio, é certo que tal appendice não evita os inconvenientes mencionados antecedentemente e aggrava a fraqueza da caixa da culatra com mais um furo.

Extractor.—A fabrica de Steyr aproveitou a minha idéa, de tornar facilmente substituivel o extractor pelo simples emprego d'um car-

tucho, que faz de alavanca; mas tal meio é sómente pratico para o caso de não ter partido a *garra;* e, como isto é o que geralmente succede, necessario se tornava procurar outro meio que satisfizesse em todos os casos. Esse meio foi indicado no relatorio que enviei á commissão; porém, não foi traduzido na pratica, naturalmente por não ter sido apresentado por intermedio da fabrica de Steyr. O que é certo é que a culatra m/900 não traz esse melhoramento, nem outro que o substitua, e elle é o mais importante, se se quer tornar o extractor facilmente substituivel, sem prejuizo da sua estabilidade.

Como esclarecimento, direi mais que, se não indiquei este ultimo meio ao director da fabrica de Steyr, por occasião da sua estada em Lisboa, foi pela melhor das razões — não o ter ainda imaginado, como muitos outros em que só depois pensei.

De espirito acanhado, mas de coração generoso (appello para os que me conhecem) nunca eu me recusei, nem recuso, a contribuir para o aperfeiçoamento do armamento do meu paiz, tanto quanto as minhas poucas forças podem dar, e sómente me recusei e recuso a dar gratuitamente a fabricantes estrangeiros o producto do meu trabalho.

Mas, deixando estas explanações para occasião mais apropriada, vamos terminar este artigo com o:

Facetamento do percutor. — Esta nova fórma dada ao percutor, na parte que ha de vestir no cão, é da iniciativa de Steyr, e é, sem duvida, vantajosa para a montagem, mas não representa nenhuma vantagem para a solidez do conjuncto, o que, por consequencia, se traduz por um beneficio insignificante, em paralello com os graves defeitos que deixo apontados.

Prendendo-me mais com os factos, do que com palavras, que não sei manejar, affirmo aos meus camaradas e eu estou prompto a provar, seja a quem fôr, que o que deixo escripto é a expressão da verdade, e poderei, mesmo, acrescentar mais alguma cousa.

Alberto Verguiro.
Capitão de infanteria

CAMPANHA SUL AFRICANA

(CONTINUADO DO N.º 7; 3.º ANNO)

III

RETIRADA DOS INGLEZES SOBRE LADYSMITH

Retirada de Yule

III

Os 9:000 homens que os exploradores inglezes tinham descuberto durante o combate de Glencoe, a uma hora de marcha, eram commandados por Joubert.

A 21 d'outubro, depois do combate de Glencoe, as tropas de Joubert effectuaram a juncção com as de Lucas Meyer, marchando as de Joubert pelo norte e as de Meyer pelo oeste.

As tropas inglezas foram de novo surprehendidas pela artilheria boer e Yule, general que tinha substituido Symons, vendo-se atacada por surpreza e reconhecendo que não podia resistir ás duas columnas boers, deu ordem de se levantar o acampamento, o mais depressa possivel, sem se importar com bagagens e utencilios necessarios, para retirar sobre Dundee.

A marcha sobre Dundee não foi mais do que uma serie de marchas e contramarchas, pois que ao norte encontrava a columna de Joubert e ao oeste a de Lucas Meyer.

Yule vendo-se cercado e reconhecendo que os seus 4:500 homens não podiam resistir ás duas columnas boers resolveu retirar sobre Ladysmith quanto antes, percorrendo um mau caminho de 80 kilometros e formado pelas estreitas passagens da Biggarsberg, gastando n'esse percurso o dia 23 e 24 d'outubro.

A columna da esquerda, a dos orangistas, ameaçava essa retirada. White sabendo que Yule procurava retirar sobre Ladysmith e que corria o perigo de ver a sua retirada cortada, e portanto cercado pelos republicanos, revolveu atacar as forças boers a fim de garantir essa retirada.

A 24 poz-se em marcha com um effectivo de 4:500 homens constituido pelo — 5.º de *Lencers*, 19 de *Hussares*, *Imperial Light Horse*, carabineiros voluntarios do Natal, *Barder Monnted Rifles, Natal Monnted Rifles,* 42.ª e 53.ª baterias de campanha, 10.ª bateria de montanha, 1 batalhão de *Gloucestersh's Regiment,* 1 batalhão de *Liverpool Regiment,* 1.º batalhão de *Devonshire* Regiment e 2.º batalhão dos *Kings Royal Rifles.*

O encontro d'estas forças com os boers deu lugar ao combate de

Rietfontein

O general French foi encarregado de commandar a guarda avançada, seguindo a estrada que segue a éste e parallela á linha ferrea que liga Ladysmith com Elandslaagt.

A's 7 horas da manhã, em direcção oeste descobriu a posição dos boers, que ficava parallela á linha ferrea.

A guarda avançada dos boers recebeu logo os inglezes com o fogo d'artilheria e infanteria.

Os *Imperial Light Horse*, pondo pé em terra conseguiram

tomar uma posição formada por uma ondulação de terreno parallela á principal posição dos boers e já a oeste da linha ferrea.

Enquanto os *Light Horse* sustentavam o ataque, chegou o corpo principal da columna.

White, vendo que não tinha forças sufficientes para tornear a posição dos boers, resolveu atacal-a de frente, mandando, para isso, executar uma excellente preparação pelo fogo d'artilheria, que se estabeleceu em bateria junto aos *Light Horse* e que sustentou o seu fogo durante 4 horas.

Para proteger e sustentar a artilheria White ordenou que a infanteria atravessa-se a linha ferrea e que tomasse posições, ficando os *Gloucesters* e os *Liverpool* em 1.ª linha, e os *Devons* e os *Rifles* em reserva.

N'estas posições, os boers, tentaram atacar os inglezes pelo flanco esquerdo, mas foram repellidos pelos *Devons* e carabineiros do Natal, depois d'um combate muito vivo.

Ao meio dia o general White sabendo que Yule tinha atravessado o Biggarsberg, e que portanto tinha alcançado o fim desejado, resolveu retirar tambem sobre Ladysmith, o que se começou a executar ás 2 horas da tarde, sob a protecção da 5.ª bateria, tendo soffrido as baixas seguintes;

1 official morto, 6 feridos; 14 praças mortas, 95 feridas e 2 desapparecidas; o que faz o total geral de 118 baixas.

O regimento que mais baixas soffreu foi o *Gloucestershire Regiment,* que teve 7 officiaes fóra de combate, entre os quaes o seu coronel, e 68 praças.

Continuação da retirada de Yule

As tropas de Yule acabaram de passar a Biggarsburg no dia 24 pelas 3 da manhã.

As forças gastas e as tropas cançadas e desmoralisadas necessitavam de repouso. Yule assim o percebeu e assim o fez no valle de Smilag, mas em breve tiveram que se pôr em marcha porque eram tenazmente perseguidos pelas tropas de Lucas Meyer.

No dia seguinte de manhã Yule dava entrada em Ladysmith com as suas tropas em tal estado que, para o definir, daremos a palavra ao correspondente do *Times*, que as acompanhou.

«...Mas porque preço! Nós estavamos n'um estado lamentavel, faltos de tudo como fugitivos. Muitos dos nossos cavallos tinham cahido de fadiga no caminho, ou foram aban-

donados, assim como as nossas equipagens e bagagens pessoaes.

Desde o segundo dia da retirada, com effeito fomos obrigados a renunciar o fazer atravessar o nosso comboio e as nossas boccas de fogo o desfiladeiro do Biggarsberg e as ravinas do valle de Wasckbant... Nós não tinhamos mais do que as nossas armas, sabres e vestidos que traziamos sobre o corpo. Trezentos retardatarios proximamente tinham ficado no caminho e cahidos provavelmente entre as mãos do inimigo.»

Em volta de Ladysmith

Logo que Yule fez a juncção com White, este ficou com um effectivo de 10:000 homens debaixo das suas ordens directas e immediatas.

Os alliados, segundo as fontes inglezas, dispunham d'um effectivo de 19:000 homens.

Aqui, boers e orangistas, operam por completo a sua junção e durante os dias 27, 28 e 29 manobram de maneira a investir Ladysmith formando um semi-circulo com um raio de 10 milhas ao norte d'esta cidade, construindo as fortificações necessarias e collocando as suas forças em bateria.

Os inglezes, pelo seu lado, realisam numerosos reconhecimentos em todos os sentidos e o major Hearth, de aerostatos, faz numerosas ascensões em balões captivos, communicando para terra, por intermedio do telephone, o resultado das suas observações.

A 29 do mesmo mez os reconhecimentos inglezes informam White de que um forte corpo boer procurava occupar e entrincheirar-se n'uma forte posição a 4:500 metros para além do Modder Spruit e a éste de Ladysmith e que um destacamento se dirigia para sul com a intenção provavel de cortar a linha ferrea entre Ladysmith e Colenso.

White mandou contra aquelle corpo boer um forte destamento que procurou n'esse mesmo dia desalojar os boers, mas nada conseguiu; os boers retiravam, ao romper do dia, para Rietsfontein.

No dia 29 os patrulhas inglezas descobriram que os boers em grande numero occupavam uma altura de 8 kilometros a nordeste de Ladysmith e não longo de Farquhar's Farm, que parecia ser o ponto d'appoio da esquerda dos boers.

White mandou atacal-os no dia seguinte, pela manhã, 30 d'outubro, mas concentrando as suas attenções e forças sobre a sua direita, era necessario, ao mesmo tempo, não abandonar

a esquerda. Para isso ordenou ao tenente-coronel Carlston que marchasse para nordoeste com uma columna de 1:100 homens, que como vamos ver já, foram as tristes victimas do panico das mulas.

White, além d'esta columna da brigada de cavallaria de French que devia proteger a extrema direita ingleza, concentrou todas as suas forças sobre a sua ala direita, deixando só as praças necessarias para guardar as fortificações. Dividiu as suas forças em duas columnas, uma commandada por Grimwood, a da direita, e outra por Hamilton, a da esquerda.

A de Grimwood constava de 5 batalhões d'infanteria e 4 baterias d'artilheria de campanha e a de Hamilton de 3 batalhões e de 3 baterias além d'outras praças que vieram em soccorro e que chegaram durante o combate.

Combate de Farquhar's Farm

III

A 30 d'outubro, ao romper do dia, os boers, do alto das suas colinas abriram o fogo d'artilheria em toda a linha. Alguns projecteis de artilheria de grosso calibre foram cahir sobre Ladysmith.

Os boers não fizeram um fogo continuo, pois esperavam sempre as occasiões mais propicias.

A artilheria ingleza collocou-se em bateria e contrabateu logo e sempre a artilheria adversa.

Este duello d'artilheria durou até ao meio dia.

White, julgando que a posição principal boer seria n'uma altura a 8 kilometros ao norte de Ladysmith, mandou avançar a infanteria, mas quando esta deu o assalto a essa posição, (grande decepção!) encontrou-a evacuada por completo, mas occupada uma outra á retaguarda d'esta cuja frente tinha 11 a 12 kilometros, formando um semi-circulo.

Perante esta decepção o fogo cessou quasi por completo; apenas se ouvia, de tempos a tempos, algum tiro de peça.

Assim se permaneceu quasi uma hora

Eram 8 horas da manhã.

Os inglezes não sabendo o que fazer hesitavam, mas n'isto os boers, lançando-se como magestosa avalanche do alto da sua posição com numerosa artilheria fazem uma pequena mudança de frente, executam um vigoroso contra-ataque contra a columna da direita, a de Grimwood.

A Brigada de cavallaria de French, que estava na direita

fez algumas tentativas de attrahir a si os boers, que não fazem caso e apenas se contentam em mandar-lhe algumas granadas.

Os boers avançavam collocando a ala direita ingleza em crise, em perigo de ser esmagada.

White ordena que a columna da esquerda reforçasse a de Grimwood com tres batalhões e que parte da artilheria d'essa mesma columna concentrasse sobre os boers em contra-ataque todo o seu fogo e que o restante continuasse a contrabater a peça boer de grosso calibre sobre a qual, desde o romper do dia, tinham concentrado o seu fogo, e eram 9 horas!

Os boers emquanto esperavam o reforço de mais artilheria, attenuaram um pouco o vigor do seu contra-ataque, mas, chegado elle, a infanteria ingleza teve que desordenadamente abandonar a posição que tinha conquistado, mas que achou desoccupada, e veiu estabelecer-se á retaguarda junto á artilheria, que ainda não tinha mudado de posição.

A bateria 53.ª ingleza praticou um feito heroico.

Vendo o perigo da infanteria e que não a podia sustentar bem da primitiva posição, occupa outra mais á frente e protege-lhe a retirada, mas tanto esta bateria como a infanteria em debandada soffreram a acção do fogo cruzado boer e tiveram baixas enormes, que confirma o que já hoje se pode considerar um axioma--*infanteria que retira, é infanteria perdida.*

Essa bateria teve duas peças desmontadas pelo fogo boer, mas só uma é que ficou nas mãos dos boers.

A cavallaria de Frenck, não sendo apoiada, bateu em retirada.

O combate estava perdido e aos inglezes só lhe restava o encerraram-se em Ladysmith; um retorno offensivo contra a impetuosidade dos boers seria uma loucura.

A's 11 horas da manhã principiou-se a retirada que foi feita com ordem, por escalões successivos de batalhões protegidos pelas baterias que tambem se escalonaram.

Os boers tentaram executar uma perseguição, mas não o conseguiram porque uma brigada de marinha, brigada providencial para os inglezes, do cruzador *Powerful* com 8 peças, algumas de tiro rapido, não o permettiu.

A's 2 horas da tarde os inglezes davam entrada em Ladysmith, onde, manda a verdade que se diga, ganharam com a sua defeza heroica e digna de registar nos annaes gloriosos da historia militar da Inglaterra, os louros que perderam em Forquhar's-Farm.

O desastre de Nicolson

Já vimos que a ala direita ingleza foi encurralada em Ladysmith.

A ala direita teve peor sorte, bem peor. Poz-se em marcha ás 10 horas da noite de 22, seguindo na frente os *Irish Fusiliers*, ao centro uma bateria de 6 peças e á retaguarda as Gloucesters. Seguiam um caminho accidentado, valles profundos, gargantas estreitas, collos apertados e montes escarpados. A' 1 hora da noute estavam no collo de Nicolson limitado nos lados por encostas ingremes, escarpadas e cursadas por alcantilados rochedos. Dormentes e tranquilos, os bons dos inglezes, não se preoccupavam muito com o inimigo e seguiam o seu caminho. Um tiro que echoa pelos fundos e silenciosos valles e o rollar impetuoso, temivel e ameaçador d'uma rocha que se despenha do alto dos alcantis, que na escuridão da noute se confundiam com o escuro ceu, praticou a impiedade de interromper a marcha somnolenta e cambaleante dos inglezes, coitados! e de espantar como doidas as mulas que tristes, mas resignadas, puxavam pelas peças. Apezar de inconscientes, as pobres mulas teem amor á vida, ella é tão cara! e como a avalanche penhascosa cahia pela sua frente como temeroso raio, que mata e fulmina, voltaram-se desordenadas e doidas para traz e foram cahir, arrastando as suas peças, sobre os somnulentos Gloucesters. Estes, que em Elandslaagt se portaram como valentes, acordaram sonhando com os boers e começavam, pela escuridão da noute, aos tiros ás mulas, que fogem para sempre com as peças que transportavam, e aos tiros a si mesmos.

Como a confusão era enorme e os tiros muitos as mulas da bateria foram sempre fugindo para traz e na cauda da columna, encontrando as mulas que arrastavam o trem e a columna de munições da infanteria, estabeleceram pacto e, emquanto os inglezes se fuzilavam uns aos outros, ellas pozeram-se em debandada, com as peças e viaturas, pelos campos fóra. Os inglezes, sem munições de infanteria e sem artilheria, occuparam a primeira posição que encontraram, e para reforçar o desastre das mulas e o disparate de não retirarem logo, occupavam um *copje* só accecivel por tres lados. Tomados elles tiveram que se render, sem condicções, á descripção dos boers.

Assim, d'esta maneira bem triste e quasi funebre, foram encurraladas em Ladysmith as tropas que tinham vencido Glencoe e Elandslaagt, mas que foram victimas dos erros

dos generaes que as obrigaram a avançar sem plano e que as obrigaram a effectuar uma retirada que os inglezes chamaram — um movimento estrategico retrogrado.

Assim terminou o primeiro periodo da campanha.

(Continúa).

APONTAMENTOS DE TACTICA COLONIAL

CAPITULO I

TACTICA DE COMBATE

IX

(Continuado do n.º 8 3.º annó)

Nas formações unidas da tactica a cohesão é tudo. — Prevenir os homens constantemente de que a sua união é a sua salvação e a separação a derrota.

Havendo cavallaria no quadrado como reserva, e aproximando-se tanto o inimigo que esteja já perdida a esperança de resistir, convirá fazel-a sahir n'um impeto energico, que poderá talvez mudar a face das coisas.

Quanto á conveniencia de fazer manter uma reserva no interior do quadrado, recordaremos ao leitor o combate de Ulundi em que o quadrado de lord Chelmsford se oppoz ao ataque dos Zulus. Ahi cada face tinha uma reserva de 2 companhias collocadas no interior do quadrado, as tropas indigenas em que os inglezes pouco confiavam estavam tambem no interior e a cavallaria que tinha avançado a tomar o contacto com os rebeldes, logo que estes a repelliram, batem em retirada em differentes direcções para o quadrado, dentro do qual a encerrou. Segundo C. Porter, em Ulundi em logar da disposição n'um quadrado unico que era de facil assalto em virtude do accidentado do terreno que, por vezes, encobria o inimigo e prejudicava a acção dos fogos, preferia o seguinte dividia a columna (3000 infantes) em unidades, uma das quaes constituia a reserva; as outras dividiam-se ainda cada uma em 2 fracções dispostas em linhas de intervalos (90 metros)

formando-se assim um grande quadrado de 360 metros de lado, cuja reserva formaria ao centro, em quadrado, prompta a acudir a qualquer face mais em perigo. C. Porter encontra vantagens n'este processo. Nós achamol-o condemnavel por offerecer pontos fracos pelos quaes o inimigo poderia penetrar n'uma face desmantelada, mesmo que ella fosse reforçada. Preferimos-lhe ainda a disposição exposta acima que tem a vantagem indicada por C. Porter (obrigar o adversario a desenvolver a sua frente e portanto, a enfraquecer a força viva no choque) que pouparia as tropas do quadrado de reserva e não exporia a columna a uma derrota facil, por poder o inimigo desmantelar qualquer face muito extensa e, portanto, pouco rigida e resistente. Além d'isso C. Porter confia muito da cavallaria a defeza dos intervallos ameaçados e nós sabemos que uma columna não pode muitas vezes nas regiões insalubres das nossas colonias dispor de cavallaria necessaria para n'uma carga dada no momento mais critico para nós, repellir fatalmente, como quasi affirma C. Porter milhares de indigenas aguerridos e convencidos de obter na columna uma preza facil e certa.

O leitor que compulsar algum trabalho sobre as expedições inglezas em Africa reparará por certo na frequente disposição á europea adoptada pelas tropas brancas e que como, sabemos, consiste em manter na frente uma linha de atiradores marchando encoberta com o matto até chegar ao contacto, mantendo-se a reserva á retaguarda a distancia, algumas unidades em ordem ainda, que pouco a pouco iam reforçando a linha avançada com novos escalões de atiradores o que tudo feito (ou as reservas) dava carga de bayoneta. Isto nota se muito na 1.ª guerra dos Ashantees (1874) na Zululandia (1879) e ainda ás vezes, em operações posteriores. A este respeito convem fixar aqui a critica do combate de *Isandlana* em que os inglezes perderam quasi 2:000 homens, poucos ficando da guarnição do campo para irem levar a fatal noticia á rectaguarda «Em Isandlana as nossas tropas em logar de tomarem uma formação serrada no campo, desenvolveram-se em atiradores e, attrahidas pelo ataque de frente; n'este momento a direita do Zulus, que deslisara furtivamente por detraz da montanha de Isandlane, irrompeu de repente á retaguarda, massacrando os inglezes de revez e conjugando este movimento com ataques nos flancos = um envolvimento completo afinal. *Se os inglezes se dispossessem em quadrado, formando laager bem aprovisionados de munições, poderiam ter vencido (Mayne).*

«Se as tropas se limitassem a tomar disposição deffensiva no campo, constituissem rapidamente um entrincheiramento com as materias á mão e formassem o *wagon-laager, tenho absoluta confiança* que todo o exercito Zulu não seria capaz de o desolojar. Parece que as tropas foram enganadas por uma retirada simulada e no ardor da perseguição se deixaram arrestar fóra da linha de defeza» (Lord Chelmsford).

Diz ainda o capitão Mayne (The late battles in Soudan and modern tactics) «O combate de Ulundi fez salientar vantagens do dispositivo em quadrado com formação de ataque e demonstrou a possibilidade de avançar n'uma grande extensão de terreno descoberto n'uma formação que tem propriedades muito apreciaveis: a de fazer face immediatamente a um ataque envolvente e a de proteger a cavallaria recolhida, a reserva de munições, ambulancia, etc, collocando-as no centro do quadrado.

(Vide a tactica dos francezes em Madagascar e no Dahomy).

Perseguição. A bayoneta e a cavallaria—Retirando o inimigo, perseguil-o então pelo fogo e pela cavallaria (que, caso precise recolher ao quadrado em virtude de emboscada ou retorno offensivo, o fará de modo que não impeça o fogo d'aquelle). Confirmada a retirada definitiva do inimigo, fazer effectuar á columna o avanço em formação de combate, para animar os soldados, impôr força moral aos perseguidores, e dar mais relevo á perseguição. *A perseguição á arma branca pela infanteria é pessima*, pelas razões já apontadas.

Não deixar alongar a perseguição, a ponto de ella chegar a não ser apoiada pelo quadrado, pois se deve sempre estar prevenido para um brusco retorno offensivo ou cilada, ainda que pouco provavel com a tactica indigena.

Embora Wissman admitta a carga de bayoneta, como ultima phase do combate, para completar a desmoralisação e desordem produzida nas mangas inimigas pelo fogo bem sustentado e dirigido das nossas forças, e embora nós já algumas vezes o tenhamos empregado com exito, nomeadamente na guerra da Guiné em 1894 e operações contra os Namarraes, somos de opinião que só em caso extraordinario se deverá recorrer a este processo de ataque, pois a tropa que effectuar uma carga de bayoneta perderá da sua unidade e cohesão, estabelecendo-se sempre uma certa confusão, e não se podendo passar, com a rapidez necessaria a uma formação defensiva que lhe permitta oppor-se a um retorno offensivo do adversario.

O fogo deve ser em regra o unico meio d'acção das tropas coloniaes, a perseguição será feita ainda com o fogo por meio de infanteria e á lanterneta até 500^{m} e depois á granada com balas.

Um exemplo de quanto é perigosa uma perseguição mal preparada ou effectuada permaturamente é o seguinte:

No combate de Hasheen (Soudan 1884-85) quando a retirada dos arabes se começou a pronunciar, os esquadrões de cavallaria ingleza arrojaram-se em perseguição d'elles e em certa altura apearam e abriram fogo. Os arabes, porém, effectuando um subito retorno offensivo precipitaram-se sobre os cavalleiros inglezes que, ou desmontados pereciam á mão d'aquelles, ou a cavallo eram em breve aprisionados pelo adversario que, cobrindo-se com o matto, cortavam os jarretas aos cavallos e se approximavam a 15 metros do quadrado da Guards Brigada.

Mais tarde uma nova perseguição effectuada pelos Lanceiros surtiu effeito e, de resto, no flanco direito alguns esquadrões de lanceiros e de cavallaria indiana conseguiram deter por meio das suas cargas, um grande corpo inimigo que tentava tornear esse flanco. N'este combate censurou-se muito o facto de os inglezes se terem postado em frente d'uma vasta extensão muito coberta de matto e accidentada que permittia o avanço do adversario e prejudicava e inutilisava os fogos da artilheria e infanteria inglezas.

(Continúa).

Alfredo de Leão Pimentel.
Alferes de infanteria.

SECÇÃO OFFICIAL

Cooperativas militares

Circular n.º 18 b. da repartição do gabinete da secretaria da guerra, de 22 de fevereiro de 1900.

Diz, para conhecimento das cooperativas militares, que segundo informou a direcção geral das contribuições directas, não pode tornar-se extensiva ás mesmas cooperativas a isenção que a verba n.º 425 da tabella n.º 4 do imposto do sello, annexa á carta de lei de 29 de julho de 1899, tornou restricta ás cooperativas operarias.

Fundos de remonta

Circular da 4.ª repartição da direcção geral da secretaria da guerra, de 22 de fevereiro de 1900.

Determina que os corpos mencionem detalhadamente nas notas que enviarem áquella secretaria indicando as quantias que devem ser encorporadas nos fundos de remonta, a proveniencia das respectivas verbas em harmonia com o disposto no art. 8.º do regulamento de remonta de 25 de abril de 1825.

Addidos da Companhia de Saude

Circular n.º 51 da 2.ª repartição da direcção geral da secretaria da guerra, de 2 de março de 1900.

Determina que nas localidades em que houver praças da companhia de saude no desempenho do serviço da sua especialidade, fiquem addidas, para effeito de vencimentos, aos corpos ou fracções aquarteladas n'essas localidades.

Conducções d'artigos

Circular n.º 486 da 5.ª repartição da direcção geral da secretaria da guerra, de 1 de março de 1900.

Determina que os commandantes dos corpos aquartelados na capital requisitem á secção de transportes do serviço de administração militar todas as conducções de artigos dos mesmos corpos que se tornem necessarios, deixando de requisitar directamente á companhia de equipagens de vehiculos para aquelle fim, como por vezes acontece com prejuizo dos serviços que a companhia tem a desempenhar.

Assignaturas nas folhas do registo dos supplentes

Circular n.º 36 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 2 de março de 1900.

Diz que as folhas do registo dos supplentes já alistados nos regimentos de reserva devem ser assignados pelos commandantes dos mesmos regimentos, não sendo n'esta assignatura permittida chancella.

Requisições de lanificios

Circular n.º 9 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 2 de março de 1900.

Diz que tendo-se reconhecido que os conselhos administrativos de muitos corpos requisitam á secção de fardamento, lanificios em quantidade superior áquella de que precisam, resultando d'este facto não só o augmento importante e injustificado da sua divida ao ministerio da guerra, por conta do fundo de fardamento, mas tambem a conservação, em deposito, de numero tão avultado de peças de tecidos sujeitos a

deterioração, e alguns já deteriorados pela traça; se ordena que os conselhos administrativos, de futuro, addicionam sempre ás requisições de lanificios que enviarem á secção de fardamento uma nota do numero de metros e do numero de artigos manufacturados, de egual tecido ao requisitado, que tenham em arrecadação.

Polvora apprehendida

Nota da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 6 de março de 1900.

Diz, em additamento á nota da mesma repartição de 6 de setembro de 1899, que, por proposta do director geral do serviço de artilheria, poderá applicar-se á polvora aprehendida pela guarda fiscal e entregue nos paioes militares, não só aos fins designados n'aquella nota como tambem a salvas ou a quaesquer ontros para os quaes aquelle director geral a julgue aproveitavel, exceptuando a venda ao publico, devendo ser inutilisada a que os respectivos paioes não poderem comportar com segurança.

Sapadores de infanteria e cavallaria

Circular n.º 248 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 6 de março de 1900.

Diz que, determinando o decreto de 4 de outubro de 1899 o licenceamento para a reserva das praças do 3.º anno de alistamento, os dois sapadores por companhia dos regimentos de caçadores e infanteria que devem constituir os respectivos pelotões de sapadores, sejam praças do 2.º anno do alistamento, e que em cada companhia dos referidos regimentos haja tambem dois aprendizes de sapadores, praças do 1.º anno, ficando assim alterado o art. 16 do regulamento para a organisação dos sapadores de infanteria. Outrosim determina que os quatro sapadores por esquadrão dos corpos de cavallaria sejam praças do 2.º anno de alistamento e que em cada esquadrão haja quatro aprendizes do 1.º anno, ficando assim alterado o art. 16.º do regulamento para a organisação dos sapadores de cavallaria.

Registos disciplinares

Nota n.º 39 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 7 de março de 1900.

Determina «que sempre que os livros de registo disciplinar tenham de dar entrada no archivo geral do ministerio da guerra, sejam acompanhados dos respectivos indices.

REVISTA DE INFANTERIA

A INFANTERIA, A ARMA DAS BATALHAS

II

(Conclusão)

Depois da guerra dos sete annos, a França vivamente impressionada com os successos prodigiosos das armas prussianas deixou-se arrastar pela nova corrente de ideias e importou para o seu exercito as principaes innovações que Frederico II introduzira nas instituições militares e formações de guerra da Prussia.

A adopção da ordem *linear* foi, todavia, vehementemente impugnada pelo marechal de Saxe, que, baseando as suas opiniões na má ou viciosa applicação dos fogos e na impetuosidade caracteristica dos francezes para o ataque, preconisava as formações profundas para aproveitar as naturaes aptidões da infanteria franceza no campo de batalha.

Guibert restabeleceu, porém, as verdadeiras doutrinas, demonstrando no seu *Essai general de tactique* que a infanteria sendo uma arma propria á acção do fogo e á acção do choque carecia d'uma ordenança que lhe permittisse o emprego d'estas duas propriedades, aconselhando, em consequencia, uma formatura fundamental e habitual da infanteria em 3 fileiras para o combate pelo fogo, e a formação accidental ou momentanea em columna para a acção do *choque*.

Prevaleceram estas ideias até que as guerras da revolução franceza vieram marcar uma nova phase na evolução da tactica de infanteria.

Entrando em lucta com a Europa inteira, a França viu-se na impreterivel necessidade de recorrer ao levantamento em massa para fazer frente á formidavel colligação de potencias que a ameaçava.

As novas formações não dispunham, porém, de officiaes experimentados, visto que a recente mudança de regimen fizera encher as prisões de officiaes suspeitos, que não haviam tido tempo de appellar para o exilio voluntario ou para a emigração.

N'estas circumstancias, forçoso se tornou abandonar as formações rigidas da *ordem linear*, que exigiam a severa disciplina e a longa pratica manobradora dos velhos soldados, e adoptar outros dispositivos de combate, que constituiam os fundamentos da *tactica nova*.

Consistia esta tactica no emprego de atiradores em *grandes bandos*, que, usando da propria iniciativa, procuravam no terreno os convenientes abrigos contra o fogo adverso e se approximavam a bom alcance do inimigo, cujas formações cerradas desorganisavam pela acção do fogo a curta distancia, lançando acto continuo sobre elle como tropas de choque batalhões em columna cerrada, mantidos á retaguarda até ao momento opportuno do assalto.

A extrema mobilidade da infanteria n'esta ordem dispersa, que facilitava o ataque simultaneo pela frente e pelo flanco, constituiu para os exercitos francezes um elemento importante de superioridade; e, comquanto no principio da guerra as tropas da republica nem sempre fossem felizes pela falta de solidez das novas formações, as sensatas e previdentes medidas de Carnot, remodelando os regimentos de infanteria de fórma a serem constituidos simultaneamente de soldados velhos e dos novos recrutas e a experiencia das primeiras campanhas bastaram para fazer triumphar esta tactica nova, que se coadunava á maravilha com o fogoso temperamento francez, sobre as formações *rigidas* que haviam facilitado os brilhantes triumphos de Frederico II.

As guerras da republica apresentam-nos fecundos exemplos da preponderancia da infanteria no campo de batalha.

As victorias de Meniu, de Wattignies, de Kaiserlantern, de Wissemburg, foram justamente attribuidas á acção decisiva da infanteria.

A batalha de Jemmapes é apresentada como um exemplo frisante d'uma batalha ganha pela infanteria sobre a artilheria, porque foi a tenacidade heroica d'aquella arma no ataque que triumphou da porfiada resistencia dos austriacos nas alturas de Cummes, cobertos por tres linhas de reductos guarnecidos por mais de cem boccas de fogo.

Novos louros e brilhantes triumphos obteve no anno immediato a infanteria franceza, tomando nos Alpes o campo en-

trincheirado de Saorgio, defendido por 70 peças de artilheria, e nos Pyreneus, o formidavel campo de Boulon, artilhado com 140 boccas de fogo.

Nas memoraveis campanhas da Italia, da Allemanha em 1796 e em 1797, e na do Egypto, n'este ultimo anno, foi principalmente devido á bravura e solidez da infanteria franceza que se obtiveram as brilhantes victorias de Castiglione, de Verona, de Arcole, de Rivoli, de Altenkirchen, de Friedburgo, de Tagliamento, das Pyramides, de Monte Thabor e Heliopolis, luctando n'estas tres ultimas batalhas contra massas consideraveis de cavallaria arabe, que viram quebrar-se o seu esforço ante a coragem disciplinada, a resistencia heroica dos quadrados francezes.

A *tactica nova* da infanteria, recebendo do genio do general Bonaparte o seu completo aperfeiçoamento, attingiu então o apogeu dos seus successos, e assim vemos que as victorias alcançadas n'esta época pela excellente infanteria franceza com o apoio de fraca artilheria fôram, em geral, decisivas e á custa de perdas relativamente pouco importantes.

E, se para accentuar melhor a acção preponderante da *rainha das batalhas* nos successos da guerra, se torna indispensavel fazer confrontos de numeros, procuremos um exemplo historico em que as condições de commando ou de direcção superior sejam eguaes, ou proximamente eguaes, não havendo a receiar o desequilibrio que geralmente se nota na força moral de exercitos adversos, sempre que um d'elles é dirigido por um general prestigioso da plana de Frederico II ou Napoleão I.

N'essa ordem de ideias citemos a campanha da Allemanha em 1800.

Dois exercitos, um francez e outro austriaco se defrontavam nas margens do Rheno, commandados respectivamente por Moreau e de Kray, generaes habeis, de larga experiencia da guerra, verdadeiramente dignos um do outro.

Moreau dispunha de 100:000 homens para combater os 150:000 imperiaes ás ordens de Kray.

O exercito francez era constituido por 82:000 homens de excellente infanteria, de 13:000 de cavallaria e de 5:000 artilheiros com 116 boccas de fogo.

Do lado dos imperiaes havia 26:000 homens de cavallaria, 10 a 12:000 artilheiros com 300 peças de diversos calibres e 110:000 de infanteria, que era de mediocre qualidade; ao passo que a cavallaria era de primeira ordem.

Não obstante a grande superioridade numerica dos aus-

triacos, cuja cavallaria, alêm de escolhida era dupla da franceza, a campanha foi inteiramente favoravel aos francezes, porque as qualidades guerreiras da sua experimentada infanteria suppriram as defficiencias e a inferioridade das outras armas.

Nas notaveis campanhas do primeiro imperio francez, não ha feito brilhante, victoria assignalada em que não se affirmasse a preponderancia da infanteria no campo da batalha.

Elchingen, Ulm, a classica batalha de Austerlitz, e as sanguinolentas batalhas de Iena, de Auerstaedt e de Eylau são verdadeiros padrões de gloria para a infanteria franceza, considerada então a melhor do mundo, principiando só a decahir com as campanhas da peninsula iberica, que foram as mais desastrosas pelas suas consequencias para a causa de Napoleão I.

Estas guerras sem treguas prolongando-se desde 1808 a 1814, acabaram por esgotar a élite da infanteria franceza exhausta por vinte annos de campanhas successivas que transformaram a Europa n'um immenso campo de batalha.

Reproduziram-se por bem dizer nos ultimos annos da epopeia napoleonica os mesmos phenomenos já observados nos tempos de Luiz XIV e de Frederico II.

A necessidade de ordenar levas antecipadas de recrutas imberbes para supprirem as sensiveis baixas occorridas nos exercitos de Napoleão I, fizeram decahir extraordinariamente a qualidade da notavel infanteria franceza, em cuja firmeza e solidez já não se podia confiar como no periodo aureo assignalado pelos memoraveis feitos de Austerlitz, d'Iena e d'Eylau.

A consequencia natural foi o augmento consideravel na artilheria de campanha para, de certa fórma, compensar a inferioridade da infanteria.

Este augmento de artilheria foi progressivo, de fórma que em 1813 as boccas de fogo dos exercitos francezes chegaram quasi á proporção de 5 por cada 1:000 homens, o que accusava uma grande differença se a confrontassemos com a proporção mantida na brilhante campanha de 1796, em que a cada 1:000 homens de infanteria correspondia unicamente 1 peça d'artilheria.

Eis a resultante da differença na qualidade da infanteria.

Como nas epochas anteriores, assignaladas por campanhas longas, duradouras, as mesmas causas produziram resultados identicos.

Nos primeiros annos do imperio em que, mercê dos demorados preparativos feitos por Napoleão para invadir a Ingla-

terra, a infanteria havia sido solidamente organisada e cuidadosamente instruida no campo de Bolonha, as victorias foram brilhantes, decisivas, como o attestam os feitos de Ulm, Austerlitz, Iena, Auerstaerdt e Eylau.

Na proclamação de Napoleão ao seu exercito, na vespera da batalha de Austerlitz, era feito um caloroso appello ao brio da infanteria franceza, como se d'ella dependesse o resultado da jornada. «Cumpre que a victoria não vacille, dizia o imperador, principalmente n'este dia, em que está empenhada a honra da infanteria franceza, que tanto importa á de toda a nação».

Em Iena a cavallaria prussiana não conseguiu romper nenhum quadrado francez, ao passo que a infanteria prussiana foi completamente destroçada pela cavallaria de Napoleão.

N'esta epocha a infanteria franceza era considerada a melhor do mundo, o que facilitou os surprehendentes triumphos alcançados pelo primeiro capitão dos tempos modernos.

Depois de 1809, em que a infanteria principiava a decahir pelas suas grandes perdas em campanhas successivas, e pela defficiencia de preparação dos novos contingentes, as victorias eram pouco decisivas, não obstante a grande proporção de artilheria que entrava então na constituição do exercito.

Esling, Wagram, Semoslenk, Bautzen, Dresde e outras muitas batalhas confirmam exuberantemente esta asserção.

Eis a profunda verdade de observação que deriva da apreciação critica das campanhas passadas.

Exercitos tendo por base uma infanteria de élite, embora apoiada por pouca artilheria, alcançaram sempre victorias brilhantes, com perdas, em geral, pouco sensiveis.

Em contraposição, exercitos constituidos por uma infanteria mediocre precisaram sempre de artilheria numerosa para obter successos dubios, pouco decisivos, acompanhados, em geral, de perdas consideraveis.

Eis uma verdade historica que não póde soffrer contestação.

*
* *

Desnecessario se torna rememorar toda essa longa série de batalhas e de feitos brilhantes do periodo napoleonico e as do segundo imperio francez para produzir novos argumentos tendentes a provar por uma fórma irrefutavel que a infanteria tem sido desde o declinar do periodo medievico até nossos dias a arma preponderante, a arma decisiva, a arma principal

dos exercitos, a unica que imprime ao combate o caracter proprio da epocha e exerce sobre a tactica uma acção de direcção.

Argumentos d'essa ordem encontram-se em todas as grandes batalhas do seculo XIX.

E se muitos espiritos surprehendidos com a rapidez das victorias prussianas em 1866, attribuiam os continuados desastres dos austriacos só ás armas de tiro rapido, as seguintes linhas devidas ao coronel francez Stoffel, antigo addido militar em Berlim, que havia estudado de perto a organisação e disciplina do exercito prussiano, devem fazer modificar a opinião dos que só acreditavam na influencia preponderante d'uma boa arma de tiro rapido nos successos da guerra, esquecendo o factor importantissimo que deriva da força moral d'uma infanteria instruida, intelligente, conscia do seu valor e animada do melhor espirito guerreiro.

«Seria um erro acreditar, diz Stoffel, que se a infanteria austriaca nunca chegou a abordar a prussiana fôsse por causa da rapidez de tiro d'esta ultima; foi-o, sim, por causa da firmeza e sangue frio das tropas prussianas».

Convém registar que a acção da cavallaria foi quasi nulla n'esta campanha.

E áquelles que suppõem que a artilheria teve uma acção preponderante na campanha de 1870, não será de todo o ponto ocioso relembrar o conceito formulado sobre o papel d'esta arma na referida campanha pelo tactico prussiano, general Bogulauski, no seu interessante livro:

Considerations generales sur la physionomie des combats et batailles de 1870-71.

Diz elle: «Não obstante a acção poderosa da artilheria, as duas infanterias é que entre ellas se bateram. Em 1870, como nas guerras anteriores, não foi a artilheria que desempenhou um papel decisivo; foi a infanteria que quasi sempre decidiu a lucta».

E para terminar a ordem de citações sobre o ponto especial que tratamos, soccorrer-nos-hemos d'uma ultima transcripção do notavel livro de von Scherff *Études sur la nouvelle tactique de l'infanterie.*

Diz elle: «Alguns auctores militares teem querido, baseando-se sobre os successos das guerras de 1866 e de 1870-71, predizer que a vantagem nas guerras futuras pertencerá áquelle que melhor souber servir-se da sua artilheria; mas notemos que os successos dos allemães na ultima guerra devem antes ser attribuidos á sua habilidade estrategica.

«A infanteria teve uma egual parte n'estes successos.

«E' sobre ella que se baseia toda a questão da acção decisiva; é preciso que ella tenha vencido ou seja vencida no combate, antes que o general em chefe possa dizer-se vencedor ou vencido».

*

* *

E se quizermos adduzir argumentos mais concludentes e decisivos para comprovar a preponderancia da infanteria no campo de batalha, poderemos recorrer á estatistica das perdas havidas nas campanhas da segunda metade d'este seculo, indicando a percentagem dos ferimentos produzidos pelas diversas armas, para do seu confronto se formar juizo seguro sobre a importancia relativa da acção d'essas armas no campo de batalha.

Durante esse periodo a média dos homens postos fóra de combate pelos fogos da infanteria varia de 75 a 90 %.

Na guerra de 1864 o numero de victimas do tiro de espingarda regulou por 84 % no exercito dinamarquez.

Mas façamos o confronto por armas nas duas campanhas mais importantes de nossos dias.

Na de 1866, os ferimentos feitos nos austriacos pelas tres armas do adversario são indicados nas seguintes percentagens:

Pela artilheria	3,5 %
Pela arma branca	4,5 %
Pela espingarda	92 %

D'onde se infere que n'aquella campanha a acção conjuncta das duas armas, cavallaria e artilheria, do exercito prussiano, traduzida em ferimentos no exercito contrario regula por $\frac{1}{10}$ da acção attribuida á infanteria.

Na mesma campanha os ferimentos produzidos no exercito prussiano são accusados pelas seguintes percentagens:

Pela artilheria	16 %
Pela arma branca	5 %
Pela espingarda	79 %

A percentagem dos ferimentos feitos pela artilheria austriaca foi mais elevada, devido á superioridade numerica das boccas de fogo postas em acção e ainda á circumstancia da

artilheria escolher por via de regra posições defensivas em que as distancias eram préviamente marcadas no seu vasto campo de tiro.

Na campanha de 1870 a estatistica consigna os seguintes resultados:

Ferimentos no exercito francez

Pela artilheria	25 %
Pela arma branca	5 %
Pela espingarda	70 %

Ferimentos no exercito prussiano

Foram 127:820 os feridos dos quaes:

Pela artilheria	10 %
Pela arma branca	2 %
Pela espingarda	88 %

Estes dados estatisticos são perfeitamente concordes com as affirmações tantas vezes repetidas de que na campanha de 1870 a artilheria prussiana era muito superior á dos francezes em numero e qualidade, ao passo que a espingarda de infanteria, o fuzil Dreyse, era reconhecidamente inferior á Chassepot franceza.

Mas, a despeito da inferioridade da arma Dreyse em alcance e precisão de tiro, a percentagem dos ferimentos produzidos por esta arma é ainda esmagadora comparada com a percentagem consignada á artilheria. D'onde, em definitivo, se conclue que o fogo da infanteria é que predomina no campo de batalha; a estatistica das ultimas grandes guerras europeias attribue-lhe uma média superior a 80 % na percentagem dos ferimentos feitos de parte a parte nos dois campos belligerantes, ao passo que a média das perdas devidas aos projecteis de artilheria não attingiu sequer a percentagem de 14 %.

E esta proporção absorvente no resultado dos fogos de infanteria não mostra tendencias a diminuir nas guerras futuras, porque se é facto conhecido que os aperfeiçoamentos recentemente introduzidos nas boccas de fogo augmentam a importancia d'esta arma, não é menos verdadeiro que as armas de tiro portateis teem adquirido n'estes ultimos tempos dois grandes accrescimos da sua potencia: o primeiro pela substi-

tuição dos cartuchos metallicos aos cartuchos combustiveis, o segundo e o mais importante, pela adopção dos fusis de pequeno calibre de repetição.

A infanteria, longe de perder, vae augmentando de dia para dia a sua importancia no campo de batalha, podendo, na falta de artilheria, substituil-a no papel que a esta arma pertence na preparação do ataque.

Assim é que no regulamento francez de 1894 se consigna já a seguinte disposição:

«O ataque do batalhão que, em regra é preparado pela artilheria, poderá, em certas circumstancias, sel-o tambem pelos fogos d'uma tropa d'infanteria occupando posições favoraveis».

Identicamente, o novo regulamento inglez diz que, na falta ou ausencia da artilheria, deve a infanteria preparar o seu ataque, sendo, n'este caso, necessario consumir mais munições.

Empregam-se para este fogo a grandes distancias *tropas especiaes* e não aquellas que devem executar o ataque final.

Corresponde tal emprego a organisar verdadeiras baterias de espingardas, como as instituem ou preconisam no campo de batalha moderno, a maior parte dos regulamentos tacticos europeus.

Nas guerras futuras, o primeiro agente de destruição será incontestavelmente o fogo de infanteria, diz Lewal, o grande tactico e abalisado escriptor militar francez.

Já no principio do seculo dizia Jomini que, depois do talento do general, a infanteria era o primeiro instrumento da victoria.

A infanteria, hoje, como nas guerras do passado, continuará a ser a arma principal, a arma preponderante, a *arma das batalhas,* como a denominava Napoleão I.

Por mais que se pretenda amesquinhal-a, contestar-lhe a sua importancia, regatear-lhe a consideração e prerogativas a que tem direito, e moderar-lhe as suas legitimas aspirações de progresso, n'uma epocha em que tudo tende para o maximo aperfeiçoamento material e intellectual, nada conseguirá demovel-a do seu proposito firme, energico, irrevogavel de occupar o logar que lhe pertence no organismo social — exercito — com a correspondente e equitativa participação nas regalias, benesses e representação no alto commando, d'onde tem sido banida desde ha muitos annos por um conjuncto de disposições anomalas, obsoletas ou absurdas, que convém extirpar sem detença da nossa legislação militar.

Para esse objectivo marchará sempre, correcta, digna e conscia da sua força e da legitimidade dos seus direitos, pugnando com enthusiasmo no campo da legalidade e da discussão technica pela reparação dos aggravos que lhe foram feitos, pelas suas reivindicações de arma proeminente, quer na paz, quer na guerra.

Em artigos successivos, se o tempo não nos faltar e a *Revista* da arma continuar a dar-nos franca hospitalidade, desenvolveremos as nossar ideias sobre o conjuncto de modificações qne convirá introduzir na actual organisação da infanteria para ella poder corresponder èfficazmente á grandeza da sua elevada missão, tanto na paz como na guerra.

Adriano Beça
Capitão d'infanteria

CAMPANHA SUL AFRICANA

(continuado do n.º 10; 3.º anno)

IV

INVESTIMENTO DE LADISMITH E MARCHA SOBRE ESTCOURT

Na retirada de Farquhar's Farm a artilheria ingleza do cruzador *Powerful* contrabateu efficazmente a artilheria boer, mas logo que os inglezes se recolheram debaixo da protecção das poucas fortificações que garantiam a defeza de Ladysmith, a artilheria boer abre de novo o seu fogo e rapidamente bombardeia a praça e todo o campo exterior.

Calcula-se o effectivo dos boers que envolviam Ladysmith em 20:000 homens, assim dispostos: ao sul, cinco commandos boers investiam a praça entre o rio Klip e a Flaggstone Spruit; a este, um commando boer tinha-se entrincheirado junto de Lombardes Kop; a norte e nordeste estavam as forças commandadas directamente por Joubert e a oeste estavam os orangistas, que repelliram as avançadas inglezas para se apoderarem de Drundrop Spruit.

N'estas condições estavam os inglezes envolvidos pelos boers e collocados certamente n'uma situação verdadeiramente critica. As forças inglezas do Natal estavam pois limitadas á mais pura defensiva, além de varias sortidas que tentaram. Comtudo os boers não tinham um effectivo sufficiente para investir uma praça e tanto mais que necessitaram mandar uma columna de 6:000 homens para Pietersmaritzburg e outras forças para Colenso.

Portanto os boers não podiam, como não poderam, fazer mais do que occupar os pontos principaes que lhe permittissem evitar as sortidas dos inglezes.

Tendo cortadas todas as communicações, achavam-se estes sem poderem communicar com o exterior, mas, como os boers deixaram lacunas, poderam sempre utilisar os cafres como correios.

A 2 de novembro ainda French pode sahir de Ladysmith para a Colonia do Cabo a tomar o commando d'uma divisão de cavallaria.

Os pombos correios prestaram aos inglezes importantes serviços.

A 2 de novembro, a nordeste de Ladysmith effectuaram os inglezes um reconhecimento offensivo que rematou por um energico combate.

A éste, dia 1 de novembro, tentaram os inglezes uma sortida para se aproveitarem da ausencia de Lucas Meyer que tinha partido n'esse mesmo dia para Colenso. Com a partida de Mayer ficou a linha de investimento muito enfraquecida e se a cavallaria ingleza é mais audaz ou se um commando boer não se oppunha tão promptamente, os inglezes teriam effectuado uma excellente sortida e talvez esmagado o proprio Mayer, que ia a caminho de Colenso.

Os boers executaram alguns combates afim de tomar a praça, mas fizeram-n'o sempre d'uma maneira fraca e pouco energica e sem um plano bem delineado e de antemão preconcebido. A 9 de novembro executaram um ataque geral, que foi repellido.

As tropas de White, os vencedores de Glencoe e Elandslaagt, as victimas dos erros dos generaes inglezes, estavam já fracas e cançadas, mas apezar d'isso defenderam sempre Ladysmith d'uma maneira brilhante e digna e pode-se dizer affoutamente que esse facto pode figurar ao lado dos annaes mais brilhantes da historia da Inglaterra.

Se Bazaine tivesse a pertinacia de White não teria entregado Metz com tanta facilidade e com tanta deshonra.

A 3 de novembro uma columna de 2:000 inglezes tentou romper a linha de investimento a ligar-se com White, mas não o pode fazer e foi reforçar a guarnição de Estcourt, o que foi excellente para a causa dos inglezes, pois que foi reforçar a columna que se estava organisando e que havia de ser encarregada de libertar White.

Como Lucas Meyer tinha deixado Ladysmith e continuava a sua marcha offensiva para o sul do Natal, necessario se tornava aos inglezes reforçarem a toda a pressa a guarnição de Estcourt para oppor ás tropas de Lucas e garantir a defeza de Pietesmaritzburg e Durban.

Os recursos inglezes, n'estas circumstancias, pequenos eram. A anciedade, o susto e o medo em todas as cidades do Natal eram grandes, pois que apenas viam Estcourt com um pequeno e muito heterogeneo effectivo, constituido pela columna dos 2:000 inglezes que tinham sido separados de White, do 2.º batalhão dos *Royal Dublin Fusiliers*, uma companhia montada da 60.ª *Rifles*, um esquadrão de carabineiros do Natal, um esquadrão da *Imperial Light Horse*, e uma bateria de artilheria de campanha do Natal, o que sommava, ao todo, 3:000 homens, não entrando em conta com voluntarios de Durban e Pietsmaritzburg de pouca cohesão e nenhuma disciplina e instrucção.

Em Pietsmaritzburg dispunham os inglezes sómente de 25 marinheiros do *Tartar* com 3 peças d'artilheria.

Durban não estava muito melhor protegida; conseguiram comtudo organisal'a defensivamente com a artilheria do *Powerful*, do *Terrible* e do *Thetis*.

Assim, n'estas condicções, comprehende-se bem a anciedade e o medo e vê-se perfeitamente que se Estcourt não resistisse, não mantivesse a marcha offensiva de Lucas Meyer, todo o Natal corria grande perigo.

Voltemos pois a Estcourt.

Escourt está collocado no fundo d'um valle circundado por alturas de differentes dimensões. N'estas condições a sua defeza tem de se estender a essas posições. Quasi sem artilheria e com pouca infanteria difficil era a sua defeza.

Apesar do seu pequeno effectivo os inglezes a pouco mais se limitaram do que a fazer reconhecimentos offensivos com um trem blindado, que, attenta a topographia do terreno, pouco ou nada podia reconhecer.

Dos valles profundos por onde a linha ferrea passa apenas se pode descobrir as encostas adjacentes. Pode-se pois dizer que as tropas ds Estcourt estavam sujeitas e serem surpre-

hendidas e esmagadas do alto das colinas que dominam a povoação.

Para tentar a invasão do Natal não bastava, apezar dos poucos recursos dos inglezes, sómente a columna de Lucas Meyer, não só porque ella era pequena e dispunha de pouca artilheria, mas tambem e principalmente, porque a todos os momentos se esperavam os reforços enviados de Inglaterra.

Para isso Joubert, deixando em Ladysmith as forças necessarias para garantirem o investimento, formou tres columnas com o fim de continuar a sua marcha invasora; uma era destinada a reforçar a columna de Lucas, ainda em Colenso, e as duas outras tinham por objectivo Pietsmaritzburg passando cada uma d'ellas respectivamente por Weenen e Greytown. Assim executariam uma marcha concentrica sobre Pietsmaritzburg, podendo ainda cortar as communicações entre Durban e Pietsmaritzburg com a columna que seguisse por Greytown. E' certamente um plano bem concebido e tinha a vantagem de envolver as forças de Escourt e ameaçar ao mesmo tempo Pietsmaritzburg e Durban. Nos movimentos estrategicos envolventes é sempre necessario a acção mutua e bem combinada de differentes columnas que sigam por estradas differentes sem comprometterem a protecção reciproca que sempre é necessaria. O plano de Joubert satisfazia a todas estas condicções.

A columna da direita seguiria pelos terrenos a oeste da linha ferrea. A 15 de novembro a columna do centro, e a principal estavam em Weenen e n'esse mesmo dia a columna da esquerda estava a caminho de Greytown. Mais para a esquerda, já na Zululandia, foi tambem lancado um corpo boer. Os inglezes, ou tentando chamar a attenção dos boers para Estcourt para deixar livre Durban por mais tempo, ou julgando que os boers atacariam realmente Estcourt, e que, portanto, lhe esmagariam os 3:000 homens que a defendiam se não fossem reforçados, ou fosse por qualquer outra razão, o que é verdade é que reforçaram no dia 13 do mesmo mez a guarnição de Estcourt com um batalhão de *West Yorkshire Regiment*, que a toda a pressa foi enviado de Durban.

A 14, um destacamento do *Tartar* foi tambem enviado sobre Estcourt.

Joubert, tendo conhecimento d'este reforço, achou que seria perigoso deixar á rectaguarda incolume a guarnição, já consideravel, de Estcourt.

Mas fosse pela obdiencia a essas considerações ou fosse levado pelas circumstancias, as columnas boers mudaram to-

das a direcção da sua marcha sobre Estcourt. A da direita em breve se collocou em contacto, a do centro, de Weenen, e a da esquerda, a que ia a caminho de Greytown, fizeram uma conversão á direita, cahindo a do centro sobre éste de Estcourt e a da esquerda, a marchas forçadas, procurou envolver Estcourt pelo sul, collocando-se entre Estcourt e Pietermaritzburg.

Assim, vê-se á simples vista que os boers alteraram o objectivo do seu plano, pois que executaram sobre Estcourt o que projectavam fazer sobre Pietermaritzburg.

A 14, as avançadas de Estcourt deram noticia da presença das columnas de Colenso e de Weenen. O coronel Long, commandante da praça, mandou dar o signal d'alarme, abater as tendas, atrelar os carros e preparar emfim para a retirada, mandando, contudo, para éste de Estcourt, ao encontro d'essas columnas quasi todas as suas forças disponiveis.

Os boers, em presença das avançadas de Estcourt não seguiram mais, ou porque calculavam que as forças inglezas eram maiores, ou porque esperavam que a columna de Greytown lhe cortasse a retirada.

A 15, os inglezes apezar de saberem da existencia das duas columnas boers, enviaram um comboio blindado, em reconhecimento, na direcção de Chiveley.

Como já dissemos, estes reconhecimentos por um terreno montanhoso de nada podiam servir, mas n'este dia os inglezes tiveram a prova da sua inefficacia com um desastre. A 2:500 metros ao sul de Chiveluy o comboio foi destruido pela artilheria boers. Os inglezes tiveram 30 mortos e 60 prisioneiros.

A 19 a columna de Greytown estava ao sul de Estcourt, collocando, portanto, a guarnição d'esta praça em condicções devéras identicas áquellas em que se encontravam as tropas de White, mas os reforços inglezes que haviam de constituir o primeiro corpo d'exercito chegavam a todos os momentos e a situação de Estcourt melhorou em breve. Dovida á inação ou á falta de qualidades offensivas das columnas da direita e centro dos boers não se feriu combate algum, e, portanto, os inglezes continuaram em Estcourt, e devida á demora da columna da esquerda, o que não podia deixar de ser, attenta a distancia, não se realisou o investimento.

Assim terminou a offensiva dos boers no Natal.

Agora vae começar a sua marcha retrograda que os fez deixar o Natal conquistado, que os fez passar pelas suas *farms* tranquilas e socegadas e onde durante tantos annos viram

correr-lhe a vida deleitosa e amena e que os faz, certamente para sempre, sahir fóra das fronteiras e, com os olhos cheios de lagrimas, despedirem-se da sua patria querida á procura de melhor sorte ou á ventura de melhor destino.

(Continúa).

Apreciação succinta dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra executados na ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA no periodo de instrucção de 1899-1900.

Desde 1891 que na Escola Pratica de Infanteria se fazem annualmente um certo numero de experiencias de tiro individual e collectivo para estudo de certas questões muito interessantes para a arma em geral e mais especialmente para os officiaes, que por dever profissional tenham de dirigir o fogo de uma tropa mais ou menos importante de combate. Durante bastantes annos, porém, foram inteiramente desconhecidos da grande maioria dos officiaes d'esta arma os trabalhos executados na sua Escola Pratica com aquelle fim, devido isso, sem duvida, á falta de publicidade dos resultados de taes experiencias e da sua mais ou menos sensata apreciação, que, aliás, eram enviadas regularmente no fim de cada periodo de instrucção ás estações superiores competentes, onde desappareciam no cesto dos papeis sem importancia, á semelhança do que acontece a muitos relatorios interessantes, que as nossas leis e regulamentos exigem com summa facilidade para ninguem ler.

Para prover de remedio a este estado de coisas, visto o nenhum interesse manifestado pelas estações superiores em dar publicidade a tão instructivos trabalhos, foi resolvido no periodo de instrucção de 1897-98, que annualmente se fizesse em uma conferencia perante todos os officiaes em serviço na Escola uma succinta apreciação dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra, executados n'esse anno, e se facultasse nos jornaes militares do paiz a publicação de todos os resultados obtidos, para que os officiaes applicados ali possam encontrar os elementos necessarios para ulteriores estudos.

E' pois n'este modesto intuito que vamos dar conhecimento aos leitores da «Revista de Infanteria» dos resultados obtidos no corrente anno em todas as experiencias de tiro e fogos de guerra realisados na escola de Mafra, acompanhando-os de algumas breves considerações sempre que para isso houver motivo.

Experiencias para demonstração dos effeitos do tiro individual contra alvos-figuras isolados ás pequenas distancias

As experiencias de tiro contra alvos-figuras isolados tiveram por fim, no corrente anno, verificar até que distancia é efficaz o fogo dos atiradores em terreno descoberto e sensivelmente paralello á linha de mira, contra homens deitados, de joelhos e de pé, empregando-se a arma actualmento distribuida á nossa infanteria com as correcções da alça feitas no anno passado para o emprego do cartucho carregado com 2g,2 de polvora sem fumo A,

Obtiveram-se os seguintes resultados, empregando-se o fogo vivo com a velocidade de 10 tiros por minuto:

A' distancia de 150m, considerada minima para o assalto, 20 atiradores, de 1.ª e de 2.ª classe, fizeram duas series de 5 tiros cada uma nas posições de deitado e de joelhos contra alvos isolados de figura de atirador deitado, e outras duas series semelhantes contra alvos de figura de atiradores de joelhos. O por % obtido no primeiro caso foi de 20,2 estando os atiradores deitados e de 11, 5 estando os atiradores de joelhos; o por % medio foi portanto de 15,7. No segundo caso o por % foi de 31,6 estando os atiradores deitados e de 21,2 estando os atirdores de joelhos, sendo portanto o por % medio de 26,4.

A's distancias de 200 e de 250 metros fizeram-se identicas experiencias, e o resultado d'ellas foi: para a distancia de 200 metros, no 1.º caso, de 9,6, estando os atiradores deitados, e de 13,7, estando os atiradores de joelhos, sendo por conseguinte o por % medio de 11,7; no 2.º caso, foi de 21,2 estando os atiradores deitados, e de 15,0 estando os atirodores de joelhos, sendo o por % medio de 18,1. Para a distancia de 250 metros foi no primeiro caso de 5,6, estando os atiradores deitados, e de 3,4, estando os atiradores de joelhos, sendo por conseguinte o por % medio de 4,5; no segundo caso foi de 17,9, estando os atiradores deitados, e de 11,0 estando de joelhos, sendo o por % medio de 14,4.

Repetidas ainda estas tres experiencias por maior numero de atiradores de 1.ª e de 2.ª classe deram os resultados seguintes:

A' distancia de 150m	Atiradores deitados,	18,8	por %	Media 18,2 contra alvos de figura deitada
	» de joelhos	17,7	»	
	» deitados	28,9	»	Media 30,3 contra alvos de figura de joelhos
	» de joelhos	31,8	»	
A' distancia de 200m	Atiradores deitados	13,1	por %	Media 9,9 contra alvos de figura deitada.
	» de joelhos	6,8	»	
	» deitados	22,5	»	Media 19,9 contra alvos de figura de joelhos.
	» de joelhos	17,4	»	
A' distancia de 250m	Atiradores deitados	7,1	por %	Media 5,9 contra alvos de figura deitada.
	» de joelhos	4,8	»	
	» deitados	9,5	»	Media 11,9 contra alvos de figura de joelhos.
	» de joelhos	14,3	»	

Proseguiram-se as experiencias a maiores distancias com o fim de averiguar, não só até que distancia será efficaz o fogo contra figuras deitadas e de joelhos, mas tambem contra figuras de pé; os resultados foram os seguintes:

A' distancia de 300m	Atiradores	deitados	2,5	por %	Media 3,4 contra alvos de figura deitada.
	»	de joelhos	4,3	»	
	»	deitados	6,4	»	Media 8,8 contra alvos de figuras de joelhos
	»	de joelhos	11,2	»	
	»	deitados	16.3	»	Media 15,2 contra alvos de figuras de pé.
	»	de joelhos	14,3	»	

Repetida esta sessão por maior numero de atiradores deu os seguintes resultados:

A' distancia de 300m	Atiradores	deitados	2,5	por %	Media 4,9 contra alvos de figura deitada.
	»	de joelhos	4,3	»	
	»	deitados	15,2	»	Modia 13,8 contra alvos de figura de joelhos.
	»	de joelhos	12,2	»	
	»	deitados	17,9	»	Media 15,9 contra alvos de figura de pe.
	»	de joelhos	13,9	»	

A' distancia de 400m	Atiradores	deitados	7,7	por %	Media 6,4 contra alvos de figura deitada.
	»	de joelhos	5,2	»	
	»	deitados	7,8	»	Media 7,4 contra alvos de figura de joelhos.
	»	de joelhos	6,9	»	
	»	deitados	8,6	»	Media 11,3 contra alvos de figura de pé.
	»	de joelhos	14,0	»	

Em todas as experiencias precedentes se empregou o fogo vivo com a velocidade de 10 tiros por minuto, visto a ordenança de infanteria determinar que de 400m para baixo seja esta a especie de fogo preferida.

As experiencias foram ainda continuadas á distancia de 600m metros empregando-se, porém, o fogo lento. Os resultados obtidos foram os seguintes:

A' distancia de 500m	Atiradores	de joelhos	6,1	por %	contra alvos de figura de joelhos.
	»	»	»	8,2	» contra alvos de figura de pé.

A' distancia de 600m	Atiradores	de joelhos	8,2	por %	contra alvos de figura de joelhos.
	»	»	»	8,2	por % contra alvos de figura de pé.

Se analysarmos as percentagens obtidas n'esta longa serie de experiencias e as reduzirmos ás suas verdadeiras proporções em campa-

nha, isto é, se as reduzirmos á decima parte, e se admittir-mos além d'isso que o fogo na guerra só começa verdadeiramente a ser efficaz quando houver a possibilidade de se empregar no alvo um por cento dos tiros feitos, chegaremos facilmente á conclusão de que com a arma actualmente distribuida á nossa infanteria e empregando-se o cartucho carregado com 2g,2 de polvora sem fumo A, apezar das correcções feitas na alça actual em harmonia com os estudos feitos anteriormente na Escola Pratica de Infanteria, o fogo dos atiradores contra alvos isolados só é efficaz: até 200m de distancia contra homens deitados, até 300m contra homens de joelhos e até 400m contra homens de pé. E deve notar-se que para se obter este resultado foi preciso, que nas experiencias feitas só tomassem parte atiradores de 1.ª e de 2.ª classe, que acabavam de receber na carreira da escola de Mafra uma esmerada e methodica instrucção de tiro ao alvo, e que os alvos, contra os quaes se atirava, estivessem inteiramente a descoberto, circumstancias estas que difficilmente se darão em campanha.

O que inferir pois de tão infimos resultados? Que a nossa infanteria está muito mal armada, ou então que o armamento moderno, apesar de toda a sua perfeição, está praticamente muito longe de corresponder á tão apregoada efficacia do tiro ás pequenas distancias. O conhecimento ainda imperfeito dos resultados dos fogos a curtas distancias nas ultimas guerras faz-nos inclinar um tanto para esta ultima conclusão, comquanto não nos reste duvida alguma tambem de que em confronto o seu armamento e municiamento actuaes, a nossa infanteria está em manifesta inferioridade para com a de qualquer outra das nações europeias.

Se bem que os resultados das experiencias feitas contra alvos d'infanteria isolados não sejam para além de 400 metros muito animadores, não quer isso dizer que em absoluto se não possa fazer começar o fogo d'uma linha de atiradores contra outra a distancias um pouco superiores áquellas que ficaram indicadas para cada uma das tres especies de alvos, infante deitado, de joelhos e de pé. Com effeito, em uma linha de atiradores empenhados em combate estes agrupam-se mais ou menos nos diversos abrigos que o terreno lhes offerece e mesmo no caso de o terreno ser inteiramente descoberto, encontram-se muitas vezes unidos ou com muito pequenos intervallos entre si, de sorte que muitos tiros, que seriam perdidos contra alvos completamente isolados, não o são n'estes casos, quando os desvios ou os erros de pontaria foram no sentido da largura, resultando apenas que em vez do alvo visado seja tocado um outro seu visinho. Sendo isto assim, o por cento deverá elevar-se um pouco, e, portanto, o fogo poderá ser começado sem grande inconveniente a distancias respectivamente superiores de 100 metros áquellas que acima indicámos contra os alvos de figura de infante deitado, de joelhos e de pé.

Assim pois poder-se-ha no combate real, empregando-se a nossa arma actual e o cartucho carregado com 2g,2 de polvora sem fumo A, romper o fogo vivo contra os atiradores inimigos deitados ou de joelhos, que são as posições mais habitualmente empregadas, a uma distancia nunca superior a 400 metros, devendo os graduados mandar fazer uso de uma alça superior de 100 metros á distancia real a que estiver o alvo, quando este se achar para além de 25 metros.

Experiencias realisadas nos annos anteriores teem-nos demonstrado que a grande velocidade do tiro prejudica muito consideravelmente a sua justeza. Resulta d'isto que o fogo lento executado ás distancias de de 500, 600 e 700 metros contra uma linha de atiradores inimigos produz muito aproximadamente os mesmos resultados que o fogo vivo a

400 metros. Este facto é comprovado pelo resultado das experiencias realisadas no corrente anno, pois que á distancia de 400 metros em fogo vivo se obteve contra alvos isolados de figura de joelhos o por % medio de 7.3, emquanto que o por % medio obtido contra alvos semelhantes ás distancias de 500, 600 e de 700 metros foi de 7,2.

Chegámos pois, pela analyse dos resultados das experiencias feitas este anno contra alvos de figura isolados, á mesma conclusão já tirada dos resultados dos fogos de guerra nos annos anteriores, isto é, que com a nossa arma actual a maxima distancia a que se deve mandar começar o fogo contra linhas de atiradores é de 700 metros, devendo a alça ser augmentada de 100 metros para as distancias de 300 até 500 metros inclusivé, de 75 metros para a distancia de 600 e finalmente 50 metros para a distancia de 700.

Vem aqui a proposito dizer o motivo porque nos parece que a nossa infanteria está presentemente em manifesta inferioridade para com a de todas as nações europeas. A espingarda K m/1886 não é realmente muito inferior em condições balisticas ás dos ultimos modelos de armas de guerra conhecidos, mas teem o grave defeito de ser extremamente pesada para o nosso soldado, obstando, por isso, a que o municiamento individual de guerra possa rasoavelmente ir além de 100 cartuchos. Comtudo o seu defeito principal está presentemente no apparelho de pontaria. Com effeito, as alças da espingarda K m/1886 faram graduadas para o emprego da polvora negra, que na occasião da sua acquisição era ainda a unica emqregada em toda a parte, posteriormente, porem, foi adoptada a polvora sem fumo A, e desde então estabeleceu-se um verdadeiro cahos na carregamento das nossas munições de infanteria; tem-se passado annos e sob diversos pretextos não foi ainda possivel chegar a regularisar completamente a carga do cartucho, embora essa carga tenha sido já fixada em 2g,9 de polvora sem fumo A, e se estejam, ao que parece, a fazer n'este momento as modificações precisas no apparelho de pontaria das armas de infanteria apropriando-o para esta carga. O que é certo, porém, é que as munições distribuidas aos corpos e existentes nos depositos teem as mais variadas cargas, desde 2g até 3g,2, o que na Escola Pratica de Infanteria, que é uma das principaes consumidoras de cartuchame fabricado no paiz nos ultimos annos, tem produzido uma grande desorientação e um dispendio quasi inutil de tempo, de trabalho e de munições. Resulta d'isto que, variando com a quantidade e qualidade da polvora a velocidade inicial do projectil, este se comporta no ar por um modo differente para cada carga e que as alças actualmente existentes para pouco servem, sendo portanto quasi pura perda toda a instrucção de tiro que para ahi se está ministrando, pois que se estão ensinando ás praças umas regras de pontaria completamente erroneas. Como consequencia d'este estado de coisas podemos affirmar que a nossa infanteria está no presente momento pessimamente armada, pois que nenhuma certeza nem confiança se póde ter no resultado dos seus fogos.

*
* *

Tratou-se ainda no corrente anno de fazer uma experiencia com o fim de verificar a efficacia relativa do fogo directo ás pequenas distancias contra uma linha de atiradores, atirando-se de baixo para cima e e inversamente. Foi o seguinte o resultado d'essa experiencia:

De baixo para cima á distancia de 500 metros o por % foi de 6,1 contra alvos de figuras de joelhos e de 8,6 contra alvos de figura de pé; e á distancia de 600 metros foi o por % de 7,2 contra alvos de figura de pé.

De cima para baixo á distancia de 500 metros o por % foi de 3,1 contra alvos de figura de joelhos e de 6,6 contra alvos de figura de pé, e á distancia de 600 metros foi de 2,8 contra figuras de joelhos e de 4,4 contra figuras de pé.

Foi manifesta a vantagem do fogo feito de baixo para cima. Comtudo este resultado não deve inspirar grande confiança, em consequencia da grande differença das condições de terreno em que cada uma das experiencias foi executada, porque uma, aquella em que se atirou de baixo para cima, foi feita no terreno da carreira perfeitamente liso e descoberto e subindo em rampa muito suave para o lado dos alvos, emquanto que na outra a rampa era muito mais aspera e a superficie de terreno mais irregular e coberta de urze bastante alta em alguns pontos.

Infelizmente a situação da carreira e campo de tiro da escola não permitte, sem grande perigo, que esta experiencia possa ser feita em paridade de condições, pois que o fogo tem de ser sempre executado na mesma direcção, a do espaldão, para evitar que as balas possam alcançar os logares e os casaes situados nas visinhanças da tapada real.

(Continúa)

Francisco Rodrigues da Silva
Coronel de Infanteria

EXERCICIOS MILITARES

I — O PLANO

Tanto nos exercicios de brigada para exame dos coroneis, como nos exercicios do outono, estão modernamente em uso os planos ou programmas, em que préviamente se descrevem todos os detalhes do que se ha de fazer no campo, e do mesmo modo se procede quasi sempre nos exercicios de quaesquer unidades tacticas, só com a differença de se não distribuir o programma impresso.

Como os taes planos introduzem na instrucção e nos exercicios os defeitos mais capitaes e que tudo viciam, convém que chamemos para elles a attenção de quem quizer reflectir, e de quem poder providenciar.

Certamente entre esses planos ha melhor e peor, mas nós abstrahimo-nos totalmente de tal circumstancia para considerar apenas os defeitos geraes, os defeitos que provém do proprio systema.

Vae-se realisar um exercicio vulgar, segundo o costumado ramer-

rão, divergindo de todos os outros quasi apenas nos nomes de alguns accidentes topographicos.

O commandante recebe o thema e a composição da força, tendo uns oito dias para estudar o terreno e a carta e apresentar a resolução ou o plano do exercicio; e, dada a ordem para este ter logar, reune em conferencia os commandantes das unidades, distribue-lhes o plano impresso, explica o exercicio e o papel que cada um, ou a sua força, tem a desempenhar.

Por sua vez os commandantes das unidades explicam o exercicio, tambem em conferencia, aos capitães e subalternos, como se marcha, onde se estende, quando se faz fogo, quando se avança, e cada um trata de decorar o papel como para uma representação de theatro; e, feito isto, está para todos inteiramente terminada a parte e a exigencia intellectual do exercicio.

O que falta é apenas a parte material, em que cada um só tem a marchar e evolucionar como simples automato, e sem necessidade do mais pequeno raciocinio.

O commandante do exercicio comparece no local da concentração, consulta muitas vezes o relogio, quasi reduz o seu commando a dizer «partam», e vae assistir ao exercicio. As forças lá vão seguindo. Os commandantes das unidades e ajudantes não cessam de consultar durante o exercicio a carta e o plano, o que em absoluto não isenta de enganos, apezar de cada um espreitar cuidadosamente as phases e as *deixas*, para regular com precisão o seu automatico papel.

Para muitos, os enganos ou erros que frequentemente se notam, provém exclusivamente de os commandantes das forças não executarem com exactidão o que se lhes distribuiu para seu papel, mas nós inclinamos-nos antes a crer que a maioria das faltas notadas a esses officiaes provém antes do vicio fundamental do systema, da falsidade do plano, da sua falta de conformidade com o *processo natural* do combate, e mesmo dos regulamentos, cujas determinações obedecem aos principios da arte militar, e não ás phantasias de um exercicio theatral.

«A historia feita *á priori*, da guerra ou do combate, é falsa. Dá-se o mesmo com os exercicios».

Escrevemos isto ha seis annos, na *Preparação d'infanteria*, pag. 288, e é essa mesma a opinião que temos hoje.

Na descripção de um combate real não se escreve o que cada um pretendia e devia fazer, mas sim o que cada um fez, as ordens que cada um deu successivamente, em correlação com cada caso, phase e situação; as ordens que se executaram e como, os actos de cada um e o que os justificou.

Por mais que procure um tratado, um regulamento tactico ou de campanha, onde se diga que o chefe, ainda antes (e que antes!) de apparecer o inimigo, dá para a acção todas as ordens que tem a dar, desde o primeiro tiro dos postos avançados até ao ultimo tiro da guarda da rectaguarda, não encontro tal livro ou regulamento.

Se os exercicios não hão de ser feitos observando-se a *verosimilhança*, ou quanto possivel os *principios naturaes da guerra*, não se publiquem instrucções e regulamentos fallando em *verosimilhança*, dizendo que ella se deve exigir nos exercicios.

A discordancia entre o que se determina e o que se executa levanta sempre alguns reparos, é um mau systema educativo, e no presente caso reforça a nossa argumentação.

Um dos fins principaes dos exercicios de tactica applicada e de acção dupla é desenvolver nos officiaes o espirito de iniciativa, o golpe

de vista, a decisão, o commando energico e intelligente em frente do inimigo.

O nosso regulamento tactico está de accordo com tal doutrina, e diz no titulo 1.º:

«Em todos os exercicios de tactica applicada é de absoluta necessidade desenvolver nos graduados o espirito de iniciativa e a rapidez de percepção, factores fundamentaes da educação tactica dos chefes, o que se consegue habituando-os a escolherem promptamente as formações mais adquadas ás circunstancias e a cooperarem harmonicamente para o objectivo indicado, dentro dos limites de breves instrucções».

Em vista d'isto, nós formulamos esta pergunta: como é que os graduados hão de crear e desenvolver aquellas boas qualidades, se nos exercicios só obram em situações previstas e longamente reflectidas, executando automaticamente um papel antecedentemente decorado?

Evidentemente não desenvolvem taes qualidades, mas sim as contrarias, a rotina, a indolencia intellectual, a froxidão do commando, a ausencia de golpe de vista, o habito de não observar, não reflectir, não fazer verdadeira tactica, não fazer nada por iniciativa propria, não se importarem de conhecer as circumstancias e regular por ellas o seu procedimento, não entenderem outras ordens do chefe senão as que dér por meio de um *plano*.

«Seja qual fôr a sua graduação — escrevemos na *Preparação da Infanteria* — o official que vae para um exercicio com o papel decorado fica inhibido de dar qualquer prova sobre o que a arte militar tem de mais complexo e sério: interpretar as ordens e intenções do chefe, usar de iniciativa, apreciar rapidamente as situações tacticas e estrategicas conhecer n'um relance o valor do terreno e aproveital-o bem».

«No combate real, o inimigo não nos dá oito dias para estudar planos, nem faz combinações comnosco».

Nos exercicios feitos segundo um plano previamente posto, os directores ou commandantes dos partidos combinam o ataque e a defeza e articulam todas as phases e detalhes entre um e outro partido. Cada um decóra o papel que tem a representar, no pseudo-exercicio de instrucção, e chegado o momento tudo decorre como n'uma representação theatral, só com a differença de em vez de *pontos* haver ajudantes de campo, galopando um tanto embaraçado com as redeas, carta e plano, a fiscalisar os actos de cada, para que todos os detalhes saiam como está escripto.

Sendo assim, occorre um tanto naturalmente perguntar. Então como é que succede haver reconhecimentos e ataques *manquées;* phases engulidas; contra-ataques que se pronunciam antes dos ataques; defensores que não apparecem na posição ou não a defendem; phases que se alteram no modo e no tempo; e emfim, paragens, hesitações e embrulhadas, um mau aproveitamento do terreno, e uma pessima execução dos detalhes?

A razão é simples. O plano é um attentado contra os preceitos regulamentares e contra o processo natural do combate. Supprime o criterio, a reflexão e o raciocinio, e não deixa a nenhum official a liberdade de proceder em conformidade com os principios e regulamentos.

Posto o plano, como que ficam suspensos todos os principios que o plano não inscreve; e, como o que elle consigna não constitue doutrina sufficiente para regular a acção de ninguem, os erros tornam-se ainda mais possiveis n'estes exercicios, do que n'aquelles em que não houver

plano detalhado, mas em que o chefe e officiaes, tendo alguma instrucção de tactica applicada e de serviço de campanha, fazem uso de criterio e da iniciativa, applicando os principios.

D'onde se deve concluir que o plano é o salvaterio e a panacéa dos quadros mal instruidos. Vá que alguns exercicios se regulassem por um programma quando a tactica applicada era totalmente desconhecida; mas persistir em tal systema é estrangular a instrucção e massar cada um sem utilidade.

E será tambem rasoavel que se admitta como prova de aptidão, a um capitão ou coronel que deve ascender ao posto superior, um exercicio feito em taes condições?

Reconhecidos os defeitos dos planos sob o ponto de vista da instrucção pratica, resta-nos provar o seu valor como peças e provas de instrucção theorica.

Não obstante não serem eguaes em valor e estructura os differentes planos, não erramos muito dizendo que, nos seus delineamentos geraes, os planos são todos identicos.

Tomando ao acaso meia duzia dos conhecidos e publicados, encontramos n'elles invariavelmente uma ordem de marcha ou de estacionamento, uma ordem de combate e um desenvolvimento de exercicio por phases.

Apezar d'esta identidade não se póde dizer que sejam imitados uns dos outros, no que, a final, nada ha de illicito. Os planos são a resolução de problemas muito identicos, segundo uma formula um tanto necessaria e já ha muito tempo consagrada.

Por conseguinte, é indifferente que a solução se organise sobre outro plano ou sobre o regulamento de campanha, redigindo as duas ordens de que invariavelmente consta o plano, pelos respectivos modelos. Succede, porém, que taes modelos, com doze ou vinte alineas não foram em rigor feitos para brigadas, mas sim para columnas de divisão ou corpo de exercito.

E' intuitivo que as ordens para unidades menores devem perder alguma coisa d'aquella solemnidade e extensão dos modelos; mas, como é forçoso escrever um plano de seis paginas com duas ordens, não se lhes diminue nada, e antes pelo contrario, se é possivel, augmenta-se.

Além das duas ordens, consta o plano de um desenvolvimento do exercicio por phases, consistindo o detalhe de cada phase na pueril formula — o inimigo faz isto e nós fazemos aquillo.

Tal desenvolvimento do combate e emprego dos fogos, que nos parece apenas apreciavel em problemas puramente theoricos a resolver por officiaes subalternos — como objecto de execução pratica, é a mais completa negação e contrariedade dos principios technicos e preceitos regulamentares. Os regulamentos definem as phases do combate, consignam os principios para a execução do fogo, e attribuem aos officiaes que estão na linha de fogo a execução d'esses principios.

«Ao commandante do batalhão pertence indicar aos capitães o objectivo principal, e bem assim os pontos da linha inimiga em que mais convém concentrar os fogos».

«Quando taes indicações não forem dadas, cumpre aos capitães determinar os objectivos, e em qualquer dos casos regular o emprego dos fogos e o consumo de munições, os pontos a visar e as alças correspondentes. Incumbe-lhes ainda fixar o momento de iniciar e de cessar o fogo».

«A' medida que o inimigo reforça a linha de ataque, o capitão redobra a intensidade do fogo».

«Augmentando as difficuldades da marcha... a companhia rompe o fogo, geralmente por descargas, avançando depois por lanços... procurando estabelecer-se n'uma posição proxima da linha inimiga, para d'ahi a desorganisar pela acção do fogo».

«Os subalternos supprem, quando se torne preciso, a acção directriz dos capitães».

E' esta a doutrina do regulamento tactico, e ninguem devêra sobrepôr-se a ella, dando ordens detalhadas para a execução do fogo.

O regulamento de campanha estatue que nas ordens se não insiram os principios regulamentares. Se se responde que o desenvolvimento por phases, inserto no plano, não é uma ordem, nós argumentamos que tude o que se insere no plano constitue ordem, seja qual fôr a sua forma de redacção.

Continúa.

JULIO DE OLIVEIRA
Tenente de caçadores

O DUELLO NOS EXERCITOS

O duello militar tem sido, e ainda é, uma causa de apreciações fundamentalmente oppostas e, como não temos em vista discutir assumpto tão escabroso, iremos fazer uma simples monographia do duello militar, mostrar d'uma fórma muito succinta como elle tem sido encarado em algumas epochas differentes nas suas relações com os pontos de honra, indicar algumas apreciações de que elle é objecto, da parte d'alguns homens de guerra, e a sua jurisprudencia actual nos differentes exercitos da Europa, a missão *dos tribunaes de honra* organisados em algumas potencias para decidir das questões d'honra levantadas entre officiaes, affastando-nos do ponto de vista philosophico e religioso já discutido d'uma maneira tão frequente e vasta pelos primeiros escriptores do mundo.

Foram os costumes militares da Germania que crearam o duello, servindo de episodio na sua origem as acções da guerra, tomando um grande incremento devido ao estado de hostilidade permanente e tornou-se, segundo Montesquieu, «uma licença geral para o provocar», sendo tão extraordinarios os excessos commettidos, que foi necessario pôr um freio a um tão grande estado de desordem. Resultou d'aqui o duello *judicial* ou *legal*, que era uma pratica barbara que começou nos primeiros seculos da monarchia franceza e durou até ao seculo XV.

O feudalismo perpetuou o espirito guerreiro, fazendo desenvolver o gosto pelos combates singulares, transformou cada vassalo em soldado, ficando o duello, mesmo depois da creação dos exercitos permanentes, o apanagio da nobreza e dos que tinham o direito do porte d'armas.

A espada de folha larga com dois gumes armava o braço do gentil-homem combatendo a pé; e a cavallo servia-se da lança.

Em França, antes de 1602 só existiam antigas *ordenanças* contra os da nobreza e outros a que era permittido o porte d'armas, quando se queriam vingar elles proprios de offensas á honra. Um edicto de 1602 declarou-os culpados de lesa-magestade, punindo o seu crime com a *pena de morte,* instituindo como juizes das questões de honra o condestavel, os marechaes de França, os governadores e tenentes-generaes das provincias.

Apezar de todos estes rigores, como a velocidade adquirida era grande, não diminuiram muito as luctas homicidas.

A nobreza, dizimada pelo cardeal Richelieu, foi depois reconstituida por Luiz XIV, para realçar o brilho da sua côrte e para servir de instrumento ás suas conquistas, sendo perseguido o duello no seu reinado como um attentado á auctoridade do soberano, ao prestigio do chefe da nobreza, mas principalmente como uma infracção da disciplina militar.

Por um edito de 1643, foi organisado definitivamente o *tribunal de honra*, com os marechaes de França para juizes supremos. Luiz XIV editou as penalidades mais rigorosas contra o duello. N'esta epocha (1651) um certo numero de gentis-homens, todos militares, d'uma bravura comprovada, sob a fé d'um juramento, fundaram uma associação sob a auspiciosa direcção de Olier, vigario de Saint-Sulpice, tendo por fim evitar o duello. D'esta associação fazia parte o marquez de Fénelon e o marechal Fabert governador de Sedan.

No reinado de Luiz XV o parlamento continuou a publicar editos contra os duellos continuando a funccionar o tribunal dos marechaes de França, mas havendo n'esta epocha algumas disposições de tolerancia manifestadas pelo regente para com os duellistas. Tiveram logar numerosos encontros durante grande parte do seculo XVIII.

N'alguns regimentos era luxo os officiaes alardearem o numero de encontros em duello que tinham provacado por questões de honra, havendo combates renhidos para sustentar a honra d'um regimento contra um outro regimento rival. Segundo Mercier, o auctor do *Tableau de Paris*, foi principalmente na burguezia e nos regimentos das guardas francezas que mais se sentiu a epidemia dos duellos no reinado de Luiz XVI. Por uma lei de 1790 ficou supprimida a jurisdicção dos marechaes de França, entrando no direito commum, emquanto que na legislação antiga era punida a provocação, isto é, o duello, mesmo sem produzir ferimentos, na nova era considerado como um attentado á vida humana, não attendendo aos resultados finaes do encontro.

O duello não desappareceu com a revolução, apenas se transformou, attingindo todas as classes da sociedade.

Durante a convenção tornaram-se muito raros, assim como durante o directorio e consulado. Entre militares e entre militares e civis, sob a Restauração, ficaram celebres os encontros entre os *brancos* e *azues*. Em 1837 Dupin fixou a jurisprudencia em materia de duellos. Desde 1830 até aos nossos dias os duellos militares teem successivamente diminuido e d'uma fórma muito progressiva, devido certamente á renovação constante das instituições militares, agrupando mais estreitamente os officiaes no pensamento commum da defeza da patria. Em França, pensando-se na futura *revanche*, e na Allemanha, prevendo-se o choque, tem-se tentado evital-o. Segundo Bourelly, a ordem e a regularidade que a cruel experiencia da guerra de 1870 e os esforços reunidos dos legisladores e dos homens de guerra teem introduzido em

todos os ramos d'organisação do exercito, teem influido em todos os ramos da grande familia militar, principalmente sobre a unidade moral do corpo d'officiaes.

Uma das mais importantes instituições da ultima guerra foi a creação de uma escola superior de guerra, offerecendo aos officiaes de todas as armas e de todas as origens as mesmas vantagens, operando assim um verdadeiro nivelamento para estreitar as relações de camaradagem.

*

* *

Attendendo agora ás formas differentes como tem sido considerado o duello militar, dizem uns que elle é inherente á profissão das armas, considerando-o como uma das imperiosas obrigações que ella lhe impõe, tendo estes a consideração de que o soldado não póde salvaguardar a sua honra senão com a espada, não admittindo que se exponha o militar, por uma recusa a bater-se, a deixar a mais leve duvida ácerca da sua coragem.

Pretendem outros que, entre todos os duellos, é o duello militar o mais condemnavel, senão o menos necessario; sustentando estes firmemente que a honra sendo da propria essencia do soldado não será preciso tirar-se-lhe a prova e que ha occasiões mais gloriosas de derramar o sangue e de mostrar o desprezo pela vida, do que n'um combate com um irmão d'armas.

Dizia Napoleão n'um dos seus ardentes discursos, quando implantou a religião catholica em França: «a vida d'um individuo pertence á patria e portanto deverá elle consagral-a á sua defeza e á sua prosperidade».

Na opinião d'estes ultimos está incluida a do bravo La None; «Est faux honeur aux gens de guerre de hasarder follement leur vie quand la doivent à leurs pays».

Um dos escriptores que tratou do duello encara a questão da seguinte fórma: «algumas pessoas queriam que o uso do duello só fosse permittido aos militares, mas parece que é precisamente aos militares que este devia ser mais particularmente prohibido, porque as armas são-lhe confiadas para defenderem os seus concidadãos contra os ataques dos inimigos externos e internos e, quando se servem d'ellas para vingança das suas questões pessoaes, fazem um uso contrario ao espirito da sua instituição. Ha uma especie de prevaricação e de infidelidade pela qual devem ser punidos. «E' o caso em que um guarda livros ou um caixeiro servir-se dos fundos da sua caixa para os seus proprios negocios». Em todos os tempos prevaleceu sempre entre os militares a primeira das opiniões.

Entre alguns homens de guerra que se teem pronunciado contra os duellos no exercito citam-se Folard, o principe de Ligne e Napoleão, não mencionando os que combattem o duello e que não se battem por causa das suas convicções religiosas, como por exemplo o marechal Noailles.

O cavalleiro Follard, escriptor militar distincto e que tomou parte em varias campanhas, nos seus «*commentarios ácerca da historia de Polybe*» disse: «quando o duque de Guise, commandante do exercito cercado em Metz por Carlos V, reprimia os excessos de duellos, os espadachins brigões estavam muito em moda e eram considerados como a escoria e a deshonra das tropas e sempre os primeiros a fugir nas occasiões criticas».

Napoleão declarou que nunca tinha contado com um duellista para uma acção importante. La Tour-Maubourg, o bravo dos bravos, nunca se bateu em duello.

Napoleão fez allusão a alguns officiaes *duellistas de profissão* e que na occasião dos perigos se escondiam nas trincheiras.

A carta escripta por Bonaparte ao general Berthier na occasião do duello Destaing-Regnier, mostra a disposição pouco favoravel d'aquelle para com os duellistas. «Peço-lhes que levem ao conhecimento do general Regnier que o duello, que elle teve e que privou a patria d'um dos seus mais bravos generaes, é um lucto publico e que é intenção do governo que elle se affaste 30 leguas de Paris». Seria egualmente conveniente conhecer o nome das testemunhas que assistiram a este duello e prendel-as em casa 10 dias.

Henrique IV, em cujo reinado se tomaram medidas de repressão bem severas contra o duello, foi algumas vezes benigno para com os transgressores. Ameaçou a Sully com a maxima penalidade, por ter sido testemunha d'um duello.

O principe de Ligne, combatendo o duello á pistola, diz nas suas memorias: «Honra! Nome que é o idolo da nossa alma, que vós tantas vezes tendes profanado! Palavra d'honra, questão d'honra, ponto d'honra e habituados ás palavras e estas depois não são mais do que palavras!» Combatendo a legislação que prohibia o duello dizia: «E' uma grande desgraça que o homem esteja em contradicção com a humanidade sem que elle o esteja com as leis e é tempo de decidir entre a infamia e o cadafalso».

Montesquieu já tinha dito: «se um individuo segue as leis da honra, morre no cadafalso; se segue as da justiça fica banido da sociedade dos homens». O principe de Ligne era da opinião que se creassem *tribunaes d'honra*, admittindo a existencia do duello, queria que as reparações pelas armas fossem publicas; condemnava o duello á pistola, ridicularisava-o, dizendo que ou era muito sério e só com vantagem para o bom atirador ou não tinha importancia.

Queria que o duello, quando fosse approvado pelo *tribunal de honra*, tivesse logar e só fosse interrompido quando houvessem ferimentos graves com a espada.

O individuo que tivesse tres pendencias d'estas, ainda que tivesse razão, seria obrigado a deixar o serviço, assim como o que quizesse bater-se, quando o tribunal não o julgasse neccessario». Quando o principe de Ligne apresentou esta opinião ainda funccionava em França o tribunal dos marechaes, que, como dissemos, desappareceu com a revolução.

Continúa.

João A. Corrêa dos Santos
Alferes d'infanteria

OS EXERCICIOS D'OUTONO

Começaremos pelo fim.

Depois de quatro dias de trabalhos, fadigas e canceiras de verdadeira campanha em que só faltou, para tudo ser real,

a acção da bala e a emoção de combate, tivemos o prazer de ver nos campos d'Algueirão desfilar perante Suas Magestades e Alteza o Principe Real, acompanhados do nobre ministro da guerra e de um numeroso estado maior, uma parte do nosso exercito com uma galhardia e garbo que difficilmente se eguala, mas que não se excede.

A' infanteria, oh! á bella infanteria, á nossa querida infanteria, couberam-lhe, sem espirito d'arma o dizemos, as maiores honras da festa. Os alinhamentos rigorosos, a firmeza inquebrantavel e o passo cadenciado por um terreno lavrado, cheio de sulcos, depois de longas horas consecutivas de trabalho, passadas debaixo d'um sol ardente, depois de andar 4 dias com a mochila carregada, e dormindo ao grande ar na contemplação nocturna do firmamento com o corpo sobre o terreno humedecido pelas bategas que por vezes cahiam, são uma prova evidente da sua disciplina e obediencia, e da sua instrucção e resistencia. Mas, justiça se faça, se á infanteria lhe couberam essas honras, ás outras armas e serviços não lhe cabe um quinhão menor, o que tudo honra o exercito, o que tudo honra o paiz e com o que tudo devéras nos orgulhamos. A artilheria ao trote, arrastando as suas peças, correspondeu á nossa espectativa. A cavallaria ao trote curto desfilou bellamente. A engenheria, com as suas viaturas vergadas sob o pezo do material, não podia fazar mais. O serviço de saude, com as bandeiras portugueza e de Genebra e com as ambulancias e carros de feridos, fallou-nos ao coração. Honra a todos, porque todos honram o paiz.

Depois d'esta bella revista seguiu-se uma festa unica e primeira no genero entre nós; uma extensa meza de campanha estava preparada para receber os officiaes de todas as armas e serviços na mais perfeita camaradagem e na mais sympathica harmonia, o que symbolisa a união, o que significa a communidade de esforços, e o que synthetisa o mesmo ideal, que a todos anima, e as mesmas aspirações que a todos seduzem.

Mas o brilhantismo e a significação d'essa festa, que só por si valiam muito, são d'um alto valor moral por a terem honrado Suas Magestades e o nobre ministro da guerra.

A recordação que d'essa festa guardamos será perenne no nosso coração, porque nos seduz e encanta sempre a união das armas e a boa camaradagem.

*

* *

Deviamos dar aos leitores da *Revista* uma descripção dos

exercicios acompanhada da competente critica, mas para isso seria necessario apresentar os planos, descrevel-os com toda a minudencia, dizer como se effectuaram as differentes phases, mas a falta de espaço com que sempre luctamos não o permitte.

Além d'isso, a maior utilidade que estes exercicios teem é o poder tirar d'elles lições proveitosas, filhas da pratica, da experiencia e da analyse.

N'essa ordem de idéas e obdecendo a esta orientação e tendo sempre em vista o fim verdadeiramente utilitario e pratico, vamos entrar na indicação de coisas praticas para que é necessario olhar a sério, isto é, vamos procurar as modificações que é necessario fazer e as inovações que é necessario introduzir para aperfeiçoar este machinismo complexo, que se chama exercito.

Começando pelo fim principal que se tem em vista, empregar o soldado como combatente — vamos logo deparar com os carros de munições.

Os actuaes transportam 11:200 cartuchos. Ora distribuindo esses cartuchos á razão de uns 50 por praça vemos que só chegam para uma companhia. Logo parece justo que se dote cada companhia com um carro de munições, mas como isso augmentaria demasiadamente os *trens de combate*, dever-se-hia, ao menos, procurar conciliar as necessidades do combate com as vantagens dos pequenos *trens*, e então ficaria melhor dotar cada batalhão com dois carros de munições, o que ainda teria a vantagem de garantir o ter sempre á mão uma reserva de munições, pois que emquanto um ia receber polvora ás *columnas de munições*, o outro ficaria com cartuchos junto ao batalhão. Assim com um carro sómente póde muito bem succeder ficarem os combatentes desprovidos de munições durante o tempo que elle gasta em se abastecer e em percorrer o trajecto.

(*Continúa*).

David Rodrigues.
Alferes d'Infanteria.

CAMPANHA DE GAZA

EM 1897

(Continuado do n.º 9 — 3.º anno)

COMMANDO DA COLUMNA E REDUCTO DO GUIJÁ

IV

No dia 8 pelas 7 horas a. m. tomei o commando da columna e puz-me em marcha para o Guijá onde estabeleci bivaque ás 9,30 a. m.

O commissario regio, acompanhado de 30 cavallos sob o commando do alferes de cavallaria n.º 4 Reis, 30 cipaes commandados pelo capitão, sem prejuiso, Gomes da Costa e dos capitães de artilheria Eça, de infanteria Cassassa, do estado maior Ornellas, 1.º tenente de artilheria Vellez, alferes de cavallaria Rocha e guarda marinha Ferrão, passou o Limpopo na perseguição do Magnignome, afim de não dar tempo que este se internasse no Transvaal.

A columna sob o meu commando era composta, do resto da cavallaria, sob o commado do já fallecido alferes Condeça, duas peças de montanha, uma companhia de marinheiros, companhia de infanteria n.º 4, serviços auxiliares e comboios.

Poucos minutos depois de ter organisado o bivaque, projectei no terro a magistral da obra. Em seguida fiz a divisão do trabalho por todos os officiaes da columna coadjuvados por sargentos e cabos.

A remoção de terras e corte de madeira foi commettido aos *auxiliares*.

Era reelmente admiravel vêr o modo porque todos os officiaes caprichavam em adeantar e aperfeiçoar a parte da obra que lhes havia sido confiada. Vi alguns officiaes empunhar a pá e a enchada, ensinando praticamente aos pretos como se trabalhava com as ferramentas!

Mais dedicação não podia haver!

Os officiaes de artilheria foram encarregados da construcção de tambores na diagonal do reducto para a collocação das peças.

A ordem (1) que n'este dia fiz publicar, foi a seguinte:

Bivaque no Guijá 8 de agosto de 1897.

Para conhecimento da columna, publica-se:

1.º A columna bivaca em quadrado; face da frente voltado ao rio Limpopo, construida pelo 2.º pelotão de infanteria n.º 4; face da direita, um pelotão de marinheiros enquadrando cipaes; face da esquerda, o outro pelotão de marinheiros enquadrando egualmente cipaes; face da rectaguarda, o 1.º pelotão de infanteria n.º 4, flanqueado pelas duas peças de montanha.

O comboio forma *laager* no angulo da face da esquerda com a da rectaguarda.

2.º Que sejam evacuadas com parte do comboio que vae ámanhã ao Chibuto, as praças abaixo designadas:

Policia de Lourenço Marques, n.ºs 61, 63 e 81.

Colonia de Gaza, n.ºs 9 e 35.

Policia de Gaza, n.º 71 e 53.

Infanteria n.º 4, n.º 43.

Artilheria n.º 32.

E um cipal.

3.º Inspecção ámanhã o sr. 1.º tenente Pinto d'Ameida.

4.º Serviço de quartos: 1.º srs. tenente Nogueira e alferes Condeça; 2.º alferes Andrade e guarda-marinha Roby; 3.º alferes Furtado e guarda marinha Magalhães; 4.º, 1.º tenente Coelho e guarda marinha Casqueiro.

O 1.º tenente da armada Alberto Costa dirigiu a construcção de palhotas para quarteis da guarnição.

O trabalho começou com grande incremento, e o relevo da obra crescia a olhos vistos; mas, pelas 2 horas. p. m., começaram a escassear os troncos para revestimento interior do parapeito. Intrigado por este facto montei a cavallo e fui syndicar do caso, vi então os pretos sentados nos troncos já cortados e de grande cavaqueira! Immediatamente os fiz levantar e prosseguir na sua missão, depois vigiados por soldados.

O commandante interino da columa

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.*

Cap. de inf. n.º 4.

---

(1) No meu relatorio trasncrevo todas as ordens que dei á columna, por não constarem do relatorio geral das operações em Gaza.

Durante a contrucção do reducto do Guijá, vieram-me *pegar-pé* varios regulos, pagando multas em libras transvalianas e sterlinas, multas que eram reguladas segundo os recursos de cada um, servindo de base para as aquilatar o numero de mulheres de que elles dispunham.

Assim como na nossa provincia do Alemtejo se avalia a riqueza dos lavradores pelo numero de parelhas de que dispõem para agricultar as suas hardades, assim tambem em Africa se avalia o poderio de um regulo pelo numero de mulheres de que dispõe para cultivar as suas terras.

Os regulos que foram ao Guijá *pegar-pé*, foram: Machaloli e Chuango das terras de Mabunda, Mahò dos suburbios do Pallule; Cabaloio das terras do Minhamane, e Maunhambane das terras do mesmo nome.

Logo que regressei ao Chibuto entreguei o producto das multas, com o duplicado do recibo, ao governador capitão Gomes da Costa.

A 9 continuou a construcção do reducto, e, para conhecimento da columna, publicou-se:

Bivaque no Guijá, 9 de agosto de 1897.

1.º Por opinião do sr. chefe do serviço de saude é hoje evacuado para o Chibuto o sr. tenente Mesquita;

2.º Inspecção o sr. capitão de artilheria Guimarães;

3.º O serviço de quartos é: 1.º os srs. 1.º tenente Coelho e guarda marinha Casqueiro; 2.º alferes Patacho e Condeça; 3.º, 2.º tenente Alves Dias e tenente Nogueira;

4.º Alferes Furtado e guarda marinha Fernando de Magalhães.

O commandante interino da columna.

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.*

Cap. de inf. n.º 4.

No dia 10 recebi um boletim do chefe de estado maior, que era do theor seguinte: «*Capitão Passos e Sousa. Bivaque em Cuchahelli, 9 de agosto 6 h. m. — Logo que tenha concluido posto Guijá, deixando abastecido, siga com a columna para o Chibuto. — Ornellas, cap.*»

N'esta dia publicou-se a seguinte ordem:

Bivaque no Guijá, 10 de agosto de 1897.

Para conhecimento da columa, publica-se:

OS EFFEITOS DAS PENAS DISCIPLINARES

Da doutrina expressa no § unico do artigo 6.º do regulamento disciplinar do exercito confirma-se que as infracções de disciplina são menos graves do que os crimes militares, e, como as punições devem estar em harmonia com a natureza das faltas a corrigir, é intuitivo que os effeitos das penas disciplinares devem ser de menor gravidade do que os das penas destinadas á repressão dos crimes militares. Porém, da breve analyse que passamos a fazer, embora sem arte, veremos que os effeitos da pena de incorporação em deposito disciplinar e até os de presidio militar por menos de tres annos, penas destinadas a crimes militares ou a crimes communs a que corresponda prisão correccional dos tribunaes ordinarios, são menos gravósos do que os effeitos da pena disciplinar, de prisão correccional, applicavel ás praças de pret, e do que das penas de prisão disciplinar por mais de quinze dias e de detenção por mais de trinta, quando applicada aos sargentos, o que contraria a intenção do legislador, conforme os artigos 5.º e 6.º do regulamento disciplinar do exercito.

A pena disciplinar de prisão correccional, quando applicada ás praças de pret, tem os effeitos seguintes: perda do tempo de serviço e do direito á promoção e readmissão, acrescendo para os cabos mais a baixa de posto (artigos 42.º e 46.º do regulamento disciplinar). Emquanto que a pena de incorporação em deposito disciplinar não apresenta nenhum d'estes effeitos (artigo 23.º do codigo de justiça militar), e a de presidio militar, embora não seja contada para o tempo de serviço militar, quando applicada por menos de tres annos, só produz baixa de posto, se assim fôr expressamente declarada na sentença (§ 3.º do art. 20.º do codigo de justiça militar).

Se considerarmos que o maximo da pena disciplinar de prisão correccional é de noventa dias para os cabos e soldados e de 60 para os sargentos (art. 7.º do regulamento disciplinar) e que o minimo da pena de incorporação é de tres mezes, veremos que as praças de pret punidas com o maximo d'aquella pena disciplinar, soffrerão muito mais, não só nos seus effeitos, mas tambem na fórma de a cumprirem, do que se fossem punidas com incorporação em deposito disciplinar.

Assim, no primeiro caso, além dos effeitos atraz citados, terão de cumprir a pena isoladamente, tendo por cama a tarimba, e obrigação de estarem completamente uniformisados desde o primeiro toque para a parada da guarda até ao toque de recolher, bem como jejum a pão e agua para os cabos e soldados, até 10 dias em cada 30, o que no nosso caso seria de 30 em 90 (artigos 23.º e 34.º do regulamento disciplinar), ao passo que punidos com incorporação em deposito disciplinar

só teriam que sujeitar-se durante o tempo de punições a um regimen especial de instrucção e disciplina (artigo já citado, 23.º do codigo de justiça militar).

Com respeito ás penas de prisão disciplinar por mais de 15 dias e de detenção por mais de 30, quando applicada aos sargentos, nota-se que, os punidos, ficam tambem inhibidos de promoção e readmissão (artigo 44.º do regulamento disciplinar), effeitos que, como acima vimos, não produzem as penas de incorporação em deposito disciplinar e de presidio militar; e, tanto assim é, que se teem readmittido sargentos tendo soffrido estas penas.

E' pois evidente que existe antinomia entre penas disciplinares e as do codigo de justiça militar, antinomia que seria justo eliminar, já por que contraria a intenção do legislador, já por que a applicação das penas disciplinares dependem na maioria dos casos do criterio d'uma só auctoridade, emquanto que as penas do codigo de justiça militar estão sujeitas ás regras expressas nos artigos applicaveis incriminados e a sua applicação depende do criterio d'um conselho de guerra ou de disciplina.

A. L. DE S.

CONTINENCIAS E HONRAS MILITARES

Nos ultimos annos tem merecido aos dirigentes da instrucção do exercito especial attenção a ordenança da arma de infanteria. Successivas revisões se lhe tem feito no louvavel intuito de a melhorar, simplificando-lhe as evoluções. A Ordenanca de 1879 que á vista da d'hoje nos parece um calhamaço soporifero, já representava um passo dado a valer sobre a anterior.

Ninguem pode negar importancia a trabalhos d'esta ordem e ninguem contesta os beneficios que d'elles resultam. E' certo que se no combate moderno se manobra o menos possivel, a instrucção do exercito deve ser encaminhada n'este sentido, e portanto um certo numero d'evoluções perderam as suas importancias de outras epochas. Porém se todos reconhecem que o fim da instrucção deve ser o combate, todos sabem tambem qual a benefica e salutar influencia que no prestigio do exercito exerce o correcto evolucionamento das tropas em parada.

Se este factor do prestigio e disciplina do exercito não tem, sido desprezado ha, contudo, um outro que se tem conservado

n'um completo abandono, e que não exerce menor influencia no prestigio e é indispensavel para a disciplina. Para este assumpto chamamos a attenção de quem pode e deve olhar com olhos de ver. Referimo-nos ás honras e continencias militares.

Quem organisou a ordenança de 1879 entendeu, e muito bem, junctar n'um capitulo especial o que havia sobre o assumpto, e, para isso, recompilou tudo o que encontrou escripto sobre este assumpto em diversissimas epochas.

Aquella recomplicação prestou um serviço importante, mas, como não podia deixar de ser, não constitue um corpo de doutrina completo e claro. D'isto tem resultado as multiplas interpretações, as continencias inventadas a capricho para suprir as deficiencias do texto, tudo isto d'um effeito perniciosissimo para a disciplina das tropas e em menoscabo do prestigio dos chefes a quem falta o criterio seguro na exigencia das homenagens a que tem direito.

E' incontestavel que a disciplina militar como a disciplina religiosa não pode prescindir do *culto externo*. Mas é preciso que este culto seja serio, se adapte perfeitamente á epocha para que é determinado, senão corre o risco de cahir no ridiculo.

E ha principios que resistem aos encarniçados embates d'uma luta persistente, mas nenhum resiste ao ridiculo. E' uma arma terrivel.

Continencias existem determinadas ha mais de 100 annos, e ainda hoje existem. Podiamos citar anachronismos, velharias absoletas e rediculas, faltas sensiveis n'esse arremedo de regulamento, mas todos as conhecem por demais.

E se fossemos a escrever o que á sombra d'elle se pratica...

Um soldado castigado por que sendo sentinella das armas d'um quartel não bradou ás armas ao commandante depois do sol posto, porque ainda não era noite, um outro castigado por bradar ás armas ao commandante da divisão depois do sol posto porque depois do sol posto é... noite. Uma guarda d'um quartel general que só brada ás armas ao commandante da divisão e cathegorias correspondentes ou superiores porque é uma guarda d'honra de... pequeno uniforme.

Mas basta... As paginas d'este jornal seriam pequeno espaço para expôr o que por ahi se faz. E quando outra consideração não bastasse, o respeito que votamos á nossa profissão nos vedaria ir mais adiante.

Por isso, nobre ministro, acuda a este descalabro e acuda

com a mão firme e energica já experimentada em outros assumptos e que todos nós conhecemos e admiramos.

HENRIQUE DE SOUZELLA.

EL-REI, O PRINCIPE REAL

E O NOSSO EXERCITO

AVALIADOS NO EXTRANGEIRO

D'entre as publicações que trocam com a nossa «Revista» tivemos a agradabilissima surpreza de ver na primorosa revista ingleza **Navy and Army Illustrated** um primoroso retrato de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, vestindo o uniforme de campanha de generalissimo occupando toda a pagina principal, um excellente retrato de Sua Alteza o Principe Real, vestindo o uniforme de commandante do Real Collegio Militar seguido de nove photogravuras devéras nitidas e que representam: a 1.ª um grupo de expedicionarios, a 2.ª um pequeno posto de infanteria, a 3.ª um posto *á cossaco* de cavallaria, a 4.ª um grupo de cavalleiros combatendo a pé em ordem extensa, a 5.ª uma patrulha de lanceiros, a 6.ª a 7.ª e a 8.ª artilheria em bateria e a 9.ª uma ambulancia, acompanhada d'um extenso artigo intitulado «*As tropas portuguezas na Africa do Sul*», o qual se refere d'uma maneira muito lisongeira á rapidez e promptidão com que foi organisada a ultima expedição, o que muito honra o illustre titular da pasta da guerra, sr. conselheiro Pimentel Pinto, no qual vemos tambem a promessa de que o nosso collega *Navy and Army* continuará, pelo menos, em mais dois numeros, a dar detalhada informação do nosso exercito.

Nós sentimos sincero prazer e verdadeiro orgulho por vermos tão distincta homenagem prestada a Sua Magestade e ao nosso exercito, não só pelo muito que vale, mas tambem pelo muito que significa.

OBSERVAÇÃO

Por absoluta falta de espaço somos obrigados, bem contra nossa vontade, a demorar a publicação de muitos artigos, apezar de termos augmentado quasi todos os numeros; entre esses especialisamos um do ex.mo sr. capitão Alberto Vergueiro, que sahirá no proximo, apesar de já ir indicado no summario do presente numero.

A todos pedimos desculpa.

REVISTA DE INFANTERIA

O SERVIÇO DE GUARNIÇÃO

Ha muitos factores que poderosamente contribuem para difficultar de uma maneira notavel a instrucção e educação militar da nossa infanteria.

Sem pretendermos desenvolver n'estas despretenciosas palavras esse tão, aliás, importante assumpto, desejamos frizar de um modo mais positivo um dos pontos que, a nosso vêr, tem facil remedio, e é sem duvida dos que mais entravam o progresso da instrucção nos corpos da arma.

Referimo-nos ás *guardas de guarnição.*

Existe, e ha longos annos, uma noção falsissima em muitas estações superiores, de que o soldado de infanteria é essencialmente destinado para fazer *guardas.*

Logo que nos regimentos haja tres grupos de soldados eguaes ao numero dos que diariamente entram de guarda, a cousa está bem, porque ha a *folga legal.* E não se pensa em mais nada, e não se póde mesmo pensar em mais nada.

Hoje o soldado está de guarda, no dia seguinte está de plantão ou de fachina, no terceiro de piquete, e assim por diante.

Quer dizer, o soldado anda sempre debaixo do serviço, mas a parte mais importante, a parte essencial, a que constitue a razão e o motivo dos exercitos permanentes, *a instrucção* — é sempre insufficientemente subministrada, porque não ha a quem, porque os soldados andam sempre distrahidos em mil impedimentos e sempre de guarda ou de serviço.

Modernamente em que ao soldado importa consagrar uma cuidada instrucção, creando-se os grupos de homens por companhia para exploradores, soldados da elite e que deveriam ser classificados soldados de primeira classe com um distinctivo qualquer (que poderia ser um vivo nas platinas), grupos para sapadores, para maqueiros, etc., e emfim, moderna-

mente que é essencial escolher os bons atiradores para os tornar optimos, desenvolver a maior ou menor facilidade que o soldado tiver na avaliação de distancias para organisar bons avaliadores de distancias á simples vista; modernamente, repetimos, em que todo o tempo é pouco para o official de companhia consagrar ás mil exigencias da instrucção da sua gente, custa contemplar de braços cruzados essa orientação falsissima, absorvente e esterilisadora do serviço de guarnição.

E este criterio é tão falso, mas tão inveterado entre nós, que, com magoa o dizemos, temos visto nos proprios quarteis da arma *guardas de policia* com 18 e até com 21 soldados e mais!

Porque?

Por esta tradição obnoxia de arranjar uma sentinella para cada canto.

Nas cidades de Lisboa e Porto todo o serviço de guarnição deve ser feito pelo corpo de policia já creado especialmente, e muito bem, para esse fim — as guardas municipaes.

Ficaria resolvido o problema.

E porque é que as Guardas Municipaes, que constituem um corpo de tropas para todos os effeitos, não estão dependentes do Ministerio da Guerra?

São tropas de policia, teem uma missão especial a cumprir? muito bem, mas isso não obsta a que deixe de pertencer, como exercito que é, ao Ministerio da Guerra.

E assim tudo se regularia facilmente.

Nas cidades de Lisboa e Porto o serviço de guarnição devia ser desempenhado pelas Guardas Municipaes, nas outras cidades reduzido ao minimo absoluto, e em todos os quarteis as guardas de policia não poderião nunca ser superiores a 9 homens.

As guardas de honra, as guardas dos Paços Reaes e das Côrtes, ficariam então a cargo dos corpos da arma.

D'este modo, alliviada a infanteria do absorvente serviço de guarnição, estava dado o primeiro passo para que a instrucção annual, digamos melhor, para que o curso annual do soldado fosse cousa séria e util, podendo-se exigir as respectivas responsabilidades a quem assim o não praticasse.

Estava dado o primeiro passo para que a infanteria podesse responder triumphantemente ao grito da Patria quando por ella fosse chamada em sua defeza

Estava dado o primeiro passo para a solida constituição da arma como garantia do seu valor.

Apreciação succinta dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra executados na ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA no periodo de instrucção de 1899-1900.

EXPERIENCIAS DE FOGOS COLLECTIVOS DE COMBATE

(Continuado do n.º 11 do 3.º volume)

Tinha-se feito no anno passado uma serie de experiencias de fogos collectivos de combate contra tropas de infanteria, nas formações mais usualmente empregadas por esta arma no campo de batalha, e d'essas experiencias foram deduzidas interessantes e uteis indicações para aquelles que, pelo dever profissional, podem ser chamados a dirigir os fogos de infanteria em combate. Repetiram-se este anno aquellas experiencias, mas com maior desenvolvimento, para se obter por contraprova a confirmação d'aquellas indicações. Estas experiencias tiveram logar ás distancias de 800, 1:000, 1:200 e 1:400 metros, e os seus resultados foram os seguintes:

Nota da redacção. — Por maior que seja o cuidado com que se procure fazer a revisão de provas typographicas é em extremo difficil conseguir que um ou outro erro deixe de escapar.

Não costumamos fazer rectificações porque, na maioria dos casos, esses erros são muito facilmente corrigidos pela illustração dos individuos a quem é destinada esta *Revista*.

Ha, porém, outros erros que não pódem passar, e n'este caso estão os algarismos, que de uma fórma positiva representam quantidades que alteradas, fica alterada a verdade. Por isso fazemos esta nota para não deixar correr mundo uns erros que sahiram no artigo do numero anterior do nosso estimado collaborador e velho amigo, o Ex.mo coronel Rodrigues da Silva, que é uma gloria da nossa arma.

Na pagina 369, linhas 13 e 14, onde se lê:

atiradores deitados..... 2,5 por %
» de joelhos ... 4,3 »

deve lêr-se:

atiradores deitados..... 3,6 »
» de joelhos .. 6,2 »

linha 36, onde se lê:

atiradores de joelhos... 8,2 »

deve lêr-se:

» » » ... 7,2 »

pagina 372, linha 4, onde se lê:

de pé.

deve lêr-se:

de joelhos e de 8,2 contra alvos de figura de pé.

A 800m — Contra a companhia em linha	Descargas 20,8 %	Média	20,6
	Fogo lento 20,4 »		
A 1:000 — » » »	Descargas 18,2 »	»	17,2
	Fogo lento 16,2 »		
A 1.200 — » » »	Descargas 8,6 »	»	9,7
	Fogo lento 10,8 »		
A 1:400 — » » »	Descargas 11,8 »	»	11,0
	Fogo lento 10,2 »		

A 800m — Contra a columna de comp.ª	Descargas 22,7 %	Media	28,2
	Fogo lento 33,7 »		
A 1:000 — » » »	Descargas 24,3 »	»	24,8
	Fogo lento 25,3 »		
A 1:200 — » » »	Descargas 11,5 »	»	10,5
	Fogo lento 9,5 »		
A 1:400 — » » »	Descargas 14,2 »	»	14,9
	Fogo lento 15,6 »		

A 800m — Contra a columna de compa-nhia de costado por dois	Descargas 12,5 %	Média	14,7
	Fogo lento 17,0 »		
1:000 — Contra a columna de compa-nhia de costado por dois	Descargas 13,8 »	»	14,9
	Fogo lento 16,0 »		
A 1:200 — Contra a columna de compa-nhia de costado por dois	Descargas 4,3 »	»	4,3
	Fogo lento 4,3 »		
A 1:400 — Contra a columna de compa-nhia de costado por dois	Descargas 6,4 »	»	7,8
	Fogo lento 9,2 »		

A 800m — Contra a columna aberta de costado a dois	Descargas 15,8 %	Média	15,8
	Fogo lento 15,8 »		
A 1:000 — Contra a columna aberta de costado a dois	Descargas 4,3 »	»	3,1
	Fogo lento 2,0 »		
A 1:200 — Contra a columna aberta de costado a dois	Descargas 2,5 »	»	1,7
	Fogo lento 0,9 »		
A 1:400 — Contra a columna aberta de costado a dois	Descargas 5,2 »	»	4,3
	Fogo lento 3,4 »		

A 800m — Contra a columna de secções de costado	Descargas 19,8 %	Média	18,5
	Fogo lento 17,3 »		
A 1:000 — Contra a columna de secções de costado	Descargas 26,3 »	»	21,9
	Fogo lento 17,5 »		

A 1:200 — Contra a columna de secções de costado	Descargas 13,5 »	»	12,0
	Fogo lento 10,6 »		
A 1:400 — Contra a columna de secções de costado	Descargas 9,6 »	»	8,0
	Fogo lento 6,4 »		

A 800m — Contra a columna aberta de secções de costado	Descargas 6,0 %	Média	5,6
	Fogo lento 5,3 »		
A 1:000 — Contra a columna aberta de secções de costado	Descargas 5,5 »	»	6,7
	Fogo lento 8,0 »		
A 1:200 — Contra a columna aberta de secções de costado	Descargas 4,3 »	»	4,0
	Fogo lento 3,8 »		
A 1:400 — Contra a columna aberta de secções de costado	Descargas 8,2 »	»	6,8
	Fogo lento 5,4 »		

A 800m — Contra a companhia em atiradores	Descargas 14,8 %	Média	12,0
	Fogo lento 9,2 »		
A 1:000 — Contra a companhia em atiradores	Descargas 12,3 »	»	9,8
	Fogo lento 7,3 »		
A 1:200 — Contra a companhia em atiradores	Descargas 7,0 »	»	6.2
	Fogo lento 5,4 »		
A 1:400 — Contra a companhia em atiradores	Descargas 5,4 »	»	5,7
	Fogo lento 6,1 »		

Analysando os resultados d'esta longa serie de fogos vejamos quaes as indicações e ensinamentos que d'elles se pódem deduzir. Comecemos por observar contra quaes das sete formações mais usualmente empregadas pela companhia de infanteria, o fogo seria efficaz no combate real a cada uma das quatro distancias de 800, 1:000, 1:200 e 1:400 metros. As médias das percentagens obtidas no fogo por descargas e no fogo lento a cada uma d'estas distancias levam-nos a concluir:

1.º Que a 800 metros de distancia do inimigo a unica formação da companhia, contra a qual o fogo não seria efficaz, isto é, contra a qual se não conseguiria no combate real empregar um por cento dos tiros feitos, é a columna aberta de secções de costado. Contra todas as outras formações, incluindo mesmo a da companhia em atiradores (12 por %) o fogo seria efficaz;

2.º Que a 1:000 metros de distancia do inimigo o fogo não é efficaz, em primeiro logar contra a columna aberta de secções de costado, e em segundo logar contra a companhia em atiradores. Contra todas as outras formações o fogo seria efficaz;

3.º Que a 1:200 metros de distancia do inimigo o fogo não é efficaz, em primeiro logar contra a columna aberta de costado por dois, em segundo logar contra a columna aberta de secções de costado, em terceiro logar contra a columna de companhia de costado por dois, em quarto logar contra a companhia em atiradores e por ultimo contra a companhia em linha. Contra as restantes formações o fogo seria efficaz;

4.º Que a 1:400 metros de distancia do inimigo o fogo não é efficaz, em primeiro logar contra a columna aberta de costado por dois, em segundo logar contra a companhia em atiradores, em terceiro logar contra a columna aberta de secções de costado, em quarto logar contra a columna de companhia de costado por dois e por ultimo contra a columna de secções de costado. Contra as duas restantes formações o fogo seria efficaz.

Do que fica dito nas conclusões precedentes sobre a efficacia dos fogos contra as diversas formações da companhia de infanteria, póde ainda inferir-se: que as formações por excellencia, para evolucionar no campo de batalha entre as distancias de 1:400 e 800 metros da linha de combate do inimigo, são em geral as columnas abertas de secções ou de pelotões de costado por dois, as quaes chegam mesmo a ser menos vulneraveis do que as linhas de atiradores; que a columna de companhia é uma formação absolutamente condemnada para evolucionar sob a acção dos fogos de fuzilaria; e finalmente, que as restantes formações só em casos especiaes e com muita circumspecção poderão ser empregadas no campo de combate.

Todas estas regras, aliás muito simples, são plenamente confirmadas pelos resultados colhidos nas experiencias feitas na nossa Escola Pratica de Infanteria no anno proximo passado, e por isso entendemos que devem merecer toda a confiança e ser particularmente tomadas em muita consideração por todos os officiaes, a quem incumbe a direcção dos fogos nos batalhões de infanteria.

Uma outra regra de não menor importancia decorre tambem das experiencias de vulnerabilidade das diversas formações da companhia de infanteria feitas ás distancias desde 1:400 até 800 metros, e vem a ser: que a companhia de infanteria póde, com muito poucas perdas, avançar até á distancia de cerca de 800 metros da linha de fogo do inimigo em columna aberta de secções ou de pelotões de costado por dois. Esta faculdade tem um grande valor tactico, pois facilitará extraordinariamente a offensiva, sabido como é que uma das principaes difficuldades, que esta fórma de combate apresentava na pratica, era a de não se conhecer uma formação, que permittisse a forças importantes de infanteria atravessar sem grandes perdas e completamente na mão dos seus chefes a zona considerada muito perigosa comprehendida entre 1:500 e 800 metros, a que se impõe a dispersão em atiradores para começar a responder ao fogo contrario.

Os resultados do fogo de artilheria executados no anno passado em um exercicio de armas combinadas com fogos reaes, que teve logar na real tapada de Mafra, á distancia de 700 metros contra uma companhia e em columna aberta de costado por dois, foram tão exiguos contra este ultimo alvo, que nos auctorisam a crer, que as formações da companhia de infanterta em columna aberta de secções de costado e em columna aberta por pelotões de costado a dois são não só as menos vulneraveis sob a acção dos fogos de fuzilaria, mas tambem aquellas que melhor se prestam para evolucionar sem grandes perdas sob a acção dos fogos de artilheria a qualquer distancia que esta se encontre. Poderão dizer-nos, que o nosso actual material de artilheria está bastante antiquado e deteriorado, e que a esta circumstancia se deverá attribuir o pouco resultado do seu fogo no referido exercicio contra a columna aberta de companhia de costado por dois. Comquanto não sejamos especialista em assumptos relativos ao material de artilheria moderno, pensamos comtudo que os grandes aperfeiçoamentos introduzidos nos ultimos tempos n'este material não modificaram de um modo muito importante as

condições de justeza das peças; e por isso cremos, que as pequenas columnas de infanteria de costado por dois com grandes intervallos entre os seus elementos continuarão a ser as formações por excellencia para manobrar no campo de batalha, tanto sob a acção da fuzilaria como sob a dos projecteis de artilheria.

*

* *

Vejamos agora qual a vulnerabilidade relativa das sete formações mais importantes da companhia de infanteria. Tirando as médias das percentagens obtidas a todas as distancias contra cada uma das sete formações chegamos ao seguinte resultado no corrente anno:

Contra a columna de companhia	19,6	por %
» a » de secções de costado	15,1	»
» a companhia em linha	14,6	»
» a columna de companhia de costado por dois	10,4	»
» a companhia em atiradores	8,4	»
» a columna aberta de costado por dois	6,2	»
» a columna aberta de secções de costado	5,7	»

No anno de 1899 foi o seguinte o resultado das experiencias feitas no mesmo intuito:

Contra a columna de companhia	16,6	por %
» » de secções de costado	13,7	»
» a companhia em linha	11,8	»
» a columna de companhia de costado por dois	10,0	»
» a columna aberta de costado por dois	5,6	»
» a columna aberta de secções de costado	5,0	»

Pela comparação d'estes dois quadros vê-se claramente que a ordem da vulnerabilidade das formações da companhia se conservou a mesma nas experiencias realisadas com o mesmo fim nos dois annos, notando-se unicamente a falta de resultado da experiencia contra a companhia em atiradores, que se não fez em 1899 por haver a presumpção de que esta formação era a menos vulneravel a todas as distancias, e que o resultado das experiencias do corrente anno demonstrou não ser exacto. A reproducção de resultados semelhantes contra todas as outras formações em tão numerosas experiencias realisadas em annos differentes, por pessoal differente e em condições de distancia, de terreno e de tempo differentes, levam-nos á convicção de que esses resultados, puramente praticos, devem approximar-se muito da verdade, e auctorisam-nos por isso a inculcal-os desde já aos officiaes arregimentados, de infanteria como devendo merecer-lhes toda a sua attenção, pois pode o seu conhecimento ser-lhes muito util no campo de combate.

Como se vê, são as formações em columna aberta por secções de costado ou por pelotões de costado a dois as menos vulneraveis ás distancias comprehendidas entre 1400 e 800 metros, havendo a notar que a primeira d'estas formações deve ser preferida ás distancias de 800 a

1000 metros do inimigo e a segunda ás distancias superiores a 1000 metros.

Notaremos ainda de passagem que a 800 metros de distancia do inimigo a unica das formações da companhia, contra a qual o fogo de fuzilaria não foi efficaz, foi a columna aberta de secções de costado. Procuraremos nas experiencias do proximo anno verificar se se confirma este facto, e se, mesmo ás pequanas distancias, esta formação dará ainda pouca presa aos fogos de fuzilaria, a fim de se poder fixar de um modo pratico e seguro, qual a formação mais apropriada para as tropas de choque, quando tiverem de seguir de perto os atiradores ao assalto.

*
* *

Resta-nos por ultimo tratar uma questão já ha muito debatida, mas que parece não estar completamente resolvida ainda: a de saber qual é a mais conveniente das duas especies de fogo, lento ou por descargas, ás medias e ás grandes distancias. Já no anno passado tratamos d'este assumpto e vimos então que ás distancias de 500 até 700 metros era o fogo lento aquelle que, sem duvida alguma, produzia maiores effeitos materiaes. Notou-se, porém, que, com o augmento das distancias os effeitos do fogo lento e do fogo por descargas se iam approximando, e que a 800 metros do alvo já o fogo por descargas teve uma pequena superioridade sobre o fogo lento. Este resultado foi, comtudo, apresentado com toda a reserva, até que ulteriores experiencias o viessem confirmar.

Procuramos, pois, esclarecer nas experiencias do corrente anno este ponto duvidoso, e aproveitámos para isso os fogos destinados a comprovar a vulnerabilidade relativa das principaes formações tacticas da companhia de infanteria até á distancia de 1:400 metros.

O seguinte quadro das médias geraes das percentagens dos fogos a cada uma das distancias vae mostrar-nos os resultados obtidos:

A' distancia de 800m	Fogo por descargas..	16,0	por %
	» lento.....	16,9	»
» » 1:000m	» por descargas...	15,5	»
	» lento.....	13,2	»
» » 1:200m	» por descargas..	7,4	»
	» lento	6,5	»
	» por descargas..	8,7	»
	» lento	8,0	»

Vê-se por este pequeno quadro que, com effeito, os resultados materiaes das duas especies de fogo, lento e por descargas, tendem a equilibrar-se a 800 metros de distancia do alvo, pois tendo o resultado das experiencias do anno passado sido de 8,9 por % para o fogo por descargas e de 8,5 por % para o fogo lento foi no corrente anno de 16,0 por % para o fogo por descargas e de 16,9 para o fogo lento. De 1:000 metros por deante a superioridade do effeito material coube sempre ao fogo por descargas, que por todos os motivos deve ser preferido ao fogo lento.

Recapitulando os resultados obtidos nas experiencias do anno passado e do corrente anno chega-se ás conclusões seguintes: de 500 até 700 metros de distancia dos alvos os resultados materiaes do fogo lento são sempre superiores aos do fogo por descargas; á distancia de 800 metros os effeitos das duas especies de fogo equilibram-se; finalmente a distancias superiores a 800 metros o effeito material do fogo por descargas é sempre superior ao do fogo lento.

TIRO INDIRECTO

Resolveram-se quatro problemas de tiro indirecto no corrente anno e fizeram-se em seguida na carreira da Escola as correspondentes experiencias para se verificar, se as linhas de mira determinadas pelo calculo eram as convenientes. Foram os seguintes os problemas propostos e os respectivos resultados praticos.

1.º Problema — O alvo a 1:100^{m} e a 32^{m},42 acima da origem do tiro e o visual a 514 de distancia e a 14^{m},14 acima da mesma origem. A alça calculada foi a de 950^{m}, com a qual um pelotão de 36 atiradores de 1.ª classe fez uma serie de 10 descargas contra um alvo representando uma companhia de 2 pelotões de infanteria em columna de companhia. O por % obtido foi de 9,0.

2.º Problema. — O alvo a 1.237^{m} e a 24^{m},48 acima da origem do tiro e o visual á distancia de 251^{m} e a 9^{m},65 acima da mesma origem. A alça calculada foi a de 850^{m}, com a qual o mesmo pelotão de atiradores fez uma serie de 10 descargas contra um alvo semelhante ao do 1.º problema. O por % obtido foi de 14,0.

3.º Problema — O alvo a 1:600^{m} de distancia e a 23^{m},65 acima da origem do tiro. Empregou-se a linha de mira horisontal e o alvo auxiliar foi collocado a 25^{m} na frente dos tiradores. O mesmo pelotão de atiradores fez uma serie de 10 descargas empregando as duas alças conjugadas de 1:600 e de 1:700 metros. O por % obtido contra o mesmo alvo dos dois problemas precedentes foi de 3,2.

4.º Problema. — O alvo de 1:200^{m} de distancia e a 18^{m},1 acima da origem do tiro. Empregou-se tambem a linha de mira horisontal e o alvo auxiliar foi collocado a 25^{m} na frente dos atiradores. Ainda o mesmo pelotão fez uma série de 10 descargas empregando a linha de mira de 1:325^{m}. O por % obtido contra um alvo semelhante ao dos problemas precedentes foi de 3,3.

Estas experiencias foram especialmente destinadas a mostrar aos officiaes e sargentos, que no corrente anno assistiam aos fogos de guerra, o modo pratico de se fazer esta especie de tiro, aliás pouco applicavel na guerra em campo aberto, mas de bastante utilidade na guerra de sitio, particularmente para os defensores.

Os resultados d'este tiro foram no corrente anno bastante superiores aos obtidos no anno passado, em que os problemas propostos foram os mesmos. Deve-se esta superioridade de percentagens, a nosso vêr, á correcção que este anno se fez nas alças a empregar, em harmonia com as indicações do quadro publicado pela Escola Pratica de Infanteria no anno passado para o emprego do cartucho carregado com 2^{g},2 de polvora sem fumo A, que tem sido fornecido á escola pelo deposito do material de guerra.

TIRO DE NOITE

Tambem no corrente anno se fez uma experiencia com esta especie de tiro, construindo-se para isso uma bateria de espingardas no local do costume, o velho reducto do Juncal. Esta especie de tiro é tambem muito pouco usada na guerra em campo aberto; mas, como o tiro indirecto, tem bastante applicação na guerra de sitio, e por isso se fez, a fim de que os quadros de infanteria, que passam regularmente pela escola de Mafra, se encontrem habilitados para o executar, quando as circumstancias aconselharem o seu emprego. O fogo foi executado contra um alvo representando uma columna de companhia á distancia de 700^{m} e o por $^{0}/_{0}$ obtido foi de 79,5, o que demonstra á evidencia a grande importancia que póde ter, quando fôr empregado a proposito e em boas condições.

Esta mesma experiencia serve tambem para demonstrar quanto são perigosas as formações em massas muito cerradas mesmo de noite e a distancias consideraveis do inimigo, sobretudo quando houver de se estacionar ou de se passar em desfiladeiros ou outros pontos notaveis de terreno, que fiquem ao alcance do fogo do inimigo, e este possa suspeitar da sua existencia n'esses pontos.

(Continúa).

Francisco Rodrigues da Silva
Coronel de infanteria

A INSTRUCÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

I

O regulamento tactico de 1896 estabeleceu no combate da infanteria portugueza, d'uma maneira positiva e por uma fórma bem definida, um serviço de exploração, segurança e primeira acção que só existia claramente preceituado na tactica de marcha e de estacionamento d'aquella arma.

Muito embora a ordenança de 1879 se referisse ao emprego de exploradores para precederem as forças avançadas tanto na offensiva como na defensiva, fazia-o por uma fórma vaga, considerando-os apenas como elemento de observação e não como genuino e verdadeiro orgão de combate (1).

(1) Referindo-se á marcha da companhia no 1.º periodo do combate offensivo (em ordem unida) dizia o regulamento de 1879 : A marcha faz-

O novo regulamento, porém, ampliou muito o papel d'esta tropa, o qual comprehende não só a exploração privativa do campo de batalha, mas funcções muito importantes no proprio mechanismo do combate da infanteria.

O regulamento de 1896 cria os exploradores e fixa a sua organisação, mas não se prende, nem se demora em explicações sobre a forma porque deverão ser instruidos, nem mesmo, como faz o regulamento francez — em que o nosso tanto se inspirou — apresenta um ligeiro programma da materia sobre que deverá versar a sua instrucção especial (2), sabendo-se que necessitam para satisfazer cabalmente á sua pesada tarefa, d'um ensino demorado e perfeito.

Parece que, propositadamente, se quiz deixar aos capitães, principaes responsaveis por tal instrucção, a mais ampla liberdade e iniciativa, o que constitue, sem duvida, um bom apello feito á dedicação, zelo e probidade profissional d'aquelles officiaes; mas, é facto, que um tal processo não produz na pratica resultados visiveis. A prova d'isto está no pouco desenvolvimento que geralmente se tem dado entre nós á educação dos exploradores, e na difficuldade que parece haver para imprimir á sua instrucção um regular andamento, de forma a tornal-a racionalmente homogenea. Tendo-se, de ha muito, desenvolvido entre nós o habito de vêr regulamentadas as mais insignificantes minudencias, não usamos, como poderiamos, d'essa iniciativa, o que n'outros exercitos constitue materia corrente, sendo, é claro, tornada harmonica pela direcção superior.

E' certo, porém, posto sejamamos em these apologista dos regulamentos concisos, que não nos parece conveniente, quando se trata de bem definir, de detalhar nos seus verdadeiros limites um serviço de elevado interesse e de importancia capital como este, deixar que cada um o faça, segundo phantasias rivaes, sem coordenação e sem methodo.

---

se em passo ordinario, com desassombro e regularidade, tendo o capitão o cuidado de enviar alguns exploradores para a frente a fim de evitar qualquer surpreza.»

Na defensiva, tratando tambem do 1.º periodo dizia o mesmo regulamento: Se o terreno o exige, cada grupo destaca para a frente dois exploradores que se adiantam a uma distancia de 100 ou 200 metros, embuscando-se, para observarem melhor os movimentos e approximamação do inimigo.

(2) Regulamento para os exercicios e manobras da infanteria franceza de 1884, modificado em 15 de abril de 1894. Titulo 3.º (Escola de companhia) n.ºs 133 e 157.

Por carencia de indicações officiaes, fui forçado, para dirigir a instrucção dos exploradores da companhia do meu commando, a organisar um singello programma a que dei uma feição inteiramente pratica; depois inspirado na leitura d'algumas publicações que tratam mais ou menos desenvolvidamente do assumpto (1) pareceu-me de vantagem reunir e coordenar as noções espalhadas nos diversos regulamentos que possam aproveitar á instrucção especial dos exploradores de infanteria, ampliando-as com outras de facil dedução, de maneira a constituir assim um corpo de doutrina que possa orientar os que devam dedicar-se a um tal ensino.

E' isso que vou fazer, apresentando sem preoccupação de que seja obra impeccavel ou completa, o que colhi com algum trabalho e estudo.

Conseguirei attingir o fim que tive em vista? Dil-o-hão os competentes, cuja critica poderá só illustrar-me e servir-me de ensinamento.

PRELIMINARES

1.º

Exploradores, seu papel no combate
Necessidade da creação dos exploradores

Exploradores são homens isolados ou constituindo pequenos grupos, cuja missão é operar reconhecimentos a distancia das tropas de infanteria em estacionamento, em marcha e em formação de combate, evitar surprezas, fornecer informações seguras a respeito da situação do inimigo, sua força e intenções, e para preparar e facilitar a acção d'aquella arma.

Não é novo este processo de preceder as tropas de infanteria em formação de combate por uma linha mais ou menos singella de soldados especiaes. Remonta aos tempos classicos, e reapparece por muitas vezes, com intermitencias de duração variavel, até nossos dias.

(1) Ecole de l'eclaireurs — Instruccion special des eclaireurs de infanterie, por *Franceschi* — Les patrouilles d'infanterie, par *Vi Veynante*.

A' Antiga Grecia, centro primitivo e nucleo intensamente luminoso de toda a civilisação na Europa, mereceu sempre uma attenção especial, um cuidado permanente e progressivo a arte de fazer a guerra.

A phalange, que constituia a base do seu exercito, e que soffreu constantes modificações até chegar ao apogeu da perfeição com o fastigio da gloria do imperio macedonico, no tempo de Alexandre, era precedida na lucta d'uma linha de combatentes (psilos) que atiravam ao adversario armas de arremesso. Cobriam a frente e iniciavam o combate, abalando as fileiras inimigas, retirando depois para os intervallos da phalange, para darem logar aos hoplitos, aos pestaltos e cataphractarios, que terminavam a lucta.

Em Roma, a arte militar attingiu ainda um maior grau de aperfeiçoamento. A legião, cujo organismo respirava mobilidade, combatia, combinando a lucta longinqua com a effectuada a pequenas distancias. Os velites formavam na frente d'ella uma linha de atiradores dispersos, incitavam e aggrediam o inimigo, atirando-lhe pedras e flechas, desapparecendo depois, n'um momento dado, pelos intervallos, para cederem o seu logar aos hastarios, aos principes e aos triarios.

Com a queda do Imperio Romano — o maior do mundo pela sua grandesa e pelas suas conquistas — opéra-se uma radical transformação na maneira de combater. O infante, o homem que combatia a pé, desappareceu quasi da arena, para, mais tarde, apparecer de novo, como sendo aquelle de cujo esforço havia de depender, para sempre, a sorte das pelejas, tendo no tiro, com a descoberta das armas de fogo, o elemento principal da sua força.

No seculo XIV e XV vemos, na mór parte dos exercitos, o emprego particular dos frecheiros e besteiros, á similhança dos psilos gregos. Dispersavam-se diante dos piqueiros para observarem os movimentos do adversario e iniciarem a lucta, retirando depois pelos flancos, para deixarem o campo livre aos mesmos piqueiros, que exerciam o esforço principal.

Depois da descoberta das armas portateis, os infantes, armados com arcabuses ou mosquetes, formavam uma especie de exploradores, com o nome de *infantes perdidos*, destinados, a dar começo ao combate, dispersando-se sobre a frente e flancos da infanteria de batalha, constituida por pesados batalhões, de formação muito profunda, armados com piques.

A' medida que o mosquete se vulgarisa e desapparece o pique, que é completamente posto de parte com a adopção da bayoneta por todos os exercitos, a infanteria prepara o ataque pelo fogo e dá o golpe decisivo pelo choque adoptando, ou formações em columnas muito moveis e independentes, como na Suecia, ou em linha desenvolvida como a infanteria do Grande Frederico. Mas na infanteria prussiana lá existiam os chamados batalhões francos que, como os corpos francezes do marechal de Saxe, tinham por missão especial o combate das localidades, a exploração, e a iniciação da lucta na frente da linha de batalha, precisamente como os exploradores da actualidade.

Durante o primeiro imperio, a infanteria franceza, educada pelo maior genio guerreiro dos tempos modernos, cobria-se e exercia exploração por meio dos *voltigeurs*, que preparavam o ataque, e as columnas cerradas terminavam a peleja. Cada regimento tinha dois batalhões de seis companhias, das quaes uma de granadeiros e outra de *voltigeurs*.

Nos nossos dias, a infanteria franceza, antes mesmo de estabelecer pelo regulamento de 1894 a organisação definitiva dos exploradores, já os empregava. Instituiu-os o general Lewal em 1881, na 33.ª divisão d'infanteria, com o nome de grupos independentes, instituição que se generalisou a quasi todos os corpos d'exercito.

Aquelle notabilissimo general e primoroso escriptor, expoz na sua Tactique de Renseignement, o funccionamento dos grupos independentes. Mais tarde foi estudado, com todo o desenvolvimento, o emprego d'este orgão de combate, no 9.º corpo d'exercito, pelo general Villain, que publicou minuciosas instrucções para o seu funccionamento e organisação.

Na Russia foram estabelecidos em 1891, com a designação de destacamentos de caçadores; no imperio moscowita, porém, o seu emprego tem maior amplitude, estendendo-se aos regimentos de cavallaria e artilheria.

Em todas as situações de campanha tem actualmente a infanteria necessidade de aproveitar a vasta acção dos exploradores.

Até aqui a sua missão nas marchas e no estacionamento consistia principalmente em ver, em observar, só combatiam em circumstancias muito especiaes, e segundo os processos geraes; hoje o seu mister nos combates é muito mais amplo e serio.

Na offensiva, procedem ao reconhecimento do terreno, iniciam a lucta e facilitam e favorecem a marcha para o combate ás tropas que precedem.

Na deffensiva, detendo pelo fogo o inimigo, durante as phases preliminares da acção, obrigam-no a desenvolver-se e a definir o seu plano o mais longe possivel da posição, forçando-o assim a conservar-se durante um maior espaço de tempo debaixo da acção do fogo da defeza.

Justifica o nosso regulamento tactico a organisação d'este novo elemento de combate com as seguintes palavras: «A adopção das novas polvoras e a efficacia das armas modernas, tornam por tal forma difficil o reconhecimento das posições inimigas pela cavallaria, e a iniciação do combate da infanteria, que se torna indispensavel a creação d'um orgão especialmente preparado para tão delicadas funcções».

Effectivamente, d'antes, com o emprego da polvora ordinaria, era facil, na maioria dos casos, ser exercido o reconhecimento das posições, ou pela cavallaria, ou mesmo pelas tropas empenhadas. Actualmente, porém, as polvoras modernas não denunciando pelo fumo a situação do inimigo, tornam extremamente difficil a apreciação exacta da linha por ellas occupada e dos seus pontos de apoio. Além d'isso, o grande alcance, velocidade de tiro e efficacia das armas de pequenos calibres, produzindo em tempo insignificante uma grande massa de fogos, difficultam mais do que n'outro tempo o accesso ás posições e a iniciação do cambate da infanteria. Como a cavallaria é impotente para exercer tal acção, necessario foi crear na infanteria um tropa especial, com a agilidade, destreza, perspicacia e resistencia, capazes de a exercer efficazmente.

Sobre a vantagem da adopção definitiva dos exploradôres na França, d'onde nós os importámos, e da Russia, dizem os allemães:

«Os regulamentos francez e russo reconheceram a necessidade de crear os exploradores para o combate; é a prova da pouca confiança que teem na instrucção dos seus infantes. Não se dá a estes especialistas uma certa liberdade senão em consequencia da superioridade da sua instrucção, emquanto que o resto da sua infanteria tem necessidade de se conservar sobre a tutella dos commandantes de pelotão e secção. Visar a um fim mais elevado é actualmente impossivel, porque a disposição dos campos

de tiro russos e francezes não permittem senão um tiro rotineiro, e, por consequencia, uma mediocre instrucção de tiro.

«Na Allemanha, ao contrario, temos excellentes campos de tiro, e havemos conseguido um tal desenvolvimento na instrucção de tiro que os francezes e russos não poderão attingir.

«Os nossos atiradores reunem a força do discernimento e a confiança em si mesmo á habilidade no emprego da sua arma. Não temos necessidade de especialistas; cada pelotão deverá conservar os seus bons soldados, os quaes tomarão a direcção do fogo, quando as balas tiverem posto o chefe fóra do combate.» *Holbach* — commandante da escola de tiro de Spandeau.

As palavras do erudito official, traduzindo a apologia um tanto exagerada e enthusiastica do soldado da infanteria allemã, não representam, como se vê, a condemnação dos exploradores.

Que na Allemanha se reconhece a necessidade do emprego de fracções de tropas para o desempenho da missão que entre nós teem os exploradores, é ponto incontroverso.

Von der Goltz, um dos mais conceituados escriptores do Imperio Germanico, defendeu n'uma publicação intitulada «*die Selbständigen Patrouillen*» a idea da formação de agrupamento de homens, dotados de aptidões particulares, aos quaes se desse mesmo uma instrucção especial, para desempenharem certas missões que não deverão confiar-se indistinctamente a todos os soldados.

Além d'isso, nas manobras do outomno — que são ali a grande escola para os quadros e para os altos commandos — tem-se evidenciado a necessidade de empregar companhias de infanteria para procederem ao reconhecimento das posições inimigas, ou para protegerem os officiaes encarregados de effectuar tal reconhecimento.

E', pois, a acceitação dos modernos principios tacticos impostos pela polvora sem fumo e pelos calibres minimos.

(Continua).

J. Gil
Cap. d'Infanteria.

O TERRENO E AS ARMAS MODERNAS

TERRENO INCLINADO ACIMA DA LINHA DE MIRA

(Continuado da pag. 199 — 3.º anno)

As dispersões totaes em alcance, que pretendemos obter nos fogos parallelos em experiencias de polygono proximas do tiro de guerra, experimentam extraordinarias variações quando obtidas com tiro inclinado.

Na execução do tiro com linha de mira inclinada ha entre os angulos de chegada e de queda a differença do angulo de inclinação do terreno de cuja grandeza, para uma dada distancia, dependerão as profundidades batidas.

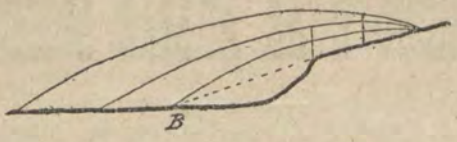
Essas profundidades consideravelmente augmentadas em terrenos d'inclinação inferior, com fogos rasantes que põem em evidencia a melhor caracteristica das armas modernas, são reduzidas nos terrenos d'inclinação superior, tornando os fogos fixantes.

Apezar de na guerra serem excepcionaes os fogos parallelos, é á sua execução que convirá recorrer para a determinação das zonas batidas, visto o simples calculo, quando conhecidos os angulos d'inclinação, nos dar ideia das variações que poderão experimentar para as diversas inclinações.

Assim é calculado que o grupamento fixante é egual a $^1/_2$ — $^1/_3$ — $^1/_4$ do grupamento parallelo se o angulo de chegada fôr o dobro, o triplo, o quadrupulo do angulo de queda e a $^2/_3$ — $^3/_4$ — $^4/_5$ se o angulo de queda fôr egual a $^2/_3$ — $^3/_4$ — $^4/_5$ do angulo de chegada.

Sendo pois nos fogos fixantes a diminuição d'essas zonas tanto mais consideravel quanto maior fôr o angulo d'inclinação, o que deu logar a que Paquié comparasse essas variações com as que soffre a sombra d'um corpo para as diversas inclinações dos raios luminosos, convirá para a execução dos fogos em terrenos d'inclinação superior procurar a origem do tiro onde melhor se consiga reduzir o angulo d'inclinação.

Pela figura seguinte observamos que á medida que nos approximamos do ponto B, se manifestam em maior profundidade os effeitos do tiro, executando-se d'este ponto fogos parallelos visto termos conseguido annullar o angulo d'inclinação



A existencia d'um ponto no terreno d'onde se obtenha o maximo effeito, como a theoria nos indica, foi confirmada para todo o terreno na pratica do Campo de Chalons e ainda que nem sempre as circumstancias de combate nos permittam alcançal-o, é certo que a principal sciencia do fogo consistirá na sua determinação pratica.

Apezar da tensão das actuaes trajectorias nos permittirem maior erro na avaliação das distancias, ainda se insiste sobre o emprego d'alças differindo 100^{m}, principio que em geral se estabelece sem subordinação ao terreno, pretendendo-se mesmo um emprego successivo e alternado a que os francezes dão a designação d'*arrosage*.

São imperfeitos os processos d'avaliação conhecidos até hoje; a propria telemetria é uma sciencia atrazada que por emquanto só auxilios de pouco valor nos poderá prestar, julgamos no emtanto que o emprego d'alças differentes deverá ser limitado aos fogos fixantes sobre alvos de profundidade, conseguindo-se talvez melhor fim debaixo do ponto de vista da disciplina do fogo se empregarmos uma só alça e visarmos pontos diversos.

O emprego judicioso da alça indicada tem apresentado difficuldades em campanha ainda mesmo com tropas bem preparadas. Em 1866, na batalha de Koeniggraetz, fazendo-se fogo a 150 passos da posição, ainda predominavam as alças de 500 e 600 e em 1877-78, na guerra turco-russa, segundo nos relata o tenente Greene, as alças pouco uso tiveram. As vantagens obtidas pelos turcos representam um extraordinario consumo de munições.

Convencidos ainda que muito caso identico terá ficado sem narração, pretendemos eliminar todos os principios que não representando vantagens reaes possam difficultar uma boa direcção.

As zonas batidas a que nos temos referido não comprehendem todo o terreno perigoso, teremos que lhe addicionar a zona razada á frente e o effeito dos recochetes para a parte

posterior do grupamento, que em terreno favoravel se poderá manifestar em extensões superiores a 500m.

Os recochetes em campanha contribuem com uma importante percentagem no effeito util do tiro. Perdendo a bala quando recocheta parte muito variavel da sua velocidade, ainda se lhe attribue em muitos casos a penetração de dois homens e a deformação que experimenta dá-lhe um extraordinario effeito destruidor.

Em experiencias feitas em França, na Escola Normal de tiro, obtiveram em terreno parallelo, a 100m para a parte posterior do grupamento, uma percentagem approximada de 15 % em recochetes, sendo confirmado este bello resultado com identicas experiencias executadas em Tunis pelo 4.º de zuavos.

Analogo exercicio executado no Kef em terreno inclinado acima da linha de mira, pelo 4.º batalhão d'Africa, mostrou que os terrenos d'esta natureza annulavam quasi por completo o effeito dos recochetes. Uma só bala recochetara sobre os alvos dispostos n'esta experiencia.

Estes resultados e por vezes a observação sobre os alvos dos effeitos dos fogos de guerra executados na nossa Escola Pratica, convencem-nos que a maior desvantagem dos fogos fixantes será a extraordinaria diminuição no effeito dos recochetes.

(Continúa).

Mafra, 8-9-900.

Antonio Gomes de Sousa
Tenente de infanteria

A VENDA DAS COLONIAS

(Concluido do n.º 9 do 3.º anno)

N'uma das sessões das camaras legislativas, este anno, um illustre deputado, sr. Ferreira de Almeida, proferiu um longo discurso, no intuito de demonstrar e convencer as camaras e o paiz de que seria um grande bem vendermos varias colonias.

Não concordando com as opiniões de sua ex.ª, resolvemo-

nos logo a apresentar algumas ideias em contrario, respondendo em parte a esse discurso.

Sua ex.ª advogou n'esse discurso a alienação de uma parte das nossas colonias; mas, felizmente, a camara rejeitou unanimemente as opiniões e propostas de sua ex.ª a tal respeito.

Na impossibilidade de apreciar minuciosamente o discurso de sua ex.ª, apenas nos referiremos de leve aos seus principaes argumentos, com que sua ex.ª pretendeu provar que devemos vender colonias.

Arg. *a*: — «A situação em que nos achamos é, pura e simplesmente a de um individuo, que adquirisse uma grande riqueza em propriedades, á custa de muitos emprestimos, e depois negasse ao credor o direito de haver a satisfação dos compromissos tomados e o seu reembolso.»

Respondemos: — 1.º a somma dos deficits coloniaes durante o periodo em que contrahimos 600:000 contos de dividas, é inferior a 40:000 contos. 2.º As propriedades (coloniaes) foram adquiridas no tempo dos navegadores e conquistadores, os quaes vieram alguns seculos antes de chegarem os homens do deficit, os gastadores.

Arg. *b*: — «Deve-se pagar a nossa divida publica, por meio de alienação parcial das colonias, cuja conquista e descoberta determinaram aquella.»

As descobertas e conquistas foram feitas muito antes do regimen parlamentar. Este pouco mais descobriu que as eleições e o credito. Não fez conquistas ultramarinas, pelo contrario perdeu o Congo, o Nyassa, o Barotse e Machona na Africa. Não fallamos já em sangrias mais pequenas, como a Guiné, Dahomey e Kionga.

Na Asia, não alargou as fronteiras de Goa em tempo opportuno, e de todo se desinteressou na partilha do continente que descobrimos e dominamos no seculo 15.º e 16.º

Arg. *c*: — «Se o dominio colonial se conserva estacionario, porque nós não temos recursos para alimentar o seu desenvolvimento, esse dominio torna-se em encargo; se elle se desenvolve, segue-se, facto legitimo, lei fatal da historia, a emancipação.»

Por estas palavras condemna sua ex.ª de um modo abso-

luto as colonias, nas quaes vê só inconvenientes para a metropole. Condemnar as colonias equivale a condemnar as descobertas, a marinha de guerra e a historia patria. Não comprehendemos que taes palavras possam ser proferidas por um ex-ministro das colonias e um marinheiro. Depois, a afirmação de sua ex.ª que não temos recursos para desenvolver as colonias, não é exacta. Então o Portugal com 2 milhões de habitantes sustentou e desenvolveu dominios ultramarinos de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, e o Portugal moderno, com 6 milhões de habitantes, com a moderna sciencia colonial e administrativa e até mais recursos economicos, não póde desenvolver colonias com 2 milhões de kilometros?

Porventura vende a Belgica o Congo?

Não tem tambem a França, Inglaterra e Allemanha, Estados Unidos e Russia colonias em que o desenvolvimento caminha com lentidão, achando-se algumas quasi estacionarias?

A fim de provar que nada ha de deprimente e degradante em vender colonias, sua ex.ª cita exemplos de varias nações, inclusivè Portugal, que cederam ou fizeram transacções com colonias. E' grande a lista apresentada, mas não prova que vender colonias, ou dal-as, seja coisa muito decente e vantajosa. Da lista apresentada por sua ex.ª, o que se conclue é que ha nações voluveis em politica colonial, mas, ainda assim, são muito raras as cedencias de colonias importantes, valorisadas ou com futuro. Geralmente, as transacções versaram sobre colonias de insignificante valor, no momento da venda. Das colonias citadas, a mais importante, a Luisiania, foi vendida, diz sua ex.ª, por 13:800 contos. As immediatas, em extensão e valor, são Florida, Alaska e Carolinas, ao preço de 4:000 a 5:000 contos.

Como quer sua ex.ª, da venda de colonias insignificantes, concluir a venda de colonias, cujo preço sua ex.ª taxa em 200:000 contos?

Depois, as colonias mais importantes, ou foram liquidações, como Carolinas e Florida, ou erros, como a Luisiania. Se é certo que a França já vendeu colonias, não é menos certo que nos ultimos tempos tem feito esforços e dispendido importantes quantias para adquirir colonias.

A Hespanha vendeu Florida em 1828, porque viu totalmente ameaçado e perdido o seu dominio na America.

A venda das colonias foi tambem uma liquidação forçada, mas parece-nos que ninguem ignora quanto a Hespanha suspira por possuir Marrocos.

Sua ex.ª define quaes as colonias que devemos vender.

São Timor, Macau, Índia, Moçambique e Guiné. As que devemos conservar e desenvolver, são Angola, S. Thomé, Principe e Cabo Verde, isto é, as que se acham mais adeantadas em colonisação, e nos dão vantagens de commercio e exploração, que nós realisamos já, sem competencia estrangeira.

Se esta orientação de sua ex.ª tivesse sido seguida ha mais tempo o nosso unico dominio colonial seriam as Berlengas, visto que sua ex.ª acceita como bom o principio de se vender toda a colonia que nos não dá interesses importantes, que não se acha colonisada, ou nos póde acarretar complicações. Todas as colonias passaram por essa situação, e portanto deviam ter sido vendidas. As tres unicas colonias com que sua ex.ª quer ficar, Angola, S. Thomé e Cabo Verde, tambem ha 30 ou 50 annos estavam, segundo o principio de sua ex.ª, nas condições de serem vendidas. Foi então um erro não se venderem, mas a todo o tempo é de reparar um erro.

Depois de fixar em 200:000 contos o producto da venda, sua ex.ª diz, mas não prova, que a nossa divida publica, de 800:000 contos, se extinguia totalmente. Em seguida a este grande acto financeiro, sua ex.ª desenvolve um plano de administração verdadeiramente phantastico. Ninguem no paiz pagaria contribuições, e seriam todos a receber e ninguem a pagar ao Estado.

Em primeiro logar, os 200:000 contos são apenas hypothese, theoria, porque as colonias vendidas não teem um milhão de kilometros quadrados, mas apenas 800:000, que ao preço de 200:000 réis produziriam 160:000 contos.

O preço de 200$000 réis por kilometro, é tambem uma hypothese, um arbitrio.

Será possivel que alguem compre por tal preço, territorios que nos não dão rendimento nenhum, e antes, no dizer de sua ex.ª, só nos dão prejuizo?

Então aquillo em nosso poder não vale nada, e no dos outros é uma riqueza?

Provavelmente, não passaria muito de 100:000 contos o preço da venda, e n'este caso, o que se poderia com elles pagar, era apenas a chamada divida externa, cujos encargos de juros são actualmente 4:500 contos. N'estas condições, é pura phantasia suppôr que a venda das colonias fazia desapparecer a verba de 29:000 contos (orçamento de 1898-1899), com que figuram os juros, amortisações e encargos geraes do Estado.

Ficariam, quando muito, reduzidos a 23:000 contos, e por consequencia, a venda das colonias cahiria nas finanças portuguezas como uma gota de agua no oceano, isto é, não tinha

influencia nenhuma, a não ser para tornar possivel e facil o levantamento de novos emprestimos, e o regresso á mesma encravada situação.

Em reforço das suas opiniões, citou sua ex.ª varios trechos de escriptos de homens politicos e de jornaes.

Sobre estes argumentos subsidiarios do discurso de sua ex.ª, temos de passar ainda mais superficialmente.

N'uma concorrencia sem protecções pautaes, diz-se, nós não podemos competir com outras nações, e acha-se deprimente que os productos trocados nas colonias em virtude d'essa protecção, sejam quasi todos reexportados para o estrangeiro.

A tal respeito ainda podemos retroquir que todas as nações coloniaes protegem com a pauta as suas mercadorias, e que só as mais pobres de colonias não reexportam grande parte das mercadorias que recebem d'essas colonias.

Se a Hollanda comesse todo o café e assucar que recebe das ilhas Malasias, rebentava mil vezes.

A Inglaterra exporta as bellas barras de ouro que recebe da Australia; o chá, o anil, o arroz e porcelanas da India e China. Do Egypto reexporta o algodão e assucar.

O que ha então de sensuravel na nossa reexportação de café, cacáo e borracha?

Hoje é principio seguido, que quem tem colonias monopolisa o seu commercio, trocando-lhe os seus productos por productos da sua industria agricola. Pode a nossa industria estar, e está, menos habilitada que muitas outras, mas devemos-nos lembrar que nenhuma industria produz tudo o que uma colonia necessita, e além d'isso a nossa industria fornece em condições regulares os artigos mais necessarios, e alguns ha em que ella, em egualdade de direito pautal, compete e vence a estrangeira, e se assim não fosse não os podia introduzir no Brazil.

A importancia do nosso movimento commercial com as colonias resalta dos numeros seguintes, referentes ao movimento em 1898:

Reexportação das colonias para o estrangeiro	8:868 contos
» do estrangeiro para as colonias	2:009 »
Importação dos generos coloniaes para consumo no paiz	1:162 »
Exportação de productos nacionaes para as colonias	5:007 »

Somma da importação	10:047	»
» da exportação incluindo o transito e baldeação	7:070	»
Total.....	17:117	»

D'onde se conclue que a vida economica do paiz está inteiramente ligada com as colonias, e que a perda d'estas acarretaria consequencias desastrosas.

O movimento commercial com Moçambique, é por emquanto pequeno e é feito principalmente com paizes estrangeiros; mas, podemos ir tomando posse d'elle progressivamente, á medida que augmentar ou se desenvolver. Não póde deixar de ser assim, visto que esse commercio esteve até ha pouco tempo (como todas as cousas da provincia) abandonado aos estrangeiros, cuja preponderancia só se póde contraminar lentamente, em vista da situação politica, economica e industrial em que nos encontrarmos.

Um dos ramos já conquistados para o nosso commercio é o vinho, tendo-se exportado, em 1898, 5 milhões de litros para Moçambique, que ao preço médio de 60 réis terão rendido 300 contos.

Este numero só por si seria sufficiente para provar que são já importantes as vantagens ou interesses que auferimos de Moçambique, e que o argumento de que ellas são inuteis, é menos exacto. Alienar a provincia sobre qualquer pretexto, é anti-economico e immoral. Como muito bem disse o sr. E. Villaça, ministro das colonias, a alienação de Moçambique não é indifferente á conservação de Angola e mais colonias. A posse das colonias baseia-se no prestigio, e não se desprestigia pouco um paiz vendendo metade do seu dominio colonial para solver dividas contrahidas para sustentar um lazaronismo ajanotado, ostentando uma grandeza e dignidade postiças.

Se a indignidade nos leva a vender parte das colonias, o desprestigio levará o resto.

Se vendermos Moçambique para fazer a vontadinha, ou para ceder á imposição brutal de uma alliada que tem um pé, em Lourenço Marques, é provavel que outras nações formulem exigencias semelhantes.

Apezar da existencia do hinterland inglez, as duas colonias como que se amparam uma á outra. Tratando d'ellas com egual solicitude, devem, por uma lei muito natural, desenvolver-se e progredir primeiro que o hinterland. Em tal caso, não poderá este facilmente impôr-se, ou rebentar para qualquer das costas, e antes estas o poderão apertar.

Se não formos capazes de administrar e desenvolver as duas, não é provavel que sejamos capazes de desenvolver uma.

A Inglaterra tem duzias e duzias de colonias, com 28 milhões de kilometros quadrados, e é com afan guerreiro que procura fazer novas acquisições, que lhe custam caro.

Para desenvolver as colonias são essenciaes duas cousas: colonos e capitaes.

Colonos temos, porque do paiz emigram para eguaes climas, no Brazil, annualmente, 25:000 individuos, em média. Esta emigração póde derivar-se para a Africa, tanto quanto se quizer, de um modo progressivo.

Capitaes, tambem existem na mão dos particulares, e entre outras provas d'isso póde-se citar as sommas emprestadas ao Estado, e as dispendidas em curto espaço na construcção predial moderna, que se vê por todo o paiz, e nos chalets e palacios á beira-mar e serras pictorescas.

Estes capitaes, que devem sommar muitos centos de mil contos, não se dirigiram a emprezas e explorações africanas, como se não dirigiram a emprehendimentos nacionaes. Engordaram a divida publica e applicaram-se ás vaidades luxuosas, porque foi essa a orientação superior que se deu ao paiz. A administração publica, logo que alguem junta algumas economias, lança mão d'ellas e converte-as em dividas do Estado, com o juro de 6 %.

N'estas condições, só uma empreza ou companhia é possivel; chama-se *divida fundada,* e o seu capital actual é de uns 500:000 contos.

Se a administração não tivesse lançado mão successivamente das economias particulares, é provavel que nem em Portugal nem nas colonias se precisasse de capital estrangeiro.

Todavia, devemos deixar aqui registado que ultimamente se teem formado muitas companhias portuguezas para explorações africanas e que, cada vez mais facilmente se obtem capital portuguez para ellas.

Durante o anno de 1900, que breve vae findar, deram-se factos donde é forçoso concluir que a nossa situação colonial melhorou sensivelmente.

Esta circumstancia, que com jubilo consignamos, é deveras favoravel á conservação das colonias, assim como prejudica profundamente os argumentos em que se tem baseado a opinião da sua venda.

E esses argumentos eram o atrazo das colonias, a ausencia de beneficios materiaes ou economicos para a metropole, e os

perigos que a concorrencia e a ambição extranha iam accumulando e aggravando.

Como dizemos, tudo isto melhorou sensivelmente, e aqui mostrámos com algarismos e logicas deduções que as nações que muito gabamos tambem teem colonias atrazadas, mesmo mais que as nossas, e que hoje, como outr'ora somos um dos primeiros povos colonisadores, nas regiões equatoriaes ou quentes.

Reportando-nos especialmente ao argumento politico, que era o lado verdadeiramente grave da questão, temos que a pretensão allemã ao Lobuto se desvaneceu, e em Moçambique acaba a Inglaterra de fazer as mais solemnes promessas de respeitar a nossa soberania.

Somos pouco ingenuos para nutrir a esperança de que taes promessas subsistam no dia em que o dominio inglez se consolidar absoluta ou totalmente no Transvaal e Africa do Sul.

Comtudo, como esta physionomia da questão politica, a lucta ou competencia anglo-hollandeza, se prolonga necessariamente, temos tempo para salvar a provincia, se cuidarmos d'ella devidamente.

Julio d'Oliveira
Tenente de caçadores

CAMPANHA DE GAZA

EM 1897

(Continuado do n.º 11 — 3.º anno)

COMMANDO DA COLUMNA E REDUCTO DO GUIJÁ

V

1.º Inspecção ámanhã o sr. 1.º tenente da armada Alberto Costa;

2.º O serviço dos quartos é regulado da seguinte fórma:

1.° Os srs. alferes Furtado e Andrade; 2.° guarda marinha Roby e 1.° tenente de artilheria Coelho; 3.° alferes Patacho e Condeça; 4.°, 2.° tenente Alves Dias e tenente Nogueira.

O commandante interino da columna.

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.*
Cap. de inf. n.° 4

No dia 11 concluiu-se a construcção do reducto do Guijá, e publicou-se:

Bivaque no Guijá, 11 de agosto de 1897.
Para conhecimento da columna:
1.° Que hoje pelas 4 horas p. m. assuma o commando do posto do Guijá o sr. alferes Luiz Patacho;
2.° A columna forma, áquella hora, como está disposta, nas faces respectivas na ordem unida. Quando se içar a bandeira nacional, os corneteiros tocam a marcha de continencia, e as forças apresentam armas, salvando a artilheria com 21 tiros;
Finda a salva, as forças occupam as suas posições como anteriormente, e destroçam;
3.° A columna retira ámanhã para o Chibuto pelas 4 horas a. m.
4.° Alvorada ás 3, café em seguida;
5.° O serviço dos quartos é o seguinte: 1.° guarda marinha Fernando de Magalhães; 2.° guarda marinha Casqueiro; 3.° alferes Andrade; 4.° guarda marinha Roby.

O commandante interino da columna.

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa*
Cap. de inf. n.° 4

A 12, pelas 4,20 a. m. poz-se a columna em marcha para Vuméne, estabelecendo-se em bivaque ás 12,15 p. m.
Publicou-se a ordem:

Bivaque em Vuméne, 12 de agosto de 1897.
1.° A columna bivaca em quadrado. Face da frente voltada ao Limpopo, 1.° pelotão de marinheiros; face da retaguarda, 2.° pelotão; face da direita e da esquerda, em cada uma, um pelotão de infanteria n.° 4, enquadrando cipaes.

A peça de montanha (1) no angulo das faces frente-esquerda.

2.º Inspecção o sr. capitão Guimarães;

3.º O serviço dos quartos é o seguinte: 1.º, tenente Coelho; 2.º, 2.º tenente Alves Dias; 3.º tenente Nogueira; 4.º alferes Condeça.

4.º Alvorada ás 3, marcha ás 4.

O commandante interino da columna.

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa*
Cap. de inf. n.º 4

Em 13, pelas 4,20 a. m. a columna poz-se em marcha para Mabunda, bivacando ás 10,15 a. m.

N'este dia publicou-se a seguinte ordem:

Bivaque em Mabunda, 13 de agosto de 1897.

Para conhecimento da columna:

1.º A columna bivaca em quadrado. Face da frente voltada ao Limpopo e constituida por um pelotão de marinha; faces da direita e esquerda, cada uma, por um pelotão de infanteria 4, enquadrando cypaes; face da retaguarda um pelotão de marinha.

A peça de montanha no angulo das faces esquerdas-retaguarda.

O comboio em duas linhas prependiculares á face da esquerda.

2.º Inspecção, ámanhã, o sr. 1.º tenente da armada Alberto Costa.

3.º O serviço dos quartos é o seguinte; 1.º guarda marinha Roby; 2.º guarda marinha Fernando de Magalhães; 3.º guarda marinha Casqueiro; 4.º alferes Furtado.

4.º Alvorada ámanhã ás 3, marcha ás 4.

O commandante interino da columna.

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa*
Cap. de inf. n.º 4

(1) A columna só dispunha de uma bocca de fogo, por ter deixado a outra no commando do Guijá.

Em 14 pelas 4,5 a. m. a columna levantou o bivaque e seguiu para M'tanguana, onde chegou ás 8,30 a. m., e publicou-se a ordem:

Bivaque em M'tanguana, 14 de agosto de 1897.

Para conhecimento da columna:

1.° A columna bivaca em quadrado. Face da frente voltada á lagôa do Benjane, formada por um pelotão de marinha, tendo o outro formando a face da retaguarda; faces da direita e esquerda formada pelos pelotões de infanteria n.° 4, enquadrando cypaes.

A peça no angulo formado pelas faces frente e direita.

2.° Inspecção, amanhã, o sr. 1.° tenente Pinto d'Almelda.

3.° O serviço dos quartos é o seguinte: 1.° alferes Condeça; 2.° alferes Andrade; 3.° 2.° tenente Alves Dias; 4.° tenente Nogueira.

4.° Alvorada ás 3, marcha ás 4.

O commandante interino da columna,

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.*

Cap. de inf. n.° 4

Na madrugada de 15 a columna continuou a sua marcha para Mahamba, onde estabeleceu bivaque ás 8,30 a. m., e publicou-se a seguinte ordem:

Bivaque na Mahamba, 15 de agosto de 1897.

Publica-se:

1.° A columna bivaca formando tres lados d'um rectangulo, apoiado na margem esquerda do Limpopo. Marinha na face parallela ao curso do rio, e as faces perpendiculares a este, constituidas por infanteria 4, enquadrando cypaes.

A peça de montanha no flanco direito da face parallela ao rio.

2.° Inspecção, o sr. capitão de artilheria Guimarães.

3.° O serviço de quartos é o seguinte: 1.° alferes Furtado; 2.° 1.° tenente Coelho; 3.° tenente Nogueira.

O commandante interino da columna,

(a) *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa*

Cap. de inf. n.° 4

Em 16, á hora ordenada, a columna levantou o bivaque e seguiu para o Chibuto, onde chegou ás 8,15 a. m.

Ao alvorecer permitti que os *landins*, que formavam o pelotão de *cipaes*, entoassem os seus canticos de guerra. A sensação que experimentei ao ouvil-os, jámais esquecerei. Os seus coros sempre harmonicos, ora exprimem raiva, ora alegria.

A natureza selvagem, tambem tem bocados bellos!

Durante toda a campanha de Gaza, nem um retardatario! O que restava era bom e de lei.

N'este mesmo dia ás 10,45 a. m. recolhia ao Chibuto o commissario regio trazendo como tropheu a cabeça do feroz Maguiguana.

E assim terminaram com gloria, as nossas operações na região de Gaza.

(Continúa).

Rodolpho A. de Passos e Sousa.
Major d'infanteria.

BIBLIOGRAPHIA

Guia pratica para o official de infanteria, por *João d'Almeida*, alferes de infanteria.

Conhecemos João d'Almeida desde os bancos das escolas; dizemos isto, não para fazer ver ao leitor que somos amigos de João d'Almeida, mas para lhe podermos garantir que conhecemos bem as suas qualidades e as faculdades da sua intelligencia, que é fecunda. Desde então o admiramos; hoje sentimos verdadeiro orgulho, porque temos a confirmação plena do juizo que d'elle faziamos, confirmação que nos dá prazer como amigo e como official e camarada.

João d'Almeida é um crente, é um trabalhador, é um official que honra a sua arma. Aquelles que não se deixam levar por palavras ou aquelles que vejam em nós o amigo de João d'Almeida, abram e compulsem a *Guia pratica* e encontrarão a sinceridade das nossas palavras.

Os principios mais ou menos doutrinarios que regulam o funccionamento dos differentes serviços em campanha e que estão geralmente reduzidos a leis, formam grossos volumes que não é facil ter sempre presente. D'aqui nasce a necessidade d'uma guia pratica e d'aqui re-

sulta bem claramente o valor e a utilidade da obra de João d'Almeida. Mas todos esses regulamentos, que constituem uma bibliotheca numerosa, não pecam só pelo volume, enfermam tambem pela falta de methodo. Em livros que é necessario compulsar frequentes vezes e em muitas occasiões em que não ha tempo a perder, o methodo é tudo. Uma *guia pratica* extrahida dos regulamentos em vigor não pode constitutr um livro com revelações profundas e originaes; o seu valor tem de medir-se pelo methodo, o que é muito, o que é tudo.

E' exactamente isto que constitue o valor e utilidade do livro, e é exactamente isto que mostra as qualidades do auctor. A *guia pratica* é um livro methodico, feito com cuidado e esmero e que obdecendo sempre ao mesmo plano foi bellamente levada a cabo.

A livraria militar franceza conta no seu numero o *Manual de Guerra* que é um livro tão util que mal se dispensa; pois o livro de João d'Almeida sendo feito com a mesma orientação, sem contudo a imitar, nem isso era possivel por se tratar de regulamentos differentes, e mesmo levado a cabo com um esmero e cuidado que não se pode exceder, é certamente um livro que honra o auctor, o exercito e a infanteria a que pertence e que está destinado a um grande successo.

O presente livro consta das partes seguintes todas ellas rivalisando pelo esmero com que estão tratadas; *I Composição dos exercitos em campanha, II Ordens, instrucções, relatorios e participações, III Serviço de reconhecimentos e informacões, IV Marchas, V. Estacionamento, VI Operações secundarias, VII Destruições e reparações, VIII Alimentação e serviço de saude, IX Communicações militares, X. Fortificação.*

A estes capitulos indicados assim summariamente, só se lhe dá o verdadeiro valor depois de ver o methodo aprimorado, a fina orientação e a esmerada execução com que são tratados.

João d'Almeida, em trabalhos subsequentes, promette completar a sua obra, o que nós esperamos com verdadeira anciedade, anciedade esta devida á amisade que lhe consagramos, á necessidade d'uma tal obra e ao prazer que sentimos sempre todas vezes que um nosso camarada e confrade revela as suas qualidades e honra a nossa arma.

Nós, abraçando cordealmente o nosso querido amigo João d'Almeida, pedimos-lhe perdão se offendemos a sua modestia, que é grande, mas superior á sua modestia está a convição com que nos referimos ao seu livro, que ainda é maior.

SECÇÃO OFFICIAL

Transporte de explosivos em caminhos de ferro

Nota da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 14 de março de 1900.

Recommenda o exacto cumprimento das disposições em vigor sobre transporte de explosivos em caminhos de ferro.

Cursos das escolas regimentaes — exames nos batalhões, grupos de esquadrões e de baterias destacados

Nota da 3.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 356, de 23 de março de 1900.

Determina que nos batalhões, grupos de esquadrões e de baterias, destacados permanentemente, onde fôr regido o 1.º curso das escolas regimentaes, se façam os respectivos exames perante um jury constituido por um capitão, um subalterno e o professor do mesmo curso.

Guias d'artigos de vestuario e calçado de reclusos, Conferencia pelos commandantes de escoltas

Circular n.º 380 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 26 de março de 1900.

Determina que nas guias dos artigos de vestuario e calçado das praças que dão entrada nas casas de reclusão, se mencione com toda a exactidão o numero dos artigos que as praças conduzem, devendo os commandantes das escoltas que acompanham as referidas praças na occasião de tomarem conta d'ellas, verificar, perante a relação, o numero dos artigos, ficando responsaveis pela sua entrega na casa de reclusão.

Maqueiros — Organisação das esquadras

Circular n.º 272 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 29 de março de 1900.

Tornando-se necessario alterar o disposto na «Ordenança do serviço de maqueiros», approvada por portaria de 15 de fevereiro de 1896, na parte que se refere á organisação das esquadras de maqueiros, a fim de harmonisar esta com a duração actual do serviço activo que, em regra, se reduz a dois annos, determina S. Ex.ª o ministro que, para constituir as guarnições de maca dos corpos de engenheria, artilheria e de infanteria, sejam nomeados, em cada companhia ou bateria, duas praças no 1.º anno de alistamento.

Tempo do serviço activo e de reserva dos aprendizes das differentes classes

Circular n.º 1577 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 30 de março de 1900.

Tendo-se suscitado duvidas sobre a interpretação que deve dar-se ao § 1.º do art. 208.º, combinado com o n.º 1 do § 2.º do art. 207, do decreto de 8 de setembro ultimo, que reorganisou o exercito; esclarece que os aprendizes das differentes classes servem no exercito sómente o tempo marcado na alinea d) do art. 6.º do regulamento dos serviços de recrutamento, isto é, 8 annos nas unidades activas e 4 na primeira reserva.

INDICE

Pag.

Adriano Beça, Capitão de Infanteria

A infanteria, a arma das batalhas..... 317 e 353

Amaro Dias da Silva Junior, Capitão de Infanteria

O tiro da infanteria. 7

A. Gomes de Sousa, Tenente de Infanteria

O terreno e as armas modernas.....145, 195 e..... 405

Alfredo de Leão Pimentel, Alferes de infanteria

Apontamentos de tactica colonial.....65, 109, 168, 278 e 347

Alberio José Vergueiro, Capitão de Infanteria

Exposição fundamentada das modificações a fazer na culatra movel da Mannlicher.....178 214 e 254

Cartas..... 210

Culatra movel da carabina de 6^{mm},5 ^{m}/96 e culatra movel de Steyr ^{m}/900..... 333

A. J. Santa Clara Junior, Tenente de Infanteria

A... metros..... 121

A. Strecht de Vasconcellos, Tenente de Infanteria

Medalha d'oiro de comportamento exemplar..... 150

Pag.

A. L. de S.

Uma carta do Marechal Saldanha 16
Algumas considerações sobre o artigo 188.º e § unico do codigo de justiça militar 264
Breves considerações sobre a promoção a general de divisão 305
Os effeitos das penas disciplinares 385
Bibliographia ..... 36, 173, 243, 281, 312 e 418
Consultas 284

David A. Rodrigues, Alferes de infanteria

O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento ..... 17, 52, 133 161 e 270
As munições de infanteria 330
Os exercicios d'outono 379

Eduardo Pimenta, Tenente-medico

Notas d'um expedicionario ..... 45, 101, 153, 238 e 266

Francisco Rodrigues da Silva, Coronel de infanteria

Apreciação succinta dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra executados na Escola Pratica de Infanteteria no periodo de instrucção de 1899-1900 ..... 367 e 391

Gaspar do Canto Ribeiro Villas, Alferes de Infanteria

A instrucção de tiro 98
O nosso armamento 303

G. V.

Os Quadros do exercito ..... 79, 116 e 225

J. X. Athayde e Olivdira, Major de Infanteria

Arma racional 48

Henrique de Souzella

Continencias e honras militares 386

Julio d'Oliveira, Tenente de Infanteria

A guerra anglo-transvaaliana 99
Instrucção de recrutas 90
A venda das colonias ..... 292 e 407
Exercicios militares 372

João A. Correia dos Santos, Alferes de Infanteria

A instrucção de quadros ..... 189 e 261
O duello nos exercitos 376

Pag.

José Cezar Ferreira Gil, Capitão de Infanteria

A instrucção especial dos exploradores. 398

J. C. S.

Uma modificação importante ao regulamento de reservas..... 252

L. H. Pacheco Simões, Capitão de Infanteria

Organisação d'uma escola pratica de infanteria em Italia..... 50
Fogo por descargas e fogo individual .....221, 257, 287 e 325

Redacção

Campanha contra o Mataka..... .1, 41, 73 e 200
Alfredo de Leão Pimentel..... 31
Assistencia Nacional aos tuberculosos..... 34
Promoção por escolha..... 42
A instrucção da arma..... 56
Pelo generalato 113
Camaradagem nas colonias..... 128
A proposito da escolha da nova arma de infanteria.....130 e 177
Os mestres de musica..... 194
Campanha Sul-Africana ....201, 231, 340 e 362
O novo ministro..... 210
A direcção geral de infanteria..... 249
A Cooperativa Militar..... 285
A instrucção da 2.ª reserva..... 301
El-Rei, o Principe Real e o nosso exercito avaliados no extrangeiro 388
O serviço de guarnição..... 389

Rodolpho Augusto de Passos e Souza, Major de Infanteria

Relatorio..... .....60, 104, 138 e 156
Campanha de Gaza..... .....236, 275, 308, 382 e 414

Secção do extrangeiro..... .....32, 165 e 310

Secção official..... 38, 70, 146, 174, 208, 247, 313, 350 e 419